

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Faculdade de Letras
Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos

Alexandre Carvalho

ESTUDO SOCIOLINGUÍSTICO DO CONHECIMENTO DE ITENS LEXICAIS
TABUS REFERENTES AO ATO SEXUAL

Belo Horizonte
2025

Alexandre Carvalho

**ESTUDO SOCIOLINGUÍSTICO DO CONHECIMENTO DE ITENS LEXICAIS
TABUS REFERENTES AO ATO SEXUAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Linguística.

Área de Concentração: (1) Linguística Teórica e Descritiva

Linha de Pesquisa: (1A) Estudo da Variação e Mudança Linguística

Orientador: Prof. Dr. Eduardo Tadeu Roque Amaral

Belo Horizonte
2025

C331e Carvalho, Alexandre.
Estudo sociolinguístico do conhecimento de itens lexicais tabus referentes ao ato sexual [manuscrito] / Alexandre Carvalho. – 2025.
1 recurso online (296 f. : il., tabs., map., grafs. (algumas color.)) : pdf.
Orientador: Eduardo Tadeu Roque Amaral.
Área de concentração: Linguística Teórica e Descritiva.
Linha de Pesquisa: Estudo da Variação e Mudança Linguística.
Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras.
Bibliografia: f. 272-284.
Apêndices: f. 285-290.
Anexos: f. 291-296.
Exigências do sistema: Adobe Acrobat Reader.

1. Lexicologia – Teses. 2. Língua portuguesa – Semântica – Teses. 3. Língua portuguesa – Palavras e expressões – Teses. 4. Sociolinguística – Teses. 5. Tabu linguístico – Teses. 6. Sexo – Linguagem – Teses. I. Amaral, Eduardo Tadeu Roque. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras. III. Título.

CDD : 469.2



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

FOLHA DE APROVAÇÃO

ESTUDO SOCIOLINGUÍSTICO DO CONHECIMENTO DE ITENS LEXICAIS TABUS REFERENTES AO ATO SEXUAL

ALEXANDRE DE CARVALHO PEREIRA

Dissertação submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em ESTUDOS LINGUÍSTICOS, como requisito para obtenção do grau de Mestre em ESTUDOS LINGUÍSTICOS, área de concentração LINGUÍSTICA TEÓRICA E DESCRITIVA, linha de pesquisa Estudo da Variação e Mudança Linguística.

Aprovada em 16 de maio de 2025, pela banca constituída pelos membros:

Prof(a). Eduardo Tadeu Roque Amaral - Orientador
UFMG

Prof(a). Claudia Zavaglia
UNESP/IBILCE

Prof(a). Clézio Roberto Gonçalves
Universidade Federal de Ouro Preto

Belo Horizonte, 16 de maio de 2025.



Documento assinado eletronicamente por **Eduardo Tadeu Roque Amaral, Professor do Magistério Superior**, em 21/05/2025, às 18:22, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Claudia Zavaglia, Usuário Externo**, em 16/06/2025, às 14:07, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Clézio Roberto Gonçalves, Usuário Externo**, em 17/06/2025, às 19:26, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **4228002** e o código CRC **EA60D429**.

*Ao Eduardo Amaral e à Luana Amaral,
insignes orientador e orientadora.*

AGRADECIMENTOS

Para o desenvolvimento desta dissertação, contei com o incentivo de distintas pessoas e instituições. À vista disso, agradeço:

À minha mãe, Sandra Carvalho, que sempre me apoiou nos estudos e na vida. Sou muito grato por todo o amor e carinho que recebi e ainda recebo de ti.

À minha irmã, Marina Carvalho, e ao meu sobrinho, Gabriel Carvalho, que torcem por mim e vibram com as minhas conquistas.

À minha avó, Maria Aparecida (*in memoriam*), cuja partida, no ano passado, deixou-me cheio de saudades. Seus ensinamentos, sabedoria e valores sempre viverão em mim.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Eduardo Amaral, que me “adotou” no segundo semestre do mestrado. Fiquei muito contente por você ter aceitado a minha ideia de estudar os itens lexicais erótico-obsenos por um viés sociolinguístico. Meu muito obrigado por todo o aprendizado que contigo adquiri, sem sombras de dúvidas, melhorei muito como aluno e pesquisador. Este trabalho não teria sido concluído se não fosse por você! Continue sendo esse ser dócil, gentil, inteligente, paciente e solícito por todo o sempre.

À Profa. Dra. Luana Amaral, por ser não só uma pesquisadora incrível, como também um ser humano admirável. Adquiri muitos conhecimentos com você como aluno, na graduação, durante o desenvolvimento das iniciações científicas e do trabalho de conclusão de curso, e, na pós-graduação, como orientando no início do mestrado. Agradeço pelo seu apoio e compreensão quando resolvi mudar de linha de pesquisa. Certamente, fiz uma ótima escolha.

À Profa. Dra. Márcia Cançado e ao Prof. Dr. César Nardelli, docentes que, juntamente com a Luana Amaral, fizeram-me apaixonar pela Linguística, sobretudo pela Semântica e Lexicologia. Devo meu apreço pela Sociolinguística ao meu orientador, responsável por lapidar os conceitos e pressupostos teórico-metodológicos da corrente que adquiri ao longo desses quase dois anos de pesquisa.

À Profa. Dra. Cláudia Zavaglia e aos Profs. Drs. Clézio Roberto e Daniel Mazzaro, por terem concordado em integrar a banca da minha defesa. Espero que este texto tenha valido a disponibilidade e o tempo investido na leitura por parte de vocês.

À Profa. Dra. Anna Vencato, pelos conhecimentos que com ela adquiri na disciplina *Educação, Sexualidade e Gênero*. Apesar da curta duração, os debates foram muito enriquecedores e contribuíram de certa maneira para a minha formação pessoal e profissional.

À Julia Duarte e à Yasmin Guimarães, minhas parceiras de pós-graduação. Muitíssimo obrigado pela amizade, parceria, coleguismo e também por terem aguentado meus chororôs e desesperos durante o cumprimento dos créditos obrigatórios e o desenvolvimento da pesquisa. Desejo a vocês duas todo o sucesso do mundo, pois é o mínimo que merecem!

À Thaís Bechir, agora Dra., pela leitura do meu projeto inicial do mestrado, pelos comentários e sugestões valiosos e também pelo incentivo para que eu ingressasse no mestrado. Indubitavelmente, você será uma excelente docente e pesquisadora. Que sua trajetória profissional seja brilhante!

À Lauryane Ferreira, pela amizade, apoio sentimental e financeiro, risadas e rolês. Quero tê-la ao meu lado por todo o sempre!

À minha tia Nininha e aos meus demais familiares, pelos votos de sucesso e progresso na vida.

À Dayane Timóteo, à Thayná Camargo, ao Douglas de Sá e aos(às, aês) demais amigos(as, ues) e colegas que fiz durante o bacharelado e o mestrado na UFMG. Não teria espaço para mencionar todos(as, es), logo, peço que, se lerem isto, saibam que me alegro por tê-los(as, es) por perto e por poder contar com vocês.

Aos(às, aês) participantes que se dispuseram a colaborar com o fornecimento de dados para este estudo, meu sincero agradecimento pela disponibilidade e confiança depositadas.

Ao duloxetina e ao clonazepam, por terem surrado o meu TAG, e às vezes eu, de saltos agulha até eles virarem tamancas.

À UFMG e à FaLe, minhas segunda e terceira casas, onde desenvolvi meu aprendizado intelectual, meus laços afetivos e outras qualidades que me fizeram ainda mais consciente de mim, dos outros e do mundo.

Ao Poslin, pela excelência prestada na formação de seus discentes.

E à FAPEMIG, pela bolsa de estudos que me possibilitou desenvolver esta pesquisa.

“O medo de um nome só faz aumentar o medo da própria coisa.”

HERMIONE GRANGER

Harry Potter e a Câmara Secreta

“Palavras são, na minha nada humilde opinião, nossa inesgotável fonte de magia. Capazes de causar grandes sofrimentos e também de remediá-los.”

ALVO DUMBLEDORE

Harry Potter e as Relíquias da Morte (parte II)

RESUMO

As escolhas lexicais que os falantes fazem não são neutras; elas carregam valores socioculturais e históricos que indicam o que pode ser dito livremente e o que deve ser evitado ou reformulado. Nesse sentido, certas palavras adquirem *status* de tabu, sendo censuradas, substituídas ou ressignificadas conforme as normas e as sensibilidades de uma comunidade linguística. À vista disso, o presente trabalho tem como tema de pesquisa o léxico tabu, mais especificamente, tabus linguísticos referentes ao campo semântico do ato sexual. Seleccionamos, como objeto de estudo, lexis como *aquendar*, *beijo grego*, *boquete*, *briga de espadas*, *carimbar*, *chuca*, *colar velcro*, *encoxar*, *fisting*, *foder*, *gozar*, *ménage*, *passar cheque*, *punheta*, *siririca*, *tirar o cabaço*, etc. O objetivo geral desta pesquisa é realizar um levantamento e, posteriormente, uma descrição e análise dos itens lexicais erótico-obsenos pertencentes ao campo semântico concernente ao ato sexual, verificando a influência de fatores extralinguísticos, acima de tudo a orientação sexual, no conhecimento deles. Como embasamento teórico-metodológico, adotamos os pressupostos da Lexicologia (Biderman, 1978; Polguère, 2018) e da Sociolinguística Laboviana (Weinreich; Labov; Herzog, 2006 [1968]; Labov, 2008 [1972]; Tarallo, 1997; Coelho *et al.*, 2015). Para a coleta dessas palavras e expressões, um Questionário Semântico-Lexical (QSL) foi elaborado e aplicado *on-line* a 24 participantes dos sexos masculino e feminino, de idades entre os 18 e 24 anos e 25 e 39 anos, bissexuais, heterossexuais e homossexuais da Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH). Obtivemos um *corpus* constituído de 531 variantes erótico-obsenas para as 16 perguntas nele presentes. Esse número reflete uma grande riqueza lexical para designar as ações relacionadas ao campo semântico em exame. Nos dados, observamos variações gráficas, onomatopeias, expressões fraseológicas variáveis morfologicamente, estrangeirismos, criações lexicais por meio de processos de formação de palavras autóctones, neologismos e metáforas bastante interessantes para referirem às práticas sexuais de nosso estudo. Além disso, os resultados mostraram que as variáveis extralinguísticas selecionadas não favorecem o conhecimento das variantes erótico-obsenas, nem mesmo a orientação sexual dos(as) participantes. Concluímos que a similaridade linguística na disponibilidade das unidades lexicais entre os(as) participantes pode ser fruto do acaso ou de uma possível norma lexical regional.

Palavras-chave: tabu linguístico; ato sexual; item lexical erótico-obseno; Lexicologia; Sociolinguística Laboviana.

ABSTRACT

The lexical choices that speakers make are not neutral; they carry sociocultural and historical values that indicate what can be said freely and what should be avoided or reformulated. In this sense, certain words acquire taboo *status*, being censored, replaced or resignified according to the norms and sensitivities of a linguistic community. In view of this, the present study has as its research theme the taboo lexicon, more specifically, linguistic taboos referring to the semantic field of sexual act. As study items, we selected lexemes such as *aquendar* ‘tucking’, *beijo grego* ‘rim job’, *boquete* ‘blow job’, *briga de espadas* ‘sword fighting’/‘frottage’, *carimbar* ‘gift-giving’/‘stealth’, *chuca* ‘clysma’, *colar velcro* ‘scissoring’, *encoxar* ‘to grind/hump on someone’, *fisting* ‘fist’/‘fist fuck’, *foder* ‘to fuck’, *gozar* ‘to cum’, *ménage* ‘threesome’, *passar cheque* ‘to get shit on dick’, *punheta* ‘jerking off’, *siririca* ‘to fingerfuck herself’, *tirar o cabaço* ‘to deflower’, and so on. The general objective of this research is to carry out a survey and, subsequently, a description and analysis of the erotic-obscene lexical items belonging to the semantic field concerning the sexual act, verifying the influence of extralinguistic factors, above all sexual orientation, in their knowledge. The theoretical-methodological framework combines Lexicology (Biderman, 1978; Polguère, 2018) and Labovian Sociolinguistics (Weinreich; Labov; Herzog, 2006 [1968]; Labov, 2008 [1972]; Tarallo, 1997; Coelho *et al.*, 2015). To collect these words and expressions, a Semantic-Lexical Questionnaire (SLQ) was designed and administered online to 24 participants, male and female, aged 18-24 and 25-39, identifying as bisexual, heterosexual, and homosexual, from the Belo Horizonte Metropolitan Region (BHMR). We obtained a *corpus* consisting of 531 erotic-obscene variants for the 16 questions contained in it. This number reflects a great lexical richness to designate the actions related to the semantic field under examination. The data revealed graphic variations, onomatopoeias, morphologically variable phrasal expressions, loanwords, autochthonous word-formation processes, neologisms and metaphors that were quite interesting to refer to the sexual practices of our study. Furthermore, the results showed that the selected extralinguistic variables do not favor the knowledge of erotic-obscene variants, nor even the sexual orientation of the participants. We conclude that the linguistic similarity in lexical availability among participants may stem from chance or a potential regional lexical norm.

Keywords: linguistic taboo; sexual act; erotic-obscene lexical item; Lexicology; Labovian Sociolinguistics.

RESUMEN

Las selecciones léxicas que hacen los hablantes no son neutras; conllevan valores socioculturales e históricos que indican lo que puede decirse libremente y lo que debe evitarse o reformularse. En este sentido, ciertas palabras adquieren *status* de tabú, siendo censuradas, sustituidas o resignificadas conforme las normas y sensibilidades de una comunidad lingüística. A partir de ello, el objeto de esta investigación es el léxico tabú, más concretamente, los tabúes lingüísticos relacionados con el campo semántico del acto sexual. Seleccionamos como objeto de estudio lexías como *aquendar* ‘esconder el paquete’, *beijo grego* ‘beso negro’, *boquete* ‘mamada’, *briga de espadas* ‘lucha/pelea de espadas’, *carimbar* ‘contagio intencional del VIH’, *chuca* ‘enema’, *colar velcro* ‘hacer tijera’, *encoxar* ‘restregarse’, *fisting* ‘fisting’, *foder* ‘follar’, *gozar* ‘correrse’, *ménage* ‘trío’, *passar cheque* ‘mancharse el pito’, *punheta* ‘paja’, *siririca* ‘hacerse la paja’, *tirar o cabaço* ‘desvirgar’, entre otras. El objetivo general de esta investigación es realizar un relevamiento y, posteriormente, una descripción y análisis de unidades léxicas erótico-obscenas pertenecientes al campo semántico del acto sexual, verificando la influencia de factores extralingüísticos, sobre todo la orientación sexual, en su conocimiento. Como base teórico-metodológica, adoptamos los presupuestos de la Lexicología (Biderman, 1978; Polguère, 2018) y de la Sociolingüística Laboviana (Weinreich; Labov; Herzog, 2006 [1968]; Labov, 2008 [1972]; Tarallo, 1997; Coelho *et al.*, 2015). Para la recolección de estas palabras y expresiones, se elaboró un Cuestionario Semántico-Léxico (CSL) que fue aplicado en línea a 24 participantes de ambos sexos, con edades entre 18 y 24 años y entre 25 y 39 años, bisexuales, heterosexuales y homosexuales de la Región Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH). Obtuvimos un *corpus* compuesto por 531 variantes erótico-obscenas correspondientes a las 16 preguntas del cuestionario. Este número refleja una gran riqueza léxica para designar las acciones relacionadas con el campo semántico en cuestión. En los datos observamos variaciones gráficas, onomatopeyas, expresiones fraseológicas morfológicamente variables, extranjerismos, creaciones léxicas mediante procesos autóctonos de formación de palabras, neologismos y metáforas bastante interesantes para referirse a las prácticas sexuales analizadas. Además, los resultados mostraron que las variables extralingüísticas seleccionadas no favorecen el conocimiento de dichas variantes, ni siquiera la orientación sexual de los(as) participantes. Concluimos que la similitud lingüística en la disponibilidad de unidades léxicas entre los(as) encuestados(as) puede ser fruto del azar o de una posible norma léxica regional.

Palabras clave: tabú lingüístico; acto sexual; unidad léxica erótico-obscena; Lexicología; Sociolingüística Laboviana.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Léxico global e léxicos parciais.....	48
Figura 2 - Campo semântico do ato sexual	50
Figura 3 - Esquema referente à designação	51
Figura 4 - Esquema referente à significação	51
Figura 5 - Representação do signo linguístico	58
Figura 6 - Triângulo semiótico	60
Figura 7 - A pirâmide semiótica.....	61
Figura 8 - Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH).....	149
Figura 9 - <i>Post</i> imagético (convite para participar da pesquisa)	156
Figura 10 - Modelo de exibição/disposição dos dados e resultados.....	161
Figura 11 - Modelo de tabela utilizado.....	162
Figura 12 - <i>Planilha do Teste Qui-Quadrado</i>	164
Figura 13 - <i>Calculadora do Teste Qui-Quadrado</i>	165
Figura 14 - Resultados do Cálculo do Teste Qui-Quadrado.....	166
Figura 15 - Números e porcentagens de participantes que se identificaram	168
Figura 16 - Números e porcentagens de participantes que residiam em BH e em outros municípios da RMBH.....	168
Figura 17 - Números, porcentagens e tempos de residência nas cidades pelos(as) participantes	169
Figura 18 - Números, porcentagens e escolaridades dos(as) participantes	170
Figura 19 - Números, porcentagens e identidades de gênero dos(as) participantes.....	171

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Estratificação dos(as) participantes	149
Tabela 2 - Nova estratificação dos(as) participantes	158
Tabela 3 - Vars., nº de ocs. e % obtidas para a pergunta 1, segundo o grupo de fatores sexo biológico	174
Tabela 4 - Vars., nº de ocs. e % obtidas para a pergunta 1, segundo o grupo de fatores faixa etária	175
Tabela 5 - Vars., nº de ocs. e % obtidas para a pergunta 1, segundo o grupo de fatores orientação sexual	176
Tabela 6 - Vars., nº de ocs. e % obtidas para a pergunta 2, segundo o grupo de fatores sexo biológico	180
Tabela 7 - Vars., nº de ocs. e % obtidas para a pergunta 2, segundo o grupo de fatores faixa etária	182
Tabela 8 - Vars., nº de ocs. e % obtidas para a pergunta 2, segundo o grupo de fatores orientação sexual	183
Tabela 9 - Vars., nº de ocs. e % obtidas para a pergunta 3, segundo o grupo de fatores sexo biológico	185
Tabela 10 - Vars., nº de ocs. e % obtidas para a pergunta 3, segundo o grupo de fatores faixa etária	186
Tabela 11 - Vars., nº de ocs. e % obtidas para a pergunta 3, segundo o grupo de fatores orientação sexual	187
Tabela 12 - Vars., nº de ocs. e % obtidas para a pergunta 4, segundo o grupo de fatores sexo biológico	191
Tabela 13 - Vars., nº de ocs. e % obtidas para a pergunta 4, segundo o grupo de fatores faixa etária	192
Tabela 14 - Vars., nº de ocs. e % obtidas para a pergunta 4, segundo o grupo de fatores orientação sexual	193
Tabela 15 - Vars., nº de ocs. e % obtidas para a pergunta 5, segundo o grupo de fatores sexo biológico	196
Tabela 16 - Vars., nº de ocs. e % obtidas para a pergunta 5, segundo o grupo de fatores faixa etária	197
Tabela 17 - Vars., nº de ocs. e % obtidas para a pergunta 5, segundo o grupo de fatores orientação sexual	198

Tabela 18 - Vars., nº de ocs. e % obtidas para a pergunta 6, segundo o grupo de fatores sexo biológico.....	202
Tabela 19 - Vars., nº de ocs. e % obtidas para a pergunta 6, segundo o grupo de fatores faixa etária	203
Tabela 20 - Vars., nº de ocs. e % obtidas para a pergunta 6, segundo o grupo de fatores orientação sexual	203
Tabela 21 - Vars., nº de ocs. e % obtidas para a pergunta 7, segundo o grupo de fatores sexo biológico.....	208
Tabela 22 - Vars., nº de ocs. e % obtidas para a pergunta 7, segundo o grupo de fatores faixa etária	209
Tabela 23 - Vars., nº de ocs. e % obtidas para a pergunta 7, segundo o grupo de fatores orientação sexual	211
Tabela 24 - Vars., nº de ocs. e % obtidas para a pergunta 8, segundo o grupo de fatores sexo biológico.....	214
Tabela 25 - Vars., nº de ocs. e % obtidas para a pergunta 8, segundo o grupo de fatores faixa etária	215
Tabela 26 - Vars., nº de ocs. e % obtidas para a pergunta 8, segundo o grupo de fatores orientação sexual	216
Tabela 27 - Vars., nº de ocs. e % obtidas para a pergunta 9, segundo o grupo de fatores sexo biológico.....	220
Tabela 28 - Vars., nº de ocs. e % obtidas para a pergunta 9, segundo o grupo de fatores faixa etária	221
Tabela 29 - Vars., nº de ocs. e % obtidas para a pergunta 9, segundo o grupo de fatores orientação sexual	222
Tabela 30 - Vars., nº de ocs. e % obtidas para a pergunta 10, segundo o grupo de fatores sexo biológico.....	226
Tabela 31 - Vars., nº de ocs. e % obtidas para a pergunta 10, segundo o grupo de fatores faixa etária	227
Tabela 32 - Vars., nº de ocs. e % obtidas para a pergunta 10, segundo o grupo de fatores orientação sexual	228
Tabela 33 - Vars., nº de ocs. e % obtidas para a pergunta 11, segundo o grupo de fatores sexo biológico.....	231
Tabela 34 - Vars., nº de ocs. e % obtidas para a pergunta 11, segundo o grupo de fatores faixa etária	232

Tabela 35 - Vars., nº de ocs. e % obtidas para a pergunta 11, segundo o grupo de fatores orientação sexual	234
Tabela 36 - Vars., nº de ocs. e % obtidas para a pergunta 12, segundo o grupo de fatores sexo biológico	239
Tabela 37 - Vars., nº de ocs. e % obtidas para a pergunta 12, segundo o grupo de fatores faixa etária	239
Tabela 38 - Vars., nº de ocs. e % obtidas para a pergunta 12, segundo o grupo de fatores orientação sexual	240
Tabela 39 - Vars., nº de ocs. e % obtidas para a pergunta 13, segundo o grupo de fatores sexo biológico	243
Tabela 40 - Vars., nº de ocs. e % obtidas para a pergunta 13, segundo o grupo de fatores faixa etária	244
Tabela 41 - Vars., nº de ocs. e % obtidas para a pergunta 13, segundo o grupo de fatores orientação sexual	244
Tabela 42 - Vars., nº de ocs. e % obtidas para a pergunta 14, segundo o grupo de fatores sexo biológico	246
Tabela 43 - Vars., nº de ocs. e % obtidas para a pergunta 14, segundo o grupo de fatores faixa etária	247
Tabela 44 - Vars., nº de ocs. e % obtidas para a pergunta 14, segundo o grupo de fatores orientação sexual	247
Tabela 45 - Vars., nº de ocs. e % obtidas para a pergunta 15, segundo o grupo de fatores sexo biológico	249
Tabela 46 - Vars., nº de ocs. e % obtidas para a pergunta 15, segundo o grupo de fatores faixa etária	250
Tabela 47 - Vars., nº de ocs. e % obtidas para a pergunta 15, segundo o grupo de fatores orientação sexual	251
Tabela 48 - Vars., nº de ocs. e % obtidas para a pergunta 16, segundo o grupo de fatores sexo biológico	254
Tabela 49 - Vars., nº de ocs. e % obtidas para a pergunta 16, segundo o grupo de fatores faixa etária	255
Tabela 50 - Vars., nº de ocs. e % obtidas para a pergunta 16, segundo o grupo de fatores orientação sexual	255
Tabela 51 - Nº de variantes analisadas quantitativamente por pergunta, excluindo-se os <i>hápax legomena</i>	258

Tabela 52 - N° de variantes obtidas para cada fator dos grupos de fatores, com os <i>hápax legomena</i>	259
Tabela 53 - N° de variantes fornecidas para cada fator dos grupos de fatores, sem os <i>hápax legomena</i>	260
Tabela 54 - Variantes que ocorrem em apenas uma das três orientações sexuais.....	261
Tabela 55 - Conhecimento de variante(s) compartilhado entre as orientações sexuais	262
Tabela 56 - N° de ocs. e % de <i>não sei/não me lembro</i> para cada fator dos grupos de fatores	264

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Termos da Lexicologia e suas respectivas definições (e exemplificações)	45
Quadro 2 - Rubricas apostas às lexias <i>bolinar</i> , <i>encoxar</i> e <i>sarrar</i> nas obras lexicográficas consultadas	177
Quadro 3 - Rubricas apostas às lexias <i>(bater) punheta</i> e <i>(tocar) siririca</i> nas obras lexicográficas consultadas	188
Quadro 4 - Rubricas apostas às lexias concernentes ao sexo oral nas obras lexicográficas consultadas	199
Quadro 5 - Rubricas apostas às lexias concernentes ao defloramento nas obras lexicográficas consultadas	205
Quadro 6 - Lexias mais recorrentes para a pergunta 7 e as rubricas apostas a elas nas obras lexicográficas consultadas	212
Quadro 7 - Rubricas apostas às lexias sinonímicas para o orgasmo sexual nas obras lexicográficas consultadas	217
Quadro 8 - Lexias sinonímicas para o sexo a três e seu registro nas obras lexicográficas consultadas	222
Quadro 9 - Lexias sinonímicas para o sexo lésbico e seu registro nas obras lexicográficas consultadas	229
Quadro 10 - Lexias sinonímicas para o sexo <i>gay</i> e seu registro nas obras lexicográficas consultadas	235

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ALiB – Atlas Linguístico do Brasil

Bi – bissexualidade

cf. – conferir

EF – expressão(ões) fraseológica(s)

FE1 – faixa etária 1

FE2 – faixa etária 2

He – heterossexualidade

Ho – homossexualidade

LGBTQIAPN+ – lésbicas, *gays*, bissexuais, transexuais e travestis, *queers*, intersexuais, assexuais, pansexuais, *não binárias*, demais orientações sexuais e identidades de gênero

m. q. – mesmo que

Nb – não binária

oc./ocs. – ocorrência/ocorrências

PB – português brasileiro

PE – português europeu

QSL – Questionário Semântico-Lexical

RMBH – Região Metropolitana de Belo Horizonte

SF – sexo feminino

SM – sexo masculino

var./vars. – variante/variantes

WLH – Weinreich, Labov e Herzog

LISTA TIPOGRÁFICA

Aspas duplas (“ ”) – citação direta

Aspas simples (‘ ’) – significado

a) – numeração de itens fora de parágrafo

A) – numeração de itens fora de parágrafo

Barras oblíquas // – fonema, morfema ou sema

Colchetes [] – transcrição fonética

Itálico – estrangeirismo, lexia ou termo

Nulo (Ø) – ausência de fonema ou morfema

Sustenido (#) – perda de significado lexical ou sentido metafórico

Til (~) – variante lexical, fonética, morfológica ou gráfica

VERSALETE – lexema, metáfora conceptual ou rubrica

(i) – numeração de itens dentro de parágrafo

(1) – numeração de exemplos nossos ou de outros(as) autores(as)

(I) – numeração de exemplos de outros(as) autores(as)

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	22
1 CONFLUINDO CONCEITOS: LÍNGUA, SOCIEDADE, TABU E DIVERSIDADE	30
1.1 Lexicologia: breve contextualização, objetos de estudo e áreas de contato	30
1.1.1 <i>Linguagem, língua, fala, signo linguístico e léxico</i>	34
1.1.2 <i>Palavra</i>	38
1.1.3 <i>Expressão fraseológica</i>	40
1.1.4 <i>Campo semântico e onomasiologia</i>	47
1.1.5 <i>O caráter relacional entre palavra e coisa</i>	52
1.2 Sociolinguística Laboviana: breve contextualização	62
1.2.1 <i>Variação e mudança linguísticas</i>	65
1.2.2 <i>Os fatores “sociais”, as comunidades e as três ondas da Sociolinguística</i>	71
1.3 Tabu (linguístico), eufemismo e linguagem proibida	76
1.3.1 <i>Tabu (linguístico) e eufemismo</i>	76
1.3.2 <i>Linguagem proibida</i>	81
1.4 Diversidade sexual e de gênero	88
2 TRABALHOS PRÉVIOS SOBRE PALAVRÕES, GÍRIAS, LÉXICO ERÓTICO-OBSCENO, TABUS LINGUÍSTICOS E LÍNGUA(GEM) GAY	91
2.1 Palavrões	91
2.2 Gírias	100
2.3 Léxico erótico-obsceno	103
2.4 Tabus linguísticos	110
2.5 Língua(gem) gay	131
3 METODOLOGIA	140
3.1 A elaboração do Questionário Semântico-Lexical (QSL)	140
3.2 A seleção das variáveis extralinguísticas	145
3.3 A aplicação do QSL e a coleta dos dados	150
3.4 A padronização e a análise qualiquantitativa dos dados	158

4 ANÁLISE DOS DADOS E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	167
4.1 Resultados obtidos quanto aos dados extralinguísticos dos(as) participantes	167
4.2 Resultados obtidos quanto aos dados linguísticos e quanto ao cruzamento deles com as variáveis extralinguísticas	171
4.2.1 <i>Importunação sexual</i>	173
4.2.2 <i>Masturbação</i>	178
4.2.3 <i>Sexo oral</i>	190
4.2.4 <i>Sexo vaginal e/ou anal (com ou sem orgasmo)</i>	200
4.2.5 <i>Relação sexual (LGBTQIAPN+)</i>	219
4.2.6 <i>Práticas e costumes sexuais ditos da comunidade LGBTQIAPN+</i>	238
4.2.7 <i>Transmissão do HIV</i>	253
4.3 Resultados gerais obtidos e a associação deles às perguntas e hipóteses do estudo	257
CONSIDERAÇÕES FINAIS	265
REFERÊNCIAS	272
APÊNDICES	285
ANEXOS	291

INTRODUÇÃO

Todo grupo de seres humanos geograficamente situado em um espaço físico dispõe da língua(gem) para comunicar-se e organizar-se social e culturalmente. Por meio dela, pessoas transmitem umas às outras conhecimentos, ideias, emoções, experiências, pensamentos, etc.; também estruturam-se coletivamente, partilhando o mesmo território, com ciências, economias, histórias, ideologias, leis, políticas e religiões (parcialmente) iguais ou diferentes; e, não menos importante, constituem-se culturalmente, compartilhando artes (dança, literatura, música, pintura), comportamentos, costumes, tradições (lendas, mitos e ritos) e valores – intelectuais e morais – (parcialmente) similares ou distintos.

Grosso modo, nomeia-se o extenso repertório de palavras de uma determinada língua de *léxico*; esse conjunto de itens linguísticos disponível aos falantes da língua, junto à gramática, visa atender às suas necessidades comunicacionais (Antunes, 2012). De acordo com Antunes (2012, p. 28), “todas as palavras remetem ao conhecimento que o homem constrói em sua experiência social com grupos e culturas de que participa”. Depreende-se, dessa forma, que é impossível desassociar a língua(gem), e, portanto, o léxico, de uma comunidade, já que os integrantes dela se estruturam social e culturalmente através dele.

Assim, o léxico não é um simples conjunto de palavras isoladas, mas um reflexo vivo das relações sociais, dos saberes acumulados e das ideologias que permeiam um grupo. As escolhas lexicais que os falantes fazem não são neutras; elas carregam valores culturais e históricos que indicam o que pode ser dito livremente e o que deve ser evitado ou reformulado. Nesse sentido, certas palavras adquirem *status* de tabu, sendo censuradas, substituídas ou ressignificadas conforme as normas e as sensibilidades de uma comunidade linguística. À vista disso, o presente trabalho tem como tema de pesquisa o léxico tabu, mais especificamente, tabus linguísticos referentes ao campo semântico do ato sexual.

A humanidade vem se beneficiando do ato sexual no decorrer dos séculos não só como meio de reprodução, mas, também, de prazer. Embora o sexo esteja amplamente presente na cultura, nos meios de comunicação e nas interações cotidianas, ele ainda é pouco explorado de forma sistemática e aprofundada em certos campos acadêmicos – especialmente na Linguística brasileira. Ainda assim, manifesta-se no dia a dia das pessoas por meio de aplicativos de namoro/relacionamento (*Badoo, Grindr, Hornet, Tinder*), nas artes (esculturas, filmes, literatura, músicas, pinturas), no humor (esquetes humorísticos, paródias, piadas, *stand-up comedy*), na *internet* (*blogs* eróticos, *sites* pornográficos), no jornalismo (artigos, entrevistas e reportagens sobre educação ou crime sexual), etc.

Tomaremos, então, como objeto de estudo, os itens lexicais erótico-obsenos¹ que fazem referência, conforme já dito, ao ato sexual² (em seu sentido amplo), por exemplo: *aquendar, banheta, boquete, carimbar, chucar, cunete, dedilhar, descabaçar, marmitar, sodomizar, tesourar, trepar*, etc. Segundo Orsi e Zavaglia (2009, n. p.), “o léxico que se refere ao ato sexual e às práticas eróticas demonstra sobremaneira os juízos de valor da sociedade e seus costumes. Por esta razão, são itens lexicais considerados tabus, quer dizer, são formas censuradas e condenadas por uma determinada sociedade”.

Sumariamente³, pode-se compreender a palavra *tabu* pelos binômios “sagrado-proibido” ou “proibido-sagrado”; assim, *tabu* é a proibição de capturar, ingerir, matar, proferir e ver qualquer coisa tida como sagrada ou temida; isso posto, *palavras-tabu* tratam-se de vocábulos que não devem ser ditos (Guérios, 1979, p. 1). Contudo, sabemos que a interdição desses itens lexicais se limita a circunstâncias contextuais: eles não devem ser utilizados em determinados contextos, ou, se o são, tal uso ocorre em contextos muito específicos.

Diante disso, a proibição imposta sobre o léxico erótico-obseno não pressupõe o seu abandono/desuso pelos falantes. Pelo contrário, além de usados no seu sentido mais *técnico-científico*⁴ (isto é, formal), os usuários da língua se valem de *eufemismos* – substituição de palavra ou expressão com sentido desagradável por outra de sentido suave, no intuito de minimizar possíveis desconfortos da parte do locutor para com o destinatário – e também de *disfemismos* – uso de palavra ou expressão grosseira, desagradável, ao invés de uma outra mais branda – para fazerem referência aos itens lexicais do campo semântico em questão⁵.

Dessa maneira, intentamos precipuamente averiguar, utilizando um Questionário Semântico-Lexical (QSL) com dezesseis perguntas que tangem ao campo semântico do ato sexual, que palavras e/ou expressões⁶ os(as) participantes⁷ conhecem para determinado

¹ Assim como Orsi (2007), entenderemos os itens lexicais erótico-obsenos também como *palavrões*, uma vez que, quando empregados de modo despudorado, grosseiro, injurioso, insultuoso, etc., vão contra a considerada boa decência e moralidade.

² Utilizamos *ato sexual* como um hiperônimo, logo, sendo aqui um termo genérico, ele abrange todas as unidades lexicais que se referem às atividades sexuais desta pesquisa, sejam elas mais ou menos prototípicas dentro da categoria.

³ Nos delongaremos em todos os conceitos brevemente elencados nesta Introdução no capítulo 1.

⁴ Consideramos de sentido *técnico-científico* aqueles itens lexicais de caráter mais formal, advindos, por exemplo, da área biológica/médica: *contaminar, desvirginar, ejacular, higienizar, masturbar, transar*, etc.

⁵ Cf. as unidades lexicais do § 5º desta Introdução.

⁶ O termo *palavra* em Linguística, e principalmente em Lexicologia, é de difícil conceituação (essa problemática será tratada no Referencial Teórico). A partir do capítulo 3, usaremos os termos técnicos da Lexicologia para a substituição de *palavra(s)* (por exemplo, *lexia(s)*) e consideraremos algumas outras sinônimas para *expressão(ões)* (por exemplo, *sintagma(s) cristalizado(s)*). Como iremos lidar também com a teoria da Sociolinguística Variacionista, o termo *variante(s)* será igualmente utilizado.

⁷ Labov (2008 [1972]) adota o termo *informante(s)* para o(s) indivíduo(s) que é(são) entrevistado(s) na pesquisa sociolinguística. Porém, nas normas éticas atuais, o termo preferido é *participante(s)*. Assim sendo,

referente abstrato⁸ no mundo (cf. o Apêndice B desta dissertação). Esperamos que, para cada uma das perguntas, eles(as) as respondam com o maior número de itens lexicais possíveis (e que forem de seu conhecimento). Além disso, pretendemos realizar um cotejo dos dados coletados por intermédio do QSL entre pessoas bissexuais, heterossexuais e homossexuais da comunidade de fala da Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH).

Embasados nos procedimentos teórico-metodológicos da Teoria da Variação e Mudança Linguística (Weinreich; Labov; Herzog, 2006 [1968]; Labov, 2008 [1972]; Tarallo, 1997; Coelho *et al.*, 2015), também buscamos verificar, dentre o grupo de fatores extralinguísticos (ou sociais) selecionados, quais deles (des)favorecem o conhecimento de determinados itens lexicais erótico-obsenos pelos(as) respondentes, a saber: faixa etária, orientação sexual e sexo biológico⁹.

Como exposto anteriormente, almejamos examinar quais palavras e/ou expressões do campo semântico do ato sexual são do conhecimento dos(as) participantes da pesquisa. Partindo-se da ideia ‘ato de estimular/excitar o pênis ou a vulva com a boca/língua’, esperamos que sejam mencionadas formas como: *baixar vovó, bater um boquete, bola-gato, boquete, broche, chupar, chupar manga, chupeta, chupisco, cunilíngus, fazer a gonda, fazer a vovó, felar, gulosa, lambar o carpete, linguar, mamar*, etc. O estudo caracteriza-se, assim, como inserido nos estudos onomasiológicos.

Adotaremos, também, para os fins ensejados, os pressupostos teóricos da Lexicologia (Biderman, 1978; Polguère, 2018). De mais a mais, conforme o assunto tratado, outros(as) autores(as) servirão de suporte teórico para este trabalho: Augras (1989), Antunes (2012), Arango (1991), Baldinger, (2001 [1966]), Basílio (2011), Biderman (1987, 1996, 1998a, 1998b, 1999, 2001, 2005), Correia (1927), Guérios (1956, 1979), Jesus (2012), Lara (2006), Otaola Olano (2004), Preti (1983, 1984), Saussure (2006 [1916]), Ullmann (1964, 1966), dentre outros.

Esta pesquisa se justifica na medida em que, por serem circundados de tabus, os itens lexicais erótico-obsenos são pouco pesquisados em Linguística. Consoante Orsi e Zavaglia (2009), que elegeram como objeto de análise as unidades lexicais que nomeiam os órgãos das zonas erógenas – o *ânus*, as *nádegas*, o *pênis*, os *seios*, os *testículos* e a *vulva* – em língua

privilegiaremos o uso deste e não daquele (CNS, 2013, 2016). Além disso, para não sermos demasiado repetitivos, também utilizaremos *respondente(s)*.

⁸ *Bola*, um substantivo, remete a um referente concreto no mundo real, diferentemente de *unicórnio*, que não possui um referente físico (apenas em mundos fictícios/possíveis). Recorremos ao uso de referente abstrato para fazer alusão aos eventos designados pelas unidades lexicais erótico-obsenas: *checar, comer, contaminar, deflorar, fistar, meter, punhetar, sarrar, siriricar*, etc., que são verbos.

⁹ Outro condicionador extralinguístico que iríamos analisar neste estudo era a escolaridade. Entretanto, no decorrer da coleta de dados, decidimos excluí-lo. Detalhes serão fornecidos no capítulo da Metodologia.

italiana e portuguesa (variante brasileira), tratar de um tema tão menosprezado como o sexo e os itens lexicais usados para designar as partes íntimas citadas anteriormente é desafiador em função da carência de trabalhos que tenham como foco essa tipologia de linguagem¹⁰ e devido à má reputação que ela tem na sociedade. Não só concordamos com as autoras sobre este fato, como também compactuamos com elas quando afirmam que tal temática é “interessante e de acentuada riqueza vocabular e cultural” (Orsi; Zavaglia, 2009, n. p.).

Ademais, muitas das variantes para cada um dos referentes abstratos elencados nas perguntas do QSL não estão dicionarizadas¹¹. Conforme Biderman,

o dicionário de língua faz uma descrição do vocabulário da língua em questão, buscando registrar e definir os signos lexicais que referem os conceitos elaborados e cristalizados na cultura. Por outro lado, o dicionário é um objeto cultural de suma importância nas sociedades contemporâneas, sendo uma das mais relevantes instituições da civilização moderna. Exercendo funções normativas e informativas na sociedade, esse produto cultural deveria ser de uso obrigatório para todos os usuários da língua (Biderman, 2001, p. 17-18, itálicos originais).

Ora, se os dicionários são obras lexicais de suma importância e retratam a realidade linguística de determinada sociedade em termos de sua cultura, defendemos que as variadas lexias representativas de uma língua devem ser registradas, e não apenas aquelas mais gerais, pudicas, decentes e decorosas. Apesar do teor obsceno, chulo e vulgar das unidades lexicais erótico-obscenas do nosso estudo, elas fazem referência a ações que quase todos praticam, mas sobre as quais evitam falar em certos contextos: *masturbar(-se)*, *fazer sexo oral*, *transar*, *higienizar(-se)*, *contaminar(-se)*, etc.

Outras questões que revelam a necessidade de se realizar o presente trabalho estão presentes nos artigos de Zavaglia e Orsi (2007) e de Orsi (2013)¹². No primeiro deles, as autoras asseveram que o léxico erótico-obsceno, um tipo de linguagem especial, é usado por todos os grupos sociais. Orsi (2013), por sua vez, mostra, embasada em estudos lexicológicos e em estudos que abordam o léxico obsceno, que a escolha dos itens lexicais que nomeiam os órgãos genitais dos seres humanos está à mercê do contexto situacional, seja ele formal ou informal. Nas palavras da pesquisadora, em contextos mais formais, utiliza-se a terminologia anatômica oficial; diferentemente, em contextos informais, prefere-se o uso de outras lexias. Além disso, a autora afirma que fatores extralinguísticos como classe social e nível de escolaridade não

¹⁰ Orsi e Zavaglia (2009, n. p.) usam a expressão “esse tipo de linguagem”. Por se tratar de uma citação indireta, parafraseamos para “essa tipologia de linguagem”.

¹¹ Fizemos um levantamento em cinco dicionários *on-line*, quais sejam: *Aulete* (Aulete Digital, 2024), *Dicio* (Dicio, 2024), *Houaiss* (Houaiss, 2024), *Michaelis* (Michaelis, 2024) e *Priberam* (Priberam Dicionário, 2023).

¹² Convém destacar que os artigos de Zavaglia e Orsi (2007), Orsi e Zavaglia (2009) e Orsi (2013), primeiras obras com as quais tivemos contato sobre a temática, nos inspiraram a realizar a presente pesquisa.

impactam na utilização do léxico erótico-obsceno, mas que fatores como idade e sexo do locutor/destinatário sim. Todavia, vale mencionar que as pesquisadoras não chegam a observar a influência de tais fatores.

Levando em consideração essas questões, e por nossa pesquisa fazer interface com duas teorias, a Lexicologia e a Sociolinguística Variacionista, julgamos necessário, como contribuição científica, perscrutar se as variáveis independentes faixa etária, orientação sexual e sexo¹³ (des)favorecem o conhecimento das variantes erótico-obscenas. Os motivos para a escolha desses grupos de fatores serão esclarecidos no capítulo da Metodologia.

Em se tratando de pessoas que fogem ao gênero e à sexualidade ditas como padrão, isto é, a cisheterossexualidade, pesquisas recentes vêm demonstrando especial interesse em contemplá-las (Rei, 2014; Andrade *et al.*, 2018; Monico e Legroski, 2019; Rodrigues e Andrade, 2023; dentre outros). Esse procedimento coloca à mostra uma parcela significativa da população que, muitas vezes, vive à margem da sociedade, isenta de acesso à cultura, educação básica e superior, emprego formal, justiça, saúde, segurança e demais direitos e oportunidades que são essenciais para o pleno desenvolvimento humano.

Assim sendo, um estudo como o aqui proposto demonstra-se preciso devido ao seu caráter inovador, já que ambiciona trazer à luz um tema tão rejeitado pela Linguística e interdito pela sociedade, isto é, os tabus linguísticos. Além do mais, os(as) participantes da pesquisa serão heterogêneos(as), o que provavelmente nos possibilitará encontrar dados instigantes e que, por intermédio das análises e dos resultados obtidos, refletirão em como um mesmo referente abstrato do campo semântico do ato sexual pode ser designado a depender da idade, da orientação sexual e do sexo da pessoa.

Tendo em vista os argumentos até aqui expostos, levantamos as seguintes questões: (i) fatores extralinguísticos como faixa etária, orientação sexual e sexo biológico (des)favorecem o conhecimento das variantes erótico-obscenas por parte dos(as) participantes? (ii) pessoas homossexuais, ou seja, *gays* e lésbicas, diferem-se quanto a esse conhecimento? (iii) devido ao estereótipo social de que pessoas bissexuais são cinquenta por cento homossexuais e cinquenta por cento heterossexuais (informalmente, estão com um pé no Vale dos Homossexuais e outro fora, jogam dos dois lados), elas partilhariam conhecimento de unidades lexicais que cada uma

¹³ Em pesquisas sociolinguísticas, é convencional *sexo* e *gênero* serem tratados como termos sinônimos, normalmente separados por barra (/): *sexo/gênero*. Contudo, *sexo* é uma categoria biológica enquanto *gênero* é uma categoria pessoal e psicossociocultural. Em função dos limites metodológicos que o nosso trabalho nos impôs, e devido à complexidade e fluidez que essas classificações tomam no presente século, excluímos o condicionador social *gênero*. Tais classificações serão pormenorizadas no capítulo 1.

das orientações sexuais conhece? (iv) ou, contrariamente, cada orientação sexual selecionada mostrará seu próprio nicho de lexias?

O objetivo geral desta pesquisa é realizar um levantamento e, posteriormente, uma descrição e análise dos itens lexicais erótico-obsenos pertencentes ao campo semântico que se refere ao ato sexual, verificando a influência de fatores extralinguísticos, acima de tudo a orientação sexual, no conhecimento deles.

Em consonância com o objetivo geral, visamos os seguintes objetivos específicos:

- a) aplicar um QSL com perguntas que tangem a fatores sociais e linguísticos aos(as) respondentes;
- b) coletar e analisar quali e quantitativamente os dados extralinguísticos e linguísticos levantados;
- c) sistematizar, relacionar e descrever os resultados obtidos;
- d) apresentar as generalizações possíveis, levando em consideração a indissociabilidade entre língua, sociedade e cultura;
- e) e contribuir, por meio do material coletado e desta pesquisa, para as obras de cunho lexical, cultural e sociolinguístico do português brasileiro (variedade da RMBH).

Os objetivos geral e específicos visam corroborar ou refutar as hipóteses a seguir: (i) fatores sociais favorecem o conhecimento dos itens lexicais erótico-obsenos, especialmente a orientação sexual dos(as) participantes; (ii) *gays* e lésbicas distinguem-se quanto a esse conhecimento; (iii) os(as) bissexuais compartilham conhecimento das lexias que as outras duas orientações sexuais conhecem, mas as unidades lexicais conhecidas por eles(as) se aproximam mais das conhecidas por homossexuais do que daquelas conhecidas por heterossexuais; e (iv) as três orientações sexuais apresentam seu conjunto próprio de variantes.

Esperamos, portanto, contribuir para o estudo dos itens lexicais erótico-obsenos, tidos como tabus linguísticos na sociedade brasileira atual, para o registro das lexias desse campo semântico utilizadas pela comunidade hétero e LGBTQIAPN+¹⁴ e também para a valoração desse tipo de léxico em pesquisas linguísticas, já que o léxico reflete a riqueza cultural e histórica de uma determinada sociedade.

¹⁴ Adotamos aqui a sigla mais usualmente utilizada. As letras equivalem a: L (lésbicas), G (*gays*), B (bissexuais), T (transexuais e travestis), Q (*queers*), I (intersexuais), A (assexuais), P (pansexuais), N (*não binários*), + (demais orientações sexuais e identidades de gênero) (Diversifica, c2021).

Em suma, tencionamos explorar o campo semântico do ato sexual e os itens lexicais tabuizados a ele pertencentes, averiguar que macroestruturas sociais influenciam o saber dessas variantes, sobretudo a orientação sexual, e registrar as lexias conhecidas pela comunidade em questão, a despeito de sua proscrição pela sociedade em geral.

A fim de cumprir os propósitos deste trabalho, dividimo-lo em quatro capítulos, além desta breve Introdução (e das Considerações Finais). Nela, apresentamos o tema de pesquisa e o objeto de estudo, indicamos as justificativas para a realização do trabalho, formulamos as questões que o norteiam, descrevemos seus objetivos geral e específicos bem como levantamos as suas hipóteses.

No capítulo 1, expomos os fundamentos teóricos que sustentam a pesquisa, pormenorizando-os. Para isso, subdividimos este capítulo em quatro seções. Inicialmente, na seção 1.1, centramo-nos na teoria da Lexicologia, contextualizando-a brevemente e indicando seus principais objetos de estudo e algumas áreas de contato possíveis. Também fragmentamos esta seção em cinco subseções. Na 1.1.1, estabelecemos as definições de *linguagem*, *língua*, *fala*, *signo linguístico* e *léxico*, termos que são complementares entre si e que, quase sempre, aparecem juntos. Na subseção 1.1.2, discutimos sobre a problemática em delimitar e definir *palavra* e mencionamos alguns critérios utilizados na sua identificação. Na 1.1.3, fazemos o mesmo que na subseção anterior, mas, desta vez, com foco em delimitar e precisar o conceito de *expressão fraseológica*. Na subseção 1.1.4, abordamos o *campo semântico* e a *onomasiologia*, mostrando como a significação nos possibilita organizar e estruturar o léxico de uma língua. Por fim, na 1.1.5, relatamos sobre a natureza relacional existente entre a *palavra* e a *coisa* que ela designa, natureza essa tida como simplória e direta, mas que, como se verá, é bastante complexa e não direta.

Na seção 1.2, apresentamos uma sucinta contextualização da Teoria da Variação e Mudança Linguística ou Sociolinguística Laboviana. Dividimo-la em duas outras subseções: a 1.2.1, em que explicitamos conceitos como *heterogeneidade*, *variação*, *variante*, *condicionadores extralinguísticos*, *comunidades de fala*, etc., caros ao nosso estudo; e a 1.2.2, em que razoamos sobre os *fatores “sociais”*, as *comunidades de prática* e as *redes sociais* – concebidas como reações e refinamentos à abordagem tradicional da corrente de estudos – e as *três ondas da Sociolinguística*.

Na seção 1.3, por sua vez, discutimos sobre o *tabu (linguístico)*, fenômeno psicossocial, e o *eufemismo*, palavra ou expressão substituidora daquela considerada interdita (subseção 1.3.1); e sobre a *linguagem proibida*, que abarca as *gírias*, o *vocabulário obsceno* (e,

consequentemente, os *palavrões*) e também o *vocabulário comum marcado pela pressuposição maliciosa* (subseção 1.3.2).

Por fim, na seção 1.4, dialogamos sobre a diversidade sexual e de gênero, discutindo as diferenças entre *sexo* (biológico) e *gênero* (sociocultural), e detalhando sobre as orientações sexuais selecionadas para este trabalho: a *bissexualidade*, a *heterossexualidade* e a *homossexualidade*.

No capítulo 2, exibimos algumas obras e alguns estudos que fazem interface com o nosso tema e objeto de pesquisa, isto é, trabalhos sobre *palavrões* (seção 2.1), *gírias* (seção 2.2), *léxico erótico-obsceno* (seção 2.3), *tabus linguísticos* (seção 2.4) e *língua(gem) gay* (seção 2.5). Tais obras e estudos tratam mormente sobre variação (e dicionarização), e não sobre mudança linguística.

No capítulo 3, descrevemos a metodologia que adotamos no trabalho. Seccionamo-lo em quatro seções: a 3.1, que trata da elaboração do QSL; a 3.2, que versa sobre a seleção das variáveis extralinguísticas; a 3.3, que aborda a aplicação do QSL aos(às) participantes e a coleta dos dados; e a 3.4, que alude à padronização e à análise quali-quantitativa dos dados sociolinguísticos.

Por seu turno, no capítulo 4, constam a análise dos dados e a discussão dos resultados. Dividimo-lo em três seções: na 4.1, constam os resultados obtidos quanto aos dados extralinguísticos dos(as) participantes; na 4.2, dividida em sete subseções equivalentes à distribuição semântica das perguntas no QSL, encontram-se os resultados obtidos quanto à correlação entre dados linguísticos e variáveis extralinguísticas; e, por fim, na seção 4.3, incluem-se os resultados gerais alcançados e o confronto deles com as questões e as hipóteses da pesquisa.

Finalmente, na última parte deste trabalho, exibimos as nossas considerações finais. Nela, retomamos os objetivos do estudo, elencamos se as hipóteses foram corroboradas ou não, discutimos os principais resultados obtidos e apontamos as lacunas identificadas na pesquisa. Após ela, encontram-se a bibliografia citada na dissertação, assim como os apêndices e os anexos que comprovam e/ou complementam as informações a que fizemos menção ao longo do texto.

1 CONFLUINDO CONCEITOS: LÍNGUA, SOCIEDADE, TABU E DIVERSIDADE

Neste capítulo, apresentamos os fundamentos teóricos que sustentam o nosso trabalho. Na seção 1.1, dedicamo-nos à teoria da Lexicologia, contextualizando-a brevemente e apontando seus principais objetos de estudo e algumas áreas de contato possíveis; nas subseções seguintes, procuramos definir *linguagem*, *língua*, *fala*, *signo linguístico* e *léxico* (1.1.1); *palavra* (1.1.2); *expressão fraseológica* (1.1.3); *campo semântico* e *onomasiologia* (1.1.4); e também descrever sobre o caráter relacional entre a *palavra* e a *coisa* que ela nomeia (1.1.5).

Na seção 1.2, damos enfoque à Sociolinguística Laboviana (ou Teoria da Variação e Mudança Linguística). Ela tem duas outras subseções, a 1.2.1, em que expomos os conceitos fundamentais dessa corrente de estudos (*heterogeneidade*, *variação*, *variáveis dependentes e independentes*, *comunidade de fala*, etc.), e a 1.2.2, em que discorremos sucintamente sobre os *fatores “sociais”*, as *comunidades de fala e prática*, e as *três ondas da Sociolinguística* (baseando-nos no trabalho de Eckert, 2012).

Por sua vez, na seção 1.3, exibimos algumas considerações sobre o *tabu (linguístico)* e o *eufemismo* (subseção 1.3.1); e sobre a *linguagem proibida* (subseção 1.3.2). Finalmente, na seção 1.4, percorremos pelas definições concernentes ao universo LGBTQIAPN+ (nessa seção, a discussão baseia-se na obra de Jesus, 2012).

1.1 Lexicologia: breve contextualização, objetos de estudo e áreas de contato

A descrição, análise e sistematização das palavras que compõem uma língua e das regras que possibilitam a manipulação de tais palavras para a formação de sentenças datam-se de tempos longínquos, mais especificamente, remetem-se à Antiguidade. Consoante Otaola Olano (2004), no Oriente, o estudo da palavra enquanto forma (a morfologia) foi fundado por Panini, na Índia, no século V ou IV a.C. Esse gramático estabeleceu a sintaxe (Abbade, 2012) e delimitou os elementos significativos (*lexias* e *morfemas*) do sânscrito (Otaola Olano, 2004; Abbade, 2012).

Por volta desse mesmo período, no Ocidente, os gregos deram enfoque à semântica do léxico, relacionando, baseados em reflexões filosóficas, *ideias* (conceitos) às *formas* (palavras); já os latinos encarregaram-se da investigação da gramática e do contraste entre *sistema* (regras da língua) e *norma* (uso social efetivo da língua), e como ambos exercem forças que conservam ou mudam a língua (Abbade, 2012; Orsi, 2012).

Da Antiguidade à Idade Média, listas lexicais fizeram-se presentes (ideogramas chineses, lista de palavras aparentadas, etc.), mas apenas no século XVI, no Ocidente, houve o esforço inicial de descrição ordenada do léxico, suscitado por necessidades e mudanças socioculturais; a produção de obras lexicográficas, isto é, de dicionários, e o exame da palavra em uma perspectiva filosófica desenvolveram-se do Renascimento ao século XVIII¹⁵ (Orsi, 2012; Abbade, 2012).

Por um período de tempo considerável, os estudos lexicais foram deixados à parte na história da Linguística, priorizando-se os estudos gramaticais. É apenas no século XIX que se verifica o nascimento das ciências do léxico, em especial, a Lexicologia e a Lexicografia (Orsi, 2012; Abbade, 2012)¹⁶. Neste século, desloca-se a atenção da relação entre pensamento e palavra para a constituição fonética e morfológica do item lexical e, sobretudo, para a comparação das unidades lexicais¹⁷. Segundo Abbade, nesta época,

nasce a Lexicologia que estudava a língua falada, analisando o conteúdo lexical em elementos conceituais (sentido *básico* da palavra), funcionais (sentido *específico*) e morfossintáticos (sentido *acidental*), e defendendo o aspecto formal e histórico da palavra, subordinados aos aspectos semântico e sociocultural. Nos finais (*sic*) do século, com a marca triunfal da Geografia Linguística e conseqüentemente o florescimento da Onomasiologia, o interesse linguístico passa pouco a pouco da investigação fonética para a dos problemas lexicais (Abbate, 2012, p. 144).

Do século supracitado ao século XX, há, nos estudos linguísticos, o direcionamento da preocupação da fonética histórica para a lexicologia histórica (Abbate, 2012). Neste período, os trabalhos da área ganham força e importância, destacando-se, dentre eles, os produzidos posteriormente à década de 1950 pelo lexicólogo francês Georges Matoré¹⁸ (Orsi, 2012). Os

¹⁵ De acordo com Otaola Olano (2004), no século XIX, no Ocidente, também se realizou a análise da palavra enquanto forma; no entanto, havia a primazia no estudo de seu significado por teóricos *naturalistas* e *convencionalistas*. Aqueles, seguidores da teoria de Platão, segundo a qual a palavra reflete o mundo das ideias, admitiam que o significado das palavras era natural, advindo da correspondência inerente entre som e sentido. Já estes, defensores da teoria de Aristóteles, assumiam que o significado das palavras era arbitrário, fruto da tradição e da convenção social.

¹⁶ Diferentemente das autoras, Otaola Olano (2004) considera que o nascimento da Lexicologia como estudo científico do léxico ocorre no século XX, devido à concepção de léxico como estrutura (isto é, sistema) e à aplicação, na sua análise, de métodos propriamente linguísticos. Ela afirma que, até o século XIX, o estudo das palavras era atomístico, ou seja, analisava-as isoladas do discurso que elas mesmas constituíam, baseando-se em reflexões filosóficas e gramaticais acerca de sua forma e de seu conteúdo. Ademais, um dos objetivos (se não o principal) dos estudiosos da época era inventariar e fornecer informações gramaticais e nocionais sobre as palavras. Naquele século (séc. XIX), o comparativismo coincidiu com essa prática.

¹⁷ Basta-nos lembrar que o século XIX é um período bastante relevante na história da Linguística. A comparação sistemática de palavras entre línguas, a reconstrução de itens lexicais para verificar parentesco e a tentativa de chegar a uma língua ancestral (ou protolíngua) foram objetivos centrais dos estudiosos histórico-comparativistas. Já os neogramáticos, grupo associado à Universidade de Leipzig (Alemanha), concentraram-se na defesa da regularidade das mudanças linguísticas, especialmente no âmbito fonético, propondo que as alterações sonoras ocorrem de maneira consistente e sem exceções (exceto em casos explicáveis por fatores como empréstimos ou analogia).

¹⁸ Georges Matoré (1908-1998) foi um lexicólogo francês e professor honorário da Sorbonne Université (Paris, França). O estudioso, em suas pesquisas lexicológicas, dava considerável enfoque ao aspecto social da língua,

trabalhos de Matoré divergiram-se, por exemplo, dos de Leonard Bloomfield e André Martinet, estudiosos desta mesma época que consideravam o estudo do léxico fora de seu contexto social e de seu tempo histórico (modelo abstrato) e também dos de Noam Chomsky, posto que, para sua teoria gerativista, o léxico era concebido como um subcomponente da gramática, funcionando como um conjunto de entradas léxicas representadas por traços distintivos (fonológicos, sintáticos e semânticos) e manipuladas pela sintaxe no processo de geração de sentenças (Otaola Olano, 2004).

As informações de Orsi (2012), e sobretudo as de Abbade (2012), ressoam o que expõe Biderman (1981): no contexto particular da Linguística Românica, é nos fins do século XIX e primeira metade do século XX que certos domínios da Lexicologia tiveram muitos estudiosos, os quais desenvolveram trabalhos bastante notórios em três áreas sobressalentes: (i) a semântica evolutiva, (ii) o campo das “palavras e coisas” e (iii) a geografia linguística (Biderman, 1981, p. 131). Segundo Biderman (1981), apesar de privilegiar múltiplos tipos de perspectivas, essas três esferas continuamente correlacionavam léxico e cultura. Ainda de acordo com a autora, nas décadas de 1950 e 1960, a Teoria da Informação potencializou as pesquisas em Lexicologia com outro quadro teórico, proporcionando uma produção significativa de estudos quantitativos e probabilísticos acerca do léxico. Finalmente, dos anos 60 aos dias atuais, no continente europeu (e também no americano), sublinha-se a elaboração de trabalhos léxicos e a confecção de obras lexicográficas.

No que corresponde aos objetos básicos de estudo e análise da Lexicologia, três deles podem ser elencados: (i) a palavra, como unidade simples ou complexa, (ii) a categorização lexical, isto é, o problema das partes do discurso, e (iii) a estruturação do léxico, ou seja, as relações/redes de sentido estabelecidas entre itens lexicais, como a sinonímia, a antonímia, a hiperonímia, a hiponímia, a polissemia, a homonímia, etc. (Biderman, 2001). No entanto, outros mais podem ser destacados, uma vez que essa área é significativamente ampla e faz interface com outros níveis de análise linguística. Conforme Abbade (2011), a Lexicologia, na qualidade de ciência do léxico, explora as várias relações entre ele e os outros módulos da língua, e, precipuamente, as relações internas a ele mesmo. Ela (a Lexicologia) abarca, nesse sentido, numerosos campos de estudo como a estatística lexical, a etimologia, a formação de palavras,

mais especificamente, do léxico de determinada comunidade linguística. Para ele, as palavras não seriam reflexo das coisas, mas sim da consciência que os falantes têm delas, traduzindo, assim, a visão de mundo do meio cultural, econômico, estético e social em que estão inseridos (Cambraia; Cunha; Santos, 2023).

os neologismos (criação e empréstimo de palavras)¹⁹ e relaciona-se inevitavelmente com a fonologia, a morfologia, a sintaxe e, sobretudo, com a semântica (Abbade, 2011).

Vale dizer ainda que a Lexicologia é considerada uma ciência interdisciplinar²⁰, dado que ela pode interagir com outras ciências como a Análise do Texto e Discurso, a Antropologia Linguística, a Dialetoлогия, a Etnolinguística, a Linguística Computacional, a Morfologia Distribuída, a Semântica Diacrônica (ou Evolutiva), a Sociolinguística, etc. Como se observa nesta pesquisa, valemo-nos dos pressupostos teóricos (e metodológicos) desta última e daquela primeira na caracterização, no exame e na organização do nosso objeto de estudo e dos nossos dados.

Certamente, as palavras não são meras etiquetas formais às quais incorporamos conceitos, definimos sua extensão, atribuímos a X ou Y classe gramatical e analisamos suas relações sintagmáticas (de combinações) e paradigmáticas (de substituições). As palavras, enquanto material social, extrapolam os limites do puramente linguístico, alcançado um leque inesgotável de possibilidades analíticas. Nesse sentido,

as palavras sempre desempenharam um papel importante na vida humana e foram e são o epicentro que atravessa uma série de *atos humanos*, pois expressam *ideias* e são a base do nosso pensamento e do nosso conhecimento do mundo exterior, cristalizando conceitos e transcrevendo-os. Mas as palavras também expressam nossos sentimentos aos outros membros da sociedade e são instrumentos de compreensão social. Elas revelam nosso status social, nossa profissão, nossa origem geográfica. Elas refletem a evolução da sociedade ao longo da história, bem como o impacto da história das ideias, mentalidades, culturas, descobertas, etc., no léxico. Portanto, o léxico tem um componente ou aspecto conceitual ou ideológico, outro emocional e psicológico, outro social, outro linguístico, outro estilístico etc. Consequentemente, para explicar o fato lexical, a contribuição de ciências como a filosofia, a psicologia, a sociologia, a história e todas as teorias do discurso (estilística, fonética, retórica etc.) é absolutamente necessária (Otaola Olano, 2004, p. 2-3, tradução nossa)²¹.

¹⁹ Alves (1990, p. 5) define *neologia* como o “processo de criação lexical” e *neologismo* como “o elemento resultante, a nova palavra”, desse recurso. Consoante a autora, a derivação (*desideologização*, *achismo*), a composição (*operação desmonte*, *tiroteio lírico humorístico*) e os empréstimos (*bachelor*, *xampu*) são os principais mecanismos formadores de novas palavras no português.

²⁰ Otaola Olano (2004) a considera uma ciência transdisciplinar e não autônoma, uma vez que recorre, por exemplo, à antropologia, filosofia, história, psicologia e sociologia (dentre outras ciências) para analisar determinado fato lexical ou, em uma espécie de via de mão dupla, tal fato lexical pode, por sua vez, ser parte do estudo de muitas ciências, como as citadas anteriormente.

²¹ Do original: “Las palabras siempre han desempeñado un papel importante en la vida humana y han sido y son el epicentro que atraviesa una serie de “hechos humanos”, pues las palabras expresan «ideas» y son la base de nuestro pensamiento y de nuestro conocimiento del mundo exterior, cristalizan los conceptos y los transcriben. Pero las palabras también expresan nuestros sentimientos a los otros miembros de la sociedad y son instrumento de comprensión social. Delatan nuestro estatus social, nuestra profesión, nuestra procedencia geográfica. Reflejan la evolución de la sociedad a lo largo de la historia así como la incidencia de la historia de las ideas, de las mentalidades, de las culturas, de los descubrimientos, etc., en el léxico. Por tanto, el léxico tiene un componente o aspecto conceptual o ideológico, otro emotivo y psicológico, otro social, otro lingüístico, otro estilístico, etc. Por consiguiente, para dar cuenta del hecho léxico es absolutamente necesaria la contribución de ciencias como la filosofía, la psicología, la sociología, la historia y todas las teorías del discurso (estilística, fonética, retórica, etc.)” (Otaola Olano, 2004, p. 2-3).

À vista disso, concordamos com a estudiosa supracitada e também com Abbade quando ela afirma que

atualmente não há dúvida de que estudar o léxico de uma língua é estudar a história e a cultura de quem utiliza essa língua. O acervo lexical de um povo é construído ao longo de sua história social, política, econômica, religiosa, etc. Em cada época as palavras se modificam, se ajustam, se acoplam, são esquecidas, são lembradas, são criadas, ajustando sua fonética de acordo com a fala de determinada comunidade, diversificando o seu significado de acordo com a época vigente, sendo proibida e/ou permitida de acordo com a sociedade em que esteja inserida. Todos esses caminhos dão, aos estudos lexicológicos, a possibilidade de poder estudar as palavras de uma língua nas mais diversas perspectivas (Abbade, 2012, p. 144-145).

Aqui, portanto, empenhamo-nos numa abordagem social e sociolinguística no estudo do léxico, visto que consideramos as transformações no mundo (isto é, o relaxamento das normas/attitudes linguísticas e sociais, a relativização do que se considera (in)decente e (i)moral em determinada comunidade cultural) e as características dos participantes conhecedores dos itens lexicais erótico-obscenos (ou seja, as variáveis extralinguísticas idade, orientação sexual e sexo biológico).

1.1.1 Linguagem, língua, fala, signo linguístico e léxico

Na seção anterior, utilizamos os termos *língua* e *léxico* sem nos preocuparmos em defini-los. Para isso, nesta subseção, precisaremos também deslindar o que se entende por *linguagem*, *fala* e *signo linguístico*, na medida em que, para se compreender os dois primeiros, precisa-se entender os três últimos, já que, quase sempre, todos eles andam juntos, ou seja, estão intimamente conectados.

A *linguagem* é uma faculdade humana indispensável às sociedades, posto que, através dela, falantes de todos os idiomas do mundo utilizam-se da língua para comunicar entre si. Pode-se dizer que a *língua* é um patrimônio herdado de geração a geração: antepassados transmitiram às gerações atuais seus *signos linguísticos* – entidades abstratas formadas pelo plano do significado (conceito) e do significante (forma) – e as regras que possibilitam a manipulação desses signos – isto é, a *gramática* – e as gerações atuais o farão de igual modo com os seus descendentes. A língua, entidade abstrata, atualiza-se na *fala*, entidade concreta, por meio da linguagem, capacidade físico-psíquica dos seres humanos. Cabe salientar que, por organizarem-se social e culturalmente através dela, conforme o mundo e as coisas nele mudam, tudo muda (em maior ou menor grau): comportamentos, costumes, histórias, ideologias, regras, valores e, indiferentemente, a língua. O *léxico*, por conseguinte, é o conjunto de itens lexicais

(em constante expansão) de um determinado grupo histórico, sociocultural e geográfico que, no decorrer do tempo, sofre mudanças fonéticas, morfossintáticas e semântico-pragmáticas.

Como se verá, a partir das autoras e do autor aqui citados, todos eles, inevitavelmente, se esbarram em conceitos como cultura, história e sociedade.

A *língua* pode ser compreendida como um fenômeno social multifacetado, em virtude de exercer diversos papéis dentro do contexto de uma comunidade de fala. Em termos constitutivos, compõe-se de um sistema de signos e de regras de combinações desses signos, configurando-se, portanto, como um código linguístico abstrato, complexo e estruturado, fruto de convenções sociais (Polguère, 2018). Consequentemente, é um instrumento privilegiado de comunicação social (Biderman, 1978; Basílio, 2011; Orsi, 2012; Polguère, 2018) e, ao mesmo tempo, uma ferramenta classificatória, posto que permite identificar e designar acontecimentos, coisas, lugares, pessoas, etc. (Basílio, 2011).

Como uma realidade mental (Biderman, 1978), a língua possibilita que organizemos nosso pensamento (Polguère, 2018), exprimamos nossas ideias e sentimentos (Biderman, 1981), troquemos informações e existamos enquanto seres humanos (Polguère, 2018). Já na qualidade de patrimônio social, é uma instituição herdada, ou seja, nós, enquanto falantes, não a criamos, simplesmente a adotamos, inconscientemente, desde a infância (Biderman, 1978). É pertinente dizer ainda que ela proporciona que adquiramos a cultura do meio em que vivemos, caracterizando-se como “um importante símbolo de identidade de grupo” (Orsi, 2012, p. 163).

Em consequência disso, a língua preexiste aos indivíduos e, sendo uma realidade heterogênea, está “sujeita a fatores que compõem a herança social, como a cultura e a estrutura da sociedade, por exemplo” (Biderman, 1978, p. 12). Não é, então, um sistema inerte, cristalizado no tempo, está em constante evolução no decorrer dos séculos, devido à pressão que sofre de diversos fatores extralinguísticos da sociedade humana que a utiliza. Desta maneira, toda língua se forma, se transforma e está passível a desaparecer, pois acompanha a marcha histórica da nação que a usa (Biderman, 1978; Polguère, 2018).

Ao passo que é um sistema abstrato, fruto de convenções sociais, a língua atualiza-se na *fala*, pois esta é “uma práxis individual concreta” (Biderman, 1978, p. 12). Polguère (2018, p. 26) define a fala como “instâncias de trocas languageiras” que envolvem ao menos dois sujeitos, isto é, o locutor e o destinatário. Para este autor, por meio de “eventos linguísticos”, informações são permutadas entre os indivíduos. À faculdade humana de aprender e de utilizar a língua (ou as línguas) para comunicar ideias dá-se o nome de *linguagem*. Ela relaciona-se, de maneira íntima, aos aspectos físicos, fisiológicos (aparelhos fonador e auditivo), psicológicos e sociológicos do uso da língua pelos seres humanos (Polguère, 2018).

Dissemos há pouco que a língua é um código composto de signos e regras de combinação de tais signos. Contudo, não explicitamos o que eles seriam. Saussure (2006 [1916]) assevera que o *signo linguístico* é uma entidade psíquica de duas faces: a face do significado (conceito) e a do significante (imagem acústica). As partes que constituem esse todo (signo) são indissociáveis, isto é, o plano do conteúdo (ideia) está intimamente unido ao plano da expressão (forma) (Saussure, 2006 [1916]).

Segundo Biderman (1998a, p. 179), “a referência à realidade extralinguística nos discursos humanos faz-se através dos signos linguísticos, ou unidades lexicais, que designam os elementos desse universo segundo o recorte feito pela língua e pela cultura correlatas”. O *léxico*, portanto,

é o lugar da estocagem da significação e dos conteúdos significantes da linguagem humana. Por outro lado, o léxico está associado ao conhecimento, e o processo de nomeação em qualquer língua resulta de uma operação perceptiva e cognitiva. Assim sendo, no aparato linguístico da memória humana, o léxico é o lugar do conhecimento sob o rótulo sintético de palavras – os signos linguísticos (Biderman, 1998a, p. 179; Biderman, 1996, p. 27-28).

É consenso entre pesquisadoras da lexicologia que, numa definição mais geral e tradicional, o léxico é o conjunto de todas as palavras de uma língua (Antunes, 2012; Basílio, 2000, 2011; Correia; Almeida, 2012) ou, ainda, o amplo repertório de itens lexicais à disposição dos seres humanos para atender às suas necessidades comunicacionais (Antunes, 2012). Diferentemente da gramática, um sistema fechado, o léxico é um sistema aberto, em constante expansão e de difícil delimitação: por se relacionar ao conhecimento do universo, o falante da língua e/ou a sua comunidade linguística são responsáveis pelo surgimento (criação), desaparecimento e reaparecimento de palavras, bem como pela mudança de significado delas, ao passo que seu conhecimento avança no decorrer do tempo (Biderman, 1978, 1998b; Antunes, 2012).

É importante dizer que, além das palavras, o léxico de uma língua abrange unidades bastante heterogêneas²²:

- a) unidades infralexicais de significação lexical (as *raízes*) – *mont*-(ar), *estrutur*-(ar), *dedic*-(ar), *facil*-, *cas*-(ar) – e unidades infralexicais de significação gramatical ou instrucional (os *afixos*) – *des*-(montar), *re*-(estruturar), (*dedica*)-*ção*, (*facil*)-(i)*dade*, (*casa*)-*mento* (Correia; Almeida, 2012);

²² Os exemplos fornecidos são nossos.

- b) lexias monossilábicas (*dor, três*), lexias simples (*banana, linguiça*), lexias compostas (*arco-íris, sofá-cama*), lexias complexas (*mercado negro, caixa preta*), expressões idiomáticas (*bater bifes, espancar o palhaço*) e provérbios (*quem não chora não mama, é dando que se recebe*) (Pottier, 1978; Biderman, 2005; Orsi, 2012);
- c) lexemas de valor lexical (palavras plenas) – COMER, DEFLORAR, MASTURBAR – e lexemas de valor gramatical (palavras gramaticais, vocábulos-morfema) – AS, ATÉ, DE, PARA, EM, MAS, COM, ENTRE, -LA, -LHE, -TE, -NO, etc. (Biderman, 1978, 1996).

Pode-se dizer ainda que o léxico é um sistema de dados em rede. Isso significa que ele é dinâmico, estruturado e regular: seus elementos componentes (ou seja, as palavras) são organizados por relações de sentido, sejam elas de causatividade, contrastividade, gradatividade, identidade, inclusão, interseção, etc. (Basílio, 2011; Polguère, 2018). Ademais, consoante Basílio (2011, n. p.), o léxico é um componente em expansão “ecologicamente correto”, posto que suas estruturas, isto é, os processos de formação de palavras (flexão, derivação, composição), possibilitam a formação de unidades lexicais com material já disponível, reduzindo a dependência da memória e garantindo a comunicação automática entre falantes.

Levando em conta o elo intrínseco entre a língua e os falantes, o léxico é, portanto, o componente linguístico que reflete, de maneira direta, a realidade econômica, política e sociocultural de certa comunidade linguística (Biderman, 1996; Orsi, 2012). Palavras recebem distintas avaliações a depender das classes sociais que as utilizam e, além disso, podem transitar entre a linguagem culta, isto é, serem de prestígio, e a linguagem comum, ou seja, tornarem-se vulgares (Orsi, 2012). De acordo com Orsi (2012), perscrutar o léxico propicia que conheçamos os costumes, os hábitos e a história de um povo.

Não é à toa que Biderman (1978, 1981, 1996) endossa que as mudanças socioculturais de determinado grupo linguístico contribuem para a preservação e reformulação de seu léxico. Para a autora, o acervo de signos linguísticos de um idioma resulta do processo experiencial e categorial realizado pelos seus falantes ao longo dos séculos e milênios na cultura em que estão inseridos. Ao discernir semelhanças e diferenças entre os elementos da experiência humana, sejam experiências resultantes da interação com o ambiente físico ou meio cultural, os indivíduos perpetuam, reelaboram e transmitem, de geração a geração, as unidades lexicais que lhes permitem pensar, exprimir seus sentimentos e ideias, e comunicar entre si.

Adotamos, portanto, um modelo estrutural do léxico e admitimos, à vista do que foi exposto e em conformidade com Abbade, que

língua e cultura são indissociáveis. A língua de um povo é um de seus mais fortes retratos culturais. Essa língua é formada por palavras que se organizam em frases para formar o discurso. Cada palavra selecionada nesse processo acusa as características sociais, econômicas, etárias, culturais, etc. de quem a profere. Sabemos de onde é uma pessoa no momento em que ela fala, pois cada povo tem a sua língua e sua história [...] o homem só existe histórico (*sic*) e socialmente quando houver linguagem para expressar essa história social. A linguagem faz parte da sua história. Essa linguagem é expressa por palavras e essas palavras irão constituir o sistema lexical de uma língua e, conseqüentemente, de um povo. Partindo dessa premissa, estudar o léxico de uma língua é abrir possibilidades de conhecer mais um pouco da história social do povo que a utiliza (Abbade, 2012, p. 141-142).

Passemos, agora, à problemática da definição de *palavra* e, a seguir, à da definição de *expressão fraseológica*.

1.1.2 Palavra

O conceito linguístico de *palavra* levanta problemas em Linguística (Basílio, 2011; Biderman, 1978, 1999; Correia; Almeida, 2012; Polguère, 2018). Para definir o que é uma palavra, e também identificá-la no nível discursivo, é necessário realizar a análise da(s) unidade(s) lexical(is) em cada língua individualmente (Biderman, 1978, 1999). Vários critérios podem ser usados para identificar o que seria uma palavra. Basílio (2011)²³, por exemplo, elenca os seguintes: (i) o critério gráfico – a palavra seria uma sequência de caracteres separados por espaços e/ou pontuação e equivaleria a uma sequência de sons que constitui um item lexical na língua (*Maria bebeu leite* x *#Maeulei bebte riaeu*²⁴); (ii) o critério morfológico – a palavra seria um composto estruturado de modo característico, em que seus elementos constitutivos possuem ordem fixa e são conectados uns aos outros de maneira rígida, impossibilitando mudanças de posição ou interferências de outros elementos (*bola-gato*, *curtição* x *#bola-muitogato*, *#çãocurti*); (iii) o critério flexional – a palavra seria unidade constitutiva do enunciado e poderia nele apresentar-se de diferentes formas (*José com-eu/-erá/-eria o Pedro*); (iv) a dicionarização – se a palavra está listada em um dicionário, é palavra da língua (*masturbar*, *transar*, *assediar*, etc.); (v) a natureza lexical ou formal da palavra – a palavra, se unidade lexical, é um lexema, e suas formas flexionadas são vocábulos (COMER = *comeu*, *comerá*, *comeria*, etc.), diferentemente, se unidade formal, é um vocábulo gramatical, pois não apresenta significado lexical (*em* = preposição, *mas* = conjunção, *ser* = verbo auxiliar); (vi) o critério semântico – a palavra seria uma unidade constituída de significação, apresentando significados

²³ Os exemplos fornecidos para todos os critérios são nossos.

²⁴ Lembremos que o símbolo (#) aponta para a perda de significado lexical ou sentido metafórico da palavra/expressão/sentença. É diferente do (*), que se refere à agramaticalidade de uma oração.

relacionados, um caso de polissemia (*língua* = ‘idioma’, *língua* = ‘órgão’), ou distintos, um caso de homonímia (Ele tem uma *arma* na cueca = substantivo, Ele *arma* a barraca todos os finais de semana = verbo); (vii) o critério fonológico – a palavra seria uma unidade fonológica (= vocábulo fonológico) composta de uma sequência fônica que acontece entre pausas potenciais ou, no caso do português, que exibe um padrão acentual assentado em tonicidade e duração ([a 'grã.dʒɪ 'ma.lə du.'mo.su 'tʃĩ.nə 'ʃe.ru 'dʒɪ a.'tũ 'po.dɾɪ])²⁵; e (vii) as formas livres e formas dependentes – a palavra seria uma forma não presa mínima, abarcando duas outras formas: a livre e a dependente; esta caracteriza-se pela dependência de uma outra forma para ocorrer, mas que não está rigidamente interligada a ela (*beija-flor*, *de repente*, *a* {mulher}, {mordê}-*lo*); aquela caracteriza-se pela capacidade de constituir-se, por si só, um enunciado ({O que ela é?} *sapatão*, {Diga-me sua fruta favorita.} *pêssego*, {O que você gosta de fazer?} *transar*).

Biderman (1978, 1999)²⁶, por sua vez, aponta três principais critérios para delimitar e definir a palavra: o fonológico, o gramatical (morfofossintático) e o semântico. Pelo critério fonológico, a palavra seria uma sequência fônica de emissão completa – remetendo-se sempre a um mesmo significado (['fu.deu]/['fo.deu] = *fodeu*, ‘teve ou manteve relações sexuais com alguém’) – que, após ela, a pausa é possível. Já pelo gramatical, a palavra seria um item lexical regido por regras morfofossintáticas, sendo sua classificação gramatical (em função dos marcadores morfofossintáticos que carrega) e função exercida na sentença os indicadores de sua unicidade. Pelo critério fonológico, temos cinco segmentos fônicos em *O João abusou da Maria*. No entanto, pelo critério morfofossintático, teríamos seis, pois *da*, uma locução prepositiva, é uma forma sincrética que equivale à duas classes gramaticais: a preposição *de* e o artigo definido *a*. Além disso, os artigos definidos *o* e *a* determinam os nomes *João* e *Maria* – sujeito e objeto indireto da oração, respectivamente –, sendo o contrário barrado pelas regras da língua portuguesa. Não menos importante, *abusou*, verbo da terceira pessoa do singular do

²⁵ Os pronomes clíticos átonos *-me*, *-te*, *-se*, *-o*, *-a*, *-lhe*, *-nos*, *-vos*, etc. fazem parte do vocábulo fonológico, pois, ao incorporarem-se aos verbos, são pronunciados. Do ponto de vista fonológico, os artigos, bem como as preposições, também se caracterizam como clíticos. Em se tratando destas, quando em expressões com valor adverbial, isto é, as locuções prepositivas, figuram-se unidades de significado: *abaixo de*, *de manhã*, *em frente a*, *junto de*, *por causa de*, etc. Todavia, clíticos e locuções apresentam problemas para a definição e delimitação de *palavra*. Locuções são morfológicamente unidas e não aceitam a interferência ou a mudança de posição de elementos: [#]*por muita causa de* (a inserção de *muita* afeta a composicionalidade semântica do todo lexical) e [#]*a frente em* (a permutação entre *a* e *em* também afeta o significado da unidade lexical). Diferentemente, os pronomes átonos e os artigos, por não fazerem parte da palavra morfológica, aceitam: *comeram-me* x *me comeram* (em que o pronome *me* pode ser anteposto ou posposto ao verbo) e *apertaram o peitoral de Matheus* x *apertaram o grande peitoral de Matheus* (em que o adjetivo *grande* pode ser intercalado entre o artigo e o substantivo). No primeiro caso, há uma inadequação entre os critérios morfológico e gráfico e, no segundo, entre os critérios fonológico e morfológico (Basílio, 2011).

²⁶ Os exemplos fornecidos para todos os critérios são nossos.

pretérito perfeito do indicativo, funciona como núcleo do predicado verbal. Finalmente, pelo critério semântico, a palavra seria uma unidade semântica indecomponível e mínima do discurso, portadora de significação autônoma: *berinjela, leitar, macetar, melões*, etc.

1.1.3 Expressão fraseológica

Conforme visto acima, se por *palavra* já notamos certa dificuldade em precisar seu conceito e sua delimitação, o mesmo ocorre com *expressão fraseológica*. Diferentes definições podem ser mencionadas, no entanto, nos circunscreveremos às estabelecidas por Biderman (1978, 2005) e Polguère (2018).

O que aqui tomamos por *expressão fraseológica* (doravante EF), seguindo Polguère (2018), também é conhecida por *expressão cristalizada*²⁷, *expressão idiomática*, *fraseologismo*, *idioma*²⁸, *idiotismo*, *unidade fraseológica*, dentre outras nomenclaturas. Biderman (1978, p. 133) assevera que as *expressões idiomáticas*, ou “idiotismos[,] são combinatórias de lexemas que o uso consagrou numa determinada sequência e cujo significado não é a somatória das suas partes”. Nas palavras da pesquisadora, a soma dos significados de cada um dos elementos constitutivos da expressão não remete ao significado do todo, ou seja, “esse tipo de sintagma léxico é indecomponível e, frequentemente, possui uma significação metafórica”.

Vejamos os exemplos de (1) a (3), com a EF *colocar a aranha para brigar* (‘fazer sexo lésbico’)²⁹:

- (1) Ana *colocou* a aranha para brigar.
- (2) Maria sabia que Ana *ia colocar* a aranha para brigar.
- (3) Maria temia que um dia Ana *colocaria* a aranha para brigar.

Segundo Biderman (2005), a sintaxe de uma sequência cristalizada pode se comportar da mesma maneira de uma sequência livre; de fato, percebe-se, acima, as variações de tempo e modo impostas pela concordância no que tange ao verbo *colocar*. No que se refere à semântica,

²⁷ Para Antunes (2012, p. 45-46, itálicos originais), nem todas as *expressões cristalizadas* são *idiomáticas*, apenas algumas. Consoante ela, as *expressões cristalizadas* são “usadas habitualmente sob a mesma forma ou composição” e distinguem-se das combinações livres, visto que não estão sujeitas à escolha de cada enunciador: “*com licença da palavra*”, “*feliz aniversário*”, “*quem diz o que quer ouve o que não quer*”, etc.

²⁸ Correia e Almeida (2012, p. 12-13, negritos e itálicos originais), por sua vez, definem **expressões idiomáticas** ou **idiomas** como aquelas que apresentam “um significado que não é calculável a partir da sua estrutura e dos seus componentes” e encontram-se “armazenadas na memória lexical, a par das outras palavras da língua [...]”: “*vender gato por lebre*”, “*engolir sapo*”, “*bater as botas*”, etc.

²⁹ Os exemplos fornecidos são nossos.

o sentido da combinatória *colocar a aranha para brigar* não é previsível levando em conta as suas partes: *colocar* (‘pôr; botar’), *aranha* (‘artrópode aracnídeo; tipo de animal invertebrado’) e *brigar* (‘bater corpo a corpo’).

Tanto a expressão cristalizada quanto o seu significado, ‘fazer sexo lésbico’, encontram-se registrados na memória dos indivíduos e fazem parte da herança cultural da nossa sociedade³⁰. Assim sendo, *colocar a aranha para brigar* é parte do acervo léxico do português e não concerne a uma combinatória lexical qualquer: seu verbo não pode ser analisado de acordo com as regras aplicáveis a frases superficialmente iguais e tampouco modificações expressivas podem ser nela realizadas (Biderman, 2005).

No caso em questão, vale mencionar que, dentre as variações possíveis (além das de tempo e modo verbais), a substituição por um verbo sinônimo *botar* (cf. *botar*³¹ *a aranha para brigar*), a mudança de posição de advérbios (cf. Ana *botou/colocou a aranha para brigar intensamente*, Ana *botou/colocou desde muito cedo a aranha para brigar*, Ana *sempre botou/colocou a aranha para brigar*) e a inserção de segmentos (cf. Ana, *uma única vez, botou/colocou a aranha para brigar*) podem ser elencadas (Biderman, 2005).

Consoante Biderman (2005), sequências livres são frases nas quais sujeito e complemento possuem distribuição livre, havendo apenas restrições e coerções impostas pela semântica; contrariamente, sintagmas cristalizados são frases da mesma natureza, mas em que um ou muitos dos argumentos (actantes) não variam lexicalmente. Realmente, os exemplos a seguir comprovam essa asserção: #*A parede colocou a aranha para brigar*, #*Sara colocou a lacraia para brigar*, #*Sara colocou a aranha para lutar*.

Biderman (2005, p. 749, itálicos e negritos originais) assevera que, contrariamente aos provérbios, que são mais gerais, as frases cristalizadas/idiomáticas, na terminologia da autora, só se aplicam em contextos (situações) particulares. Além disso, em consonância com ela, “não é fácil separar os *sintagmas cristalizados* de *formas intuitivamente frequentes* ou *em vias de lexicalização*”. Por conseguinte, uma vez que os falantes discordam quanto ao grau de cristalização e idiomaticidade das sequências complexas e os lexicógrafos não se baseiam em uma teoria lexical consistente para a conceituação de unidade lexical, justifica-se a não dicionarização delas em obras lexicais da língua portuguesa (Biderman, 2005).

³⁰ No entanto, não estamos assumindo que todos os falantes de português (brasileiro) conheçam a EF e o seu significado, mas que boa parte, sim. É bom lembrar, por exemplo, que ela já apareceu no cinema nacional, no filme *A Partilha*, na fala de Laura (Paloma Duarte): “Eu gosto de mulheres. Eu sou sapatão. Eu sou sargento, fanchona, lésbica. Eu colo velcro, eu gosto de *colocar a aranha para brigar*” (*A Partilha*, 2001).

³¹ É válido observar que nem todos os sinônimos para o verbo *colocar* são aceitáveis/intercambiáveis no contexto da EF: #*acomodar*, #*arrumar*, #*dispor*, #*situar*, dentre outros (cf. #*Eduarda arrumou a aranha para brigar*).

Aspecto interessante a ser considerado sobre as EF tange ao seu uso e funcionamento: por não estarem no nível do sistema linguístico, mas, sim, da norma linguística³², geralmente elas não se conformam ao princípio da oposição e negação (Biderman, 2005). Segundo Biderman (2005), somente uma das formas está registrada na memória coletiva: *dormir no ponto* (‘perder uma oportunidade; distrair-se’) x *#acordar no ponto, santo do pau oco* (‘indivíduo de caráter duvidoso, hipócrita; mentiroso’) x *#santo do pau cheio, estar de mão atadas* (‘não poder fazer nada em determinada situação’) x *#não estar de mãos atadas, não ter pé nem cabeça* (‘sem sentido; sem lógica’) x *#ter pé e cabeça*³³.

A impossibilidade de se passar do afirmativo ao negativo e vice-versa justifica-se, parcialmente, porque na EF o núcleo da significação não mais se limita ao verbo, expande-se a seus complementos; esse núcleo, portanto, desempenha papel central na interpretação idiomática da expressão (Biderman, 2005). Ainda de acordo com a autora, no que concerne à significação, diferentemente das colocações, que “são sequências semanticamente transparentes³⁴, formadas de itens lexicais que geralmente co-ocorrem” (cf. os exemplos (4) e (5)³⁵), as EF “são expressões semanticamente opacas cujo significado não depende do sentido de cada um de seus componentes” (cf. os exemplos (6) e (7)) (Biderman, 2005, p. 751).

(4) *tecer* [=A] *avaliações/comentários/considerações/críticas/elogios/intervenções* [=B]

(5) *alcançar/atender/atingir/cumprir/definir/traçar* [=B] (*ao, o, seu, um*) *objetivo* [=A]

(6) *bater um bolo* ‘masturbar-se’, *spancar o palhaço* ‘masturbar-se’

(7) *apagar a vela* ‘fazer sexo anal’, *queimar a rosca* ‘fazer sexo anal’

³² A norma linguística é “o consenso comum dos usos linguísticos”; “a média dos usos frequentes [de determinados signos linguísticos] aceitos pela comunidade” (Biderman, 1978, p. 6). Baseando-se em E. Coseriu, Biderman (1978, p. 18, itálicos originais) também expõe que ela é “um sistema de realizações obrigatórias, de imposições sociais e culturais e varia segundo a comunidade”. Divide-se em “uma norma geral – a da sociedade global ou da nação – e as normas parciais, regionais, ou as normas dos grupos minoritários dentro da comunidade”. Reconhece-se, além disso, “a presença da norma nos diferentes níveis de análise linguística: fonético, morfológico, sintático e léxico”.

³³ Os exemplos fornecidos são nossos.

³⁴ Discordamos de Biderman (2005) no que se refere à semântica das colocações. Ao nosso ver, e em concordância com Polguère (2018), as colocações são parcialmente transparentes. Se tomarmos o exemplo em (4), podemos verificar um sentido figurado existente na base da colocação (*tecer*). O próprio dicionário Houaiss corrobora a nossa afirmação sobre o item lexical em questão: “13 bit. (prep.: a, sobre); fig. expressar (algo) verbalmente; dizer, proferir (t. elogios a alguém) (t. comentários sobre um fato)”. O mesmo ocorre com um dos colocados em (5): *atingir* – “2 t.d.; fig. alcançar, conseguir (um objetivo) (rapidamente atingiu suas metas)”.

³⁵ Ambos os exemplos (*base da colocação* [=A] + *colocados* [=B]) foram atestados nos corpora da Linguatca (Santos; Sarmiento, 2002). A representação que aqui utilizamos baseia-se em Polguère (2018). Maiores detalhes logo abaixo.

Em conformidade com Biderman (2005), assentimos que, apesar de serem lexicalmente complexas, as EF deveriam ser reconhecidas como unidades lexicais simples e mínimas. Além do mais, elas “são expressões irregulares cuja distribuição e interpretação não podem ser explicadas a partir de uma análise composicional e com base nas regras gerais da língua” (Biderman, 2005, p. 752).

Para finalizar, trazemos a síntese da pesquisadora no que diz respeito às combinatórias cristalizadas:

as EIs [expressões idiomáticas] de uma língua exibem uma enorme heterogeneidade. Do ponto de vista da sua natureza, esse tipo de *combinatória lexical* é fruto da cultura [...] É preciso enfatizar que a questão das EIs nos remete ao domínio da norma e não da língua. Assim sendo, as EIs são aprendidas de cor como se aprende o vocabulário do idioma e elas fazem parte do acervo da cultura e não do sistema linguístico. Por outro lado, sabemos que estas EIs vão sendo armazenadas na memória individual e na memória coletiva e passam a fazer parte do léxico da língua. Entretanto, e infelizmente, raramente elas foram registradas nos dicionários da língua como seria desejável [...] as EIs podem ser consideradas como uma lista de irregularidades fundamentais de um idioma e de uma norma linguística [...] Lembremos ainda que as EIs são sintagmas que não têm paradigmas³⁶ (Biderman, 2005, p. 756, itálicos e negritos originais).

Polguère (2018), por sua vez, esclarece que as EF (ou *expressões idiomáticas*) são expressões não livres, ou seja, expressões linguísticas cuja combinação dos signos linguísticos que as constituem não é realizada pelo locutor (tratam-se de sintagmas pré-fabricados e de significado não composicional). Nas palavras do autor, elas se distinguem das expressões livres, visto que nestas “o locutor seleciona cada um dos elementos da expressão separadamente para exprimir os respectivos significados. Em outros termos, a escolha de um elemento particular não depende da escolha de nenhum outro” (Polguère, 2018, p. 62-63).

As EF são consideradas pelo pesquisador supracitado como *locuções* e diferenciam-se, pois, das *colocações*. A *colocação* caracteriza-se como um sintagma semifraseológico (AB ou BA) em que o locutor seleciona um dos elementos de maneira livre e segundo o seu sentido (chamado *base da colocação* [=A]) e, ao mesmo tempo, escolhe o outro de maneira restrita e em

³⁶ Não é muito precisa esta afirmação da autora, visto que ela mesmo declara que “a sintaxe desta sequência cristalizada [*bater as botas*] não difere da sintaxe de uma sequência livre” (Biderman, 2005, p. 748, itálicos e negritos originais). Indubitavelmente, encontramos paradigma flexional para verbos de EF e para seus sujeitos e complementos (cf. “[...] *mulheres* com as unhas bem cortadas *botam* logo *as aranhas* para *brigarem* entre si” (Campos, 2024, *on-line*)). Em termos de relações paradigmáticas (eixo vertical), algumas EF possuem, por exemplo, “sinônimas” (cf. *abotoar o paletó, vestir o paletó de madeira, comer capim pela raiz* = ‘morrer’). Finalmente, como já mostramos, em alguns casos, é possível substituir elementos dentro da própria EF: *colocar/botar a aranha para brigar*. Oliveira (2022), em sua tese de doutoramento, ao estudar os fraseologismos compostos por *homem* e *mulher* no português brasileiro, também comprova que as EF apresentam a possibilidade de permuta do nome núcleo e, conseqüentemente, variam lexicalmente: *homem de pulso* ou *mulher de pulso* ou, ainda, *indivíduo de pulso* servem todas para caracterizar uma ‘pessoa enérgica’, contrariando a defesa em prol da rigidez destas unidades fraseológicas.

função do sentido do primeiro elemento selecionado (denominado *colocado* [=B]) (cf. os exemplos (8) e (9)³⁷). A *base*, portanto, controla o *colocado*, e não o inverso. A *locução*, por sua vez, configura-se como uma junção de sintagmas congelados, semanticamente não composicionais, que somente se distinguem pela flexão³⁸ (cf. os exemplos (10) e (11)). Funciona, assim, como um todo lexical e é tida como uma entidade aparentada ao lexema (Polguère, 2018, p. 58-59 e 62).

(8) *implementar* [=A] *ações/medidas/políticas/programas/projetos/reformas* [=B]

(9) *apoiar/coordenar/desenvolver/divulgar/promover* [=B] (*a, uma*) *iniciativa* [=A]

(10) *afogar o ganso* ‘transar’, *molhar o biscoito* ‘transar’

(11) *chupar manga* ‘fazer sexo oral’, *engolir a espada* ‘fazer sexo oral’

De acordo com Polguère (2018), o grau de rigidez (ou coesão interna) e a lexicalização das locuções podem variar: há algumas que são menos ou mais rígidas e parcialmente ou totalmente lexicalizadas. Esta afirmação alinha-se à de Biderman (2005), quando a autora relata sobre as modificações possíveis de se realizar nas EF: variações de tempo e modo estabelecidas pela concordância, mudanças de posição de advérbios e inserções³⁹.

Tanto as colocações quanto as locuções fazem parte da *fraseologia* de uma língua, isto é, “o conjunto de todas as expressões não livres dessa língua” (Polguère, 2018, p. 63). Enquanto as colocações são sintagmas semifraseológicos, ou seja, sintagmas em que, na sua construção, o locutor seleciona apenas um dos elementos de maneira livre e o outro de maneira restrita, as locuções são sintagmas fraseológicos, isto é, sintagmas congelados que não são construídos pelo locutor, são apenas selecionados por ele como conjuntos lexicais pré-construídos (Polguère, 2018). Em suma, as colocações são semanticamente composicionais (mesmo que de maneira parcial) e as locuções são não semanticamente composicionais.

Como pôde ser visto na subseção anterior e nesta, identificar e definir as unidades que compõem o léxico é uma tarefa bastante complexa. Todos os critérios apresentados possuem

³⁷ Ambos os exemplos (*base da colocação* [=A] + *colocados* [=B]) foram atestados nos *corpora* da Linguateca (Santos; Sarmiento, 2002).

³⁸ Adotaremos como *flexão* o processo morfológico em que certos itens nominais, verbais, adjetivais e pronominais podem adquirir morfemas (afixos, desinências) de número (singular, plural), gênero (masculino, feminino), grau (aumentativo, diminutivo, comparativo, superlativo), caso (nominativo, acusativo), tempo (passado, presente, futuro), modo (indicativo, subjuntivo, imperativo), aspecto (perfectivo, imperfectivo) ou voz (ativa, passiva, reflexiva).

³⁹ Biderman (2005) e Polguère (2018) citam, em seus trabalhos, as *locuções gramaticais* (adjetivais, *sem piedade* (= *impiedoso*); advérbias, *a qualquer momento*; nominais, *lua de mel*; prepositivas, *em frente de*; verbais, *vai mamar*; etc.); todavia, por fugirem do escopo do nosso estudo, não trataremos delas aqui.

suas limitações e as autoras e o autor muitas vezes convergem, mas também divergem em suas conceituações. Em função disso, a Lexicologia, que já afirmamos ser a ciência que se destina ao estudo dos itens lexicais de uma língua, cunhou termos que tentam, dentro de seus limites, fornecer certa precisão no momento da descrição do léxico⁴⁰. Nesse sentido, para balizarmos o problema de *palavra e expressão*, adotamos os seguintes termos e suas respectivas definições:

Quadro 1 - Termos da Lexicologia e suas respectivas definições (e exemplificações)⁴¹

Termo	Definição	Exemplo(s)
<i>Léxico</i>	Repertório das unidades significativas de uma língua (Orsi, 2012).	-
<i>Lexema</i>	Unidade léxica abstrata de uma língua (Biderman, 1978); seu sentido básico é exprimível por um conjunto de formas flexionadas que constituem um paradigma (Biderman, 1996); é grafado em versalete.	COPULAR, AFOGAR O GANSO
<i>Lexia</i>	Forma do <i>lexema</i> que se manifesta no discurso (Biderman, 1978); pode ser tanto um <i>lexema</i> quanto uma <i>locução</i> (Polguère, 2018); é grafada em itálico.	<i>copulo, copulei, copula, copulou, copulam, copularam, etc.</i> ou <i>afogo o ganso, afoguei o ganso, afoga o ganso, afogou o ganso, afogam o ganso, afogaram o ganso, etc.</i>
<i>Lexia simples</i>	<i>Lexia</i> formada de apenas um elemento constituinte (Biderman, 1978); equivale, <i>grosso modo</i> , à <i>palavra</i> tradicional (Pottier, 1978).	<i>coco, lubrificante, mamão, piranha, rameira, etc.</i>
<i>Lexia complexa</i> ⁴²	<i>Lexia</i> que apresenta diferentes “graus de aglutinação” entre os seus elementos constituintes, podendo variar entre “perfeitamente soldada” ou “com forte índice de coesão interna” (Biderman, 1978, p. 131).	<i>caixa eletrônico, guarda-chuva, meio-dia, salto-mortal, planalto, fidalgo, aguardente, buraco negro, etc.</i>
<i>Unidade lexical</i>	O m. q. <i>lexia</i> (Polguère, 2018).	(cf. os exemplos em <i>Lexia</i>)
<i>Vocabulário</i> ₁	Conjunto das <i>lexias</i> encontradas em um determinado registro linguístico (Biderman, 1978), por exemplo, o <i>vocabulário</i> de uma obra de Graciliano Ramos.	<i>Baleia, bolandeira, gibão, jirau, juazeiros, preás, seixos, soldado, xiquexiques, etc.</i>
<i>Vocabulário</i> ₂	Subconjunto de <i>lexias</i> que um (grupo de) indivíduo(s) domina (Polguère, 2018), como o <i>pajubá</i> ⁴³ .	<i>amapoa</i> ‘vagina’, <i>coió</i> ‘surra’, <i>edi</i> ‘ânus’, <i>mitorô</i> ‘urina’, <i>neca</i> ‘pênis’,

⁴⁰ Utilizar-se da língua para descrever a própria língua, isto é, uma atividade de metalinguagem, não é nada fácil. A língua é uma ferramenta essencial à comunicação humana, descrevê-la exige reflexão sobre sua estrutura e seu funcionamento e, também, sobre os significados das palavras e das regras que a constituem enquanto tal. Isso, portanto, envolve um nível de abstração e análise que nem sempre é intuitiva aos seus falantes (e pesquisadores).

⁴¹ Os exemplos fornecidos são nossos.

⁴² Biderman (1978) não faz distinção entre a *lexia composta* e a *lexia complexa*, face à dificuldade de estabelecer se determinada sequência já é um *lexema* em língua ou apenas uma combinação de palavras muito recorrente na fala. Além disso, para ela, a ortografia, no caso, o hífen, não é usado regularmente em todas as *lexias* complexas, o que ocasiona obstáculos na delimitação das *lexias*. Pottier (1978, p. 269), diferentemente, define esta como “o resultado de uma integração semântica, a qual se manifesta formalmente” e aquela como “uma sequência em vias de lexicalização, a vários graus”. Em concordância com Biderman, optamos por sua classificação.

⁴³ Se linguagem é a faculdade humana que permite as pessoas utilizarem a língua – instrumento de comunicação privilegiado, composto de signos linguísticos convencionais e simbólicos e regras de combinação de tais signos – , *lexias* do *pajubá* não se tratam de um subconjunto do léxico de uma língua e nem é uma linguagem. O *pajubá* não é uma língua pelos seguintes critérios: (i) não é falada por um grande número de pessoas situadas em um território geográfico; (ii) não possui *status* oficial, ou seja, não é uma língua nacional utilizada em documentos oficiais, legislativos, educacionais, etc.; (iii) apesar de apresentar uma identidade cultural, não está majoritariamente vinculada à tradição e história nacional do país; e (iv) não possui morfossintaxe própria, uma vez que se vale das regras estruturais do português brasileiro (até mesmo as unidades lexicais do *pajubá* passam por mudanças de significado) (para características estruturais do *pajubá*, cf. Rei, 2014; sobre o caráter nacional de uma língua, cf. Biderman, 1978). Tampouco é um dialeto, uma vez que não é falado de modo representativo por uma

		<i>oxanã</i> ‘cigarro’, <i>picumã</i> ‘peruca’, <i>quati</i> ‘ladrão’, <i>uó</i> ‘ruim’, etc.
<i>Vocábulo</i>	<i>Lexia</i> ocorrente em um texto (Antunes, 2012); ou <i>lexia</i> que um (grupo de) indivíduo(s) domina (Polguère, 2018).	<i>alpercatas</i> , <i>chocalhos</i> , <i>lampião</i> , <i>querosene</i> , <i>sucupira</i> , <i>aquendar</i> ‘esconder o pênis’, <i>bajé</i> ‘sangue’, <i>edi</i> ‘ânus’, <i>padê</i> ‘cocaína’, <i>picumã</i> ‘peruca’, <i>taba</i> ‘maconha’, etc.
<i>Sintagma</i>	Sequência linear de elementos ⁴⁴ interconectados de maneira direta ou indireta por relações sintáticas (Polguère, 2018).	<i>a estrada</i> , <i>chupar pirulito</i> , <i>na cama</i> , etc.
<i>Expressão idiomática</i>	<i>Lexemas</i> combinados em determinada sequência e assim cristalizados pelo uso; seu significado é não composicional e, muitas vezes, metafórico; o m. q. <i>idiotismo</i> ou <i>sintagma léxico</i> (Biderman, 1978).	<i>tirar leite da mandioca</i> , <i>dar a ré no quibe</i> , <i>pular o corregozinho de costas</i> , <i>amansar a xana</i> , etc.
<i>Locução</i>	Entidade da língua que se assemelha ao <i>lexema</i> ; constitui-se de sintagmas congelados, não transparentes semanticamente (funcionando, assim, como um todo lexical), que se diferenciam apenas pela flexão; o m. q. <i>sintagma fraseológico</i> (= não livre) (Polguère, 2018).	<i>afogar o ganso</i> , <i>bater uma bronha</i> , <i>colar velcro</i> , <i>descabelar o palhaço</i> , <i>fritar o pastelzinho de pelos</i> , <i>molhar o biscoito</i> , etc.
<i>Expressão livre</i>	Expressão linguística que, em sua construção, cada um dos signos linguísticos que a constitui é livremente selecionado pelo locutor e exprime seu próprio significado (Polguère, 2018).	<i>uma grande melancia</i> , <i>beber um copo d’água</i> , etc.
<i>Expressão não livre</i>	Expressão linguística não construída pelo locutor; constitui-se da união de sintagmas congelados, semanticamente opacos, e selecionados por ele como conjuntos lexicais pré-fabricados (Polguère, 2018).	<i>lamber o carpete</i> , <i>dar bom dia ao coelhinho</i> , <i>chupar o grelhinho de diamante</i> , etc.
<i>Expressão fraseológica</i>	O m. q. <i>expressão idiomática</i> e <i>expressão não livre</i> . (Polguère, 2018).	(cf. os exemplos em <i>Locução</i> e <i>Expressão não livre</i>)
<i>Termo</i>	<i>Lexia</i> exclusiva de um(a) arte, ciência, ofício ou profissão; é usada em situações (contextos) específicas e, mesmo fora delas, sua significação é garantida; pode ser constituída de um ou mais elementos (Abbade, 2012).	<i>expressão idiomática</i> , <i>idiotismo</i> , <i>lexema</i> , <i>lexia</i> , <i>locução</i> , etc.

Fonte: Elaboração própria.

Compreende-se, pelos termos acima, que explorar o léxico não é uma tarefa fácil. Entretanto, ao assim proceder, pesquisadores não colaboram apenas para a Linguística, mas, também, para a cultura e a sociedade de certa comunidade, uma vez que o léxico é o acervo das entidades significantes (e de seus respectivos significados) que trazem impregnadas em si juízos de valor, estereótipos, crenças, tradições e identidades.

Relatamos, mesmo que sem fazer jus à extensa bibliografia sobre a temática, ou de maneira sucinta, os principais critérios e alguns dos problemas relacionados à tentativa de reconhecer e traçar os limites de *palavra* e *expressão*. Passemos à próxima subseção, que se centra na caracterização de *campo semântico* e *onomasiologia*.

comunidade delimitada geograficamente, atribuindo-lhe particularidades e personalidades próprias (cf. Biderman, 1978; Coelho *et al.*, 2015).

⁴⁴ No lugar de *elementos*, Polguère (2018, p. 51-52 e 56) utiliza o termo “*formas de palavra*”. Esta distinção não nos é aqui relevante, levando-nos a optar, pois, por aquele e não este.

1.1.4 Campo semântico e onomasiologia

Já esclarecemos anteriormente que o léxico é um componente dinâmico, estruturado e regular. Por toda a nossa vida, adquirimos novos itens lexicais, abandonamos alguns e ressignificamos outros. Aprendemos, de modo mais ou menos regular e consciente, em quais contextos utilizá-los, quais podem ou não substituí-los, quais valores (culturais, econômicos, ideológicos, morais, políticos, religiosos, sociais, etc.) eles carregam, a que grupos se vinculam e, não menos importante, o prestígio atribuído a cada um deles.

A associação entre certas unidades léxicas e determinado (conjunto de) indivíduo(s) é tão explícita que, ao escutá-las ou lê-las, conseguimos imaginar (vez ou outra com bastante certeza) as características de quem as utiliza. Ilustremos com um exemplo fácil: suscita-se, quase que de modo automático, o perfil social de quem profere lexias complexas como *cidadão de bem*, *Deus*, *pátria e família*, *ideologia de gênero*, *kit gay*, *livros do PT*, *mamadeira de piroca*⁴⁵, entre outras. Dentre as possibilidades, esse sujeito pode ser a favor, contra ou até mesmo o próprio *Aquele-que-não-deve-ser-nomeado*, *Bozo*, *Capitão Cloroquina*, *O imbrochável*. Logo, determinadas lexias funcionam como sinalizadores sociais.

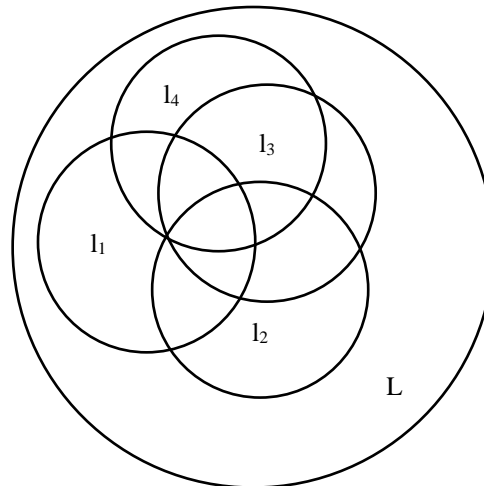
Biderman (1978, p. 139) estava certa ao afirmar que o universo semântico de uma língua “se estrutura em torno de dois polos opostos: o indivíduo e a sociedade”. Na concepção da pesquisadora, “dessa tensão em movimento se origina o Léxico”. Certo sujeito, vinculado a uma comunidade linguística, possui o seu léxico total l_1 , assim como outros possuem, individualmente, um léxico total l_2 , l_3 , l_4 e assim sucessivamente. As intersecções existentes entre esses acervos individuais são as responsáveis por permitir que tais sujeitos comuniquem entre si, dado que esses acervos são só parcialmente semelhantes. O Léxico global (L) de um idioma trata-se, portanto, da somatória do léxico de cada um desses sujeitos:

$$L = l_1 + l_2 + l_3 + l_4 + \dots + l_n.$$

⁴⁵ Obviamente, além dos itens lexicais, o contexto de produção do enunciado (oral ou escrito) e/ou o conhecimento prévio sobre o locutor oferecem pistas sobre seu perfil pessoal e social. As lexias tomadas como exemplo adquirem valores ideológicos, sociais, políticos, estilísticos, etc., a depender de se são proferidas em uma palestra ou em uma reunião na Câmara dos Deputados, ou se são proferidas por um ator, professor e *drag queen* ou por um deputado federal de direita e filiado ao *Partido Liberal*. Portanto, elas podem sinalizar indivíduos com perfis completamente distintos, mas que remetem a um campo nocional em comum.

Em outras palavras, o Léxico global é a junção das parcelas lexicais individuais dos membros da sociedade que fala a língua em questão (Biderman, 1978), conforme representa a Figura 1:

Figura 1 - Léxico global e léxicos parciais



Fonte: Biderman, 1978, p. 140.

Ainda de acordo com Biderman (1978, p. 141), a memória dos indivíduos é a responsável por registrar, de maneira ordenada, o sistema lexical de sua língua: “quando nós queremos lembrar de um vocábulo, desencadeia-se um processo [mnemônico] que nos fornece normalmente, em série, várias palavras que integram um mesmo subsistema léxico, ou então um determinado campo semântico”. Dentre as associações semânticas entre vocábulos evocadas pela memória, cita-se a antonímia (*quente x frio*)⁴⁶, a sinonímia (*grande = avantajado, comprido, extenso*), a hiperonímia (*guloseima*), a hiponímia (*bala, chiclete, pirulito*) e aquelas referentes à similaridade formal entre palavras *fresco, frescor, frescura, refrescar, refrescante*, etc. (Biderman, 1978).

Em se tratando da significação, toda lexia da língua compreende uma rede de sentidos, que pode ser extensa ou não. Às unidades lexicais que fazem parte dessa rede dá-se o nome de *campo semântico* dessa lexia (Biderman, 1978). Consoante Biderman (1978, p. 151), definir limites exatos de uma área léxica e reconhecer nela todas as variações possíveis de sentido é bastante dificultoso, uma vez que as lexias que fazem parte do campo semântico “registram numerosas nuances de sentido, compondo um amplo leque de significados afins”.

Visto que nosso trabalho não é de cunho lexicográfico, mas sim lexicológico, não daremos enfoque aos problemas da significação (e conseqüentemente dos campos semânticos) na ordenação de vocábulos (cf. Biderman, 1978, capítulo 9; e Polguère, 2018, capítulo 8, para

⁴⁶ Os exemplos fornecidos são nossos.

tal). Temos ciência de que, de modo similar, esta problemática se aplica também à estruturação do léxico⁴⁷, se pensarmos que ele está em constante ampliação e ressignificação.

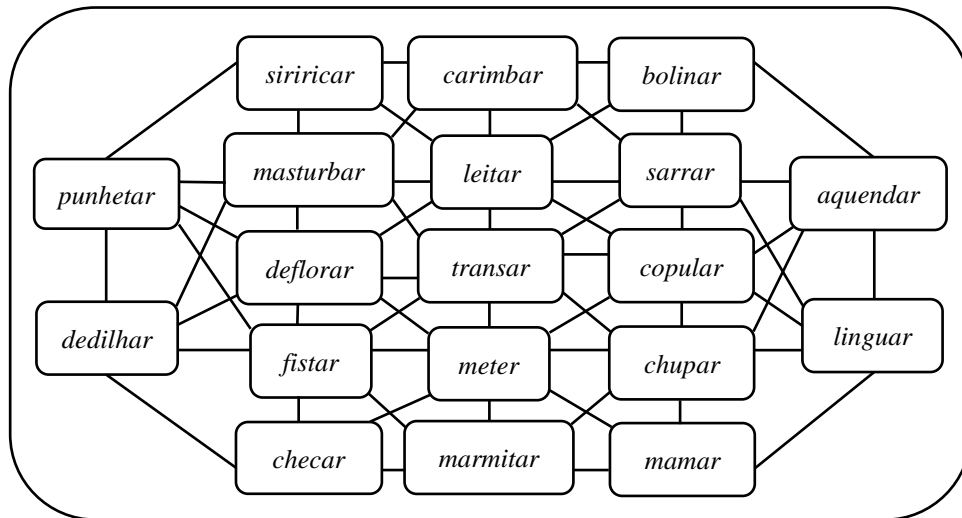
A caracterização de Biderman (1978) é análoga à de Polguère (2018, p. 197-198), já que, para este pesquisador, *campo semântico* é um agrupamento de unidades lexicais cujas definições possuem em comum um mesmo sentido, que remete a um mesmo domínio, e formam um conjunto de lexias “aparentadas”, isto é, pertencentes a uma mesma “família semântica”. Além disso, salienta o autor, uma mesma lexia pode fazer parte de mais de um campo semântico (cf. *mamar*, que pode pertencer ao campo semântico da alimentação – o bebê deverá *mamar* de duas em duas horas – ou ao campo semântico do ato sexual – Caio disse que ia *mamar* o *boy* a noite toda) e em um mesmo campo pode haver lexias de classe de palavras distintas (por exemplo, substantivos e verbos).

Em vista do que foi exposto, o campo semântico referente ao ato sexual reuniria unidades lexicais tais como *aquendar*, *bolinar*, *carimbar*, *checar*, *chupar*, *copular*, *dedilhar*, *deflorar*, *fistar*, *linguar*, *leitar*, *mamar*, *marmitar*, *masturbar*, *meter*, *sarrar*, *siriricar*, *transar*, etc., pois elas partilhariam, da mesma maneira, o sentido ‘executar atividade sexual’.

Na Figura 2, apresentamos, apesar das limitações, (algumas das) lexias que compartilham uma rede de sentidos relacionados ao domínio do ato sexual, caracterizando, assim, o campo semântico⁴⁸ que estamos estudando:

⁴⁷ Novamente, é bom frisar que defendemos um modelo ativo, organizado e ordenado do léxico. No entanto, como todo sistema, devemos considerar as idiossincrasias que lhe são próprias, ainda mais este que é tão interligado à semântica e depende dos sentidos denotativos, conotativos, metafóricos e metonímicos dos itens lexicais que o compõem e que variam de contexto para contexto (sintático-semântico-pragmático).

⁴⁸ Biderman (1984) não faz distinção entre *campo semântico* e *campo léxico*, ou seja, considera-os termos sinônimos. Abbade (2011, p. 1332; 2012, p. 151-152, itálicos originais), por sua vez, assevera que “os *campos lexicais* representam uma estrutura, um todo articulado, onde há uma relação de coordenação e hierarquia articuladas entre as palavras que são organizadas à maneira de um mosaico: o *campo léxico*. Nesse sentido, as palavras que ocupam determinado campo estão individualmente determinando seus significados pelo número e pela situação. As palavras são organizadas em um campo com mútua dependência, adquirindo uma determinação conceitual a partir da estrutura do todo. O significado de cada palavra vai depender do significado de suas vizinhas conceituais. Elas só têm sentido como parte de um todo, pois só no campo terão significação. Assim, para entender a lexia individualmente é necessário observá-la no seu conjunto de campo, pois fora desse conjunto não pode existir uma significação, uma vez que a mesma só existe nesse conjunto e em sua razão. Ela não tem sentido se lhe faltam outras semelhantes ou opostas, pois necessita sempre de um *campo conceitual*”. Haja vista a definição da pesquisadora, compreende-se que *campo lexical* é empregado em casos de um *corpus* limitado ou já preestabelecido, por exemplo, um conjunto de processos que tratem do estupro, em que neles haverá um conjunto de itens lexicais que estabelecem seus significados a partir das relações de similitude e contraste que mantêm entre si no interior do campo. Nesse contexto, cada lexia adquire significação não de forma isolada, mas como parte de uma estrutura articulada, em dependência mútua com as demais lexias do mesmo conjunto.

Figura 2 - Campo semântico do ato sexual

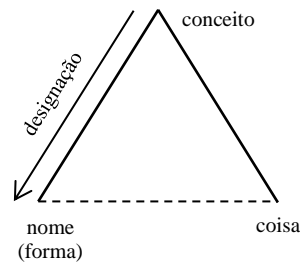
Fonte: Elaboração própria.

Um modelo tridimensional talvez representasse de maneira mais satisfatória as conexões que os itens lexicais do campo semântico mantêm reciprocamente uns com os outros. Acima, o sentido em comum partilhado por eles é o ‘executar atividade sexual’, reportando ao domínio do ato sexual e agrupando-os. Claro, todos eles possuem traços de sentido que lhes são próprios, pois os itens lexicais da língua têm distintas definições, mas há aquela(s) significação(ções) que os aproximam pela familiaridade, reunindo-os.

Aliás, o sentido é um componente importante na formação de conjuntos e na estruturação do léxico de uma língua. Se se parte de um certo significado (conceito) para encontrar os diversos significantes (formas) que o designam, adota-se o método da *onomasiologia*; inversamente, se se parte de uma certa forma (significante) para delimitar os conceitos (significados) que a traduzem, adota-se o método da *semasiologia* (Baldinger, 2001 [1966]).

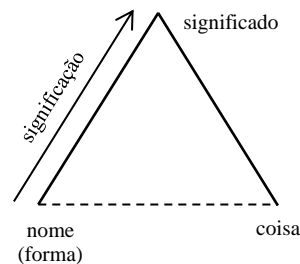
A onomasiologia – que trabalha com o campo das designações –, partindo de um conceito, objetiva levantar todas as formas que a ele podem ser associadas. Desse modo, a designação parte da ideia para atingir o nome, fundamentando-se, à vista disso, no princípio da sinonímia⁴⁹:

⁴⁹ É importante mencionar que o nome (forma) conecta-se à coisa por meio do conceito (Baldinger, 2001 [1966]).

Figura 3 - Esquema referente à designação

Fonte: Baldinger, 2001 [1966], p. 28.

A semasiologia – que atua com o campo das significações –, partindo de uma forma, pretende suscitar todos os conceitos que a ela podem ser circunscritos. Dessa maneira, a significação parte do nome para alcançar a ideia, baseando-se, conseqüentemente, no princípio da polissemia:

Figura 4 - Esquema referente à significação

Fonte: Baldinger, 2001 [1966], p. 28.

Sendo a onomasiologia e a semasiologia complementares (interdependentes) entre si, ambos os métodos são valiosos no estudo de como se estrutura o léxico da língua: este é tomado como característico da Lexicografia, enquanto aquele é próprio da Lexicologia (Biderman, 1978). Todavia, em consonância com Baldinger (2001 [1966], p. 36), “a língua vive apenas pelo homem. Um inquérito semasiológico e onomasiológico não passará de um esqueleto se não for completado pelas relações humanas, pelas questões históricas, culturais, sociológicas e econômicas”.

Além do mais, segundo o autor,

a onomasiologia visualiza os problemas sob o ângulo do que **fala**, daquele que deve escolher entre diferentes meios de expressão. A semasiologia focaliza os problemas sob o ângulo do que **ouve**, do interlocutor que deve determinar a significação da palavra que ele entende dentre todas as significações possíveis (Baldinger, 2001 [1966], p. 30, negritos originais).

Isso posto, para o conceito ‘ato sexual entre dois homens’, pode-se arrolar as seguintes designações: *apagar a vela, bater espadas, briga de sabres, dar a ré no quibe, duelar, empalar,*

pular o corregozinho de costas, queimar a rosca, sodomizar, etc. Todas essas lexias erótico-obscenas são, de certa maneira, sinônimas (vale salientar a inexistência de sinônimos perfeitos, posto que os múltiplos contextos em que uma unidade lexical aparece acarretam em suas pequenas nuances de sentido (Antunes, 2012)). Para compreendê-las, é necessário que locutor e destinatário estejam em um contexto apropriado, as conheça e também seu significado.

Expostas as noções de *campo semântico* e *onomasiologia*, dediquemo-nos, na subseção 1.1.5, ao caráter relacional entre *palavra* e *coisa*.

1.1.5 O caráter relacional entre *palavra* e *coisa*

O tabu linguístico está essencialmente interligado à natureza relacional (mais ou menos) direta que a palavra-tabu e a coisa-tabu mantêm entre si. Parece que, ao proferir o vocábulo proibido, recupera-se, quase que de imediato, a imagem/presença daquilo que é fruto da proscrição. Desta forma, julgamos necessário, para se entender tal questão, explorar o caráter relacional entre a *palavra* e a *coisa* que ela designa.

Biderman (1998b) aponta a existência de três dimensões da palavra: (i) a dimensão mágica e religiosa, (ii) a dimensão cognitiva e (iii) a dimensão linguística. Cada uma delas retrata a complexidade dessa entidade tão indispensável à linguagem humana. É sempre bom lembrar que, sendo as palavras a matéria-prima que alimenta a linguagem, sem o léxico, ou seja, o repertório delas, não haveria língua, o que o coloca em pé de igualdade com a gramática.

No que se refere à dimensão mágica e religiosa da palavra, em consonância com a autora, diversas culturas e religiões acreditam que a linguagem foi a responsável por ordenar o caos primevo e transformá-lo em um cosmos significante. Recorrendo aos seus mitos, cada cultura organiza esse caos primitivo e neles a palavra exhibe uma força cabalística, mágica, sagrada, transcendental, capaz de formar uma realidade munida de poder. Tais mitos retratam os segredos e as essências ocultas na palavra instauradora do universo (Biderman, 1998b).

Realmente, a palavra foi/é tida, desde tempos antigos, na crença do homem primitivo e na de aborígenes, egípcios, indígenas, judeus, reis e chefes de sociedades arcaicas, parte integrante do objeto que ela designa. Não era/é meramente sinal prático, convencional, para remeter à coisa, mas sim parte integrante, a alma da própria coisa. Ao pronunciar o seu nome, evoca(va)-se a sua presença. Essa relação não acidental, profunda, mágica, poderosa e inexplicável entre palavra e coisa foi/é a responsável por diversas superstições, maldições, invocações, feitiços e encantamentos (Correia, 1927; Guérios, 1956, 1979; Ogden e Richards, 1976; Kröll, 1984; Monteiro, 1986; Biderman, 1998b; Lara, 2006).

Existe também, em muitas tradições da humanidade, a convicção de que as culturas, sem exceção, se originaram de uma palavra criadora (a mesma que instituiu a linguagem), a qual abriu ao homem o espaço para ele se manifestar, palavra esta proferida em tempos antiquíssimos por um poder divino (Biderman, 1998b). Cita-se aqui, a exemplo, o mito da instituição do mundo através da palavra criadora de Deus (*Gênesis*, cap. 1, vers. 1-5 e 26):

¹ No princípio, Deus criou os céus e a terra.

² A terra estava informe e vazia; as trevas cobriam o abismo e o Espírito de Deus pairava sobre as águas.

³ Deus disse: *Faça-se a luz!* E a luz foi feita.

⁴ Deus viu que a luz era boa, e separou a luz das trevas.

⁵ Deus chamou à luz DIA, e às trevas NOITE. Sobreveio a tarde e depois a manhã: foi o primeiro dia.

[...]

²⁶ Então Deus disse: *Façamos o homem à nossa imagem e semelhança. Que ele reine sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus, sobre os animais domésticos e sobre toda a terra, e sobre todos os répteis que se arrastem sobre a terra.* (Bíblia Online, 2024, n. p., caixa alta original).

Na concepção de diversas tradições culturais, tendo sido agraciado por Deus (ou pelos Deuses) com o dom da palavra (a fala), o homem teria um poder inquestionável sobre todos os seres existentes na face da Terra; por meio dos seus mitos, linguagem principal das culturas humanas, ou das suas histórias religiosas, as comunidades reverberam a história da revelação original e criadora de Deus(es) na constituição da realidade (Biderman, 1998b).

Ademais, na bíblia judaico-cristã, a palavra não se trata somente de um sinal da força divina criadora, mas, sim, se equivale a essa própria força; manifesta-se na fala de Deus e também de seus principais representantes (porta-vozes), isto é, os profetas (Biderman, 1998b). A autora expõe ainda que, “nos textos cristãos do início do cristianismo, os cronistas dos relatos evangélicos da vida e dos feitos de Jesus Cristo atribuem à palavra um poder instituidor e vital”, além de narrarem sobre sua “dimensão mística e religiosa” (Biderman, 1998b, p. 86-87).

O exposto de Biderman é sustentado pelo professor e pesquisador Guedelha, pois, segundo ele,

tendo as palavras estranhos poderes ocultos, não foi à toa que, em torno delas foi surgindo, ao longo do tempo, uma série de credices e superstições. Um exemplo eloquente do poder atribuído às palavras é o alicerce da tradição judaico-cristã, que defende a ideia de que Deus, ao fazer uso da palavra, provocou a existência não só do mundo, mas do universo inteiro (Guedelha, 2011, p. 57).

No que tange à dimensão cognitiva da palavra, Biderman (1998b, p. 88, *italico original*) explica que “é a partir da *palavra* que as entidades da realidade podem ser nomeadas e identificadas. A denominação dessas realidades cria um universo significativo revelado pela linguagem”.

Conforme Biderman (1987, 1998b, 2001), por meio do processo de nomeação, o homem identifica as similaridades e diferenças entre os seres e objetos do mundo que o circunda, agrupando, classificando e rotulando-os. Ao assim proceder, o conhecimento do universo é registrado no léxico de uma língua natural. Melhor dizendo, para gerar o acervo lexical de sua língua, o homem realiza atos consecutivos de cognição da sua realidade e de categorização da sua experiência, cristalizando-as em signos linguísticos (Biderman, 1987, 1998b, 2001). Além do mais,

os conceitos, ou significados, são modos de ordenar os dados sensoriais da experiência. Através de um processo criativo de organização cognoscitiva desses dados surgem as categorizações linguísticas expressas em sistemas classificatórios: *os léxicos das línguas naturais*. Assim, podemos afirmar que o homem desenvolveu uma estratégia engenhosa ao associar palavras a conceitos, que simbolizam os referentes (Biderman, 1987, p. 82; 1998b, p. 92, itálicos originais; 2001, p. 13-14).

Assim sendo, os signos linguísticos, ou símbolos, remetem-se ao universo extralinguístico (referencial) (Biderman, 2001).

De acordo com a pesquisadora, a capacidade de nomear os referentes extralinguísticos da realidade por meio das palavras é própria da espécie humana. A nomeação é consequência de um complexo processo de categorização realizado por essa espécie:

entende-se por categorização a classificação de objetos feita por um sujeito humano, resultando numa única resposta a uma determinada categoria de estímulos do meio ambiente. A categorização supõe também a capacidade de discriminação de traços distintivos entre os referentes percebidos ou apreendidos pelo aparato sensitivo e cognitivo do indivíduo (Biderman, 1998b, p. 88).

O processo de categorização não somente resulta na nomeação como também na organização do conhecimento humano. Especialmente através das palavras, que podem ser tomadas como rótulos para o processo de categorização, o ser humano organiza o mundo sensorial e o representa com a linguagem; portanto, elas comporiam o “dicionário” de uma língua natural, funcionando como uma lista e uma amostra dos rótulos de categorias naturais utilizadas pela raça humana para processar o conhecimento (Biderman, 1998b, p. 89). No entanto, as palavras não são puras etiquetas de objetos específicos que existem no mundo real; na verdade, em sua maioria, elas designam campos de conceitos ao invés de coisas físicas, referindo-se, desse modo, a classes abertas (Biderman, 1998b).

Segundo Biderman (1998b, p. 89), “o processo de categorização subjaz à semântica de uma língua”. Nas palavras da autora, múltiplos e distintos são os critérios de classificação utilizados para categorizar os objetos: podem ser o uso que eles têm ao ser humano, ou seu aspecto estrutural (evidenciado por algum traço semântico percebido como mais saliente: alto,

grande, redondo, retangular, etc.), ou o aspecto emocional que desencadeiam em quem os visualiza, entre outros. Isso porque “a categorização é um processo criativo e dinâmico da organização cognitiva”, podendo tais critérios “alterar-se e expandir-se para incluir realidades até então inexistentes como invenções novas, ou novas criações mentais dos seres humanos” (Biderman, 1998b, p. 90).

Ilustremos esses dois últimos parágrafos de acordo com as asserções da autora. A palavra *casa* não designa uma coisa física, mas sim um campo de conceitos que simboliza um objeto da realidade. Ou seja, a etiqueta em questão não rotula tal objeto somente em razão de suas dimensões físicas, mas também em função (do conjunto) de critérios (semânticos) utilizados na sua classificação: usabilidade, aspecto formal, aspecto sentimental ou afetivo, etc. Por se referir a uma classe de palavras aberta, a dos nomes, *casa* pode incluir novos membros desde que eles satisfaçam certos critérios de classificação: por exemplo, se encontramos um novo tipo de estrutura que nunca tínhamos visto antes, mas que serve para pessoas ou animais se abrigarem, podemos denominá-la de *casa*⁵⁰. Isso ocorre porque não é fácil definir os critérios exatos que fazem um objeto ser categorizado como *casa*, como apenas ter paredes e um teto (critérios físicos), sendo eles mais sobre a função e o uso que ela tem (critérios abstratos). Ademais, extensões metafóricas atribuídas às palavras muitas vezes são responsáveis por mudar os critérios de categorização dos objetos: *casa bancária*, *casa civil*, *casa da mãe Joana* (‘lugar sem normas de conduta, sem regras’), *casa de banho* (PE ‘banheiro’), *casa de câmbio*, *casa de Deus* (‘igreja’), *casa de máquinas*, *casa do caralho* (‘lugar distante’), *casa do povo* (‘parlamento’), *casa de passe* (PE ‘prostíbulo’), etc. (Biderman, 1998b)⁵¹.

Todavia, apesar de os seres humanos serem dotados da mesma capacidade cognitiva de formar conceitos e designar referentes extralinguísticos do mundo real por meio das palavras, os sistemas semânticos das várias línguas naturais não se equivalem, isto é, elas compõem sistemas consideravelmente múltiplos e diferentes segundo as culturas correlatas (Biderman, 1998b). Em consonância com a pesquisadora,

a conceptualização⁵² da realidade configura-se linguisticamente em modelos categoriais arbitrários não-coincidentes. As categorias linguísticas não são nem coincidentes, nem equivalentes, embora possamos admitir que as línguas naturais tenham tipos de semântica universalmente compreensíveis (Biderman, 1998b, p. 92).

⁵⁰ No ano de 2020, por exemplo, a NASA (*National Aeronautics and Space Administration*) divulgou um artigo em que pesquisadores tentam desenvolver casas cultivadas com fungos, com o intuito de que exploradores humanos possam habitar a Lua e Marte usando um material leve e “mais verde” (Tavares, 2020, *on-line*).

⁵¹ Como os exemplos fornecidos pela pesquisadora eram poucos, recorreremos ao dicionário *on-line Michaelis* para a coleta de mais alguns.

⁵² Biderman (1998b) compreende por *conceptualização* o processo cognitivo de formação de conceitos e designação de referentes da realidade. A formação de conceitos é o processo cognitivo primário, enquanto a nomeação de elementos do universo é o processo cognitivo secundário.

Ainda no tocante à dimensão cognitiva da palavra, Biderman (1998b) traz à baila a hipótese Sapir-Whorf⁵³, ou hipótese do relativismo linguístico. Esta hipótese defende que a conceptualização da realidade se manifesta de maneira clara nos idiomas, posto que todo sistema linguístico revela, em seu léxico e em sua gramática, uma classificação e uma ordenação dos dados da realidade que são características dessa língua e da cultura à qual ela se associa. Em outras palavras, isso quer dizer “que cada língua traduz o mundo e a realidade social segundo o seu próprio modelo, refletindo uma cosmovisão que lhe é própria, expressa nas suas categorias gramaticais e léxicas” (Biderman, 1998b, p. 93).

Whorf defendia que

dissecamos a natureza segundo diretrizes estabelecidas por nossas línguas nativas. As categorias e os tipos que isolamos do mundo dos fenômenos não as(os) encontramos aí porque elas(es) encaram cada observador face a face; pelo contrário, o mundo se apresenta em um fluxo caleidoscópico de impressões que têm de ser organizadas por nossas mentes — e isso significa em grande parte pelos sistemas linguísticos em nossas mentes. Recortamos a natureza, a organizamos em conceitos e atribuímos-lhe significações como fazemos, em grande parte porque somos partícipes de um acordo para organizá-la dessa forma — um acordo que se mantém através de nossa comunidade de fala e está codificado nos padrões de nossa língua. O acordo é, claro, implícito e não declarado, MAS SEUS TERMOS SÃO ABSOLUTAMENTE OBRIGATÓRIOS; não podemos falar sequer a não ser subscrevendo a organização e classificação dos dados que ele decreta (Whorf, 1958 [1940], n. p., caixa alta original, tradução nossa)⁵⁴.

Sobre o conjunto de símbolos concernentes à esfera cultural de um grupo, Sapir (1969 [1911], p. 45) sustentava que “o léxico da língua é que mais nitidamente reflete o ambiente físico e social dos falantes. O léxico completo de uma língua pode se considerar, na verdade, como o complexo inventário de todas as ideias, interesses e ocupações que açambarcam a atenção da comunidade [...]”.

⁵³ Livia e Hall (2010 [1997], p. 118) relatam a existência de duas versões desta hipótese: a do determinismo linguístico e a do relativismo linguístico. Conforme as autoras, a versão determinista “estabelece que a língua que falamos determina nossa percepção da realidade”; já a versão relativista “afirma que a língua nativa de alguém exerce grande influência sobre sua percepção da realidade”. Ademais, declaram que a versão determinista foi refutada por muitos estudos comparativos a respeito da terminologia cromática em distintas línguas.

⁵⁴ Do original: We dissect nature along lines laid down by our native languages. The categories and types that we isolate from the world of phenomena we do not find there because they stare every observer in the face; on the contrary, the world is presented in a kaleidoscopic flux of impressions which has to be organized by our minds — and this means largely by the linguistic systems in our minds. We cut nature up, organize it into concepts, and ascribe significances as we do, largely because we are parties to an agreement to organize it in this way — an agreement that holds throughout our speech community and is codified in the patterns of our language. The agreement is, of course, an implicit and unstated one, BUT ITS TERMS ARE ABSOLUTELY OBLIGATORY; we cannot talk at all except by subscribing to the organization and classification of data which the agreement decrees (Whorf, 1958 [1940], n. p).

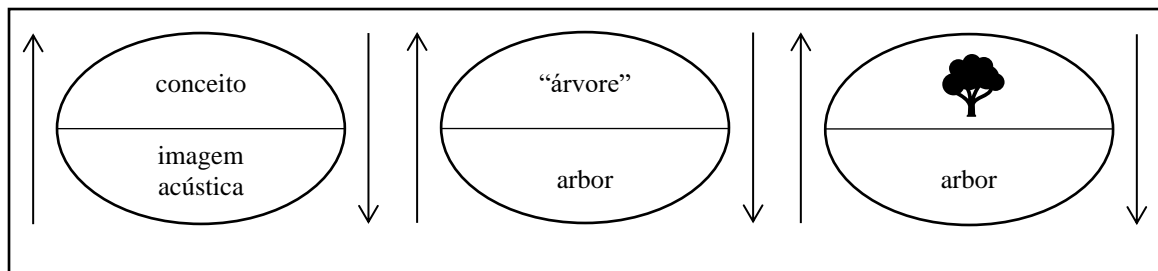
Exemplifiquemos o relativismo linguístico a nível lexical⁵⁵, posto que este é o nível que aqui nos interessa como objeto de análise. No Brasil, muitas variedades de bananas são cultivadas e comercializadas no mercado interno: *banana-da-terra*, *banana-nanica* (ou *banana-caturra*, ou *banana d'água*), *banana-maçã*, *banana-marmelo*, *banana-ouro*, *banana-prata*, entre outras. A Alemanha, país que não produz banana, importa a fruta de três países principais: Equador, Colômbia e Costa Rica. A variedade cultivada e vendida pelos países anteriormente citados no mercado mundial é a *banana cavendish* (= *caturra*, *d'água*, *nanica*), logo, esta é a variedade conhecida e consumida pelos alemães. Na cultura alemã, diferentemente da brasileira, esse referente é conceptualizado de um único modo, como *banane* [bə'na:nə], pois as demais variedades não fazem parte da sua realidade cotidiana.

Desta maneira, a percepção que o ser humano tem da sua realidade social é, de certo modo, pré-moldada pelo idioma que ele fala, já que as categorias léxico-gramaticais disponíveis na sua língua o orientam para determinadas escolhas de como interpretar o real (Biderman, 1998b). Contudo, como certifica a autora, muitos linguistas admitiram de maneira parcial tal hipótese, ou seja, apenas uma versão moderada dela pode ser reconhecida, visto que é muito complicado comprová-la cientificamente⁵⁶. Biderman consente, então, indubitavelmente, que uma língua, especialmente o seu léxico, consiste em uma forma de representar a realidade.

Finalmente, no que diz respeito à dimensão linguística da palavra, Biderman (1998b) faz referência ao modelo clássico do signo linguístico proposto por Ferdinand de Saussure. Ela assevera que o linguista e filósofo suíço foi o responsável por estabelecer algumas máximas básicas sobre a problemática da significação: (i) há uma relação indissolúvel entre um conceito (significado) e uma imagem acústica (significante) e (ii) a arbitrariedade é uma propriedade fundamental do signo linguístico (ou seja, o elo que une o significante ao significado é imotivado). Dizendo de outra forma, “o signo linguístico une não uma coisa e uma palavra, mas um conceito e uma imagem acústica [...] é, pois, uma entidade psíquica de duas faces” (Saussure, 2006 [1916], p. 80). Observemos, na Figura 5, a representação do signo linguístico segundo o teórico:

⁵⁵ Agradecemos ao Prof. Dr. César Nardelli Cambraia pela exemplificação da hipótese Sapir-Whorf com o fruto em questão, na disciplina de *Estudos Temáticos de Filologia Românica - Lexicologia*, por ele ofertada no segundo semestre de 2022 e da qual eu fui aluno.

⁵⁶ Conforme a pesquisadora, resultados de pesquisas experimentais “não confirmaram a hipótese de que existe uma pressão tirânica das palavras sobre a cognição humana como afirmava o *relativismo linguístico* de Whorf” (Biderman, 1998b, p. 103).

Figura 5 - Representação do signo linguístico

Fonte: Saussure, 2006 [1916], p. 80-81.

No entanto, Saussure faz um esclarecimento no que tange ao termo *arbitrário*. De acordo com ele, não se deve imaginar que o falante escolhe livremente o significado, mas, sim, que “o significante é *imotivado*, isto é, arbitrário em relação ao significado, com o qual não tem nenhum laço natural na realidade” (Saussure, 2006 [1916], p. 83, *itálico original*). Conseqüentemente, a (i)mutabilidade dos signos se justifica e se dá das seguintes formas (Saussure, 2006 [1916]):

- a) *imutabilidade* – (i) por serem uma herança de épocas sempre antecedentes à nossa, o vínculo estabelecido entre conceitos e imagens acústicas é imemorial, sendo eles transmitidos de geração a geração como produtos acabados (= imutáveis = arbitrários); (ii) devido ao fato de serem inumeráveis, substituí-los por outros é impossível; (iii) ao lado das regras, eles formam um sistema complexo, sendo a massa sem competência para transformá-lo; e (iv) uma vez que a coletividade é inerte e solidária com o passado, a língua (léxico + gramática), que com ela forma um todo e se situa no tempo, permanece conservada;
- b) *mutabilidade* – todavia, e com certo grau de contraditoriedade, o tempo é responsável por alterá-los, de modo mais ou menos rápido, através de transformações fonéticas e/ou semânticas, conduzindo sempre a um deslocamento da relação entre a ideia (o conceito) e a matéria fônica (a imagem acústica), por exemplo, lat. *necāre* ‘matar’ > fr. *noyer* ‘afogar’, ant. alem. *dritteil* ‘o terceiro’ > alem. mod. *drittel* ‘terço’; assim, estando a língua situada concomitantemente na massa social e no tempo, ela “é radicalmente incapaz de se defender dos fatores que deslocam, de minuto a minuto, a relação entre o significado e o significante. É uma das conseqüências da arbitrariedade do signo” (Saussure, 2006 [1916], p. 89-90, *itálicos originais*).

Biderman (1998b) discorre, na esteira do filólogo, que a mutabilidade do signo deriva parcialmente das mudanças culturais implementadas na sociedade ao longo da história e também da influência constante dos indivíduos sobre a língua falada, posto que todos eles a utilizam sem cessar. Assim sendo, palavras⁵⁷ como *disquete*, *fiacre*, *ficha de orelhão*, *jukebox*, *lamparina*, *máquina de escrever*, *mimeógrafo*, *monóculo*, *palmatória*, *penico*, *roda de fiar*, *vitrola*, dentre outras, atualmente, não mais são utilizadas ou são pouco conhecidas, pois seus referentes não mais existem ou, se existem, são raramente encontrados na contemporaneidade. Outras, como *alpendre* ‘varanda’, *boticário* ‘farmacêutico’, *dentifrício* ‘creme dental’, *japona* ‘jaqueta’, *pachorra* ‘paciência’, *urticária* ‘alergia’, etc., mantiveram a ideia/a coisa a qual se referem, mas mudaram a matéria fônica. Já palavras do contexto computacional, como *ferramenta*, *lixeira*, *mouse*, *navegar*, *nuvem*, *vírus*, etc., tiveram a relação entre significante e significado deslocada, visto que foram reutilizadas para nomear um novo conceito.

Contudo, vale ressaltar que os termos técnicos e os nomes próprios (*topônimos*, *antropônimos*, entre outros) são exceções à regra da arbitrariedade (ou seja, o vínculo que une o significante ao significado é motivado). Biderman (1998b, p. 112) explica que aqueles, no processo de designação, têm seus conceitos impostos externamente ao sistema linguístico, “dados pela realidade cognitiva descrita e interpretada pelas ciências”, enquanto estes, no processo de nomeação, têm as características próprias dos referentes levadas em consideração⁵⁸. Ilustra-se⁵⁹: *furtar* (dir.) ‘subtrair bens ou patrimônios de outrem sem o uso de violência’, *oxirredução* (quím.) ‘processo simultâneo de transferência de elétrons entre os elementos de uma reação’, *prognóstico* (med.) ‘opinião médica sobre o curso e a evolução provável de uma doença’, *Guapimirim* (RJ) ‘rio ou nascente pequena dos aguapés’, *Piracicaba* (SP) ‘lugar onde o peixe para’, *Uberaba* (MG) ‘água clara’, *Gabriel* (hebr. *Gavri'el* ‘varão de Deus’) ‘menino enviado por Deus’, *Vivienne* (lat. *vīvus* ‘que tem vida’) ‘menina cheia de vida’, *Helena* (gr. *Heléne* ‘tocha’, ‘luz brilhante’) ‘menina iluminada’, dentre outros.

Ainda no tocante à significação, a pesquisadora faz menção ao *valor linguístico* da palavra, segundo Saussure. O valor, para o professor suíço, constitui “um elemento da significação”, mas que com ela não se confunde, pois, se o excluíssemos, reduziríamos “a língua a uma simples nomenclatura” (Saussure, 2006 [1916], p. 133). Sendo “a língua um sistema em que todos os termos são solidários” (Saussure, 2006 [1916], p. 133), “o valor de um signo resulta da presença simultânea dos outros signos dentro do sistema e aos quais ele se contrapõe,

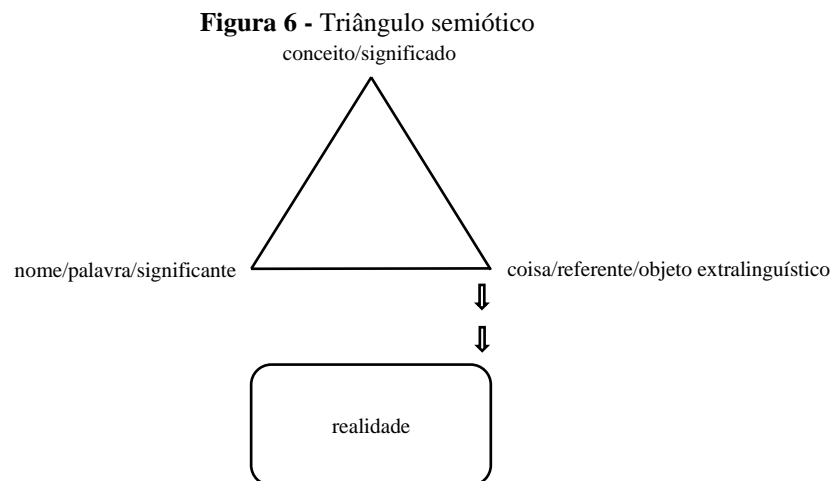
⁵⁷ Os exemplos fornecidos são nossos.

⁵⁸ No que tange aos nomes próprios, discordamos de Biderman (1998b). Não se pode recorrer à etimologia para argumentar que eles não são arbitrários, uma vez que a informação etimológica muitas vezes é irrelevante.

⁵⁹ Os exemplos fornecidos são nossos.

formando uma rede semântica” (Biderman, 1998b, p. 111). Em outros termos, o valor particular de um signo depende das relações sêmicas de oposição que ele mantém com outros signos na rede de significações, não sendo determinado apenas pelo seu significado isolado. Os sinônimos *alimentar* x *comer* x *consumir* x *devorar* x *ingerir* (Antônio (se) *alimentou/comeu/consumiu/devorou/ingeriu* (de) 1kg de salada), por exemplo, adquirem seu valor próprio pela oposição: *devorar é comer*, mas não comer lenta e calmamente, mas sim apressada e vorazmente. Logo, a característica mais precisa de um signo é ser o que os outros signos não são (Saussure, 2006 [1916]).

Finalmente, Biderman (1998b) faz menção ao triângulo da significação dos estudiosos britânicos Ogden e Richards (1976), adaptando-o:

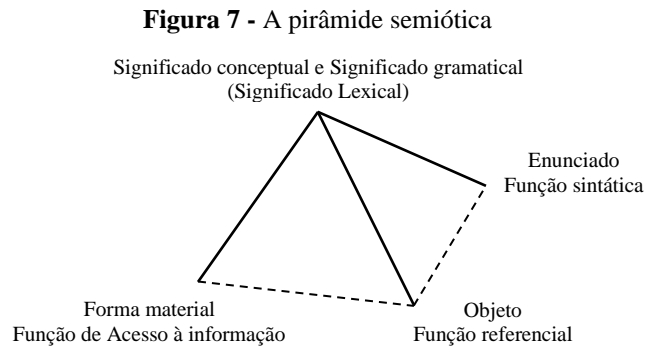


Fonte: Biderman, 1998b, p. 116.

A pesquisadora defende, então, que “o referente é parte integrante e essencial do signo linguístico”, pois, apesar da realidade ser extralinguística, ele não deve ser excluído da Linguística (Biderman, 1998b, p. 117); desse modo, o modelo triádico da significação teria superado o modelo dicotômico do signo linguístico saussuriano acima citado (cf. Figura 5).

Todavia, a inclusão da realidade extralinguística no modelo de Ogden e Richards (1976) não é suficiente para representar o signo. De acordo com Casas Gómez e Hummel (2017), o significado gramatical, e não apenas o significado conceitual, é parte do signo linguístico, pois é característico das palavras integrarem estruturas sintáticas. À vista disso Hummel (2016 *apud* Casas Gómez; Hummel, 2017, p. 881, tradução nossa) propôs um modelo piramidal do signo

que considera “tanto a lexicalização das funções gramaticais quanto sua relação com o mundo extralinguístico”⁶⁰:



Fonte: Casas Gómez; Hummel, 2017, p. 882.

A palavra *casa*, por exemplo, lexicaliza um conceito e uma classe de palavras, portanto, o significado lexical se subdivide em significado conceitual e significado gramatical. Este, responsável pela implicatura de determinadas propriedades sintáticas e pela codeterminação do tipo de conceptualização no mundo, converge com aquele no tipo de referência ao objeto extralinguístico. A forma material do signo é necessariamente uma sequência fonética [ˈka.zə] e morfológica /casa/. *Casa* pode ser lexicalizada como substantivo, representar outras formas, como *a(s) casa(s)* e *uma(s) casa(s)*, e também carregar duas informações gramaticais, a de singular e a de feminino. Já a referência a um objeto extralinguístico é subjetiva, uma vez que o significado conceptual pode referir-se a um edifício habitacional, ou a uma família nobre, ou a uma repartição pública, ou a uma das divisões do tabuleiro de damas, etc., a depender da *criatividade cognitiva* (tradicionalmente designada por *objeto pensado* ou *intencionado* (*thing meant*)). Assim como o significado conceptual, o significado gramatical vai se tornando mais concreto quanto a uma função sintática à proporção que o enunciado é formulado. Por fim, a função sintática engloba a sintaxe frasal, oral e discursiva (Casas Gómez; Hummel, 2017, p. 882-883).

Consoante Biderman (1998b), a cultura é um fator importante “nas interpretações e formulações linguísticas” (p. 115), mas “a interpretação dos dados da realidade captados pelos sentidos, conceptualizados pela mente e cristalizados em palavras, não coincide obviamente com a realidade nem se identifica com ela” (p. 116-117). Assim sendo, conclui que

a significação se origina e lança as suas raízes no universo cognoscível, interpretado e simbolizado por palavras. E o conjunto dessas palavras vem a ser o léxico da língua.

⁶⁰ Do original: “tanto la lexicalización de funciones gramaticales como su relación con el mundo extralingüístico” (Casas Gómez; Hummel, 2017, p. 881).

Podemos concluir, pois, que o conceito (significado) é tributário de uma realidade que o antecede e precede, realidade essa que nossa percepção/cognição percebe e interpreta, criando o *objeto mental* ou *unidade cultural* ao qual atribuímos um nome, isto é, a palavra ou significante. Assim o referente e o universo de que ele procede geram o fenômeno da significação (Biderman, 1998b, p. 117, itálicos originais).

Dizendo de outra maneira, a significação nasce e se estabelece no mundo conhecível, compreendido e representado por palavras. O conjunto dessas palavras forma o léxico da língua. Portanto, o conceito (ou significado) é dependente de uma realidade que o precede, realidade essa que nossa cognição percebe e traduz por meio dos sentidos, concebendo o objeto mental (ou unidade cultural) ao qual damos/imputamos um nome (ou seja, o significante). Desse modo, o referente (ou a coisa) e o mundo de que ele provém produzem o fenômeno da significação. Em síntese, há uma dependência (e, ao mesmo tempo, uma circularidade) entre nome, conceito e objeto extralinguístico da realidade, pois, para existirem enquanto tais, eles fazem referência uns aos outros.

Nesta seção, discutimos as bases conceituais da Lexicologia. Descrevemos sua conjuntura, objetos de estudo, algumas áreas de contato possíveis e passamos pelos termos dessa teoria, na expectativa de elucidarmos aqueles que serão úteis na sistematização e descrição do nosso objeto de estudo (isto é, os itens lexicais erótico-obscenos). Também examinamos pormenorizadamente o caráter relacional (e nada simples) entre a *palavra* e a *coisa* que ela designa, fator bastante relevante na compreensão dos tabus linguísticos. Façamos o mesmo, agora, com a Teoria da Variação e Mudança Linguística.

1.2 Sociolinguística Laboviana: breve contextualização

Consoante Coelho *et al.* (2015), no século XIX, duas correntes de estudos marcaram a Linguística: a histórico-comparativa e a neogramática. A primeira objetivava determinar semelhanças sistemáticas entre dois ou mais estágios de uma mesma língua ou entre duas ou mais línguas. A segunda, por sua vez, estabeleceu as leis fonéticas – aplicáveis irrestritamente às mudanças sonoras que atingiam de maneira súbita e automática todos os itens lexicais – e o processo de analogia – entendido como a regularização de formas inovadoras aos modelos gramaticais preexistentes. Hermann Paul, neogramático, hipotetizava que a mudança levava em conta o idioleto (língua de um único falante-ouvinte), uma realidade essencialmente psicológica, uniforme (homogênea) e exclusiva das relações sociais.

A asserção de Bossaglia apoia o exposto de Coelho *et al.* (2015), pois, efetivamente,

Paul não contemplava, para o estudo linguístico, a importância das relações sociais entre os indivíduos de uma comunidade, com a exceção do fator de mudança linguística por ele chamado de *princípio da conformidade*. De acordo com o autor, os falantes se conformam às línguas particulares de outros falantes durante as interações, mudando suas maneiras de utilizar a língua – porém, isto não deixa de ser apenas um esboço superficial da existência de uma dimensão social da língua (Bossaglia, 2019, p. 51).

Na primeira metade do século XX, o estruturalismo, e seu principal representante, Ferdinand de Saussure, opõe-se à tradição histórico-comparativista e estabelece a língua (*langue*) – sem a influência de fatores sociais e históricos (externos) – como objeto de estudo da Linguística. Enquanto sistema, seria uma estrutura autônoma, formada por signos linguísticos e pelas relações que eles estabelecem entre si, podendo ser analisada *per se* em uma perspectiva sincrônica (atemporal e estática), não sendo necessário o estudo da sua mudança em uma perspectiva diacrônica (histórica e dinâmica) (Coelho *et al.*, 2015).

No que tange à fala (*parole*), Saussure defendia que sua análise era papel da Estilística ou da Linguística Externa (Alkmim, 2001). No entanto, para o linguista suíço “a língua é um fato social, no sentido de que é um sistema convencional adquirido pelos indivíduos no convívio social. Mais precisamente, ele aponta a linguagem com[o] a faculdade natural que permite ao homem constituir uma língua” (Alkmim, 2001, p. 23).

Já na segunda metade do século XX, nos Estados Unidos, o gerativismo, criado por Noam Chomsky, estabelece que a “língua é um sistema abstrato de regras para a formação de sentenças, derivado do estado inicial da faculdade de linguagem, um componente inato à espécie humana”. À maneira do estruturalismo, essa corrente tinha a língua como um sistema homogêneo, a-histórico e associal, e a intuição do próprio pesquisador seria o suficiente para julgá-la e testá-la em termos gramaticais. Logo, para examiná-la, não era necessário recorrer a um falante-ouvinte ideal, pertencente a uma comunidade de fala abstrata e homogênea (Coelho *et al.*, 2015, p. 56).

De fato, segundo Tarallo (1997), Chomsky dava especial enfoque à competência linguística (*langue*) e não ao desempenho ou performance (*parole*) do falante-ouvinte ideal, inserido em uma comunidade linguística homogênea. Devido à inexistência do componente social no modelo gerativo-transformacional, Labov, insistentemente, “voltou a insistir na relação entre língua e sociedade e na possibilidade, virtual e real, de se sistematizar a variação existente e própria da língua falada” (Tarallo, 1997, p. 7).

Em oposição a essas abordagens linguísticas, estudiosos como o linguista francês Antoine Meillet (a língua é de caráter evolutivo e sua variação é influenciada essencialmente por fatores sociais), o historiador georgiano Nicollai Marr (língua é instrumento de poder e

reflete os conflitos entre as classes sociais) e o filósofo russo Mikhail Bakhtin (a língua manifesta-se nos contextos de interação verbal e é condicionada histórica e socialmente) defendiam a natureza inerentemente social da língua (Coelho *et al.*, 2015).

Frente a essa multiplicidade de posicionamentos teóricos, na década de 60, nos Estados Unidos, Uriel Weinreich, William Labov e Marvin Herzog (doravante WLH) postulam fundamentos para o estudo da mudança linguística, levando em consideração as motivações sociais que a influenciam e os postulados dos neogramáticos, estruturalistas e gerativistas acerca da temática (Coelho *et al.*, 2015).

No que se refere aos neogramáticos, WLH desaprovam o caráter psicológico, homogêneo e associal do idioleto, assim como o pressuposto de que é nele que ocorre a mudança; contudo, aceitam a ideia de que a mudança é um fenômeno regular, mas não que as leis fonéticas se aplicam, sem exceção, a todas as palavras (Coelho *et al.*, 2015).

Quanto à tradição estruturalista, WLH recusam a concepção de língua como estrutura autônoma e homogênea, desassociada das relações sociais, e a ruptura entre diacronia e sincronia; todavia, admitem a sistematicidade da língua, mas não concordam que haja uma relação direta entre homogeneidade e sistematicidade (Coelho *et al.*, 2015).

Acerca das conjecturas gerativistas, WLH contestam a noção de língua como um sistema homogêneo, desassociado de fatores sócio-históricos, bem como a ideia de comunidade de fala homogênea e abstrata, constituída por falantes-ouvintes ideais; rejeitam, ainda, o formalismo e racionalismo dos dados linguísticos analisados pela vertente chomskyana; no entanto, não negam o princípio de que a língua é um sistema de regras abstratas (Coelho *et al.*, 2015).

É nessa conjuntura, portanto, que WLH fundam a Sociolinguística, uma área de estudos da Linguística que se interessa pelo estudo da variação e mudança da língua em seu contexto social. Para a teoria, os dados devem ser empíricos, coletados no seio da comunidade de fala, em situações reais de interação/uso, uma vez que fatores externos ao sistema linguístico são responsáveis pela sua variação e mudança (Coelho *et al.*, 2015)⁶¹.

Segundo Coelho *et al.* (2015), a Sociolinguística, além de resgatar as colaborações de pesquisadores que reconheciam o caráter social da língua, tirou proveito de outras teorias

⁶¹ De acordo com Lucchesi (2016), a Sociolinguística nasce como uma reação à inaptidão do formalismo linguístico em examinar o fenômeno da mudança linguística. Saussure, para eleger o objeto de análise da Linguística Moderna, desconsiderou a dimensão histórica da língua. No que tange ao estruturalismo, ao impor que a variação é um atributo da fala, passou a ser inapto a propor uma explicação teórica para o fenômeno observável da mudança.

estadunidenses e europeias do século XX, como a Dialetoologia, a Linguística Bilíngue e a Linguística Histórica. Sem dúvidas,

a constituição da Sociolinguística se fez, claramente, a partir da atividade de vários estudiosos e pesquisadores que deram continuidade à tradição, inaugurada no começo do século XX por F. Boas e seus discípulos mais conhecidos – Edward Sapir e Benjamim L. Whorf: a chamada Antropologia Linguística. Nessa vertente, em que linguagem, cultura e sociedade são considerados fenômenos inseparáveis, linguistas e antropólogos trabalham lado a lado e, mesmo, de modo integrado. Nesse sentido, o que há de novo é a definição de uma área explicitamente voltada para o tratamento do fenômeno linguístico no contexto social no interior da Linguística, animada pela atuação de linguistas e, particularmente, de estudiosos formados em campos das ciências sociais. A Sociolinguística nasce marcada por uma origem interdisciplinar (Alkmim, 2001, p. 29-30).

Da década de 60 em diante, Labov produz uma série de estudos variacionistas, sobretudo fonético-fonológicos, e torna-se a principal autoridade no campo, daí a denominação Sociolinguística Laboviana.

1.2.1 Variação e mudança linguísticas

Conforme exposto na Introdução desta dissertação, o léxico erótico-obseno é parte das linguagens especiais. De acordo com Camacho (2001), as linguagens especiais constituem-se dos distintos dialetos falados pelos membros das várias subcomunidades linguísticas, membros os quais partilham formas especiais de atividades científica, lúdica e, acima de tudo, profissional. As linguagens especiais, nas palavras do pesquisador, diferenciam-se da linguagem comum por fatores sociais, como idade, ocupação e sexo, e também por não pertencerem a todos os integrantes de uma comunidade de fala parcialmente homogênea. As gírias e os jargões científicos, por exemplo, são subcategorias que estão incluídas no domínio das linguagens especiais ou técnicas (Camacho, 2001).

Em consequência disso, percebe-se o caráter irrestrito da variação linguística, visto que o léxico e as regras gramaticais da língua de uma comunidade linguística e das subcomunidades a ela pertencentes estão suscetíveis, do mesmo modo, ao fenômeno. Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]) e Labov (2008 [1972]) defendem que a língua é um sistema heterogêneo e que a variação e a mudança linguísticas decorrem dessa característica. Para esses teóricos, ela deve ser estudada em seu contexto social dentro de uma comunidade de fala, pois fatores internos (lexicais, fono-morfo-sintáticos, semânticos e discursivos) e externos (classe social, escolaridade, idade, sexo, etc.) influenciam a sua estrutura.

No entanto, isso não significa que, por serem heterogêneas, as línguas não sejam dotadas de ordenação e regularidade. Trata-se de uma heterogeneidade estruturada, ou seja, o sistema linguístico constitui, além de regras categóricas, regras variáveis, possuindo os falantes competência linguística para lidar com elas (Coelho *et al.*, 2015). Segundo WLH,

fatores linguísticos e sociais estão intimamente inter-relacionados no desenvolvimento da mudança⁶² linguística. Explicações confinadas a um ou outro aspecto, não importa quão bem construídas, falharão em explicar o rico volume de regularidades que pode ser observado nos estudos empíricos do comportamento linguístico (Weinreich; Labov; Herzog, 2006 [1968], p. 126).

As regras categóricas concernem às regras da gramática de uma língua que sempre se aplicam em todos os contextos de igual modo, apresentando comportamento invariável em todos eles, sem exceção. Por outro lado, as regras variáveis são aquelas que se aplicam de maneira variável e permitem que, em certos contextos linguísticos, sociais e estilísticos, um falante A use uma forma X que lhe é própria, e, em outros contextos, use uma forma Y, usada por um falante B e por ele aprendida, sem abandonar, contudo, a forma que usava, isto é, a forma X (Coelho *et al.*, 2015).

Exemplo de restrição categórica no português é a anteposição do artigo definido ao substantivo como em *a casa*, totalmente natural, contrastado com *casa a*, nada comum; já exemplos de restrições variáveis tem-se, ao nível fonológico, *peixe x pexe* (presença ou ausência do ditongo), morfológico, *umas casinhas bonitinhas x umas casinhaø bonitinhaø* (concordância nominal), sintático, *alguém lavou os pratos x os pratos foram lavados* (ativa *versus* passiva), semântico, *casa x residência* (sinônimos)⁶³, e discursivo, *tu x você x senhor* (mais de uma opção para o pronome de segunda pessoa) (Naro, 2007, p. 15).

Como anteriormente asseverado, por ser um fenômeno social, a língua não pode ser abstraída da comunidade de fala, já que as estruturas em variação nela presentes não são condicionadas apenas por fatores linguísticos, mas, também, por fatores extralinguísticos. Entende-se por variação linguística “o processo pelo qual duas formas (= duas variantes) podem

⁶² Apesar de não estarmos lidando diretamente com a mudança linguística nesta pesquisa, cabe-nos fazer um parêntese no que tange a ela. Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]) propõem cinco problemas empíricos para uma teoria da mudança linguística:

- a) fatores condicionantes – quais são os fatores condicionadores (internos e externos) que efetivam a mudança, diferenciando mudança possível de mudança impossível de ocorrer, e que também apontam as direções dessa mudança?
- b) encaixamento – como uma mudança linguística encaixa-se nas relações linguísticas e sociais?
- c) transição – como e por quais meios ocorre a mudança?
- d) avaliação – como a mudança é avaliada pelos membros da comunidade de fala e quais são os efeitos dessa avaliação sobre a mudança em si?
- e) implementação – por que, quando e onde ocorre certa mudança?

⁶³ Exemplo nosso, os restantes do autor.

ocorrer no mesmo contexto com o mesmo valor referencial/representacional, isto é, com o mesmo significado” (Coelho *et al.*, 2015, p. 16, acréscimo nosso).

Entretanto, Lavandera (1977) problematiza a noção de variante de William Labov: ao ver da autora, quando as variantes são analisadas para além do nível fonológico (os trabalhos iniciais sobre variação centravam-se primordialmente nesse nível linguístico), cada forma linguística (= variante) possui um significado/valor representacional distinto, o que não seria um caso de variação, pois não oferecem a mesma informação referencial. Em consequência disso,

Labov acabou por relativizar a noção de *mesmo significado*, ao estabelecer que o conceito de variável linguística deveria ser ampliado a *dois enunciados que se referem ao mesmo estado de coisas e que têm o mesmo valor de verdade* (entendendo *estado de coisas* como *significado representacional*) (Coelho *et al.*, 2015, p. 64).

No que se refere à variável, Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968], p. 105) a definem como “um elemento variável dentro do sistema controlado por uma única regra”. Coelho *et al.* (2015, p. 60), por seu turno, a conceituam como “uma regra gramatical, e, sendo assim, não é qualquer forma linguística que pode assumir o papel de uma das variantes, uma vez que elas sofrem restrições do próprio sistema linguístico”⁶⁴.

Comunidade de fala, por sua vez, pode ser compreendida como um grupo de falantes que compartilha as mesmas normas a respeito do uso da língua, e não como um grupo em que todos utilizam as mesmas formas linguísticas (Labov, 2008 [1972]). Ademais, nas palavras de Labov (2008 [1972], p. 225), mesmo em caso de “uma variação altamente estratificada na fala real”, os integrantes de uma comunidade de fala partilham “um conjunto comum de padrões normativos”. Para o pesquisador, tais normas “podem ser observadas em tipos de comportamento avaliativo explícito e pela uniformidade de padrões abstratos de variação que são invariantes no tocante a níveis particulares de uso” (Labov, 2008 [1972], p. 150).

No entanto, a noção laboviana de comunidade de fala também foi contestada. Conforme Coelho *et al.* (2015), duas questões principais denunciam a relativa fragilidade da definição: (i) o papel da avaliação das formas variantes e (ii) a operacionalização das formas variantes. De acordo com as autoras e o autor, a avaliação das formas linguísticas em variação se dá, além de

⁶⁴ Uma definição mais sucinta de variável é “o lugar na gramática em que se localiza a variação, de forma mais abstrata” (Coelho *et al.*, 2015, p.17). Tarallo (1997, p. 5-8), semelhantemente às autoras e ao autor, define a variável linguística como um conjunto de variantes linguísticas, que, por seu turno, são “duas ou mais maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto, e com o mesmo valor de verdade”. Ilustra-se: no português brasileiro, pode-se dizer *a gente comeu* e *nós comemos*; a variável em questão é a escolha do pronome de 1ª pessoa do plural e as variantes dessa variável são *a gente* e *nós* (é interessante notar, ainda, no caso de *a gente comeu*, que o pronome desse fenômeno variável concorda com o verbo conjugado na 3ª pessoa do singular (*ele comeu*) e não na 1ª pessoa do plural (*a gente comemos*)).

maneira consciente, como é o caso dos estereótipos, de modo inconsciente também, por exemplo, nos marcadores e indicadores⁶⁵. Outrossim, relativamente à operacionalização, questiona-se se haveria um número definido de formas em variação diante das quais os falantes exibiriam uma atitude uniforme, permitindo, assim, a identificação de uma comunidade de fala.

Guy (2001), tomando como ponto de partida a concepção de comunidade de fala de Labov (2008 [1972]), a reelabora e propõe que ela pode ser definida com base em três critérios:

- a) os falantes a ela pertencentes compartilham traços linguísticos que os diferenciam dos demais grupos;
- b) comunicam entre si com maior frequência do que com falantes de outros grupos;
- c) partilham as mesmas normas e atitudes frente ao uso da língua.

Dois célebres trabalhos podem ser arrolados para evidenciar a relevância de se estudar a língua dentro do contexto social da comunidade de fala: o realizado na ilha de Martha's Vineyard e o executado nas lojas de departamento da cidade de Nova York. Ambos provaram que a língua é heterogênea e, acima de tudo, um fenômeno social, sujeita a pressões externas à sua estrutura, refletindo, assim, a realidade dos seres estratificados que a utilizam.

Labov (2008 [1972]), fundador da Sociolinguística Variacionista, tem sua pesquisa de mestrado desenvolvida na comunidade de Martha's Vineyard, estado de Massachusetts, na década de 1960. O autor procurou identificar os fatores sociais (extralinguísticos) que condicionavam a mudança sonora dos ditongos /ay/ e /aw/, mais especificamente, a centralização da primeira vogal de ambos. Sua amostra era composta de entrevistas com sessenta e nove nativos da ilha, estratificados por localidade (Ilha Baixa ou Ilha Alta), ocupação (agricultores, comerciantes, donas de casa, estudantes, pescadores, etc.), etnia (descendentes de indígenas, ingleses e portugueses), idade (cinco faixas etárias) e sexo/gênero (macho e fêmea). Os fatores linguísticos, por sua vez, foram: ambiente fonético (antecedência ou subsequência

⁶⁵ Reconhecendo a existência de julgamentos sociais conscientes e inconscientes a respeito da língua, Labov distinguiu três categorias de significado social das formas linguísticas em variação: estereótipos, marcadores e indicadores. Cada uma delas baseia-se no nível de consciência que o falante possui acerca de determinada variável (Coelho *et al.*, 2015, p. 66-67):

- a) estereótipos – “são traços socialmente marcados de forma consciente”; podem ser estigmatizados pelo grupo, favorecendo a mudança linguística e eliminando a forma estigmatizada rapidamente, ou podem ter prestígio, sendo a avaliação positiva ou negativa dependente dos diferentes grupos;
- b) marcadores – “são traços linguísticos social e estilisticamente estratificados, que podem ser diagnosticados em certos testes de avaliação”; nestes testes de avaliação, alguns falantes rejeitam determinadas variantes, todavia, isso não significa que eles não as utilizam: o julgamento social, do mesmo modo que o uso, às vezes é consciente;
- c) indicadores – “são traços não sujeitos à variação estilística, com julgamentos sociais inconscientes”; são elementos linguísticos socialmente estratificados (ou seja, o uso dessas formas diferencia-se socialmente quando correlacionado a fatores como faixa etária, localidade ou grupo social) e sem força avaliativa.

da consoante em relação aos ditongos), prosódia (tonicidade), estilo (casual, emotivo, leitura, etc.) e consideração lexical (as palavras que favoreciam a centralização dos ditongos /ay/ e /aw/).

Em síntese, Labov (2008 [1972]) obteve os seguintes (e principais) resultados: a centralização dos ditongos relacionava-se mais aos fatores externos do que internos à língua; os falantes da Ilha Alta foram os que mais apresentaram centralização; os pescadores se destacaram entre aqueles que mais mudaram a posição fonética da primeira vogal dos ditongos; os ingleses se sobressaíram em relação às demais etnias; 31 aos 45 anos de idade foi a faixa etária mais saliente no que se refere ao fenômeno linguístico estudado; no que tange ao sexo/gênero, infere-se que os homens foram os que mais centralizaram /ay/ e /aw/; e, finalmente, os juízos de valor expressos pelos informantes revelaram identidade e atitude em relação ao uso das formas centralizadas.

Tais achados do pesquisador deixam claro o significado social da centralização dos ditongos: na ilha, residiam 6.000 vineyardenses nativos, número que mudava drasticamente nos meses de junho e julho, com a chegada de 42.000 veranistas da Nova Inglaterra (região nordeste dos Estados Unidos); o turismo, principal atividade que movimentava a economia local, não agradava as famílias vineyardenses tradicionais, principalmente os pescadores (ingleses!), que viam nele a ameaça à própria independência pessoal; com a constante compra de propriedades em Martha's Vineyard pelos moradores das grandes cidades, os moradores nativos sentiam-se perdendo espaço para os forasteiros; os jovens vineyardenses que não planejam permanecer na ilha, sobretudo por questões trabalhistas, centralizavam menos os ditongos, se comparados aos que queriam nela ficar; portanto, a centralização da primeira vogal dos ditongos /ay/ e /aw/ pelos habitantes nativos expressava pertencimento à ilha, o desejo de nela se manterem e preservarem a cultura e identidade local. É importante mencionar que os cidadãos vineyardenses que apoiavam o turismo e a interferência dos veranistas apresentavam pouca ou quase nenhuma centralização (Labov, 2008 [1972]).

No tocante à pesquisa de doutorado de Labov (2008 [1972]), o autor investigou a estratificação social do /r/ pós-vocálico nas lojas de departamento *Sacks Fifth Avenue*, *Macy's* e *S. Klein*, todas as três situadas na cidade de Nova York. Neste trabalho, ensejou verificar um problema metodológico clássico: se os procedimentos utilizados para coletar dados interfere nos dados coletados. Adotou, para tanto, uma metodologia bastante simples: registrar interações verbais casuais e anônimas. Tal método permitiu-lhe testar: (i) se a utilização de /r/ é um diferenciador social em todos os níveis da fala da cidade em questão e (ii) se os dados coletados

por meio de interações verbais casuais e anônimas servem como base para uma análise da língua.

A hipótese do trabalho era: “*se dois subgrupos quaisquer de falantes nova-iorquinos estão dispostos numa escala de estratificação social, logo estarão dispostos na mesma ordem por seu uso diferenciado do (r)*” (Labov, 2008 [1972], p. 65, itálicos originais). Para corroborá-la, o pesquisador utilizou-se de uma amostra de participantes já estratificada socialmente, ou seja, pessoas de um mesmo grupo ocupacional (vendedores), mas que eram alocados em lojas de *status* distintos: *Sacks* (classe média alta), *Macy’s* (classe média baixa) e *S. Klein* (classe baixa).

Labov (2008 [1972]) coletou os dados da seguinte maneira: no papel de cliente, perguntava aos vendedores das lojas informações sobre um determinado departamento, no intuito de receber como resposta *fourth floor* (ing. *quarto andar*) de modo casual (primeira resposta do informante) e enfático/monitorado (segunda resposta do informante, quando o suposto cliente mostrava não tê-lo compreendido). Distante do informante, o autor registrava as respostas do /r/ em posição pré-consonântica e final (cf. sublinhados na expressão acima) nas duas modalidades, casual e enfática.

Os resultados obtidos pelo teórico corroboraram a hipótese levantada: o uso de /r/ pelos vendedores refletia o *status* da loja (seu nível socioeconômico) e a disposição deles na estratificação social. A utilização de /r/, parcial ou total, ficou assim distribuída: usaram-no 62% dos informantes da *Sacks*, 51% da *Macy’s* e 21% da *S. Klein*. À vista disso, percebe-se que, quanto maior o *status* socioeconômico da loja, maior era o emprego de /r/ pelo vendedor; inversamente, quanto menor o *status* socioeconômico da loja, menor era o emprego de /r/ pelo vendedor. Vale apontar que a variante de prestígio dos cidadãos de Nova York era a utilização de /r/, enquanto a sua ausência era a variante estigmatizada (Labov, 2008 [1972]).

Nota-se, dessa forma, pelas duas pesquisas pioneiras do autor, que não apenas fatores linguísticos regem o uso da língua, mas, também, fatores extralinguísticos. Fatores linguísticos e extralinguísticos (ou condicionadores linguísticos e sociais, ou variáveis independentes, ou, ainda, grupos de fatores⁶⁶) são, em caso de variação, os fatores que condicionam a escolha do falante entre uma ou outra forma linguística (Coelho *et al.*, 2015). Os condicionadores

⁶⁶ Grupos de fatores podem ser, por exemplo, cidades, profissões, etnias/nacionalidades e raças. Cada grupo de fatores será composto por diferentes fatores:

- a) cidades – Belo Horizonte, Contagem, Betim e Ribeirão das Neves;
- b) profissões – médica, advogada, professora e funcionária do lar;
- c) etnias/nacionalidade – brasileiro, português, espanhol e italiano;
- d) raças – preta, branca, amarela e indígena.

colaboram com o analista para a delimitação dos contextos favoráveis à ocorrência das variantes estudadas e dividem-se em dois grupos representativos: os condicionadores internos (linguísticos) e os condicionadores externos (extralinguísticos) (Coelho *et al.*, 2015).

Consoante Coelho *et al.* (2015), são exemplos de condicionadores linguísticos a classe de palavras relacionadas ao processo de variação, aspectos semânticos, a ordenação dos constituintes na sentença, etc.; quanto aos condicionadores extralinguísticos, por exemplo, os de natureza social, pode-se citar a faixa etária, o nível de escolaridade e o sexo/gênero do informante. Além disso, de acordo com as autoras e o autor, a variação pode ocorrer em distintos níveis linguísticos e extralinguísticos:

- a) níveis linguísticos: variação lexical, fonológica, morfofonológica, morfológica, morfossintática, sintática e discursiva;
- b) níveis extralinguísticos: variação regional ou geográfica (variação diatópica), social (variação diastrática⁶⁷), estilística (variação diafásica) e na fala *versus* na escrita (variação diamésica).

Como viemos ressaltando ao longo deste escrito, nossa pesquisa centra-se, a nível linguístico, na variação lexical, e, a nível extralinguístico, na variação social. Trata-se de variação lexical porque objetivamos verificar o conhecimento dos itens lexicais erótico-obscenos do campo semântico relativo ao sexo. Ademais, ela concerne à variação social porque visamos averiguar se os condicionadores extralinguísticos idade, orientação sexual e sexo influenciam ou não tal conhecimento.

1.2.2 Os fatores “sociais”, as comunidades e as três ondas da Sociolinguística

A língua(gem), faculdade humana que nenhuma outra espécie animal tem, é o recurso que utilizamos para intermediar as nossas ideias, emoções e interações socioculturais cotidianas. Também a usamos para discernir e designar as coisas físicas e abstratas da realidade a que, por meio da nossa cognição, damos significados. De certa maneira, ela confunde-se com as concepções que temos sobre nós mesmos, daqueles com quem convivemos e do mundo. Desse modo, estabelecer os limites tênues entre língua e categorias biológicas, psicológicas e

⁶⁷ No que diz respeito à variação diastrática, as autoras e o autor citam, precipuamente, os seguintes condicionadores sociais: grau de escolaridade, nível socioeconômico, sexo/gênero e faixa etária (Coelho *et al.*, 2015).

socioculturais, como idade, sexo, gênero, etc., por ela nomeadas torna-se difícil. Em outras palavras, distinguir o objetivo do subjetivo e as dimensões dos fenômenos biopsicossocioculturais (envelhecimento, identidade de gênero, sexualidade, etc.) é bastante desafiador.

Tomemos a *idade* como exemplo. Ela pode ser definida em termos biológico, ‘o estágio de mudanças físicas e funcionais do corpo ao longo do tempo’, psicológico, ‘a maturidade cognitiva e emocional’, social, ‘os papéis e as expectativas atribuídas em uma sociedade às faixas etárias’, e cultural, ‘a percepção e valorização da idade em diferentes contextos’. Além disso, a própria definição de *etarismo* ‘discriminação, intolerância e preconceito fundamentados em critérios de idade, sobretudo em relação às pessoas mais velhas ou à velhice em si’ nos coloca frente a uma concepção que faz interseções entre critérios biológicos, psicológicos, sociais e culturais do indivíduo e de sua comunidade.

De acordo com Freitag (2011, p. 47), mudanças no comportamento linguístico do indivíduo derivam de mudanças linguísticas históricas e especialmente de mudanças da sua própria história de vida. De bebê à velhice, “mudanças de ordem biológica e social ocorrem e se refletem na língua do indivíduo: a aquisição da língua, a entrada na escola, a aplicação da rede de relações sociais, a entrada e a saída do mercado de trabalho são fatores que se refletem diretamente nas faixas etárias”.

Quanto ao gênero, mais especificamente, parece-nos que Labov, já nos anos 90 e 2000, se atentava a essa questão. Em consonância com Scherre e Yacovenco, o linguista, nessa época,

dá continuidade à efervescente discussão sobre o papel do gênero em fenômenos linguísticos variáveis e assume uma codificação necessária em função do *sexo do falante, abordagem biológica*, para permitir comparabilidade entre as pesquisas, e interpretação em função do *gênero, abordagem sociocultural* (Scherre; Yacovenco, 2011, p. 122, *itálicos nossos*).

Segundo Eckert e McConnell-Ginet (2010 [1992], p. 96), pesquisas de linguagem e gênero precisam deixar de lado suposições comuns como as de “que gênero opera independente de outros aspectos da identidade e das relações sociais; que *significa* a mesma coisa em comunidades diferentes; e que as manifestações linguísticas desse significado também são semelhantes em comunidades distintas”.

As pesquisadoras supramencionadas defendem que as comunidades de prática, conjuntos de seres humanos engajados mutuamente em uma grande variedade de atividades⁶⁸, são as responsáveis por dar existência, manter, afrontar e, às vezes, modificar a sociedade e

⁶⁸ Ou “um conjunto de pessoas agregadas em razão do engajamento mútuo em um empreendimento comum” (Eckert; McConnell-Ginet, 2010 [1992], p. 102).

suas construções, incluindo-se aí a linguagem e o gênero. Argumentam que as comunidades de fala, usadas pelos sociolinguistas para determinar “sistemas linguísticos, normas e identidades sociais”, são “um construto frouxamente definido”, posto que eles (os sociolinguistas) as delimitam alicerçados em aspectos geográficos e/ou populacionais (Eckert; McConnell-Ginet, 2010 [1992], p. 101).

Grupos de indivíduos engajados mutuamente em um empreendimento comum, como dupla de policiais, família elementar, amigos de vizinhança, frequentadores assíduos de um bar, empregados de uma fábrica, etc., desenvolvem, por meio de suas ações (práticas sociais), crenças, formas de falar (padrões linguísticos) e de fazer coisas, relações e valores. No que tange às formas linguísticas carregadas de significados sociais e às identidades de gênero, ambas estão sendo produzidas e reproduzidas constante e mutuamente pelas comunidades de prática e seus participantes (Eckert; McConnell-Ginet, 2010 [1992]).

Paiva (2007) esclarece que é no nível lexical que se encontram as distinções mais visíveis entre a fala de homens e mulheres. Conforme ela, certas palavras são julgadas mais aceitáveis na boca destes do que na daquelas, embora, no Ocidente, um vocabulário propriamente masculino e feminino seja cada vez menos real e mais próximo à extinção.

Geralmente, formas linguísticas de prestígio predominam-se na fala das mulheres, sinalizando que elas possuem maior sensibilidade e consciência quanto ao *status* social das variantes padrão. Desse modo, em processos de mudança linguística, se as variantes forem prestigiadas, as mulheres tendem a liderá-las; ao contrário, se forem estigmatizadas, assumem uma postura conservadora e, nesse caso, são os homens que tomam a liderança de tais processos (Paiva, 2007; Freitag, 2015).

No entanto, Freitag argumenta que

se a Sociolinguística tem como premissa, em tendência ampla, o estudo da relação entre língua e sociedade, precisa considerar que a sociedade muda; se a sociedade muda, as explicações do modelo teórico-metodológico deveriam, também, mudar: a explicação de as mulheres preferirem as formas padrão ou não estigmatizadas, por conta de seu papel como mães e educadoras, talvez fosse válida e pertinente nos anos 1960; hoje, não se pode dizer que é este o papel das mulheres na sociedade (Freitag, 2015, p. 18).

De fato, à medida que o tempo passa, os costumes sociais mudam e, conseqüentemente, a língua. Portanto, ao examinar a influência da variável sexo/gênero sobre a variação linguística, é necessário levar em conta não apenas o prestígio que a comunidade de fala atribui às variantes, mas também os vários aspectos socioculturais de sua organização (Paiva, 2007).

Além disso, segundo Freitag (2015, p. 30-31), “assim como a idade, sexo é uma categoria biológica que baliza normas, papéis sociais e expectativas em todas as sociedades. E

por conta do traço social, é mais apropriado falar em gênero do que em sexo”. Ferraz e Brito (2018, n. p.), assim como a autora, endossam que sexo é “um termo para designar uma característica biológica”, enquanto “o gênero faz parte da identidade dos falantes e, logo, trata-se de uma construção histórica, social e política”.

Pode-se dizer que as diferentes maneiras de ver e definir os fatores sociais, bem como as relações que eles estabelecem com a variação e mudança linguísticas, influenciaram os sociolinguistas. Ademais, os significados e as identidades sociais que as variantes produzem e reproduzem no contexto das comunidades de fala ou de prática levaram a distintas práticas analíticas e metodológicas em seus trabalhos.

Eckert (2012) propõe uma divisão da Sociolinguística em três ondas, que não se substituem nem se sucedem, cada uma com foco e metodologia distintos no estudo da variação linguística e seu significado social. A primeira onda de estudos sociolinguísticos, inaugurada por William Labov na década de 60, concentrou-se em estabelecer correlações amplas entre variáveis linguísticas e categorias macrosociológicas (como classe socioeconômica, escolaridade, etnia, idade e sexo). Esses estudos utilizaram métodos quantitativos para mostrar como a variação linguística estava estratificada socialmente.

A ideia central era que o uso de formas linguísticas não padrão (estigmatizadas)⁶⁹ estava associado a grupos de menor *status* socioeconômico, enquanto as formas padrão (prestigiadas) eram mais frequentes entre os grupos de maior *status*. A variação era vista como um reflexo da posição social dos falantes, com pouca atenção ao significado social mais profundo das variáveis linguísticas (Eckert, 2012).

A segunda onda, por sua vez, surgiu como uma reação à abordagem macrosociológica da primeira onda, trazendo uma perspectiva mais local e etnográfica. As pesquisas dessa onda, influenciadas pelos trabalhos de Lesley Milroy, buscaram entender como as categorias sociais locais (grupos de estudantes, profissionais, gerentes, etc.)⁷⁰ e as redes sociais⁷¹ influenciavam a variação linguística (Eckert, 2012).

Tal onda enfatizou o papel ativo dos falantes, mostrando que o uso de variantes linguísticas não era apenas um reflexo passivo da posição social, mas também uma forma de

⁶⁹ Conforme Tarallo (1997), normalmente, a variante padrão é a conservadora e prestigiada, e a variante não padrão é a inovadora e estigmatizada.

⁷⁰ Essas categorias são construídas pelas próprias comunidades por meio de práticas sociais e linguísticas compartilhadas.

⁷¹ Redes sociais são conexões sociais que os indivíduos estabelecem dentro de uma comunidade e que influenciam o uso da linguagem. Essas redes podem ser densas (ou multiplex) ou dispersas (uniplex), a depender da natureza dos contatos entre os falantes. Aquelas caracterizam-se pelos múltiplos tipos de relação que os indivíduos mantêm entre si, como amizade, trabalho e família, e tendem a reforçar normas linguísticas locais. Estas caracterizam-se pela menor sobreposição de laços sociais, favorecendo a adoção de variantes externas (Eckert, 2012).

expressar identidades locais e de classe. A segunda onda, portanto, trouxe uma visão mais dinâmica da variação, destacando como os falantes usam a linguagem para construir e negociar identidades sociais em contextos locais (Eckert, 2012).

Por fim, a terceira onda de estudos sociolinguísticos representa uma mudança teórica significativa, ao colocar o significado social no centro da análise da variação linguística. Eckert (2012) argumenta que a variação linguística constitui um sistema semiótico social robusto, capaz de expressar uma ampla gama de preocupações sociais em uma comunidade de prática.

Nessa onda, as variáveis linguísticas são vistas como recursos semióticos que ganham significados específicos no contexto de estilos e práticas sociais. A terceira onda enfatiza que a variação não apenas reflete, mas também constrói significados sociais, sendo uma força ativa na mudança social. Ela (a terceira onda), portanto, coloca os falantes como agentes estilísticos ativos, que usam a variação linguística para se posicionar no cenário social e construir identidades ao longo da vida (Eckert, 2012)⁷².

Como toda e qualquer teoria, a Sociolinguística também apresenta pontos positivos e negativos quanto à sua abordagem teórico-metodológica. Acreditamos, contudo, que a existência de diversas vertentes de estudo da língua possibilita perscrutá-la minuciosamente, cada qual chegando a resultados muito interessantes e particulares. Além do mais, é dos múltiplos meios analíticos, das limitações teórico-metodológicas e das lacunas explicativas para determinado(s) fenômeno(s) linguístico(s) que surgem novas correntes de estudos, interseções entre teorias e aperfeiçoamentos epistemológicos e procedimentais.

Argumentamos ainda que cada construto teórico (comunidades de fala, prática e redes sociais) deve ser tomado como viável ou não a depender do objeto de estudo e dos objetivos do pesquisador. No caso dos tabus linguísticos concernentes ao campo semântico do ato sexual, percebemos que o conceito de comunidade de fala nos foi muito vantajoso para a delimitação dos participantes do trabalho e para a coleta dos dados linguísticos.

Expliquemos o porquê: os itens lexicais erótico-obscenos sofrem interdições morais devido à decência e ao pudor, logo, são proscritos socialmente; coletá-los não apenas com heterossexuais (maioria), mas também com bissexuais e homossexuais (minorias), acarreta em

⁷² É válido dizer que Freitag (2023) retoma a proposta de uma quarta onda na Sociolinguística – inspirada na organização por ondas do movimento feminista e nas contribuições de autores como a sociolinguista negra estadunidense Anne Charity-Hudley – e a ressignifica no contexto brasileiro como a tendência/onda do ativismo sociolinguístico, marcada pelo engajamento social (com a atuação do pesquisador para além da produção acadêmica, como na devolutiva à comunidade pesquisada), pela difusão do conhecimento para além dos muros da academia (por meio da socialização dos resultados com a comunidade envolvida e da produção de materiais acessíveis) e pela valorização de identidades linguísticas subalternizadas (como as variedades associadas a pessoas de baixa renda, *gays*, mulheres, negros, nordestinos, entre outros).

um afinilamento na amostra pretendida; ao cruzar os fatores dos grupos de fatores para a formação das células sociais, notamos a necessidade de 24 respondentes bastante heterogêneos(as); por conseguinte, a censura envolta dos tabus dificulta a coleta de dados linguísticos de uma amostra aleatória, equilibrada e representativa; se limitássemos à comunidade de prática, e conseqüentemente às redes sociais, talvez tivéssemos tido ainda mais dificuldades em obter os 12 homens e as 12 mulheres e, também, as variadas sinonímias para os conceitos embutidos nas 16 perguntas do QSL; entendemos, portanto, que as comunidades de fala abarcam um maior número de membros que compartilham normas e atitudes símile em relação ao uso da língua, interagem linguisticamente de maneira frequente e partilham traços linguísticos exclusivos que os distinguem em relação aos demais conjuntos de falantes.

Nesta seção, tratamos da Teoria da Variação e Mudança Linguística (ou Sociolinguística Laboviana) e sobre alguns conceitos fundamentais dessa corrente de estudos. Também discorremos brevemente sobre os *fatores “sociais”*, as *comunidades (de fala e de prática)* e as *três ondas da Sociolinguística*. Na seção a seguir, arrazoaremos sobre o tabu (linguístico), o eufemismo e a linguagem proibida.

1.3 Tabu (linguístico), eufemismo e linguagem proibida

A interdição explícita ou implícita de proferir determinadas palavras ou expressões – seja por receio ou pavor em relação às coisas mágicas e religiosas; seja por cortesia ou prudência quanto às coisas patológicas e ilícitas; seja por decoro, pudor ou honradez acerca dos órgãos sexuais e do sexo, das funções fisiológicas e das blasfêmias – levou os(as) falantes a criar meios substitutivos de explicitá-las. Dito de outro modo, as unidades lexicais tabus são substituídas, via de regra, por eufemismos (lexias agradáveis).

Essa linguagem proibida, que pode ser de cunho mágico e religioso, ou patológico e ilícito, ou sexual, escatológico e insultuoso, abarca lexias que podem ser consideradas, a depender da subjetividade do emissor e receptor, palavrões. A gíria, itens lexicais criptológicos, também dá origem aos palavrões, que, normalmente, são tidos como vocábulos indecorosos e obscenos.

Vejamos mais sobre cada um desses tópicos nas duas subseções a seguir.

1.3.1 Tabu (linguístico) e eufemismo

Em consonância com Antunes (2012), a relação entre seres humanos e mundo se dá pela linguagem, mas essa relação não acontece de maneira direta, ou seja, entre as palavras e as coisas que dele fazem parte. Para a autora, tal relação ocorre entre as (sub)categorias cognitivas que as pessoas constroem das coisas ao longo de sua experiência e as palavras que sua língua disponibiliza para exprimir estas (sub)categorias. As palavras são, portanto, a representação linguística das (sub)categorias cognitivas construídas e armazenadas pelos humanos. O léxico, desse modo, equivale ao repertório dos itens lexicais com que as pessoas exprimem tais (sub)categorias e está, ainda, vinculado ao conhecimento que elas concebem em suas vivências com o grupo sociocultural no qual estão inseridas.

Esse caráter relacional indireto entre lexias e as coisas que elas nomeiam é um argumento interessante. Comportamentos, crenças, atitudes e emoções, em todas as sociedades, são regidas pela língua(gem). As palavras, enquanto entidades portadoras de força e poder, seriam capazes de autorizar e proibir atitudes, manter ou substituir valores comuns e mudar o estado de espírito dos seres humanos. Em consequência disso,

[...] a unidade *palavra* tem um papel privilegiado na percepção e na reflexão social sobre as línguas, devido à sua característica central de nomear objetos, ações e relações. Precisamente por essa característica e esse papel, as palavras tornam-se facilmente *símbolos sociais*; ou seja, *transcendem sua natureza de signos linguísticos e tornam-se representantes de concepções, valores e tabus sociais*, aos quais são atribuídos desde propriedades mágicas até funções morais ou ideológicas (Lara, 2006, p. 213, itálicos originais, tradução nossa)⁷³.

O léxico, em maior proporção, se comparado à gramática, é um componente linguístico que sofre bastante variação, isso porque as crenças, as convicções, as ideias, as opiniões, os valores e os princípios culturais, econômicos, educacionais, geográficos, políticos e sociais de uma determinada comunidade se refletem nele. Segundo Preti,

sob a perspectiva moral, por exemplo, as frágeis linhas que marcam os limites dos *bons costumes*, cujos conceitos continuamente se renovam dentro de uma comunidade, são transpostas para o campo do léxico. Formas vulgares se incorporam à fala culta ou vice-versa. A vida das palavras torna-se um reflexo da vida social e, em nome de uma ética vigente, proíbem-se ou liberam-se palavras, processam-se julgamentos de *bons* ou *maus* termos, apropriados ou inadequados aos mais variados contextos. E tabus linguísticos aparecem como decorrência de tabus sociais (Preti, 1983, p. 60-61).

⁷³ Do original: “[...] la unidad *palabra* tiene un papel privilegiado en la percepción y la reflexión social acerca de las lenguas, debido a su característica central de nombrar objetos, acciones y relaciones. Precisamente por esa característica y ese papel, las palabras se convierten fácilmente en *símbolos sociales*; es decir, *trascienden su naturaleza de signos lingüísticos y se convierten en representantes de concepciones, valores y tabúes sociales*, a los que se les atribuyen desde propiedades mágicas hasta funciones morales o ideológicas” (Lara, 2006, p. 213).

O *tabu*, como um fenômeno social e psicológico (Lara, 2006), pode ser observado em sua origem. Comportamento dos nativos das Ilhas Tonga foi registrado pelo navegador inglês James Cook (1728-1779) em sua última viagem à Oceania. Nas línguas polinésias, *tapu*, um adjetivo que se anglicizou em *taboo*, era usado para qualificar todas as coisas que eram sagradas e proibidas ao mesmo tempo: animais, lugares, objetos, pessoas e tudo mais que possuía valor ou importância (Augras, 1989).

Conforme Augras (1989), o tabu não apenas estipula a natureza sagrada e proibida das coisas e pessoas, como também os mecanismos utilizados para conviver com elas. Apesar de eficaz dispositivo de controle social, violá-lo faz parte da dinâmica, pois a transgressão dos limites por ele estabelecidos reafirma a separação entre o interdito e o autorizado, e não a invalidação dessa separação.

Para a psicóloga, o tabu é um fenômeno universal⁷⁴, antiquíssimo, muito enraizado nos valores e costumes socioculturais das comunidades (Augras, 1989). Sua existência está inerentemente calcada nos comportamentos e valores de um grupo, pois

em cada sociedade, as crianças aprendem, desde o nascimento, como sua cultura representa o mundo, e quais são as regras de comportamento dentro dele. É o que se chama de socialização. A socialização transforma regras de conduta e representação do mundo em vivências individuais. O que se teme, o que se ama, o que comove, é aquilo que o grupo social valoriza como objeto de emoção, temor, ou desejo. Os afetos individuais desenvolvem-se *dentro* desse quadro de representações e valores (Augras, 1989, p. 33, *itálico original*).

A presença dos tabus nas sociedades contemporâneas justifica-se, desse modo, pela tradição de passar, de geração em geração, os mesmos costumes em relação às coisas e pessoas proibidas. Como parte da herança cultural e social, os tabus mantêm-se, com maior ou menor grau de rigidez, no imaginário popular, prescrevendo o que não pode ser dito, feito, tocado, etc.

De acordo com Guérios (1956, 1979), existem ações-tabus, cuja proibição é praticá-las; lugares-tabus, cuja proibição é pisá-los ou avizinhá-los; objetos-tabus, cuja proibição é tocá-los; e palavras-tabus, cuja proibição é pronunciá-las. Se a coletividade, a família ou o indivíduo assim não proceder, estarão sujeitos a azares e calamidades. O tabu linguístico é, em consequência disso, uma variedade do tabu em geral ou uma extensão dos outros tabus. Se uma ação, coisa ou pessoa é proibida, as palavras que fazem referência a elas de igual modo o são (Guérios, 1956; 1979).

⁷⁴ Guérios (1956) também afirma que os tabus são universais, estão presentes em todas as épocas e podem variar, em termos de intensidade e instauração, de comunidade para comunidade (o que é alvo de interdição para um grupo pode não o ser para outro).

O tabu linguístico, segundo o autor anteriormente referido, pode ser definido de dois modos: própria e imprópria. O tabu linguístico propriamente dito trata-se da proibição de proferir determinado nome ou determinada palavra, pois, por possuírem poderes sobrenaturais, trariam desgraças ou infelicidades; seria o tabu mágico-religioso ou de crença. Diferentemente, o tabu linguístico imprópria dito é a proibição de proferir expressão imoral ou grosseira, seja ela qual for; seria o tabu moral ou de sentimento (Guérios, 1956; 1979).

Os tabus linguísticos do campo semântico referente ao ato sexual se enquadram nos tabus impróprios. Curiosamente, Augras (1989, p. 10) assevera que, “em praticamente todos os grupos humanos, o que diz respeito à sexualidade é objeto de proibições e preceitos”. Segundo a pesquisadora, exemplo disso seriam os órgãos genésicos do corpo humano, que são nomeados por jargão médico-científico ou por palavrões. Além disso, não é apenas na cultura brasileira que *comer* também significa ‘ter relações sexuais’ (p. 38).

Guérios (1956, 1979) classifica os tabus em onze tipos: (i) tabus em nomes de pessoas; (ii) tabus em nomes de parentes; (iii) tabus em nomes de autoridades; (iv) tabus em nomes religiosos (teônimos, hierônimos, etc.); (v) tabus em nomes de mortos; (vi) tabus em nomes de animais; (vii) tabus em nomes dos membros do corpo humano; (viii) tabus em nomes de lugares e circunstanciais; (ix) tabus em nomes de doenças e defeitos físicos; (x) tabus em nomes de alimentos; e (xi) tabus em nomes vários.

E propõe quatorze processos de substituição das palavras-tabu (Guérios, 1956; 1979): (i) gesticulação; (ii) sinônimo; (iii) expressão genérica; (iv) estrangeirismo ou dialetismo; (v) hipocorístico ou antífrase; (vi) disfemismo; (vii) cruzamento vocabular; (viii) elipse; (ix) diminutivo; (x) deformação fonética; (xi) modificações sintáticas; (xii) plural; (xiii) gênero neutro; e (xiv) diminuição da voz⁷⁵.

Guérios (1979, p. 168-169) chega a algumas conclusões interessantes quanto aos tabus (linguísticos), das quais destacamos:

⁷⁵ Como na obra do autor carecem de exemplos do português, forneceremos nós mesmos alguns: (i) 🍑 ou 🍆🍑 (gestos para a expressão *vai tomar no cu*); (ii) *flor* (sinônimo para *vulva*); (iii) *tocar-se* (expressão genérica para a *masturbação*); (iv) *bareback* (estrangeirismo para o *sexo anal sem o uso de preservativo*); (v) *cidinha* (hipocorístico para a *SIDA – Síndrome da Imunodeficiência Adquirida*) ou *estudar anatomia* (antífrase – ideia contrária ou irônica – para referir-se ao *ato sexual*); (vi) *imunda* (disfemismo para *garota de programa*); (vii) *boyceta* (cruzamento vocabular de *boy* (*garoto*) + *boceta* (*vulva*); refere-se a uma identidade de gênero não binária e trata-se de pessoas que se identificam com o masculino, mas não o dito “masculino tradicional”); (viii) *seu filho de uma...* (elipse da palavra-tabu *puta* na expressão *seu filho de uma puta*); (ix) *punhetinha* (diminutivo de *punheta* ‘masturbação’); (x) *carvalho* (deformação fonética para *caralho* ‘pênis’); (xi) *Bruna foi traçada* (passiva para a expressão *Erica traçou a Bruna*); (xii) *limões* (palavra plural para referir-se ao *seios*); (xiii) *cadele* (gênero neutro para *cadela* ‘homossexual promíscuo’ – no português, carecemos de nome/pronome/artigo neutro propriamente dito, como *jackass*(*idiota*)/*it* (ing.), *es* (alem.), *lo* (esp.)); e (xiv) *esporrar* (*gozar*, mas pronunciado em voz baixa).

- a) “o tabu linguístico é um fenômeno universal e de todos os tempos, portanto verificável em qualquer idioma ou dialeto e em qualquer momento de sua história”;
- b) “é fator de interferência na regularidade da evolução fonética”;
- c) “é causa de evolução semântica”;
- d) “é criador de metáforas”;
- e) “é causa de desaparecimento de palavras”;
- f) “sofrem tabuização principalmente substantivos, adjetivos, verbos e frases”;
- g) “a anormalidade fonética, morfológica e semântica num vocábulo explica-se, tabuisticamente, dentro do campo semântico que o mesmo vive”;
- h) “não há vocábulos tabuizados sem um ou mais substitutos (metalexismos⁷⁶: noas, eufemismos)”;
- i) “as expressões metaléxicas, noas e eufêmicas, podem também vir a ser tabuizadas”;
- j) “à interdição de um vocábulo, que poderá ocasionar o seu desaparecimento, sucede imediatamente uma substituição, ou desfiguramento, que pode firmar-se na vaga deixada por aquele”;
- k) “é insuficiente o estudo da palavra independente da história da coisa, ou do fato, que essa palavra representa”;
- l) “a frequência e intensidade dos tabus linguísticos estão na razão direta da mentalidade e das concepções espirituais de um povo”.

Ullmann (1964), por sua vez, tratando das causas da mudança semântica, aponta que o fator psicológico é um dos motivos pelos quais as palavras mudam de significado: o estado de espírito do falante ou algum aspecto da sua índole mental seriam a causa para isso. No que diz respeito ao tabu, mais especificamente aos tabus linguísticos, o autor os divide em três grupos, levando em consideração a motivação psicológica que os sustentam (Ullmann, 1964, 1966):

- a) tabu de medo – refere-se ao pavor por seres sobrenaturais, espíritos diabólicos, nomes de animais e objetos inanimados;
- b) tabu de delicadeza – tange ao comportamento humano geral de evitar tratar diretamente assuntos tidos como desagradáveis, por exemplo, doenças e morte, defeitos físicos e mentais e, também, ações criminosas;

⁷⁶ *Metalexismo*: qualquer palavra ou expressão substituidora do tabu linguístico; *noa*: expressão neutra, permitida, substituta do tabu linguístico próprio (mágico-religioso ou de crença) – é o antônimo de *tabu* e não se equivale ao *eufemismo* (que concerne ao campo do moral ou do sentimental) (Guérios, 1979).

- c) tabu de decência – faz referência a três grandes esferas, o sexo, determinadas partes e funções do corpo humano, e os juramentos.

Para se evitar a palavra-tabu, os falantes recorrem a *eufemismos* (palavra de origem grega: *eu* ‘bem’ + *phēmē* ‘falar’) – a substituição do item lexical proibido, tido como agravante, grosseiro e ofensivo, por um mais científico, culto e velado –, no intuito de atenuar uma ideia triste ou desagradável frente ao destinatário. Todavia, a palavra-tabu pode ser intensificada, dando o locutor preferência por lexias de sentido agressivo, cru, despudorado e retalhante, casos designados como *disfemismos* (Correia, 1927; Guérios, 1979; Kröll, 1984; Lara, 2006; Ullmann, 1964).

As principais causas que originam os eufemismos são de natureza psíquica e social: crenças no poder enigmático e místico das palavras, e sentimentos como civilidade, decência, decoro, delicadeza, piedade, polidez, prudência e respeito (Correia, 1927; Kröll, 1984)⁷⁷. Os eufemismos, da mesma maneira que os tabus, variam de época para época e de grupo para grupo (Correia, 1927; Guedelha, 2011). Além disso, a vida deles é (relativamente) curta, posto que seu sentido, pelo uso e tempo, contamina-se pela crueza e pejoratividade que tentam velar, tornando-se disfemismos. Assim, renovam-se constantemente (Correia, 1927; Kröll, 1984).

Finalmente, segundo Correia (1927), o uso de eufemismos está sujeito:

- a) às classes sociais – as mais altas utilizam mais eufemismos que as mais baixas (populares);
- b) às idades – da mais a menos eufêmica, tem-se a infância, a adulta e a velhice (as senhoras, se comparadas aos senhores, são mais conservadoras, isto é, acostumadas a determinados vocábulos, mesmo que depreciativos e obscenos, não deixam de usá-los;
- c) aos sexos – as mulheres utilizam um vocabulário mais eufêmico que os homens;
- d) às circunstâncias – situações como contrariedade, fadiga e irritação; contextos de maior intimidade entre os interlocutores; locais como o quarto ou a mesa de jogo; e uma educação inferior são desfavoráveis ao uso de eufemismos.

1.3.2 Linguagem proibida

⁷⁷ Conforme Lara (2006), as razões para a criação dos eufemismos são: o tabu religioso, os objetos e seres (animais e pessoas) tidos como impuros, bem como os excrementos humanos, os órgãos genésicos e a sexualidade em geral.

No que tange ao léxico tabu, em especial aos itens lexicais erótico-obsceños⁷⁸, nosso objeto de estudo, eles se situam no grupo dos tabus de decência, já que fazem menção ao sexo. Conforme Preti,

o estudo da linguagem erótica, como não poderia deixar de ser, situa-se no campo dos tabus linguísticos morais e abrange áreas sobre as quais, quase sempre e por motivos óbvios, se tem preferido calar, como, por exemplo, a dos vocábulos obscenos, a dos *palavrões* e blasfêmias, a da gíria, a do discurso malicioso. Reunimos todas elas sob o nome genérico de *LINGUAGEM PROIBIDA*, porque quase todas se apresentam como formas linguísticas estigmatizadas e de baixo *prestígio*, condenadas pelos padrões culturais, o que as transformou, com poucas exceções, em tabus linguísticos (Preti, 1983, p. 3, caixa alta original).

De acordo com Preti (1983, p. 2), a linguagem erótica pode revelar-se “na gíria, no vocabulário obsceno, e nos processos linguísticos de expressão da malícia”. Observemos a definição de cada um deles:

- a) *gíria*⁷⁹ – vocábulo criptológico, defensivo e identitário de um grupo social restrito; enquanto privativo de um grupo, trata-se de *gíria de grupo* ou *signo de grupo*, mas quando se estende à língua oral popular, torna-se vocábulo gírio genérico, isto é, *gíria comum*⁸⁰; a vida da *gíria*, diferentemente da do *vocabulário obsceno*, é efêmera (Preti, 1983; 1984; 2007);
- b) *vocabulário obsceno* – vocábulos cujo significado faz referência à sexualidade (órgãos e ato) e às funções do corpo humano (escatologias) de modo grosseiro, injurioso e ofensivo (Preti, 1983); tange ao campo dos tabus linguísticos e serve à descarga afetiva (positiva ou negativa) ou à injúria, sendo considerado, a depender da situação, *palavrões* (vocabulário obsceno propriamente dito) (Preti, 1984);
- c) *processos linguísticos de expressão da malícia* – em contexto marcado pela malícia, o *vocábulo comum* adquire conotação erótica ou obscena, ou seja, seu significado remete ao sexual; dentre os múltiplos sentidos (polissemia) do *vocábulo comum*, o ouvinte deverá selecionar aquele marcado pelo *sema* (unidade mínima de significação) do erotismo; são os *semas* do *vocábulo comum marcado* que motivam as metáforas, por

⁷⁸ Entende-se por erótico (palavra oriunda do grego *erotikós*) aquilo que concerne ao amor sensual, em que predomina “a ênfase ao sexo e aos desejos sexuais de forma mais sutil”; e por obsceno, aquilo que é desagradável, indecente e ofensivo ao pudor (Orsi; Zavaglia, 2012, p. 158). Assim sendo, as unidades lexicais correlatas ao campo semântico do ato sexual reportam-se ora ao erótico, se tomarmos o sentido mais sensível e suave delas, e ora ao obsceno, se assumirmos o sentido mais despuadorado, grosseiro e injurioso delas.

⁷⁹ Assim como Camacho (2001), Preti (1983, 1984) considera a *gíria* como parte das *linguagens especiais*.

⁸⁰ A partir da leitura de Preti (1983, 1984), depreende-se que a *gíria de grupo* dá origem não só à *gíria comum* e ao *vocabulário erótico e obsceno*, mas também aos *palavrões* (*linguagem obscena propriamente dita*). Discerni-los, no entanto, não é uma tarefa nada fácil.

exemplo, para o *pênis – cacete*: /agressividade/, /força/ e /violência/; *ferro*: /resistência/ e /rigidez/; *banana*: /dimensão/; nesses exemplos, o processo metafórico tem como base a semelhança física (forma) entre o pênis e os objetos comparados; no contexto do discurso malicioso, é necessária uma pressuposição erótica em que o destinatário, mais que o locutor, deverá assimilar o significado implícito do vocábulo (Prete, 1983).

A metáfora, na Gramática Normativa, é amplamente defendida como uma *figura de palavra* (ou *tropo*; gr. *trópos* = *desvio*, *giro*). Cegalla (2008, p. 614, negritos e itálicos originais) a considera como “o desvio da significação própria de uma palavra, nascido de uma comparação mental ou característica comum entre dois seres ou fatos”:

- (12) O tigre é uma **fera**. [*fera* = animal feroz: sentido próprio, literal, usual]
 (13) Pedro era uma **fera**. [*fera* = pessoa muito brava: sentido figurado, ocasional]

Rocha Lima (2011, p. 598, itálicos originais), na mesma linha, a entende como “a transferência de um termo para uma esfera de significação que não é a sua, em virtude de uma comparação implícita”:

- (14) Doente do *coração*. [*coração* = significação denotativa]
 (15) Penetramos no *coração* da floresta. [*coração* = significação conotativa]

Ambos os gramáticos declaram que a metáfora fundamenta-se na relação de similaridade⁸¹ ou característica comum existente entre os objetos/termos comparados e serve à expressão (cf. os exemplos de 12 a 15). Pottier (1978, p. 89, itálicos originais), por seu turno, concebe a metáfora como um caso particular de polissemia, em que há redução do *semema* (conjunto de semas que formam uma unidade de significação):

- (16) denotativo – “o *calor* dilata os corpos” – /grau/ e /intensidade/;
 (17) conotativo – “o *calor* dos aplausos” – /intensidade/.

Nos exemplos (16) e (17), consoante o teórico, houve uma seleção sêmica, excluindo-se a referência térmica no segundo deles. No caso da linguagem proibida (gírica e obscena), há

⁸¹ A metáfora encontra “o seu fundamento na mais natural das leis psicológicas: a associação de ideias” (Rocha Lima, 2011, p. 598).

uma intensificação dos semas que geram as metáforas dos vocábulos: *melancia* ‘ânus, bunda’ – /forma/, /volume/ e /exibição/; *perua* ‘prostituta’ – /promiscuidade/; *três vinténs* ‘virgindade’ – /dinheiro/ e /valor/ (Preti, 1983).

Lakoff e Johnson (2002 [1980], p. 45 e 47-48, itálicos originais) defendem que “a metáfora está infiltrada na vida cotidiana, não somente na linguagem, mas também no pensamento e na ação. Nosso sistema conceitual ordinário, em termos do qual não só pensamos mas também agimos, é fundamentalmente metafórico por natureza”. Para eles, “*a essência da metáfora é compreender e experienciar uma coisa em termos de outra*”.

Ferrari (2011, p. 92), na esteira dos pesquisadores supramencionados, sustenta que “a metáfora é, essencialmente, um mecanismo que envolve a conceptualização de um domínio de experiência em termos de outro”. Segundo a autora, na metáfora pode-se identificar um domínio mais físico (o domínio-fonte), do qual se projetam informações para um domínio mais abstrato (o domínio-alvo):

(18) Metáforas – Ele tem alta reputação na empresa;

João tem um cargo relativamente baixo.

Domínio-fonte – a dimensão vertical do espaço físico;

Domínio-alvo – o *status* social.

O exemplo acima pode ser entendido, nos termos da autora (Ferrari, 2011, p. 97), pois “a estrutura conceitual e a linguagem do domínio-fonte são usadas para retratar uma situação no domínio-alvo”.

Assim como o léxico, as metáforas refletem o ambiente físico e cultural dos falantes, pois emergem de nossas experiências (por exemplo, orientação espacial, contenção, entidade, personificação) e da forma como interagimos com o mundo. Essas experiências estruturam muitas das metáforas que usamos no cotidiano, influenciando profundamente nossa percepção e interpretação da realidade (Lakoff; Johnson, 2002 [1980]):

(19) Ele *caiu* em depressão [Metáfora: FELIZ É PARA CIMA; TRISTE É PARA BAIXO];

(20) Douglas está *no* Laicos (bar) [Metáfora: GRUPOS SOCIAIS SÃO RECIPIENTES];

(21) O término a *desmoronou* [Metáfora: MENTE É UM OBJETO QUEBRADIÇO];

(22) A inflação *é* o maior *inimigo* do Brasil [Metáfora: INFLAÇÃO É UM ADVERSÁRIO].

Em (19), *cair* é experienciado a partir da orientação espacial (para baixo), associada à tristeza; em (20), *no* é entendido como *dentro de*, logo, a experiência refere-se à ideia de contenção (na qual grupos sociais são concebidos como recipientes); em (21), *desmoronar* concerne à mente, que é experienciada como uma entidade (objeto quebradiço); por fim, em (22), a inflação é experienciada como um humano/inimigo, assim sendo, ela é personificada (é um adversário).

Voltando à gíria, este recurso serve-se à expressividade – como criticar, desprezar, divertir, ironizar e ridicularizar – e à agressão – às diferenças sociais, de classe, aos valores tradicionais, etc. Dissemina-se principalmente em função da mídia e renova-se por meio de vocábulos já existentes na língua que recebem novos sentidos: *almôndega* ‘grupo de dançarinos’, *jaula* ‘cela’, *lagartixa* ‘fila de ônibus’, *presunto* ‘cadáver’, etc. (Preti, 2007, p. 3-5).

Por meio de processos metafóricos, os significados dos vocábulos comuns (que se tornam gíricos) são transfigurados: *branquinha* ‘cachaça’, *fossa* ‘desânimo’, *grude* ‘comida’, *mamar* ‘obter lucro de alguma coisa’, *piranha* ‘prostituta’⁸², etc.; ou os significantes que são desfigurados: *carango* ‘soldado’, *debilóide* ‘idiota’, *loteca* ‘loteria’, *prafrentex* ‘pra-frente’, *satisfa* ‘satisfação’, *velhusca* ‘velhote’, *vivaldino* ‘espertalhão’, etc. (Preti, 1984, p. 5-6).

Associa-se às gírias, via de regra, baixo prestígio linguístico, posto que se originam nas classes sociais baixas ou em grupos sociais restritos (estudantes, esportistas, marginais, prostitutas, travestis, toxicomaníacos, etc.). No entanto, alguns vocábulos

ascendem na escala sociocultural, integram-se no uso diário da comunidade, chegam a alcançar, não raro, até os contextos literários. Essa transformação, em geral, dá-se pelo contato entre a língua oral e a escrita, em particular pelos textos de jornais ou pela crescente influência do rádio e TV, com a ocorrência desses vocábulos nas entrevistas ou telenovelas. A partir daí, passam a ser dicionarizados, pelo menos naqueles léxicos mais abertos à influência da linguagem popular, sob a rubrica de formas *familiares* (Preti, 1984, p. 21, itálico original).

Quanto aos palavrões, vocabulário obsceno propriamente dito, Preti (1983,1984) afirma que eles são socialmente imbuídos de valores éticos e morais. À vista disso, quando os costumes do grupo mudam, tais valores associados aos vocábulos obscenos também mudam. De acordo com o pesquisador, eles não se limitam às classes baixas, uma vez que, quando injuriosos

⁸² Conforme Coulthard (1991, p. 32), as metáforas para a mulher promíscua “têm óbvias conotações sexuais e sexistas” – *cadela, égua, loba, vaca*; já para os homens promíscuos, “a metáfora raramente se refere a qualidades sexuais” – *cachorro, cavalo, lobo, touro*; ou sequer são pejorativas – *dom-juan, conquistador*. As metáforas para os homens homossexuais também são depreciativas – *bicha, veado*. Além disso, uma pesquisa estadunidense apontou que os “homens dizem palavrões três vezes mais que as mulheres” e outros trabalhos internacionais mostraram que “os homens possuem um vocabulário obsceno maior” (Coulthard, 1991, p. 36-37).

(grosseiros) ou blasfematórios⁸³, funcionam mais como elementos de expressão de sentimentos do que como elementos comunicativos.

A progressiva desmistificação do sexo é a responsável pelo aumento no uso dos palavrões e por sua dicionarização. A mudança de *atitude* (*certo x errado, feio x bonito*) quanto a eles também foi fator importante para que aparecessem mais incidentalmente nos meios de comunicação de massa (Preti, 1983; 1984). Geralmente, os palavrões (grosseiros e obscenos) fazem “referência a uma vida sexual quase sempre deformada, que se fundamenta nos comportamentos de exceção, nos vícios e exageros eróticos” (Preti, 1983, p. 65).

A *situação*, “condições extraverbais que cercam o ato de fala”⁸⁴, é o elemento identificador dos palavrões. Enquanto tabus linguísticos, que tangem à sexualidade (ato e órgãos) e às escatologias, perpetuam-se ao longo do tempo sem muitas alterações formais e conceituais (característica contrária às gírias, que são efêmeras). Servem à catarse e à injúria, são resultado da apreciação do obsceno e, assim como as gírias, recorrem ao “erotismo como fonte criadora de novos significados”, fato que os baralha e confunde (Preti, 1983, p. 65-66; Preti, 1984, p. 41).

Conforme Araripe (1999, p. 17), “os conflitos sociais e étnicos, evidentes ou difusos, a desproteção das minorias e, talvez, alguma maldade inerente à natureza humana, são a grande fonte geradora da linguagem sexual do povo”. No entanto, essa linguagem sexual, quando obscena, não deverá manifestar-se diretamente na fala e, quando erótica, deverá insinuar-se nela, mas não abertamente (Arango, 1991).

A proibição e os valores emocionais atribuídos aos palavrões são distintos e, tal como Preti, Arango (1991) afirma que eles são obscenos porque sempre fazem alusão ao ato sexual, aos órgãos genésicos e às secreções. De acordo com o psicanalista, os palavrões violam as regras sociais e caracterizam-se como tabus linguísticos, pois ferem a moral social (ou seja, a cortesia, a decência, o decoro e o pudor sociais).

À vista disso, os termos científicos, os eufemismos e os diminutivos entram como itens lexicais substitutos da palavra-tabu. Isso porque os palavrões têm poder alucinatório,

⁸³ É estranho pensar que os vocábulos obscenos propriamente ditos (os *palavrões*), concernentes ao sexo e às escatologias, podem ser relacionados à blasfêmia (cujo sentido nuclear é: “enunciado ou palavra que insulta a divindade, a religião ou o que é considerado sagrado”). Contudo, por extensão, a blasfêmia pode ser tida como “palavra, expressão ou afirmação que insulta ou ofende o que é considerado digno de respeito ou reverência”. Desse modo, socialmente, os falantes são tidos como merecedores de consideração, entendida aqui como “digno de respeito ou reverência”, logo, faz sentido o uso de *blasfematório* pelo autor (as acepções entre aspas foram retiradas do dicionário *Houaiss*). Palavras ou expressões sagradas/profanas usadas de forma irreverente, ou seja, blasfematória em sentido restrito, seriam: (*Jesus*) *Cristo!*, (*Meu*) *Deus do céu!*, *Pelo amor de Deus!*, (*Mas*) *que inferno!*, (*Que*) *diabos!*, etc.

⁸⁴ Ou também “circunstâncias extralinguísticas (local, tema, grau de intimidade entre os falantes, intenções dos interlocutores, fatores imprevistos de toda ordem)” (Preti, 1984, p. 59).

reproduzem de maneira mágica a atividade sexual ou os órgãos sexuais que designam. Tal magia “é diretamente proporcional à proibição. Quanto maior o medo, maior a magia. O vocábulo mais condenado é o que maior força alucinatória tem. [...] E, assim, a diferente força dos termos-tabu dá origem a uma escala de valores entre eles” (Arango, 1991, p. 112).

Os órgãos genitais são mais proibidos que o ato sexual, uma vez que

os vocábulos *pica* e *boceta* reproduzem, com grande fidelidade e impacto visual, os órgãos genésicos. Sua figura, seu tamanho, sua cor e, às vezes, até o seu cheiro. Nós os *vemos* com todo seu encanto e esplendor. Por outro lado, a palavra *foder* não os pinta da mesma forma. E, ao contrário, de certo modo, os oculta. Mostra-nos, é certo, o casal no ato do coito, mas nele os genitais se confundem entre si e então... não são vistos! (Arango, 1991, p. 113, itálicos originais).

Por conseguinte, o mais representado é o menos proibido e vice-versa, refletindo a escala de valores vigente entre os palavrões (Arango, 1991). Basso (2018, *on-line*) afirma que “quanto mais tabu é uma área (numa dada sociedade, numa dada época), mais pesado será o item que se origina dela e é considerado palavrão (ou ofensivo)”.

Para finalizar esta complexa subseção, dispusemos a seguir de uma simples síntese:

- a) a *linguagem proibida* engloba as *gírias*, os *vocábulos obscenos* (palavrões) e os *vocábulos comuns marcados* (pela pressuposição erótica);
- b) as *gírias de grupo* são criptológicas, expressivas (agressivas e defensivas) e efêmeras;
- c) os *vocábulos obscenos* são aqueles em que o seu sentido reporta ao ato sexual, aos órgãos genitais e às escatologias; a depender do contexto, são eróticos (se fazem alusão ao amor ou desejo sexual de modo saudável, normal, decente) ou obscenos (se referem à sexualidade corrompida, anormal, despudorada); nesse último caso, são *palavrões* e servem à expressão de sentimentos (negativos ou positivos) ou à ofensa/grosseria (injúria, blasfêmia); os *vocábulos obscenos* são tabus linguísticos, não se alteram no decorrer do tempo como as *gírias* e, reiteradamente, misturam-se com elas, visto que ambos usam do erotismo para criar novos sentidos;
- d) os *vocábulos comuns marcados* são aqueles que, em contextos marcados pela malícia, adquirem sentidos fesceninos.

Nesta seção, versamos sobre o *tabu (linguístico)*, o *eufemismo*, principal substituidor da palavra-tabu, e a *linguagem proibida*, que abrange as *gírias*, os *vocábulos obscenos* e os *palavrões*. Na seção abaixo, nos ocuparemos da diversidade sexual e de gênero, já que a orientação sexual é uma das variáveis que selecionamos para analisar na nossa pesquisa.

1.4 Diversidade sexual e de gênero

Na Introdução desta dissertação, frisamos que, diferentemente das pesquisas sociolinguísticas tradicionais, não consideraremos *sexo* e *gênero* como termos sinônimos, separando, pois, a díade *sexo/gênero*. Segundo Jesus (2012), desde crianças, somos instruídos a agir de acordo com o nosso sexo biológico, meninos brincam de carrinho e vestem azul, meninas brincam de boneca e vestem rosa, e, durante o desenvolvimento, somos educados que mulheres são de uma maneira X e os homens são de uma maneira Y.

Contudo, a autora afirma que a significativa distinção que notamos entre homens e mulheres é construída socialmente, desde quando nascemos e somos condicionados a agir do mesmo modo com que somos identificados, ou seja, conforme o papel de gênero⁸⁵ que nos é “adequado”. As influências sociais, por não serem tão explícitas, levam-nos a crer que as diferenças entre mulheres e homens são biológicas (baseadas, principalmente, em nossas genitálias), quando, na realidade, grande parte delas são motivadas pelo convívio social (Jesus, 2012, p. 8).

De acordo com a pesquisadora,

para a ciência biológica, o que determina o sexo de uma pessoa é o tamanho das suas células reprodutivas (pequenas: espermatozoides, logo, macho; grandes: óvulos, logo, fêmea), e só. Biologicamente, isso não define o comportamento masculino ou feminino das pessoas: o que faz isso é a cultura, a qual define alguém como masculino ou feminino, e isso muda de acordo com a cultura de que falamos (Jesus, 2012, p. 8).

Jesus (2012) destaca, ainda, que existem algumas culturas em que o sexo não é definido pelo órgão genésico. O conceito básico que nos permite entender homens e mulheres, o masculino e o feminino, é, portanto, o de gênero. Logo, sexo é biológico e gênero é social, sendo construído de formas distintas de cultura para cultura. Estabelecer o que é ser homem ou mulher, então, não se baseia nos cromossomos ou na conformação genital, mas, sim, na “autopercepção” e na “forma como a pessoa se expressa socialmente” (Jesus, 2012, p. 8).

Dessa maneira, assevera a estudiosa, a adoção ou não de certos papéis de gênero independe de nossas genitálias, de nossos cromossomos ou níveis hormonais, sendo “a vivência de um gênero (social, cultural) discordante com o que se esperaria de alguém de um

⁸⁵ A metáfora utilizada por Grossi (2010 [1998]) para explicar papel(éis) de gênero é bastante elucidativa: entende-se por papel, no mesmo sentido que se utiliza para a palavra no teatro, a representação de uma personagem. Considera-se papel de gênero tudo aquilo que determinada cultura associa ao sexo biológico macho ou fêmea. Portanto, de uma cultura para outra, esses papéis não serão os mesmos: cada uma delas os construirá de acordo com os atributos que consideram de masculinidade e feminilidade.

determinado sexo (biológico) [...] uma questão de identidade, e não um transtorno”, como é o caso das pessoas transgênero (ou apenas pessoas trans) (Jesus, 2012, p. 9).

Ainda sobre gênero, e apesar das limitações habituais a qualquer classificação, todas as pessoas podem ser categorizadas como transgênero ou cisgênero: se se identifica com o gênero que lhe foi atribuído no nascimento, trata-se de uma pessoa cis, do contrário, se não se identifica, trata-se de uma pessoa trans (Jesus, 2012). Aquelas pessoas que não se identificam com nenhum gênero são denominadas de nomes diversos e, consoante Jesus, até então, não consensuais⁸⁶: *queer*, andrógino, etc. O termo guarda-chuva *transgênero*, que abarca diferentes expressões da condição trans, acomoda dois aspectos relacionados a vivência do gênero (Jesus, 2012, p. 10):

- a) a vivência do gênero como identidade – o que caracteriza, portanto, transexuais e travestis;
- b) a vivência do gênero como funcionalidade – o que representa, portanto, *crossdressers*, *drag kings*, *drag queens* e transformistas.

Gênero, como já exposto, relaciona-se às formas de se identificar e ser identificada como mulher ou como homem. No que concerne à orientação sexual, esta reporta-se à atração afetivossexual por pessoas de algum(ns) gênero(s). Gênero não depende de orientação sexual e vice-versa. À vista disso, “não há uma norma de orientação sexual em função do gênero das pessoas, assim, nem todo homem e mulher é *naturalmente* heterossexual [...] o mesmo se pode dizer da identidade de gênero: não corresponde à realidade pensar que toda pessoa é naturalmente cisgênero” (Jesus, 2012, p. 12).

Em síntese, pessoas trans⁸⁷ podem ter como orientação sexual a bissexualidade, a heterossexualidade ou a homossexualidade, a depender, claro, do gênero ao qual se identificam e também do gênero ao qual se sentem afetiva e sexualmente atraídas. Por sua vez, pessoas que

⁸⁶ Atualmente, treze anos após o lançamento do livro da pesquisadora, pode-se dizer que há sim um relativo consenso. Todavia, como já dito em seções precedentes, gênero é uma categoria significativamente fluída, o que torna dificultoso classificá-la com exatidão e sem considerar que, ano após ano, novas identidades surgem. Para se ter um exemplo, alguns ativistas das causas da comunidade ensejaram que a sigla LGBTQIAPN+ fosse atualizada para LGBTQICAPF2K+ (lésbicas, *gays*, bissexuais, transgêneros, *queers*, questionando, intersexuais, curiosos, assexuais, agêneros, aliados, pansexuais, polissexuais, familiares, 2-espíritos e *kink*). Contudo, o constante aumento da sigla vem levantando questionamentos por pessoas dentro e fora da comunidade (Capricho, 2018; Gay Blog Br, 2018; Reis, 2023). No que tange ao uso da obra de Jesus (2012) neste trabalho, ele se justifica pela didática e objetividade na descrição dos termos e conceitos aqui necessários, que, muitas vezes, não são claros nem para pessoas não cisheterossexuais.

⁸⁷ Pessoas travestis seriam aquelas “que vivenciam papéis de gênero feminino, mas não se reconhecem como homens ou mulheres, mas como membros de um terceiro gênero ou de um não-gênero” (Jesus, 2012, p. 17).

se sentem atraídas pelo mesmo gênero são homossexuais e pessoas que se sentem atraídas por qualquer gênero são bissexuais (Jesus, 2012). Finalmente, heterossexuais são pessoas que sentem atração sexual pelo gênero diferente ao seu e não binárias são pessoas que não se identificam com o padrão binário de gênero.

Para finalizar, trazemos a asserção de Louro acerca do gênero e da sexualidade, que mostra seu caráter mutável e cultural:

aprendemos a viver o gênero e a sexualidade na cultura, através dos discursos repetidos da mídia, da igreja, da ciência e das leis e também, contemporaneamente, através dos discursos dos movimentos sociais e dos múltiplos dispositivos tecnológicos. As muitas formas de experimentar prazeres e desejos, de dar e de receber afeto, de amar e de ser amada/o são ensaiadas e ensinadas na cultura, são diferentes de uma cultura para outra, de uma época ou de uma geração para outra (Louro, 2008, p. 22-23, itálicos nossos).

Constata-se, tendo em vista o exposto deste capítulo, que a língua(gem), o léxico, os tabus linguísticos, a variação, a sexualidade, as pessoas e o espaço sociocultural que elas se encontram inseridas estão todos intrinsecamente interligados. Este fato mostra o quão frutíferas podem ser as pesquisas que se amparam nos pressupostos teórico-metodológicos da Lexicologia e da Sociolinguística Laboviana.

No próximo capítulo, o 2, apresentamos alguns trabalhos prévios, lexicais e variacionistas principalmente, sobre os *palavrões*, as *gírias*, o *léxico erótico-obsceno*, os *tabus linguísticos* e a *língua(gem) gay*.

2 TRABALHOS PRÉVIOS SOBRE PALAVRÕES, GÍRIAS, LÉXICO ERÓTICO-OBSCENO, TABUS LINGUÍSTICOS E LÍNGUA(GEM) GAY

Neste capítulo, apresentamos alguns trabalhos prévios que dialogam de maneira direta ou indireta com o nosso tema de pesquisa (léxico tabu) e objeto de estudo (itens lexicais erótico-obscenos). Em sua maioria, não tratam necessariamente sobre mudança, mas sim sobre variação linguística no português brasileiro. Na seção 2.1, encontram-se sobretudo obras que se dedicaram à dicionarização, mas também à investigação do *palavrão*, como Braga e Ribeiro (2008), Orsi e Bueno (2014), Bueno e Orsi (2014), e Zotelli-Filho e Maeda (2014). Na 2.2, oferecemos ao(à) leitor(a) uma obra e dois estudos que se debruçaram sobre as *gírias*: Fusaro (2001), Alonso (2009) e Vieira (2022). Já na seção 2.3, situam-se duas pesquisas que exploraram o *léxico erótico-obsceno*, a saber, as de Vivian Orsi (2007, 2009), uma das principais estudiosas do Brasil que se dedicou ao exame desse tipo de linguagem especial. Na 2.4, por sua vez, acham-se trabalhos que analisaram os *tabus linguísticos*, por exemplo, Rodríguez (2001), Ortiz-Alvarez (2007), Almeida (2007), Guedelha (2011) e mais. Por fim, a seção 2.5 contém obras que esquadrinham a *língua(gem) gay*⁸⁸, tanto para fins de dicionarização quanto para fins de observações lexicais e semânticas, como Silva (1992), Vip e Libi (2006), Rei (2014), Lau (2015), Monico e Legroski (2019), Ribeiro (2021), dentre outros. Ao final de cada seção, também dispomos de uma síntese que visa estabelecer algumas relações entre tais estudos e (os resultados de) a nossa pesquisa (capítulo 4).

2.1 Palavrões

“O MUNDO INTEIRO diz *palavrão*: homens, mulheres, velhos, moços, crianças, ricos, pobres, em russo, em chinês, em croata, em todos os idiomas”. É com essa frase que Souto Maior (1980, p. XIII, versalete e itálico originais) abre a introdução de seu *Dicionário do palavrão e termos afins*. Considerado o precursor sobre a temática, e *apesar* dela, apresenta-se como um trabalho científico sério, laborioso e à frente do seu tempo para a época⁸⁹.

⁸⁸ Utilizamos aqui *gay* como um item lexical guarda-chuva, isto é, que não se restringe apenas aos homossexuais masculinos.

⁸⁹ Preti (1984) tece algumas críticas à obra, com as quais concordamos. Elenquemos algumas: do ponto de vista lexicográfico, a metodologia adotada é deficiente, por exemplo, há a colocação errada de alguns verbetes, a ausência, em todos eles, de categoria gramatical e marcas de uso; a delimitação semântica dos palavrões é generalista, posto que o autor engloba, nos *termos afins*, *gírias* – *paquerar* ‘conquistar alguém’, *trottoir* ‘oferecer-se a meretriz pelas ruas’; o campo semântico, por sua vez, reúne lexias as quais não seriam injuriosas, tais como – *cema* ‘esmegma’, *chico* ‘menstruação’, *passarinho* ‘conjunto dos órgãos genitais masculinos’, etc. No entanto,

De fato, o autor afirma ter coletado material por meio de jornais, revistas e romances, e também através de formulários, inquirindo pessoas de variados graus de instrução, de diversas idades, de todas as classes econômicas e sociais, de ambos os sexos e de todas as regiões do Brasil (e também de Portugal continental). Valendo-se das fontes que consultou e de 3.620 unidades adequadamente preenchidas, ele chegou às seguintes conclusões (Souto Maior, 1980)⁹⁰:

- a) somente 56 pessoas, das 3.620 inquiridas, discordaram quanto à ideia da dicionarização de palavrão;
- b) a mulher, o rico e o velho falam menos palavrão do que o homem, o pobre e o jovem;
- c) a difusão dos meios de comunicação, como a televisão, motivou ainda mais o uso do palavrão pelas crianças;
- d) o palavrão apresenta-se necessário, na maioria das vezes, devido à sua capacidade de aliviar as tensões físicas e emocionais;
- e) a mãe e o esposo traído são os mais xingados;
- f) o palavrão varia geograficamente, ou seja, ele terá, em diferentes regiões, significados distintos.

De acordo com o folclorista, “problema sociolinguístico, o *palavrão* nunca teve seu uso tão generalizado quanto hoje⁹¹, simplesmente porque o povo é quem faz a língua que fala, quem lhe dá o colorido, o pitoresco da gíria e do *palavrão*” (Souto Maior, 1980, p. XIV-XV, itálicos originais). Criados pelo povo, os palavrões, com o passar do tempo, são dicionarizados e alcançam, nas elites, “uma espécie de reconhecimento oficial”.

Ademais, os meios de comunicação de massa são os responsáveis pela sua disseminação e pelo seu alcance nas crianças, sujeitas à educação, à idade e à moral dos censores e da sociedade censurada (Souto Maior, 1980). Não menos importante, em termos geográficos, consoante Souto Maior, é impossível circunscrever os palavrões regionalmente, haja vista a extensão do território brasileiro e a mobilidade demográfica que nele ocorre.

pactuamos com ele no que se refere ao mérito do *Dicionário*, principalmente ao colaborar com o estudo do léxico popular brasileiro, sobretudo o nordestino.

⁹⁰ Apesar de considerar aspectos sociais em sua pesquisa, Souto Maior (1980) não explicita a metodologia adotada na aplicação do formulário, na coleta dos dados e na descrição e análise do *corpus*. À vista disso, não se pode afirmar que o *Dicionário* tenha caráter sociolinguístico. Ademais, apresentamos aqui apenas os resultados do autor que são mais relevantes para o nosso estudo.

⁹¹ Discordamos do autor, pois muito provavelmente o palavrão sempre se fez recorrente e comum no cotidiano dos povos ao longo da história.

Gomes (1996, p. XI), por seu turno, em seu *Inglês proibido: dicionário do sexual vulgar*, encarregou-se da dicionarização daquelas que o autor denominou de “expressões vulgares (ditas obscenas ou palavrões)”. Munindo-se de ampla bibliografia, sem, contudo, defini-la, o autor compilou os verbetes e buscou, em obras inglesas e, mormente, em estadunidenses, as 618 abonações e 603 exemplificações presentes na obra.

Dividindo o tabu linguístico em duas categorias, a das “palavras que ultrajam a divindade ou a religião” e a dos “vulgarismos sexuais e escatológicos”, Gomes (1996, p. XV) declara que o seu dicionário versa sobre a segunda. Ainda de acordo com ele (p. XVI), os vulgarismos possuem duas funções semânticas: a denotativa, ou seja, a de referir-se ao seu sentido literal, e a conotativa, isto é, a de aludir-se à degradação, ao desabafo, ao menosprezo, à surpresa, à raiva, ao xingamento, etc. (por exemplo, *arse, cunt, fuck, piss, shit*, todos de carga afetiva negativa)⁹². Alguns, isentos de carga afetiva em sua denotação, obtêm, através da metáfora óbvia ou ratificação pelo uso, “uma aura indissociável (ou quase) de chulismo” (como *blowjob, jerk off, sixty-nine*)⁹³. Outros, sugestivos em si (*balls, cock, come, screw*)⁹⁴, mas sem matiz imprópria fora do contexto, assumem carga afetiva negativa se utilizados com sentido sexual. Por fim, há também aqueles que, flexibilizadas as normas sociais⁹⁵ relativas ao sexo, perderam, na maior parte dos contextos, nuance emotiva especial (*hot pants, queer, sleep with*)⁹⁶.

Xatara e Oliveira (2002), estudiosas da língua francesa e portuguesa, por sua vez, dão vida ao *PIP, Dicionário de Provérbios, Idiomatismos e Palavrões*, nas duas línguas anteriormente citadas. Recorrendo à sinonímia, as autoras procuraram traduzir, nas duas direções, os três tipos de unidades lexicais *especiais* que dão nome ao título da obra. O *provérbio*, unidade frasal formada por meio de diferentes recursos construcionais (a rima, a repetição – ou oposição, ou deformação – de palavras, a elipse de artigo, o dialogismo, etc.) e de conteúdo geral (irrestrito ao tempo e espaço), que faz referência à nossa cosmovisão e tem

⁹² Em sentido denotativo, respectivamente: *cu, boceta, foder, mijo, merda*. Em sentido conotativo, respectivamente: *he's a pain in the ass (ele é um chato), she's a lying cunt (ela é uma megera mentirosa), you fucked up my dreams (você acabou com meus sonhos), oh, piss off! the both you (oh, vão se danar! os dois), shit! my mom's gonna kill me (droga! minha mãe vai me matar)*. (Exemplos e traduções nossas.)

⁹³ Denotativo, respectivamente: *blow (soprar) + job (trabalho), jerk (sacudir) + off (para fora), sessenta e nove (69)*. Conotativo, respectivamente: *chupeta/sexo oral, bater bronha/masturbação, sexo oral simultâneo e recíproco*. (Traduções nossas.)

⁹⁴ Denotativo, respectivamente: *bola, galo, vir, parafuso*. Conotativo, respectivamente: *testículos, pênis, gozar, meter*. (Traduções nossas.)

⁹⁵ “[...] regras que determinam o que é certo em situações específicas de contato social” (Lara, 2006, p. 218, tradução nossa). Do original: “[...] reglas que determinan lo que es correcto en situaciones determinadas del contacto social”.

⁹⁶ Tradução (nossa): *tesão/homem garanhão, homossexual* (atualmente, pessoa que transita entre gêneros), *dormir com* (mas no sentido do ato sexual).

como finalidade, por exemplo, aconselhar, advertir, etc.: *le vin est tiré, il faut le boire* (ajoelhou, tem que rezar); *tout ce qui vient est bon à prendre* (tudo o que cai na rede é peixe).

O *idiomatismo*, ou *expressão idiomática*, definido pelas pesquisadoras “como toda ‘lexia complexa e indecomponível, conotativa e cristalizada em um idioma pela tradição cultural’” (Xatara; Oliveira, 2002, p. 57). Complementam, ainda, que esse tipo de item frasal não possui paradigma (eixo da substituição)⁹⁷, é semanticamente opaco (a soma do significado das partes não reflete o significado do todo), sua lexicalização depende da frequência de uso (seu significado é materializado pela tradição cultural e passado de geração à geração) e, dentre suas funções, estão a expressão de intenções estilísticas, de nuances sentimentais e de sutilezas de pensamento dos falantes (provocando efeitos de sentido eufemístico, enfático ou irônico): *donner un coup de canif dans le contrat* (enfeitar a testa da esposa/do marido); *manger à tous les râteliers* (mamar em todas as tetas).

E, por último, o *palavrão*, erótico e obsceno, concorrente, afirmam elas, ao campo dos tabus linguísticos. De acordo com as autoras, os palavrões, injuriosos ou obscenos, pertencem ao campo supracitado por serem “estereótipos⁹⁸ condenados culturalmente” (Xatara; Oliveira, 2002, p. 271). Considerados imorais e grosseiros, os vulgarismos sexuais e escatológicos sofrem interdições, isto é, proferi-los é proibido, visto que o tabu que os circunda está concatenado ao pensamento e às crenças espirituais de uma sociedade.

Xatara e Oliveira (2002) argumentam que, na nossa cultura, os itens lexicais que dizem respeito à genitália e ao ato sexual são imorais. No entanto, o conjunto de palavras que se presta à expressão do erotismo,

numa afrodisíaca atitude de rebeldia contra a repressão e a hipocrisia de uma sociedade que determina o que não deve ser visto ou ouvido, é, tal como a injúria, utilizado por todos os grupos sociais, cotidianamente, para liberar as emoções e os sentidos libidinosos (sempre presentes na alma, pois são inerentes à natureza humana) ou para servir como desabafo, interjeição ou mera figura de linguagem, sem força ofensiva (Xatara; Oliveira, 2002, p. 271-272).

Distinguem, então, a *linguagem erótica* (a que diz respeito ao amor sensual, à excitação, ao desejo ou ao prazer sexual, conforme se pode inferir do excerto acima) da *linguagem obscena*, definida pela sua carga semântica vulgar e grosseira. Atribuem o uso desta, via de regra, às classes menos abastadas, já que seria compreendida como despudorada para a moral

⁹⁷ Afirmação que já refutamos no capítulo 1, bem como o estudo de Oliveira (2022), já citado. No capítulo 4, também apresentaremos exemplos de EF do *corpus* que variam lexicalmente, mas que mantêm seu significado.

⁹⁸ Entendidos por nós como ideias preconcebidas (ou seja, formadas antecipadamente) sobre alguém ou algo, sem fundamento sólido, e construídas pela sociedade, tomando-se como base o senso comum.

das mais privilegiadas. Ressaltam também que a sua função principal é a expressão de sentimentos e, em menor grau, a comunicação (Xatara; Oliveira, 2002).

De acordo com as pesquisadoras,

enquanto o vocabulário *bem-comportado* apresenta o espírito liberto de tudo o que é inerente ao animal, rejeitando toda referência ao corpo e às suas funções, e aconselha substitutos eufemísticos, com termos neutros e imotivados (*fazer amor*), o vocabulário grosseiro evoca o corpo sob as formas mais pitorescas e cheias de imagens, chegando a animalizar as formas mais concretas da atividade corporal (*trepapar*) (Xatara; Oliveira, 2002, p. 272).

Ainda chamam a atenção para o fato de o *palavrão erótico* e *obsceno*, às vezes, confundir-se também com a *gíria comum*, uma vez que, originado da *gíria de grupo* (restrita, com funções criptológica, de autodefesa, de agressão ou de pertencimento grupal) e estendido ao uso geral, passa a denominar formas distensas (descontraídas/relaxadas), informais, indecorosas, etc., de um vocabulário preexistente, mas com originalidade ou ironia. O que os diferencia, portanto, é a efemeridade: as palavra-tabu pouco se alteram no decorrer do tempo, já as gírias são transitórias (Xatara; Oliveira, 2002)⁹⁹.

Por fim, asseveram que a linguagem da malícia, por meio da metáfora, faz com que vocábulos ou expressões sugestivas (ou seja, aquelas que carregam um significado implícito), no contexto adequado, ganhem conotações licenciosas (Xatara; Oliveira, 2002). A seguir, alguns exemplos do *PIP* de palavrões erótico-obscenos: *déflorer* (defloramento), *entrelacée* (posição), *pain quotidien* (relação sexual), *sucette* (felação), *brincadeira gostosa* (relation sexuelle), *empinar a pipa* (masturbation), *roça-roça* (libertinage), *chupada* (fellation)¹⁰⁰.

Objetivando analisar os sinônimos empregados na nomeação do *pênis*, da *vulva*, da *masturbação* e da *relação sexual* no português brasileiro e as atitudes e os comportamentos sexuais relativos a eles, além de discutir a sexualidade, a repressão sexual e a orientação sexual¹⁰¹ no ambiente escolar, Braga e Ribeiro (2008), por seu turno, aplicaram a 4.916 participantes – pais, mães, professores e professoras, entre 18 e 68 anos, das regiões Nordeste, Centro-Oeste, Sudeste e Sul – uma dinâmica grupal, constituída de um rodízio de folhas de papéis contendo as palavras-alvo entre quatro subgrupos, para que eles registrassem as sinonímias que viessem às suas cabeças. Coletaram, no total, 1.308 palavras, sendo 494 sinônimos para a *vulva*, 408 para o *pênis*, 229 para a *relação sexual* e 177 para a *masturbação*. Partindo-se do senso popular do significado de *palavrão* – ‘palavra obscena, que causa rubor,

⁹⁹ As autoras se baseiam, para esta afirmação, em Preti (1983, 1984).

¹⁰⁰ O conteúdo entre parênteses não se trata de traduções e sim de abreviações constantes no dicionário.

¹⁰¹ Compreendida no sentido amplo do termo, e não exclusivamente como a atração afetivossexual que pessoas sentem umas pelas outras.

escândalo ou exaltação às pessoas que o pronuncia ou às que dele são alvo’ (Braga; Ribeiro, 2008) – e do tema da pesquisa, a estudiosa e o estudioso chegaram aos/às seguintes apontamentos/resultados/conclusões:

- a) alguns participantes mencionaram que certas sinónímias eram consideradas palavrões, outras não;
- b) a valoração social que molda a linguagem estipula o que pode ser ou não ser dito, o que é adequado para uns e inadequado para outros e o que é publicamente aceito ou evitado;
- c) enquanto os sinônimos para *pênis* exprimem agressividade/violência (por exemplo, *pau, cacete, pistola*), os sinônimos para *vulva* manifestam suavidade/delicadeza (como *pomba, florzinha, cheirosa*);
- d) muitas vezes, durante a coleta de dados, não foram reveladas sinónímias para a *masturbação* feminina, havendo o questionamento entre os(as) participantes se homens ou mulheres masturbavam-se mais e, também, se estas o faziam (reflexo, segundo as autoras, de um preconceito ainda enraizado nos valores sociais brasileiros);
- e) os sinônimos para a *relação sexual* evidenciaram a ideia de uma atividade humana agressiva, violenta, precipuamente do corpo masculino em relação ao feminino (por exemplo, *meter, trepar, foder*);
- f) tanto as palavras-alvo (científicas) quanto as suas sinónímias devem, por meio de um projeto de orientação sexual, a ser proposto, ser trabalhadas nas escolas, uma vez que ela é o local privilegiado para o conhecimento e a educação;
- g) nota-se, no ambiente escolar e nos pais, resistência e desinformação no que tange à orientação sexual, o que acaba reverberando nos alunos.

Orsi e Bueno (2014) e Bueno e Orsi (2014), por sua vez, afirmam que os palavrões (ou turpilóquios) são considerados tabu pela sociedade por, em sua maioria, exprimirem ofensas e serem pejorativos, principalmente os que designam os órgãos sexuais e a atividade sexual, posto que são os mais impactantes. Assinalam também que eles nomeiam as escatologias, configurando-se como mais um tipo de tabu que abrange o corpo humano. Buscando em dois *sites* da *internet*, um para cada língua, o autor e a autora levantaram os dez palavrões mais utilizados por falantes de português brasileiro e italiano, no intuito de verificar se eram dicionarizados e, se sim, quais eram as rubricas utilizadas na microestrutura das obras consultadas. Dois dicionários de cada língua foram usados para a checagem: *Aulete (online)* e

Aurélio, para a portuguesa, e *Trecanni (online)* e *Zingarelli*, para a italiana. Discutem, então, que:

- a) os palavrões de obscenidade e ofensa foram os dois tipos mais encontrados;
- b) a dicionarização deles decorre do uso constante por falantes, o que significa que fazem parte do acervo léxico cultural das duas línguas;
- c) os dicionários de italiano são mais padrões quanto às rubricas (*vulgar*¹⁰², *Trecanni* e *Zingarelli*), diferentemente dos de português (*chulo*, para o *Aurélio*¹⁰³, e *tabu, vulgar e chulo*, para o *Aulete*);
- d) seis dos dez palavrões mais usados em língua portuguesa podem ter como funções o desabafo, a surpresa ou a expressão de desgosto (*cacete, caralho, merda, porra, puta merda e puta que pariu*), enquanto aos outros quatro têm como função a ofensa (*filho da puta, vai se foder, vai tomar no cu e veado*);
- e) as expressões *puta merda* e *vai tomar no cu* não constavam nos dicionários consultados;
- f) cinco dos dez palavrões mais utilizados em italiano são erótico-obscenos, cuja função é excitar (*cazzo (pau, caralho), minchia (pau, caralho, broxa), fica (boceta), fregna (xoxota) e pirla (pinto)*), enquanto dois deles (*sborra (esperma, porra) e merda (merda)*) são palavrões escatológicos e dois outros (*mignotta (puta) e stronzo (bosta)*) funcionam como ofensa¹⁰⁴;
- g) *cazzo (pau, caralho)*, como em língua portuguesa, pode funcionar como desabafo ou exprimir desgosto ou surpresa;
- h) a maioria dos palavrões em italiano fazem alusão aos órgãos sexuais.

Zotelli-Filho e Maeda (2014), por fim, embasados nos pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística, objetivaram estudar os usos dos palavrões e o afrouxamento dos tabus linguísticos morais na fala oral e informal de jovens sul-mato-grossenses. Os participantes entrevistados tinham entre 18 e 19 anos de idade e eram provenientes de seis municípios do estado em questão: Aquidauana, Anastácio, Miranda, Bodoquena, Dois Irmãos do Buriti e Nova Andradina. O autor e a autora dividiram o questionário de entrevista

¹⁰² Com a exceção de *coglione (colhão, cuzão)*, rubricado no *Trecanni* como *popular* (Orsi; Bueno, 2014; Bueno; Orsi, 2014).

¹⁰³ O dicionário em questão, segundo a pesquisadora e o pesquisador, não apresenta rubrica para a expressão *filho da puta*, mas a descreve como *estremamente grosseira* (Orsi; Bueno, 2014; Bueno; Orsi, 2014).

¹⁰⁴ Orsi e Bueno (2014) e Bueno e Orsi (2014) não fazem comentários sobre a(s) função(ões) de *coglione (colhão, cuzão)*.

estruturado em duas partes: uma em que eram coletados dados sociais dos participantes e outra composta de quatro situações comunicativas em que os palavrões seriam empregados ou não. Não nos delongaremos nas especificidades do questionário. Antes de apresentar os resultados do pesquisador e pesquisadora, aduzimos alguns apontamentos feitos por ambos.

De acordo com o estudioso e a estudiosa (Zotelli-Filho; Maeda, 2014, p. 108), em sua maioria, as proibições linguísticas em português estão concatenadas à sexualidade e aos órgãos excretórios (*caralho, cu, foder, merda, puta*) e em inglês às blasfêmias, profanações e à sexualidade (*ass, bitch, cock, holy fuck, shit, to fuck, what a hell*)¹⁰⁵. Além disso, asseveram que, devido a tais proibições, o contexto é que determinará o uso eufemístico de expressões chulas. E, não menos importante, notam que as acepções dicionarizadas¹⁰⁶ do lema *palavrão* (todas girando em torno do significado central ‘palavra grande, obscena ou grosseira’) carecem de definições que façam jus ao seu emprego em português, restringindo-o somente às funções de ofender ou injuriar.

Voltemos, então, aos resultados e às conclusões de Zotelli-Filho e Maeda (2014):

- a) a maioria dos participantes eram católicos (14) e frequentavam a igreja (8) e a minoria, os evangélicos (4), todos também iam regularmente à instituição religiosa; o fator extralinguístico religiosidade mostrou-se mais influente nestes e menos naqueles; os que frequentavam a comunidade cristã mostravam-se constrangidos ao responder se usavam palavrões ou não, entretanto, quase o total dos entrevistados (94%) afirmaram utilizar o palavrão em conversas informais;
- b) o palavrão *fodido* foi apontado, a partir do contexto fornecido na entrevista (um caso de surpresa para qualificar um carro), pelos entrevistados, como tendo as funções ofensiva (1) e qualificativa (17);
- c) já a expressão *veado do caralho*, em contexto de afetividade, não foi considerada como ofensiva por nenhum dos participantes (18);
- d) situados fora do uso contextual, apenas sete participantes dos dezoito julgaram que o palavrão serve tão somente para ofender;
- e) quase o total dos entrevistados usam palavrões em comunicações orais informais, contudo, não dominam o leque de possibilidades funcionais que eles podem ter, como

¹⁰⁵ Respectivamente: *cu, puta, pau, caralho, merda, foder, (mas) que inferno*. (Traduções nossas.)

¹⁰⁶ O autor e a autora consultam cinco (5) dicionários: *Aurélio, Dicionário Escolar da Língua Portuguesa, Houaiss, Michaelis e Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*. Remetemos o(a) leitor(a) ao texto original para a referência bibliográfica das obras mencionadas (Zotelli-Filho; Maeda, 2014).

- desabafar, elogiar, demonstrar grau de afetividade, expressar espanto ou surpresa, além, claro, de ofender;
- f) participantes que residiam em área rural utilizavam menos palavrões, consequência, segundo o autor e a autora, da companhia quase que constante dos mais velhos da família;
 - g) observaram, entre os entrevistados, que o tabu (linguístico) está sofrendo um movimento de afrouxamento, posto que a maioria usa palavrões e não se sente incomodada quando outros fazem uso deles em situações informais;
 - h) não notaram a influência das variáveis sociais¹⁰⁷ idade, classe econômica ou escolaridade no uso dos palavrões;
 - i) o significado e a finalidade do palavrão elencados pelos dicionários não condizem com sua real admissão e utilização na comunicação oral e informal.

Concernente à nossa pesquisa, pactuamos com Souto Maior (1980) quando o autor assevera que os meios de comunicação de massa motivaram o espalhamento do palavrão. Atualmente, pode-se adicionar a esse leque a *internet*, os *podcasts*, as redes sociais e os serviços de *streaming*, muito consumidos pelo público mais jovem e que podem levá-lo a conhecer novos itens lexicais. Concordamos com Gomes (1996) quando ele afirma que houve uma flexibilização das normas sociais relativas ao sexo e com Zotelli-Filho e Maeda (2014) quanto ao afrouxamento do tabu linguístico.

Acerca das expressões idiomáticas, de fato, elas possuem muitas funções e causam vários efeitos de sentido (Xatara; Oliveira, 2002); no caso das referentes ao campo semântico do ato sexual, elencam-se efeitos cômicos, disfêmicos e eufêmicos. No que tange às escolhas vocabulares, as pessoas valem-se tanto daquelas tidas como bem-comportadas (agradáveis e imotivadas) quanto daquelas vistas como grosseiras (animalizadas e violentas) (Xatara; Oliveira, 2002; Braga; Ribeiro, 2008). Sobre os sinônimos para a masturbação, sobretudo a feminina, parece ter havido, nos dias de hoje, uma maior criação lexical para nomeá-la, fato que não se observou com a mesma frequência durante a coleta de dados de Braga e Ribeiro (2008).

Finalmente, as obras lexicográficas brasileiras carecem efetivamente de padronização quanto à aposição de marcas de uso aos lemas dos dicionários (Orsi; Bueno, 2014; Bueno; Orsi,

¹⁰⁷ O autor e a autora citam apenas a faixa etária dos participantes do estudo, conforme já apontado (18-19 anos). A classe econômica e o grau de escolaridade, não (Zotelli-Filho; Maeda, 2014).

2014). O(A) leitor(a) poderá verificar exemplos desses casos e dessas asserções nos nossos resultados, dispostos no capítulo 4.

2.2 Gírias

Fusaro (2001) procurou fazer um levantamento das gírias de distintos grupos sociais, como os *agroboys*, *coveiros*, *funkeiros*, *presidiários*, *skatistas*, etc. De acordo com a autora, a gíria se origina em “tribos” compostas por membros que se ocupam de uma atividade bastante específica e, em razão dela, desenvolvem uma maneira própria de comunicar entre si (Fusaro, 2001, p. 5).

A gíria não se confunde com o dialeto, que possui forma ou estrutura gramatical própria, e caracteriza-se por ser um código exclusivo (é compreendida apenas por pessoas pertencentes ao grupo) e efêmera (pode, às vezes, ter curta durabilidade). Além disso, funciona como forma de defesa e preservação da identidade da tribo. Entretanto, pode transpor os limites do seu grupo de origem e se estender a outros grupos ou integrar-se no léxico comum, perdendo seu caráter sigiloso (Fusaro, 2001).

Assim como Souto Maior (1980) assevera que os meios de comunicação são responsáveis pela propagação do palavrão, o mesmo acontece com a gíria, segundo Fusaro (2001). Alguns exemplos de tribos e gírias a elas pertencentes são: dos “gays, lésbicas e simpatizantes” – *fazer* ‘transar’, *gravação* ‘sexo oral’, *Marimacho* ‘lésbica’, *neca* ‘pênis’ *suck* ‘chupar’ (p. 44-47); das “prostitutas” – *baludo* ‘cliente rico’, *coronel* ‘cliente assíduo, que ajuda nas despesas da casa e dá presentes’, *marmiteiro* ‘cliente pobre’, *uma uva* ‘cliente bonito’ (p. 93); das “travestis” – *carupé* ‘peruca’, *fazer a Suzete* ‘arrumar o pênis para trás antes de vestir a calcinha’, *nena* ‘fezes’, *okani* ‘pênis’, *xaxé* ‘cocaína’ (p. 114-115); etc.

Alonso (2009)¹⁰⁸, por seu turno, objetivou levantar os vocábulos gírios utilizados pela diversidade sexual paulistana (*gays*, sobretudo, mas também lésbicas, bissexuais, travestis/transgêneros e simpatizantes) que se concentrava nos limites geográficos dos Jardins e do Largo do Arouche (Centro). Para isso, visitava regularmente as regiões anteriormente citadas e anotava, posteriormente, as gírias utilizadas, uma vez que, segundo o autor, a aplicação de questionários não preservaria a espontaneidade dos falantes.

Após um pouco mais de três meses realizando a coleta de dados e com um total próximo a noventa horas equivalente às visitas, Alonso (2009) compôs um glossário com 344 expressões

¹⁰⁸ Cabe-nos dizer que o livro em questão é resultante de sua dissertação de mestrado, defendida no ano de 2005.

gírias e seus respectivos significados criptológicos. Considerou como gíria propriamente dita o *signo de grupo* que se caracterizava por ser: criptológico – compreendido apenas pelos membros do grupo –, efêmero – constantemente é ressignificado ou criado em termos de forma –, expressivo – exprime bom-humor, irreverência, sarcasmo, etc. – e dinâmico – varia lexicalmente por meio de sinônimos.

O estudioso distingue ainda a *gíria* do *jargão*. Consoante ele, é o prestígio sociolinguístico o fator responsável pela diferenciação: enquanto a gíria relaciona-se com os grupos marginalizados (dependentes químicos, presidiários, negros, prostitutas, etc.), de menor *status*, o jargão alude-se aos grupos majoritários (acadêmicos, técnico-profissionais, religiosos, etc.), de maior *status*. Ao perder seu caráter criptológico, a *gíria de grupo* torna-se *gíria comum* e a *linguagem técnico-especializada* verte-se em *jargão*, transferindo-se, ambos, para a linguagem comum (Alonso, 2009).

Apresentaremos, a seguir, alguns campos lexicais (conjunto de palavras que compartilham um significado em comum) identificados pelo estudioso e algumas gírias que a eles foram atribuídas (Alonso, 2009):

- a) homossexual feminina – *fanchona* ‘mulher com comportamento muito masculino’, *janjão* ‘homossexual feminina’, *sargento* ‘homossexual feminina muito masculinizada’;
- b) relações sexuais – *quebrar louça* ‘relação sexual entre dois homossexuais passivos’, *cantar no microfone* ‘praticar sexo oral’, *barebacking* ‘sexo anal entre homossexuais sem preservativo’;
- c) doenças sexualmente transmissíveis¹⁰⁹ – *cidinha* ‘AIDS’, *gona* ‘gonorreia’, *Tá gripada!* ‘quem está com o vírus HIV’;
- d) interação (afetiva e/ou sexual) – *diana* ‘homossexual que procura parceiro sexual’, *galinha* ‘homossexual promíscuo’, *sabão* ‘carícias entre homossexuais’;
- e) pontos de contato – *balneário* ‘sauna homossexual masculina, termas’, *mocó* ‘residência distante do centro e humilde’, *quartel* ‘local onde se reúnem muitos homossexuais’;
- f) drogas – *basy* ‘cigarro de maconha’, *heleninha* ‘o ou a homossexual que bebe além da conta, mas não cai’, *selma* ‘maconha’, *xaxé* ‘cocaína’.

¹⁰⁹ Atualmente, usa-se *Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST)*, mas mantivemos o nome do campo lexical de acordo com o pesquisador.

De acordo com o autor, os anglicismos predominam-se nos Jardins, região economicamente mais abastada (*CBS – cute but smokes* ‘homossexual masculino bonitinho, mas fumante’), e os africanismos no Arouche, região economicamente mais pobre (*equê* ‘falso, do truque, falsificado’) (Alonso, 2009). Outra distinção encontrada por ele concerne à construção metafórica da gíria,

enquanto os signos de grupo falados na região dos Jardins revelam um maior grau de abstração, um maior grau de elaboração e um maior repertório cultural, como exemplificam **biba internet** e **biba monet**, os vocábulos da região do Centro evidenciam um menor grau de abstração, maior concretude, um materialismo maior, como ilustram os registros **biba fubá** e **mala do frota** (Alonso, 2009, p. 161, negritos originais)¹¹⁰.

Vieira (2022), por fim, analisou os fatores sociolinguísticos que influenciam a utilização e a difusão do *pajubá* por mulheres cisheterossexuais. Por meio de um questionário *on-line*, com perguntas de múltipla escolha e discursivas, coletou dados sociais (escolaridade, idade, identidade de gênero, orientação sexual, país/região de residência) e linguísticos (conhecimento, usos e atitudes linguísticas em relação ao dialeto) de 387 participantes falantes nativas do português brasileiro. Chegou aos seguintes resultados:

- a) as respondentes conhecem as gírias *pajubeiras*, as usam em maior ou menor grau e expressam opiniões positivas em relação ao dialeto, assim como em relação à variação linguística emergente na comunidade LGBTQIA+;
- b) algumas das expressões gírias mais usadas pelas mulheres da pesquisa são *babado* ‘acontecimento qualquer, podendo tanto ser bom como mau’, *bafo* ‘algo ou alguém que causou alguma coisa’, *mona* ‘homossexual masculino’, *uó* ‘ruim, feio, desagradável’, *a louca* ‘fazer-se de doida, esquecida’, *aquendar (a neça)* ‘esconder o pênis’, (*fazer a chuca* ‘clister’, *fazer/dar a elza* ‘roubar’, dentre outras;
- c) a frequência com que as participantes e seus conhecidos heterossexuais utilizavam o *pajubá* era, respectivamente, 35,40% (137) e 31,52% (122), que referia à opção *às vezes* do questionário;
- d) 25,32% das mulheres (98) apontaram que as gírias em estudo não eram exclusivas da comunidade *gay*;
- e) 58,91% das respondentes disseram se sentir confortáveis ao escutarem as expressões do *pajubá*;

¹¹⁰ A partir do glossário: *biba internet* ‘homossexual masculino esperto, antenado, bem informado’, *biba monet* ‘independente da idade, é o homossexual masculino bonito de longe e feio de perto’, *biba fubá* ‘homossexual masculino pobre’ e *mala do frota* ‘órgão sexual masculino; pênis grande’ (Alonso, 2009).

- f) 98,7% (383 participantes) não consideravam o *pajubá* obsceno/proibido/ofensivo;
- g) dentre os porquês de as pessoas usarem as gírias e expressões *pajubeiras*, as mulheres marcaram – socialização, 27,76% (258), diversão, 20,15% (210), pertencimento à comunidade LGBTQIA+, 16,70% (174), dialeto próprio dos LGBTQIA+ brasileiros, 13,63% (142), orgulho em ser LGBTQIA+, 11,32% (118);
- h) algumas das situações comunicativas e locais de uso do *pajubá* apontados pelas praticantes foram – comunicação entre amigos, 34,02% (348), comunicação com conhecidos, 15,35% (157), *podcasts*, 14,47% (148), TV, 12,90% (132).

O pesquisador conclui, a partir dos resultados obtidos, que as mulheres cisheterossexuais estão utilizando o *pajubá*, descaracterizando-o como dialeto exclusivo da comunidade LGBTQIA+, ou seja, elas estão difundindo-o, mesmo que nem sempre saibam que as gírias e expressões usadas sejam provenientes da comunidade (Vieira, 2022).

Parece ser unânime que os veículos de comunicação massiva contribuem para a propagação e a padronização de formas linguísticas, sejam elas palavrões ou gírias (Souto Maior, 1980; Fusaro, 2001) – realidade atestada até mesmo por estudos sociolinguísticos quanto às variantes padrão (Paiva, 2007). Fato é que essas mídias têm acelerado esse processo, fazendo com que as gírias percam seu caráter criptológico, de signo identitário de grupo, e adentrem o léxico comum. No que tange aos estrangeirismos (Alonso, 2009), além dos anglicismos – influência forte da língua inglesa em outras culturas – e dos africanismos – fruto da inserção de pessoas dissidentes em terreiros de candomblé –, os galicismos e os latinismos também têm se feito presentes no léxico sexual do português brasileiro. Quanto ao *vocabulário pajubá* (neste capítulo, mantemos o termo “dialeto”, conforme utilizado pelos autores), ele, as gírias (Vieira, 2022), os palavrões e até mesmo os itens lexicais erótico-obscenos são conhecidos por membros externos às comunidades a que esses vocábulos pertencem. No capítulo de análise dos dados e discussão dos resultados, essas asserções foram corroboradas.

2.3 Léxico erótico-obsceno

Vivian Orsi, uma das principais pesquisadoras brasileiras do léxico erótico-obsceno em português e italiano, debruçou-se, em sua dissertação (Orsi, 2007), sobre o conjunto de unidades lexicais utilizadas para designar os órgãos sexuais masculino e feminino nas duas línguas supramencionadas. Coletou, em dicionários especializados e, sobretudo, em *sites da internet*, 770 sinônimos para o *pênis* em língua portuguesa e 645 em língua italiana. Para a *vulva*, 3.143

sinonímias em português e 534 em italiano. Propôs, então, a confecção de um vocabulário erótico-obsco em ambas as línguas, traduzido em ambas as direções.

Segundo a estudiosa, a linguagem especial se diferencia da geral “por expressar distintos fatores influenciados pela idade, sexo e profissão” (Orsi, 2007, p. 38). Ademais, é dentro dela que se encontra a linguagem erótico-obsco, subgrupo do léxico que se tornou o objeto de estudo da autora. O erotismo, do grego *erotikós*, reporta-se ao amor sensual, ao belo e ao sublime, e opõe-se à pornografia, que, por sua vez, destaca-se pela agressividade e frieza. Os itens lexicais erótico-obsco podem referir-se tanto a um quanto ao outro (Orsi, 2007).

Para a compreensão do sentido sexual das lexis erótico-obsco é necessária uma pressuposição erótica, um significado implícito, partilhado, em contexto apropriado, pelo emissor e receptor (Orsi, 2007). Consoante a pesquisadora,

é preciso considerar sempre as circunstâncias contextuais, extralinguísticas, que particularizam o sentido das unidades lexicais. Para compreender as prováveis intenções do falante em manifestar determinado significado subentendido, oculto, é necessário que ele e o destinatário compartilhem de pressupostos comuns atinentes ao conteúdo do enunciado. O leitor/ouvinte do discurso malicioso – este que expressa, veladamente, uma informação – tem de intervir para entender o significado, preenchendo essa comunicação lacunar. Há dois sentidos, então: um normal (literal/explicito) e outro implícito (Orsi, 2007, p. 40-41).

Além disso, é o *sema* que serve às metáforas dos órgãos sexuais. *Sema* é o traço mínimo de significação de um item lexical, que, junto a outros semas, formam um *semema*, isto é, um feixe de traços semânticos (Orsi, 2007). Por exemplo, as metáforas presentes nas lexis *banana* e *linguiça*, sinonímias para o *pênis*, baseiam-se nos semas /forma/ e /alimento/ (as barras representam os *semas*). Já os semas /cheiro/ e /cavidade/ possibilitam as formações metafóricas das unidades lexicais *bacalhau* e *forno*, sinônimos para a *vulva*¹¹¹.

Em consonância com a estudiosa, devido à possibilidade de aliviar as tensões ou exprimir sentimentos, a linguagem proibida (erótico-obsco) não mais é comumente vinculada às classes sociais baixas, de menor escolaridade, mas isso não significa uma abstenção completa dessa ligação. Ademais, por fazer parte do tabu linguístico, ou seja, ter a pronúncia das palavras a ela concernentes proibida, essa linguagem revela vários costumes sociais e sexuais de determinado grupo. Também por conta do tabu, incita a transgressão, ou seja, por serem palavras proibidas, tornam-se objeto de desejo. Nesse sentido, é aí que entra o uso dos eufemismos, palavras mais brandas, inofensivas e neutras, para fazer alusão às zonas erógenas e ao ato sexual (Orsi, 2007).

¹¹¹ Faz-se mister dizermos que a pesquisadora nota que as metáforas enriquecem os significados e também que, devido ao seu uso frequente na construção dos palavrões erótico-obsco, elas exageram ou intensificam alguns semas (Orsi, 2007).

Como os autores e as autoras supracitados(as), Orsi (2007, p. 48) também aponta a relação entre o vocábulo obsceno, o palavrão e a gíria. De acordo com ela, a linguagem erótico-obscena “é realizada por meio de uma unidade léxica obscena, sendo esta formada por palavrões, mais comumente, ou por gírias”. Os palavrões caracterizam-se pela sua obscenidade e/ou indecência, imoralidade, grosseria, chulice e impudicícia, já que podem designar os órgãos sexuais e as práticas sexuais (e também as escatologias). Podem ser associados ainda ao desacato, à ofensa, ao ultraje ou ao insulto (Orsi, 2007).

No que tange aos itens lexicais erótico-obscenos, se utilizados de maneira despuddorada, grosseira ou injuriosa, são considerados obscenos, pois excedem o limite da decência e da moral (tão caras à sociedade), e, portanto, palavrões. Diferentemente, se fazem menção ao amor sensual, aos desejos sexuais e ao sexo de modo mais delicado e suave, são considerados eróticos, passíveis de despertar sentimentos libidinosos e afrodisíacos. À vista disso, os palavrões são usados, na maioria dos casos, para a expressão de afetividade, sentimento ou angústia, o que acarretou em sua maior aceitação, mas não em todos os contextos. Assim sendo, diferem-se das gírias, que se caracterizam pelo seu caráter secreto, mutável, identitário, defensivo, crítico e efêmero (Orsi, 2007).

A partir da análise dos dados, a pesquisadora chega à conclusão de que os semas que motivam as metáforas dos palavrões erótico-obscenos são semelhantes em língua portuguesa e italiana: /calor/ – *vela* e *candela* ‘pênis’; /forma/ – *cajado* e *mangano* ‘pênis’; /alimento/ – *banana* e *banano* ‘pênis’; /cavidade/ – *ninho de rola* e *nido* ‘vulva’; /pelagem/ – *aranha* e *ragna* ‘vulva’; /fechamento/ – *garajinha* e *gabbia* ‘vulva’. Tal fato justifica-se, segundo ela, devido à língua de origem comum às duas línguas, o latim, e também à proximidade cultural das duas sociedades (Orsi, 2007).

Não apresentaremos, aqui, exemplos dos verbetes confeccionados pela autora, posto que nosso estudo não tem enfoque lexicográfico. Remetemos o(a) leitor(a) ao trabalho original dela, excelente pelo que se propôs a fazer e pela imparcialidade no tratamento de um tema tão menosprezado pela sociedade e por pesquisadores no geral. Trouxemos, por último, uma consideração da estudiosa que julgamos interessante. Segundo Orsi,

a quantidade de sinônimos de uma unidade léxica de conotação sexual ou de uma zona erógena manifesta as prioridades de uma dada cultura. Essa quantia pode indicar a valorização de uma unidade por uma comunidade ou o receio que se tem em pronunciá-las numa sociedade reprimida (Orsi, 2007, p. 82).

Como se verá no capítulo 4, para algumas atividades sexuais, conseguimos coletar um número considerável de sinónímias. No entanto, para outras, o montante foi pouco significativo.

Perguntamo-nos, então, se a maior e a menor quantidade de sinonímias para designar determinado ato sexual indica a valorização ou o receio da comunidade de fala equivalente à RMBH de referir-se a ele.

Orsi (2009), em sua tese de doutoramento, buscou dar continuidade ao trabalho desenvolvido em sua dissertação de mestrado (Orsi, 2007), analisando os semas que motivam as metáforas referentes aos itens lexicais sinônimos do *ânus*, das *nádegas*, do *pênis*, dos *seios*, dos *testículos* e da *vulva*, também em português brasileiro e italiano. A principal hipótese que a pesquisadora visava corroborar, baseada nas reflexões de Sapir-Whorf, era a de que cada cultura relativa a cada uma das duas línguas teria suas próprias metáforas concernentes a tais órgãos, uma vez que cada uma delas enxergariam o mundo a sua maneira. Além disso, visou esclarecer qual das suas sociedades seria a mais repressiva em termos sexuais, visto que o acentuado emprego das metáforas e dos eufemismos para nomear os órgãos do estudo aponta para um controle social no que tange à sexualidade.

A autora, neste trabalho, também expõe o delineamento daquilo que se tornará o dicionário onomasiológico especial bilingue das unidades lexicais erótico-obscenas em estudo¹¹². Afirma que ele se caracteriza como onomasiológico por ser organizado por conceitos, ou seja, parte da ideia – a nomeação dada ao *ânus*, *pênis*, etc. – rumo às formas que ela corresponde – *brioco*, *botico*, *redondo*, *arma*, *cacete*, *ferro*, etc. A onomasiologia, dessa maneira, baseia-se no princípio da sinonímia e principia-se do ponto de vista do emissor, como já exposto no capítulo 1. Assim, ela (a onomasiologia) permitiu à estudiosa agrupar os itens lexicais que partilhavam bases metafóricas idênticas e que reportavam a um mesmo campo semântico. Orsi (2009) esclarece também que o uso do adjetivo *especial* se deve ao fato de o dicionário registrar apenas um subgrupo de lexemas das duas línguas, isto é, das sinonímias dos órgãos referentes às zonas erógenas.

No que diz respeito à permissibilidade e ao uso das unidades lexicais erótico-obscenas na fala, ambos frutos do afrouxamento das normas sociais morais, a pesquisadora afirma que

a desmistificação do sexo, ainda que parcial e lenta, refletiu-se no maior emprego da linguagem obscena, em que lexias de baixo prestígio social foram absorvidas, de certa maneira, ao discurso culto e prestigiado, via oral ou escrita pelos meios de comunicação de massa, prenunciando que o léxico erótico e os palavrões em geral estão cada dia mais presentes nos recursos afetivos da língua. Eles dispõem hoje de um trânsito relativamente normal e com aceitabilidade social em diálogos do cinema, em filmes e conversas informais (Orsi, 2009, p. 39).

¹¹² ORSI, Vivian; ZAVAGLIA, Claudia. *Passarinho, passarinha, passarão*: dicionário de eufemismos das zonas erógenas. São José do Rio Preto (SP): THS Editora, 2009.

Essa asserção da autora dialoga com ideias de outros(as) estudiosos(as) já citados(as) anteriormente. Já vimos, em Souto Maior (1980) e Fusaro (2001), que os meios de comunicação são os responsáveis pela difusão dos palavrões e das gírias, respectivamente. Quanto ao prestígio, Souto Maior (1980) já elencava que, ao serem dicionarizados, os palavrões obtinham, nas elites, reconhecimento de fato. Também a flexibilização das normas sociais concernentes ao sexo ocasionou a redução da carga semântica do palavrão (Gomes, 1996; Orsi, 2007) e o afrouxamento dos tabus linguísticos provocou seu uso sem incômodos em conversas informais (Zotelli-Filho; Maeda, 2014). Resta-nos lembrar, ainda, que as gírias são utilizadas como meios de defesa, de identidade e expressão, independentemente de seu prestígio (Alonso, 2009).

Ainda de acordo com Orsi (2009), o proferimento de insatisfações sociais por meio do palavrão causa alívio para certos falantes e, por isso, permite que o léxico erótico-obsceno ultrapasse as barreiras da classe baixa. Além disso, apesar da influência da escola na aprendizagem da língua, é o ambiente de convívio do falante que exerce predomínio mais significativo na internalização de novos comportamentos linguísticos. Já no que tange à idade, crianças, jovens e adultos utilizam distintos itens lexicais erótico-obscenos: lexias mais pudicas e menos obscenas são empregadas nas trocas languageiras com crianças e entre crianças; diferentemente, as mais obscenas se sobressaem na fala dos mais jovens e adultos. Por fim, quanto ao sexo, as formas de prestígio são sobressalentes na fala das mulheres (posto que a língua, para elas, é um meio de ascender na vida em uma sociedade machista e falocêntrica).

No que se refere à hipótese Sapir-Whorf, há uma relação mútua entre língua e cultura, de tal modo que uma condiciona a outra. Portanto, a língua seria o meio pelo qual as práticas discursivas constituiriam uma cultura, práticas estas que se realizariam através da interação entre indivíduos. Logo, “pode-se aferir que cada língua representa uma cultura e, portanto, uma visão particular de mundo” (Orsi, 2009, p. 44). A cultura seria, consoante Orsi, uma lente por meio da qual os falantes enxergam o mundo. Assim sendo, eles pensariam e compreenderiam o mundo de acordo com as categorias de sua própria língua.

Se as palavras constituem uma língua, que, por sua vez, forma uma cultura, o repertório dessas palavras, isto é, o léxico, está inerentemente conectado a tal cultura. Nesse sentido,

as atitudes e os comportamentos sexuais são igualmente representados por certas lexias ou, mais especificamente, pelos sinônimos proferidos. A sexualidade é uma preocupação individual, uma questão que merece uma investigação histórica e sociológica. O sexo, assim como a sexualidade são socialmente construídos e organizados por uma variedade de linguagem que busca dizer o que pode e o que não deve ser expresso, a que chamamos de linguagem proibida. A sexualidade é, pois, produto da linguagem e de um processo cultural (Orsi, 2009, p. 46).

Assim, para exteriorizarem verbalmente a temática, os falantes se valem de sinônimas para se referirem aos órgãos das zonas erógenas, uma vez que não se pode, em todos os contextos, principalmente os sociais públicos, proferir obscenidades, que quase sempre são censuradas. Ademais, em função do tabu, e algumas vezes da desinformação, as pessoas demonstram resistência em dizer unidades lexicais concernentes ao sexo e à sexualidade, o que remete a uma repressão sexual (Orsi, 2009).

Somados a esses fatores, o preconceito – ideia ou sentimento que leva à intolerância e à rejeição de opiniões diversas – e a estigmatização – ato ou efeito de marcar como erradas ou inferiores determinadas formas linguísticas – levam os falantes a substituir certos itens lexicais concernentes ao *ânus*, às *nádegas*, ao *pênis*, aos *seios*, aos *testículos* e à *vulva* e a exprimi-los de forma indireta através de eufemismos e metáforas, ocasionando a mudança do significado de algumas unidades lexicais que antes não aludiam ao sexual (Orsi, 2009).

A metáfora “é uma representação mental e cognitiva porque existe na mente e atua no pensamento”. Assim, “uma metáfora é conceitual quando conceitualiza um domínio de experiência em termos de outro, geralmente de forma inconsciente” (Orsi, 2009, p. 74). Já o eufemismo “é o ato de suavizar a expressão de uma ideia, substituindo um item lexical por outro mais agradável, suave e polido para os padrões sociais em que se insere o discurso. É um tipo de linguagem que atenua uma afirmação para não chocar o ouvinte ou o leitor” (Orsi, 2009, p. 76).

Segundo Orsi (2009), as metáforas (conceituais) revelam a ideologia e a maneira de ver e compreender o mundo de uma sociedade, logo, elas são culturais. A frequente interação dos falantes com o ambiente físico e cultural em que estão inseridos dá a base para as metáforas conceituais. No caso das construções metafóricas concernentes à linguagem erótica, elas colocam em evidência os semas dos itens lexicais, por exemplo, /cheiro/, /cor/, /forma/, /som/, /textura/, intensificando sua significação, sendo, portanto, motivadas.

A seguir, apresentamos os seis campos semânticos, um para cada órgão, alguns semas que motivam as metáforas e algumas unidades lexicais sinônimas do órgão em questão, em português e italiano (Orsi, 2009):

- a) *ânus* – /forma/¹¹³ – *anel*, *botão*, *rosquinha*, *bicchiere* (*copo*), *coffa* (*cesto*), *tamburo* (*tambor*); /abertura/ – *buraco*, *caneco*, *furo*, *buco del sedere* (*buraco do bumbum*), *pozzo* (*poço*), *tombino* (*esgoto*);

¹¹³ O sema /círculo/ nos parece mais adequado, posto que faz parte do significado do item lexical.

- b) *nádegas* – /posição/ – *bagageiro, garupa, traseiro, cofano (capô), galleria (túnel), posteriore (aquilo que está atrás)*;
- c) *pênis* – /dureza/ – *cacete, pau, tora, bastone (bastão), mazza (marreta), verga (vara)*; /alimento/ – *espiga, mandioca, pirulito, pannocchia (espiga), salsiccia (linguiça), würstel (salsicha)*; /antroponímia/ – *caetano, judas, tinoco, adamo, adolf, pasquale*;
- d) *seios* – /alimento/ – *limões, mamões, melancias, meloni (melões), pere (peras), susine (ameixas)*; /forma/ – *montes, pães de açúcar, alpi (alpes), ande (andes), globi (globos)*;
- e) *testículos* – /pendente/ – *acessório, bolotas, brincos, contrappesi (contrapesos), pendagli (pingente), pendenti (pingente)*; /alimento/ – *bagos, grãos, ovo, fagioli (feijões), granelli (grãos), uova (ovos)*;
- f) *vulva* – /forma/ – *ferida, fenda, lasca, ferita (ferida), fessa (fissura), taglio (corte)*; /pelagem/ – *bigode, gramado, pelúcia, boschetto (bosque), ragna (aranha), selva nera (selva negra)*; /beleza/ – *flor, margarida, rosa, gioiello (joias), orchidea (orquídea), rosa (rosa)*.

À vista dos dados, a autora comenta que sua hipótese foi refutada, visto que os semas que possibilitam as metáforas dos órgãos das zonas erógenas são similares ou idênticos em ambas as línguas. Isso se dá em função de algumas metáforas serem potencialmente universais e, também, devido ao contato entre culturas (no caso, a brasileira e a italiana) e às experiências corpóreas (que são base da metáfora dita primária, ou seja, motivada por aspectos físicos do corpo e do cérebro). Orsi (2009, p. 132) atesta, então, que “as metáforas e os semas têm grande probabilidade de serem universais, mas a escolha lexical, nem sempre”.

A origem de ambas as línguas – o latim –, a globalização – que possibilita a aproximação entre países e pessoas e, conseqüentemente, intercâmbios culturais – e os referentes extralinguísticos – os órgãos do estudo, que são os mesmos em todo o mundo e compartilham semelhanças em termos de animais, formas, objetos, etc. – também justificam as similaridades entre as metáforas do português e italiano (Orsi, 2009).

Quanto à teoria da tradução e a proposta de equivalentes, aos problemas da homonímia, sinonímia e polissemia e à estruturação lexicográfica, discutidas pela autora, e que ultrapassam os interesses do nosso trabalho, direcionamos o(a) leitor(a) à obra completa. Orsi (2009) conclui, então, no que se refere à repressão sexual, que o elevado número de unidades lexicais metafóricas utilizadas pelas duas sociedades, tanto a brasileira quanto a italiana, para se referirem aos órgãos das zonas erógenas é índice de uma forte repressão sexual ainda existente, uma vez que há a apreensão e o pudor em empregar a terminologia oficial, isto é, *ânus, nádegas,*

pênis, seios, testículos e vulva. Se ambas fossem menos repressivas, possivelmente um número menor de sinonímias seria adotado.

As linhas que demarcam as diferenças entre a gíria, o palavrão e o vocábulo obsceno são bastante tênues. A primeira caracteriza-se pela efemeridade, o segundo, pela grosseria, e o terceiro, se se caracteriza pela ausência de pudor, é obsceno, e se se caracteriza pelo delicado, é erótico. Como pôde ser observado nesta seção, Orsi (2007) faz uma excelente distinção entre os três elementos linguísticos. No que se refere à linguagem proibida, é indubitável que ela deixa transparecer os hábitos sociais e sexuais de determinada comunidade. O montante de sinonímias para determinada lexia sinaliza a valoração ou o temor de proferi-la em um grupo social reprimido (Orsi, 2007), sendo este último o mais provável, segundo Orsi (2009). Entretanto, como argumentaremos no capítulo 4, são necessários estudos empíricos, com amostras estratificadas e balanceadas, para averiguar, com um grande número de participantes, o que é mais ou menos tabu e, conseqüentemente, a maior ou menor produtividade de variantes em relação a esse grau de interdição.

Os itens lexicais erótico-obscenos caracterizam-se como uma subparte do *léxico geral* e, por isso, constituem um *léxico especial*, assim como as gírias e os jargões (Camacho, 2001; Alonso, 2009; Orsi, 2009). À semelhança de Gomes (1996), Orsi (2009) também aponta a atual flexibilização das normas sociais atinentes ao sexo. Na análise dos dados e discussão dos resultados, defendemos que essa ocorrência é fruto dos movimentos sociais e feministas das décadas de 1970 e 1980. Por fim, quanto às metáforas relativas às unidades lexicais erótico-obscenas, encontramos similaridade em relação a uma metáfora referente ao orgasmo nas línguas portuguesa, inglesa e espanhola (contudo, as metáforas não foram nosso objeto de estudo), o que pode pressupor que algumas delas sejam, de fato, universais (Lakoff; Johnson, 1980 [2002]; Orsi, 2009).

2.4 Tabus linguísticos

De acordo com Rodríguez (2000, p. 1), o tabu linguístico – prolongamento do tabu, tido inicialmente como proibição de caráter sagrado e depois estendido para outras proibições – “refere-se à proibição ou inconveniência do uso de uma palavra ou expressão oral ou escrita, sendo seu uso evitado ou contornado por meio de diversos recursos linguísticos”: deformações fonéticas, sinônimos, empréstimos, substantivação de adjetivos, etc.

Na década de 50, o jornalista Fernando Levisky solicitou, por meio de um requerimento ao então Ministro da Educação e Cultura, a supressão de acepções pejorativas constantes nos

verbetes dos dicionários de língua portuguesa, a exemplo: *judeu* ‘homem mau’, *negro* ‘maldito’, *baiano* ‘homem que não sabe montar a cavalo’, *italianada* ‘linguagem inteligível’, *paraíba* ‘mulher masculinizada’, dentre outras. O requerimento originou *A campanha dos dicionários*, que teve o envolvimento de vários intelectuais da época e se projetou até para fora do Brasil. Não se tratava da censura de certas palavras, uma vez que elas seriam mantidas nos dicionários, mas, sim, da exclusão de significados ofensivos capazes de gerar preconceitos contra pessoas de outros povos. Consoante o autor, a campanha foi bem-sucedida, visto que já a partir de 1958 houve a eliminação de significados injuriosos dos dicionários de língua portuguesa (Rodríguez, 2000).

A fonética, a etimologia e a semântica das palavras motivam até a escolha de nomes próprios ou comuns. No que se refere às palavras-tabu, deformações fonéticas evitam a menção direta ao referente tabuizado: *Nicolau* ~ *lalau* ‘ladroão’, *Diabo* ~ *diacho*, *caralho* ~ *carvalho*, etc. Sufixos diminutivos, como *-inho*, possibilitam formações eufemísticas como *velhinho* e *ceguinho*. Outros termos eufemísticos também podem ser empregados: *senhor idoso* e *deficiente visual*. Quanto à semântica, algumas palavras e expressões podem ter acepções ou serem consideradas tabu: *concubina*, *transar*, *sogra*, *madrasta*, *bastardo*, *freguesa*, *negro*, *galego*, etc. (Rodríguez, 2000).

Segundo Rodríguez (2000), os tabus linguísticos estão presentes em todas as culturas e, conseqüentemente, em todas as línguas. Os eufemismos, quase sempre, são empregados para demonstrar preocupação e respeito ao próximo, mas isso não significa que não sejam usados disfemismos na ausência da pessoa visada. No que tange aos trabalhos que abordam o tabu linguístico no português brasileiro, o estudioso aponta a escassez de materiais e a necessidade de pesquisas sobre a temática, posto que o tabu é um fator contribuidor para a mudança linguística.

Morales (2005) realizou um estudo sociolinguístico do tabu, analisando sua relação com as variáveis independentes estilo, idade, nível sociocultural (baseado em três parâmetros básicos – escolaridade, ocupação e renda) e sexo/gênero. As unidades lexicais escolhidas pelo pesquisador foram *culo* (*cu*) ‘ânus’, *cojones* (*colhões*) ‘testículos’ e *puñeta* (*punheta*) ‘masturbação’, referentes ao espanhol geral, e *bicho* (*caralho*, *pau*, *rola*) ‘pênis’, *críca* (*periquita*, *xoxota*) ‘vagina’ e *chichar* (*foder*, *trepár*) ‘fornicar’, concernentes ao espanhol porto-riquenho (os(as) participantes são pertencentes à comunidade de fala de San Juan, capital de Porto Rico).

O grupo de fatores estilo era constituído por espontâneo (A), neutro (B) e cuidadoso (C); idade por geração I, II e III¹¹⁴; nível sociocultural por 1. médio superior, 2. médio, 3. médio inferior e 4. baixo; e sexo/gênero por masculino (M) e feminino (F). Já a variável dependente controlada era o uso das seis palavra-tabu e suas variantes (substitutas/sinónimas) correspondentes (Morales, 2005).

O autor analisou um total de 171 questionários anônimos, que resultaram em 12.312 respostas (4.104 para cada estilo). Passemos por alguns de seus resultados (Morales, 2005):

- a) os homens (65,3%), mais que as mulheres (34,6%), favorecem a tabuização;
- b) da passagem do estilo A (M = 936/23%, F = 577/14%) para o estilo B (M = 290/7%, F = 81/2%) e desse para o estilo C (M = 64/2%, F = 26/1%), homens e mulheres reduzem suas ocorrências de uso de palavras-tabus;
- c) quanto mais velha a geração, menos se usa tabus linguísticos (I = 53%, II = 34,4% e III = 12,5%);
- d) do estilo mais espontâneo ao menos espontâneo, as gerações diminuem a utilização de palavras-tabus (A – I = 818/20%, II = 543/13%, III = 153/4%; B – I = 172/4%, II = 117/3%, III = 82/2%; e C – I = 57/1%, II = 21/1%, III = 12/0%);
- e) no estilo espontâneo (A), os níveis socioculturais médio (2 = 498/12%), médio inferior (3 = 459/11%) e médio superior (1 = 427/10%) foram os menos conservadores e o nível sociocultural baixo (4 = 129/3%) foi o mais conservador na utilização de formas tabuizadas;
- f) em todos os estilos, o nível sociocultural baixo (4) foi o mais conservador (A = 129/3%, B = 35/1% e C = 18/0%).

Morales (2005), através de uma fórmula matemática executada no *software* computacional que desenvolveu exclusivamente para sua pesquisa, mediu o grau de tabuização das lexias, que poderia variar de 0 a 100: seriam tabus se a pontuação fosse maior que 50, fracamente tabuizadas se a pontuação variasse entre 50 e 75, e fortemente tabuizadas se a pontuação variasse entre 75 e 100. Vejamos alguns dos resultados do estudioso:

¹¹⁴ O estudioso não esclarece as idades específicas concernentes a cada geração, somente que a geração I é a geração jovem (Morales, 2005).

- g) *cojones (colhões)* ‘testículos’, com pontuação 80, é fortemente tabu; *culo (cu)* ‘ânus’, por sua vez, com 73 pontos, é fracamente tabu; e *puñeta (punheta)* ‘masturbação’, com 75, se encontra no limite entre fracamente e fortemente tabu;
- h) os itens lexicais substitutos das palavras-tabu podem ser eufemismos propriamente ditos (*hacer el amor (fazer amor)* ‘fornicar’, *sentadera (nádegas)* ‘bunda/popô/traseiro’, *cucaracha (barata)* ‘vagina’), expressões neutras (*órgano sexual femenino (órgão sexual feminino)* ‘vulva’, *tener relaciones sexuales (ter relações sexuais)* ‘fornicar’), termos técnicos (*ano (ânus)*, *pene (pênis)*, *vagina (vagina)*) e outros tabus (*daga (adaga)* ‘pau, rola’, *chocha (xoxota)* ‘boceta’);
- i) *puñeta (punheta)* ‘masturbação’ produziu 6 eufemismos, *cojones (colhões)* ‘testículos’, 11, *culo (cu)* ‘ânus’, 12, *bicho (caralho, pau, rola)* ‘pênis’, 24, *críca (periquita, xoxota)* ‘vagina’, 28, e *chichar (foder, trepar)* ‘fornicar’, 28;
- j) *masturbación (masturbação)* corresponde a 94% dos eufemismos registrados para *puñeta (punheta)* ‘masturbação’; *ano (ânus)*, *traseiro (traseiro)* e *fundilho (fundilho)* ‘ânus’ a 88,3% para *culo (cu)* ‘ânus’; *tener relaciones sexuales (ter relações sexuais)*, *hacer el amor (fazer amor)* e *tener relaciones íntimas (ter relações íntimas)* a 73,8% para *chichar (foder, trepar)* ‘fornicar’; *pene (pênis)* a 73,3% para *bicho (caralho, pau, rola)* ‘pênis’; *testículos (testículos)* a 72,8% para *cojones (colhões)* ‘testículos’; e *vagina (vagina)* e *vulva (vulva)* a 65,2% para *críca (periquita, xoxota)* ‘vagina’;
- k) a frequência geral dos eufemismos foi consideravelmente distinta – *chichar (foder, trepar)* ‘fornicar’ (824/21,3%), *bicho (caralho, pau, rola)* ‘pênis’ (731/18,9%), *críca (periquita, xoxota)* ‘vagina’ (724/18,7%), *culo (cu)* ‘ânus’ (624/16,2%), *cojones (colhões)* ‘testículos’ (542/14,0%) e *puñeta (punheta)* ‘masturbação’ (419/10,8%)¹¹⁵;
- l) homens, ao contrário das mulheres, utilizam mais tabus e, por conseguinte, menos eufemismos e tecnicismos;
- m) a geração I usa mais palavras-tabu, seguida da geração II e, por último, da III;
- n) a geração I utiliza mais termos técnicos, seguida da geração II e, por último, da III;
- o) a geração III é pouquíssima eufemística nos três estilos estudados; a geração II, no estilo C (cuidadoso), usa mais eufemismos que a geração I;
- p) a geração III, a menos eufêmica, não usa termos privativos ou mesmo majoritários;

¹¹⁵ Para facilitar a compreensão: *puñeta (punheta)* ‘masturbação’ produziu 6 substitutos – *masturbación* (394/94%) + *paja* (15/3,5%) + *cascársela* (6/1,4%) + *entretenerse con el membro* (2/0,5%) + *raspársela* (1/0,2%) + *papearse* (1/0,2%) = 6 lexias (419/99,8%).

- q) a utilização de tabus e eufemismos apresenta uma relação inversa, pois ao passo que a frequência de palavras-tabu aumenta, a de unidades lexicais eufemísticas diminui;
- r) o uso de eufemismos aumenta ao passo que os falantes transitam do estilo mais espontâneo para o mais cuidadoso;
- s) as mulheres utilizam mais eufemismos que os homens em todos os estilos, sobretudo no B (neutro).

Morales (2005) conclui que a utilização de palavras-tabu e eufêmicas é controlada pelos fatores extralinguísticos idade, nível sociocultural e sexo/gênero, e também pelo fator linguístico estilo.

De acordo com Ortiz-Alvarez (2007), as palavras-tabu deixam transparecer o sistema de crenças e valores das sociedades. Para contorná-las, seus membros as substituem por palavras ou expressões eufemísticas. Assevera, então, que as expressões idiomáticas podem servir como itens lexicais atenuantes, posto que elas “desempenham um papel importantíssimo dentro dos valores culturais de uma comunidade” (Ortiz-Alvarez, 2007, p. 1).

Segundo a autora, nomes vistos como feios, obscenos ou grosseiros são substituídos por outros novos, ou apelidos, ou eufemismos. Entretanto, os falantes também podem se valer de disfemismos. Assim sendo, várias palavras ou expressões cristalizadas, atenuadoras ou agravadoras, podem ser utilizadas para evitar o tabu linguístico. Vejamos alguns exemplos fornecidos pela estudiosa a seguir (Ortiz-Alvarez, 2007):

- a) relações sexuais – *dormir com alguém, fazer amor, ficar com alguém, levar alguém para a cama, transar* (p. 7);
- b) genitálias – *banana, espada, ferramenta, ganso, mastro, pau-de-cabeleira, piu-piu, aranha, bacalhau, bombril, gruta-do-amor, negócio, passarinha, xoxota* (p. 7).

De acordo com Ortiz-Alvarez,

a alta incidência e frequência de uso das expressões idiomáticas (EIs) no cotidiano explica-se pelo desejo do falante de suavizar eufemisticamente o que poderia chocar, reforçar o que se deseja enfatizar, ironizar ou sugerir sutilmente o que não se ouse pedir ou criticar diretamente. O uso ou não de uma determinada expressão justifica-se por corresponder a certas expectativas do usuário em relação ao interlocutor e também por ser apropriado ou não ao nível de linguagem em que os falantes estiverem envolvidos. Dessa forma, uma EI pode ser substituída em virtude de outra expressão que se enquadre no padrão culto da língua, segundo a evolução dos costumes e a redistribuição das classificações sociais (Ortiz-Alvarez, 2007, p. 9-10).

Dentre as conclusões que a pesquisadora chega, estão as de que o tabu é (i) um fenômeno universal, existente em todas as línguas e em todos os tempos; (ii) um resultado da evolução semântica e da relação de valores entre culturas; (iii) uma das maneiras em que as pessoas e as sociedades manifestam, de maneira escalar, seus valores; (iv) um fator motivador de mudanças fonéticas e lexicais; e (v) um criador de metáforas (Ortiz-Alvarez, 2007).

Almeida (2007), em sua tese de doutorado, objetivou propor uma tipologia dos tabus linguísticos manifestados em seis atlas linguísticos brasileiros, além de elaborar um glossário com fichas terminológicas que catalogavam as variantes linguísticas relacionadas a tais tabus. O *corpus* da pesquisadora compôs-se das respostas elicitadas por informantes do Atlas Prévio dos Falares Baianos (APFB), do Atlas Linguístico de Sergipe (ALS), do Atlas Linguístico de Sergipe II (ALS II), do Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais (EALMG), do Atlas Linguístico da Paraíba (ALPB) e do Atlas Linguístico do Paraná (ALPR)¹¹⁶.

Escolheu, para a análise, seis campos semânticos: *fenômenos atmosféricos, ciclos da vida, convívio e comportamento social, doenças, corpo humano e religião e crenças*. Para cada um dos campos, selecionou as perguntas referentes às seguintes lexias tabuísticas (Almeida, 2007):

- a) fenômenos atmosféricos – *chuva de pedra, arco-íris, eclipse, tempestade, estrela cadente, relâmpago, trovão e trovoada*;

No que tange ao campo semântico *fenômenos atmosféricos*, a pesquisadora relata que considerou a lexia *chuva de pedra* como um tabu linguístico devido à hesitação dos(as) inquiridos(as) – rurícolas, mais idosos(as) e de menor escolaridade – em responder à pergunta a ela concernente, uma vez que o assunto era tratado por eles com cautela e levava-os(as) a elicitar uma parcela considerável de variantes. Assim como o *eclipse*, comunidades rurais creem que tais fenômenos podem trazer prejuízos às lavouras (Almeida, 2007)¹¹⁷.

Quanto ao item lexical *arco-íris*, o desconhecimento, a crença e o medo referentes à mudança de sexo e ao chupar da água causados pelo fenômeno conduziam os(as) participantes a fornecer outras variantes. Em relação à *tempestade*, ao *relâmpago*, ao *trovão* e à *trovoada*, o medo das forças da natureza justificou a produção de variantes que não fossem as unidades

¹¹⁶ Os atlas e seus respectivos números de informantes: APFB – 100; ALS – 30; ALS II – 30; EALMG – 302; ALPB – 107; ALPR – 130.

¹¹⁷ Muitas das considerações expostas pela pesquisadora provêm de notas presentes nos atlas linguísticos. Ademais, foram também informações constantes nas notas que auxiliaram Almeida (2007) a selecionar as lexias tabuísticas e, assim, os campos semânticos de seu estudo.

lexicais supramencionadas. Consoante Almeida (2007), os informantes do ALPR acreditavam que, ao utilizar palavras substitutas à *tempestade*, o fenômeno atenuaria.

Por fim, acerca da lexia composta *estrela cadente*, o credo no poder das estrelas e, conseqüentemente, o medo em relação a esse poder, podem ter levado os(as) inquiridos(as) a preferirem lexias eufêmicas e hipocorísticas (Almeida, 2007).

b) ciclos da vida – *menstruação* e *menopausa*;

Acerca da resistência em proferir *menstruação* por parte dos inquiridos, isso se explicaria, consoante o que apresenta a estudiosa, devido à sujidade corporal ser tida como poderosa e o sangue, por sua vez, considerado fonte da vida, da alma ou a própria vida, tendo, portanto, força mágica e sobrenatural (Almeida, 2007). O mesmo provavelmente se aplica à *menopausa*.

c) convívio e comportamento social – *prostituta*;

Nas áreas não urbanas, assim como o tema da *menstruação*, a prostituição é foco de interdição, portanto, a referente que se sujeita à profissão, isto é, a *prostituta*, e a unidade lexical a ela concernente também são alvo de proscrição (Almeida, 2007).

d) doenças – *tuberculose* e *erisipela*;

No que se refere ao campo semântico *doenças*, o tabu envolto à *tuberculose* é tamanho que o autor responsável pelo ALS II assevera que muitos(as) dos(as) inquiridos(as) não sabiam palavras para nomear a pessoa acometida pela enfermidade. Já com respeito à *erisipela*, a autora do ALPR atesta que os(as) informantes demonstraram resistência em responder à pergunta referente à doença, apenas descrevendo-a ou usando a expressão *aquilo lá* (Almeida, 2007).

e) corpo humano – *pomo-de-adão*, *útero* e *verruga*;

O rechaço em responder à pergunta sobre o item lexical *pomo-de-adão* se justifica pela história bíblica narrada no livro de Gênesis, em que Eva come o fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal, a maçã, e o oferece a Adão, que também o consome. O caroço

da fruta teria ficado preso na garganta de Adão, resultando no gogó (Almeida, 2007). A maçã se tornou símbolo do pecado e da tentação.

Em relação à lexia *útero*, Almeida (2007) avança que, por estar ligada ao sexo, que é tido como um assunto tabu, tal unidade torna-se, da mesma maneira, um tabu linguístico. Quanto à unidade lexical *verruca*, a crença que apontar as estrelas é o fator que a causa, o que remete ao medo do desconhecido, pode ter ocasionado a aparição das suas variantes.

f) religião e crenças – *entidade-tabu que causa o redemoinho*.

Finalmente, a respeito do campo semântico *religião e crenças*, a pesquisadora notou que os(as) participantes viam determinadas lexias com precauções, a ponto de quase não as utilizarem, sendo substituídas por várias variantes. Essas unidades lexicais estavam associadas à crença popular infantil de que uma entidade-tabu animaria o redemoinho. Acredita-se que, ao pronunciar o nome dessa entidade, ela poderia se manifestar, o que explica por que os(as) informantes preferiram descrevê-la em vez de designá-la diretamente (Almeida, 2007).

A estudiosa assevera que a relação existente entre língua e cultura influencia o pensamento humano e, desta maneira, a manifestação dos tabus linguísticos nos atlas selecionados para estudo revelam aspectos socioculturais dos falantes e dos estados em que viviam. Consoante Almeida,

os critérios que definem o que se pode ou não falar estão ligados, em parte, à transferência de conhecimentos e cultura de um indivíduo para outro [...] a linguagem, enquanto meio de comunicação entre os homens, nunca corresponde, nem pode corresponder, a um plano estritamente individual, pois forma-se na prática social e serve para a transmissão do conhecimento armazenado socialmente, passando de uma geração a outra no processo social de formação e *culturalização*. O conhecimento não é perfeito e definitivo, nem, portanto, absoluto, podendo sofrer deformações. Centraliza sua análise na discutida possibilidade de alcançar a verdade objetiva no processo do conhecimento, dado o condicionamento deste pelo interesse de um grupo e pela influência da linguagem (Almeida, 2007, p. 149-150).

Abaixo, apresentamos alguns dos dados analisados pela autora seguindo a ordem – (i) o campo semântico, (ii) o item lexical tabuístico sugerido/esperado como resposta, (iii) o(s) atlas linguístico(s), (iv) o número total de variante(s) constante(s) no(s) atlas, (v) exemplo(s) de variante(s)¹¹⁸, (vi) o número de ocorrência(s) e a porcentagem dessa(s) variante(s), (vii) o

¹¹⁸ Não nos seria possível apresentar todas as variantes elicitadas para cada lexia tabu de cada um dos campos semânticos constantes em cada um dos seis atlas linguísticos analisados pela pesquisadora. Tentamos trazer, a fim de exemplificação, o(s) atlas em que essas unidades lexicais aparecem e alguns dos recursos substitutivos do item lexical tabuístico apontados por Almeida (2007).

processo de substituição da palavra-tabu e (viii) a tipologia dos tabus linguísticos e suas respectivas porcentagens para cada campo semântico (Almeida, 2007):

g) fenômenos atmosféricos –

- (I) *chuva de pedra* – ALPR (26 vars.) – *rosinha* (4 ocs. = 3,31%), diminutivo/hipocorístico; EALMG (9 vars.) – *chuva-de-rosa* (6 ocs. = 8,57%), eufemismo;
- (II) *arco-íris* – ALPR (13 vars.) – *aquela coisa* (1 oc. = 5,56%), disfemismo; ALPB (9 vars.) – *as torres* (2 ocs. = 4,76%), metonímia; EALMG (8 vars.) – *rabo de pavão* (1 oc. = 1,43%), metáfora; APFB (2 vars.) – *arco-de-velho* (9 ocs. = 40,91%), hipocorístico; ALS (2 vars.) – *arco-inselent(e)* (1 oc. = 50,00%), expressão genérica;
- (III) *eclipse* – ALPR (6 vars.) – *escuridão* (3 ocs. = 25,00%), disfemismo; ALPB (4 vars.) – *lua eclipse* (6 ocs. = 19,35%), expressão genérica;
- (IV) *tempestade* – ALPB (17 vars.) – *chuva passageira* (3 ocs. = 6,12%), eufemismo; ALPR (10 vars.) – *tempo brabo* (1 oc. = 1,89%), disfemismo; EALMG (2 vars.) – *temporal* (24 ocs. = 14,46%), disfemismo;
- (V) *estrela cadente* – ALPB (13 vars.) – *planeta* (13 ocs. = 22,03%), expressão genérica; EALMG (8 vars.) – *mãe-do-ouro* (25 ocs. = 30,12%), eufemismo;
- (VI) *relâmpago* – ALPR (12 vars.) – *lampezo* (1 oc. = 3,23%), estrangeirismo; EALMG (3 vars.) – *faísca* (9 ocs. = 21,43%), eufemismo;
- (VII) *trovão* – ALPR (12 vars.) – *ronco* (4 ocs. = 11,76%), metáfora; EALMG (2 vars.) – *trovoada* (45 ocs. = 36,59%), disfemismo;
- (VIII) *trovoada* – ALPB (9 vars.) – *corisco* (1 oc. = 8,33%), expressão genérica;
- (A) tipologia dos tabus linguísticos e suas respectivas porcentagens para o campo semântico *fenômenos atmosféricos* – disfemismo (38%), eufemismo (25%), expressão genérica (17%), hipocorístico (11%), metáfora (5%), metonímia (2%), diminutivo (1%) e estrangeirismo (1%).

h) ciclos da vida –

- (IX) *menstruação* – ALS (15 vars.) – *estar doente* (5 ocs. = 16,67%), disfemismo; ALPB (11 vars.) – *tá de boi* (9 ocs. = 15,00%), ironia; *chico* (5 ocs. = 8,33%), diminutivo; APFB (9 vars.) – *flor vermelha* (1 oc. = 2,00%), eufemismo; *regula* (1 oc. = 2,00%), expressão genérica;

- (X) *menopausa* – ALS (4 vars.) – *amarrar o facão* (17 ocs. = 85,00%), metáfora; APFB (3 vars.) – *quebrar o facão* (1 oc. = 2,33%), metáfora;
- (B) tipologia dos tabus linguísticos e suas respectivas porcentagens para o campo semântico *ciclos da vida* – disfemismo (28%), expressão genérica (24%), metáfora (22%), antífrase/ironia (17%), eufemismo (7%) e diminutivo/hipocorístico (2%).
- i) convívio e comportamento social –
- (XI) *prostituta* – APFB (10 vars.) – *rapariga* (21 ocs. = 30,00%), disfemismo; *vasora* (9 ocs. = 12,86%), hipocorístico; *mulher solteira* (2 ocs. = 2,86%), expressão genérica; ALS (8 vars.) – *mulher dama* (3 ocs. = 10,00%), antífrase; *à toa* (1 oc. = 3,33%), elipse;
- (C) tipologia dos tabus linguísticos e suas respectivas porcentagens para o campo semântico *convívio e comportamento social* – disfemismo (53%), expressão genérica (17%), hipocorístico (17%), antífrase/ironia (9%) e elipse (4%).
- j) doenças –
- (XII) *tuberculose* – ALPR (23 vars.) – *doença/duença (da) magra* (6 ocs. = 9,23%), eufemismo; *duença de secá* (1 oc. = 1,54%), metonímia; ALS II (4 vars.) – *a fininha* (2 ocs. = 40,00%), diminutivo/hipocorístico;
- (XIII) *erisipela* – ALPR (19 vars.) – *alergia* (2 ocs. = 2,94%), expressão genérica; *sarna* (2 ocs. = 2,94%), disfemismo;
- (D) tipologia dos tabus linguísticos e suas respectivas porcentagens para o campo semântico *doenças* – disfemismo (43%), eufemismo (29%), expressão genérica (24%), diminutivo (2%) e hipocorístico (2%).
- k) corpo humano –
- (XIV) *pomo-de-adão* – ALPR (38 vars.) – *Adão* (6 ocs. = 8,70%), metonímia; *nó* (2 ocs. = 2,90%), elipse; *gogozinho* (1 oc. = 1,45%), diminutivo;
- (XV) *útero* – ALPR (11 vars.) – *mãe do corpo* (36 ocs. = 63,07%), eufemismo; APFB (6 vars.) – *uma bola que tem dentro da mulher* (1 oc. = 3,03%), disfemismo; ALPB (4 vars.) – *bacia* (1 oc. = 11,11%), expressão genérica;

- (XVI) *verruca* – ALPR (7 vars.) – *berruguinha* (1 oc. = 5,88%), diminutivo/hipocorístico; *figuera* (1 oc. = 5,88%), metáfora;
- (E) tipologia dos tabus linguísticos e suas respectivas porcentagens para o campo semântico *corpo humano* – expressão genérica (33%), eufemismo (21%), disfemismo (15%), hipocorístico (15%), diminutivo (13%) e metáfora (3%).
- l) religião e crenças –
- (XVII) *entidade-tabu que causa o redemoinho* – ALPR (22 vars.) – *saci* (16 ocs. = 24,24%), eufemismo; *bichinho* (4 ocs. = 6,06%), diminutivo; *cão* (3 ocs. = 4,55%), disfemismo; *aquilo* (1 oc. = 1,52%), expressão genérica; *chifrudo* (1 oc. = 1,52%), partes físicas;
- (F) tipologia dos tabus linguísticos e suas respectivas porcentagens para o campo semântico *religião e crenças* – disfemismo (59%), diminutivo/hipocorístico (21%), partes físicas (10%), expressão genérica (7%), eufemismo (3%).

A partir deles, apresentamos algumas das conclusões a que Almeida (2007) chega:

- m) o medo é um dos fatores extralinguísticos que motivam o tabu linguístico;
- n) os campos semânticos *fenômenos atmosféricos*, *ciclos da vida*, *doenças*, *corpo humano* e *religião e crenças* foram os que mais exibiram variantes associadas à questão do medo;
- o) os campos semânticos, do mais ao menos tabuizado, foram – *fenômenos atmosféricos*, *corpo humano*, *doenças*, *ciclos da vida*, *religião e crenças*, *convívio e comportamento social*¹¹⁹;
- p) o ALPR é o atlas linguístico que exhibe o maior número de tabus linguísticos, uma vez que apresenta quase todos os campos semânticos estudados¹²⁰;
- q) fatores extralinguísticos, como os tabus, podem influenciar a diversidade e a variação linguísticas no português brasileiro em diferentes regiões do país;

¹¹⁹ Almeida (2007) alterna entre o uso de *ocorrências* e *variantes*. Assim, não fica claro qual dos dois critérios ela adota para identificar os campos semânticos mais e menos tabuizados.

¹²⁰ O número de inquiridos (cf. a nota de rodapé de número 116) e de campos semânticos nos atlas pesquisados não são iguais:

ALPR (4 campos semânticos) – *fenômenos atmosféricos*, *doenças*, *corpo humano* e *religião e crenças*;

ALPB (3 campos semânticos) – *fenômenos atmosféricos*, *ciclos da vida* e *corpo humano*;

EALMG (1 campo semântico) – *fenômenos atmosféricos*;

APFB (4 campos semânticos) – *fenômenos atmosféricos*, *ciclos da vida*, *convívio e comportamento social* e *corpo humano*;

ALS (3 campos semânticos) – *fenômenos atmosféricos*, *ciclos da vida* e *convívio e comportamento social*;

ALS II (1 campo semântico) – *doenças*.

- r) devido aos tabus linguísticos, os atlas manifestam um maior ou menor número de variantes; o maior número de variantes relaciona-se com a maior presença de tabus linguísticos, enquanto o menor número de variantes está associado à menor presença de tabus linguísticos, logo, eles podem contribuir com a produtividade linguística¹²¹;
- s) em termos de produtividade linguística, e em ordem do mais ao menos produtivo, apresentam-se o ALPR (1º), o ALPB (2º), o EALMG (3º), o APFB (4º), o ALS (5º) e o ALS II (6º)¹²².

Araújo (2008), por sua vez, analisou fragmentos de interações via *chat* em que os internautas usavam, em seus *nicknames* e/ou em suas conversações, vocábulos que se associavam à blasfêmia, à gíria, à grosseria, à obscenidade e ao palavrão. Para isso, coletou dados de duas sessões em cada uma das quatro salas de *chat* do UOL: *idades e regiões*, *idade*, *tema livre* e *variados*. Conjecturou que, ao serem introduzidas no ambiente digital dos *chats*, a linguagem proibida e os tabus a ela relacionados se dissolvem.

Elenquemos algumas considerações do autor (Araújo, 2008):

- a) as salas de bate-papo virtual possibilitam a utilização de uma linguagem coloquial/informal, o que prenuncia uma significativa liberdade de expressão;
- b) se usados em outros espaços sociais, os vocábulos dos *chatters* seriam considerados tabus linguísticos;
- c) as palavras e expressões utilizadas pelos usuários das salas virtuais reforçam o sentido do proibido – *chupar pirulito* ‘sexo oral’, *gala* ‘esperma’, *lamber na fonte* ‘sexo oral’, *se acabar na maum* ‘se masturbar’;
- d) o uso de imagens e *emoticons* (👉, 😊, \~/°) acentua a linguagem proibida nos bate-papos;
- e) os *nicknames* dos *chatters*, apelidos que permitem o anonimato, lhes proporcionam um livre uso da linguagem proibida;
- f) os *nicknames* dos usuários dos *chats* fazem apelo, em sua maioria, ao erótico (50% = *anaum de pau duro*, *karasafado*, *putinha de botas*, *safadinha cibernet*, *tiagosex*), mas

¹²¹ Concordamos com a autora no que tange aos tabus serem fatores extralinguísticos contribuidores para a variação linguística. Todavia, se o número de inquiridos e de campos semânticos nos atlas são desiguais, ou seja, as amostras não são balanceadas, torna-se complexo afirmar que o maior número de variantes relaciona-se com a maior presença de tabus e o menor número de variantes relaciona-se com a menor presença de tabus.

¹²² A autora utiliza tanto *variantes* quanto *ocorrências*, sem deixar claro qual dos dois critérios define a maior ou menor produtividade linguística nos atlas analisados.

também à blasfêmia (26,4% = @njo negro, a serviço do caum, kpta, pastor comeku, pedófilocristao) e ao escatológico (23,5% = katarro pretu, kôkô, lambedor de remela, mister arrote, peidonet)¹²³.

A análise dos fragmentos de interações em ambiente virtual permitiu ao estudioso concluir que o anonimato proporcionado pelos apelidos dos participantes é um dos principais fatores que favorecem a livre utilização da linguagem marginal nos *chats*, abrangendo tanto o verbal quanto outras formas de semiose (imagens e *emoticons*). Nesse contexto, os dados levantam a hipótese de que determinados ambientes, como as salas de bate-papo *on-line*, contribuem significativamente para a queda de tabus linguísticos (Araújo, 2008).

Guedelha (2011), por seu turno, objetivou analisar palavras do português brasileiro cujo processo de formação teria sido motivado pela tabuização. Seu *corpus* constitui-se 250 itens lexicais retirados de textos de teóricos que trataram sobre os tabus linguísticos e de dois dicionários, o *Aurélio* e o *Houaiss*. Considerando três tipos de *tabus*, os *de medo ou superstição*, os *de delicadeza ou polidez* e os *de decência e decoro*, o pesquisador distribuiu as unidades lexicais coletadas em tais categorias. Vejamos alguns dos resultados do autor:

a) tabus de medo ou superstição –

- (I) *Deus* (palavra-tabu) – *Pai* (substituto eufêmico) – metaforização (processo formativo);
- (II) *Diabo* (palavra-tabu) – *diacho* (substituto eufêmico) – modificação fonética (processo formativo);
- (III) *Satanás* (palavra-tabu) – *Satã* (substituto eufêmico) – braquissmia [ou redução/abreviação] (processo formativo);
- (IV) *Satanás* (palavra-tabu) – *inimigo* (substituto eufêmico) – derivação prefixal (processo formativo);
- (V) *Diabo* (palavra-tabu) – *chifrudo* (substituto eufêmico) – derivação sufixal (processo formativo);
- (VI) *morto* (palavra-tabu) – *(o) falecido* (substituto eufêmico) – derivação imprópria (processo formativo);
- (VII) *caixão* (palavra-tabu) – *esquife* (substituto eufêmico) – empréstimo [it. *schifo*] (processo formativo);

¹²³ Não estamos apresentando aqui todos os *nicks* recolhidos pelo pesquisador, apenas alguns para fins de exemplificação.

(VIII) *feitiço* (palavra-tabu) – *despacho* (substituto eufêmico) – derivação regressiva (processo formativo).

b) tabus de delicadeza ou polidez –

- (I) *louco* (palavra-tabu) – *(o) gira* (substituto eufêmico) – derivação imprópria (processo formativo);
- (II) *loucura* (palavra-tabu) – *insanidade (mental)* (substituto eufêmico) – prefixação e sufixação (processo formativo);
- (III) *câncer* (palavra-tabu) – *C.A.* (substituto eufêmico) – acrossemia [ou acronímia] (processo formativo);
- (IV) *velhice* (palavra-tabu) – *terceira idade* (substituto eufêmico) – composição (processo formativo);
- (V) *pobre* (palavra-tabu) – *necessitado* (substituto eufêmico) – sufixação (processo formativo);
- (VI) *negro* (palavra-tabu) – *neguinho* (substituto eufêmico) – mudança fonética (processo formativo);
- (VII) *analfabeto* (palavra-tabu) – *iletrado* (substituto eufêmico) – prefixação e sufixação (processo formativo);
- (VIII) *homossexual* (palavra-tabu) – *gay* (substituto eufêmico) – empréstimo [ing. *gay*] (processo formativo);
- (IX) *homossexual* (palavra-tabu) – *boiola* (substituto eufêmico) – fonossemia [ou onomatopeia] (processo formativo);
- (X) *assassinato* (palavra-tabu) – *despachar* (substituto eufêmico) – metaforização (processo formativo);
- (XI) *dinheiro* (palavra-tabu) – *tutu* (substituto eufêmico) – duplicação [ou reduplicação] (processo formativo).

c) tabus de decência e decoro –

- (I) *pênis* (palavra-tabu) – *arma* (substituto eufêmico) – hiperônimo (processo formativo);
- (II) *vagina* (palavra-tabu) – *barata* (substituto eufêmico) – metaforização (processo formativo);

- (III) *prostituta* (palavra-tabu) – *puta* (substituto eufêmico) – braquissmia (processo formativo);
- (IV) *masturbação* (palavra-tabu) – *bronha* (substituto eufêmico) – fonosmia (processo formativo);
- (V) *nádegas* (palavra-tabu) – *poupança* (substituto eufêmico) – derivação sufixal (processo formativo);
- (VI) *defecação* (palavra-tabu) – *desaperto* (substituto eufêmico) – derivação regressiva (processo formativo);
- (VII) *urina* (palavra-tabu) – *xixi* (substituto eufêmico) – duplicação (processo formativo);
- (VIII) *ato sexual* (palavra-tabu) – *papai-mamãe* (substituto eufêmico) – composição (processo formativo);
- (IX) *desvirginar* (palavra-tabu) – *desonrar* (substituto eufêmico) – prefixação e sufixação (processo formativo);
- (X) *flato* (palavra-tabu) – *petardo* (substituto eufêmico) – empréstimo [fr. *pétard*] (processo formativo);
- (XI) *menstruação* (palavra-tabu) – *TPM* (substituto eufêmico) – acrosmia (processo formativo);
- (XII) *vulva* (palavra-tabu) – *bubu* [*buceta*] (substituto eufêmico) – duplicação (processo formativo).

Conclui, então, que (Guedelha, 2011):

- d) os processos de formação de palavras mais produtivos tomando o tabu como motivador são a metaforização, a sufixação, a mudança fonética e a composição;
- e) os processos de formação de palavras menos produtivos considerando a tabuização como motivadora são a derivação prefixal e sufixal, a derivação regressiva e a hiperonímia;
- f) a metaforização e a hiperonímia, como processos formadores de palavras, não podem ser desconsideradas, haja vista a solidariedade existente entre a morfologia (forma), a sintaxe (função) e a semântica (sentido).

Orsi (2013), já citada na Introdução desta dissertação, tece algumas considerações sobre os aspectos socioculturais da linguagem proibida concernente aos órgãos sexuais do corpo humano. Segundo a estudiosa, em situações informais, falantes tendem a evitar a terminologia

anatômica oficial e a utilizar sinônimos metafóricos para designar o *ânus*, o *pênis*, os *seios*, os *testículos* e a *vulva*.

Os itens lexicais erótico-obscenos são nomes comuns que, por meio de seus semas, possibilitam aos falantes criações metafóricas criativas, curiosas e engraçadas para nomear a ‘vulva’, como *bichana* (/animal/), *coisinha* (/insignificância/), *lindinha* (/beleza/), *racha* (/fenda/), etc. (Orsi, 2013). Para compreendê-los, então, é necessária uma pressuposição erótica compartilhada no contexto conversacional entre os interlocutores.

Alicerçada em estudos sobre a Lexicologia e também sobre o léxico obsceno, Orsi (2013) endossa que, quanto à variável faixa etária, falantes tendem a utilizar lexias com carga semântica menos ofensiva e mais pudica com crianças, a exemplo *pombinha* ‘vulva’. Já em uma conversa entre adultos, e principalmente durante o ato sexual, a unidade lexical *xoxota* ‘vulva’ seria mais feliz. Adolescentes também preferem aquelas mais obscenas. No que tange ao condicionador extralinguístico classe social, a pesquisadora constata que os itens lexicais eróticos e obscenos são usados sem distinções entre as classes socioeconômicas, uma vez que servem, no ato da verbalização de insatisfações sociais, para o alívio.

No que se refere à escolaridade, o ambiente em que o falante vive prevalece sobre o seu grau de instrução na aquisição de novos hábitos linguísticos, embora este também exerça certa influência. Assim, a linguagem proibida seria adquirida mais pelo meio do que pelos anos passados frente aos livros no ambiente escolar. Por fim, acerca da variável social sexo, as mulheres, diferentemente dos homens, demonstram uma inclinação a evitar palavras com carga semântica chula e grosseira (Orsi, 2013).

Orsi (2021), por sua vez, objetivou estudar a definição e as rubricas atribuídas aos verbetes das unidades lexicais tabuísticas *cigano*, *judeu*, *madrasta*, *paulista*, *sogra*, *mijo*, *comida* e *trepada*, nos dicionários *on-line Aulete*, *Michaelis* e *Priberam*. De acordo com a pesquisadora, as acepções ofensivas dessas palavras-tabu possibilitam compreender as atitudes, os julgamentos e os valores que atravessam a sociedade.

Contemplemos alguns dos resultados da estudiosa (Orsi, 2021):

- a) *cigano* – no *Michaelis*, uma das definições, ‘pessoa de negócios’¹²⁴, aparece sob a marca de uso *figurado*, sem caráter desagradável; duas outras acepções, ‘vendedor ambulante’ e ‘aquele que leva vida itinerante/boêmia’, recebem a rubrica *pejorativo*, apontando ao consulente cuidado ao utilizar a lexia estigmatizada; no *Aulete*, a definição ‘negociante

¹²⁴ Para reduzir o tamanho das definições, não estamos apresentando todas elas *ipsis litteris*. Remetemos o(a) leitor(a) aos *prints* das acepções constantes nos dicionários fornecidos por Orsi (2021).

- esperto, vivo’ leva a marca *pejorativo* (depreciativo); e, no *Priberam*, a acepção ‘pessoa astuta, que engana alguém’ também é sinalizada com a rubrica *pejorativo* (desagradável, insultuoso, torpe ou obsceno)¹²⁵;
- b) *judeu* – no *Aulete*, não constam acepção depreciativa e rubrica para o lema; definido no *Michaelis* como ‘aquele que é obcecado por dinheiro, avarento’, é indicado com as marcas de uso *coloquial* (informal, distenso) e *pejorativo* (desagradável); e, no *Priberam*, ‘agiota, usuário’ aparece sob as rubricas *informal, depreciativo*;
- c) *madrasta* – no *Michaelis* ‘mulher má, desamorosa’ e *Aulete* ‘mulher má, insensível’, as acepções de carga semântica pejorativa recebem a rubrica *figurado*; e, no *Priberam*, ‘mulher pouco cuidadosa com filhos’ e ‘mulher má’ constam a marca *depreciativo*;
- d) *paulista* – no *Michaelis*, ‘pessoa muito teimosa’ aparece com a rubrica *figurado*; no *Priberam*, a definição ‘teimoso, birrento’ não leva marca de uso e aparece como adjetivo e não substantivo; ambos os dicionários, portanto, não apontam a carga semântica desagradável e insultuosa que o item lexical pode ter; e, no *Aulete*, a definição ‘pessoa teimosa, birrenta’ recebe a rubrica *figurado*;
- e) *sogra* ‘pessoa má, invasiva, que interfere na vida do casal’ (sin. *bruxa, jararaca*)¹²⁶ – no *Michaelis*, não há um verbete dedicado a esse lema; no *Aulete* e *Priberam*, a definição não reporta ao *status* negativo do referente;
- f) *mijo* – uma escatologia, no *Michaelis*, é sinônimo de *urina* e aparece sob a marca de uso *coloquial*; no *Aulete*, também sinonímia de *urina*, recebe a marca de uso *popular*; e, no *Priberam*, o mesmo que *urina*, leva a rubrica *tabuísmo* (ofensivo, pejorativo, chulo, disfemismo grosseiro);
- g) *comida* – no *Michaelis*, a definição reporta à ‘pessoa com quem se faz sexo às escondidas’ e não ao ‘ato sexual’, aparecendo com a rubrica *vulgar* (popular, banal, corriqueiro, baixo ou grosseiro); no *Aulete* ‘pessoa que se oferece ou que se tem secretamente para fazer sexo’ e no *Priberam* ‘pessoa que se tem para fazer sexo’, as acepções são as mesmas, mas neste é marcada como *informal* e naquele como *tabu*;

¹²⁵ Sobre *A campanha dos dicionários* (Rodríguez, 2000), Orsi (2021, p. 265) defende que “não acreditamos que uma obra de consulta deva tolher de seu consulente uma ou outra acepção, mas deve apresentá-la com as devidas ressalvas acerca de seu uso”. Concordamos com a pesquisadora, uma vez que dicionários são obras que registram não apenas palavras e expressões de uma língua, mas também a história dela, as mudanças socioculturais que levaram os falantes ao abandono ou à mudança de significado de determinada lexia. Ao desaverbar itens lexicais ou acepções de tais unidades, leva-se ao esquecimento dos fatores (socio)linguísticos que motivaram a sua supressão e da época que se tornaram arcaísmos.

¹²⁶ Acepção e sinônimos de Orsi (2021, p. 260).

- h) *trepada* – no *Michelis*, a acepção ‘relação sexual’ é indicada com a marca *vulgar*; no *Aulete*, ‘ato sexual’ recebe a rubrica *tabu* (sagrado, restrito, proibido); e, no *Priberam*, a definição ‘ato sexual’ leva a marca de uso *informal*.

A autora conclui que a microestrutura dos verbetes carece de maior atenção no que tange às marcas de uso e aos comentários semânticos, sinalizando a falta de rigor metodológico dos(as) dicionaristas. Segundo ela, as rubricas (ou marcas diaevaluativas) são muito importantes aos(às) consulentes, visto que vos indicam o uso restrito ou mais adequado de lexias a certas situações (contextos), necessitando ser normatizadas. Acepções com marcas diversas como *chulo*, *tabu*, *vulgar*, etc., também apontam para descuido, indecisão ou aparente neutralidade dos(as) lexicógrafos(as). Nesse sentido, essas ocorrências revelam que os tabus linguísticos estão arraigados à sociedade, indicando a censura de itens lexicais considerados depreciativos, injuriosos e ofensivos (Orsi, 2021).

Bertonha e Zavaglia (2022), na mesma linha, se propuseram a estudar as marcas de uso diastráticas *tabuísmo* e *chulismo* presentes na microestrutura dos lemas *bicha*, *borrar*, *bunda*, *cagar*, *cu*, *foder*, *rabo*, *trepas* e *veado* de dois dicionários do tipo 3 e dois dicionários do tipo 4¹²⁷. Consoante o autor e a autora, as marcas de uso (ou etiquetas, rubricas, rótulos) são artifícios linguísticos que servem para reproduzir o ponto de vista pragmático (restrições de uso) de certas lexias ou de suas definições no dicionário. Indispensáveis na composição dos verbetes, elas permitem ao(à) consulente compreender os muitos contextos de uso dos itens lexicais, “atualizando-os com relação ao *status* no sistema linguístico” (Bertonha; Zavaglia, 2022, p. 68, itálico original).

Tabuísmo e *chulismo* são marcas de uso diastráticas porque abarcam sentidos sujeitos à interdição sociocultural e/ou religiosa, aplicando-se a certos usos, como os de baixo calão, eufemísticos, obscenos e pejorativos (Bertonha; Zavaglia, 2022). Em consonância com o pesquisador e a pesquisadora, as marcas de uso empregadas na microestrutura das obras lexicográficas realçam a variação linguística que

pode ocorrer com relação: (i) aos limites fronteiriços (espaço geográfico: *regionalismo*, *lusitanismo*, *Nordeste*, *Pernambuco* etc.); (ii) à variante linguística condicionada pelo grau de formalidade existente na situação em que se dá o ato de fala, ou da finalidade, no ato da escrita (*formal*, *informal*, *coloquial*, *literário* ou *gíria*); (iii) à sua contemporaneidade (*arcaico*, *antiquado* ou *em desuso*); (iv) ou ainda, ao efeito de sentido que tal uso possa causar (*pejoratividade*, *ironia*, *jocosidade* ou *eufemismo*) (Bertonha; Zavaglia, 2022, p. 68).

¹²⁷ Dicionários escolares empregados no processo de ensino-aprendizagem de alunos do 6º ao 9º ano do ensino fundamental (*Saraiva Jovem* e *Aurélio Júnior*) e do 1º ao 3º ano do ensino médio (*Novíssimo Aulete Lexikon* e *Dicionário Houaiss Conciso*) (Bertonha; Zavaglia, 2022).

No que se refere à caracterização de uma unidade léxica como um *tabuísmo* ou *chulismo*, esta dependerá da comunidade linguística, uma vez que a língua reflete seus conceitos sociais (normas, decoros e pudores). Bertonha e Zavaglia (2022) definem tabu como a censura ou proibição de se pronunciar, repetir e ver aquilo que se teme ou que causa vergonha, desconforto, o que se transforma em palavras-tabu, ações-tabu, objetos-tabu e partes-tabu. Já o chulo se equivale a alguma coisa ordinária, comum, e se cristaliza em itens lexicais que exprimem baixeza, rudeza e descortesia. Para substituí-los, os falantes se valem de lexias eufêmicas, ou seja, palavras com carga semântica amena, agradável.

O estudioso e a estudiosa, ao comparar as marcas de uso *tabuísmo* e *chulismo* nos quatro dicionários para os nove itens lexicais em análise, notam que não há uma padronização metodológica no que concerne à etiquetagem, o que produz divergências quanto aos sentidos de um mesmo item lexical nas distintas obras lexicográficas examinados. Encontram, por exemplo, 50 rubricas diferentes nos 36 verbetes analisados, dentre elas: *Anat., Bras., Fam., Fig., fraseol., Gír., infrm., gros., Irôn., Joc., Lus., MG, p. ext., Pej., Popular, Vulg., Zool., etc.* (Bertonha; Zavaglia, 2022).

Bertonha e Zavaglia (2022) utilizam, em seu estudo, o *Google Trends*, pois trata-se de uma ferramenta gratuita que permite verificar tendências de busca dos usuários no *Google* por meio de palavras-chave específicas. Além de mostrar a ascensão ou decréscimo na pesquisa de certa unidade lexical no decorrer do tempo, o mecanismo ainda possibilita analisar o interesse dos usuários por determinados termos (frequência e popularidade), compará-los (sinônimos, antônimos), separá-los por localidade (país ou região) e por tempo (desde 2004), e visualizá-los em gráficos que vão de 0 (inexistência de dados) a 100 (máximo de frequência).

Passemos por alguns dos resultados do autor e da autora (Bertonha; Zavaglia, 2022):

- a) ao cotejar os sinônimos *bunda*, *cu* e *rabo*, notam que a frequência de ocorrências do item lexical tabuístico *cu*, em quase 10 anos (2013-2021), é maior do que a dos outros dois, o que pode apontar para sua expressividade na comunicação;
- b) a entrada *bunda*, em verbetes dos quatro dicionários consultados, apresenta distintas marcas de uso – *Bras. pop., Bras. Tabu, fraseol. infrm. (nascer com a bunda para a lua), p. ext. infrm., Pej., pop., subst. fem., Tabu, Vulg.;*
- c) em *rabo* aparecem os rótulos *Bras., Bras. Fam., Bras. Irôn., Brasileirismo Popular, chul., Fam., gros., Lus. Gír. Pej., MG Pop., pop., Tabu, Vulg.;*

- d) já a unidade lexical *cu* é etiquetada com *Bras. Tabu, gros., Lus. Tabu, subst. masc. Chulo, Tabu*;
- e) ao comparar as sinonímias *borrar* e *cagar*, observam que esta, e não aquela, é a lexia mais buscada no *Google*;
- f) a entrada *borrar* é rubricada, em verbetes das quatro obras lexicais do *corpus*, com *fig. gros., gros., Pej., Popular, Pop. Fig.*;
- g) *cagar*, por sua vez, recebe as marcas de uso *Bras. Fig., fig., fig. B., Tabu, v. int., verbo intrans. e pronominal Chulo, vi. vulg.*;
- h) ao contrastar *foder* e *trepar*, percebem que *foder* é mais frequente do que *trepar*, mesmo este sendo mais polissêmico do que aquele;
- i) a entrada *trepar* é, em verbetes das quatro obras examinadas, rotulada com *Bras., Bras. fig., Bras. Pop., chul., fig. B. gros.*;
- j) já o item lexical *foder* é rubricado com *Bras., Bras. Fig., chul., gros., pop. chul., p. ext. fig., Tabu*;
- k) ao cotejar os sinônimos *bicha*, *veado* e *viado*, verificam que *viado* é a lexia mais frequentemente pesquisada no *Google*, mesmo ela não estando registrada nos dicionários consultados;
- l) a entrada *bicha*, em verbetes dos quatro dicionários examinados, leva as etiquetas *Bras. vulg., infrm.*;
- m) já a lexia *veado* é marcada com *Bras. Vulg., fig. gros., pej., Tabu*;
- n) a utilização de unidades lexicais tabuísticas e chulas pode ter como resultado, frequentemente, o seu registro em obras lexicográficas.

De acordo com o pesquisador e a pesquisadora, a dificuldade em determinar a diferença entre os níveis sociais¹²⁸ reflete-se na caracterização dos sentidos pelas marcas diastráticas, uma vez que os lexicógrafos divergem na atribuição dessas marcas. Além disso, destacam que uma mesma rubrica, como *vulgar*, pode pertencer tanto ao estilo¹²⁹ quanto ao nível¹³⁰ de linguagem, dependendo da abordagem adotada. Isso resulta na dificuldade do consulente em compreender

¹²⁸ Concernem ao falante e aos fatores sociais que o enquadram em um grupo social específico, como a faixa etária, o grau de escolaridade, o nível socioeconômico, a profissão, o sexo/gênero, etc.

¹²⁹ Definido pelo contexto em que o falante se encontra, formal (linguagem culta) ou informal (linguagem coloquial). Concordamos com Alkmim (2001, p. 38, *itálicos originais*) quando ela endossa que “a terminologia para se referir aos diferentes estilos de fala não é nada precisa. Utilizamos, muito genericamente, expressões como *estilos formal, informal, coloquial, familiar, pessoal*”.

¹³⁰ Delimitado por fatores de ordem científica (pesquisadores), cultural e geográfica (brasileirismos, regionalismos), emocional e expressiva (grosseiro, tabu, vulgar), grupal (gírias), profissional (advogados, engenheiros, médicos), etc.

os contextos de uso adequados das unidades lexicais. Rotulando-as acertadamente, ele poderá entender se elas são alvo de valorização ou receio social (Bertonha; Zavaglia, 2022).

Concluem então que

a partir da análise de nove itens lexicais chulos ou tabuizados, podemos reconhecer que muitos equivalentes sinônimos podem revelar, por consequência[,] a valorização ou desprestígio de um item lexical por uma determinada sociedade ou mesmo o receio de pronunciá-lo em um ambiente, direta ou indiretamente, reprimido. Assim, opta-se por usar a unidade oficial ou terminologicamente tida como correta; com isso, a seleção lexical realizada, seja pelo usuário ou pelo lexicógrafo, revela as escolhas a partir de sua cultura. Portanto, a proliferação ou não dessas lexias indica sua valorização ou seu repúdio social (Bertonha; Zavaglia, 2022, p. 85).

Observa-se que os seres humanos se valem de uma ampla gama de recursos substitutivos das palavras-tabu: deformações fonéticas, disfemismos, empréstimos, eufemismos, hipocorísticos, metáforas, sinônimos, substantivação de adjetivos, etc. (Rodríguez, 2001; Almeida, 2007). Nos nossos dados, como se verá no capítulo após o da Metodologia, alguns conceitos obtiveram uma rica variedade de sinonímias para nomeá-los, algumas eufêmicas, outras disfêmicas, o que mostra que os efeitos de sentido estão sujeitos às regras e sensibilidades das pessoas e da sociedade. Usualmente, homens e jovens tendem a usar mais palavras-tabu; já pessoas de mais idade pouco as utilizam e, se o fazem, preferem disfemismos a eufemismos, portanto, suas escolhas são mais disfêmicas (Morales, 2005). Lexias simples ou complexas, como é o caso das expressões idiomáticas, servem, do mesmo modo, para atenuar ou agravar certos assuntos tidos como interditos (Ortiz-Alvarez, 2007). À vista disso, é compreensível que o tabu seja responsável pela evolução formal e conceitual de unidades lexicais e pela criação de metáforas (Ortiz-Alvarez, 2007).

Os resultados de Almeida (2007) corroboram as asserções de Guérios (1956, 1979) e Ullmann (1964) e servem, assim como os nossos, para evidenciar a influência do tabu na variação lexical no português brasileiro. Ademais, o tabu se apresenta como fator responsável não só por criações metafóricas, mas também por motivar a formação de palavras a partir de diferentes processos (Guedelha, 2011): sufixação, composição, derivação prefixal e sufixal, derivação regressiva, etc. (nos nossos dados, a derivação sufixal e a derivação regressiva mostraram-se presentes). Segundo Orsi (2013), fatores extralinguísticos como sexo e idade influenciam o uso de itens lexicais erótico-obsenos, mas não identificamos, pelo menos quanto ao conhecimento deles, a influência de condicionadores extralinguísticos. Assim como Araújo (2008) defende que as salas de bate-papo *on-line* colaboram para a queda dos tabus linguísticos, advogamos que possivelmente outras mídias sociais estejam também contribuindo para tal ocorrência. Finalmente, Orsi (2021) e Bertonha e Zavaglia (2022), do mesmo modo que Orsi e

Bueno (2014) e Bueno e Orsi (2014), sinalizam a ausência de rigor metodológico por parte dos lexicógrafos quanto às rubricas atribuídas às palavras-tabu nos dicionários. Conforme se verá no capítulo 4, também encontramos distintas etiquetas para as lexias do nosso estudo.

2.5 Língua(gem) gay

No português brasileiro, que se tem notícia, a primeira tentativa de registro de palavras e expressões ditas das travestis foi o glossário *diálogo de Bonecas* (Silva, 1992). Nessa obra, a autora buscou documentar unidades simples e complexas do *bajubá* (ou *pajubá*)¹³¹, “dialeto criado pelos travestis da prostituição para se defenderem dos ataques sofridos” (p. 1, Raul Lody, prefaciador do *diálogo*).

Abaixo, trouxemos alguns exemplos ilustrativos (Silva, 1992):

- a) frases – *a mona cá catou que o oco não palmicinco de adé (eu percebi que o homem não gosta de mão de viado), bater bolo é odara e faz bem (tocar punheta é bom e não faz mal), desaquenda tem aliban na giria (corram que vem polícia), não aquenda o baco sem ochó de neca, a maldita está desaquendada (não transe sem camisinha, a AIDS está solta);*
- b) expressões fraseológicas – *cheque voador* ‘peido’, *fita no edi* ‘esperma no ânus’, *ilê de saúde* ‘hospital’, *mahonga francesa* ‘banho pela metade’, *nanã nas trevas* ‘dormir na rua’;
- c) palavras – *alibam* ‘policial’, *cheque* ‘papel higiênico sujo’, *dundun* ‘preto’, *elza* ‘roubar’, *neca* ‘pica’, *oco* ‘homem’, *tik* ‘relógio’, *xarope* ‘chato, nojento’.

Vip e Libi (2006), por seu turno, dão luz à *Aurélia, A DICIONÁRIA da língua afiada*. Satirizando o título do dicionário *Aurélio* (do lexicógrafo Aurélio Buarque de Holanda Ferreira) e a convencionalidade das obras lexicográficas comuns (por exemplo, por meio da capa, da prefácio, das ilustrações, etc.), os autores objetivaram registrar palavras e expressões fraseológicas relacionados à cultura gay e lésbica.

Consoante eles (Vip; Libi, 2006, p. 5), o “dicionário não tem a pretensão de ser politicamente correto. Muitos termos são chulos e pejorativos, podendo ser ofensivos para determinadas pessoas ou grupos”. Observemos alguns itens lexicais retirados da obra:

¹³¹ Daremos preferência ao uso do termo *pajubá*, exceto em citações de outros autores.

- a) acrônimos – *BF* ‘bicha fina’, *DP* ‘dupla penetração’, *EQ* ‘pênis; problema’, *INPS*¹³² ‘boate frequentada majoritariamente por gays mais velhos e aposentados’, *SBP* ‘super bicha pobre’, *Vip* ‘viado impossibilitado de pagar’;
- b) lexias simples – *amapoa* ‘mulher’, *Aurélia* ‘bicha metida a conhecedora profunda do bajubá; bicha filóloga, lexicóloga’, *bajé* ‘sangue’, *bronha* ‘masturbação masculina’, *coió* ‘surra’, *dragão* ‘pessoa muito feia’, *edi* ‘ânus’, *erê* ‘bofinho adolescente’, *fancha* ‘lésbica’, *gala* ‘porra’, *ilê* ‘casa’, *irene* ‘velho’, *laruê* ‘fofoca’, *mona* ‘homossexual masculino’, *muxiba* ‘peito caído’, *oré* ‘garotão’, *oxanã* ‘cigarro’, *padê* ‘cocaína’, *picumã* ‘peruca’, *queijo* ‘virgindade, cabaço’, *racha* ‘vulva; mulher’, *sabonete* ‘lésbica chic’, *suruba* ‘orgia’, *taba* ‘maconha’, *uó* ‘desagradável, feio, ruim’, *xibiu* ‘buceta’, *zoraide* ‘bicha metida a clarividente’;
- c) lexias complexas – *bicha alpinista social* ‘homossexuellen que quer ser rica a todo custo’, *chuta que é macumba* ‘locução usada para afastar algo ou alguém muito ruim ou muito feio’, *dar um fight* ‘copular; transar, foder’, *emma thompson* ‘machucado originado de pancada forte, resultando em manchas roxas e doloridas na pele’, *lamber o carpete* ‘sexo oral entre lésbicas’, *maria-sabonete* ‘lésbica que passa pela mão de todas as outras lésbicas conhecidas’, *passar um fax* ‘cagar’, *queimar a rosca* ‘praticar sexo anal’.

Rodrigues e Andrade (2023), semelhantemente, documentaram unidades lexicais usadas por pessoas LGBTI+ no município de Palmas-TO, dando origem ao *Pequeno Vocabulário Pajubá Palmense*. A obra conta com 250 vocábulos coletados por meio de entrevistas de campo, devidamente registrados (em ordem alfabética), categorizados gramaticalmente (*V.*, *S.*, *Adj.*, *Sig.*, *Expr.*)¹³³, definidos (acepção) e exemplificados em contextos reais de uso. Ademais, quando existentes, as variantes de vocábulos também foram fornecidas.

De acordo com o autor e a autora,

o Pajubá cria uma noção de cultura e identidade de grupo, o qual pode ser compreendido como proteção por meio do alento das religiões de matriz africana e afrobrasileiras, consideradas uma das poucas que incluem e abrigam pessoas trans e travestis sem ajuizamentos morais ou preconceitos. Também é aceita (*sic*) como um movimento de afirmação identitária entre coletivos que são permanente e

¹³² A sigla refere-se ao *Instituto Nacional de Previdência Social*; atualmente, *INSS (Instituto Nacional do Seguro Social)*. Por um processo de analogia entre a idade dos beneficiários e a dos frequentadores das boates, surgiu-se tal sentido para a acronímia em questão.

¹³³ *Verbo, Substantivo, Adjetivo, Sigla/Acrônimo e Expressão*, respectivamente.

covardemente marginalizados e violentados por uma parte da sociedade que não aceita o grupo (Rodrigues; Andrade, 2023, p. 8).

De fato, língua e cultura são indissociáveis. Já vimos que as unidades lexicais carregam em si atitudes, preceitos e valores socialmente estipulados. Lexias *pajubeiras*, desse modo, não apenas refletem a visão de mundo dos seus usuários como também da comunidade que os excluem e os coagem. Quando criptológicas, ou seja, compreendidas somente pelos membros do grupo, podem ser tidas como gírias e, portanto, símbolos identitários e de proteção. O *candomblé*, o *iorubá* e as palavras dele pegadas de empréstimo, permitiram, pois, às travestis e, em geral, às pessoas dissidentes ironizar, satirizar, ousar, transgredir, reverter, etc., as normas éticas, morais, religiosas e sociais vigentes, que determinam o certo e o errado, o feio e o bonito, o permitido e o proibido, e o decente e o indecente.

A seguir, apresentamos alguns dos vocábulos documentados por Rodrigues e Andrade (2023):

- a) siglas – *GP* ‘garoto de programa’, *HT* ‘hétero’;
- b) unidades lexicais simples – *acué* ‘dinheiro’, *banheirão* ‘banheiro público onde gays se encontram para sexo/pegação’, *chupetinha* ‘sexo oral’, *edna* ‘gay burro e ingênuo’, *gulosa* ‘sexo oral’, *jorge* ‘maconha’, *leite* ‘esperma; gala’, *pintosa* ‘gay efeminado’, *scania* ‘lésbica masculinizada’, *tesourinha* ‘ato sexual entre lésbicas’, *twink* ‘homossexuais que, independente da idade, sempre aparentará ser adolescente’, *vaporizar* ‘ir à sauna’;
- c) unidades fraseológicas – *bate bunda* ‘ato sexual entre duas passivas’, *bicha carteirão* ‘gay idoso e rico’, *fazer a egípcia* ‘virar a cara, ignorar alguém; fazer de conta que não é consigo’, *remix na pomboca* ‘fricção no clitóris’, *tombar com a cara* ‘zoar com outro gay’.

Rei (2014), por sua vez, analisou o dialeto *gay*, coletado por meio de entrevistas realizadas com travestis que se prostituíam na Praça Paris (bairro da Glória, cidade do Rio) e com *candomblecistas* de dois terreiros cariocas. Consoante o estudioso, o idioma *iorubá*, no Brasil, conservou-se vivo pela tradição nas cantigas, rezas e saudações do *candomblé*, religião de matriz africana trazida ao país pelos negros escravizados.

O *candomblé*, assim como os homossexuais, é alvo de preconceitos e marginalização. Nesse sentido, por não perpetuar as atitudes e os processos sociais que a sociedade tem para consigo, a religião caracteriza-se por ser receptiva às diferenças, incluindo-se aí as pessoas com

orientações sexuais tidas como pecaminosas, ou seja, os dissidentes. A presença do dialeto iorubá no léxico *gay*, portanto, justifica-se por isso (Rei, 2014).

Segundo o pesquisador, as pessoas não cisheterossexuais não dominam completamente a língua (morfofossintaxe) iorubá. O que ocorre, na verdade, é a absorção de itens lexicais do idioma e a aplicação deles à estrutura sentencial do português. Elenquemos alguns exemplos de Rei (2014):

- a) léxico e semântica – *maiongar* ‘banhar-se’ (*maionga* ‘banho’), *enquizilar* ‘contrariar, aborrecer, implicar’ (*quizila* ‘contrariedade’), *olegarar* = *dar a elza* ‘roubar’, *achó matin* ‘vestir-se mal’, *bolado* ‘pessoa confusa’, *matin* ‘ruim, pouco, feio’, *uó* ‘ruim, mau gosto, desagradável, antipático, chato’, *oju crê-crê* ‘olho grande/gordo’, *mucunã* ~ *muco* ‘cabelo’, *dundun* ~ *dunda* ‘negro, preto’, *adé firó* ‘passivo’, *adé fontó* ‘ativo’, *monocó* ‘lésbica’ (*mona* + *ocó*), *mona de*¹³⁴ *ekê* ‘mulher de rua’, *itaba* ‘cigarro’, *ocó mavambo* ‘marginal’, *ilê de baco* ‘motel’ (*ilê* ‘casa’ + *baco* ‘ato sexual’), *bajé* ‘menstruação’, *adié* ‘galinha’ (p. ext. ‘homem ou mulher de comportamento promíscuo);
- b) morfofossintaxe – *fazer o baco* ‘manter relações sexuais’, *fazer lorogun/ejó* ‘fazer fofoca’;
- c) sintaxe (estrutura, flexão verbal, etc.) – *acuenda*, *mona*, *tem alibã na gira* (*se manda, bicha, tem polícia na área*), *o acue tá matin-matin* (*o dinheiro está pouco*), *ter/estar com nena no ori* (*ter ou estar com fezes na cabeça*), *a mona de ekê estava com o obé-shirê na mocó* (*o travesti estava com a navalha na bolsa*), *o adé está fazendo lorogun com meu oruncó* (*a bicha está fazendo fofoca com o meu nome*).

Portanto, através de processos morfológicos e semânticos (decalque, derivação, metáfora, metonímia, neologismo, perífrase, redução, reduplicação), pessoas homossexuais valem-se do léxico iorubá e da sintaxe do português para comunicar entre si de maneira secreta, fazendo com que aquelas externas à comunidade não as compreendam (Rei, 2014). Segundo o autor,

percebe-se que o dialeto *gay* é marcado pela presença do iorubá, só que há ressalvas a serem feitas em relação a isso. Nota-se que a presença de palavras soltas em enunciados com estrutura morfofossintática portuguesa não demonstra domínio da língua iorubá, pois dominar vocabulário não é dominar uma língua, o que ocorre nesses casos é apenas um processo de transculturação idiomática, analogamente ao que se dá na área tecnológica com alguns anglicismos, ou na área gastronômica com alguns galicismos e italianismos. O ioruba (*sic*), na língua portuguesa, é um substrato mantido, oralmente, pelas tradições religiosas do Candomblé, daí se inferir que muito se perdeu e se transformou nesses quatro séculos. [...] Percebe-se claramente que só

¹³⁴ As unidades lexicais ou estruturas sublinhadas são do português.

há o domínio do vocabulário, entretanto, não há o domínio da estrutura linguística do iorubá (Rei, 2014, p. 184, itálico original).

Lau (2015), por seu turno, discorre sobre a variação linguística presente na língua portuguesa do Brasil ao constatar o uso do vocabulário *bajubá* por falantes da comunidade LGBT. De acordo com o estudioso, esse conjunto de lexias foram tomadas de empréstimo do iorubá, língua de origem africana e utilizada em rituais religiosos do candomblé. Todavia, apesar de servir como uma espécie de código utilizado entre os integrantes da comunidade supracitada para a incompreensão do assunto tratado por parte de terceiros, algumas unidades lexicais acabam espalhando, sendo utilizadas, a título de exemplo, por mulheres heterossexuais¹³⁵.

O *corpus* analisado pelo autor foi formado por falas retiradas do *podcast Las Bibas From Vizcaya*, apresentado por travestis e/ou transexuais que usam, nos episódios do programa, gírias da comunidade LGBT. Abaixo, apresentamos casos de variação que se notam na comunidade *gay* (Lau, 2015):

- a) lexical (empréstimos) – *mona* ‘homossexual masculino’, *cafuçuzinho* ‘homenzinho’, *neca* ‘pênis’, *racha* ‘vulva, vagina; mulher’, *amapô* ‘vagina; mulher’;
- b) morfossintática (substituição do artigo definido masculino *o* pelo artigo definido feminino *a* anteposto a nomes próprios ou comuns de gênero masculino (que ora também concordam em gênero com o artigo definido feminino)) – *a* dicionária, *a* Jhonny (e também *a* Douglas, *a* gay, *a* Pablllo, *a* prédia, *a* Thiaga, etc. (demais exemplos são nossos))¹³⁶;
- c) semântica (ressignificação (avaliação positiva) de itens lexicais tomados como pejorativos se usados por pessoas à parte do grupo (por exemplo, homens héteros) por pessoas não cisheterossexuais) – *bichinha*, *viado*, se usados como vocativos ou interjeições, não menosprezam ou desqualificam o destinatário – (avaliação negativa por meio de lexias pejorativas) – *amapô* ‘mulher’, *racha* ‘mulher’.

Consoante Monico e Legroski (2019), a linguagem constrói e expressa a identidade de certo grupo. No caso da identidade LGBT, asseveram que o dialeto *pajubá* é mais representativo

¹³⁵ Lau (2015) não afere, com dados empíricos, tal afirmação. Vieira (2022), que o faz, corrobora esta asserção (seção 2.2 deste capítulo).

¹³⁶ A identidade de gênero não binária também vem causando variação no português brasileiro. Pessoas que não se identificam com o padrão binário de gênero (masculino \times feminino) reivindicam que sejam tratadas pelo gênero neutro: *amigue* (nome), *linde* (adjetivo), *ê* (artigo definido), *ume* (artigo indefinido), *ile* (pronome pessoal), *minhe* (pronome possessivo), *todes* (quantificador), etc. (para mais exemplos, cf. Caê, 2022).

da linguagem *gay* e travesti, mas não de toda a comunidade. Munindo-se de relatos de mulheres homossexuais, as pesquisadoras examinaram os estereótipos e a construção de identidade lésbica constante na sociedade. No que tange aos estereótipos sociais concernentes às mulheres lésbicas, elas seriam, em sua maioria, mais masculinas, teriam cabelos curtos, vestiriam camisas xadrez e escutariam cantoras homossexuais, como Ana Carolina e Maria Gadú.

No que se refere à variável orientação sexual, mostram que há, de fato, variação linguística dentro da comunidade LGBTQIAPN+. As duas autoras apresentam registros linguísticos (gírias) contidos na expressão da identidade lésbica: *girino* ‘lésbica em processo de assumir-se para a sociedade’, *shimba* ‘lésbica’, *embocetada* ‘lésbica apaixonada ou irritada’, *chá de buceta/amor de xoxota* ‘mulher que se apaixona pelo ato sexual’, *brejo* ‘grupo de lésbicas reunidas’, *butch/caminhão/caminhoneira* ‘lésbica masculinizada’, *sapatinha/lady* ‘lésbica feminina, maquiada’, *rebuceteio* ‘rede de mulheres que já ficaram entre si’, *sapa alpha* ‘lésbica que se relaciona com muitas *ladies*’, *namoridas* ‘modo como as lésbicas se chamam carinhosamente’, não fazer a lésbica ‘não ser tão grudento’, *colar velcro/botar a aranha para brigar/bater bolacha* ‘sexo lésbico’.

Conforme as pesquisadoras, essas unidades lexicais não fazem parte do *pajubá*, objeto de estudo que inicialmente iriam analisar. Atestam, à vista disso, que as mulheres homossexuais “estão criando um linguajar independente, criando sua própria identidade” (Monico; Legroski, 2019, n. p.).

Andrade *et al.* (2018), por sua vez, pretenderam caracterizar os vocábulos do *bajubá* quanto a sua origem nas línguas africanas. Recorrendo a entrevistas com treze praticantes pertencentes à comunidade LGBTT, residentes no município de Palmas-TO, coletaram, por meio de um questionário semiestruturado com perguntas e lista a ser preenchida, palavras e expressões do *bajubá*¹³⁷.

De acordo com as estudiosas e o estudioso,

o *bajubá* é conhecido como uma linguagem de uso que faz parte da interação e da construção da identidade de grupo LGBTT. Usada inicialmente por travestis, o *bajubá* acabou se expandindo para o grupo, o que tem possibilitado transformações, incorporações e ressignificações de muitos vocábulos (Andrade *et al.*, 2018, p. 37, itálicos originais).

Dada a indissociabilidade entre língua e comunidade, o uso do *bajubá* constitui uma representação sócio-histórica e cultural de um grupo marginalizado. O parentesco desse vocabulário com as línguas africanas da família Níger-Congo, mais especificamente com os

¹³⁷ Conforme Andrade *et al.* (2018), os participantes ainda a designaram como *bixês*, *gíria*, *linguagem gay*, *linguagem homossexual*, *linguagem própria* e *linguagem engraçada e vulgar*.

idiomas iorubá e quimbundo, se dá pela participação das travestis nos rituais do candomblé, religião de matriz africana muito acolhedora a homossexuais (Andrade *et al.*, 2018).

As autoras e o autor observaram que, no *corpus*, muitas das palavras e expressões faziam referência “à sexualidade de uma forma geral, a órgãos sexuais, funções fisiológicas, ou, ainda, à afetividade, dentre outras” (Andrade *et al.*, 2018, p. 43). Constataram também a contribuição da língua tupi no vocabulário *bajubeiro*, como em *picumã* ‘peruca, cabeleira; cabelo’ e *taba* ‘maconha’. Alguns outros exemplos fornecidos por elas e ele foram: *ebó* ‘macumba em si’, *erê* ‘bofinho’, *mona* ‘homossexual masculino’ e *odara* ‘pauzão, jeba’.

Andrade *et al.* (2018) concluem que algumas das palavras e expressões do *bajubá* foram ajustadas em certos aspectos linguísticos (do português brasileiro), como o fonético-fonológico, morfológico e semântico-lexical. Ademais, ressaltam que o grupo que utiliza o *bajubá* em suas interações sociais e culturais o compreende como um modo de manter-se e resguardar-se enquanto comunidade minoritária, marginalizada e excluída pela sociedade. Por fim, atestam que o vocabulário *bajubá*, por meio das músicas, novelas, programas humorísticos, redes sociais e séries de TV, migram do ambiente privado, isto é, o LGBTT, para o público, refletindo a constante mudança e adaptação da língua ao meio sociocultural dos usuários.

Por fim, Ribeiro (2021), através de quatro entrevistas realizadas com duas duplas compostas de dois homens e duas duplas compostas de duas mulheres autodeclarados(as) homossexuais, examinou suas percepções a respeito das identidades *gay* e lésbica, da fala como marcador de tais identidades e dos usos linguísticos relacionados aos homossexuais masculinos e às homossexuais femininas. Para a coleta dos dados, a autora os(as) distribuiu de modo que houvesse interação, diferentes graus de intimidade e informalidade entre eles e elas.

É interessante notar a caracterização de *gênero* da pesquisadora, que não se iguala à de *sexo*. Enquanto *gênero* é “uma construção social, política, histórica, cultural e religiosa, que atravessa e perpassa os sujeitos e suas práticas repetidamente”, *sexo* é uma categoria biológica associada aos órgãos genitais dos indivíduos (Ribeiro, 2021, p. 311). Além disso, para ela, a *orientação sexual* concerne ao desejo afetivossexual (atração física e emocional) entre as pessoas.

Vejamos os resultados da estudiosa (Ribeiro, 2021):

- a) no que tange às percepções sobre identidades *gay* e lésbica, os(as) entrevistados(as) apontam que elas são plurais, não únicas; existiriam distintos tipos de *gays* e lésbicas, por exemplo, *bear* (*gay* gordo e peludo), *twink* (*gay* magro, sem pelos e jovem), *daddy* (*gay* mais velho, forte e papai), *lontra* (*gay* magro, alto e peludo), *femme* (lésbica

- feminina), *caminhoneira* (lésbica masculina), *lipstick* (lésbica feminina), *sporty* (lésbica masculina, praticante de academia), *4:20* (lésbica maconheira), etc., e identificar-se (ou não) com um ou outro tipo cabe a cada indivíduo;
- b) quanto aos ambientes e às pessoas que eles e elas, em sua maioria, se sentem confortáveis para expressar suas identidades, locais mais pessoais, privados e seguros foram os mais citados, e a família, os(as) amigos(as) e o(a) namorado(a) foram as mais preferíveis;
- c) no que se refere à fala como indexadora de identidades *gay* e lésbica, consentem que ela também pode funcionar como mecanismo indicador da homossexualidade, como o vocabulário (*bichês/pajubá/gírias*) e/ou o modo de falar (mais alto e agudo);
- d) acerca das percepções sobre os usos linguísticos, os(as) participantes utilizam/conhecem palavras/expressões/gírias como *sapatão* ‘mulher lésbica’, *mano* ‘amigo’, *nhaí* ‘e aí’, *mona* ‘homossexual masculino’, *boy magia* ‘homem bonito’, *aquendar* ‘esconder o pênis’, *cunete* ‘beijo grego’, *picumã* ‘cabelo, peruca’, *dar/fazer a elza* ‘roubar’, *chuca* ‘enema’, *fazer a egípcia* ‘agir com indiferença’, etc., que refletem o seu pertencimento e sua identidade à comunidade LGBT;
- e) no que concerne aos fatores que proporcionam usos linguísticos pertinentes à comunidade LGBT, músicas, ambientes de lazer, o interlocutor, o contexto e o tipo de assunto foram elencados;
- f) em relação às formas de referência a homens e mulheres homossexuais, usam *sapatão*, *viado*, *bicha*, *passiva feroz*, *butch*, etc., mas somente se os(as) destinatários(as) forem pertencentes à comunidade LGBT e tiverem intimidade/proximidade com eles e elas (pessoas heterossexuais, ao se referirem aos *gays* e às lésbicas, não estariam autorizados a utilizá-los);
- g) a respeito da apropriação dos usos linguísticos da comunidade LGBT por pessoas heterossexuais, defendem que o uso de vocábulos por elas não é feliz, uma vez que não sentem a discriminação da comunidade e, quando os utilizam, às vezes até de maneira errônea e não espontânea, seria apenas para o riso; ademais, acreditam que tal apropriação impacta no caráter identitário, protetivo e cultural que esses vocábulos têm para as pessoas LGBT.

Verifica-se o interesse de autores e autoras brasileiros(as) em coletar, registrar e analisar palavras e expressões da comunidade dissidente. Silva (1992), com seu glossário, registra aquelas utilizadas por travestis que se prostituíam, ao que indica a obra, no Rio de Janeiro. Vip

e Libi (2006) dicionarizam lexias relativas à cultura *gay* e lésbica. Rodrigues e Andrade (2023) também o fazem, endossando o senso de cultura e identidade de grupo promovido pelo *pajubá*. Rei (2014) mostra que a comunidade *gay* não domina as estruturas sintáticas do iorubá, apenas seu léxico; Lau (2015), por sua vez, destaca sobretudo a variação lexical e semântica nesse grupo. Monico e Legroski (2019) notam que as lésbicas vêm desenvolvendo um linguajar próprio para expressar sua identidade homossexual. Já Andrade *et al.* (2018) atestam que o vocabulário *bajubá* vem se difundindo da esfera LGBTTT para o espaço público, impulsionado pelas mídias e refletindo a constante adaptação da língua ao contexto sociocultural de seus falantes. Por fim, Ribeiro (2021) aponta os usos linguísticos que marcam as identidades *gays* e lésbicas. Indiscutivelmente, unidades lexicais podem revelar características sociais de seus usuários, o que reafirma a importância de registrar um léxico marginalizado – sejam gírias, palavrões, itens erótico-obscenos ou até mesmo o *pajubá* –, uma vez que ele integra a riqueza lexical da língua portuguesa e confere visibilidade a seus falantes. Como se verá na análise dos dados e na discussão dos resultados, sobretudo nas seções 4.2.5 e 4.2.6, utilizamos as obras de Silva (1992), Vip e Libi (2006) e Rodrigues e Andrade (2023) como base para nossas reflexões.

Passemos, agora, ao capítulo 3, em que descrevemos a metodologia adotada em nossa pesquisa.

3 METODOLOGIA

Neste capítulo, descrevemos os procedimentos metodológicos adotados em nossa pesquisa. Na seção 3.1, explicamos o porquê de não termos optado pela realização de entrevistas individuais gravadas, técnica preferida para a coleta de dados em estudos sociolinguísticos, e pormenorizamos o processo de composição do questionário *on-line* que as substituiu. Na seção 3.2, justificamos a escolha dos condicionadores extralinguísticos selecionados para análise nesta dissertação. Dada a indissociabilidade entre língua, sociedade e cultura, procuramos minuciar, nessa seção, os construtos socioculturais brasileiros (e mineiros!) que impactam a língua, especialmente o léxico.

Na seção 3.3, por sua vez, discorremos sobre as etapas de submissão do Projeto de Pesquisa Definitivo (PPD), do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e do Questionário Semântico-Lexical (QSL) aos órgãos avaliadores da Faculdade de Letras (FaLe) e da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Como se verá, após a aprovação deles, iniciamos a aplicação do formulário e a coleta dos dados sociolinguísticos. Descrevemos, ainda nessa seção, os meios pelos quais compartilhamos a pesquisa, selecionamos os participantes aptos a responder ao QSL e particularizamos as dificuldades que encontramos nessa etapa do trabalho, reflexo não só das implicações teórico-metodológicas da Sociolinguística Variacionista, mas também do tema de pesquisa e do objeto de estudo.

Finalmente, na seção 3.4, detalhamos o processo de uniformização dos dados e expomos as ferramentas que usamos para a análise quantitativa deles. Esperamos que essa seção se caracterize como didática, uma vez que trabalhar com variação lexical e, conseqüentemente, com um grande número de itens lexicais, demanda do pesquisador certa habilidade na ordenação, contagem e apresentação deles.

3.1 A elaboração do Questionário Semântico-Lexical (QSL)

A Sociolinguística Laboviana dispõe de uma metodologia bastante refinada para a coleta de dados. O principal meio de adquiri-los é a entrevista individual gravada. Todavia, surge-se o *paradoxo do entrevistador*: para se obter dados linguísticos confiáveis, é necessário que o entrevistado utilize sua fala não monitorada, ou seja, com o mínimo de atenção a ela destinado (o mesmo estilo de fala que usa com amigos, colegas de trabalho, familiares, etc., chamado de *vernáculo*); mas, na presença do entrevistador com seu gravador, um contexto social nada natural e muito formal, a fala casual perderá espaço para a fala monitorada. A resolução para

esse problema é, então, criar situações na entrevista que permitam ao entrevistado munir-se de um estilo de fala mais espontâneo: perguntas que o levam a narrar, por exemplo, sobre riscos que quase lhe tiraram a vida. Ao envolver-se na narrativa, o informante desvia a atenção de sua fala, possibilitando, assim, a expressão do vernáculo (Labov, 2008 [1972]).

Entretanto, como esta pesquisa trata de um tema sensível, isto é, tabus linguísticos do campo semântico referente ao ato sexual¹³⁸, entrevistas individuais face a face com cada um(a) dos(as) participantes seria inviável: o teor de obscenidade das perguntas causaria constrangimento, levando-os(as) a não respondê-las ou limitando-os(as) a respondê-las apenas com as variantes erótico-obscenas mais formais, o que circunscreveria muito os nossos objetivos. Acreditamos também que mesmo se houvesse um certo nível de intimidade entre entrevistador e entrevistado, a espontaneidade seria mínima.

Em consequência disso, e apesar de menos desejável para a corrente teórica anteriormente citada, optamos pela elaboração de um Questionário Semântico-Lexical (QSL). Consultamos o QSL presente no *Atlas Linguístico do Brasil: questionário 2001* (Comitê Nacional do Projeto ALiB, 2001, p. 21), área semântica *corpo humano* (p. 28-30), para compreendermos como eram formuladas as perguntas e aplicadas aos informantes. Tal procedimento não nos foi de grande utilidade, visto que o Projeto ALiB trabalha com entrevistadores que se valem de atitudes como apontar, gesticular, imitar, soluçar, para facilitar a compreensão das perguntas pelo entrevistado (por exemplo, pergunta “104. NUCA Como se chama isto? *Apontar.*”).

Percebe-se, então, que o entrevistador do ALiB tem contato direto com o informante dos dados linguísticos, o que conosco não ocorreu, pois desenvolvemos o nosso QSL no *Google Forms*¹³⁹ – serviço *on-line* e gratuito da empresa *Google LLC*, que permite ao usuário criar, gerenciar e compartilhar formulários via *e-mail*, *links* ou *sites*, para que pessoas respondam a avaliações, enquetes e pesquisas –, o que oportunizou aos(às) participantes preenchê-lo no local e com o aparelho eletrônico que lhes fosse viável, sem a presença intimidadora do entrevistador e sem possíveis desconfortos por parte do entrevistado, devido ao assunto delicado.

¹³⁸ Inicialmente, a nossa proposta era trabalhar também com o campo semântico dos órgãos sexuais (o *ânus*, o *escroto*, as *nádegas*, o *pênis*, os *seios*, os *testículos* e a *vulva*), no intuito de verificar como os participantes designariam, por exemplo, as *nádegas*, tomando como base o conceito ‘conjunto das partes carnudas e arredondadas localizadas na parte superior das coxas e inferior do dorso’. Contudo, o QSL seria composto por vinte e três perguntas e exigiria maior tempo de resposta. Assim sendo, optamos por estudar apenas o campo semântico do ato sexual, prezando pela disponibilidade e possível fadiga/cansaço dos(as) participantes. A exploração do campo semântico dos órgãos sexuais poderá ser desenvolvida em pesquisas futuras, que terão a possibilidade de avaliar os procedimentos metodológicos e os resultados deste trabalho.

¹³⁹ <https://www.google.com/intl/pt-BR/forms/about/>

O *QSL - Itens lexicais erótico-obsceos* (cf. o Apêndice B) consistiu em oito perguntas referentes aos dados pessoais do(a) participante e em dezesseis perguntas sobre o conhecimento das lexias erótico-obsceas. Vale sublinhar que não tratamos estatisticamente as questões concernentes ao nome completo, à cidade, ao tempo em que nela reside e à identidade de gênero. O nome completo do(a) participante era opcional (e o seu *e-mail* não foi coletado, uma vez que essa opção não foi selecionada nas configurações do formulário); cidade e tempo de residência funcionaram como perguntas-controle, ou seja, para verificar se os(as) participantes atendiam ao critério de terem nascido e residido em Belo Horizonte ou cidades da Região Metropolitana da capital mineira por toda a vida; finalmente, identidade de gênero (três selecionadas: cisgênero, transgênero e não binário), uma categoria fluída¹⁴⁰, exigiria uma demanda ainda maior de participantes e, por se tratar de uma pesquisa de mestrado, com tempo reduzido, optamos por não considerá-la uma variável a ser examinada.

No tocante às quatro perguntas que diziam respeito à idade (18 aos 24 anos e 25 aos 39 anos), ao grau de escolaridade (ensinos fundamental e superior completos), ao sexo biológico (macho e fêmea) e à orientação sexual (bissexual, heterossexual e homossexual) – grupos de fatores extralinguísticos –, estas, assim como as dezesseis perguntas restantes (léxico erótico-obsceano), foram analisadas estatisticamente.

Finalmente, no que tange às dezesseis perguntas que se referiam ao campo semântico do ato sexual, dispusemo-las em ordem das mais gerais para as mais específicas, ou melhor, ao nosso ver, das que são menos tabus para as que são mais tabus¹⁴¹: *importunação sexual* (pergunta 1); *masturbação* (perguntas 2 e 3); *sexo oral* (perguntas 4 e 5); *sexo vaginal e/ou anal com ou sem orgasmo* (perguntas 6, 7 e 8); *relação sexual LGBTQIAPN+* (perguntas 9, 10 e 11); *práticas e costumes ditos da comunidade LGBTQIAPN+* (perguntas 12, 13, 14 e 15)¹⁴²; *transmissão do HIV – Vírus da Imunodeficiência Humana* – (pergunta 16). Nossa expectativa, com essa estratégia, era preparar os(as) participantes acerca do conteúdo presente nas questões, e cada uma delas teve sua própria seção no formulário, evitando, assim, possíveis confusões ou a assimilação de conceitos próximos, mas não iguais, o que poderia levá-los(as) a fornecer, para algumas delas, as mesmas respostas.

¹⁴⁰ Existem, de acordo com a Comissão de Direitos Humanos de Nova York, trinta e uma identidades de gênero, por exemplo: agênero, andrógino, bigênero, cisgênero, gênero fluido, gênero neutro, não binário, transgênero, etc. (UFMG/PRAE, c2021).

¹⁴¹ Acreditamos que o grau de tabuísmo varia muito de pessoa para pessoa, considerando-se que cada uma é um ser único e possui uma certa criação familiar, filiação política, idade, ideologia, instrução, moral, religião, tradição, etc., ou seja, cada pessoa é um ser social, cultural e historicamente situado em uma comunidade e que pode ou não compartilhar da mesma visão de mundo sobre determinado assunto que ela.

¹⁴² Obviamente, temos ciência de que práticas e costumes podem se estender para outras esferas/comunidades, como muito provavelmente é o caso das(os) aqui citadas(os).

Adicionalmente, julgamos necessário acrescentar, entre as perguntas que levantavam informações pessoais do(a) participante e as perguntas que suscitavam lexias do léxico erótico-obsceno, uma seção explicativa, dado que os conceitos embutidos nas questões podiam ser designados por uma unidade lexical simples (*masturbar*) ou um sintagma fraseológico (*tirar leite da mandioca*). Entretanto, deixamos o(a) participante à parte da tecnicidade lexicológica, usando apenas os termos *palavra(s)* e *expressão(ões)*: pergunta 2. Qual(Quais) palavra(s) e/ou expressão(ões) você conhece para o ato de estimular, com a mão ou objetos adequados, o pênis (de outrem ou de si mesmo) para obter prazer sexual e/ou provocar um orgasmo?.

Para a formulação das perguntas, nos valem dos dicionários *on-line Aulete, Dicio, Houaiss, Michaelis e Priberam*. Com o conceito referente a questão em mente (lembre-se de que o nosso estudo se caracteriza como onomasiológico), selecionamos uma lexia-base que poderia ser dada como resposta para ela e procuramos, nessas obras lexicográficas, seu possível registro e acepção. Verificamos os termos mais comuns e repetentes na definição da unidade lexical nos cinco dicionários e os escolhemos para compor a pergunta (sempre deixando-a, na medida do possível, completa, mas, ao mesmo tempo, enxuta). Esse procedimento foi utilizado para as questões de 1 a 8 e para a questão 10 (cf. o Anexo A). Observemos o exemplo (1) a seguir com o verbo *bolinar*¹⁴³, que pode ser uma das variantes possíveis para responder à pergunta 1:

(1) **Lexia-base:** *bolinar*

Aulete – v. **1**. Bras. Vulg. Encostar-se em (alguém) com fins libidinosos;

Dicio – verbo transitivo e intransitivo [Brasil] Pop. Apalpar ou manter contatos voluptuosos com outra pessoa, principalmente em locais públicos;

Houaiss – verbo **5** (1911) *t.d.int.*; *B; infrm.* apalpar ou encostar-se a (outra pessoa) com fins libidinosos, ger. de modo furtivo; fuxicar, passarinhar;

Michaelis – **vtd e vint 3** COLOQ Manter contatos libidinosos com alguém, geralmente de maneira furtiva; amassar, esfregar, passarinhar;

Priberam – verbo transitivo **3**. [Brasil, Informal] Manter contato sensual, geralmente de modo dissimulado. = APALPAR.

¹⁴³ É interessante notar, nas acepções dos dicionários, a ausência de rigor metodológico quanto à aposição das marcas de uso ao lema *bolinar*.

Pergunta 1. Qual(Quais) palavra(s) e/ou expressão(ões) você conhece para o ato de encostar, geralmente por trás de uma pessoa (e algumas vezes em local público), e esfregar, com intenções libidinosas/voluptuosas, as coxas e/ou nádegas dela?

Quando não havia itens lexicais dicionarizados para assim proceder, pesquisamos em *sites* da *internet* as definições. Também selecionamos os termos mais gerais e frequentes, e criamos as questões. Isso ocorreu para redigir as perguntas de 9 a 16, exceto, como já dito, a pergunta 10 (referente ao ato sexual entre duas mulheres: *colar velcro*; registrado apenas no *Michaelis*, como subentrada do lema *velcro*® e classificado como *expressão coloquial*, e no *Priberam*, também como subentrada do lema *velcro* e rubricado como *tabuísmo*) e a 11 (que só mudamos a forma do numeral e o sexo do referente: pergunta 11. Qual(Quais) palavra(s) e/ou expressão(ões) você conhece para o ato sexual entre dois homens?). Vejamos o exemplo (2) abaixo com o verbo *aquendar*, uma entre outras variantes possíveis para responder à questão 12:

(2) **Lexia-base:** *aquendar*

“Conhecido como tucking ou aquendar, o ato de esconder o pênis é uma técnica bastante utilizada por LGBTs como forma de se sentir mais confortável na própria pele, principalmente entre travestis, transformistas e drag queens” (Sousa, 2020, *on-line*);

“No pajubá, socioleto fruto da mistura de línguas africanas como o ioruba e o kimbundô, difundido entre povos de santo, travestis e gírias LGBTQ, o termo aquendar possui um significado polissêmico. Em primeira instância, diz respeito ao ato sexual, a paquera, ao ‘pegar de jeito’; pode, também, sugerir a tática de ‘aquendar a neca’ entre travestis, mulheres trans e dragqueens. Por extensão, também indica ‘chamar a atenção’, ‘olhar’, ‘observar’, ‘pegar’, ‘mexer’, ‘provocar movimento’” (Núcleo Aquenda, s. d., *on-line*);

“Seja por incômodo, disforia de gênero ou para se proteger da violência no país que mais mata trans do mundo, ***aquendar*** é uma prática usada entre as travestis, cross dressers, drag queens e mulheres trans para esconder o órgão genital, puxando-o para trás, entre as nádegas” (iG Queer, 2023, *on-line*, **negrito original**).

Pergunta 12. Qual(Quais) palavra(s) e/ou expressão(ões) você conhece para a prática de esconder o pênis para trás, entre as nádegas?

Para a pergunta 9, utilizamos o texto de Setubal (2023) e o de Maria (2023); para a 13, o texto de Jordão (2021) e o de Garcia (2021a); para a pergunta 14, usamos o texto de Mr. Sexo (2018) e Universa (2024 [2023]); para a 15, o texto de Lacerda (2020) e Trombini (2021); e para a pergunta 16, o texto de Globo (2015) e SBT News (2021) – cf. o Anexo B, com os excertos retirados dos originais e as respectivas perguntas formuladas.

Servimo-nos dos dicionários *on-line* e dos textos disponíveis na *internet* para a criação das questões foi uma estratégia relevante, na medida em que pudemos observar como terceiros descrevem os conceitos referentes às unidades lexicais que procurávamos elicitare dos participantes. Embora tivéssemos a capacidade de formular as perguntas, não pretendíamos partir exclusivamente do nosso próprio conhecimento, mas sim de uma perspectiva heterogênea, observando até que ponto nossas ideias e as dos autores convergiam ou divergiam e como representavam, com maior exatidão, por meio das lexias, os referentes abstratos no mundo real.

3.2 A seleção das variáveis extralinguísticas

Quando regulares, estudantes saem do ensino médio por volta dos 18 anos, adentram no ensino superior com essa mesma idade e o concluem até os 24 anos (considerando que existem cursos que duram quatro, cinco ou seis anos). A escolha da primeira faixa etária, 18 aos 24 anos de idade, conseqüentemente, se justificou em função disso¹⁴⁴. Após formados, entram, em tese, no mercado de trabalho formal aproximadamente aos 25 anos e saem dele próximo aos 55-60 anos de idade. No entanto, a segunda faixa etária por nós pensada, 25 aos 49 anos, por se caracterizar como demasiado longa, foi reduzida para 25 aos 39 anos de idade. Cogitamos uma terceira faixa etária, acima dos 50 anos, mas a desconsideramos por terem surgido alguns empecilhos: nem todas as pessoas nascidas na década de 70 ou anteriormente a ela possuem habilidades (aprendizado) para lidar com recursos tecnológicos como *notebooks*, *smartphones*

¹⁴⁴ Para aplicarmos o questionário a participantes menores de 18 anos, seria necessária a elaboração do TALE (Termo de Assentimento Livre e Esclarecido) e a anuência do(s) seu(s) responsável(is), que assinaria(m) o TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido). Contudo, devido ao tema de pesquisa, ao objeto de estudo, à especificidade do TALE (documento elaborado em linguagem acessível, algumas vezes até por meio de desenhos), ao método de distribuição do questionário e ao prazo para desenvolver o presente trabalho, optamos por coletar dados unicamente com pessoas maiores de 18 anos.

e *tablets*, e, conseqüentemente, a ferramenta *Google Forms*; além disso, quando somados os fatores idade, escolaridade, orientação sexual e sexo biológico, talvez não conseguíssemos participantes com idade acima de 50 anos, homossexuais e bissexuais, e com ensino superior completo; por fim, mas de maneira não generalizada, pessoas de mais idade sentem-se menos dispostas a dialogar sobre assuntos tidos como chulos, obscenos, vulgares e indelicados. Tais questões fundamentaram a seleção da segunda faixa etária.

A escolha de dois níveis de escolaridade, por sua vez, se deu em decorrência do ensino-aprendizagem do objeto de estudo da nossa pesquisa nas escolas e também por questões que refletem os espaços que os(as) alunos(as) compartilham nas universidades e as temáticas que são por eles(as) debatidas. De acordo com a Base Nacional Comum Curricular – a BNCC – (Brasil, 2018, p. 348), é no oitavo ano (Ensino Fundamental II), na disciplina de Ciências, que os(as) estudantes devem ter conhecimento sobre os mecanismos reprodutivos e a sexualidade¹⁴⁵. Diferentemente, consta no Currículo Referência de Minas Gerais (Minas Gerais, 2018, p. 759-760 e p. 769-770) que o conhecimento sobre o sistema reprodutor¹⁴⁶ deve ser adquirido pelos(as) alunos(as) no quinto ano (Ensino Fundamental I), e o conhecimento sobre os mecanismos reprodutivos e a sexualidade¹⁴⁷ no oitavo ano (Ensino Fundamental II), todos também na disciplina de Ciências. Baseando-nos na BNCC¹⁴⁸ e no Currículo Referência de Minas Gerais, elegemos o Ensino Fundamental completo (ou seja, Ensino Fundamental I e Fundamental II) como um dos níveis de escolaridade; o outro nível, isto é, o Ensino Superior completo, fora por nós definido em função dos argumentos que se seguem: (i) via de regra, as universidades, diferentemente das escolas, prezam por um ensino-aprendizagem mais amplo e menos conservador; (ii) os cursos das áreas da saúde, de humanas e de biológicas, direta ou

¹⁴⁵ Algumas das habilidades a serem aprendidas pelos(as) alunos(as) são: processos reprodutivos; puberdade e hormônios sexuais; métodos contraceptivos e prevenção de IST (Infecções Sexualmente Transmissíveis); sintomas, transmissão e tratamento de IST; múltiplas dimensões da sexualidade humana (biológica, sociocultural, afetiva e ética) (cf. os códigos alfanuméricos de EF08CI07 a EF08CI11; Brasil, 2018, p. 349).

¹⁴⁶ Alguns dos direitos de aprendizagem dos(as) estudantes são: órgãos do sistema reprodutor masculino e feminino; características do aparelho reprodutor masculino e feminino e as transformações que ocorrem durante a puberdade (cf. os códigos alfanuméricos EF05CI14MG e EF05CI15MG; Minas Gerais, 2018, p. 760).

¹⁴⁷ São alguns dos direitos de aprendizagem dos(as) alunos(as): processos reprodutivos; puberdade e hormônios sexuais; métodos contraceptivos e prevenção de IST; sintomas, transmissão e tratamento de IST (com foco na AIDS); múltiplas dimensões da sexualidade humana (biológica, sociocultural, afetiva e ética) e promoção da inclusão e combate a preconceitos (cf. os códigos alfanuméricos EF08CI07X, EF08CI08, EF08CI09X, EF08CI10X e EF08CI11X; Minas Gerais, 2018, p. 769-770).

¹⁴⁸ Vale lembrar que a primeira versão da BNCC foi disponibilizada no ano de 2015. Anteriormente a ela, tinham-se: os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) para o Ensino Fundamental I (1º a 5º ano) [1997]; os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) para o Ensino Fundamental II (6º ao 9º ano) [1998]; e os Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (PCNEM) [2000]. Outros(as) pactos, programas e diretrizes foram instituídos/definidas/fixadas visando aperfeiçoar a qualidade da educação básica em todos os níveis de ensino (por exemplo, a criação dos currículos escolares) e orientar o planejamento curricular das instituições e dos sistemas de ensino. O histórico completo da BNCC pode ser acessado no site da Base Nacional Comum (MEC, c2024).

indiretamente, se aprofundam em questões como órgãos sexuais e reprodução, métodos contraceptivos, infecções sexualmente transmissíveis, sexualidade, etc.; (iii) nas universidades, espaços produtores de ciências e saberes, debater qualquer assunto é válido (a exemplo, os tabus linguísticos, o léxico erótico-obscoeno), desde que se embase em argumentos sólidos e respeitosos que promovam o desenvolvimento intelectual e a construção de conhecimento; e (iv) fora das paredes da sala de aula, a informalidade permite que a pluralidade de pessoas e assuntos se entrecruzem e enriqueçam ainda mais as discussões, contribuindo para uma visão de mundo mais abrangente e inclusiva¹⁴⁹. Em termos de escolaridade, nos igualamos às duas selecionadas pelo ALiB (Comitê Nacional do Projeto ALiB, 2001)¹⁵⁰.

Da mesma maneira que os(as) autores(as) dos trabalhos citados no capítulo 2, selecionamos os sexos macho e fêmea como parte da estratificação, mas fragmentamos a díade *sexo/gênero*, pois, vale lembrar, *gênero* e *sexo* não são sinônimos, na medida em que este é uma categoria biológica, utilizado exclusivamente para referir-se a dois sexos morfológicos, isto é, macho e fêmea, enquanto aquele é uma categoria que refere-se à construção social, cultural e histórica, por uma certa comunidade, das representações ou atributos que determinam o que é masculino ou feminino (nomeadamente, os papéis sexuais), construção esta que pode mudar de um grupo sociocultural para outro ou dentro de um mesmo grupo sociocultural (Grossi, 2010 [1998]).

No que tange ao fator extralinguístico orientação sexual, optamos pelas mesmas orientações presentes na Pesquisa Nacional de Saúde (PNS)¹⁵¹ - Quesito Orientação Sexual, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – o IBGE –, realizada no ano de 2019 (PNS, c2021): bissexuais, heterossexuais e homossexuais (Barros, 2022)¹⁵². Trata-se do Questionário

¹⁴⁹ É interessante dizer que a BNCC e o Currículo Referência de Minas Gerais não apresentam unidades temáticas, objetos de conhecimento e habilidades (direitos de aprendizagem) que mencionem o campo semântico do nosso estudo para os(as) alunos(as) do Ensino Médio. Todavia, esse nível não tinha entrado para o grupo de fatores grau de escolaridade. De mais a mais, caso os(as) estudantes do EM vejam sobre órgãos e hormônios sexuais; métodos contraceptivos; prevenção, sintomas, transmissão e tratamento de IST; etc., esse aprendizado refletirá em seu percurso no Ensino Superior, nível que selecionamos para a pesquisa.

¹⁵⁰ O Projeto ALiB – Atlas Linguístico do Brasil, sediado na Universidade Federal da Bahia (UFBA, *Campus* Universitário de Ondina), adota as seguintes variáveis sociais: localidade (filhos e pais são pertencentes à localidade pesquisada), idade (duas faixas etárias – 18 a 30 anos e 50 a 65 anos), sexo (masculino e feminino) e escolaridade (ensinos fundamental e superior) (ALiB, c2024).

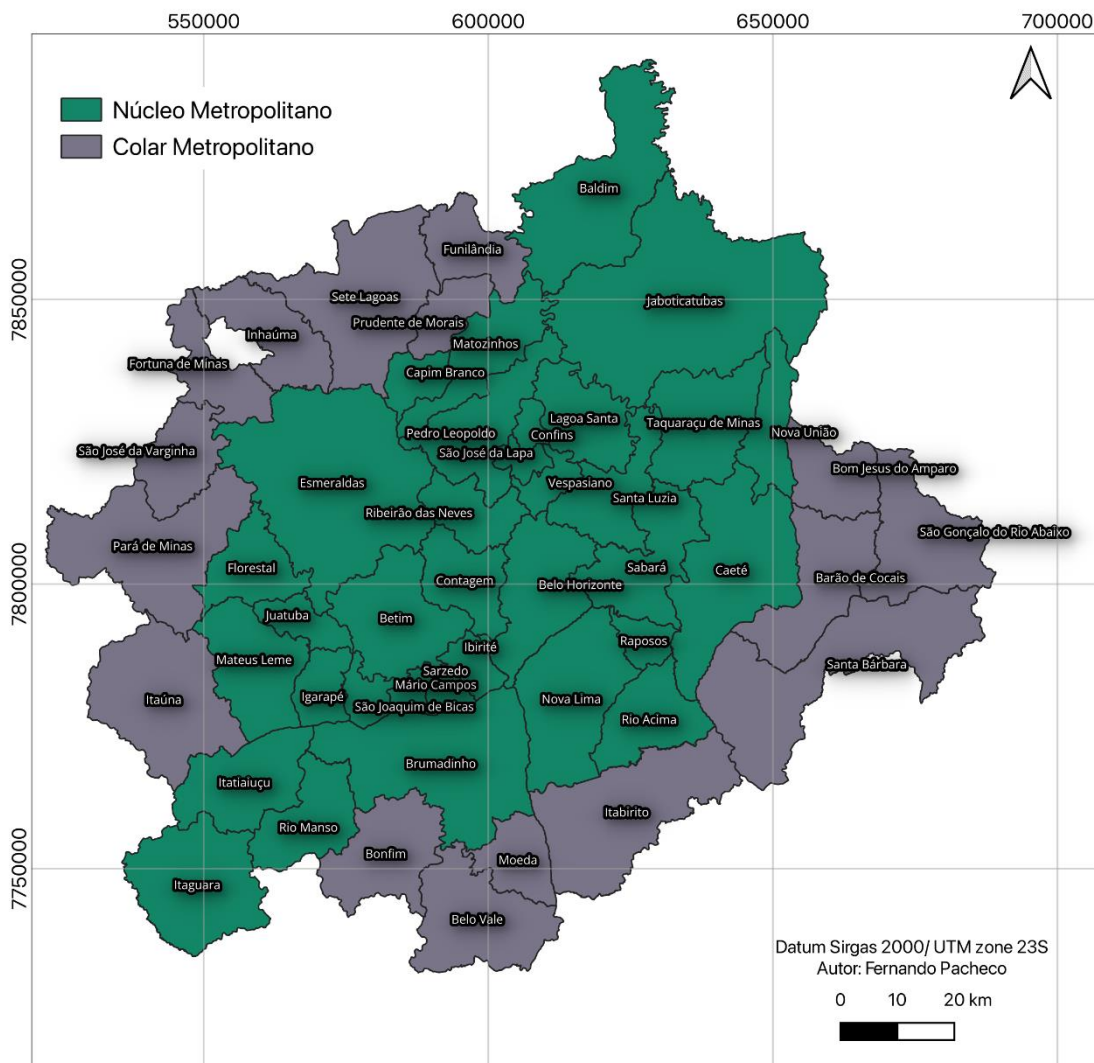
¹⁵¹ A Pesquisa Nacional de Saúde (PNS) é uma dentre as várias pesquisas realizadas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (IBGE, c2024).

¹⁵² A PNS do IBGE exibe dados instigantes: no Brasil, em 2019, havia 159,2 milhões de pessoas de 18 anos ou mais. 84.694.400 eram mulheres (53,2%) e 74.505.600 eram homens (46,8%). Aproximadamente 2,9 milhões de brasileiros se autodeclararam bissexuais ou homossexuais, correspondendo a 1,8% da população maior de 18 anos (2.865.600). 1,1 milhão de pessoas se declararam bissexuais, sendo 721.600 mulheres (65,6%) e 378.400 homens (34,4%). 1,8 milhão se autoidentificaram como homossexuais, o que equivale a 1.024.200 homens *gays* (56,9%) e 775.800 mulheres lésbicas (43,1%). Ademais, entre os que têm nível superior e maior renda, a população de bissexuais e homossexuais é maior (Barros, 2022).

PNS 2019, mais especificamente, da pergunta Y8 (Qual é a sua orientação sexual? Y008), presente no Módulo Y - Atividade Sexual (18 anos ou mais), com seis respostas possíveis: 1. Heterossexual; 2. Bissexual; 3. Homossexual; 4. Outra orientação, 5. Não sabe; 6. Recusou-se a responder (PNS, 2019, p. 75). Iríamos incluir também as orientações assexual e pansexual, contudo, não sabíamos ao certo se conseguiríamos uma amostra representativa de participantes com estas orientações e que se enquadrassem nas células sociais propostas.

Mencionamos na Introdução desta dissertação que a realização da pesquisa se daria com pessoas das cidades da RMBH. Essa escolha não foi aleatória: capitais tendem a ter uma densidade populacional maior, o que resulta em uma comunidade LGBTQIAPN+ mais visível e diversificada; geralmente, elas também oferecem variedade de serviços e recursos voltados para o público *gay*, como centros de saúde, organizações de apoio (sem fins lucrativos), além de espaços comunitários; capitais e cidades que as circundam são mais progressistas (isto é, são menos conservadoras) se comparadas ao interior, sendo abertas à diversidade sexual e de gênero, proporcionando um ambiente mais acolhedor e seguro aos membros da comunidade LGBTQIAPN+; outrossim, verifica-se nelas maior ativismo e engajamento político por parte das pessoas não heterossexuais, o que as tornam centros propícios para conexões, apoio mútuo, defesa de direitos e promoção da igualdade; por fim, até onde sabemos, não há estudos brasileiros que investiguem o léxico em questão como fizemos, com a metodologia que adotamos e tampouco com a comunidade de fala que elegemos.

A seguir, na Figura 8, apresentamos um mapa da capital mineira e de sua Região Metropolitana:

Figura 8 - Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH)

Fonte: Elaboração de Fernando Pacheco, Dr. em Geologia, a pedido do autor, especialmente para esta dissertação, 2025.

Levando em consideração a estratificação proposta, precisaríamos, para preencher as células sociais do trabalho, de um total de 48 participantes, conforme ilustra a Tabela 1:

Tabela 1 - Estratificação dos(as) participantes

Escolaridade	Ens. Fund.				Ens. Sup.			
	M	F	M	F	M	F	M	F
Sexo biológico								
Idade	18-24	18-24	25-39	25-39	18-24	18-24	25-39	25-39
Orientação sexual ¹⁵³	Bissexual	2	2	2	2	2	2	2
	Heterossexual	2	2	2	2	2	2	2
	Homossexual	2	2	2	2	2	2	2
	Total = 24				Total = 24			

Fonte: Elaboração própria.

¹⁵³ Com exceção do capítulo 4, as cores que utilizamos nos outros capítulos desta dissertação são aleatórias.

No entanto, como se verá na próxima seção, algumas ocorrências no percurso da coleta de dados nos levaram a excluir o condicionador social escolaridade¹⁵⁴, o que acarretou na redução de 50% dos(as) participantes.

3.3 A aplicação do QSL e a coleta dos dados

Antes de submetermos o Projeto de Pesquisa Definitivo (PPD), o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e o Questionário Semântico-Lexical (QSL) ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), realizamos um teste-piloto para verificar a inteligibilidade das perguntas por parte dos(as) participantes e o tempo aproximado que eles(as) gastariam para preenchê-las. O questionário foi disponibilizado a dois respondentes da faixa etária 2 (25 a 39 anos), com ensino superior, do sexo masculino, um heterossexual e um homossexual. Em dezembro de 2023, obtivemos um *feedback* positivo daquele; em janeiro de 2024, também recebemos um retorno favorável deste. Estipulamos, então, um prazo entre 15 e 20 minutos para o preenchimento das perguntas, mas sem a obrigatoriedade dos(as) participantes de finalizá-las anteriormente ou posteriormente a esse tempo, ou seja, eles(as) poderiam gastar quantos minutos lhes fossem necessários.

Em fevereiro de 2024, enviamos o PPD, o TCLE e o QSL ao sistema do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (Poslin) da Faculdade de Letras (FaLe) da UFMG, para que fossem sujeitos à avaliação do parecerista. Nesse mesmo mês, eles foram aprovados. Após isso, em março de 2024, também os encaminhamos à Câmara de Pesquisa da FaLe, para que fossem analisados pela coordenação. Posteriormente à aprovação pela membra da Câmara, ainda em março, submetemo-los ao CEP pela Plataforma Brasil (PB) e, entre esse mês e maio, realizamos as alterações solicitadas pelo(a) parecerista no PPD e no TCLE e aguardamos a sua aprovação. Ao final de maio, fomos autorizados, via PB, a iniciar a coleta de dados (CAAE: 78232624.1.0000.5149).

De junho a setembro de 2024, aplicamos o QSL aos(às) participantes. A seleção deles(as) se deu, inicialmente, por meio dos aplicativos de namoro/relacionamento *Grindr*¹⁵⁵ e *Tinder*¹⁵⁶. O *Grindr*, disponível para *Android* e *iOS* desde 2009, é um aplicativo baseado em

¹⁵⁴ Acreditávamos que haveria o compartilhamento do conhecimento de unidades lexicais mais formais (técnico-científicas) entre as orientações sexuais, uma vez que a escolaridade (ensino fundamental I e II) é fator responsável por esse ensino-aprendizagem.

¹⁵⁵ <https://www.grindr.com/>

¹⁵⁶ <https://tinder.com/pt>

localização, voltado principalmente para homens bissexuais e homossexuais, homens e mulheres trans e pessoas *queer*. Ele possui filtros interessantes, dentre eles o de idade, que permite ao usuário ajustar o intervalo desejado. O *Tinder*, por seu turno, foi lançado em 2012. É um aplicativo mais amplo, também utiliza a geolocalização do usuário e é destinado a pessoas de qualquer idade, identidade de gênero, orientação sexual e sexo. Ambos os aplicativos exibem ao usuário perfis de pessoas neles registradas, e a idade mínima exigida para criar uma conta é 18 anos. É válido dizer que, para melhor instrumentalização das configurações das ferramentas e dos *likes* e *taps* ‘curtidas’, utilizamos a versão paga dos dois *apps*.

No perfil de cada aplicativo, havia uma breve descrição da pesquisa, baseada no TCLE, e algumas fotos do pesquisador (no *Tinder*, exigidas obrigatoriamente pela ferramenta). No *Grindr*, acionamos o filtro idade, 18 aos 39 anos. No *Tinder*, limitamos, via configurações, a distância máxima de 161Km, o interesse em todos, ou seja, homens, mulheres e além do binário, e a faixa etária de 18 aos 39 anos.

Quanto ao *Grindr*, não foi grande o interesse dos(as) usuários(as) em participar da pesquisa. Entre os argumentos apresentados por eles(as), recebemos: (i) que o aplicativo não fora criado com esse propósito, mas sim para fins sexuais, sobretudo; (ii) se, ao responderem o questionário da pesquisa, haveria pagamento em moeda pela participação; (iii) se, ao preencherem o questionário, haveria compensação pelo tempo gasto, mormente compensação sexual (principalmente beijos); e (iv) se o perfil fora criado exclusivamente para fins científicos e não sexuais. Entretanto, alguns(mas) participantes *gays* e, em menor quantidade, trans se dispuseram a responder ao questionário. Antes de liberar o *link* para acessá-lo no *Google Forms*, aplicávamos seis perguntas-padrão a eles(as) para verificar se atendiam aos critérios estipulados para participação no estudo ¹⁵⁷:

¹⁵⁷ Faz-se mister mencionarmos que, em muitos perfis deste aplicativo (*Grindr*), não há fotos e sequer nome ou idade dos(as) usuários(as). Quando há fotos, são, sobretudo, do peitoral ou das nádegas, e raramente do rosto. E, quando há nomes, tratam-se de:

- a) (abreviações de) preferências, posições ou orientações sexuais – *afim*, *agora*, *atv* ‘ativo’, *bi* ‘bissexual’, *brotheragem*, *chupador/chupeta*, *curtição*, *disc(reti)*, *exibicionista*, *fetichista*, *flex* ‘flexível’, *hétero*, *inexperiente*, *macetador*, *mamar*, *oral*, *pass* ‘passivo’, *pegação*, *punheta*, *puto*, *real*, *reservado*, *safado*, *sarro*, *sig(ilo)*, *sub* ‘submisso’, *tranquilo*, *trans*, *vst* ‘versátil’, *virgem*, etc.;
- b) característica intelectual, identitária, ou porte físico – *barbudo*, *branquinho*, *gamer*, *gordo*, *lontra* ‘homossexual magro e peludo’, *macho alfa*, *lenhador* ‘homossexual barbudo, forte e peludo’, *magro*, *malhado*, *moreno*, *nerd*, *peludo*, *preto*, *tetudo*, *urso* ‘homossexual gordo e peludo’, etc.;
- c) disponibilidade física ou *status* regional – *c/l* ‘com local’, *s/l* ‘sem local’, *de carro*, *de fora*, *de passagem*, *turista*, *visitando*, etc.;
- d) especificações dos órgãos sexuais – *bundudo*, *cacete top*, *19cm*, *dot* ‘dotado’, *grosso*, *jegue*, *pauzudo*, *picudo*, *roludo*, *23cm*, etc.;
- e) idade – *baby* ‘bebê’, *50tão*, *coroa*, *daddy* ‘papai’, *grisalho*, *maduro*, *novinho*, *quarentão*, *tio*, etc.;
- f) *status* relacional ou profissional – *amante*, *casado*, *casal*, *divorciado*, *GP* ‘garoto de programa’, *job* ‘produtor de conteúdo adulto’, *massoterapeuta*, *namorando*, *solteiro*, *uber*, *vaqueiro*, etc.;

1. Você nasceu e sempre residiu em Belo Horizonte ou cidades da Região Metropolitana?
2. Qual é a sua idade?
3. Qual é a sua escolaridade?
4. Qual é a sua orientação sexual?
5. Qual é a sua identidade de gênero?
6. Qual é o seu sexo biológico?

Notamos, a partir das respostas, que os(as) interessados(as) em colaborar com dados para a pesquisa, muitas vezes, não obedeciam a um ou outro critério estratificacional importante, que automaticamente os(as) excluía(m) do estudo (lembramos que as células sociais são formadas pelo entrecruzamento das variáveis externas em análise). Por exemplo, observamos, sobretudo, que muitas pessoas dissidentes migram do interior de Minas para a capital mineira ou para as cidades da Região Metropolitana a estudo, à procura de emprego, de melhores condições de vida, de lazer, de expressão das suas identidades *gays* (no sentido amplo do termo), de relacionamentos pessoais e amorosos, etc. Também verificamos que, atualmente, as pessoas já não se encaixam mais em algumas (para não dizer em todas as) exigências do HARAS (homem, adulto, rurícola, analfabeto e sedentário), com especial enfoque no sedentarismo, visto que as pessoas nascem e moram grande parte de suas vidas em determinado local, mas, em certos períodos, mudam-se temporariamente ou viajam (a estudo, a férias, a lazer, a trabalho, a visita, etc.) para outras cidades, estados ou países, entrando em contato, assim, com outras variedades linguísticas (= dialetos, falares, idiomas). Além disso, a RMBH recebe pessoas transviadas (= dissidentes) de muitos outros estados brasileiros.

Quanto à idade, verificamos certa resistência da faixa etária 1 (18 aos 24 anos) em participar da pesquisa. Muitas vezes, as pessoas se enquadravam nos critérios, mas os homens, mais que as mulheres, recebiam o *link* de acesso ao *Forms*, mas não preenchiam o questionário

g) nome de bairros, locais ou procedência estadual – *Carlos Prates, Centro, Floresta, Savassi, baiano, carioca, cearense, goiano, mineiro, nordestino, paulista, rodoviária*, etc.;

h) uso de drogas – *FI ‘fumar um (beck)’, tomar uma (cerveja), verdinha ‘maconha’, etc.*;

i) uso de emojis relacionados ao sexual e ao ilícito – 🍌 (*banana ‘pênis’*), 🍆 (*beringela ‘ativo’, ‘pênis’*), 🚗 (*carro ‘lugar para transar’, ‘uber’*) 🏠 (*coroa ‘velho’*), 🤔 (*calor ‘tesão’*), 😈 (*capetinha ‘safado’*), 🍺 (*cerveja*), 🦏 (*escorpião ‘soro positivo’*), 🦋 (*espadas ‘broderagem’*), 🔥 (*fogo ‘safado’, ‘tesão’*), 🍀 (*folha ‘maconha’*), 🐱 (*gato ‘boa pinta’, ‘bonito’*), 💦 (*gotículas ‘esperma’, ‘gozar’*), 🍷 (*língua ‘chupar’, ‘mamar’, ‘sexo oral’*), 🐾 (*lontra ‘magro e peludo’*), 🍑 (*pêssego ‘nádegas’, ‘passivo’*), 🌶️ (*pimenta ‘apimentado’, ‘fetiche’, ‘safado’*), ⚡ (*raio ‘cocaína’*), ⬆️ (*seta para cima ‘ativo’*), ⬇️ (*seta para baixo ‘passivo’*), 🐻 (*urso ‘gordo e peludo’*), etc.

de fato. Ademais, a idade, quando somada à escolaridade, tornou muito difícil encontrar participantes que regularmente tivessem se formado no ensino superior entre os 22 e 24 anos de idade. Alegaram, por exemplo, que, após concluírem o ensino médio, se dedicaram a cursinhos preparatórios para vestibulares, trancaram ou foram reprovados em certas disciplinas (o que acarreta em um maior prazo para a conclusão do curso), mudaram de curso ou o trancaram, etc.

Ainda sobre a escolaridade, desde que a educação (fundamental) passou a ser obrigatória em 1988 (com a promulgação da Constituição Cidadã)¹⁵⁸ e o ensino médio em 2009 (com a promulgação da Emenda Constitucional nº 59/2009)¹⁵⁹, o número de pessoas analfabetas ou de baixa escolaridade decresceu ao longo dos anos. Daí a nossa dificuldade em encontrar homens e mulheres que possuíssem apenas o ensino fundamental (I e II, antigas 1ª a 8ª séries) completo. Como a BNCC e o Currículo Referência de Minas Gerais não definiam as aprendizagens e as habilidades concernentes ao ensino do sistema reprodutor e da sexualidade para o ensino médio, estendemos a coleta de dados para tal grau de instrução (divergindo-nos, logo, do ALiB). Como se verá mais à frente, ainda assim, não conseguimos manter o condicionar extralinguístico escolaridade.

No que tange à orientação sexual (principalmente acrescida ao ensino superior), enfrentamos uma dificuldade escalar, conforme ilustra o esquema no exemplo (3) abaixo:

(3) [+ fácil] homens homossexuais/faixa etária 2 → mulheres bissexuais/faixa etária 2 → mulheres heterossexuais/faixa etária 1 → mulheres heterossexuais/faixa etária 2 → homens homossexuais/faixa etária 1 → mulheres homossexuais/faixa etária 2 → mulheres homossexuais/faixa etária 1 → mulheres bissexuais/faixa etária 1 → homens heterossexuais/faixa etária 2 → homens heterossexuais/faixa etária 1 → homens bissexuais/faixa etária 2 → homens bissexuais/faixa etária 1 [- fácil]

Nota-se que encontrar mulheres, sejam elas bissexuais, heterossexuais ou homossexuais, aptas ao preenchimento do questionário foi mais fácil que achar homens, com

¹⁵⁸ BRASIL. Constituição (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília: Senado Federal, 1988.

¹⁵⁹ BRASIL. *Emenda Constitucional nº 59, de 11 de novembro de 2009*. Acrescenta § 3º ao art. 76 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias para reduzir, anualmente, a partir do exercício de 2009, o percentual da Desvinculação das Receitas da União incidente sobre os recursos destinados à manutenção e desenvolvimento do ensino de que trata o art. 212 da Constituição Federal de 1988, dá nova redação aos incisos I e VII do art. 208, de forma a prever a obrigatoriedade do ensino de quatro a dezessete anos e ampliar a abrangência dos programas suplementares para todas as etapas da educação básica, e dá nova redação ao § 4º do art. 211 e ao § 3º do art. 212 e ao caput do art. 214, com a inserção neste dispositivo de inciso VI. Diário Oficial da União, Brasília, 12 nov. 2009.

exceção dos autodeclarados homossexuais, capazes de fazê-lo. Observa-se que os homens heterossexuais se situam em um meio termo. E constata-se que localizar homens bissexuais, sobretudo da faixa etária 1, foi muito difícil¹⁶⁰. Ainda há, infelizmente, estereótipos que associam a bissexualidade a um *estado transitório* entre o heterossexual e o homossexual, uma fase que tem um ponto de partida (a heterossexualidade) e chegada (a homossexualidade); ela é vista como uma negação parcial à homossexualidade, ou como uma pré-descoberta da homossexualidade. Esse fato pode contribuir para que os homens bissexuais não se assumam enquanto tais, com medo de sofrer preconceitos ou ser associados aos homossexuais (lembremos que, na PNS, enquanto 65,6% das mulheres se autoidentificaram como bissexuais, pouco mais da metade desse valor entre os homens se autodeclararam bissexuais (34,4%)).

No que se refere à identidade de gênero, a maioria das pessoas interessadas em responder às perguntas era cisgênero e, em uma quantidade bem menor, não binárias e transgênero. Vale dizer que, infelizmente, o único homem trans que se comprometeu a preencher o questionário não o fez. Contudo, como já dissemos, não tratamos estatisticamente esse item. Por fim, acerca do sexo biológico, todos(as) as participantes eram machos ou fêmeas, não tendo nós contato (indireto) com pessoas intersexo, por exemplo.

No que concerne ao *Tinder*, praticamente as mesmas ocorrências do *Grindr* foram por nós atestadas, porém em menor grau. Pontuamos que, diferentemente deste, aquele, após o primeiro mês de uso, começou a suprimir as informações e imagens referentes à pesquisa e ao pesquisador do perfil. Via *e-mail*, fomos notificados pela equipe técnica da empresa que a coleta de “informações pessoais”¹⁶¹ não era permitida por usuários do aplicativo. Todavia, uma vez que a versão paga da ferramenta foi adquirida (e sabemos muito bem dos interesses capitalistas de toda e qualquer empresa), a conta não foi suspensa, apenas mantida sem imagens e descrições.

À vista disso, poucos foram os participantes que conseguimos mediante o uso das ferramentas. Concluimos que, apesar de o *Grindr* e o *Tinder* serem destinados à temática relacional e sexual, são infrutíferos para a pesquisa do léxico erótico-obsceno, que faz parte das conversas entre usuários desses aplicativos. De fato, pela nossa experiência, podemos dizer que

¹⁶⁰ Um contato do pesquisador nos relatou que, ao entrar em contato com conhecidos bissexuais da faixa etária 1, eles preferiram não participar da pesquisa. Ao que tudo indica, por dois motivos: primeiro, por conhecerem o contato do pesquisador, mas não o pesquisador e, segundo, pela pesquisa em si. Observa-se, à vista disso, uma possível insegurança deles em assumir sua orientação sexual a um estranho e a divulgá-la, mesmo que anonimamente, em uma pesquisa.

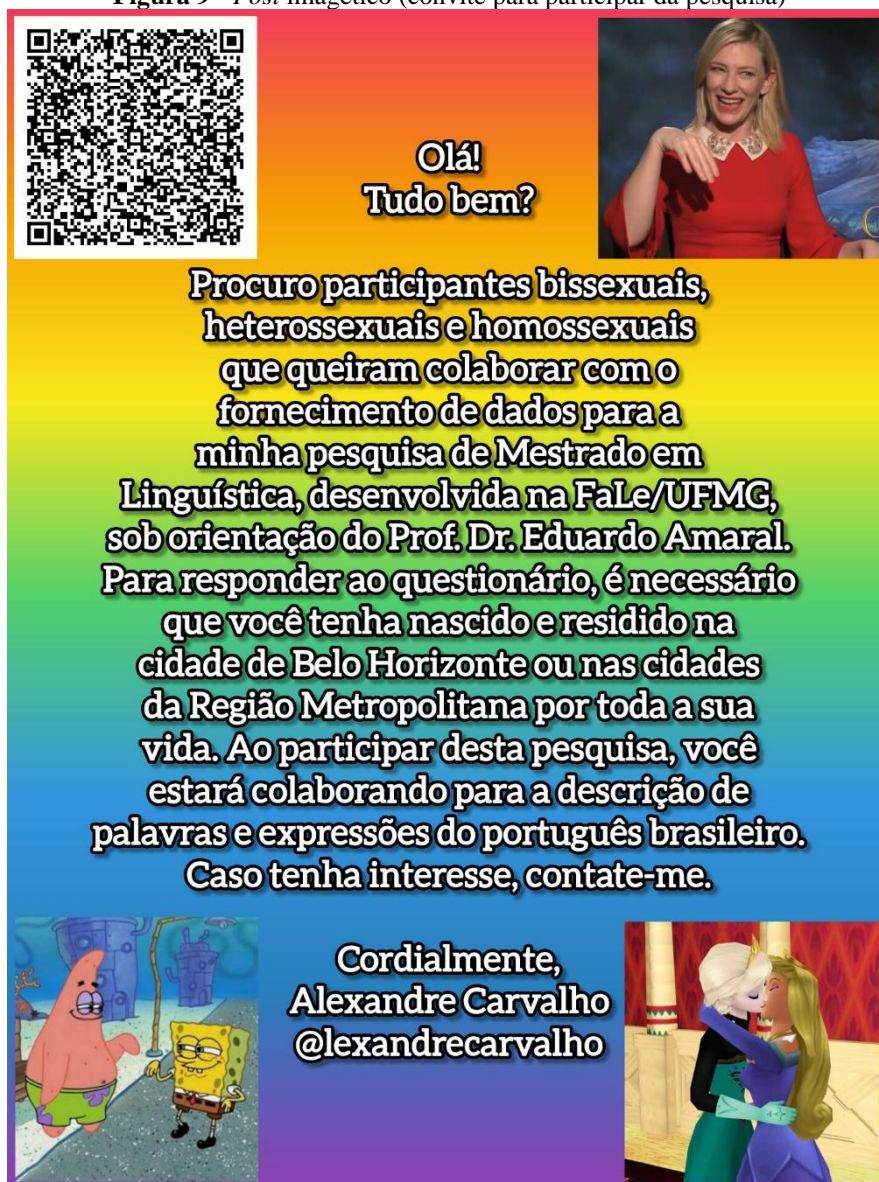
¹⁶¹ Como expomos na seção 3.1, fornecer o nome completo era uma opção dos(as) participantes. Além disso, não coletamos endereços de *e-mail* e endereços residenciais, números de documentos pessoais ou de telefone/celular, parentesco, profissão, etc.

essas tecnologias servem ao prazer de quem as utiliza, mas não se mostram eficazes como *locus* para a abordagem de falantes e para a coleta de dados desse tipo de vocabulário. Em outras palavras, apesar de serem aplicativos de relacionamento e sexo, o *Grindr* e o *Tinder* não se prestam à pesquisa de palavras e expressões sobre sexo (pelo menos não com o recorte metodológico igual ao nosso).

Seguindo o estipulado no PPD, também buscamos participantes por meio de contatos do pesquisador, via redes sociais. Valendo-nos de um *post* imagético, bastante chamativo e com excertos do TCLE (com algumas adaptações) – que tínhamos criado para colocar nos perfis do *Grindr* e *Tinder* –, publicamo-lo no *Instagram*¹⁶² e compartilhamo-lo com contatos e grupos do *WhatsApp*. A Figura 9, abaixo, trata-se da imagem/mensagem em questão (o *QR Code* – *Quick Response Code* – contém o nome, o número de *WhatsApp* e o endereço de *e-mail* do pesquisador):

¹⁶² No *Instagram*, desativamos a opção *Conta privada*, deixando a rede social no modo *Conta pública* para que o perfil do pesquisador e o *post* em questão fossem visualizados e compartilhados por todos os interessados, usuários ou não do aplicativo.

Figura 9 - Post imagético (convite para participar da pesquisa)



Fonte: Elaboração própria.

Desta vez, obtivemos um retorno mais satisfatório, mas não o suficiente para completar os 48 participantes necessários, levando-se em consideração a estratificação proposta. Os contatos do pesquisador também compartilharam o *post* com outros contatos ou publicaram-no em suas redes sociais (via *stories*), com o intuito de que ele alcançasse outros usuários para além daqueles que o pesquisador conhecia. Ainda assim, a adesão permaneceu abaixo do esperado, exigindo novas estratégias para ampliar o número de participantes.

Dentre tais estratégias, elencamos:

- a) o compartilhamento do *post* em dois fóruns do *Reddit*¹⁶³, o *r/BeloHorizonte*¹⁶⁴ (atualmente, com 167 mil membros) e o *r/arco_iris*¹⁶⁵ (hoje, com 24 mil membros)¹⁶⁶;
- b) o compartilhamento do *post* nas disciplinas *on-line* de Inglês Instrumental I e II, ofertadas pela FaLe para todos os outros cursos da UFMG, no semestre de 2024/1¹⁶⁷;
- c) a impressão do *post* e sua afixação nas escolas, faculdades, institutos e restaurantes universitários da UFMG¹⁶⁸, *campus* Pampulha;
- d) a impressão do *post* e sua afixação em bares, estabelecimentos e locais LGBTQIPN+ *friendly* de Belo Horizonte¹⁶⁹;
- e) o compartilhamento do *post* nos *stories* do perfil *@spotted_ufmg*¹⁷⁰.

Ao fim e ao cabo dos quatro meses de coleta, não conseguimos atingir 50% da amostra equivalente a participantes com ensino fundamental (I e II) completo, mesmo aumentando o grau de instrução até o ensino médio também completo. Tampouco conseguimos os outros 50% equivalentes às pessoas com ensino superior completo (dos dados analisados, 87,5% da amostra são respondentes com ensino superior completo e 12,5% são de respondentes com ensino fundamental ou médio completos; isto é, dos 24 questionários analisados, 21 são de pessoas com ensino superior e 3 são de pessoas com ensino fundamental ou médio). Logo, excluímos o grupo de fatores escolaridade. A Tabela 2, a seguir, exemplifica como ficou a nova estratificação dos(as) participantes¹⁷¹:

¹⁶³ O *Reddit* é uma rede social baseada em fóruns onde os usuários criam e participam de comunidades (*subreddits*) para compartilhar conteúdo, debater temas e interagir com pessoas de interesses semelhantes, utilizando um sistema de votos para destacar ou ocultar publicações: <https://redditinc.com/>.

¹⁶⁴ <https://www.reddit.com/r/BeloHorizonte/>

¹⁶⁵ https://www.reddit.com/r/arco_iris/. No caso do fórum *r/arco_iris*, os moderadores nos autorizaram a fazer a publicação.

¹⁶⁶ Agradecemos à Yasmin Guimarães de Lima pela indicação da rede social e também pelo empenho em nos ajudar a conseguir participantes para a pesquisa.

¹⁶⁷ Agradecemos às Profas. Dras. Luciana de Oliveira Silva e Júnia de Carvalho Fidelis Braga e ao Prof. Dr. Ronaldo Corrêa Gomes Junior por ter-nos autorizado a compartilhar o *post* no *Moodle* das disciplinas. Os três docentes foram meus coordenadores durante o período que atuei como tutor no *Projeto IngRede (Inglês em Rede)*. A escolha das duas disciplinas se deu em função de muitos(as) discentes cursá-las no último período do curso, seja como optativa ou como formação livre.

¹⁶⁸ Fomos autorizados a assim proceder pelos responsáveis dos setores de comunicação de cada escola, faculdade ou instituto escolhido para a afixação do *post*.

¹⁶⁹ Agradecemos ao Douglas Silva de Sá pela ajuda quanto à seleção, visitação e afixação do *post* no *Bar da Cácia*, na *Casa Sapucaí*, no *John Jonh Bar*, no *Lambe Lambe*, no *Mercado Novo*, no *Mi Corazon* (pub), no *Murê* (bar) e no *Rei do Pastel*. Os gerentes e/ou responsáveis nos deram a autorização para afixar o *post* em locais específicos dos estabelecimentos.

¹⁷⁰ https://www.instagram.com/spotted_ufmg?igsh=MWxubzk2N3RmamZvcQ==.

Agradecemos ao(à) responsável pela gentileza de fazer o compartilhamento no perfil.

¹⁷¹ Uma sugestão que deixamos para pesquisas futuras é o livre acesso ao *link* que encaminha os(as) interessados(as) ao questionário no *Google Forms*. Apesar de mais laborioso, uma vez que seria necessário analisá-los um a um e filtrar aqueles que atendessem às necessidades da pesquisa, talvez assim procedendo haveria maior

Tabela 2 - Nova estratificação dos(as) participantes

	Sexo biológico	M	F	M	F
	Idade	18-24	18-24	25-39	25-39
Orientação sexual	Bissexual	2	2	2	2
	Heterossexual	2	2	2	2
	Homossexual	2	2	2	2
		Total = 24			

Fonte: Elaboração própria.

Por fim, asseveramos que, após as pessoas nos contactarem e se mostrarem aptas a responder ao QSL, eram orientadas sobre a opcionalidade de participação na pesquisa por livre e espontânea vontade. Se concordantes, o *link* de acesso ao *Forms* lhes era fornecido. Estivemos cientes durante toda a coleta de dados da necessidade de respeitar a ética vigente em pesquisa. Todas foram por nós instruídas sobre os riscos e desconfortos do estudo, o anonimato e a natureza voluntária da participação, o caráter confidencial dos dados, o tempo estimado para responder ao QSL (entre 15 e 20 minutos), a possibilidade de desistência a qualquer momento¹⁷², etc. O TCLE foi disponibilizado no formulário do *Google* antes das perguntas pessoais e lexicais (cf. o Apêndice A desta dissertação). Nele, constaram também a apresentação do pesquisador, uma breve contextualização do estudo, informações sobre os aspectos éticos da pesquisa e os *e-mails* e telefones do CEP-UFMG, do orientando e do orientador.

3.4 A padronização e a análise qualiquantitativa dos dados

Findos os quatro meses de coleta de dados, iniciamos a uniformização e o exame deles¹⁷³. O(A) leitor(a) poderá observar que dividimos o capítulo 4 em três partes principais: a primeira, em que descrevemos os resultados numéricos e percentuais obtidos quanto aos dados extralinguísticos dos(as) participantes; a segunda, em que expomos os dados linguísticos por eles(as) fornecidos e os resultados numéricos, percentuais e estatísticos alcançados em termos de variantes e da influência dos condicionadores extralinguísticos sobre o conhecimento dessas

chance de se conseguir o número total de participantes. No último mês da coleta de dados, permitimos o livre acesso ao QSL, mas, mesmo assim, não alcançamos êxito nos nossos planos iniciais.

¹⁷² Em caso de desistência, havia, no início do formulário, um aviso que instruída o(a) participante sobre o salvamento de suas respostas: ao não selecionar a opção *Enviar*, presente no final do questionário, os dados não eram salvos nem enviados a nós, portanto, não tínhamos acesso às suas respostas.

¹⁷³ Não é demais recordar que nossos dados são da variedade mineira, posto que os(as) participantes que os forneceram são da comunidade de fala da RMBH.

variantes; e a terceira, em que apresentamos uma síntese geral dos resultados, associando-os às questões e hipóteses da pesquisa.

No que diz respeito à exposição dos resultados concernentes aos dados sociais dos(as) participantes, fizemo-la, de maneira geral, conforme a distribuição das perguntas do QSL. Além disso, para o número de participantes que se identificaram, as regiões que eles(as) residiam, o tempo de habitação nessas regiões, as escolaridades e as identidades de gênero, apresentamos gráficos (produzidos no *Excel*) que ilustram os números e as porcentagens equivalentes a esses itens.

No tocante à sistematização e contabilização dos dados linguísticos, assim procedemos:

- a) lexias que variavam graficamente foram contabilizadas como uma só – *bolinar* = *bulinar*; *cunete* = *cunet*; *foder* = *fuder*¹⁷⁴;
- b) substantivos, verbos e locuções verbais que partilhavam semelhanças formais e conceituais foram contabilizadas(os) como itens lexicais distintos, pois são morfologicamente diferentes – *sarração* ≠ *sarrar* ≠ *dar uma sarrada*¹⁷⁵; *siririca* ≠ *siriricar* ≠ *bater siririca*;
- c) a contraparte substantiva (ou adjetiva) da forma verbal foi considerada distinta dela e ambas foram contabilizadas como unidades lexicais dissemelhantes (os fenômenos

¹⁷⁴ Consideramos estes desvios ortográficos como casos de variação diamésica, ou seja, variação na escrita e na fala. Apesar de os dicionários prescreverem, por exemplo, *bolinar* [bo.li.'nah] como a forma correta, o modo de expressar graficamente essa lexia pode levar em conta o alçamento da vogal *o* para *u* na fala: *bulinar* [bu.li.'nah]. Outra prova da insuficiência da escrita para representar a fala está em *cunete*(*e*), que pode ser pronunciada como [ku.'ne.ti] ou [ku.'ne.tʃi]. A adição de vogais em palavras que não seguem o padrão silábico do PB também é comum por falantes maternos: *cuckold(i)*, *fap(i)*, *job(i)*, *pop(i)*, *(i)scat(i)*, *swing(i)*, etc.

¹⁷⁵ Em casos como *punhetar* e *bater/tocar punheta*, *sarrar* e *dar uma sarrada*, *siriricar* e *bater/tocar siririca*, etc., preferimos considerar as lexias complexas como *locuções verbais*, alinhados aos termos que expomos no capítulo 1. Todavia, em teoria linguística, esses casos também podem ser chamados de *perífrases verbais* ou *verbos-suporte*. A noção lexicográfica entre ambas é próxima, mas muito simplista em a) se comparada à b) (Houaiss, 2024, *on-line*, negritos e itálicos originais):

- a) **perífrase** – LING frase ou recurso verbal que exprime aquilo que poderia ser expresso por menor número de palavras; circunlóquio;
- b) **verbo-suporte** – LING verbo que é us. com um complemento com o qual forma uma unidade semântica, perdendo neste emprego parte de sua significação como verbo pleno, mas mantendo alguns traços gerais de seu sentido, entre os quais noções de ação (*fazer ginástica*, *fazer uma viagem*), processo (*tomar impulso*), estado (*ter conhecimento*) [Este tipo de noção pode tb. se alterar; p. ex.: com *levar* verbo pleno, o sujeito pratica a ação (*levar um presente para alguém*), mas com *levar* verbo-suporte, o sujeito a sofre (*levar um soco*, *levar um susto*).].

A noção de *perífrase* (*verbal*) é mais tradicional, encontrada em muitas gramáticas normativas, enquanto a noção de *verbo-suporte* é mais fina e constata-se em teorias mais descritivas e não prescritivas. Como a noção de *locução verbal* nos foi suficiente para a análise, não nos aprofundamos nas outras duas.

- linguísticos da polissemia e da homonímia não foram levados em conta) – *dedada* ≠ *dedar*; *metida* ≠ *meter*¹⁷⁶; *relada* ≠ *relar*;
- d) lexias que eram acompanhadas do pronome reflexivo *se* foram contabilizadas como uma só¹⁷⁷ – *se masturbar* = *masturbar* = *masturbar-se*; *se tocar* = *tocar*;
- e) expressões fraseológicas que variavam lexicalmente foram contabilizadas como unidades lexicais diferentes¹⁷⁸ – *alisar o palhaço* ≠ *descabeçar o palhaço* ≠ *descabelar o palhaço* ≠ *despentear o palhaço*; *botar as aranhas pra brigar* ≠ *colocar as aranhas para brigar*;
- f) itens lexicais onomatopaicos sem e com repetições foram contabilizados como iguais, mas não quando mudavam de classe de palavras – *fap* (substantivo) = *fap-fap* (substantivo) ≠ *fapar* (verbo);
- g) variantes flexivas de uma mesma lexia foram contabilizadas como uma só – *briga de aranha* = *briga de aranhas*; *guloso* = *gulosa*; *punheta* = *punhetinha*; *tirar o cabaço* = *tirou o cabaço*;
- h) em casos de (in)definição por meio de artigos, unidades lexicais que os apresentavam foram contabilizadas como iguais – *passar cheque* = *passar o cheque* = *passar um cheque*;
- i) em casos de elipse, fenômeno sintático que não permitiu recuperar o item lexical de origem, unidades lexicais próximas foram contabilizadas como distintas – *bater uma* ≠ *bater uma bronha* ≠ *bater uma punheta*; *tocar uma* ≠ *tocar uma siririca*;
- j) unidades lexicais que variavam entre formas extensa, mista, numérica e simbólica foram contabilizadas como iguais – *cinco contra um* = *5 contra 1* = *5 x 1*;
- k) lexias que supostamente sofreram aférese (supressão de sílaba no início da palavra) foram consideradas e contabilizadas como diferentes¹⁷⁹ – *boquete* ≠ *quete*; *aquendar a boneca* ≠ *aquendar a neca*.

¹⁷⁶ Por exemplo, segundo o *Aulete*, *metida* pode significar ‘1. Mulher pretensiosa, arrogante’, ‘2. Mulher enxerida, fofoqueira, dada a mexericos’, ‘3. Tabu. Relação sexual; COITO; CÓPULA’ e *meter* ‘1. Fazer entrar ou penetrar; ENFIAR; INTRODUZIR’, ‘3. Esconder(-se), ocultar(-se)’, ‘6. Pôr-se num caminho; penetrar num lugar ou acesso; EMBRENHAR-SE’, ‘8. Bras. Tabu. Fazer sexo’, etc.

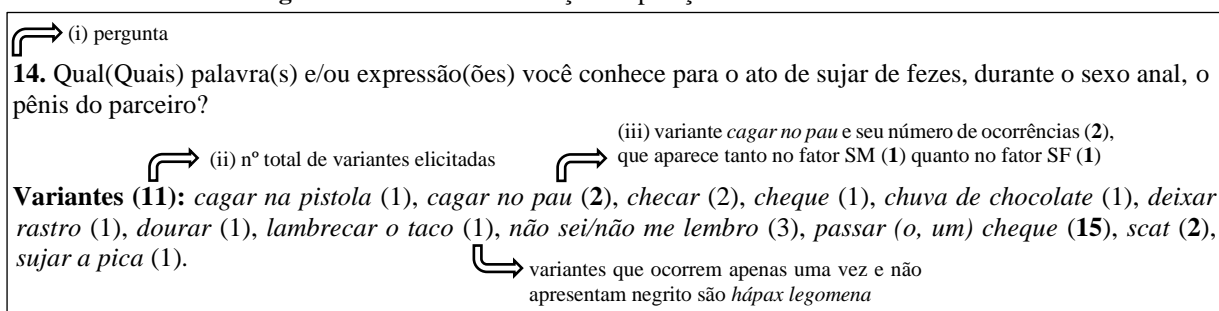
¹⁷⁷ Esperávamos como respostas formas sem o pronome *se*. No entanto, algumas perguntas do QSL permitiam a elicitación desse pronome junto ao verbo e, ainda, com duas leituras possíveis para ele: a recíproca (Aline e Rafaela *se* masturbaram = uma masturbou a outra) e a reflexiva (Aline e Rafaela *se* masturbaram = cada uma se masturbou individualmente).

¹⁷⁸ Como se verá no próximo capítulo, nossos dados, assim como os de Oliveira (2022), confirmam que EF podem variar morfológicamente, refutando a hipótese de sua invariabilidade em termos de forma. Relembramos o(a) leitor(a) que, para a Sociolinguística Laboviana, *variantes* são duas ou mais maneiras de dizer a mesma coisa em uma mesma situação com o mesmo significado representacional.

¹⁷⁹ Atestar a independência das formas não foi nosso objetivo. No caso da variação *aquendar a boneca* e *aquendar a neca*, ao percorrermos várias páginas do *Google Search* com as lexias entre aspas duplas, *aquendar a neca*

Acerca da exibição desses dados e dos resultados a eles equivalentes, ambos foram dispostos considerando a seguinte ordem: (i) a apresentação da pergunta, (ii) o número total de variantes elicitadas (excluindo-se *não sei/não me lembro*), (iii) cada uma das variantes em ordem alfabética e seu respectivo número de ocorrências entre parênteses (se em negrito, a variante repete-se entre os fatores do grupo de fatores). Variantes com frequência única são *hápax legomena*, não são destacadas em negrito e tampouco são tratadas quali e quantitativamente. Observemos a Figura 10, referente à pergunta 14:

Figura 10 - Modelo de exibição/disposição dos dados e resultados



Fonte: Elaboração própria.

Quanto aos casos de variação diamésica, em que os(as) participantes grafaram as variantes conforme elas usualmente são pronunciadas, representamo-las foneticamente e utilizamos o til (~) para sinalizar essa (e os demais casos de) variação: [bo.li.'nah] ~ [bu.li.'nah], [fo.'deh] ~ [fu.'deh], [foh.ni.'kah] ~ [fuh.ni.'kah], [bo.'se.te.ah] ~ [bu.'se.te.ah], etc. Ressaltamos, no entanto, que não coletamos dados de fala, apenas de escrita¹⁸⁰.

Em relação às variantes linguísticas obtidas para cada uma das variáveis extralinguísticas, dispusemo-las em tabelas em ordem decrescente de ocorrências, com suas respectivas porcentagens e totais, como exhibe a Figura 11 a seguir:

apareceu mais frequentemente do que *aquendar a boneca*. Duas hipóteses podem ser aventadas: (i) *aquendar a neca*, desde sua criação, já apresentava aférese; ou (ii) *aquendar a neca* já é uma forma independente e mais usada do que *aquendar a boneca*. Assim sendo, consideramo-las itens lexicais distintos.

¹⁸⁰ Tratam-se, portanto, de representações hipotéticas criadas por nós.

Figura 11 - Modelo de tabela utilizado

Tabela X - Vars., nº de ocs. e % obtidas para a pergunta Y, segundo o grupo de fatores Z

Fator A			Fator B		
Variantes	Nº de ocs.	%	Variantes	Nº de ocs.	%
<i>variante₁</i>	7	43,75	<i>variante₁</i>	8	38,09
<i>variante₂</i>	5	31,25	<i>variante₂</i>	6	28,57
<i>variante₃</i>	3	18,75	<i>variante₃</i>	4	19,04
<i>variante₄</i>	1	6,25	<i>variante₄</i>	2	9,52
-	-	-	<i>variante₅</i>	1	4,76
Total = 4	16	100%	Total = 5	21	100%

Fontes e explicações:

- ← variantes e nº de ocs. circulos sinalizam que foram utilizados no cálculo do teste χ^2
- ⇒ cada um dos fatores do grupo de fatores
- ⇒ nº de ocs. e % em negrito sinalizam que a variante se repete entre os fatores do grupo de fatores
- Fontes:
 - ⇓ nº total de variantes elicitadas (sem os hápax legomena e não sei/não me lembro)
 - ⇓ nº total de ocorrências com ou sem não sei/não me lembro
 - ⇓ % total de ocorrências com ou sem não sei/não me lembro

→ Estatística Qui-Quadrado: 0,027 / p-Valor: 0,986 / Graus de Liberdade (df): 2

Fonte: Elaboração própria.

Após a apresentação das tabelas, fornecemos ao(à) leitor(a) os resultados obtidos por meio da análise estatística dos dados. No entanto, não examinamos a intervenção das variáveis extralinguísticas sobre todas as variantes linguísticas. Como elas eram muitas para quase todas as perguntas do QSL, e compreendendo tanto as limitações funcionais do *GoldVarb X*¹⁸¹ – o programa só realiza rodadas binárias (isto é, com duas variantes) para gerar os pesos relativos¹⁸² – quanto as nossas – temos pouca proficiência no uso de *softwares* estatísticos como o supramencionado e o *R*¹⁸³ –, optamos por utilizar uma planilha do *Excel* com a função =TESTE.QUI(), equivalente ao Teste Qui-Quadrado, que nos fornecia o p-Valor para compararmos ao nível de significância usual de 0,05. Antes de apresentarmos a planilha e como a preenchemos, definamos alguns termos da estatística¹⁸⁴:

- a) *Teste Qui-Quadrado* (χ^2 ou *X-squared*) – teste estatístico utilizado para determinar se existe uma relação de dependência significativa entre duas variáveis categóricas;

¹⁸¹ <http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/goldvarb.html>

¹⁸² Pesos relativos são coeficientes estatísticos gerados pelo *GoldVarb X*, que indicam a influência de uma variável extralinguística na escolha de uma variante linguística, quantificando sua probabilidade de ocorrência em relação às demais variantes. Em outras palavras, os pesos relativos apontam a influência de cada fator do grupo de fatores (ou variáveis independentes) sobre o uso de uma das variantes (Coelho *et al.*, 2015).

¹⁸³ <https://www.r-project.org/>

¹⁸⁴ Agradecemos ao Prof. Dr. Aroldo Leal de Andrade pelo excelente curso de extensão ministrado em 2024: *Análise quantitativa de corpora linguísticos usando o GoldVarb e outros métodos*. Fui seu aluno e, apesar de não ter dominado o uso do *GoldVarb* e do *R*, ao menos compreendi um pouquinho mais sobre estatística, sobretudo aplicada à análise linguística.

- b) *hipótese nula* (H_0) – as variáveis são estatisticamente independentes entre si, ou seja, inexistente qualquer associação entre elas;
- c) *hipótese alternativa* (H_1) – as variáveis não são estatisticamente independentes entre si, isto é, existe associação entre elas (elas são dependentes);
- d) *independência* – a ocorrência de uma variável não afeta a probabilidade de ocorrência de outra variável. Se as variáveis forem independentes (não influenciarem uma à outra), quaisquer diferenças observadas entre elas são devido ao acaso;
- e) *nível de significância* – também chamado de *nível α* (*nível alfa*), trata-se do limite estabelecido pelo pesquisador para determinar a significância estatística. Comumente, é o limite de 0,05 (5%) e serve para rejeitar a H_0 e acatar a H_1 ;
- f) *p-Valor* – valor que indica se os resultados do teste são significativos ou não. Se *p-Valor* $\leq \alpha$, rejeita-se H_0 (há uma associação estatisticamente significativa entre as variáveis = H_1); se *p-Valor* $\geq \alpha$, acata-se H_0 (não há uma associação estatisticamente significativa entre as variáveis);
- g) *Estatística Qui-Quadrado* – número que aponta a diferença entre os valores observados e os valores esperados;
- h) *Graus de Liberdade* (*df*) – o número de células de uma tabela que podem variar, representado pela fórmula $df = (r - 1) \times (c - 1)$ ¹⁸⁵.

Cientes de tais noções, na Figura 12, abaixo, mostramos a *Planilha do Teste Qui-Quadrado*:

¹⁸⁵ Onde:

r = número de linhas da tabela;

c = número de colunas da tabela.

Figura 12 - Planilha do Teste Qui-Quadrado

VALORES REAIS						
	variante1	variante2	variante3	TOTAL	p-Valor fator 1 e 2	0,9511585418
fator A	7	5	3	15	p-Valor fator 2 e 3	0,9139064563
fator B	8	6	4	18	p-Valor fator 1 e 3	0,8672581789
TOTAL	15	11	7	33	p-Valor total	0,9861288494
VALORES ESPERADOS TOTAL						
	variante1	variante2	variante3	TOTAL		
fator A	6,8	5,0	3,2	15		
fator B	8,2	6,0	3,8	18		
VALORES ESPERADOS 1 X 2						
	variante1	variante2	TOTAL			
fator A	6,9	5,1	12			
fator B	8,1	5,9	14			
			26			
VALORES ESPERADOS 2 X 3						
	variante2	variante3	TOTAL			
fator A	4,9	3,1	8			
fator B	6,1	3,9	10			
			18			
VALORES ESPERADOS 1 X 3						
	variante1	variante3	TOTAL			
fator A	6,8	3,2	10			
fator B	8,2	3,8	12			
			22			
	7	3				
	8	4				

Fonte: Print Screen do programa Excel.

Suponhamos que o fator A é igual ao sexo masculino e o fator B é igual ao sexo feminino, e que a *variante*₁, a *variante*₂ e a *variante*₃, as mais constantes nos dados, são equivalentes às lexias *roçar*, *bolinar* e *enrabar* para o sexo masculino e às unidades lexicais *esfregar*, *raspar* e *encaixar* para o sexo feminino. Pressupomos também que o número de ocorrências dos itens lexicais é, respectivamente: *roçar* (7), *bolinar* (5), *enrabar* (3), *esfregar* (8), *raspar* (6) e *encaixar* (4). Ao preenchermos as células da tabela¹⁸⁶ na planilha do Excel com a frequência das lexias no *corpus* equivalente a cada fator (masculino e feminino) do grupo de fatores sexo, a função utilizada no programa da *Microsoft Office* nos fornecerá o p-Valor total igual a 0,986. Ao compará-lo com o nível de significância de 0,05, nota-se que ele é maior. Isso significa que não há evidências suficientes para rejeitar a hipótese nula de independência entre os sexos e as variantes. Portanto, as diferenças observadas não são estatisticamente significativas. Ou melhor, o condicionador extralinguístico em questão não é relevante no conhecimento das variantes erótico-obsenas supracitadas.

¹⁸⁶ $df = (2 - 1) \times (3 - 1) = 2$.

Também utilizamos a *Calculadora do Teste Qui-Quadrado*, disponível *on-line*¹⁸⁷, para conferir o p-Valor fornecido pelo *Excel* para cada tabela constante na seção 4.2 do capítulo 4 e para calcular os dados correspondentes àquelas em que o número de fatores do grupo de fatores era maior que dois (por exemplo, o grupo de fatores orientação sexual, composto pelos fatores bissexualidade, heterossexualidade e homossexualidade)¹⁸⁸ ou em que o número de variantes para cada fator era menor que duas¹⁸⁹.

A ferramenta *on-line* é bastante intuitiva, conforme ilustra a Figura 13 a seguir (os dados que inserimos como exemplo são fictícios):

Figura 13 - Calculadora do Teste Qui-Quadrado

Fonte: Print Screen da ferramenta *on-line*.

Ao clicar na opção em verde, *Calcular Teste Qui-Quadrado*, a *Calculadora* fornece os resultados equivalentes aos dados nela inseridos (cf. a Figura 14):

¹⁸⁷ <https://miniwebtool.com/br/chi-square-test-calculator/>

¹⁸⁸ $df = (3 - 1) \times (3 - 1) = 4$.

¹⁸⁹ Por exemplo,

10	5
9	4

$df = (2 - 1) \times (2 - 1) = 1$.

Figura 14 - Resultados do Cálculo do Teste Qui-Quadrado
Resultados

Frequências Observadas:	13.0	11.0	9.0
	12.0	10.0	8.0
	11.0	10.0	9.0
Frequências Esperadas:	12.7742	11.0	9.2258
	11.6129	10.0	8.3871
	11.6129	10.0	8.3871
Estatística Qui-Quadrado:	0.1174		
p-Valor:	0.9983		
Graus de Liberdade:	4		

Fonte: *Print Screen* da ferramenta *on-line*.

Para as 48 tabelas expostas na seção 4.2 do capítulo 4, apresentamos o número da Estatística Qui-Quadrado, do p-Valor e dos Graus de Liberdade. O p-Valor, principalmente, nos foi de grande valia, pois nos permitiu verificar se os resultados do Teste Qui-Quadrado eram significativos ou não, ou seja, nos possibilitou compará-lo ao nível de significância e acatar ou rejeitar a hipótese nula. Também descrevemo-las pormenorizadamente, sinalizando, por exemplo, as variantes que foram elicitadas em apenas um fator dos grupos de fatores ou casos em que o conhecimento delas era partilhado entre as orientações sexuais.

Por fim, no que corresponde à apresentação geral dos resultados, exibimo-los também em tabelas e relacionamo-los às questões e hipóteses da pesquisa, constantes na Introdução desta dissertação. Apelamos, na amostragem dos dados, aos recursos imagéticos (figuras, tabelas, negritos e cores), pois cremos que eles clarificam, sintetizam e facilitam a compreensão dos resultados obtidos.

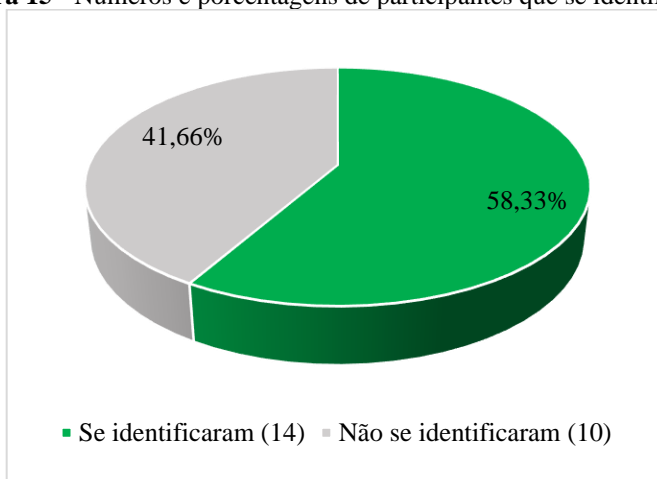
Descritos os procedimentos metodológicos que adotamos nesta pesquisa, passemos ao capítulo 4, em que analisamos os dados coletados por meio do QSL e discutimos os resultados alcançados mediante a análise deles.

4 ANÁLISE DOS DADOS E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Neste capítulo, apresentamos a análise dos dados obtidos a partir da aplicação *on-line* do QSL aos(às) participantes da pesquisa e discutimos os resultados alcançados por meio da análise qualiquantitativa deles. Na seção 4.1, expomos os dados extralinguísticos dos(as) respondentes e os resultados absolutos e relativos atingidos através do seu exame. Na 4.2, por sua vez, exibimos os dados linguísticos fornecidos pelos(as) participantes e os resultados numéricos, percentuais e estatísticos conseguidos quanto às variantes e à atuação dos condicionadores extralinguísticos sobre o conhecimento dessas variantes. Segmentamos esta seção em sete subseções, equivalentes à divisão semântica das perguntas do QSL. Finalmente, na seção 4.3, mostramos uma síntese geral dos resultados, concatenando-os às perguntas e hipóteses da pesquisa.

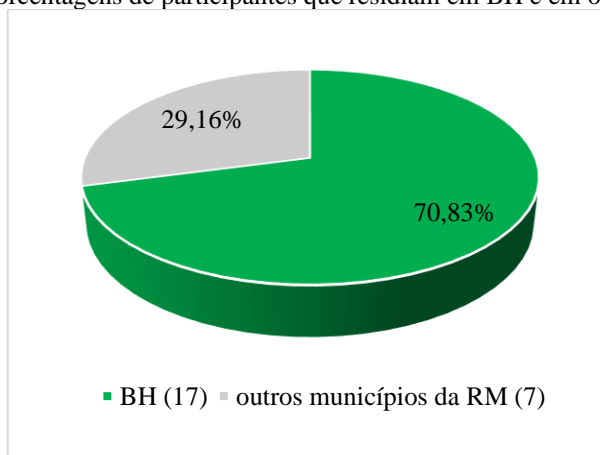
4.1 Resultados obtidos quanto aos dados extralinguísticos dos(as) participantes

Nesta seção, passamos pelos dados extralinguísticos dos(as) respondentes e pelos resultados absolutos e relativos alcançados mediante a análise deles. No que se refere ao fornecimento do nome completo, resposta opcional, os(as) participantes se mostraram bastante tímidos(as), principalmente os do sexo masculino: enquanto 10 das 12 mulheres se identificaram, somente 4 dos 12 homens fizeram-no; em termos percentuais, apenas 58,33% dos(as) respondentes se identificaram (cf. a Figura 15). Acerca da idade e do sexo biológico, como já era de se esperar de uma amostra balanceada, 12 (50%) deles(as) deviam se encaixar na faixa etária 1 (18 aos 24 anos) e 12 (50%) na faixa etária 2 (25 aos 39 anos), e 12 (50%) deviam ser machos e as outras 12 (50%) fêmeas.

Figura 15 - Números e porcentagens de participantes que se identificaram

Fonte: Elaboração própria.

No que tange às cidades que eles(as) residiam à época da coleta, 17 participantes moravam em Belo Horizonte, 3 em Contagem, 2 em Ribeirão das Neves, 1 em Santa Luzia e 1 em Belo Horizonte e Lagoa Santa (consoante a respondente, metade da semana ela residia na capital mineira e na outra metade no município da RMBH). Percebe-se, logo, que o alcance da pesquisa se circunscreveu aos municípios limítrofes ao da capital (cf. o mapa da RMBH, disponibilizado no capítulo 3), com exceção de Lagoa Santa. Outrossim, nota-se que 70,83% dos(as) participantes moravam em Belo Horizonte e 29,16% na Região Metropolitana¹⁹⁰, conforme ilustra a Figura 16:

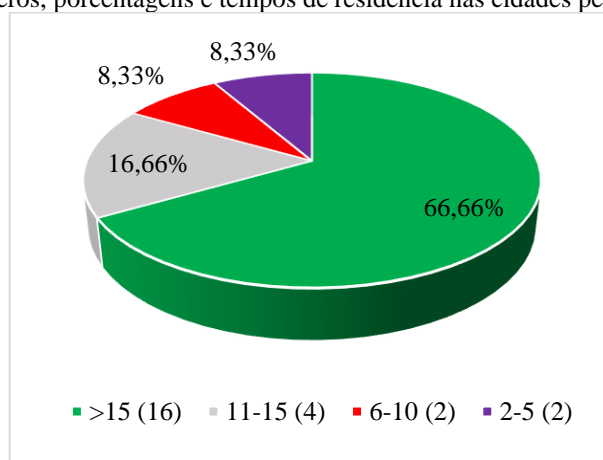
Figura 16 - Números e porcentagens de participantes que residiam em BH e em outros municípios da RMBH

Fonte: Elaboração própria.

¹⁹⁰ Consideramos, no cálculo da porcentagem, a respondente que divide sua vida entre as duas cidades como pertencente ao município da RM (Lagoa Santa) e não ao de BH.

No que toca ao tempo em que os(as) respondentes residiam em tais cidades, os(as) de Belo Horizonte se distribuíram em – há mais de 15 anos (12), entre 11 e 15 anos (3), entre 6 e 10 anos (1), e entre 2 e 5 anos (1); os(a) de Contagem em – há mais de 15 anos (1), entre 11 e 15 anos (1), e entre 6-10 anos (1); o(a) de Ribeirão das Neves em – há mais de 15 anos (1) e entre 2 e 5 anos (1); o de Santa Luzia em – há mais de 15 anos; e a de Belo Horizonte e Lagoa Santa – há mais de 15 anos (1). Verifica-se, portanto, que 16 (66,66%) participantes moravam há mais de 15 anos em suas respectivas cidades, 4 (16,66%) entre 11 e 15 anos, 2 (8,33%) entre 6 e 10 anos e 2 (8,33%) entre 2 e 5 anos. Vejamos a Figura 17 abaixo:

Figura 17 - Números, percentagens e tempos de residência nas cidades pelos(as) participantes

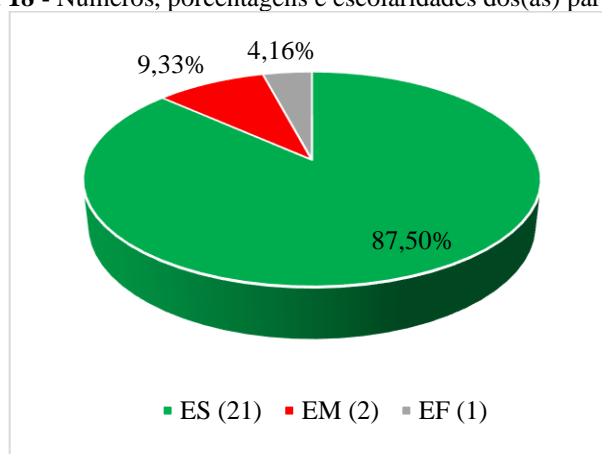


Fonte: Elaboração própria.

No que diz respeito ao grau de escolaridade, 21 (87,50%) respondentes possuíam ensino superior completo, 2 (8,33%) ensino médio completo e 1 (4,16%) ensino fundamental completo. Como já tínhamos mencionado em capítulo antecedente, iríamos analisar, no grupo de fatores escolaridade, o ensino fundamental (I e II) completo e o ensino superior completo. Todavia, ao não conseguirmos participantes exclusivamente com ensino fundamental completo, modificamos o fator para abarcar também o ensino médio completo. Mesmo assim, esse procedimento não foi suficiente para suprir as nossas necessidades. Como também não conseguimos obter o total de 24 participantes com ensino superior completo, deletamos o condicionador social escolaridade e utilizamo-nos de três formulários de respondentes com ensinos fundamental (1)¹⁹¹ e médio (2)¹⁹² completos. Observemos a Figura 18 a seguir:

¹⁹¹ LGSP (iniciais do nome completo), FE1 (18 aos 24 anos), BH, +15 anos, EF (ensino fundamental completo), M (macho), Cis (cisgênero), Ho (homossexual).

¹⁹² NI (não se identificou), FE1 (18 aos 24 anos), BH, +15 anos, EM (ensino médio completo), M (macho), Cis (cisgênero), Bi (bissexual); DF (iniciais do nome completo), FE1 (18 aos 24 anos), BH, +15 anos, EM (ensino médio completo), M (macho), Cis (cisgênero), Ho (homossexual).

Figura 18 - Números, porcentagens e escolaridades dos(as) participantes

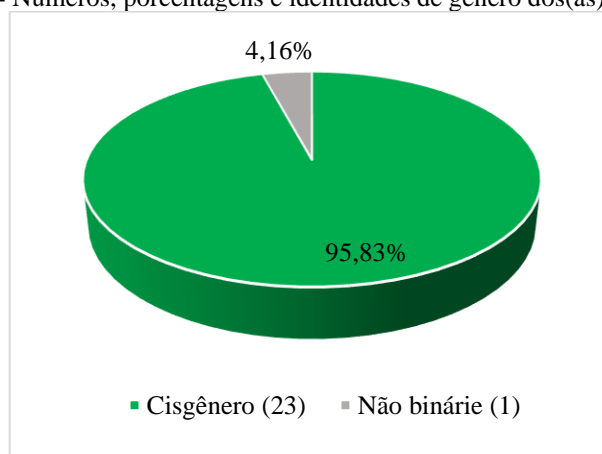
Fonte: Elaboração própria.

No que concerne à identidade de gênero, 23 (95,83%) participantes se autoidentificaram como cisgênero e 1 (4,16%) como não binário¹⁹³ (cf. a Figura 19 logo abaixo)¹⁹⁴. O único respondente transgênero que se enquadrava no perfil da pesquisa não preencheu o questionário. Depreende-se desses dados que uma grande maioria das pessoas se autoafirmam como cisgênero e, em menor número, como não binário e transgênero. Ousamos dizer que tal fato pode ser reflexo da própria constituição social e do número de pessoas não cisheterossexuais no Brasil: cishomossexuais constariam em maior quantidade, seguidas das cisbissexuais e, depois, das não binárias e trans (de qualquer orientação sexual)¹⁹⁵.

¹⁹³ NI (não se identificou), FE2 (25 aos 39 anos), BH, +15 anos, ES (completo), F (fêmea), Nb (não binária), Bi (bissexual).

¹⁹⁴ Esses dados mostram que, com exceção de uma participante não binária, os(as) demais respondentes se identificaram com o gênero que lhes foi atribuído quando do nascimento, baseado em suas genitálias: cisgênero. Logo, as categorias biológicas (pênis e vagina) e os papéis de gênero masculino e feminino determinados socioculturalmente condicionaram os(as) participantes a se comportarem enquanto machos e fêmeas ou homens e mulheres.

¹⁹⁵ De acordo com os dados da PNS (2019), de um total de 159,2 milhões de pessoas maiores de 18 anos no Brasil, 1,2% se declararam homossexuais, 0,7% bissexuais e 0,1% outra orientação sexual (por exemplo, assexual ou pansexual). Barros (2022, *on-line*) expõe que “a PNS não coletou dados sobre identidade de gênero, mas o IBGE estuda metodologia para incluir esse tema em suas pesquisas”. Pensamos que, assim como a representatividade das orientações sexuais é decrescente, o mesmo ocorre com a identidade de gênero.

Figura 19 - Números, porcentagens e identidades de gênero dos(as) participantes

Fonte: Elaboração própria.

Por fim, no que corresponde à orientação sexual, assim como a idade e o sexo biológico, a amostra foi pré-balanceada antes da coleta de dados: 8 (33,33%) participantes deviam ser bissexuais, 8 (33,33%) heterossexuais e 8 (33,33%) homossexuais (isto é, 4 *gays* e 4 lésbicas). É interessante salientar que alguns interessados(as) na pesquisa que eram pansexuais questionaram o porquê de não poder participar com o fornecimento de dados, posto que eles(as) se relacionavam tanto com homens quanto com mulheres. Diferentemente dos(as) bissexuais, que, via de regra, mantêm relações com pessoas cis e são mais numerosos, os pansexuais se relacionam com pessoas cis, não binárias, trans e travestis¹⁹⁶, e são menos numerosos. Daí considerarmos apenas aquela orientação sexual e não esta.

Apresentados os dados e discutidos os resultados extralinguísticos alcançados por meio do QSL, avancemos para a seção 4.2, que expõe os dados e discorre sobre os resultados conseguidos por meio da correlação entre variantes linguísticas e condicionadores extralinguísticos.

4.2 Resultados obtidos quanto aos dados linguísticos e quanto ao cruzamento deles com as variáveis extralinguísticas

Nesta seção, apresentamos para cada uma das 16 perguntas do QSL: as variantes linguísticas elicítadas (*variante₁*, *variante₂*, *variante₃* ... *variante_n*), o seu total (*n*), a frequência

¹⁹⁶ Consideramos aqui, em consonância com Jesus (2012, p. 17 e 27), travesti como um gênero diferente dos demais, pois a pessoa travesti é aquela que “vivencia papéis de gênero feminino, mas não se reconhece como homem ou mulher, entendendo-se como integrante de um terceiro gênero ou de um não-gênero”. Travesti também é um terceiro sexo, na medida em que muitas delas colocam próteses mamárias, mas não passam pelo processo de redesignação sexual. Diferentemente das pessoas trans, as travestis não sentem aversão pelo seu órgão sexual, não desejando mudá-lo por meio de intervenções cirúrgicas.

de cada uma no *corpus* (*variante*₁ = 9 ocs.), quais eram *hápax legomena* (item lexical que só apareceu uma vez em todo o conjunto de dados, por exemplo, *pirocar*), os casos de variação diamésica (variação na fala e na escrita, como em *bolinar* ~ *bulinar*), a porcentagem equivalente ao número de ocorrências de cada uma das variantes (*variante*₁ = 9 ocs. = 28,12%) e os resultados estatísticos conseguidos através da correlação entre as variantes linguísticas mais frequentes e os fatores de cada grupo de fatores (*variante*₁, *variante*₂, *variante*₃ x *fator*₁, *fator*₂).

Quanto ao tratamento estatístico, estabelecemos:

- a) a *hipótese nula* (H_0) – os fatores das linhas são estatisticamente independentes das variantes das colunas, ou seja, não há uma relação significativa entre eles;
- b) a *hipótese alternativa* (H_1) – os fatores das linhas não são estatisticamente independentes das variantes das colunas, isto é, a relação entre eles é significativa;
- c) o *nível de significância* (*nível* α) – o limite estabelecido para determinar a significância estatística é de 0,05 (se *p-Valor* $\leq \alpha$, rejeita-se H_0 ; se *p-Valor* $\geq \alpha$, acata-se H_0).

Antecipamos, desde já, que o cálculo do teste qui-quadrado realizado para as 48 tabelas constantes nesta seção apontou p-Valores maiores que o nível alfa usual de 0,05. Consequentemente, acatamos a H_0 para todos os casos, já que inexistia uma relação de dependência significativa entre os fatores dos grupos de fatores e as variantes linguísticas elicitadas para as perguntas – de todo modo, o(a) leitor(a) poderá observar tais resultados estatísticos sempre abaixo dessas tabelas. Em outras palavras, verificamos que o sexo, a idade e a orientação sexual não influenciam o conhecimento das unidades lexicais erótico-obscenas, podendo a similaridade linguística na disponibilidade dessas lexias entre homens e mulheres, mais novos(as) e mais velhos(as), bissexuais, heterossexuais e homossexuais ser fruto do acaso ou de uma possível norma lexical regional.

Seccionamos esta seção em sete subseções, correspondentes à divisão semântica das perguntas do QSL: na subseção 4.2.1, tratamos os dados da pergunta 1, referente à *importunação sexual*; na subseção 4.2.2, examinamos os dados das perguntas 2 e 3, concernentes à *masturbação*; na subseção 4.2.3, analisamos os dados das perguntas 4 e 5, tocantes ao *sexo oral*; na subseção 4.2.4, discutimos os dados das perguntas 6, 7 e 8, sobre o *sexo vaginal e/ou anal (com ou sem orgasmo)*; na subseção 4.2.5, exploramos os dados das perguntas 9, 10 e 11, ligadas à *relação sexual (LGBTQIAPN+)*; na subseção 4.2.6, avaliamos os dados das perguntas 12, 13, 14 e 15, voltadas às *práticas e costumes sexuais ditos da*

comunidade LGBTQIAPN+; e, na subseção 4.2.7, abordamos os dados da pergunta 16, relativa à transmissão do HIV.

4.2.1 Importunação sexual

Nesta subseção, apresentamos as análises semântico-lexical e sociolinguística das respostas atribuídas ao conceito encerrado na pergunta 1 do QSL, referente à primeira divisão semântica realizada, isto é, a *importunação sexual*.

Abaixo, expomos a pergunta em questão, o total de variantes elicitadas por ela, cada uma delas e, entre parênteses, o seu número de ocorrência(s):

1. Qual(Quais) palavra(s) e/ou expressão(ões) você conhece para o ato de encostar, geralmente por trás de uma pessoa (e algumas vezes em local público), e esfregar, com intenções libidinosas/voluptuosas, as coxas e/ou nádegas dela?

Variantes (26): *agarrar por trás* (1)¹⁹⁷, *apalpar* (1), *atiçar* (1), *bolinar/bulinar* (5)¹⁹⁸, *carcar* (1), *creu* (1), *dar uma sarrada* (1), *deslizar* (1), *encaixar* (2), *encoxada* (2), *enco(u)zar* (17), *en(r)rabar* (3), *esfrega esfrega* (1), *(se) esfregar* (8), *grudar* (1), *imbicar* (1), *pegar por trás* (1), *pirocar* (1), *provocação* (1), *raspar* (2), *relada* (1), *relar* (2), *roçar* (8), *sarração* (1), *sarrar* (16), *tocar* (1).

Podemos observar casos de variação diamésica¹⁹⁹ em 5 lexias, todas grafadas conforme normalmente são pronunciadas:

- a) *bolinar* ~ *bulinar* – troca da vogal *o* pela vogal *u*; em dados de fala, essa variação fonética caracteriza-se pelo alçamento da vogal média alta posterior arredondada [o] para a vogal alta posterior arredondada [u], [bo.li.'nah] ~ [bu.li.'nah];
- b) *creu* (~ *créu*) – ausência do acento agudo (´)²⁰⁰;
- c) *encoxar* ~ *encouzar* – acréscimo da vogal *u*, formando um ditongo; em dados de fala, essa variação trata-se da adição de fonema em posição medial (epêntese), no caso em questão, [ɔ], semivogal ou glide²⁰¹;

¹⁹⁷ Recapitulando, número de ocorrência único e sem **negrito** simboliza casos de *hápx legomena*.

¹⁹⁸ Relembrando, número de ocorrências (e porcentagens) em **negrito** representam repetições de lexias entre os fatores do(s) grupo(s) de fatores.

¹⁹⁹ Conforme mencionamos na Metodologia, não coletamos dados falados, apenas escritos.

²⁰⁰ Fica-se a dúvida se, em termos de pronúncia, a respondente produz um [e] – ['kreu] – no lugar de [ɛ] – ['kreu] –, isto é, respectivamente, uma vogal média alta anterior não-arredondada por uma vogal média baixa anterior não-arredondada.

²⁰¹ Não estamos tratando os casos de variação diamésica como metaplasmos, uma vez que não os consideramos casos de mudanças fonéticas, por exemplo [en.ko.'fah] > [en.kou.'fah], cujo sinal > é empregado em casos de mudanças.

- d) *enrabar* ~ *enrrabar* – inserção de mais uma consoante *r*; possível caso de hipercorreção, com o aumento de mais um *r* gráfico para representar o som da consoante fricativa glotal desvozeada [h], [en.ha.'bah];
- e) *esfrega esfrega* (~ *esfrega-esfrega*) – sem a presença do hífen (-)²⁰².

No que tange ao total, ao número de ocorrência(s) e às respectivas unidades lexicais fornecidas por participantes do SM e do SF, exibimo-las(os) a seguir:

SM (14): *atiçar* (1), *bulinar* (3), *carcar* (1), *encaixar* (1), *enco(u)uxar* (8), *en(r)rabar* (2), *esfrega esfrega* (1), *(se) esfregar* (5), *grudar* (1), *imbicar* (1), *pegar por trás* (1), *relar* (2), *roçar* (4), *sarrar* (8).

SF (19): *agarrar por trás* (1), *apalpar* (1), *bolinar/bulinar* (2), *creu* (1), *dar uma sarrada* (1), *deslizar* (1), *encaixar* (1), *encoxada* (2), *encoxar* (9), *enrabar* (1), *(se) esfregar* (3), *pirocar* (1), *provocação* (1), *raspar* (2), *relada* (1), *roçar* (4), *sarração* (1), *sarrar* (8), *tocar* (1).

Excluídos os *hápax legomena*, dispomos, na Tabela 3, em ordem decrescente de frequência, os itens lexicais obtidos de cada um dos dois sexos, com seus respectivos números de ocorrências e porcentagens:

Tabela 3 - Vars., nº de ocs. e % obtidas para a pergunta 1, segundo o grupo de fatores sexo biológico

Sexo masculino			Sexo feminino		
Variante	Nº de ocs.	%	Variante	Nº de ocs.	%
<i>enco(u)uxar</i>	8	24,24	<i>encoxar</i>	9	28,12
<i>sarrar</i>	8	24,24	<i>sarrar</i>	8	25,00
<i>(se) esfregar</i>	5	15,15	<i>roçar</i>	4	12,50
<i>roçar</i>	4	12,12	<i>(se) esfregar</i>	3	9,37
<i>bulinar</i>	3	9,09	<i>bolinar/bulinar</i>	2	6,25
<i>en(r)rabar</i>	2	6,06	<i>encoxada</i>	2	6,25
<i>relar</i>	2	6,06	<i>raspar</i>	2	6,25
<i>encaixar</i>	1	3,03	<i>encaixar</i>	1	3,12
-	-	-	<i>enrabar</i>	1	3,12
Total = 8	33	100%	Total = 9	32	100%

Fonte: Elaboração própria.

→ Estatística Qui-Quadrado: 0,169 / p-Valor: 0,918 / Graus de Liberdade (df): 2

Observa-se que a diferença no número total de ocorrências das variantes entre os sexos é de apenas 1: 33 nos dados dos homens e 32 nos das mulheres. Ademais, a lexia *relar* (2 =

²⁰² Que não é pronunciado, mas, nos termos das gramáticas tradicionais (normativas), deve ser empregado graficamente “em palavras compostas cujos elementos conservam sua autonomia fonética e acentuação própria, mas perderam sua significação individual para constituir uma unidade semântica, um conceito único” (Cegalla, 2008, p. 81; Cunha; Cintra, 2017, p. 80).

6,06%) apareceu somente nos dados masculinos, enquanto *encoxada* (2 = 6,25%) e *raspar* (2 = 6,25%) ocorreram exclusivamente nos femininos.

No que se refere à variável idade, os(as) participantes de cada faixa etária proveram 16 unidades lexicais:

FE1 (16): *apalpar* (1), *atiçar* (1), *bolinar/bulinar* (4), *deslizar* (1), *encaixar* (2), *enco(u)xar* (6), *enrabar* (1), *esfrega esfrega* (1), *(se) esfregar* (5), *grudar* (1), *imbicar* (1), *provocação* (1), *raspar* (2), *roçar* (5), *sarrar* (10), *tocar* (1).

FE2 (16): *agarrar por trás* (1), *bulinar* (1), *carcar* (1), *creu* (1), *dar uma sarrada* (1), *encoxada* (2), *encoxar* (11), *en(r)rabar* (2), *(se) esfregar* (3), *pegar por trás* (1), *pirocar* (1), *relada* (1), *relar* (2), *roçar* (3), *sarração* (1), *sarrar* (6).

Na Tabela 4, ilustramos – sempre sem os *hápax legomena* e em ordem decrescente de frequência – as variantes da FE1 e da FE2, e os números absolutos e relativos equivalentes a elas:

Tabela 4 - Vars., nº de ocs. e % obtidas para a pergunta 1, segundo o grupo de fatores faixa etária

Faixa etária 1 (18 a 24 anos)			Faixa etária 2 (25 a 39 anos)		
Variantes	Nº de ocs.	%	Variantes	Nº de ocs.	%
<i>sarrar</i>	10	28,57	<i>encoxar</i>	11	36,66
<i>enco(u)xar</i>	6	17,14	<i>sarrar</i>	6	20,00
<i>(se) esfregar</i>	5	14,28	<i>(se) esfregar</i>	3	10,00
<i>roçar</i>	5	14,28	<i>roçar</i>	3	10,00
<i>bolinar/bulinar</i>	4	11,42	<i>encoxada</i>	2	6,66
<i>encaixar</i>	2	5,71	<i>en(r)rabar</i>	2	6,66
<i>raspar</i>	2	5,71	<i>relar</i>	2	6,66
<i>enrabar</i>	1	2,85	<i>bulinar</i>	1	3,33
Total = 8	35	100%	Total = 8	30	100%

Fonte: Elaboração própria.

→ Estatística Qui-Quadrado: 0,523 / p-Valor: 0,769 / Graus de Liberdade (df): 2

Acerca do número total de ocorrências, os(as) respondentes da FE2 produziram 30, cinco a menos do que os(as) participantes da FE1 (35). Além disso, *encaixar* (2 = 5,71%) e *raspar* (2 = 5,71%) apareceram apenas nos dados dos(as) mais jovens, enquanto *encoxada* (2 = 6,66%) e *relar* (2 = 6,66%) figuraram exclusivamente nos dos(as) mais velhos(as).

Finalmente, a respeito da variável independente orientação sexual, pessoas bissexuais elicitaram 14 variantes; pessoas heterossexuais, por sua vez, 12; e, por último, pessoas homossexuais, 13:

Bi (14): *atiçar* (1), *bolinar/bulinar* (2), *creu* (1), *dar uma sarrada* (1), *encoxar* (6), *en(r)rabar* (2), *esfrega esfrega* (1), *pegar por trás* (1), *pirocar* (1), *raspar* (1), *roçar* (4), *sarração* (1), *sarrar* (7), *se esfregar* (2).

He (12): *apalpar* (1), *bulinar* (2), *deslizar* (1), *encaixar* (2), *enco(u)xar* (6), *enrabar* (1), *esfregar* (4), *raspar* (1), *relar* (1), *roçar* (2), *sarrar* (4), *tocar* (1).

Ho (13): *agarrar por trás* (1), *bulinar* (1), *carcar* (1), *encoxada* (2), *encoxar* (5), *esfregar* (2), *grudar* (1), *imbicar* (1), *provocação* (1), *relada* (1), *relar* (1), *roçar* (2), *sarrar* (5).

A Tabela 5 apresenta as variantes fornecidas por participantes de cada orientação sexual, com seus respectivos números de ocorrências e porcentagens (também em ordem decrescente e sem os *hápax legomena*):

Tabela 5 - Vars., nº de ocs. e % obtidas para a pergunta 1, segundo o grupo de fatores orientação sexual

Bissexualidade			Heterossexualidade			Homossexualidade		
Variantes	Nº de ocs.	%	Variantes	Nº de ocs.	%	Variantes	Nº de ocs.	%
<i>sarrar</i>	7	29,16	<i>enco(u)xar</i>	6	26,08	<i>encoxar</i>	5	27,77
<i>encoxar</i>	6	25,00	<i>esfregar</i>	4	17,39	<i>sarrar</i>	5	27,77
<i>roçar</i>	4	16,66	<i>sarrar</i>	4	17,39	<i>encoxada</i>	2	11,11
<i>bolinar/bulinar</i>	2	8,33	<i>bulinar</i>	2	8,69	<i>esfregar</i>	2	11,11
<i>en(r)rabar</i>	2	8,33	<i>encaixar</i>	2	8,69	<i>roçar</i>	2	11,11
<i>se esfregar</i>	2	8,33	<i>roçar</i>	2	8,69	<i>bulinar</i>	1	5,55
<i>raspar</i>	1	4,16	<i>enrabar</i>	1	4,34	<i>relar</i>	1	5,55
-	-	-	<i>raspar</i>	1	4,34	-	-	-
-	-	-	<i>relar</i>	1	4,34	-	-	-
Total = 7	24	100%	Total = 9	23	100%	Total = 7	18	100%

Fonte: Elaboração própria.

→ Estatística Qui-Quadrado: 0,719 / p-Valor: 0,949 / Graus de Liberdade (df): 4

Sobre o número total de ocorrências das variantes, bissexuais forneceram 24, heterossexuais 23 e homossexuais 18, sendo 6 e 5 a menos, respectivamente, em relação às outras duas orientações sexuais. Ademais, a lexia *encaixar* (2 = 8,69%) figura apenas na orientação sexual He, enquanto *encoxada* (2 = 11,11%) aparece somente na Ho. Relativamente ao compartilhamento do conhecimento acerca de variantes erótico-obscuras entre as orientações sexuais, heterossexuais partilham com bissexuais o conhecimento das unidades lexicais *en(r)rabar* e *raspar* (com sombreado em azul) e, com os homossexuais, unicamente o item lexical *relar* (com sombreado em amarelo).

Conforme comentamos no capítulo 3, o verbo *bolinar* foi tomado como lexia-base para a consulta das acepções nos dicionários e para a formulação da pergunta 1. Como pôde ser visto, a unidade lexical não foi a mais significativa nos dados, com apenas 5 ocorrências. Segundo informações constantes em Preti (1983, p. 46), o vocábulo *bolina* – “indivíduo que,

nos veículos, procurava contatos desrespeitosos com as mulheres”²⁰³ – começou a ganhar popularidade, destaque ou aceitação ao fim do século XIX (1892) e início do XX (1901).

A *bolinagem* parece ter se difundido com o surgimento dos bondes no Rio de Janeiro (antiga capital do Brasil). De acordo com Preti,

quanto aos transportes coletivos, sabemos que, desde os últimos anos do século, o bonde, que surgira em 1868, passara a ser elétrico. Como poucas famílias possuíam carruagens particulares, esse tipo de transporte popularizou-se rapidamente entre as classes média e baixa da população. O bonde, além de facilitar o transporte entre as várias partes da cidade, significava também a possibilidade de comunicação, de novos conhecimentos, de amizades e de namoros. Os bancos comuns para vários passageiros tornaram possíveis intimidades entre eles, pelo próprio contato físico (Preti, 1983, p. 46).

Pesquisando os lemas *bolinar*, *encoxar* e *sarrar* (sendo esses dois últimos os mais recorrentes nos dados) em dicionários, foi possível levantar algumas outras informações (marcas de uso e datas de registro):

Quadro 2 - Rubricas apostas às lexias *bolinar*, *encoxar* e *sarrar* nas obras lexicográficas consultadas

Lexia/Dicionário	Aulete	Dicio	Houaiss ²⁰⁴	Michaelis	Priberam
<i>bolinar</i> (5 ocs.)	Bras. Vulg.	[Brasil] Pop.	1911B; infrm.	COLOQ.	[Brasil, Informal]
<i>encoxar</i> (17 ocs.)	X ²⁰⁵	X	B; infrm. ou tab.	X	[Brasil, Informal]
<i>sarrar</i> (16 ocs.)	- ²⁰⁶	[Popular]	sXXB; infrm. ou tab.	VULG	[Brasil, Informal]

Fonte: Elaboração própria.

Verifica-se ausência de padronização quanto à etiquetagem dos lemas nos dicionários, fato que não é novidade e converge com os achados de Orsi e Bueno (2014), Bueno e Orsi (2014), Orsi (2021) e Bertonha e Zavaglia (2022). Nota-se ainda que a datação de *bolina(r)* constante em Preti, 1892-1901 (sécs. XIX-XX), se aproxima a de *Houaiss*, 1911 (séc. XX). *Sarrar* também possui como datação o século XX e *encoxar* não é datada, ainda de acordo com *Houaiss*. *Corpora* poderiam fornecer datações mais precisas dessas lexias; no entanto, palavras-tabu são pouco utilizadas, o que pode resultar na escassez de registros e na dificuldade de rastrear sua origem com precisão²⁰⁷.

Três coisas, contudo, são mais certas: (i) a unidade lexical *bolinar* (5 ocs.) está menos disponível se comparada a *encoxar* (17 ocs.) e a *sarrar* (16 ocs.); (ii) essas duas últimas, mais

²⁰³ No contexto brasileiro, essa realidade infelizmente ainda se mantém forte: são comuns os casos em que mulheres são apalradas, beijadas, ejaculadas, lambidas, etc. por homens em transportes públicos (balsas, metrô, ônibus) ou em festas públicas (carnaval, *réveillon*).

²⁰⁴ Ao deixar a datação da entrada com o rótulo, não estamos querendo dizer que a lexia seja tabu desde 1569 (mas muito provavelmente o é), mas, sim, apenas constar o primeiro registro fornecido pelo lexicógrafo.

²⁰⁵ X = não dicionarizada.

²⁰⁶ - = dicionarizada, sem a aceção desejada.

²⁰⁷ Ao consultarmos as três unidades lexicais no *Linguatca* e no *Corpus do Português: Web/Dialects*, notamos a ausência ou a baixíssima frequência delas.

recorrentes nos dados, são tidas como formas coloquiais, informais, populares, tabus e vulgares; e (iii) o estigma atribuído socialmente às palavras-tabu e a pudicícia dos lexicógrafos quanto à dicionarização delas são fatores que complexificam a análise da variação (e mudança) de palavras. Vimos que os tabus influenciam a variação e mudança linguísticas (Ullmann, 1964; Rodríguez, 2000; Ortiz-Alvarez, 2007; Almeida, 2007), portanto, torna-se complexo estudá-las se não há registros de palavras²⁰⁸ e expressões tabuísticas em *corpora* ou até mesmo em dicionários.

Apresentadas a descrição e a análise dos dados e a respectiva discussão dos resultados concernentes à primeira pergunta do QSL, referente à divisão semântica *importunação sexual*, passemos à próxima subseção.

4.2.2 Masturbação

Discorreremos, nesta subseção, sobre os dados semântico-lexicais e sociolinguísticos obtidos para as perguntas 2 e 3 do QSL, que se relacionam à segunda divisão semântica por nós realizada, ou seja, a *masturbação*.

A seguir, apresentamos a pergunta 2, sobre a masturbação masculina, o total de variantes produzidas por ela, cada uma delas e, entre parênteses, a sua frequência:

2. Qual(Quais) palavra(s) e/ou expressão(ões) você conhece para o ato de estimular, com a mão ou objetos adequados, o pênis (de outrem ou de si mesmo) para obter prazer sexual e/ou provocar um orgasmo?

Variantes (47): *acariciar o pimpolho* (1), *afiar a flauta* (1), *afogar o ganso* (1), *agitar o iogurte* (1), *alisar o palhaço* (1), *arranca uma* (1), *balançar o chocalho* (1), *bater bolo* (3), *bater uma* (13), *bater uma bronha* (2), *bater (uma) punheta* (8), *bronha* (3), *carinhar o menino* (1), *cinco contra um/5 contra 1/5 x 1* (9), *descabeçar o palhaço* (1), *descabelar o palhaço* (10), *descascar a banana* (1), *descascar a mandioca* (2), *despentear o palhaço* (1), *esfregar uma* (1), *estimular* (1), *fap/fap fap* (2), *fapar* (1), *fazer um carinho* (1), *gloriosa* (2), *lustrar a vara* (1), *lustrar o mastro* (1), *lustrar o taco* (1), *mão amiga* (1), *massagear o charuto* (1), *masturbação* (8), *masturbar* (14), *meter mão na marcha* (1), *onanismo* (1), *passar marcha* (1), *pegada na ferramenta* (1), *polir o manete* (1), *preparar o leite* (1), *punheta/punhetinha* (14), *punhetar* (1), *socar (uma)* (2), *tirar leite* (1), *tirar uma* (2), *(se) tocar* (2), *tocar uma* (2), *trabalho manual* (1), *umazinha* (1).

Constata-se nos dados:

- a) a ausência do *r* gráfico em *arranca uma* (~ *arrancar uma*), que pode ser um erro de digitação durante o preenchimento do QSL ou o fornecimento de uma forma substantiva; em dados de fala, isso é reflexo da queda da consoante fricativa glotal desvozeada [h] em verbos no infinitivo [a.hã.'kah] ~ [a.hã.'ka];

²⁰⁸ Nas raras vezes em que utilizarmos *palavra(s)* neste capítulo, estaremos nos referindo ao seu sentido comum.

- b) um caso de aférese (supressão de sílaba em início de palavra) em *carinhar o menino* (~ *acarinhar o menino*), no qual nota-se a omissão da vogal baixa central não arredondada [a], [a.ka.ri.'ỹah] ~ [ka.ri.'ỹah];
- c) uma onomatopeia que imita o som associado ao ato da masturbação, *fap fap* (~ *fap-fap*), provinda do substantivo inglês *fap*²⁰⁹ (= *punheta*; *to fap* = *bater uma punheta*), e a sua abasileirização em verbo *fapar*, com a terminação no infinitivo;
- d) a presença de um verbo denominal *punhetar*, do substantivo feminino *punheta*, dicionarizado apenas no *Priberam* como “**verbo transitivo, intransitivo e pronominal** [Tabuísmo] Estimular o pênis com a mão e com os dedos para obtenção de prazer sexual. = BATER PUNHETA, MASTURBAR”; Rodríguez (2000), como vimos no capítulo 2, relata que empréstimos e substantivação de adjetivos estão entre os mecanismos de substituição do item lexical tabuizado; diríamos que a verbalização de substantivos (derivação por meio de sufixos)²¹⁰ também funciona como recurso substituidor – *punheta* → *punhetar*; *fap* → *fapar*; *siririca* → *siriricar*; *língua* → *linguar*; *marmita* → *marmitar*; *buceta* → *bucetear*.

É interessante notar também a variabilidade das expressões fraseológicas composta por:

- a) *V + o palhaço* – *alisar o palhaço*, *descabeçar o palhaço*, *descabelar o palhaço*, *despentear o palhaço*; nenhuma delas dicionarizada;
- b) *bater (+Art_{indef}) + N* – *bater bolo*, *bater (uma) bronha*, *bater (uma) punheta*; apenas *bater (uma) punheta* documentada;
- c) *descascar a + N* – *descascar a banana*, *descascar a mandioca*; nenhuma delas registrada;
- d) *lustrar + Art_{def} + N* – *lustrar a vara*, *lustrar o mastro*, *lustrar o taco*; nenhuma delas dicionarizada²¹¹;

²⁰⁹ Na língua inglesa, a flexibilidade (ou a menor marcação) morfológica permite que as palavras sejam utilizadas em diferentes funções sem alterações de forma. O substantivo *nurse* (*enfermeira(o)*), por exemplo, pode ser convertido em verbo: *Niko, come over here and nurse me!* (*Niko, venha até aqui e cuide de mim!*).

²¹⁰ Não se trata de casos de derivação regressiva, pois esse processo forma substantivos deverbais, e nem derivação imprópria, já que há mudanças morfológicas.

²¹¹ Durante a defesa/arguição, nos foi questionado pela membra da comissão examinadora os motivos de elas não estarem registradas. Dentre os possíveis, elencamos: a frequência de uso na língua, a pudicícia dos dicionaristas, a restrição geográfica, a estigmatização e o baixo prestígio atribuídos a tais formas pela sociedade, o conceito a que se referem, etc. Diante dessa multiplicidade de hipóteses, é necessária uma pesquisa que analise esses possíveis fatores.

Também vimos no capítulo 2 que as expressões idiomáticas têm múltiplas funções: expressar intenções estilísticas, nuances sentimentais e sutilezas do pensamento, além de provocar efeitos de sentido disfemísticos, eufemísticos, enfáticos ou irônicos (Xatara; Oliveira, 2002; Ortiz-Alvarez, 2007). Mais estudos (socio)linguísticos que focalizem esses sintagmas cristalizados e também seu registro em obras lexicográficas são essenciais para compreendermos a sua variabilidade, bem como os juízos de valor e estereótipos culturais a eles imbuídos.

No que se refere ao total, ao número de ocorrência(s) e aos respectivos itens lexicais elicitados por respondentes do SM e SF, expomo-los abaixo:

SM (35): *afiar a flauta* (1), *agitar o iogurte* (1), *arranca uma* (1), *balançar o chocalho* (1), *bater bolo* (2), *bater uma* (7), *bater uma bronha* (2), *bater (uma) punheta* (3), *bronha* (2), *carinhar o menino* (1), *cinco contra um/5 x 1* (5), *descabeçar o palhaço* (1), *descabelar o palhaço* (7), *descascar a banana* (1), *descascar a mandioca* (2), *esfregar uma* (1), *fap/fap fap* (2), *gloriosa* (2), *lustrar a vara* (1), *lustrar o mastro* (1), *lustrar o taco* (1), *mão amiga* (1), *massagear o charuto* (1), *masturbação* (4), *masturbar* (6), *passar marcha* (1), *polir o manete* (1), *punheta* (7), *punhetar* (1), *socar (uma)* (2), *tirar leite* (1), *tirar uma* (1), *tocar* (1), *tocar uma* (2), *umazinha* (1).

SF (23): *acariar o pimpolho* (1), *afogar o ganso* (1), *alisar o palhaço* (1), *bater bolo* (1), *bater punheta* (5), *bater uma* (6), *bronha* (1), *cinco contra um/5 contra 1/5 x 1* (4), *descabelar o palhaço* (3), *despentear o palhaço* (1), *estimular* (1), *fapar* (1), *fazer um carinho* (1), *masturbação* (4), *masturbar* (8), *meter mão na marcha* (1), *onanismo* (1), *pegada na ferramenta* (1), *preparar o leite* (1), *punheta/punhetinha* (7), *se tocar* (1), *tirar uma* (1), *trabalho manual* (1).

Na Tabela 6, oferecemos as variantes elicitadas de cada um dos dois sexos, a frequência delas no *corpus* e as suas porcentagens:

Tabela 6 - Vars., nº de ocs. e % obtidas para a pergunta 2, segundo o grupo de fatores sexo biológico

Sexo masculino			Sexo feminino		
Variantes	Nº de ocs.	%	Variantes	Nº de ocs.	%
<i>bater uma</i>	7	12,28	<i>masturbar</i>	8	19,51
<i>descabelar o palhaço</i>	7	12,28	<i>punheta/punhetinha</i>	7	17,07
<i>punheta</i>	7	12,28	<i>bater uma</i>	6	14,63
<i>masturbar</i>	6	10,52	<i>bater punheta</i>	5	12,19
<i>cinco contra um/5 x 1</i>	5	8,77	<i>cinco contra um/5 contra um/5 x 1</i>	4	9,75
<i>masturbação</i>	4	7,01	<i>masturbação</i>	4	9,75
<i>bater (uma) punheta</i>	3	5,26	<i>descabelar o palhaço</i>	3	7,31
<i>bater bolo</i>	2	3,50	<i>bater bolo</i>	1	2,43
<i>bater uma bronha</i>	2	3,50	<i>bronha</i>	1	2,43
<i>bronha</i>	2	3,50	<i>se tocar</i>	1	2,43
<i>descascar a mandioca</i>	2	3,50	<i>tirar uma</i>	1	2,43
<i>fap/fap fap</i>	2	3,50	-	-	-
<i>gloriosa</i>	2	3,50	-	-	-
<i>socar (uma)</i>	2	3,50	-	-	-
<i>tocar uma</i>	2	3,50	-	-	-
<i>tirar uma</i>	1	1,75	-	-	-
<i>tocar</i>	1	1,75	-	-	-

Total = 17	57	100%	Total = 11	41	100%
------------	----	------	------------	----	------

Fonte: Elaboração própria.

→ Estatística Qui-Quadrado: 0,143 / p-Valor: 0,930 / Graus de Liberdade (df): 2

Enquanto o hipocorístico *punhetinha* apareceu apenas dos dados femininos, o estrangeirismo *fap/fap fap* constou somente nos masculinos. Ambos são recursos substituidores de palavras-tabu, consoante Guérios (1956, 1979). Além disso, as sinonímias (também um processo de substituição, conforme o estudioso supramencionado) para a *masturbação – bater uma bronha* (2 = 3,50%), *descascar a mandioca* (2 = 3,50%), *fap/fap fap* (2 = 3,50%), *gloriosa* (2 = 3,50%), *socar (uma)* (2 = 3,50%) e *tocar uma* (2 = 3,50%) – ocorreram unicamente no SM. O SF não produziu nenhuma unidade lexical exclusiva. Por fim, a diferença no número total de ocorrências entre um sexo biológico e o outro foi de 16: 57 para os homens e 41 para as mulheres.

Esses dois últimos resultados – o SM produzir 6 variantes exclusivas e 16 ocorrências a mais do que o SF – podem se justificar devido ao fato de o conceito encerrado na pergunta se referir à masturbação masculina, uma prática historicamente mais discutida e, de certa forma, mais naturalizada em comparação à feminina. Tal assimetria pode estar atrelada a fatores socioculturais, como a maior permissividade em relação à sexualidade masculina e a menor visibilidade ou até estigmatização da feminina. Esse contexto favorece uma maior disponibilidade lexical no grupo de falantes do SM, refletindo padrões discursivos e tabus ainda presentes na sociedade. Em Preti (1983, p. 167), os clichês do séc. XX envoltos a prática interligavam-na ao sexo masculino: “coisa que os meninos fazem”.

No que tange ao condicionador extralinguístico idade, os(as) respondentes da FE1 forneceram 38 variantes e os(as) da FE2 21 (17 a menos):

FE1 (38): *afiar a flauta* (1), *afogar o ganso* (1), *agitar o iogurte* (1), *arranca uma* (1), *balançar o chocalho* (1), *bater bolo* (2), *bater punheta* (4), *bater uma* (8), *bronha* (2), *carinhar o menino* (1), *cinco contra um* (3), *descabeçar o palhaço* (1), *descabelar o palhaço* (7), *descascar a banana* (1), *descascar a mandioca* (2), *despentear o palhaço* (1), *esfregar uma* (1), *estimular* (1), *fap/fap fap* (2), *fapar* (1), *gloriosa* (2), *lustrar a vara* (1), *lustrar o mastro* (1), *lustrar o taco* (1), *mão amiga* (1), *massagear o charuto* (1), *masturbação* (4), *masturbar* (7), *onanismo* (1), *passar marcha* (1), *polir o manete* (1), *punheta* (6), *socar* (1), *tirar leite* (1), *tirar uma* (1), *(se) tocar* (2), *tocar uma* (1), *umazinha* (1).

FE2 (21): *acariciar o pimpolho* (1), *alisar o palhaço* (1), *bater bolo* (1), *bater uma* (5), *bater uma bronha* (2), *bater (uma) punheta* (4), *bronha* (1), *cinco contra um/5 contra 1/5 x 1* (6), *descabelar o palhaço* (3), *fazer um carinho* (1), *masturbação* (4), *masturbar* (7), *meter mão na marcha* (1), *pegada na ferramenta* (1), *preparar o leite* (1), *punheta/punhetinha* (8), *punhetar* (1), *socar uma* (1), *tirar uma* (1), *tocar uma* (1), *trabalho manual* (1).

Essa diferença de 17 variantes aponta para uma maior disponibilidade lexical entre os(as) jovens para o conceito em pauta, o que pode estar relacionado a fatores que influenciam

diretamente o conhecimento de determinadas lexias do repertório linguístico dessa faixa etária, tais como os grupos de que participam, as mídias que consomem (filmes, séries, músicas), as redes sociais que usam, etc.

Mostramos, na Tabela 7, os itens lexicais da FE1 e da FE2, e a frequência e a porcentagem de cada um deles:

Tabela 7 - Vars., nº de ocs. e % obtidas para a pergunta 2, segundo o grupo de fatores faixa etária

Faixa etária 1 (18 a 24 anos)			Faixa etária 2 (25 a 39 anos)		
Variantes	Nº de ocs.	%	Variantes	Nº de ocs.	%
<i>bater uma</i>	8	14,81	<i>punheta/punheta</i>	8	18,18
<i>descabelar o palhaço</i>	7	12,96	<i>masturbar</i>	7	15,90
<i>masturbar</i>	7	12,96	<i>cinco contra um/5 contra 1/5 x 1</i>	6	13,63
<i>punheta</i>	6	11,11	<i>bater uma</i>	5	11,36
<i>bater punheta</i>	4	7,40	<i>bater (uma) punheta</i>	4	9,09
<i>masturbação</i>	4	7,40	<i>masturbação</i>	4	9,09
<i>cinco contra um</i>	3	5,55	<i>descabelar o palhaço</i>	3	6,81
<i>bater bolo</i>	2	3,70	<i>bater uma bronha</i>	2	4,54
<i>bronha</i>	2	3,70	<i>bater bolo</i>	1	2,27
<i>descascar a mandioca</i>	2	3,70	<i>bronha</i>	1	2,27
<i>fap/fap fap</i>	2	3,70	<i>socar uma</i>	1	2,27
<i>gloriosa</i>	2	3,70	<i>tirar uma</i>	1	2,27
<i>(se) tocar</i>	2	3,70	<i>tocar uma</i>	1	2,27
<i>socar</i>	1	1,85	-	-	-
<i>tirar uma</i>	1	1,85	-	-	-
<i>tocar uma</i>	1	1,85	-	-	-
Total = 16	54	100%	Total = 13	44	100%

Fonte: Elaboração própria.

→ Estatística Qui-Quadrado: 0,053 / p-Valor: 0,973 / Graus de Liberdade (df): 2

É curioso notar que *punheta*, além de constar nos dados do SF, apareceu nos dados da FE2, ou seja, mulheres de mais idade forneceram essa forma diminutiva. Lembremos que mulheres tendem a ser mais eufêmicas, mas não pessoas mais velhas (Correia, 1927; Morales, 2005). Ademais, ocorreram exclusivamente na FE1 as lexias *descascar a mandioca* (2 = 3,70%), *fap/fap fap* (2 = 3,70%), *gloriosa* (2 = 3,70%) e *(se) tocar* (2 = 3,70%), e na FE2 unicamente a lexia *bater uma bronha* (2 = 4,54%). Finalmente, o número total de ocorrências das variantes foi 54 para a FE1 e 44 para a FE2, uma diferença de 10 ocorrências.

Por fim, acerca do condicionador extralinguístico orientação sexual, bissexuais e heterossexuais produziram 22 variantes, e homossexuais 25:

Bi (22): *afogar o ganso* (1), *alisar o palhaço* (1), *bater bolo* (2), *bater punheta* (2), *bater uma* (5), *bater uma bronha* (1), *bronha* (1), *cinco contra um* (4), *descabelar o palhaço* (2), *despentear o palhaço* (1), *fap/fap fap* (2), *fapar* (1), *gloriosa* (1), *mão amiga* (1), *masturbação* (3), *masturbar* (6), *meter mão na marcha* (1), *punheta/punheta* (5), *socar* (1), *tirar uma* (1), *tocar uma* (1), *umazinha* (1).

He (22): *afiar a flauta (1), agitar o iogurte (1), bater uma (3), bater (uma) punheta (5), carinhar o menino (1), 5 contra 1 (2), descabelar o palhaço (4), descascar a mandioca (1), esfregar uma (1), estimular (1), gloriosa (1), lustrar a vara (1), lustrar o mastro (1), lustrar o taco (1), massagear o charuto (1), masturbação (3), masturbar (4), passar marcha (1), polir o manete (1), punheta (4), tirar leite (1), (se) tocar (2).*

Ho (25): *acariciar o pimpolho (1), arranca uma (1), balançar o chocalho (1), bater bolo (1), bater punheta (1), bater uma (5), bater uma bronha (1), bronha (2), cinco contra um/5 x 1 (3), descabeçar o palhaço (1), descabelar o palhaço (4), descascar a banana (1), descascar a mandioca (1), fazer um carinho (1), masturbação (2), masturbar (4), onanismo (1), pegada na ferramenta (1), preparar o leite (1), punheta (5), punhetar (1), socar uma (1), tirar uma (1), tocar uma (1), trabalho manual (1).*

Ilustramos, na Tabela 8, as unidades lexicais elicitadas por cada orientação sexual, com suas respectivas frequências e porcentagens:

Tabela 8 - Vars., nº de ocs. e % obtidas para a pergunta 2, segundo o grupo de fatores orientação sexual

Bissexualidade			Heterossexualidade			Homossexualidade		
Variantes	Nº de ocs.	%	Variantes	Nº de ocs.	%	Variantes	Nº de ocs.	%
<i>masturbar</i>	6	16,21	<i>bater (uma) punheta</i>	5	17,24	<i>bater uma</i>	5	15,62
<i>bater uma</i>	5	13,51	<i>descabelar o palhaço</i>	4	13,79	<i>punheta</i>	5	15,62
<i>punheta/punhetinha</i>	5	13,51	<i>masturbar</i>	4	13,79	<i>descabelar o palhaço</i>	4	12,50
<i>cinco contra um</i>	4	10,81	<i>punheta</i>	4	13,79	<i>masturbar</i>	4	12,50
<i>masturbação</i>	3	8,10	<i>bater uma</i>	3	10,34	<i>cinco contra um/5 x 1</i>	3	9,37
<i>bater bolo</i>	2	5,40	<i>masturbação</i>	3	10,34	<i>bronha</i>	2	6,25
<i>bater punheta</i>	2	5,40	<i>5 contra 1</i>	2	6,89	<i>masturbação</i>	2	6,25
<i>descabelar o palhaço</i>	2	5,40	<i>(se) tocar</i>	2	6,89	<i>bater bolo</i>	1	3,12
<i>fap/fap fap</i>	2	5,40	<i>descascar a mandioca</i>	1	3,44	<i>bater punheta</i>	1	3,12
<i>bater uma bronha</i>	1	2,70	<i>gloriosa</i>	1	3,44	<i>bater uma bronha</i>	1	3,12
<i>bronha</i>	1	2,70	-	-	-	<i>descascar a mandioca</i>	1	3,12
<i>gloriosa</i>	1	2,70	-	-	-	<i>socar uma</i>	1	3,12
<i>socar</i>	1	2,70	-	-	-	<i>tirar uma</i>	1	3,12
<i>tirar uma</i>	1	2,70	-	-	-	<i>tocar uma</i>	1	3,12
<i>tocar uma</i>	1	2,70	-	-	-	-	-	-
Total = 15	37	100%	Total = 10	29	100%	Total = 14	32	100%

Fonte: Elaboração própria.

→ Estatística Qui-Quadrado: 0,097 / p-Valor: 0,998 / Graus de Liberdade (df): 4

Acerca do número total de ocorrências, bissexuais produziram 37, homossexuais 32 e heterossexuais 29. Além do mais, a unidade lexical *fap/fap fap* (2 = 5,40%) aparece somente na orientação sexual Bi e *(se) tocar* (2 = 6,89%) apenas na He. A orientação sexual Ho não forneceu nenhum item lexical exclusivo. Quanto ao conhecimento de lexias erótico-obscenas

compartilhado entre as orientações sexuais, heterossexuais partilham com homossexuais apenas a variante *descascar a mandioca* (cf. sombreado em amarelo) e, com bissexuais, unicamente *gloriosa* (cf. sombreado em azul). Diferentemente, bissexuais compartilham com homossexuais o conhecimento de 6 unidades lexicais (cf. sombreado em rosa): *bater bolo*, *bater uma bronha*, *bronha*, *socar (uma)*, *tirar uma* e *tocar uma*.

Sobre a masturbação feminina, apresentamos, abaixo, a pergunta 3, o total de itens lexicais fornecidos para ela, cada um deles e, entre parênteses, o seu número de ocorrência(s):

3. Qual(Quais) palavra(s) e/ou expressão(ões) você conhece para o ato de estimular, com a mão ou objetos adequados, a vulva (de outrem ou de si mesma) para obter prazer sexual e/ou provocar um orgasmo?

Variantes (33): *aliviar a bonita* (1), *bater sininho* (1), *bater siririca* (6), *bater uma* (1), *brincar com a aranha* (1), *brincar com o grelinho* (1), *brincar de DJ* (3), *chupar buceta* (1), *dedada* (2), *dedar* (2), *dedilhar* (5), *dedinho* (1), *DJ* (9), *esfregar uma* (1), *estimulação clitoriana* (1), *estimular* (1), *fazer a florzinha chorar* (1), *fazer liquidificador* (1), *fazer (o) DJ* (3), *fazer o mel descer* (1), *lustrar o capô* (1), *masturbação* (7), *(se) masturbar(-se)* (11), *meter a mão* (1), *satisfazer a gata* (1), *se tocar* (2), *siririca* (15), *siriricar* (1), *tirar o estresse* (1), *tocar o sininho* (1), *tocar percussão* (1), *tocar uma* (5), *tocar (uma) siririca* (2).

Nos dados atinentes a essa pergunta, o verbo denominal *siriricar*, provindo do substantivo feminino *siririca*, caracteriza-se como um neologismo semântico²¹² (Alves, 1984, 1990; Ferraz, 2006)²¹³, visto que não consta registrado com a acepção desejada nos 5 dicionários por nós consultados: (i) *Aulete*, (ii) *Dicio*, (iii) *Houaiss*, (iv) *Michaelis* e (v) *Priberam*. *Siririca*, neles, recebe as respectivas marcas de uso (que nos é de maior interesse): (i) *Bras. Vulg.*, (ii) dicionarizado, sem a acepção desejada, (iii) *B; tab.*, (iv) *VULG* e (v) [*Brasil, Tabuísmo*].

As expressões idiomáticas compostas por *brincar + Prep (+ Art_{def}) + N* – *brincar com a aranha*, *brincar com o grelinho*, *brincar de DJ* –, por *fazer (+ Art_{def}) + N* – *fazer liquidificador*, *fazer (o) DJ* – e por *fazer + Art_{def} + N + V* – *fazer a florzinha chorar*, *fazer o mel descer* – mantêm certas semelhanças formais, remetem a um mesmo conceito, mas variam lexicalmente (nenhuma delas consta documentada nos dicionários).

Quanto ao total, à frequência e às variantes providas por respondentes do sexo masculino e feminino, exibimo-las(o) a seguir:

²¹² Ao pesquisar o verbo *siriricar* no *Google Trends*, notamos que a primeira busca é de junho de 2014 (16%). O interesse pela sua procura acentua-se apenas em setembro de 2021 (100%), logo, muito recentemente. A tendência atual, no entanto, é de 6%. Ele também não é documentado em Silva (1992), Fusaro (2001), Vip e Libi (2006) e Rodrigues e Andrade (2023). No entanto, em Vip e Libi (2006, p. 121), *siririca* é definido como a ‘masturbação feminina’.

²¹³ Existem três tipos de *neologia*: a *formal*, que cria neologismos por meio de mecanismos autóctones (processos provindos da própria língua, por exemplo, a *derivação* e a *composição*); a *semântica*, que cria neologismos através da atribuição (ou mudança) de novos significados a palavras já existentes na língua; e por *empréstimo*, que adota lexias estrangeiras para a própria língua (Alves, 1984, 1990; Ferraz, 2006).

SM (21): *aliviar a bonita* (1), *bater siririca* (1), *brincar de DJ* (2), *chupar buceta* (1), *dedada* (1), *dedar* (1), *dedilhar* (2), *DJ* (4), *esfregar uma* (1), *fazer a florzinha chorar* (1), *fazer o mel descer* (1), *lustrar o capô* (1), *masturbação* (3), *(se) masturbar(-se)* (4), *se tocar* (1), *siririca* (9), *siriricar* (1), *tirar o estresse* (1), *tocar o sininho* (1), *tocar uma* (3), *tocar (uma) siririca* (2).

SF (23): *bater sininho* (1), *bater siririca* (5), *bater uma* (1), *brincar com a aranha* (1), *brincar com o grelinho* (1), *brincar de DJ* (1), *dedada* (1), *dedar* (1), *dedilhar* (3), *dedinho* (1), *DJ* (5), *estimulação clitoriana* (1), *estimular* (1), *fazer liquidificador* (1), *fazer (o) DJ* (3), *masturbação* (4), *masturbar* (7), *meter a mão* (1), *satisfazer a gata* (1), *se tocar* (1), *siririca* (6), *tocar percussão* (1), *tocar uma* (2).

As lexias elicítadas de cada um dos fatores do grupo de fatores sexo, seus números de ocorrências e suas porcentagens constam na Tabela 9:

Tabela 9 - Vars., nº de ocs. e % obtidas para a pergunta 3, segundo o grupo de fatores sexo biológico

Sexo masculino			Sexo feminino		
Variante	Nº de ocs.	%	Variante	Nº de ocs.	%
<i>siririca</i>	9	27,27	<i>masturbar</i>	7	17,94
<i>DJ</i>	4	12,12	<i>siririca</i>	6	15,38
<i>(se) masturbar(-se)</i>	4	12,12	<i>bater siririca</i>	5	12,82
<i>masturbação</i>	3	9,09	<i>DJ</i>	5	12,82
<i>tocar uma</i>	3	9,09	<i>masturbação</i>	4	10,25
<i>brincar de DJ</i>	2	6,06	<i>dedilhar</i>	3	7,69
<i>dedilhar</i>	2	6,06	<i>fazer (o) DJ</i>	3	7,69
<i>tocar (uma) siririca</i>	2	6,06	<i>tocar uma</i>	2	5,12
<i>bater siririca</i>	1	3,03	<i>brincar de DJ</i>	1	2,56
<i>dedada</i>	1	3,03	<i>dedada</i>	1	2,56
<i>dedar</i>	1	3,03	<i>dedar</i>	1	2,56
<i>se tocar</i>	1	3,03	<i>se tocar</i>	1	2,56
Total = 12	33	100%	Total = 12	39	100%

Fonte: Elaboração própria.

→ Estatística Qui-Quadrado: 0,733 / p-Valor: 0,693 / Graus de Liberdade (df): 2

Ocorreu apenas no SM o item lexical *tocar (uma) siririca* (2 = 6,06%) e no SF *fazer (o) DJ* (3 = 7,69%). Apesar de o número de variantes fornecidas por ambos os sexos ser 12 (sem os *hápax legomena*), o número total de ocorrências deste foi de 39 e daquele 33.

Acerca do condicionador extralinguístico idade, os(as) participantes da FE1 produziram 22 variantes e os(as) da FE2 21:

FE1 (22): *aliviar a bonita* (1), *bater siririca* (4), *brincar de DJ* (1), *chupar buceta* (1), *dedar* (2), *dedilhar* (2), *DJ* (7), *esfregar uma* (1), *estimulação clitoriana* (1), *estimular* (1), *fazer a florzinha chorar* (1), *fazer DJ* (1), *fazer o mel descer* (1), *lustrar o capô* (1), *masturbação* (2), *(se) masturbar* (5), *siririca* (6), *siriricar* (1), *tirar o estresse* (1), *tocar o sininho* (1), *tocar siririca* (1), *tocar uma* (3).

FE2 (21): *bater sininho* (1), *bater siririca* (2), *bater uma* (1), *brincar com a aranha* (1), *brincar com o grelinho* (1), *brincar de DJ* (2), *dedada* (2), *dedilhar* (3), *dedinho* (1), *DJ* (2), *fazer liquidificador* (1), *fazer (o) DJ* (2),

masturbação (5), masturbar(-se) (6), meter a mão (1), satisfazer a gata (1), se tocar (2), siririca (9), tocar percussão (1), tocar uma (2), tocar uma siririca (1).

Na Tabela 10 constam as lexias obtidas pela FE1 e FE2, e a frequência e a porcentagem de cada uma delas:

Tabela 10 - Vars., nº de ocs. e % obtidas para a pergunta 3, segundo o grupo de fatores faixa etária

Faixa etária 1 (18 a 24 anos)			Faixa etária 2 (25 a 39 anos)		
Variantes	Nº de ocs.	%	Variantes	Nº de ocs.	%
<i>DJ</i>	7	20,58	<i>siririca</i>	9	23,68
<i>siririca</i>	6	17,64	<i>masturbar(-se)</i>	6	15,78
<i>(se) masturbar</i>	5	14,70	<i>masturbação</i>	5	13,15
<i>bater siririca</i>	4	11,76	<i>dedilhar</i>	3	7,89
<i>tocar uma</i>	3	8,82	<i>bater siririca</i>	2	5,26
<i>dedar</i>	2	5,88	<i>brincar de DJ</i>	2	5,26
<i>dedilhar</i>	2	5,88	<i>dedada</i>	2	5,26
<i>masturbação</i>	2	5,88	<i>DJ</i>	2	5,26
<i>brincar de DJ</i>	1	2,94	<i>fazer (o) DJ</i>	2	5,26
<i>fazer DJ</i>	1	2,94	<i>se tocar</i>	2	5,26
<i>tocar siririca</i>	1	2,94	<i>tocar uma</i>	2	5,26
-	-	-	<i>tocar uma siririca</i>	1	2,63
Total = 11	34	100%	Total = 12	38	100%

Fonte: Elaboração própria.

→ Estatística Qui-Quadrado: 0,145 / p-Valor: 0,930 / Graus de Liberdade (df): 2

Apareceu unicamente nos dados da FE1 a unidade lexical *dedar* (2 = 5,88%) e somente nos da FE2 os itens lexicais *dedada* (2 = 5,26%) e *se tocar* (2 = 5,26%). Por fim, o número total de ocorrências das variantes produzido pelos(as) mais velhos(as) foi de 38 e pelos(as) mais novos(as) foi de 34.

Sobre a variável extralinguística orientação sexual, heterossexuais forneceram 20 lexias, homossexuais 19 e bissexuais 12:

Bi (12): *bater siririca (1), dedada (1), dedilhar (1), dedinho (1), DJ (4), fazer DJ (2), fazer liquidificador (1), masturbação (1), masturbar (5), se tocar (1), siririca (5), siriricar (1).*

He (20): *aliviar a bonita (1), bater siririca (3), brincar de DJ (3), chupar buceta (1), dedar (1), dedilhar (1), DJ (2), esfregar uma (1), estimular (1), fazer a florzinha chorar (1), fazer o mel descer (1), lustrar o capô (1), masturbação (4), (se) masturbar (3), siririca (5), tirar o estresse (1), tocar o sininho (1), tocar percussão (1), tocar uma (4), tocar uma siririca (1).*

Ho (19): *bater sininho (1), bater siririca (2), bater uma (1), brincar com a aranha (1), brincar com o grelhinho (1), dedada (1), dedar (1), dedilhar (3), DJ (3), estimulação clitoriana (1), fazer o DJ (1), masturbação (2), masturbar(-se) (3), meter a mão (1), satisfazer a gata (1), se tocar (1), siririca (5), tocar siririca (1), tocar uma (1).*

Apresentamos, na Tabela 11, por orientação sexual, as variantes dadas como respostas para a pergunta 3, com seus respectivos números de ocorrências e porcentagens:

Tabela 11 - Vars., nº de ocs. e % obtidas para a pergunta 3, segundo o grupo de fatores orientação sexual

Bissexualidade			Heterossexualidade			Homossexualidade		
Variantes	Nº de ocs.	%	Variantes	Nº de ocs.	%	Variantes	Nº de ocs.	%
<i>masturbar</i>	5	23,80	<i>siririca</i>	5	18,51	<i>siririca</i>	5	20,83
<i>siririca</i>	5	23,80	<i>masturbação</i>	4	14,81	<i>dedilhar</i>	3	12,50
<i>DJ</i>	4	19,04	<i>tocar uma</i>	4	14,81	<i>DJ</i>	3	12,50
<i>fazer DJ</i>	2	9,52	<i>bater siririca</i>	3	11,11	<i>masturbar(-se)</i>	3	12,50
<i>bater siririca</i>	1	4,76	<i>brincar de DJ</i>	3	11,11	<i>bater siririca</i>	2	8,33
<i>dedada</i>	1	4,76	<i>(se) masturbar</i>	3	11,11	<i>masturbação</i>	2	8,33
<i>dedilhar</i>	1	4,76	<i>DJ</i>	2	7,40	<i>dedada</i>	1	4,16
<i>masturbação</i>	1	4,76	<i>dedar</i>	1	3,70	<i>dedar</i>	1	4,16
<i>se tocar</i>	1	4,76	<i>dedilhar</i>	1	3,70	<i>fazer o DJ</i>	1	4,16
-	-	-	<i>tocar uma siririca</i>	1	3,70	<i>se tocar</i>	1	4,16
-	-	-	-	-	-	<i>tocar siririca</i>	1	4,16
-	-	-	-	-	-	<i>tocar uma</i>	1	4,16
Total = 9	21	100%	Total = 10	27	100%	Total = 12	24	100%

Fonte: Elaboração própria.

→ Estatística Qui-Quadrado: 0,322 / p-Valor: 0,988 / Graus de Liberdade (df): 4

Quanto ao número total de ocorrências, heterossexuais produziram 27, homossexuais 24 e bissexuais 21. Os(as) respondentes que se autoidentificaram He, diferentemente daqueles(as) que se autoafirmaram Bi e Ho, elicitaram a lexia *brincar de DJ* (3 = 11,11%). Bissexuais compartilham o conhecimento de 3 unidades lexicais com os(as) homossexuais (sombreamento em rosa), quais sejam: *dedada*, *fazer (o) DJ* e *se tocar*. Já estes(as) partilham com os(as) heterossexuais também o conhecimento de 3 itens lexicais (sombreamento em amarelo), a saber: *dedar*, *tocar uma* e *tocar (uma) siririca*.

Analisando o campo lexical da *masturbação* a partir de um dicionário do início do século XX, Preti (1983, p. 167) mostra que os estereótipos envolvidos a essa prática interligavam-na aos adolescentes, qualificando-a, nessa época, “como uma forma de depravação sexual de menor importância, dada a inconsciência do agente, motivada pela idade”. Obviamente, essa ideia preconcebida abstinha-se de conhecimento verdadeiro sobre a masturbação, classificando-a como um comportamento prejudicial à saúde, um tipo de degradação moral (“depravação sexual”).

Se fere as regras sociais da boa decência e moralidade, logo, é interdita. Conseqüentemente, as lexis a ela relacionadas. Assim, nascem as palavras-tabu. Ao tomarmos

masturbação (ao nosso ver, técnico-científica) como lexia-base para levantamento dos conceitos registrados nos dicionários, para a formulação das perguntas 2 e 3, notamos que a unidade lexical não é rubricada como *coloquial*, *informal*, *popular*, *tabu* ou *vulgar*. Ora, então por que novas formas de a designar, mesmo algumas delas sendo disfemismos ou tabus?

Conforme Arango,

é claro que a linguagem vulgar não usa as insípidas palavras *masturbação* e *onanismo*. Esses são termos frios próprios do idioma neutro da ciência ou dos dicionários. A fala popular dispõe dois (*sic*) termos característicos e, obviamente, obscenos. Proscritos de todo vocabulário recatado, mas intensamente emotivos. Chama essa sensual mas egoísta satisfação de *punheta* e *siririca*. [...] *Bater punheta* e *tocar siririca* são, pois, outros dos nossos *palavrões* (Arango, 1991, p. 93).

A asserção de Arango pode ser entrevista na afirmação de Bueno e Orsi, o qual e a qual asseveram que

alguns palavrões são diretamente relacionados à pornografia, pois nomeiam órgãos sexuais e também atos sexuais de uma forma mais aberta e menos eufemística, pois deixam transparecer aquilo que quer ser dito. As palavras que nomeiam o sexo, tanto os órgãos, quanto o ato, são criações, em sua maioria, eufemísticas para substituir aquelas usadas no contexto científico, causando assim certo distanciamento, uma neutralidade que diz respeito ao erotismo. Porém, o sexo, na vida cotidiana e dentro da sociedade, na intimidade de cada pessoa, ultrapassa os limites do científico, assim, os palavrões representam o real, o que é vivido e imaginado. Palavras científicas, que nomeiam o sexo, deixam de ser eficazes dentro do âmbito erótico das pessoas, então os palavrões os substituem. Não vai ser por acaso, então, que os palavrões que nomeiam o sexo sejam tabuizados. O tabu gerado em torno de tais palavras faz com que elas sejam reprimidas ao uso estritamente íntimo, por tratarem o sexo tão livremente, e, portanto, mantendo-as fora de outros contextos nos quais podem circular mais pessoas, e conseqüentemente o uso seria algo intolerável (Bueno; Orsi, 2014, p. 6-7).

Há de concordarmos que os excertos dos autores e da autora anteriormente citados(a) respondem a nossa pergunta. Para verificarmos, então, como as formas substituidoras de *masturbação* dos nossos dados, comuns às citadas por Arango, são vistas socialmente, recorreremos às etiquetas a elas apostas nos dicionários:

Quadro 3 - Rubricas apostas às lexias (*bater*) *punheta* e (*tocar*) *siririca* nas obras lexicográficas consultadas

Lexia/Dicionário	Aulete	Dicio	Houaiss	Michaelis	Priberam
<i>punheta</i> (14 ocs.)	Tabu	[Pejorativo]	¹⁵⁶⁹ tab.	VULG	[Tabuísmo]
<i>bater/tocar punheta</i> (8 ocs.)	Bras. Tabu.	X	tab.	X	[Brasil, Tabuísmo]
<i>siririca</i> (15 ocs.)	Bras. Vulg.	-	B; tab.	VULG	[Brasil, Tabuísmo]
<i>tocar siririca</i> (2 ocs.)	Bras. Tabu.	X	B; tab.	VULG	[Brasil, Tabuísmo]

Fonte: Elaboração própria.

Como pode ser visto, (*bater*) *punheta* e (*tocar*) *siririca* são formas tidas como tabus, vulgares e pejorativas no português brasileiro. Segundo Kröll (1984, p. 111), “*masturbação* é um termo culto e científico de origem latina como também *onanismo*, ambos pouco usados. [...]”

Metaforicamente e pertencendo à linguagem vulgar, temos [...] *tocar uma punheta*, uma das expressões mais frequentes para designar o onanismo”.

A frequência das variantes mais recorrentes para a pergunta 1 no *corpus* refutam parcialmente o apontamento de Kröll: *masturbar* (14 ocs.), *punheta/punhetinha* (14 ocs.), *bater uma* (13 ocs.), *descabelar o palhaço* (10 ocs.), *cinco contra um/5 contra 1/5 x 1* (9 ocs.), *bater (uma) punheta* (8 ocs.) e *masturbação* (8 ocs.). O mesmo acontece para a pergunta 2: *siririca* (15 ocs.), *(se) masturbar(-se)* (11 ocs.), *DJ* (9 ocs.), *masturbação* (7 ocs.), *bater siririca* (6 ocs.) e *onanismo* (1 oc.). *Masturbación* (*masturbação*) também foi bastante recorrente nos dados de Morales (2005), correspondendo a 394/419 ocorrências ou a 94/100 do total do *corpus* relativo a sinônimos para *puñeta* (*punheta*).

Bater uma, com 13 ocorrências, é registrado apenas no *Priberam* como “[Tabuísmo] Estimular o pênis com a mão e com os dedos para obtenção de prazer sexual. = BATER PUNHETA, MASTURBAR, PUNHETAR”. *Cinco contra um*, com 9 ocorrências, também é documentado apenas no dicionário supramencionado como “[Tabuísmo] Masturbação masculina”. *DJ*, com 9 ocorrências, não é dicionarizado com o sentido de ‘masturbação feminina’ em nenhuma das obras lexicais que consultamos. E *onanismo*, com 1 ocorrência no *corpus*, recebe o rótulo *p.ext* apenas no ¹⁸⁵⁸*Houaiss* e *Michaelis*.

Acerca da diferença no número de variantes obtidas para a masturbação masculina e feminina, a pergunta 2 elicitou 47 lexias e a 3, 33 unidades lexicais. Contrariamente ao que sucedeu com Braga e Ribeiro (2008) – durante a coleta de dados da pesquisadora e do pesquisador, os(as) participantes da pesquisa não elicitaram sinônimos para a masturbação feminina e até questionaram se mulheres a praticavam – constatamos certa produtividade linguística quanto ao fornecimento de variantes para o ato feminino de masturbar-se (somente 14 a menos que as variantes para o ato masculino de masturbar-se). Ademais, foram comuns a ambas as perguntas as lexias que se seguem: *bater uma*, *esfregar uma*, *estimular*, *masturbação*, *(se) masturbar(-se)*, *(se) tocar* e *tocar uma*.

Para concluirmos a discussão concernente à *masturbação* (masculina e feminina), observamos, nas subseções 4.2.1 e 4.2.2, que o pronome *se* ora aparece nos dados ora não: *(se) esfregar*, *(se) tocar*, *(se) masturbar* e *masturbar(-se)*. Existem duas leituras possíveis e ambíguas para ele, reciprocidade e reflexividade: João *se* esfregou na Maria (*reflexivo* – João realizou e sofreu a ação sozinho), João e Maria *se* esfregaram (*reflexivo* – cada um se esfregou individualmente – ou *recíproco* – um se esfregou no outro), José *se* tocou à noite (*reflexivo* – tocou a si mesmo), Antônio e Joaquim *se* masturbaram (*reflexivo* – cada um se masturbou separadamente – ou *recíproco* – um masturbou o outro), Ana e Helena *masturbaram-se*

(*reflexivo* – a próclise barra a leitura ambígua, cada uma se masturbou individualmente). A leitura de reflexividade está presente explicitamente, de fato, nas perguntas 2 e 3, mas não na 1. Hipotetizamos que a variação entre presença e ausência do *se* nas respostas para tais perguntas pode ser reflexo do falar mineiro, caracterizado pela tendência à elisão do pronome em questão (Oliveira, 2006).

Apresentadas a descrição e a análise dos dados, bem como a respectiva discussão dos resultados referentes à segunda e à terceira perguntas do QSL, atinentes à divisão semântica *masturbação*, seguimos para a próxima subseção.

4.2.3 *Sexo oral*

Nesta subseção, expomos os exames semântico-lexical e sociolinguístico das respostas fornecidas para os conceitos embutidos nas perguntas 4 e 5, concernentes à terceira divisão semântica realizada, isto é, o *sexo oral*.

Começemos pela pergunta 4, referente ao sexo oral no pênis ou na vulva. Ela elicitou 48 variantes, cada qual com o seu respectivo número de ocorrência(s) entre parênteses:

4. Qual(Quais) palavra(s) e/ou expressão(ões) você conhece para o ato de estimular/excitar o pênis ou a vulva com a boca/língua?

Variantes (48): *afogar na banheira* (1), *babão* (1), *blow job* (1), *bóbó* (1), *bola(-)gato* (7), *boquete* (22), *botar a boca no trambolho* (1), *brincar* (1), *cair de boca* (4), *chupada* (4), *chupar* (13), *chupar buceta* (1), *chupar manga* (1), *chupa xoxota* (1), *chupeta* (1), *conversar árabe* (1), *dar uma lambida na xereca* (1), *dar um trato* (1), *de boca no palhaço* (1), *degustada* (1), *enfiar a língua* (1), *engasgar* (2), *enterrar* (1), *escorregar* (1), *fazer oral* (1), *fellatio* (1), *glub glub* (2), *gulão* (1), *gulosa(o)* (3), *lalá* (1), *lamber* (5), *lambida* (1), *lambuzar* (1), *linguada* (3), *liquidificador* (1), *mamada* (6), *mamar* (10), *meia nove* (1), *meter a língua* (1), *oral* (6), *pagar boleto* (1), *preliminares* (1), *quete* (1), *quicar* (1), *sentar* (1), *sexo oral* (7), *soprar o apito* (1), *sugar* (2).

Os empréstimos (anglicismos, galicismos, latinismos, etc.) são muito comuns na língua portuguesa (Alves, 1990). Já havíamos visto *fap* na subseção anterior e veremos *ménage à trois* na subseção 4.2.5. Orsi (2009), em seu estudo dos itens lexicais erótico-obscenos, observa empréstimos do inglês e do italiano em seus dados. Alonso (2009), em seu trabalho sobre a gíria da diversidade sexual paulistana, também nota anglicismos, africanismos e tupinismos em seus dados. Aqui, constatamos 2 casos: *blow job*, do inglês (*boquete*), e *fellatio*, do latim (*fellatione*, de *fellare* = *chupar*, *mamar*).

O esquema de uma EF variável *chupar* + *N* propicia outras mais: *chupar buceta*, *chupar manga*, *chupa(r) xoxota*, apresentando a primeira e a última, respectivamente, a permuta da vogal *o* pela vogal *u* e a supressão da consoante *r* (em dados de fala, seriam: o alçamento da

vogal média alta posterior arredondada [o] para a vogal alta posterior arredondada [u], em *buceta* – [bo.'se.tə] ~ [bu.'se.tə] –, e a queda da consoante fricativa glotal desvozeada [h] em verbos no infinitivo, *chupa* – [ʃu.'pah] ~ [ʃu.'pa]).

Verifica-se casos interessantes de criação lexical acima: *bóbó*, truncamento com duplicação para *boquete*; *glub glub* (~ *glub-glub*), onomatopeia que imita o som do pênis sendo “engolido”; *gul-ão* de *gul-osa(o)*, por um processo de derivação sufixal; *lalá*, abreviação com repetição para *lamber*; *lingu-ada* de *língu-a*, também por um processo de derivação sufixal; e *quete*, aférese da primeira sílaba da palavra *boquete* [bo.'kɛ.tʃi] ~ ['kɛ.tʃi]. Lembremos que, conforme Guedelha (2011), o tabu é um fator motivador nos processos de formação de palavras: metaforizações, modificações fonéticas, braquissmia (redução ou abreviação), derivação sufixal, etc. são alguns dos mecanismos citados pelo pesquisador.

Tratando dos neologismos fonológicos, Alves afirma que

a criação onomatopaica está calcada em significantes inéditos. Entretanto, sabemos que a formação de palavras onomatopaicas não é totalmente arbitrária, já que ela se baseia numa relação, ainda que imprecisa, entre a unidade léxica criada e certos ruídos ou gritos. A onomatopeia procura reproduzir um som, o que impossibilita que seu significante seja imotivado (Alves, 1990, p. 12).

É justamente isso que ocorre em casos como: *fap fap* (4.2.2), *glub glub* (4.2.3), *clap clap*, *nheco(-)nheco*, *vapo vapo* (4.2.4), *vuco-vuco* (4.2.5) e demais exemplos que aparecem nessas subseções.

No que toca ao total, à frequência e às lexias produzidas por respondentes dos sexos masculino e feminino, expomo-las(o) abaixo:

SM (37): *babão* (1), *blow job* (1), *bóbó* (1), *bola gato* (6), *boquete* (12), *brincar* (1), *cair de boca* (1), *chupada* (2), *chupar* (6), *chupar buceta* (1), *chupar manga* (1), *conversar árabe* (1), *dar um trato* (1), *degustada* (1), *enfiar a língua* (1), *engasgar* (2), *enterrar* (1), *escorregar* (1), *fellatio* (1), *glub glub* (2), *gulão* (1), *gulosa(o)* (3), *lalá* (1), *lamber* (2), *lambida* (1), *linguada* (1), *mamada* (4), *mamar* (5), *meia nove* (1), *oral* (2), *preliminares* (1), *quete* (1), *quicar* (1), *sentar* (1), *sexo oral* (3), *soprar o apito* (1), *sugar* (1).

SF (23): *afogar na banheira* (1), *bola-gato* (1), *boquete* (10), *botar a boca no trambolho* (1), *cair de boca* (3), *chupada* (2), *chupar* (7), *chupa xoxota* (1), *chupeta* (1), *dar uma lambida na xereca* (1), *de boca no palhaço* (1), *fazer oral* (1), *lamber* (3), *lambuzar* (1), *linguada* (2), *liquidificador* (1), *mamada* (2), *mamar* (5), *meter a língua* (1), *oral* (4), *pagar boleto* (1), *sexo oral* (4), *sugar* (1).

Na Tabela 12, exibimos as unidades lexicais angariadas do SM e do SF em ordem decrescente de frequência e de porcentagens, deletados os *hápax legomena*:

Tabela 12 - Vars., nº de ocs. e % obtidas para a pergunta 4, segundo o grupo de fatores sexo biológico

Sexo masculino			Sexo feminino		
Variante	Nº de ocs.	%	Variante	Nº de ocs.	%

<i>boquete</i>	12	23,07	<i>boquete</i>	10	22,72
<i>bola gato</i>	6	11,53	<i>chupar</i>	7	15,90
<i>chupar</i>	6	11,53	<i>mamar</i>	5	11,36
<i>mamar</i>	5	9,61	<i>oral</i>	4	9,09
<i>mamada</i>	4	7,69	<i>sexo oral</i>	4	9,09
<i>gulosa(o)</i>	3	5,76	<i>cair de boca</i>	3	6,81
<i>sexo oral</i>	3	5,76	<i>lamber</i>	3	6,81
<i>chupada</i>	2	3,84	<i>chupada</i>	2	4,54
<i>engasgar</i>	2	3,84	<i>linguada</i>	2	4,54
<i>glub glub</i>	2	3,84	<i>mamada</i>	2	4,54
<i>lamber</i>	2	3,84	<i>bola-gato</i>	1	2,27
<i>oral</i>	2	3,84	<i>sugar</i>	1	2,27
<i>cair de boca</i>	1	1,92	-	-	-
<i>linguada</i>	1	1,92	-	-	-
<i>sugar</i>	1	1,92	-	-	-
Total = 15	52	100%	Total = 12	44	100%

Fonte: Elaboração própria.

→ Estatística Qui-Quadrado: 0,263 / p-Valor: 0,876 / Graus de Liberdade (df): 2

Enquanto o SM produziu 52 ocorrências totais, o SF produziu 44, 8 a menos. Além disso, apareceram somente nos dados daqueles as lexias *gulosa(o)* (3 = 5,76%), *engasgar* (2 = 3,84%) e *glub glub* (2 = 3,84%). As mulheres não produziram nenhuma unidade lexical exclusiva.

Acerca do condicionador extralinguístico idade, a FE1 elicitou 35 variantes e a FE2 25:

FE1 (35): *babão* (1), *bóbó* (1), *bola(-)gato* (4), *boquete* (10), *botar a boca no trambolho* (1), *brincar* (1), *cair de boca* (2), *chupada* (1), *chupar* (7), *chupeta* (1), *conversar árabe* (1), *dar um trato* (1), *degustada* (1), *enfiar a língua* (1), *engasgar* (2), *enterrar* (1), *escorregar* (1), *fazer oral* (1), *fellatio* (1), *glub glub* (2), *gulão* (1), *guloso* (2), *lamber* (2), *lambida* (1), *linguada* (1), *mamada* (3), *mamar* (6), *oral* (3), *pagar boleto* (1), *quete* (1), *quicar* (1), *sentar* (1), *sexo oral* (2), *soprar o apito* (1), *sugar* (2).

FE2 (25): *afogar na banheira* (1), *blow job* (1), *bola gato* (3), *boquete* (12), *cair de boca* (2), *chupada* (3), *chupar* (6), *chupar buceta* (1), *chupar manga* (1), *chupa xoxota* (1), *dar uma lambida na xereca* (1), *de boca no palhaço* (1), *gulosa* (1), *lalá* (1), *lamber* (3), *lambuzar* (1), *linguada* (2), *liquidificador* (1), *mamada* (3), *mamar* (4), *meia nove* (1), *meter a língua* (1), *oral* (3), *preliminares* (1), *sexo oral* (5).

Mostramos, na Tabela 13, sem os *hápax legomena* e em ordem decrescente de números de ocorrências e porcentagens, as variantes fornecidas por participantes da FE1 e da FE2:

Tabela 13 - Vars., nº de ocs. e % obtidas para a pergunta 4, segundo o grupo de fatores faixa etária

Faixa etária 1 (18 a 24 anos)			Faixa etária 2 (25 a 39 anos)		
Variantes	Nº de ocs.	%	Variantes	Nº de ocs.	%
<i>boquete</i>	10	20,40	<i>boquete</i>	12	25,53
<i>chupar</i>	7	14,28	<i>chupar</i>	6	12,76
<i>mamar</i>	6	12,24	<i>sexo oral</i>	5	10,63
<i>bola(-)gato</i>	4	8,16	<i>mamar</i>	4	8,51
<i>mamada</i>	3	6,12	<i>bola gato</i>	3	6,38

<i>oral</i>	3	6,12	<i>chupada</i>	3	6,38
<i>cair de boca</i>	2	4,08	<i>lamber</i>	3	6,38
<i>engasgar</i>	2	4,08	<i>mamada</i>	3	6,38
<i>glub glub</i>	2	4,08	<i>oral</i>	3	6,38
<i>guloso</i>	2	4,08	<i>cair de boca</i>	2	4,25
<i>lamber</i>	2	4,08	<i>linguada</i>	2	4,25
<i>sexo oral</i>	2	4,08	<i>gulosa</i>	1	2,12
<i>sugar</i>	2	4,08	-	-	-
<i>chupada</i>	1	2,04	-	-	-
<i>linguada</i>	1	2,04	-	-	-
Total = 15	49	100%	Total = 12	47	100%

Fonte: Elaboração própria.

→ Estatística Qui-Quadrado: 0,349 / p-Valor: 0,839 / Graus de Liberdade (df): 2

Sobre o número total de ocorrências dos itens lexicais, os(as) participantes da FE1 produziram 49 e os(as) da FE2 47, 2 a menos. Ademais, unicamente nos dados daquela faixa etária, apareceram as variantes *engasgar* (2 = 4,08%), *glub glub* (2 = 4,08%) e *sugar* (2 = 4,08%). A FE2 não mostrou nenhuma unidade lexical exclusiva.

Por fim, no que concerne à variável independente orientação sexual, pessoas bissexuais forneceram 21 lexias; pessoas heterossexuais, por seu turno, 28; e, por último, pessoas homossexuais, 22:

Bi (21): *babão* (1), *bola gato* (3), *boquete* (7), *cair de boca* (1), *chupada* (2), *chupar* (5), *chupar buceta* (1), *dar uma lambida na xereca* (1), *de boca no palhaço* (1), *glub glub* (1), *lamber* (3), *lambida* (1), *linguada* (2), *liquidificador* (1), *mamada* (1), *mamar* (5), *meia nove* (1), *oral* (2), *preliminares* (1), *sexo oral* (3), *sugar* (1).

He (28): *blow job* (1), *bóbó* (1), *bola gato* (2), *boquete* (8), *botar a boca no trambolho* (1), *cair de boca* (3), *chupar* (4), *chupeta* (1), *conversar árabe* (1), *degustada* (1), *enfiar a língua* (1), *engasgar* (1), *enterrar* (1), *escorregar* (1), *fellatio* (1), *glub glub* (1), *gulão* (1), *guloso* (1), *lamber* (1), *mamada* (1), *mamar* (4), *oral* (2), *quete* (1), *quicar* (1), *sentar* (1), *sexo oral* (2), *soprar o apito* (1), *sugar* (1).

Ho (22): *afogar na banheira* (1), *bola(-)gato* (2), *boquete* (7), *brincar* (1), *chupada* (2), *chupar* (4), *chupar manga* (1), *chupa xoxota* (1), *dar um trato* (1), *engasgar* (1), *fazer oral* (1), *gulosa(o)* (2), *lalá* (1), *lamber* (1), *lambuzar* (1), *linguada* (1), *mamada* (4), *mamar* (1), *meter a língua* (1), *oral* (2), *pagar boleto* (1), *sexo oral* (2).

Apresentamos, na Tabela 14, as variantes elicitadas dos(as) respondentes de cada orientação sexual, com suas respectivas frequências e porcentagens (também em ordem decrescente e sem os *hápax legomena*):

Tabela 14 - Vars., nº de ocs. e % obtidas para a pergunta 4, segundo o grupo de fatores orientação sexual

Bissexualidade			Heterossexualidade			Homossexualidade		
Variantes	Nº de ocs.	%	Variantes	Nº de ocs.	%	Variantes	Nº de ocs.	%
<i>boquete</i>	7	19,44	<i>boquete</i>	8	25,80	<i>boquete</i>	7	24,13
<i>chupar</i>	5	13,88	<i>chupar</i>	4	12,90	<i>chupar</i>	4	13,79
<i>mamar</i>	5	13,88	<i>mamar</i>	4	12,90	<i>mamada</i>	4	13,79

<i>bola gato</i>	3	8,33	<i>cair de boca</i>	3	9,67	<i>bola(-)gato</i>	2	6,89
<i>lamber</i>	3	8,33	<i>bola gato</i>	2	6,45	<i>chupada</i>	2	6,89
<i>sexo oral</i>	3	8,33	<i>oral</i>	2	6,45	<i>gulosa(o)</i>	2	6,89
<i>chupada</i>	2	5,55	<i>sexo oral</i>	2	6,45	<i>oral</i>	2	6,89
<i>linguada</i>	2	5,55	<i>engasgar</i>	1	3,22	<i>sexo oral</i>	2	6,89
<i>oral</i>	2	5,55	<i>glub glub</i>	1	3,22	<i>engasgar</i>	1	3,44
<i>cair de boca</i>	1	2,77	<i>guloso</i>	1	3,22	<i>lamber</i>	1	3,44
<i>glub glub</i>	1	2,77	<i>lamber</i>	1	3,22	<i>linguada</i>	1	3,44
<i>mamada</i>	1	2,77	<i>mamada</i>	1	3,22	<i>mamar</i>	1	3,44
<i>sugar</i>	1	2,77	<i>sugar</i>	1	3,22	-	-	-
Total = 13	36	100%	Total = 13	31	100%	Total = 12	29	100%

Fonte: Elaboração própria.

→ Estatística Qui-Quadrado: 0,264 / p-Valor: 0,992 / Graus de Liberdade (df): 4

Acerca do número total de ocorrências das variantes, bissexuais forneceram 36, heterossexuais 31 e homossexuais 29, sendo 7 e 2 a menos, respectivamente, em relação às outras duas orientações sexuais. Além do mais, nenhuma das orientações sexuais elicitaram unidades lexicais exclusivas. Em relação ao partilhamento do conhecimento das variantes erótico-obscuras entre as orientações sexuais, bissexuais compartilham com homossexuais o conhecimento das unidades lexicais *chupada* e *linguada* (com sombreado em rosa), e com heterossexuais os itens lexicais *cair de boca*, *glub glub* e *sugar* (com sombreado em azul). Já os(as) heterossexuais partilham com os(as) homossexuais o conhecimento das lexias *engasgar* e *gulosa(o)* (com sombreado em amarelo).

Sobre o sexo oral no ânus, apresentamos, a seguir, a pergunta 5, o total de unidades lexicais produzidas por ela, cada uma delas e, entre parênteses, a sua frequência:

5. Qual(Quais) palavra(s) e/ou expressão(ões) você conhece para o ato de estimular o ânus com a boca/língua?

Variantes (26): *acariciar a porta* (1), *anilingus* (1), *beijo grego* (19), *boquete anal* (1), *cair de boca no nescau* (1), *carinho no brioco* (1), *cheque* (1), *chupar* (1), *chupa(r) (o) cu* (3), *chupar o toba* (1), *culingue* (1), *cunet(e)* (8), *cunilíngua* (1), *cunilíngua/cunilingue* (2), *fio terra* (1), *lambida no c** (1), *linguar* (1), *mexer na porta dos fundos* (1), *passar (o) cartão* (2), *pegar no rego* (1), *por trás* (1), *rimming* (1), *te enfiar a língua* (1), *te lamber o cu* (1), *tocar nos fundos* (1), *xazá* (1).

Verifica-se nos dados alguns empréstimos: *anilingus* (PB *anilíngua*, do lat. *anus*, *ânus* e *lambere*, *lamber*), *cunilíngua* ~ *cunilingue* (PB *cunilíngua*, do lat. mod. *cunilingus*), *cunet* ~ *cunete* (*anilíngua*, fr. *cunette*, *pequeno canal* ou *vala*) e *rimming* (*carocha*, *botão de rosa*, ing. *rim*, *borda*). *Culingue*²¹⁴, ao que parece, é bastante recente na língua e pouco usual, posto que,

²¹⁴ Notamos certa proximidade fonomorfológica entre 4 variantes que os(as) participantes forneceram para o significado representacional 'sexo oral no ânus': *culingue*, *cunilingue*, *cunilíngua* e *cunilíngua* (com 1 oc. cada). No entanto, *cunilíngua* não se trata do sexo oral no ânus, mas sim na vulva (do lat. mod. *cunilingus* < lat. *cunnius*, *vulva* + *lingere*, *lamber*). Como não nos foi possível checar se todas as variantes fornecidas para todas as perguntas,

ao pesquisá-lo no *Google Trends*²¹⁵, constatamos que a primeira busca por ele foi em janeiro de 2005 e não se manteve nos interesses de procura desde então. Não sabemos e não conseguimos obter a origem da lexia *xazá*, mas, de acordo com o *Dicionário inFormal*²¹⁶, significa “quem gosta de chupar anus (*sic*). Ato de chupar o cu alheio. Lamber, beijar o cu de uma pessoa. Beijo grego”. Como vimos no capítulo 2, estrangeirismos também ocorreram nos dados de Almeida (2007) para a substituição de palavras tabuízadas.

Uma respondente da faixa etária 2, lésbica, forneceu a lexia complexa *chupa cu*, caso que pode ser interpretado como erro de digitação durante o preenchimento do questionário ou preferência pela expressão nominal (embora a resposta esperada fosse uma forma verbal)²¹⁷ (ou, ainda, reflexo da queda da consoante fricativa glotal desvozeada [h] em verbos no infinitivo, muito comum no português brasileiro, [ʃu.'pah 'ku] ~ [ʃu.'pa 'ku]). As EF *chupa(r) (o) cu* e *chupar o toba* parecem derivar do esquema abstrato **chupar** (+*Art_{def}*) + *N*. Já o uso do sinal gráfico asterisco (*) em *lambida no c** (SF, FE2, Bi) pode ser entendido como um recurso atenuante, ao suprimir a vogal alta posterior arredondada [u] em *cu* [lã.'bi.də 'nu.ku]. Araújo (2008) constatou que o uso de imagens e *emoticons* acentuam o sentido das palavras proibidas nos *chats*. Argumentamos que o uso de sinais gráficos, ao contrário, atenua a linguagem proibida (*chupa minhas bol@s putinh@, p@u no seu c#, vag@bund@\$, vai me dar a buc&ta*)²¹⁸. Já quanto ao verbo denominal *linguar*, trata-se de um neologismo (formal e semântico) produzido por derivação sufixal: *ling-uar* de *língu-a*. Conforme Alves (1990), a derivação prefixal e sufixal são os dois tipos mais produtivos nos processos de neologia do português atual.

inclusive os *hápax legomena*, relacionavam-se de fato aos conceitos incluídos nas questões, mantemo-las nos dados. Nos casos em questão, há a alteração do significado, mas a permanência da forma: *culingue/cunilingue/cunilíngua/cunilíngua* ‘sexo oral na vulva’ → *culingue/cunilingue/cunilíngua/cunilíngua* ‘sexo oral no ânus’.

²¹⁵ Não registrado em Silva (1992), Fusaro (2001), Vip e Libi (2006) e Rodrigues e Andrade (2023). Daí, a busca no *Trends*.

²¹⁶ <https://www.dicionarioinformal.com.br/significado/xaz%C3%A1/1263/>

Não o consideramos um dicionário padrão, posto que seu conteúdo é colaborativo – definido pelos próprios usuários e não resultado do trabalho de lexicógrafos profissionais – e carece de rigor teórico-metodológico, o que compromete sua autoridade como referência normativo-prescritiva da língua portuguesa.

²¹⁷ Se esta opção (preferência pela expressão nominal), há outros casos que também ocorreram no *corpus*: *arranca uma, chupa xoxota, chupa rola* e *come cu*, por exemplo. É natural que nem todos(as) os(as) participantes tenham pensado na classe gramatical desejada (verbo ao invés de substantivo) ao responder às perguntas, fato que reflete o caráter espontâneo da elicitación, bem como possíveis variações na consciência metalinguística dos(as) respondentes diante da tarefa proposta.

²¹⁸ Exemplos que coletamos na *internet* com o uso do motor *Google Search*. Claro, temos ciência de que, atualmente, nas redes sociais, usuários(as) misturam números e sinais gráficos tanto em palavras sensíveis (*ass4ssinad@, m0rt@*) quanto em palavras (*m3tid4, vi@d0*) para evitar censura e restrições. Muitas plataformas possuem filtros automáticos que bloqueiam ou restringem postagens contendo esses termos. Alterando a grafia com símbolos e até mesmo usando emojis (🍑, 🍆, 🍌, 🍈, 🍉, etc.), os usuários conseguem burlar esses mecanismos.

No que tange ao total, ao número de ocorrência(s) e aos respectivos itens lexicais elicitados por respondentes do SM e SF, exibimo-los abaixo:

SM (15): *acariciar a porta* (1), *anilingus* (1), *beijo grego* (10), *boquete anal* (1), *cair de boca no nescou* (1), *chupar* (1), *chupar o cu* (1), *chupar o toba* (1), *cunete* (6), *cunilíngua* (1), *cunilíngue* (1), *linguar* (1), *rimming* (1), *te enfiar a língua* (1), *te lamber o cu* (1).

SF(15): *beijo grego* (9), *carinho no brioco* (1), *cheque* (1), *chupa(r) cu* (2), *culingue* (1), *cunet(e)* (2), *cunilingue* (1), *fio terra* (1), *lambida no c** (1), *mexer na porta dos fundos* (1), *passar (o) cartão* (2), *pegar no rego* (1), *por trás* (1), *tocar nos fundos* (1), *xazá* (1).

As variantes fornecidas por cada um dos fatores do grupo de fatores sexo, suas frequências e suas porcentagens constam na Tabela 15:

Tabela 15 - Vars., nº de ocs. e % obtidas para a pergunta 5, segundo o grupo de fatores sexo biológico

Sexo masculino			Sexo feminino		
Variantes	Nº de ocs.	%	Variantes	Nº de ocs.	%
<i>beijo grego</i>	10	55,55	<i>beijo grego</i>	9	56,25
<i>cunete</i>	6	33,33	<i>chupa(r) cu</i>	2	12,50
<i>chupar o cu</i>	1	5,55	<i>cunet(e)</i>	2	12,50
<i>cunilíngue</i>	1	5,55	<i>passar (o) cartão</i>	2	12,50
-	-	-	<i>cunilingue</i>	1	6,25
Total = 4	18	100%	Total = 5	16	100%

Fonte: Elaboração própria.

→ Estatística Qui-Quadrado: 1,886 / p-Valor: 0,389 / Graus de Liberdade (df): 2

O sintagma léxico *beijo grego* foi o mais recorrente nos dados, tanto dos homens quanto das mulheres, com 10 (55,55%) e 9 (56,25%) ocorrências, respectivamente. Os participantes do SM produziram ainda as seguintes lexias: *cunete*, com 6 (33,33%) ocorrências, e *chupar o cu* e *cunilíngue*, com 1 (5,55%) ocorrência cada. As respondentes do SF, por sua vez, também elicitaram as unidades lexicais *chupa(r) cu*, *cunet(e)* e *passar (o) cartão*, com 2 (12,50%) ocorrências cada, e *cunilingue*, com 1 (6,25%) ocorrência. Elas, exclusiva e diferentemente deles, forneceram a locução: *passar (o) cartão* (2 = 12,50%). Quanto ao número total de ocorrências, os sexos diferiram-se em apenas 2, 18 para o SM e 16 para o SF.

Quanto à origem²¹⁹ da EF *beijo grego*, Cetrone afirma que

²¹⁹ O registro em dicionários, a produção de dados para *corpora* e o estudo de palavras-tabu, conforme já defendido por nós, possibilitariam evitar especulações acerca da origem dessas lexias. Não estamos querendo afirmar que as informações presentes nesses artigos *on-line* estejam erradas, mas sim que, por meio da pesquisa científica, seria possível produzir dados mais consistentes e verificáveis. Ao pesquisar *beijo grego* no *Google Scholar*, não encontramos estudos que dissertassem sobre a origem da locução.

A etimologia da EF é um tanto curiosa. Ao utilizarmos o buscador *Google Search*, ela aparece em outros idiomas, mas, ao que parece, não tão produtivamente: *griechischer kuss* (alem.), *beso griego* (esp.), *baiser grec* (fr.), *greek kiss* (ing.) e *bacio greco* (it.). Teria a prática surgido de fato na Grécia Antiga?

o beijo grego não necessariamente nasceu como uma forma de liberdade sexual ou de experimentar novas formas de prazer. Pelo contrário: surgiu na Grécia Antiga mais como uma questão prática. Naquela era, que durou entre 1100 e 146 a.C., durante as orgias que eram organizadas entre os gregos, os homens caíam de boca na região anal para lubrificação. Isso porque o ânus, ao contrário do canal vaginal, não tem lubrificação própria. Então, era uma forma de conseguir facilitar a penetração (Cetrone, 2024, *on-line*).

Ao que parece, de fato, o costume teve início na Grécia Antiga, com fins de lubrificação anal, inicialmente (Garcia, 2021b, *on-line*) – diferentemente de hoje, cujo foco recai também sobre o prazer. Segundo Universa,

também conhecida como cunete e anilíngua, a prática nasceu na Grécia Antiga — daí o nome mais comum, *beijo grego*. Era praticada apenas por homens, durante orgias, com a intenção de lubrificar a região anal para facilitar a penetração. Com o passar dos anos e a transformação das relações sexuais, o beijo grego começou a se tornar uma prática universal — aplicável tanto a casais homossexuais quanto heterossexuais. Com isso, aos poucos, o tabu em torno do ato foi diminuindo (Universa, 2020, *on-line*).

Acerca da variável extralinguística idade, os(as) participantes da FE1 forneceram 15 itens lexicais e os(as) da FE2 14 (1 a menos):

FE1 (15): *acariciar a porta* (1), *anilingus* (1), *beijo grego* (11), *cair de boca no nescrau* (1), *chupar* (1), *chupar o toba* (1), *culíngue* (1), *cunet(e)* (4), *cunilíngua* (1), *cunilíngue/cunilingue* (2), *passar o cartão* (1), *rimming* (1), *te enfiar a língua* (1), *te lambar o cu* (1), *xazá* (1).

FE2 (14): *beijo grego* (8), *boquete anal* (1), *carinho no brioco* (1), *cheque* (1), *chupa(r) (o) cu* (3), *cunete* (4), *fio terra* (1), *lambida no c** (1), *linguar* (1), *mexer na porta dos fundos* (1), *passar cartão* (1), *pegar no rego* (1), *por trás* (1), *tocar nos fundos* (1).

Na Tabela 16 constam as variantes obtidas da FE1 e FE2, e a frequência e a porcentagem de cada uma delas:

Tabela 16 - Vars., nº de ocs. e % obtidas para a pergunta 5, segundo o grupo de fatores faixa etária

Faixa etária 1 (18 a 24 anos)			Faixa etária 2 (25 a 39 anos)		
Variantes	Nº de ocs.	%	Variantes	Nº de ocs.	%
<i>beijo grego</i>	11	61,11	<i>beijo grego</i>	8	50,00
<i>cunet(e)</i>	4	22,22	<i>cunete</i>	4	25,00
<i>cunilíngue/cunilingue</i>	2	11,11	<i>chupa(r) (o) cu</i>	3	18,75
<i>passar o cartão</i>	1	5,55	<i>passar cartão</i>	1	6,25
Total = 4	18	100%	Total = 4	16	100%

Fonte: Elaboração própria.

→ Estatística Qui-Quadrado: 0,550 / p-Valor: 0,759 / Graus de Liberdade (df): 2

Ocorreu exclusivamente na FE1 a lexia simples *cunilíngue/cunilingue* (2 = 11,11%) e na FE2 unicamente a lexia complexa *chupa(r) (o) cu* (3 = 18,75%). Já o número total de ocorrências das variantes foi 18 para a FE1 e 16 para a FE2, uma diferença de 2 ocorrências.

Finalmente, sobre o condicionador extralinguístico orientação sexual, bissexuais e heterossexuais forneceram 10 unidades lexicais, e homossexuais 12:

Bi (10): *anilingus* (1), *beijo grego* (8), *chupar o cu* (1), *cunet(e)* (4), *cunilíngua* (1), *lambida no c** (1), *mexer na porta dos fundos* (1), *passar o cartão* (1), *rimming* (1), *xazá* (1).

He (10): *beijo grego* (5), *boquete anal* (1), *cair de boca no nescau* (1), *chupar* (1), *chupar cu* (1), *chupar o toba* (1), *culingue* (1), *cunilíngue/cunilingue* (2), *te enfiar a língua* (1), *te lambar o cu* (1).

Ho (12): *acariciar a porta* (1), *beijo grego* (6), *carinho no brioco* (1), *cheque* (1), *chupa cu* (1), *cunete* (4), *fio terra* (1), *linguar* (1), *passar cartão* (1), *pegar no rego* (1), *por trás* (1), *tocar nos fundos* (1).

Apresentamos, na Tabela 17, as variantes produzidas por participantes de cada orientação sexual, com seus respectivos números de ocorrências e porcentagens:

Tabela 17 - Vars., nº de ocs. e % obtidas para a pergunta 5, segundo o grupo de fatores orientação sexual

Bissexualidade			Heterossexualidade			Homossexualidade		
Variantes	Nº de ocs.	%	Variantes	Nº de ocs.	%	Variantes	Nº de ocs.	%
<i>beijo grego</i>	8	57,14	<i>beijo grego</i>	5	62,50	<i>beijo grego</i>	6	50,00
<i>cunet(e)</i>	4	28,57	<i>cunilíngue/cunilingue</i>	2	25,00	<i>cunete</i>	4	33,33
<i>chupar o cu</i>	1	7,14	<i>chupar cu</i>	1	12,50	<i>chupa cu</i>	1	8,33
<i>passar o cartão</i>	1	7,14	-	-	-	<i>passar cartão</i>	1	8,33
Total = 4	14	100%	Total = 3	8	100%	Total = 4	12	100%

Fonte: Elaboração própria.

→ Estatística Qui-Quadrado: 0,383 / p-Valor: 0,983 / Graus de Liberdade (df): 4

Sobre o número total de ocorrências, bissexuais elicitaram 14, homossexuais 12 e heterossexuais 8, 6 e 4 a menos que as outras duas orientações sexuais, respectivamente. A lexia *cunilíngue/cunilingue* (2 = 25,00%) ocorreu apenas na orientação sexual He. Bissexuais partilham com homossexuais (cf. o sombreado em rosa) o conhecimento de 2 unidades lexicais: *cunet(e)* e *passar (o) cartão*.

Boquete (22 ocs.), lexia-base para a formulação da pergunta 4, foi a variante mais recorrente nos dados. Distintamente, *cunete* (8 ocs.), lexia-base para a formulação da pergunta 5, perdeu espaço nos dados para a EF *beijo grego* (19 ocs.). Quanto à diferença no número de variantes obtidas para o sexo oral no pênis e na vagina, e para o sexo oral no ânus, a pergunta

4 produziu 48 itens lexicais e a 5, 26 lexias. Além disso, a única unidade lexical comum às duas perguntas foi *chupar*.

Examinando o campo lexical da *depravação sexual*, Preti (1983) constata que os clichês relacionados a ela evidenciam uma postura moral quanto ao sexo oral. Ele é considerado um comportamento sexual desviante, anormal, devasso, comum aos velhos e às prostitutas. Ao nosso ver, essa realidade do início do século XX, em partes, não mais se aplica ao século XXI. Entretanto, concordamos com o estudioso quanto à questão moral, uma vez que o sexo oral ainda é um tabu na sociedade atual.

Recorrendo às rubricas dos dicionários, notamos que o sexo oral (quando as lexias a ele referentes são registradas ou possuem acepções) é orbitado sobretudo pelo tabu, bem como pelo gírico e vulgar:

Quadro 4 - Rubricas apostas às lexias concernentes ao sexo oral nas obras lexicográficas consultadas

Lexia/Dicionário	Aulete	Dicio	Houaiss	Michaelis	Priberam
<i>boquete</i> (22 ocs.)	-	-	1990B; tab.	GÍR, VULG	[Brasil, Tabuísmo]
<i>bola-gato</i> (7 ocs.)	X	X	X	X	X
<i>chupar</i> (13 ocs.)	Tabu.	-	sXVfig.; tab.	VULG	[Tabuísmo]
<i>mamar</i> (10 ocs.)	-	-	-	-	[Tabuísmo]
<i>beijo grego</i> (19 ocs.)	X	X	X	X	[Brasil, Tabuísmo]
<i>cunete</i> (8 ocs.)	X	X	B; tab.	VULG	[Brasil, Tabuísmo]

Fonte: Elaboração própria.

Ora, os tempos mudam e os costumes também. Cultural e religiosamente, o sexo era majoritariamente visto como um mecanismo de reprodução, sendo a penetração o único ato legitimado. Tudo aquilo que fugisse desse propósito era considerado pervertido, promíscuo, pecaminoso, isto é, impuro e antinatural. No século passado²²⁰, o discurso social dominante não enfatizava o sexo como fonte legítima de prazer (sobretudo para as mulheres). Contudo, contemporaneamente, a sexualidade ganhou novos significados, tornando-se também uma expressão de afeto, intimidade e prazer compartilhado.

Apresentamos, nesta subseção, os dados concernentes à quarta e à quinta perguntas do QSL, a análise e a descrição deles, assim como os resultados obtidos. Ambas eram respeitantes ao *sexo oral*. Passemos para a próxima subseção.

²²⁰ Ao longo da história da civilização, o sexo e a sexualidade foram tratados de formas distintas ao redor do mundo. Hodiernamente, algumas culturas orientais ainda são bastante coercitivas quanto ao assunto. Nesta pesquisa, em termos comparativos, tomamos o sexo sobretudo sob uma perspectiva judaico-cristã. O marco histórico do nascimento de Cristo parece dividir simbolicamente a forma como o corpo, os desejos e os prazeres passaram a ser percebidos e regulados pelas sociedades ocidentais. Ademais, como já foi possível notar, nossa análise e discussão se ancora prioritariamente no contexto brasileiro, tendo em vista que os dados foram extraídos do português mineiro, mais especificamente, da variedade da Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH).

4.2.4 Sexo vaginal e/ou anal (com ou sem orgasmo)

Perscrutamos, nesta subseção, os dados semântico-lexicais e sociolinguísticos alcançados para as perguntas 6, 7 e 8 do QSL, pertinentes à quarta divisão semântica realizada por nós, ou seja, o *sexo vaginal e/ou anal (com ou sem orgasmo)*.

Principiemos pela pergunta 6, relativa ao desvirginamento. Ela elicitou 34 variantes, cada qual com a sua respectiva frequência entre parênteses:

6. Qual(Quais) palavra(s) e/ou expressão(ões) você conhece para o ato de tirar a virgindade de uma pessoa?

Variantes (34): *arrancar o cabaço* (1), *arrebentar o lacre* (1), *arrombar* (1), *atravessar* (1), *bagunçar* (1), *comer* (1), *dar* (1), *deflorar* (5), *deflorar a flor* (1), *desabrochar* (1), *descabaçar/descabacar* (6), *desflorar* (1), *desvirginar* (5), *estrear* (1), *estrear o parquinho* (1), *hoje é dia de romper* (1), *inaugurar* (1), *inaugurar o salão* (1), *iniciação* (1), *introduzir* (1), *perder a bola azul* (1), *perder o cabaço* (1), *pop the cherry* (1), *primeira vez* (1), *romper o hímen* (2), *romper o lacre* (3), *ser o primeiro* (1), *ter relações sexuais* (1), *tirar a etiqueta* (1), *tirar a pureza* (2), *tirar a virgindade* (3), *tira(r) o cabaço/tirou o cabaço* (14), *tirar o lacre* (2), *tirar o sangue* (1).

Em *descabaçar ~ descabacar*, supomos ter havido um erro de digitação por parte do participante durante o preenchimento do formulário. Por sua vez, o estrangeirismo *pop the cherry* (*perder o cabaço/a virgindade*) é, tanto na língua de origem quanto no português brasileiro, utilizado para nomear a *desfloração*. Já *tira o cabaço ~ tirar o cabaço* pode ser um erro de digitação ou reflexo da queda da consoante fricativa glotal desvozeada [h] em verbos no infinitivo [tʃi.'rah u ka.'ba.sɔ] ~ [tʃi.'ra u ka.'ba.sɔ].

Os esquemas abstratos *romper o + N* e *tirar + Art_{def} + N* possibilitam EF variáveis: *romper o hímen*, *romper o lacre*, *tirar a etiqueta*, *tirar a pureza*, *tirar a virgindade*, *tira(r) o cabaço*, *tirar o lacre* e *tirar o sangue*. Essa variabilidade põe em xeque a suposta cristalização/rigidez dos sintagmas congelados registrados na memória lexical do indivíduo e da coletividade. Pode-se pressupor que, de geração a geração, e assim como ocorre com as lexias simples, mas em menor proporção, unidades fraseológicas sejam herdadas inalteradas ou modificadas em termos estruturais e conceituais.

Se mudanças sociais acarretam mudanças linguísticas, a variabilidade de expressões ditas não livres sinaliza a necessidade da comunidade de ampliar, mesmo que parcialmente, seu acervo lexical para comunicar aquilo que é, por exemplo, interdito em sua cultura. A não composicionalidade dessas EF pode se manter, todavia, certas partes do seu todo podem variar.

Os valores morais, religiosos, éticos, etc. atribuídos às palavras sofrem alterações no decorrer da história de um povo, fazendo com que elas mudem sua estrutura, recebam novos significados ou saiam da língua. As EF, apesar de lexicalmente complexas, estão sujeitas da

mesma maneira que os itens lexicais simples e mínimos a essas modificações e arcaizações. Novamente, é válido reforçar que, em termos de frequência, essas locuções devem variar bem menos que as unidades lexicais simples.

Oliveira (2022), como já referido, também notou variação morfológica (e semântica) em fraseologismos (compostos por *homem* e *mulher*). Por exemplo, as unidades fraseológicas dicionarizadas *mulher feita*, *homem de negócios*, *mulher de negócios* e *homem de bem* apresentaram variantes (quase) sinônimas que, muitas vezes, não estavam registradas nas obras lexicográficas consultadas pela autora e eram mais disponíveis aos(às) respondentes do seu QSL do que as que estavam documentadas:

- a) *mulher feita* ‘aquela que já atingiu a idade adulta’ – *mulher feita* (49,2%), *cabeça feita* ‘diz-se de ou pessoa de personalidade firme, que não se deixa influenciar ou levar pelos outros’ (46,1%) e *pessoa feita* (13,3%);
- b) *homem de negócios* e *mulher de negócios* ‘indivíduo que se dedica a atividades comerciais e investimentos’ – *pessoa de negócios* (82%), *homem de negócios* (21,1%) e *mulher de negócios* (15,6%);
- c) *homem de bem* – *cidadão de bem* (69,5%), *pessoa de bem* (25%) e *homem de bem* (20,3%).

Oliveira atesta, então, que o grau de rigidez nas estruturas internas desses sintagmas fraseológicos é menor, possibilitando a permuta por outras lexias, principalmente se o item lexical a ser modificado for o nome nuclear. A variabilidade dessas estruturas, depende-se do texto, está concatenada às mudanças socioculturais relativas aos papéis masculinos e femininos na comunidade e ao modo como os seres humanos compreendem e dominam o mundo. Assentimos com a pesquisadora sobre a necessidade de mais estudos sobre a variação de EF, “ainda pouco pesquisadas na literatura linguística brasileira” (Oliveira, 2022, p. 110).

No que concerne ao total, à frequência e às unidades lexicais fornecidas por respondentes do SM e SF, apresentamo-las(o) a seguir:

SM (20): *arrebentar o lacre* (1), *bagunçar* (1), *comer* (1), *dar* (1), *deflorar* (3), *desabrochar* (1), *descabaçar/descabacar* (5), *desvirginar* (3), *estrear* (1), *inaugurar* (1), *introduzir* (1), *perder o cabaço* (1), *pop the cherry* (1), *romper o lacre* (1), *ser o primeiro* (1), *tirar a pureza* (1), *tirar a virgindade* (3), *tira(r) o cabaço* (7), *tirar o lacre* (2), *tirar o sangue* (1).

SF (20): *arrancar o cabaço* (1), *arrombar* (1), *atravessar* (1), *deflorar* (2), *deflorar a flor* (1), *descabaçar* (1), *desflorar* (1), *desvirginar* (2), *estrear o parquinho* (1), *hoje é dia de romper* (1), *inaugurar o salão* (1), *iniciação*

(1), *perder a bola azul* (1), *primeira vez* (1), *romper o hímen* (2), *romper o lacre* (2), *ter relações sexuais* (1), *tirar a etiqueta* (1), *tirar a pureza* (1), *tirar o cabaço/tirou o cabaço* (7).

Eliminados os *hápax legomena*, apresentamos, na Tabela 18, os itens lexicais extraídos de cada um dos dois sexos, ordenados por frequência e acompanhados de seus números de ocorrência e porcentagens:

Tabela 18 - Vars., nº de ocs. e % obtidas para a pergunta 6, segundo o grupo de fatores sexo biológico

Sexo masculino			Sexo feminino		
Variantes	Nº de ocs.	%	Variantes	Nº de ocs.	%
<i>tira(r) o cabaço</i>	7	28,00	<i>tirar o cabaço/tirou o cabaço</i>	7	41,17
<i>descabaçar/descabacar</i>	5	20,00	<i>deflorar</i>	2	11,76
<i>deflorar</i>	3	12,00	<i>desvirginar</i>	2	11,76
<i>desvirginar</i>	3	12,00	<i>romper o hímen</i>	2	11,76
<i>tirar a virgindade</i>	3	12,00	<i>romper o lacre</i>	2	11,76
<i>tirar o lacre</i>	2	8,00	<i>descabaçar</i>	1	5,88
<i>romper o lacre</i>	1	4,00	<i>tirar a pureza</i>	1	5,88
<i>tirar a pureza</i>	1	4,00	-	-	-
Total = 8	25	100%	Total = 7	17	100%

Fonte: Elaboração própria.

→ Estatística Qui-Quadrado: 0,891 / p-Valor: 0,640 / Graus de Liberdade (df): 2

Constata-se que a diferença no número total de ocorrências das variantes entre os sexos foi de apenas 8: 25 no SM e 17 no SF. Além disso, as locuções *tirar a virgindade* (3 = 12,00%) e *tirar o lacre* (2 = 8,00%) apareceram exclusivamente nos dados masculinos, enquanto *romper o hímen* (2 = 11,76%) ocorreu apenas nos femininos. *Romper o hímen*, indubitavelmente, é mais eufêmica que *tirar o lacre*.

No que diz respeito à variável idade, os(as) participantes da faixa etária 1 produziram 24 unidades lexicais e os(as) da faixa etária 2, 18:

FE1 (24): *arrancar o cabaço* (1), *arrebentar o lacre* (1), *arrombar* (1), *atravessar* (1), *comer* (1), *dar* (1), *deflorar* (2), *deflorar a flor* (1), *desabrochar* (1), *descabaçar/descabacar* (4), *desflorar* (1), *desvirginar* (1), *hoje é dia de romper* (1), *perder o cabaço* (1), *pop the cherry* (1), *romper o hímen* (1), *romper o lacre* (2), *ser o primeiro* (1), *ter relações sexuais* (1), *tirar a etiqueta* (1), *tirar a pureza* (1), *tira(r) o cabaço* (6), *tirar o lacre* (1), *tirar o sangue* (1).

FE2 (18): *bagunçar* (1), *deflorar* (3), *descabaçar* (2), *desvirginar* (4), *estrear* (1), *estrear o parquinho* (1), *inaugurar* (1), *inaugurar o salão* (1), *iniciação* (1), *introduzir* (1), *perder a bola azul* (1), *primeira vez* (1), *romper o hímen* (1), *romper o lacre* (1), *tirar a pureza* (1), *tirar a virgindade* (3), *tirar o cabaço/tirou o cabaço* (8), *tirar o lacre* (1).

Na Tabela 19, apresentamos – excluídos os *hápax legomena* e dispostas em ordem decrescente de frequência – as variantes registradas para a FE1 e a FE2, acompanhadas de seus números de ocorrências e respectivas porcentagens:

Tabela 19 - Vars., nº de ocs. e % obtidas para a pergunta 6, segundo o grupo de fatores faixa etária

Faixa etária 1 (18 a 24 anos)			Faixa etária 2 (25 a 39 anos)		
Variantes	Nº de ocs.	%	Variantes	Nº de ocs.	%
<i>tira(r) o cabaço</i>	6	33,33	<i>tirar o cabaço/tirou o cabaço</i>	8	33,33
<i>descabaçar/descabacar</i>	4	22,22	<i>desvirginar</i>	4	16,66
<i>deflorar</i>	2	11,11	<i>deflorar</i>	3	12,50
<i>romper o lacre</i>	2	11,11	<i>tirar a virgindade</i>	3	12,50
<i>desvirginar</i>	1	5,55	<i>descabaçar</i>	2	8,33
<i>romper o hímen</i>	1	5,55	<i>romper o hímen</i>	1	4,16
<i>tirar a pureza</i>	1	5,55	<i>romper o lacre</i>	1	4,16
<i>tirar o lacre</i>	1	5,55	<i>tirar a pureza</i>	1	4,16
-	-	-	<i>tirar o lacre</i>	1	4,16
Total = 8	18	100%	Total = 9	24	100%

Fonte: Elaboração própria.

→ Estatística Qui-Quadrado: 0,154 / p-Valor: 0,925 / Graus de Liberdade (df): 2

No que se refere ao número total de ocorrências das variantes, os(as) participantes da FE1 forneceram 18, enquanto os(as) da FE2 produziram 24, uma diferença de 6. Ademais, apenas na FE2 foi registrado o sintagma léxico *tirar a virgindade* (3 = 12,50%), sem exclusividades na FE1.

Finalmente, no que se refere à variável independente orientação sexual, pessoas bissexuais produziram 15 variantes, heterossexuais 14 e homossexuais 17:

Bi (15): *arrombar* (1), *bagunçar* (1), *comer* (1), *dar* (1), *deflorar* (3), *descabaçar* (3), *desflorar* (1), *desvirginar* (2), *inaugurar o salão* (1), *perder a bola azul* (1), *pop the cherry* (1), *romper o hímen* (2), *tirar a pureza* (1), *tirar a virgindade* (1), *tirar o cabaço* (3).

He (14): *arrebentar o lacre* (1), *atravessar* (1), *deflorar* (1), *descabaçar* (1), *desvirginar* (1), *hoje é dia de romper* (1), *perder o cabaço* (1), *romper o lacre* (2), *ser o primeiro* (1), *ter relações sexuais* (1), *tirar a etiqueta* (1), *tirar a virgindade* (1), *tirar o cabaço* (5), *tirar o sangue* (1).

Ho (17): *arrancar o cabaço* (1), *deflorar* (1), *deflorar a flor* (1), *desabrochar* (1), *descabaçar/descabacar* (2), *desvirginar* (2), *estrear* (1), *estrear o parquinho* (1), *inaugurar* (1), *iniciação* (1), *introduzir* (1), *primeira vez* (1), *romper o lacre* (1), *tirar a pureza* (1), *tirar a virgindade* (1), *tira(r) o cabaço/tirou o cabaço* (6), *tirar o lacre* (2).

A Tabela 20 dispõe as variantes fornecidas por participantes de cada orientação sexual, apresentando seus respectivos números de ocorrência e porcentagens (sem os *hápx legomena* e em ordem decrescente):

Tabela 20 - Vars., nº de ocs. e % obtidas para a pergunta 6, segundo o grupo de fatores orientação sexual

Bissexualidade			Heterossexualidade			Homossexualidade		
Variantes	Nº de ocs.	%	Variantes	Nº de ocs.	%	Variantes	Nº de ocs.	%
<i>deflorar</i>	3	20,00	<i>tirar o cabaço</i>	5	45,45	<i>tira(r) o cabaço/tirou o cabaço</i>	6	37,50

<i>descabaçar</i>	3	20,00	<i>romper o lacre</i>	2	18,18	<i>descabaçar/descabacar</i>	2	12,50
<i>tirar o cabaço</i>	3	20,00	<i>deflorar</i>	1	9,09	<i>desvirginar</i>	2	12,50
<i>desvirginar</i>	2	13,33	<i>descabaçar</i>	1	9,09	<i>tirar o lacre</i>	2	12,50
<i>romper o hímen</i>	2	13,33	<i>desvirginar</i>	1	9,09	<i>deflorar</i>	1	6,25
<i>tirar a pureza</i>	1	6,66	<i>tirar a virgindade</i>	1	9,09	<i>romper o lacre</i>	1	6,25
<i>tirar a virgindade</i>	1	6,66	-	-	-	<i>tirar a pureza</i>	1	6,25
-	-	-	-	-	-	<i>tirar a virgindade</i>	1	6,25
Total = 7	15	100%	Total = 6	11	100%	Total = 8	16	100%

Fonte: Elaboração própria.

→ Estatística Qui-Quadrado: 2,089 / p-Valor: 0,719 / Graus de Liberdade (df): 4

Quanto ao número total de ocorrências das variantes, bissexuais forneceram 15, heterossexuais 11 e homossexuais 16. Além disso, *romper o hímen* (2 = 13,33%) ocorreu exclusivamente entre bissexuais, enquanto *tirar o lacre* (2 = 12,50%) surgiu apenas entre homossexuais. Heterossexuais não elicitaram nenhum item lexical exclusivo. No que tange ao compartilhamento do conhecimento de lexias erótico-obsenas, heterossexuais partilham com homossexuais o conhecimento da EF *romper o lacre* (sombreamento amarelo) e bissexuais compartilham com homossexuais o conhecimento da EF *tirar a pureza* (sombreamento rosa).

Até meados do século XX, a virgindade era considerada fundamental para a mulher brasileira devido a valores culturais, religiosos e sociais. Era sinônimo de sacralidade, honra, pureza e moralidade, sendo a mulher virgem vista como alguém de boa reputação para o casamento. A moça que perdesse tal virtude tornava-se desonrada, desonrava sua própria família e se tornava alvo de rejeição social. Isso se relacionava aos rígidos papéis de gênero da época: enquanto as mulheres deveriam manter-se virgens até o casamento, os homens eram frequentemente incentivados a ter experiências sexuais antes dele (mormente com prostitutas). Essa dupla moralidade sexual reforçava a ideia (falocêntrica e machista) de que a sexualidade feminina deveria ser controlada e restrita ao matrimônio.

Segundo Preti (1983, p. 37, itálico original), “um rígido tabu da virgindade impedia o ato sexual à mulher solteira. A honra, pois, tinha preço certo para ela: ‘custava barato: 60 réis’ (ou seja, *três vinténs*, metáfora gíria para a virgindade, hímen). Quanto à integridade moral, ‘diz-se que as moças têm... quando elas têm’²²¹”. Outras gírias designadoras do defloramento,

²²¹ As citações em aspas simples tratam-se de excertos do dicionário que o pesquisador está analisando, conforme já mencionado, do início do século XX, mais especificamente, de 1903.

consoante o autor, eram: *aquilo* (eufemístico), *cabaço* (obsceno), *cobre*, *dinheirinho*, *sessenta réis*, *três*, etc. Em todas essas metáforas,

a virgindade surge como condição primordial da mulher honesta, seu dote físico e moral para o casamento. Tudo leva a crer, pois, que as aventuras amorosas dos homens com objetivo sexual deviam restringir-se, predominantemente, a prostitutas e mulheres casadas insatisfeitas. Em ambos os casos, o amor pecaminoso era de absoluta responsabilidade da mulher [...] (Prete, 1983, p. 38).

Ainda é preciso observar, nessa época, a questão capitalista envolta da virgindade. Ser virgem não se concatenava apenas aos quesitos religiosos e morais da sociedade, mas também aos financeiros:

os estereótipos sobre a *virgindade* demonstram a grande importância que essa condição tem para a mulher solteira, a ponto de se tornar um dos tabus mais atenuantes de nossa cultura. A própria honra se limita, no caso da mulher, praticamente ao sexo. O estereótipo *mulher honesta*, a priori significa *aquela que se mantém casta*, e não a que não rouba, por exemplo. Curiosamente, o dinheiro aparece associado a muitos desses *clichês* sobre a *virgindade*, acompanhando outra ideia estereotipada de que *a fortuna das meninas é a virgindade, o dote que toda moça deve levar para o casamento* (Prete, 1983, p. 168).

Graças aos movimentos sociais e feministas das décadas de 1970 e 1980, ocorreu uma revolução sexual e um questionamento dos valores tradicionais. A sexualidade feminina passou a ser mais discutida, a virgindade deixou de ser uma exigência moral absoluta, e a pílula anticoncepcional, por exemplo, tornou-se um símbolo de autonomia. As mulheres reivindicavam igualdade e seus direitos na sociedade, muitas vezes limitados aos homens: voto, acesso à educação superior, participação no mercado de trabalho em condições de igualdade e direitos reprodutivos. Pode-se dizer que, hodiernamente, os reflexos dessas lutas resultaram em mudanças na forma como as mulheres são vistas, se veem e se comportam no Brasil e no mundo.

Voltando aos dados, *tira(r) o cabaço/tirou o cabaço* (14 ocs.), *descabaçar/descabacar* (6 ocs.), *deflorar* (5 ocs.) e *desvirginar* (5 ocs.) foram as unidades lexicais mais recorrentes no corpus. *Tira(r) o cabaço/tirou o cabaço* – a única, dentre as EF anteriormente mencionadas, dicionarizada (*Aulete*: Tabu; *Dicio*: não dicionarizada; *Houaiss*: dicionarizada, sem rubrica; *Michaelis*: VULG; *Priberam*: não dicionarizada) – e *descabaçar/descabacar* sinalizam a preferência dos(as) participantes da pesquisa por formas disfêmicas para nomear o conceito encerrado na pergunta 6 (que teve *descabaçar* como lexia-base para sua formulação). *Deflorar* e *desvirginar*, por sua vez, são, ao nosso ver, respectivamente, eufêmica e técnico-científica:

Quadro 5 - Rubricas apostas às lexias concernentes ao defloramento nas obras lexicográficas consultadas

Lexia/Dicionário	Aulete	Dicio	Houaiss	Michaelis	Priberam
<i>descabaçar</i> (6 ocs.)	Tabu.	Tabu. Pej.	1905t.d.; tab.	vtd VULG	[Informal]

<i>deflorar</i> (5 ocs.)	v.	[Figurado]	1561t.d. e pron.; p.ana.	vtd e vpr	verbo transitivo e pronominal
<i>desvirginar</i> (5 ocs.)	v.	verbo transitivo direto e pronominal	1885t.d. e pron.	vtd e vpr	verbo transitivo e pronominal

Fonte: Elaboração própria.

Em termos de datas, seguindo as informações constantes no *Houaiss* e o número de ocorrências no *corpus*, o esquema seria: *tira(r) o cabaço/tirou o cabaço* (secs. XVII-XVIII) → *descabaçar* (1905) → *deflorar* (1561) → *desvirginar* (1885).

Para finalizamos sobre a pergunta 6 e passarmos para a 7, de acordo com Kröll, existem

outras expressões metafóricas e eufemísticas, entre as quais há muitos verbos com o prefixo *des-*, são *arrancar* (*estoirar, tirar*) *o cabaço*, *comer o cabaço* ou *descabaçar*; *arrombar* (*comer, rebentar*) *os tampos*, *meter os tampos dentro*; *desmoçar*; *despuccelar, desfolhar a flor, desvirginar* e a forma jocosa *desvirgular, desvirtuar* (Kröll, 1984, p. 88).

Concordamos com o autor quanto ao sentido metafórico dos itens lexicais, mas discordamos parcialmente quanto ao sentido eufemístico deles, sobretudo no que se refere às EF que possuem as lexias *cabaço* e *tampos* em sua estrutura, e à unidade lexical *descabaçar*.

No que se refere à pergunta 7, relacionada à relação sexual, ela resultou na produção de 103 variantes, listadas a seguir com suas respectivas frequências entre parênteses:

7. Qual(Quais) palavra(s) e/ou expressão(ões) você conhece para a relação sexual com outra pessoa?

Variantes (103): *abrir* (1), *afogar o ganso* (2), *arrebentar na rolada* (1), *arregaçar* (1), *arrombar* (1), *atender* (1), *bimbar* (1), *botar* (1), *botar aranha pra brigar* (1), *botar fortasso* (1), *botar sem dó* (1), *brincar* (2), *cardio na cama* (1), *cavalgar* (1), *clap clap* (1), *coabitar* (1), *coisar* (3), *coito* (4), *comer* (7), *comer alguém* (2), *comer a sobremesa antes da janta* (1), *conhecer a pessoa* (1), *copular* (3), *creu* (1), *dar* (3), *dar prazer* (1), *dar uma pentada* (1), *dar uma rapidinha* (1), *dar umazinha* (1), *descabelar a coitada* (1), *descabelar o palhaço* (1), *destruir* (1), *empurrar* (1), *enfiar a rola* (1), *enfiar sem dó* (1), *enfiar um boneco* (1), *ensaiar pra engravidar* (1), *fazer a festa* (1), *fazer a manutenção* (1), *fazer amor/fazer amorzinho* (12), *fazer cpf novo* (1), *fazer delirar* (1), *fazer gozar* (1), *fazer neném* (1), *fazer o xaxanan* (1), *fazer sexo* (7), *fazer um boneco* (1), *fazer um filho* (1), *foda* (2), *foder/fuder* (16), *fornicação* (1), *fornicar/fornicar* (4), *funfar* (1), *furunfada* (1), *furunfar* (1), *ir fortão* (1), *ir sem dó* (1), *luta de espadas* (1), *macetar* (1), *meteção* (1), *metelança* (2), *meter* (14), *meter a pica* (1), *meter sem dó* (1), *metida* (1), *molhar o biscoito* (2), *molhar o lençol* (1), *nhanhar* (1), *nheco(-)nheco* (2), *oba oba* (1), *papai e mamãe* (1), *passar a noite em claro* (1), *queimar calorias* (1), *quicar* (1), *rala e rola* (2), *real* (1), *relaxar* (1), *revirar seus olhos* (1), *sapecar* (1), *saracutear* (1), *se deitar* (1), *sentar* (2), *sentar na giromba* (1), *se relacionar intimamente* (1), *sexo* (11), *socar forte* (1), *socar fundo* (1), *socar o útero* (1), *tchaca tchaca* (1), *tcheco tcheco* (1), *te deixar na cadeira de rodas* (1), *torar* (1), *traçar* (3), *transa* (3), *transar/tranzar* (21), *trepada* (1), *trepar* (12), *trocar o óleo* (1), *uma rapidinha* (1), *vapo vapo* (1), *virar os olhos* (1), *vuco-vuco* (1).

A EF *cardio na cama*, cuja lexia *cardio* é a abreviação de *cardiovascular*, é bastante criativa: conota comicamente o sexo como um exercício aeróbico que promove o condicionamento físico, aumentando a frequência cardíaca e respiratória. As unidades lexicais *clap clap*, *nheco nheco* ~ *nheco-nheco*, *tchaca tchaca*, *tcheco tcheco*, *vapo vapo* e *vuco-vuco*, criações onomatopáicas que reproduzem sonoramente o sexo, são usadas eufemisticamente

para substituir lexias técnico-científicas²²² ou disfemísticas a ele relacionadas. Nota-se casos em que o hífen (-), obrigatório segundo as gramáticas normativas, não aparece. Já a EF *dar uma pentada* significa ‘fazer sexo’ – “*Hoje vou dar uma **pentada** violenta!*”²²³ – ou ‘penetrar’ – *pentada violenta* ‘penetração sexual violenta’²²⁴.

As EF *dar prazer* e *dar umazinha* parecem compartilhar o esquema abstrato **dar** + *N*, assim como *dar uma pentada* e *dar uma rapidinha*, o esquema **dar uma** + *N*. Já *fazer a festa*, *fazer a manutenção*, *fazer o xaxanan*, *fazer um boneco* e *fazer um filho* parecem partilhar o esquema **fazer** + *Art* + *N*, enquanto as EF *fazer amor/fazer amorzinho*, *fazer delirar*, *fazer gozar*, *fazer neném* e *fazer sexo* compartilham o **fazer** + *N*. Além disso, o sintagma léxico *descabelar o palhaço* (que aparece ao lado de *descabelar a coitada*) é usado como designador da masturbação masculina e da relação sexual.

A locução *fazer cpf novo*, cuja acronímia *CPF* equivale ao *Cadastro de Pessoa Física*, relaciona o ato sexual ao possível concebimento de uma pessoa. *Foder* ~ *fuder*, *fornicar* ~ *furnicar*, *saracutear* (~ *saracotear*) e *transar* ~ *tranzar* são casos claros de variação diamésica: verifica-se a substituição da vogal *o* pela *u* – na fala: o alçamento da vogal média alta posterior arredondada [o] para a vogal alta posterior arredondada [u] – [fo.'deh] ~ [fu.'deh], [fofi.ni.'kah] ~ [fuñ.ni.'kah] e [sa.ra.ko.tʃi.'ah] ~ [sa.ra.ku.tʃi.'ah] – e a confusão entre o *s* e o *z* gráficos – que podem representar o som da fricativa alveolar vozeada [z], por exemplo, ['ka.zə] e [ko.zĩ.'ʃah].

Os itens lexicais *funfar*, *furunfada*, *furunfar*, *nhanhar* e *oba oba* (também sem hífen), apesar de terem sons repetitivos e rítmicos, e, conseqüentemente, reportarem-se a onomatopeias, não o são. Tratam-se de deformações fonéticas (já criadas assim?) para remeterem ao ato sexual de forma bem-humorada e eufemística. Consoante Guérios (1956, 1979) e Rodríguez (2000), a deformação fonética é um recurso substitutivo de palavras-tabu: *bubu* ~ *boceta*, *diabo* ~ *diacho*, *satanás* ~ *satango*, etc.

No que toca à interdição imposta sobre a relação sexual e à lexia *nhanhar*, Ortiz-Alvarez afirma que

ainda há tabus na vida social, sob os efeitos de repressão dos costumes, principalmente aqueles que se referem às práticas sexuais [...] Até os anos 60 do século passado eram proibidas as palavras: *puta*, *aborto*, *masturbação*, *sexo oral*, *sexo anal*, etc. No caso da palavra *transar* é comum nestes últimos tempos ouvir o verbo *nhanhar*, que apareceu na boca de um dos personagens de telenovela (Ortiz-Alvarez, 2007, p. 7, itálicos originais).

²²² Não queremos dizer, no entanto, que as formas técnico-científicas não sejam também eufêmicas.

²²³ Disponível em: <https://www.dicionarioinformal.com.br/pentada/>. Acesso em: 23 mar. 2025.

²²⁴ Disponível em: https://dicionariocriativo.com.br/expressoes/dar_uma_pentada/sexo. Acesso em: 23 mar. 2025.

A substantivação de verbos, ou criação de substantivos deverbais, por meio de derivação regressiva possibilitou: *met-er* → *met-eção*, *met-elança* e *met-ida*. Nos dados analisados por Guedelha (2011), esse processo de formação de palavras foi improdutivo.

Relativamente ao total, ao número de ocorrência(s) e às variantes elicitadas por participantes do sexo masculino e feminino, expomo-las(os) abaixo:

SM (68): *arrebentar na rodada* (1), *arregaçar* (1), *arrombar* (1), *botar* (1), *botar fortasso* (1), *botar sem dó* (1), *brincar* (1), *cavalgar* (1), *clap clap* (1), *coisar* (3), *coito* (2), *comer* (1), *comer alguém* (1), *dar* (2), *dar uma pentada* (1), *dar uma rapidinha* (1), *dar umazinha* (1), *descabelar a coitada* (1), *destruir* (1), *empurrar* (1), *enfiar a rola* (1), *enfiar sem dó* (1), *enfiar um boneco* (1), *fazer amor/fazer amorzinho* (6), *fazer cpf novo* (1), *fazer delirar* (1), *fazer neném* (1), *fazer sexo* (4), *foda* (1), *foder/fuder* (8), *funfar* (1), *fornicar* (1), *furunfada* (1), *furunfar* (1), *ir fortão* (1), *ir sem dó* (1), *meteção* (1), *meter* (7), *meter a pica* (1), *meter sem dó* (1), *metida* (1), *nhanhar* (1), *nheco nheco* (1), *oba oba* (1), *papai e mamãe* (1), *quicar* (1), *rala e rola* (1), *real* (1), *revirar seus olhos* (1), *sapecar* (1), *saracutear* (1), *sentar* (1), *sentar na giromba* (1), *sexo* (7), *socar forte* (1), *socar fundo* (1), *socar o útero* (1), *tchaca tchaca* (1), *tcheco tcheco* (1), *te deixar na cadeira de rodas* (1), *torar* (1), *traçar* (1), *transa* (1), *transar/tranzar* (11), *trepada* (1), *trepar* (6), *uma rapidinha* (1), *vuco-vuco* (1).

SF (54): *abrir* (1), *afogar o ganso* (2), *atender* (1), *bimbar* (1), *botar aranha pra brigar* (1), *brincar* (1), *cardio na cama* (1), *coabitar* (1), *coito* (2), *comer* (6), *comer alguém* (1), *comer a sobremesa antes da janta* (1), *conhecer a pessoa* (1), *copular* (3), *creu* (1), *dar* (1), *dar prazer* (1), *descabelar palhaço* (1), *enrubar* (1), *ensaiar pra engravidar* (1), *fazer a festa* (1), *fazer a manutenção* (1), *fazer amor* (6), *fazer gozar* (1), *fazer o xaxanan* (1), *fazer sexo* (3), *fazer um boneco* (1), *fazer um filho* (1), *foda* (1), *foder/fuder* (8), *fornicação* (1), *fornicar* (3), *luta de espadas* (1), *macetar* (1), *metelança* (2), *meter* (7), *molhar o biscoito* (2), *molhar o lençol* (1), *nheco-nheco* (1), *passar a noite em claro* (1), *queimar calorias* (1), *rala e rola* (1), *relaxar* (1), *se deitar* (1), *sentar* (1), *se relacionar intimamente* (1), *sexo* (4), *traçar* (2), *transa* (2), *transar* (10), *trepar* (6), *trocar o óleo* (1), *vapo vapo* (1), *virar os olhos* (1).

A Tabela 21 dispõe as variantes coletadas de cada um dos dois sexos, suas respectivas frequências no *corpus* e suas porcentagens:

Tabela 21 - Vars., nº de ocs. e % obtidas para a pergunta 7, segundo o grupo de fatores sexo biológico

Sexo masculino			Sexo feminino		
Variantes	Nº de ocs.	%	Variantes	Nº de ocs.	%
<i>transar/tranzar</i>	11	16,66	<i>transar</i>	10	13,33
<i>foder/fuder</i>	8	12,12	<i>foder/fuder</i>	8	10,66
<i>meter</i>	7	10,60	<i>meter</i>	7	9,33
<i>sexo</i>	7	10,60	<i>comer</i>	6	8,00
<i>fazer amor/fazer amorzinho</i>	6	9,09	<i>fazer amor</i>	6	8,00
<i>trepar</i>	6	9,09	<i>trepar</i>	6	8,00
<i>fazer sexo</i>	4	6,06	<i>sexo</i>	4	5,33
<i>coisar</i>	3	4,54	<i>copular</i>	3	4,00
<i>coito</i>	2	3,03	<i>fazer sexo</i>	3	4,00
<i>dar</i>	2	3,03	<i>fornicar</i>	3	4,00
<i>brincar</i>	1	1,51	<i>afogar o ganso</i>	2	2,66
<i>comer</i>	1	1,51	<i>coito</i>	2	2,66
<i>comer alguém</i>	1	1,51	<i>metelança</i>	2	2,66
<i>foda</i>	1	1,51	<i>molhar o biscoito</i>	2	2,66
<i>fornicar</i>	1	1,51	<i>traçar</i>	2	2,66
<i>nheco nheco</i>	1	1,51	<i>transa</i>	2	2,66

<i>rala e rola</i>	1	1,51	<i>brincar</i>	1	1,33
<i>sentar</i>	1	1,51	<i>comer alguém</i>	1	1,33
<i>traçar</i>	1	1,51	<i>dar</i>	1	1,33
<i>transa</i>	1	1,51	<i>foda</i>	1	1,33
-	-	-	<i>nheco-nheco</i>	1	1,33
-	-	-	<i>rala e rola</i>	1	1,33
-	-	-	<i>sentar</i>	1	1,33
Total = 20	66	100%	Total = 23	75	100%

Fonte: Elaboração própria.

→ Estatística Qui-Quadrado: 0,028 / p-Valor: 0,986 / Graus de Liberdade (df): 2

Nota-se que a variante *coisar* (3 = 4,54%) foi registrada apenas no SM, ao passo que *copular* (3 = 4,00%), *afogar o ganso* (2 = 2,66%), *metelança* (2 = 2,66%) e *molhar o biscoito* (2 = 2,66%) surgiram exclusivamente no SF. No mais, a diferença no número total de ocorrências entre os sexos foi de 9: 66 para o SM e 75 para o SF.

Em relação ao condicionador extralinguístico idade, os(as) respondentes da FE1 forneceram 71 variantes, enquanto os(as) da FE2 registraram 54 (17 a menos):

FE1 (71): *abrir* (1), *afogar o ganso* (1), *arrebentar na rolada* (1), *arregaçar* (1), *arrombar* (1), *atender* (1), *botar* (1), *botar fortasso* (1), *botar sem dó* (1), *brincar* (1), *cavalgar* (1), *clap clap* (1), *coabitar* (1), *coisar* (1), *coito* (2), *comer* (4), *conhecer a pessoa* (1), *copular* (2), *creu* (1), *dar* (1), *dar uma rapidinha* (1), *dar umazinha* (1), *descabelar a coitada* (1), *destruir* (1), *empurrar* (1), *enfiar a rola* (1), *enfiar sem dó* (1), *enfiar um boneco* (1), *enrabar* (1), *fazer amor* (7), *fazer cpf novo* (1), *fazer delirar* (1), *fazer neném* (1), *fazer sexo* (3), *foda* (1), *foder/fuder* (10), *fornicação* (1), *fornicar/fornicar* (3), *funfar* (1), *furunfar* (1), *ir fortão* (1), *ir sem dó* (1), *macetar* (1), *metelança* (1), *meter* (7), *meter a pica* (1), *meter sem dó* (1), *molhar o biscoito* (1), *nheco-nheco* (1), *oba oba* (1), *papai e mamãe* (1), *quicar* (1), *revirar seus olhos* (1), *sapecar* (1), *saracutear* (1), *se deitar* (1), *sentar* (1), *sentar na giromba* (1), *se relacionar intimamente* (1), *sexo* (7), *socar forte* (1), *socar fundo* (1), *socar o útero* (1), *tchaca tchaca* (1), *tcheco tcheco* (1), *te deixar na cadeira de rodas* (1), *torar* (1), *traçar* (2), *transa* (1), *transar/tranzar* (11), *tregar* (6).

FE2 (54): *afogar o ganso* (1), *bimbar* (1), *botar aranha pra brigar* (1), *brincar* (1), *cardio na cama* (1), *coisar* (2), *coito* (2), *comer* (3), *comer alguém* (2), *comer a sobremesa antes da janta* (1), *copular* (1), *dar* (2), *dar prazer* (1), *dar uma pentada* (1), *descabelar o palhaço* (1), *ensaiar pra engravidar* (1), *fazer a festa* (1), *fazer a manutenção* (1), *fazer amor/fazer amorzinho* (5), *fazer gozar* (1), *fazer o xaxanan* (1), *fazer sexo* (4), *fazer um boneco* (1), *fazer um filho* (1), *foda* (1), *foder/fuder* (6), *fornicar* (1), *furunfada* (1), *luta de espadas* (1), *meteção* (1), *metelança* (1), *meter* (7), *metida* (1), *molhar o biscoito* (1), *molhar o lençol* (1), *nhanhar* (1), *nheco-nheco* (1), *passar a noite em claro* (1), *queimar calorias* (1), *rala e rola* (2), *real* (1), *relaxar* (1), *sentar* (1), *sexo* (4), *traçar* (1), *transa* (2), *transar* (10), *trepada* (1), *tregar* (6), *trocar o óleo* (1), *uma rapidinha* (1), *vapo vapo* (1), *virar os olhos* (1), *vuco-vuco* (1).

A Tabela 22 apresenta os itens lexicais da FE1 e da FE2, seguidos de suas frequências absoluta e relativa:

Tabela 22 - Vars., nº de ocs. e % obtidas para a pergunta 7, segundo o grupo de fatores faixa etária

Faixa etária 1 (18 a 24 anos)			Faixa etária 2 (25 a 39 anos)		
Variantes	Nº de ocs.	%	Variantes	Nº de ocs.	%
<i>transar/tranzar</i>	11	14,86	<i>transar</i>	10	14,92
<i>foder/fuder</i>	10	13,51	<i>meter</i>	7	10,44

<i>fazer amor</i>	7	9,45	<i>foder/fuder</i>	6	8,95
<i>meter</i>	7	9,45	<i>trepar</i>	6	8,95
<i>sexo</i>	7	9,45	<i>fazer amor/fazer amorzinho</i>	5	7,46
<i>trepar</i>	6	8,10	<i>fazer sexo</i>	4	5,97
<i>comer</i>	4	5,40	<i>sexo</i>	4	5,97
<i>fazer sexo</i>	3	4,05	<i>comer</i>	3	4,47
<i>fornicar/fornicar</i>	3	4,05	<i>coisar</i>	2	2,98
<i>coito</i>	2	2,70	<i>coito</i>	2	2,98
<i>copular</i>	2	2,70	<i>comer alguém</i>	2	2,98
<i>traçar</i>	2	2,70	<i>dar</i>	2	2,98
<i>afogar o ganso</i>	1	1,35	<i>rala e rola</i>	2	2,98
<i>brincar</i>	1	1,35	<i>transa</i>	2	2,98
<i>coisar</i>	1	1,35	<i>afogar o ganso</i>	1	1,49
<i>dar</i>	1	1,35	<i>brincar</i>	1	1,49
<i>foda</i>	1	1,35	<i>copular</i>	1	1,49
<i>metelança</i>	1	1,35	<i>foda</i>	1	1,49
<i>molhar o biscoito</i>	1	1,35	<i>fornicar</i>	1	1,49
<i>nheco nheco</i>	1	1,35	<i>metelança</i>	1	1,49
<i>sentar</i>	1	1,35	<i>molhar o biscoito</i>	1	1,49
<i>transa</i>	1	1,35	<i>nheco-nheco</i>	1	1,49
-	-	-	<i>sentar</i>	1	1,49
-	-	-	<i>traçar</i>	1	1,49
Total = 22	74	100%	Total = 24	67	100%

Fonte: Elaboração própria.

→ Estatística Qui-Quadrado: 0,165 / p-Valor: 0,920 / Graus de Liberdade (df): 2

Quanto ao número total de ocorrências das variantes, os(as) respondentes da FE1 registraram 74, enquanto os(as) da FE2 produziram 67, 7 a menos. Além disso, as lexias complexas *comer alguém* (2 = 2,98%) e *rala e rola* (2 = 2,98%) foram exclusivas da FE1; a FE2 não produziu itens lexicais erótico-obscenos privativos.

Por fim, quanto ao condicionador extralinguístico orientação sexual, bissexuais eliciaram 37 variantes, heterossexuais 46 e homossexuais 47:

Bi (37): *abrir* (1), *atender* (1), *bimbar* (1), *cavalgar* (1), *clap clap* (1), *coisar* (2), *coito* (1), *comer* (3), *comer alguém* (2), *comer a sobremesa antes da janta* (1), *copular* (1), *dar* (2), *dar uma pentada* (1), *dar uma rapidinha* (1), *dar umazinha* (1), *descabelar o palhaço* (1), *fazer amor* (3), *fazer o xaxanan* (1), *fazer sexo* (3), *fazer um boneco* (1), *foder/fuder* (7), *fornicar* (2), *furunfar* (1), *macetar* (1), *meteção* (1), *metelança* (1), *meter* (7), *nheco nheco* (1), *papai e mamãe* (1), *quicar* (1), *sentar* (1), *sexo* (2), *tchaca tchaca* (1), *traçar* (2), *transar* (8), *trepar* (5), *vapo vapo* (1).

He (46): *arrebentar na rolada* (1), *arregaçar* (1), *arrombar* (1), *botar* (1), *botar fortasso* (1), *botar sem dó* (1), *brincar* (1), *coabitar* (1), *coito* (1), *comer* (2), *conhecer a pessoa* (1), *creu* (1), *descabelar a coitada* (1), *destruir* (1), *empurrar* (1), *enfiar a rola* (1), *enfiar sem dó* (1), *enfiar um boneco* (1), *fazer amor/fazer amorzinho* (6), *fazer cpf novo* (1), *fazer delirar* (1), *fazer neném* (1), *fazer sexo* (3), *foder/fuder* (5), *ir fortão* (1), *ir sem dó* (1), *metelança* (1), *meter* (4), *meter a pica* (1), *meter sem dó* (1), *nheco-nheco* (1), *revirar seus olhos* (1), *sapecar* (1), *saracutear* (1), *se deitar* (1), *sentar* (1), *se relacionar intimamente* (1), *sexo* (3), *socar forte* (1), *socar fundo* (1), *socar o útero* (1), *te deixar na cadeira de rodas* (1), *torar* (1), *transar* (8), *trepar* (5), *um rapidinha* (1).

Ho (47): *afogar o ganso* (2), *botar aranha pra brigar* (1), *brincar* (1), *cardio na cama* (1), *coisar* (1), *coito* (2), *comer* (2), *copular* (2), *dar* (1), *dar prazer* (1), *enrabar* (1), *ensaiar pra engravidar* (1), *fazer a festa* (1), *fazer a*

manutenção (1), fazer amor (3), fazer gozar (1), fazer sexo (1), fazer um filho (1), foda (2), foder/fuder (4), fornicção (1), fornicar/fornicar (2), funfar (1), furunfada (1), luta de espadas (1), meter (3), metida (1), molhar o biscoito (2), molhar o lençol (1), nharhar (1), oba oba (1), passar a noite em claro (1), queimar calorias (1), rala e rola (2), real (1), relaxar (1), sentar na giromba (1), sexo (6), tcheco tcheco (1), traçar (1), transa (3), transar/tranzar (5), trepada (1), trepar (2), trocar o óleo (1), virar os olhos (1), vuco-vuco (1).

Na Tabela 23, ilustramos as unidades lexicais elicitadas por participantes de cada orientação sexual, com suas respectivas frequências e porcentagens:

Tabela 23 - Vars., nº de ocs. e % obtidas para a pergunta 7, segundo o grupo de fatores orientação sexual

Bissexualidade			Heterossexualidade			Homossexualidade		
Variantes	Nº de ocs.	%	Variantes	Nº de ocs.	%	Variantes	Nº de ocs.	%
<i>transar</i>	8	15,09	<i>transar</i>	8	19,51	<i>sexo</i>	6	12,76
<i>foder/fuder</i>	7	13,20	<i>fazer amor/fazer amorzinho</i>	6	14,63	<i>transar/tranzar</i>	5	10,63
<i>meter</i>	7	13,20	<i>foder/fuder</i>	5	12,19	<i>foder/fuder</i>	4	8,51
<i>trepar</i>	5	9,43	<i>trepar</i>	5	12,19	<i>fazer amor</i>	3	6,38
<i>comer</i>	3	5,66	<i>meter</i>	4	9,75	<i>meter</i>	3	6,38
<i>fazer amor</i>	3	5,66	<i>fazer sexo</i>	3	7,31	<i>transa</i>	3	6,38
<i>fazer sexo</i>	3	5,66	<i>sexo</i>	3	7,31	<i>afogar o ganso</i>	2	4,25
<i>coisar</i>	2	3,77	<i>comer</i>	2	4,87	<i>coito</i>	2	4,25
<i>comer alguém</i>	2	3,77	<i>brincar</i>	1	2,43	<i>comer</i>	2	4,25
<i>dar</i>	2	3,77	<i>coito</i>	1	2,43	<i>copular</i>	2	4,25
<i>fornicar</i>	2	3,77	<i>metelança</i>	1	2,43	<i>foda</i>	2	4,25
<i>sexo</i>	2	3,77	<i>nheco-nheco</i>	1	2,43	<i>fornicar/fornicar</i>	2	4,25
<i>traçar</i>	2	3,77	<i>sentar</i>	1	2,43	<i>molhar o biscoito</i>	2	4,25
<i>coito</i>	1	1,88	-	-	-	<i>rala e rola</i>	2	4,25
<i>copular</i>	1	1,88	-	-	-	<i>trepar</i>	2	4,25
<i>metelança</i>	1	1,88	-	-	-	<i>brincar</i>	1	2,12
<i>nheco nheco</i>	1	1,88	-	-	-	<i>coisar</i>	1	2,12
<i>sentar</i>	1	1,88	-	-	-	<i>dar</i>	1	2,12
-	-	-	-	-	-	<i>fazer sexo</i>	1	2,12
-	-	-	-	-	-	<i>traçar</i>	1	2,12
Total = 18	53	100%	Total = 13	41	100%	Total = 20	47	100%

Fonte: Elaboração própria.

→ Estatística Qui-Quadrado: 0,231 / p-Valor: 0,993 / Graus de Liberdade (df): 4

Observa-se que bissexuais produziram 53 ocorrências, homossexuais 47 e heterossexuais 41. Além disso, a unidade lexical *comer alguém* (2 = 3,77%) foi atestada apenas nos dados das pessoas bissexuais, enquanto *transa* (3 = 6,38%), *afogar o ganso* (2 = 4,25%), *foda* (2 = 4,25%), *molhar o biscoito* (2 = 4,25%) e *rala e rola* (2 = 4,25%) apareceram exclusivamente nos das pessoas homossexuais. Heterossexuais não apresentaram itens lexicais exclusivos. Quanto ao conhecimento de variantes erótico-obscenas, heterossexuais compartilham com homossexuais apenas *brincar* (sombreamento amarelo), e com bissexuais,

metelança, *nheco(-)nheco* e *sentar* (sombreamento azul). Já bissexuais e homossexuais dividem o conhecimento de 5 lexias (sombreamento rosa): *coisar*, *copular*, *dar*, *fornicar/fornicar* e *traçar*.

O caso de *comer alguém*, um objeto direto formado por um pronome indefinido, é bastante interessante, pois evidencia como estruturas sintáticas simples podem veicular significados complexos e altamente contextuais. Aqui, a indefinidade pode referir-se a um referente de qualquer sexo ou gênero, o que confere à EF certa generalidade e adaptabilidade semântica, possibilitando, por exemplo, seu uso em diversos contextos comunicativos.

Utilizamos, para a criação da pergunta 7, a lexia-base *transar* e obtivemos justamente ela como a mais frequente nos dados, mas não apenas:

Quadro 6 - Lexias mais recorrentes para a pergunta 7 e as rubricas apostas a elas nas obras lexicográficas consultadas

Lexia/Dicionário	Aulete	Dicio	Houaiss	Michaelis	Priberam
<i>transar/tranzar</i> (21 ocs.)	Bras.	verbo transitivo indireto e intransitivo	1365infrm.	COLOQ	[Brasil, Informal]
<i>foder/fuder</i> (16 ocs.)	Tabu.	Tabu. Vulgar.	1152tab.	VULG	[Tabuísmo]
<i>meter</i> (14 ocs.)	Bras. Tabu.	-	1269B; tab.	VULG	-
<i>fazer amor/amorzinho</i> (12 ocs.)	! ²²⁵	X	1275infrm.	!	!
<i>tregar</i> (12 ocs.)	Bras. Pop.	[Popular]	sXVfig.; B; tab.	VULG	[Brasil, Informal]
<i>sexo</i> (11 ocs.)	!	[Por Extensão] Uso Popular.	1540p.ext.	X	!
<i>comer</i> (7 ocs.)	Tabu.	[Figurado] Vulgar.	sXIIIItab.	VULG	[Informal]
<i>fazer sexo</i> (7 ocs.)	!	X	X	!	X

Fonte: Elaboração própria.

Se tabu é sinônimo de proibido, logo, *foder ~ fuder*, *comer*, *meter* e *tregar* seriam mais interditas, e *transar ~ tranzar*, *sexo*, *fazer sexo* e *fazer amor ~ fazer amorzinho* seriam mais permitidas. Isso porque as primeiras referem-se ao sexo de modo agressivo, animalizado, grosseiro e violento; já as segundas seriam mais agradáveis, delicadas, imotivadas e suaves. Esse achado se aproximaria às proposições de Xatara e Oliveira (2002) e Braga e Ribeiro (2008).

Segundo Augras (1989), no Brasil e no exterior, *comer* também significa ‘ter relações sexuais’. Orsi (2007, 2009) afirma que essa associação se dá via metáfora, por relações de similaridade: o sexo é comumente pensado como uma refeição, e os órgãos envolvidos nele são os alimentos a serem comidos – *banana*, *linguiça* e *pirulito* para o ‘pênis’, e *hamburguer de pelo*, *pudim de pelo* e *pastel de pelo* para a ‘vulva’.

²²⁵ ! = dicionarizada, sem rubrica.

De diversas maneiras, o ato sexual é dissimulado, sobretudo através de metáforas e perífrases, e os verbos *dar* e *fazer* são recorrentes em muitas expressões verbais que o nomeiam: *fazer*, *fazer amor*, *fazer neném* e *fazer sexo* (Correia, 1927; Kröll, 1984). Conforme Kröll,

o próprio acto sexual é eufemizado em muitas expressões e metáforas porque um pudor natural impede o emprego do termo exacto. Seria considerado como um atentado contra os preceitos da cortesia servir-se neste domínio de palavras mal soantes. Algumas expressões cultas como *coito*, *cópula*, e *copular*, *fornicar* servem de eufemismos para o acto genésico (Kröll, 1984, p. 108, itálicos originais).

De fato, nos nossos dados aparecem expressões com *dar* e *fazer*, e as demais lexias mencionadas:

- a) *coito* (4 ocs.), *copular* (3 ocs.) e *fornicar* (4 ocs.);
- b) *dar* (3 ocs.), *dar prazer* (1 oc.), *dar uma pentada* (1 oc.), *dar uma rapidinha* (1 oc.) e *dar umazinha* (1 oc.);
- c) *fazer a festa* (1 oc.), *fazer a manutenção* (1 oc.), *fazer amor/fazer amorzinho* (12 ocs.), *fazer cpf novo* (1 oc.), *fazer delirar* (1 oc.), *fazer gozar* (1 oc.), *fazer neném* (1 oc.), *fazer o xaxanan* (1 oc.), *fazer sexo* (7 ocs.), *fazer um boneco* (1 oc.), *fazer um filho* (1 oc.).

Podemos dizer, então, que as unidades lexicais mais recorrentes no *corpus* para a atividade sexual com outra pessoa coexistem e vão do erótico ao obsceno, o que pode ser evidenciado, por exemplo, pelo contraste entre *transar* ~ *tranzar*, mais eufemística, e *foder* ~ *fuder*, mais disfemística. Além disso, o verbo *fazer*, mais que o *dar*, possibilita EF variáveis em termos formais, mas constantes em termos conceituais. Não podemos afirmar, no entanto, que elas sejam todas eufêmicas, mas que algumas delas o são, como *fazer amor* ~ *fazer amorzinho* e *fazer sexo*, e também são mais frequentes que itens lexicais ditos cultos (*coito*, *copular* e *fornicar*) – Morales (2005) também considera *fazer amor* (*hacer el amor*) como um substituto eufêmico de *chichar* (*foder*, *tregar*) ‘fornicar’.

Sobre a pergunta 8, concernente ao orgasmo, apresentamo-la abaixo, acompanhada do total de formas para ela atestadas, cada qual seguida de seu número de ocorrência(s) entre parênteses:

8. Qual(Quais) palavra(s) e/ou expressão(ões) você conhece para o ato de atingir o orgasmo em uma relação sexual?

Variantes (40): *amolecer* (1), *chegar a delirar* (1), *chegar ao/no ápice* (2), *chegar ao clímax* (1), *chegar lá* (7), *concluir* (1), *cum* (1), *dar leite* (1), *derramar o leite* (1), *ejacular* (5), *encher* (1), *esporrar* (1), *estourar o champanhe* (2), *explodir* (1), *finalizar* (1), *gemer de prazer* (1), *gozar* (22), *ir pro céu/ir para os céus* (2), *jorrar* (4), *leitar* (3), *melar* (1), *melar a flor* (1), *molhar* (1), *morder a fronha* (1), *não sentir as pernas* (1), *orgasmo* (1),

pequena morte (1), *perder a noção* (1), *perder as forças* (1), *perder o rumo* (1), *satisfazer* (1), *sentir o nirvana* (1), *sonhar acordado* (1), *squirt* (1), *subir nas paredes* (1), *ter (um) orgasmo* (2), *tremar as pernas* (2), *vazar* (1), *ver estrelas* (1), *virar os olhos* (1).

Verificamos apenas um caso de variação diamésica, dois empréstimos e duas EF mais variáveis, a saber: *chegar ao climax*, sendo *clímax*, via de regra, grafado com o acento agudo (´) sobre a vogal alta anterior não arredondada [i] – [ˈkli.mæks]; *cum* e *squirt*, do inglês – *ejacular/gozar* e *esguichar*, respectivamente; ***chegar*** (+ ***Prep*** (+ ***Art_{def}***)) + ***N/Adv_{lug}*** – *chegar a delirar*, *chegar ao/no ápice*, *chegar ao climax* e *chegar lá* – e ***perder*** + ***Art_{def}*** + ***N*** – *perder a noção*, *perder as forças*, *perder o rumo*.

No que diz respeito ao total, à distribuição e aos itens lexicais registrados entre respondentes do SM e do SF, exibimo-los(a) a seguir:

SM (23): *chegar a delirar* (1), *chegar lá* (2), *chegar no ápice* (1), *cum* (1), *derramar o leite* (1), *ejacular* (2), *encher* (1), *estourar o champanhe* (2), *gozar* (11), *ir pro céu/ir para os céus* (2), *jorrar* (2), *leitar* (2), *melar* (1), *melar a flor* (1), *não sentir as pernas* (1), *perder a noção* (1), *perder as forças* (1), *sentir o nirvana* (1), *sonhar acordado* (1), *squirt* (1), *ter orgasmo* (1), *vazar* (1), *ver estrelas* (1).

SF (24): *amolecer* (1), *chegar ao ápice* (1), *chegar ao climax* (1), *chegar lá* (5), *concluir* (1), *dar leite* (1), *ejacular* (3), *esporrar* (1), *explodir* (1), *finalizar* (1), *gemer de prazer* (1), *gozar* (11), *jorrar* (2), *leitar* (1), *molhar* (1), *morder a fronha* (1), *orgasmo* (1), *pequena morte* (1), *perder o rumo* (1), *satisfazer* (1), *subir nas paredes* (1), *ter um orgasmo* (1), *tremar as pernas* (2), *virar os olhos* (1).

Na Tabela 24 constam as lexias registradas para cada um dos sexos, organizadas por frequência e porcentagem:

Tabela 24 - Vars., nº de ocs. e % obtidas para a pergunta 8, segundo o grupo de fatores sexo biológico

Sexo masculino			Sexo feminino		
Variantes	Nº de ocs.	%	Variantes	Nº de ocs.	%
<i>gozar</i>	11	44,00	<i>gozar</i>	11	42,30
<i>chegar lá</i>	2	8,00	<i>chegar lá</i>	5	19,23
<i>ejacular</i>	2	8,00	<i>ejacular</i>	3	11,53
<i>estourar o champanhe</i>	2	8,00	<i>jorrar</i>	2	7,69
<i>ir pro céu/ir para os céus</i>	2	8,00	<i>tremar as pernas</i>	2	7,69
<i>jorrar</i>	2	8,00	<i>chegar ao ápice</i>	1	3,84
<i>leitar</i>	2	8,00	<i>leitar</i>	1	3,84
<i>chegar no ápice</i>	1	4,00	<i>ter um orgasmo</i>	1	3,84
<i>ter orgasmo</i>	1	4,00	-	-	-
Total = 9	25	100%	Total = 8	26	100%

Fonte: Elaboração própria.

→ Estatística Qui-Quadrado: 1,029 / p-Valor: 0,597 / Graus de Liberdade (df): 2

As expressões não livres *estourar o champanhe* (2 = 8,00%) e *ir pro céu/ir para os céus* (2 = 8,00%) foram registradas somente no SM, enquanto *tremar as pernas* (2 = 7,69%) apareceu

exclusivamente no SF. No que tange ao número total de ocorrências das variantes, os participantes do SM forneceram 25 e os do SF 26.

Sobre o condicionador extralinguístico idade, as variantes elicitadas pelos(as) participantes da FE1 somaram 31, ao passo que os(as) da FE2 produziram 15, 16 a menos:

FE1 (31): *amolecer* (1), *chegar a delirar* (1), *chegar ao/no ápice* (2), *chegar ao climax* (1), *chegar lá* (3), *cum* (1), *derramar o leite* (1), *ejacular* (4), *encher* (1), *esporrar* (1), *estourar o champanhe* (2), *explodir* (1), *gozar* (10), *ir pro céu/ir para os céus* (2), *jorrar* (3), *leitar* (3), *melar* (1), *melar a flor* (1), *não sentir as pernas* (1), *orgasmo* (1), *pequena morte* (1), *perder a noção* (1), *perder as forças* (1), *sentir o nirvana* (1), *sonhar acordado* (1), *squirt* (1), *subir nas paredes* (1), *ter um orgasmo* (1), *tremar as pernas* (1), *vazar* (1), *ver estrelas* (1).

FE2 (15): *chegar lá* (4), *concluir* (1), *dar leite* (1), *ejacular* (1), *finalizar* (1), *gemer de prazer* (1), *gozar* (12), *jorrar* (1), *molhar* (1), *morder a fronha* (1), *perder o rumo* (1), *satisfazer* (1), *ter orgasmo* (1), *tremar as pernas* (1), *virar os olhos* (1).

Na Tabela 25, encontram-se as lexias coletadas da FE1 e a FE2, junto às suas respectivas frequências e porcentagens:

Tabela 25 - Vars., nº de ocs. e % obtidas para a pergunta 8, segundo o grupo de fatores faixa etária

Faixa etária 1 (18 a 24 anos)			Faixa etária 2 (25 a 39 anos)		
Variantes	Nº de ocs.	%	Variantes	Nº de ocs.	%
<i>gozar</i>	10	32,25	<i>gozar</i>	12	60,00
<i>ejacular</i>	4	12,90	<i>chegar lá</i>	4	20,00
<i>chegar lá</i>	3	9,67	<i>ejacular</i>	1	5,00
<i>jorrar</i>	3	9,67	<i>jorrar</i>	1	5,00
<i>leitar</i>	3	9,67	<i>ter orgasmo</i>	1	5,00
<i>chegar ao/no ápice</i>	2	6,45	<i>tremar as pernas</i>	1	5,00
<i>estourar o champanhe</i>	2	6,45	-	-	-
<i>ir pro céu/ir para os céus</i>	2	6,45	-	-	-
<i>ter um orgasmo</i>	1	3,22	-	-	-
<i>tremar as pernas</i>	1	3,22	-	-	-
Total = 10	31	100%	Total = 6	20	100%

Fonte: Elaboração própria.

→ Estatística Qui-Quadrado: 1,181 / p-Valor: 0,553 / Graus de Liberdade (df): 2

Os dados indicam que *leitar* (3 = 9,67%), *chegar ao/no ápice* (2 = 6,45%), *estourar o champanhe* (2 = 6,45%) e *ir pro céu/ir para os céus* (2 = 6,45%) surgiram unicamente na FE1, enquanto a FE2 não produziu nenhuma unidade lexical exclusiva. Quanto ao número total de ocorrências das variantes, houve uma diferença de 11: 31 na FE1 e 20 na FE2.

Sobre a variável extralinguística orientação sexual, pessoas heterossexuais forneceram 21 lexias, ao passo que pessoas homossexuais registraram 19 e pessoas bissexuais 13:

Bi (13): *chegar ao ápice* (1), *chegar lá* (2), *cum* (1), *ejacular* (2), *esporrar* (1), *explodir* (1), *gozar* (8), *jorrar* (1), *leitar* (1), *melar* (1), *pequena morte* (1), *squirt* (1), *virar os olhos* (1).

He (21): *amolecer* (1), *chegar a delirar* (1), *chegar lá* (3), *chegar no ápice* (1), *derramar o leite* (1), *encher* (1), *estourar o champanhe* (1), *gozar* (8), *ir pro céu* (1), *jorrar* (2), *leitar* (1), *melar a flor* (1), *não sentir as pernas* (1), *orgasmo* (1), *perder a noção* (1), *perder as forças* (1), *sentir o nirvana* (1), *sonhar acordado* (1), *subir nas paredes* (1), *tremar as pernas* (1), *vazar* (1).

Ho (19): *chegar ao climax* (1), *chegar lá* (2), *concluir* (1), *dar leite* (1), *ejacular* (3), *estourar o champanhe* (1), *finalizar* (1), *gemer de prazer* (1), *gozar* (6), *ir para os céus* (1), *jorrar* (1), *leitar* (1), *molhar* (1), *morder a fronha* (1), *perder o rumo* (1), *satisfazer* (1), *ter (um) orgasmo* (2), *tremar as pernas* (1), *ver estrelas* (1).

Disponibilizamos, na Tabela 26, as variantes fornecidas por participantes das diferentes orientações sexuais, organizadas por número de ocorrências e porcentagens:

Tabela 26 - Vars., nº de ocs. e % obtidas para a pergunta 8, segundo o grupo de fatores orientação sexual

Bissexualidade			Heterossexualidade			Homossexualidade		
Variantes	Nº de ocs.	%	Variantes	Nº de ocs.	%	Variantes	Nº de ocs.	%
<i>gozar</i>	8	53,33	<i>gozar</i>	8	44,44	<i>gozar</i>	6	33,33
<i>chegar lá</i>	2	13,33	<i>chegar lá</i>	3	16,66	<i>ejacular</i>	3	16,66
<i>ejacular</i>	2	13,33	<i>jorrar</i>	2	11,11	<i>chegar lá</i>	2	11,11
<i>chegar ao ápice</i>	1	6,66	<i>chegar no ápice</i>	1	5,55	<i>ter (um) orgasmo</i>	2	11,11
<i>jorrar</i>	1	6,66	<i>estourar o champanhe</i>	1	5,55	<i>estourar o champanhe</i>	1	5,55
<i>leitar</i>	1	6,66	<i>ir pro céu</i>	1	5,55	<i>ir para os céus</i>	1	5,55
-	-	-	<i>leitar</i>	1	5,55	<i>jorrar</i>	1	5,55
-	-	-	<i>tremar as pernas</i>	1	5,55	<i>leitar</i>	1	5,55
-	-	-	-	-	-	<i>tremar as pernas</i>	1	5,55
Total = 6	15	100%	Total = 8	18	100%	Total = 9	18	100%

Fonte: Elaboração própria.

→ Estatística Qui-Quadrado: 0,463 / p-Valor: 0,976 / Graus de Liberdade (df): 4

No que tange ao número total de ocorrências, heterossexuais e homossexuais forneceram 18, e bissexuais 15. A EF *ter (um) orgasmo* (2 = 11,11%) foi exclusiva dos(as) homossexuais. Quanto ao compartilhamento do conhecimento de lexias erótico-obscenas, bissexuais partilham com heterossexuais *chegar ao/no ápice* (cf. sombreado azul) e com homossexuais *ejacular* (cf. sombreado rosa). Heterossexuais, por sua vez, compartilham com homossexuais o conhecimento das EF *estourar o champanhe*, *ir para os céus/ir pro céu* e *tremar as pernas* (cf. sombreado amarelo).

Servimo-nos da lexia-base *gozar* para a formulação da pergunta 8. No *Aulete*, ela recebe a marca de uso *Bras.(il)*; no *Dicio*, [*Popular*]; no *Houaiss*, *B(rasil)*; e no *Priberam*, [*Brasil, Informal*]. Além disso, foi a mais recorrente nos dados, com 22 ocorrências, seguida de longe pelo sintagma cristalizado *chegar lá*, com 7 ocorrências, e pela unidade lexical *ejacular*, com 5 ocorrências. Observemos como essas duas outras são também etiquetadas:

Quadro 7 - Rubricas apostas às lexias sinónimicas para o orgasmo sexual nas obras lexicográficas consultadas

Lexia/Dicionário	Aulete	Dicio	Houaiss	Michaelis	Priberam
<i>gozar</i> (22 ocs.)	Bras.	[Popular]	sXIVint.; B	vint	[Brasil, Informal]
<i>chegar lá</i> (7 ocs.)	X	X	X	X	X
<i>ejacular</i> (5 ocs.)	v.	verbo transitivo	1831int.	vint	verbo intransitivo

Fonte: Elaboração própria.

Observa-se que *gozar* não é disfêmica ou tabuística, mas é vista como *informal* ou *popular*. A EF eufêmica *chegar lá*, por sua vez, não é sequer dicionarizada. Advogamos que essa expressão se baseia na metáfora conceptual SEXO É UMA JORNADA, em que a experiência sexual é estruturada como um ponto de partida, um caminho e um destino final, isto é, o orgasmo. Nesse caso, o domínio-fonte é o espaço físico, e o domínio-alvo, a experiência sexual.

Em outras línguas²²⁶, há casos semelhantes (traduções nossas):

- a) espanhol – *llegar, correrse, venirse, acabar, irse* – “Dependendo de seu país, há muitos nomes comuns diferentes para a ejaculação, por exemplo: *chegar, correr, vir, terminar*. Na maioria das vezes, a ejaculação acontece durante um orgasmo (liberação de tensão sexual acumulada que se sente muito bem)” (Planned Parenthood, s. d., *on-line*)²²⁷; “*Correr, ir* ou *vir*, nem sempre acontece da mesma maneira, nem significam as mesmas coisas. Há homens que chegam ao orgasmo sem ejacular, e outros que ejaculam sem ter uma ereção completa” (Carpallo, 2022, *on-line*)²²⁸;
- b) inglês – *to reach the climax* – “A anorgasmia é a ausência ou a dificuldade de atingir o clímax durante a relação sexual” (Suro, 2024, *on-line*)²²⁹ – e *to get there* – “Corpos são diferentes. Prazer é diferente. Orgasmos são diferentes. E o caminho necessário para chegar lá é todo sobre experimentar, comunicar e tentar novamente” (Rimm; Kassel, 2024, *on-line*)²³⁰.

²²⁶ Conforme consta no *Houaiss*, em Portugal é utilizado o verbo *vir*: “**22** *pron.*; P atingir o orgasmo”.

²²⁷ Do original: “Dependiendo de tu país, hay muchos nombres comunes diferentes para la eyaculación, por ejemplo: “llegar”, “correrse”, “venirse”, “acabar”. La mayoría de las veces, la eyaculación sucede durante un orgasmo (liberación de tensión sexual acumulada que se siente muy bien)” (Planned Parenthood, s. d., *on-line*).

²²⁸ Do original: “«Correrse», «irse» o «venirse», no siempre ocurre de la misma manera, ni significan las mismas cosas. Hay hombres que llegan al orgasmo sin eyacular, y otros que eyaculan sin tener una erección completa” (Carpallo, 2022, *on-line*).

²²⁹ Do original: “Anorgasmia is the absence or the difficulty to reach the climax during sexual intercourse” (Suro, 2024, *on-line*).

²³⁰ Do original: “Bodies are different. Pleasure is different. Orgasms are different. And the path it takes to get there is all about experimenting, communicating, and trying again” (Rimm; Kassel, 2024, *on-line*).

Consoante Lakoff e Johnson (1980 [2002]), as metáforas conceptuais derivam de metáforas primárias, algumas de carácter universal e outras de natureza cultural, variando de comunidade para comunidade. Lembremos que Orsi (2009), em sua tese de doutoramento, observa que as metáforas para os órgãos genitais em português brasileiro e italiano são praticamente as mesmas, quase sempre motivadas pelas mesmas unidades mínimas de significação, ou seja, os *semas*.

Vimos, no capítulo 1, que o tabu linguístico “é criador de metáforas” (Guérios, 1979, p. 168). Também vimos nele e no capítulo 2 que as metáforas estão presentes nas gírias – *grude* ‘comida’, *lagartixa* ‘fila de ônibus’, *marmiteiro* ‘cliente pobre’, *presunto* ‘cadáver’ –, no vocabulário erótico-obsceno – *anel* ‘ânus’, *florzinha* ‘vulva’, *piranha* ‘prostituta’, *pomba* ‘vulva’ – nos palavrões – *caralho* ‘pênis’, *gala* ‘esperma’, *veado* ‘homossexual’ – e no vocabulário comum marcado – *amarrar o facão* ‘menopausa’, *balls/bolas* ‘testículos’, *branquinha* ‘cachaça’, *forno* ‘vulva’, *linguiça* ‘pênis’ (Preti, 1983, 1984, 2007; Coulthard, 1991; Gomes, 1996; Fusaro, 2001; Almeida, 2007; Orsi, 2007, 2009; Araújo, 2008). Seria bastante interessante um estudo aprofundado sobre as metáforas concernentes ao campo semântico do ato sexual – deixemos aqui essa sugestão.

Por fim, *ejacular*, ao nosso ver, é um termo técnico-científico que, nas obras lexicográficas, recebe apenas informações morfossintáticas, especialmente no que se refere à necessidade ou não de actantes para completar seu sentido. Em certos contextos, informais sobretudo, não desperta as cores e os sabores da linguagem erótica e obscena.

No que se refere à diferença no número de variantes registradas para as perguntas 6, 7 e 8, a 6 obteve 34 unidades lexicais, a 7, 103, e a 8, 40. Verifica-se que a pergunta relativa à relação sexual com outra pessoa, isto é, a pergunta 7, foi a que mais elicitou lexias (não só em comparação às perguntas apresentadas até esta subseção, mas em comparação com todas as outras perguntas que geraram o *corpus*). O nosso achado vai ao encontro do de Morales (2005), que, ao estudar as palavras-tabu *culo* (*cu*) ‘ânus’, *cojones* (*colhões*) ‘testículos’, *puñeta* (*punheta*) ‘masturbação’, *bicho* (*caralho, pau, rola*) ‘pênis’, *críca* (*periquita, xoxota*) ‘vagina’ e *chichar* (*foder, trepar*) ‘fornicar’, também consegue o maior número de variantes para o ato sexual e para a vagina, *chichar* e *críca*, respectivamente. Vai ainda ao encontro do de Braga e Ribeiro (2008), que obtêm mais sinónimas para a relação sexual (229) do que para a masturbação (177). Ademais, as perguntas 6, 7 e 8 não apresentaram itens lexicais comuns entre si. Já a 6 (defloramento) e a 7 (relação sexual) sim: *arrombar, comer e dar*. E a 7 e 8 (orgasmo) também: *virar os olhos*.

Esses resultados evidenciam o sentido em comum compartilhado entre as lexias do campo semântico analisado, ‘executar atividade sexual’, sentido este que se reporta ao domínio do ato sexual, agrupando-as. Além do mais, eles podem sugerir uma continuidade conceitual entre as práticas sexuais: as unidades lexicais remeteriam a atividades distintas, mas contíguas; ou seja, *arrombar*, *comer* e *dar*, partilhadas entre o defloramento e a relação sexual, indicam que o primeiro é concebido como um marco inaugural da segunda, sendo, por vezes, tratado como seu sinônimo ou como extensão da mesma. Já *virar os olhos*, presente nas respostas sobre a relação sexual e o orgasmo, parece sinalizar uma associação direta entre essa prática e a obtenção do prazer máximo. Em outras palavras, o defloramento pode ser concebido como o próprio ato sexual – *arrombar*, *comer*, *dar* – e ter um orgasmo – *virar os olhos* – pode ser interpretado como uma consequência direta da atividade sexual.

Concluídas a descrição e a análise dos dados, bem como a discussão dos resultados atinentes à sexta, à sétima e à oitava perguntas do QSL, relativas à divisão semântica *sexo vaginal e/ou anal (com ou sem orgasmo)*, avancemos para a próxima subseção.

4.2.5 Relação sexual (LGBTQIAPN+)

Nesta subseção, analisamos os dados semântico-lexicais e sociolinguísticos obtidos para as perguntas 9, 10 e 11 do QSL, relativas à quinta divisão semântica por nós realizada, isto é, a *relação sexual (LGBTQIAPN+)*.

A seguir, exibimos a pergunta 9, que trata da relação sexual a três, o total de variantes coletadas para ela, cada uma dessas formas, bem como suas frequências entre parênteses:

9. Qual(Quais) palavra(s) e/ou expressão(ões) você conhece para a prática em que uma pessoa, a convite de um casal não monogâmico, relaciona-se – de maneira esporádica – sexualmente a três (sem envolvimento amoroso ou sentimental com o casal em questão)?

Variantes (27): *a três* (3), *bacanal* (1), *chamar uma marmita* (1), *cuckold* (1), *grupal* (1), *marmita* (7), *marmitada* (1), *marmita de casal* (5), *marmitar* (1), *ménage/menage* (16), *ménage à trois* (1), *negócio a três* (1), *orgia* (1), *participação especial* (1), *poliamor* (1), *putaria* (1), *puxar mais um* (1), *ser marmita de casa* (1), *sexo a três* (4), *suruba* (2), *swing* (1), *terceiro* (1), *threesome* (2), *trazer um convidado(a) pra festa* (2), *triplo* (1), *trisal* (4), *unicórnio* (1).

Nota-se entre essas variantes:

- a) empréstimos – *cuckold* (ing. *cornio*, *chifrudo*), *ménage ~ menage* [me.'naʒ] (fr. *agregado familiar*), *ménage à trois* (fr. *família de três*), *swing* (ing. *balanço*) e *threesome* (ing. *trio*); no contexto sexual, com outros significados – *cuckold* ‘cônjuge que assiste ao

outro relacionar-se sexualmente com terceiro’, *ménage* ‘sexo a três’, *ménage à trois* ‘relação sexual a três’, *swing* ‘ato sexual entre casais ou com pessoa(s) solteira(s)’ e *threesome* ‘sexo a três’;

- b) casos de derivação sufixal – *marmit-a* (N) → *marmit-ar* (V) / *marmit-a* (N) → *marmitada* (N);
- c) EF formadas com o item lexical *marmita* – *chamar uma marmita*, *marmita de casal* e *ser marmita de casa(l)*.

Quanto ao total, à frequência e às lexias produzidas por respondentes do sexo masculino e feminino, apresentamo-las(o) abaixo:

SM (17): *a três* (2), *cuckold* (1), *grupal* (1), *marmita* (4), *marmitada* (1), *marmita de casal* (4), *ménage/menage* (8), *negócio a três* (1), *participação especial* (1), *poliamor* (1), *puxar mais um* (1), *ser marmita de casa* (1), *sexo a três* (3), *suruba* (2), *terceiro* (1), *threesome* (1), *unicórnio* (1).

SF (16): *a três* (1), *bacanal* (1), *chamar uma marmita* (1), *marmita* (3), *marmita de casal* (1), *marmitar* (1), *ménage/menage* (8), *ménage à trois* (1), *orgia* (1), *putaria* (1), *sexo a três* (1), *swing* (1), *threesome* (1), *trazer um convidado(a) pra festa* (2), *triplo* (1), *trisal* (4).

Listamos, na Tabela 27, as unidades lexicais obtidas do SM e do SF, em ordem decrescente de ocorrência e porcentagem, excluídos os *hápax legomena*:

Tabela 27 - Vars., nº de ocs. e % obtidas para a pergunta 9, segundo o grupo de fatores sexo biológico

Sexo masculino			Sexo feminino		
Variantes	Nº de ocs.	%	Variantes	Nº de ocs.	%
<i>ménage/menage</i>	8	33,33	<i>ménage/menage</i>	8	38,09
<i>marmita</i>	4	16,66	<i>trisal</i>	4	19,04
<i>marmita de casal</i>	4	16,66	<i>marmita</i>	3	14,28
<i>sexo a três</i>	3	12,50	<i>trazer um convidado(a) pra festa</i>	2	9,52
<i>a três</i>	2	8,33	<i>a três</i>	1	4,76
<i>suruba</i>	2	8,33	<i>marmita de casal</i>	1	4,76
<i>threesome</i>	1	4,16	<i>sexo a três</i>	1	4,76
-	-	-	<i>threesome</i>	1	4,76
Total = 7	24	100%	Total = 8	21	100%

Fonte: Elaboração própria.

→ Estatística Qui-Quadrado: 0,110 / p-Valor: 0,946 / Graus de Liberdade (df): 2

Enquanto os participantes do SM registraram 24 ocorrências totais, as do SF apresentaram 21, uma diferença de 3 a menos. Além disso, a variante *suruba* (2 = 8,33%) ocorreu apenas nos dados masculinos enquanto as lexias *trisal* (4 = 19,04%) e *trazer um convidado(a) pra festa* (2 = 9,52%) ocorreram apenas nos femininos.

Quanto ao fator extralinguístico idade, a FE1 registrou 16 unidades lexicais, enquanto a FE2 forneceu 18:

FE1 (16): *a três* (1), *marmita* (4), *marmitada* (1), *marmita de casal* (3), *marmitar* (1), *ménage/menage* (7), *ménage à trois* (1), *negócio a três* (1), *putaria* (1), *puxar mais um* (1), *ser marmita de casa* (1), *sexo a três* (2), *suruba* (1), *swing* (1), *threesome* (2), *trisal* (1).

FE2 (18): *a três* (2), *bacanal* (1), *chamar uma marmita* (1), *cuckold* (1), *grupal* (1), *marmita* (3), *marmita de casal* (2), *ménage/menage* (9), *orgia* (1), *participação especial* (1), *poliamor* (1), *sexo a três* (2), *suruba* (1), *terceiro* (1), *trazer um convidado(a) pra festa* (2), *triplo* (1), *trisal* (3), *unicórnio* (1).

Apresentamos, na Tabela 28, os itens lexicais fornecidos por participantes da FE1 e da FE2, organizados em ordem decrescente de ocorrências e porcentagens, sem os *hápax legomena*:

Tabela 28 - Vars., nº de ocs. e % obtidas para a pergunta 9, segundo o grupo de fatores faixa etária

Faixa etária 1 (18 a 24 anos)			Faixa etária 2 (25 a 39 anos)		
Variantes	Nº de ocs.	%	Variantes	Nº de ocs.	%
<i>ménage/menage</i>	7	33,33	<i>ménage/menage</i>	9	37,50
<i>marmita</i>	4	19,04	<i>marmita</i>	3	12,50
<i>marmita de casal</i>	3	14,28	<i>trisal</i>	3	12,50
<i>sexo a três</i>	2	9,52	<i>a três</i>	2	8,33
<i>threesome</i>	2	9,52	<i>marmita de casal</i>	2	8,33
<i>a três</i>	1	4,76	<i>sexo a três</i>	2	8,33
<i>suruba</i>	1	4,76	<i>trazer um convidado(a) pra festa</i>	2	8,33
<i>trisal</i>	1	4,76	<i>suruba</i>	1	4,16
Total = 8	21	100%	Total = 8	24	100%

Fonte: Elaboração própria.

→ Estatística Qui-Quadrado: 0,358 / p-Valor: 0,835 / Graus de Liberdade (df): 2

Observa-se que a diferença no número total de ocorrências das variantes entre os fatores do grupo de fatores sexo é somente 3: 21 ocorrências na FE1 e 24 na FE2. Além do mais, apareceu exclusivamente nos dados da FE1 o estrangeirismo *threesome* (2 = 9,52%) e unicamente nos da FE2 a EF *trazer um convidado(a) pra festa* (2 = 8,33%).

No que diz respeito à variável independente orientação sexual, pessoas bissexuais registraram 11 leixias, enquanto pessoas heterossexuais e homossexuais produziram, respectivamente, 10 e 17:

Bi (11): *a três* (2), *cuckold* (1), *marmita* (3), *marmitada* (1), *marmita de casal* (1), *marmitar* (1), *ménage/menage* (5), *sexo a três* (2), *suruba* (1), *threesome* (1), *trisal* (2).

He (10): *marmita de casal* (2), *ménage/menage* (6), *negócio a três* (1), *poliamor* (1), *putaria* (1), *puxar mais um* (1), *ser marmita de casa* (1), *sexo a três* (2), *swing* (1), *trisal* (1).

Ho (17): *a três* (1), *bacanal* (1), *chamar uma marmita* (1), *grupal* (1), *marmita* (4), *marmita de casal* (2), *ménage/menage* (5), *ménage à trois* (1), *orgia* (1), *participação especial* (1), *suruba* (1), *terceiro* (1), *threesome* (1), *trazer um convidado(a) pra festa* (2), *triplo* (1), *trisal* (1), *unicórnio* (1).

Na Tabela 29, apresentamos as unidades lexicais dadas como resposta à pergunta 9 por cada orientação sexual, com seus respectivos números de ocorrência e porcentagens:

Tabela 29 - Vars., nº de ocs. e % obtidas para a pergunta 9, segundo o grupo de fatores orientação sexual

Bissexualidade			Heterossexualidade			Homossexualidade		
Variante	Nº de ocs.	%	Variante	Nº de ocs.	%	Variante	Nº de ocs.	%
<i>ménage/menage</i>	5	29,41	<i>ménage/menage</i>	6	54,54	<i>ménage/menage</i>	5	29,41
<i>marmita</i>	3	17,64	<i>marmita de casal</i>	2	18,18	<i>marmita</i>	4	23,52
<i>a três</i>	2	11,76	<i>sexo a três</i>	2	18,18	<i>marmita de casal</i>	2	11,76
<i>sexo a três</i>	2	11,76	<i>trisal</i>	1	9,09	<i>trazer um convidado(a) pra festa</i>	2	11,76
<i>trisal</i>	2	11,76	-	-	-	<i>a três</i>	1	5,88
<i>marmita de casal</i>	1	5,88	-	-	-	<i>suruba</i>	1	5,88
<i>suruba</i>	1	5,88	-	-	-	<i>threesome</i>	1	5,88
<i>threesome</i>	1	5,88	-	-	-	<i>trisal</i>	1	5,88
Total = 8	17	100%	Total = 4	11	100%	Total = 8	17	100%

Fonte: Elaboração própria.

→ Estatística Qui-Quadrado: 0,722 / p-Valor: 0,948 / Graus de Liberdade (df): 4

Sobre o número total de ocorrências das variantes, bissexuais e homossexuais produziram 17 cada, e heterossexuais, 11, registrando uma diferença de 6 ocorrências a menos em relação às demais orientações. As orientações sexuais Bi e He não apresentaram itens lexicais exclusivos, apenas a Ho: *trazer um convidado(a) pra festa* (2 = 11,76%). Ademais, quanto ao compartilhamento do conhecimento de lexias erótico-obscenas, pessoas heterossexuais partilham com bissexuais o conhecimento do sintagma léxico *sexo a três* (cf. o sombreado em azul) e com homossexuais a unidade lexical *trisal* (cf. sombreado em amarelo). Já os homossexuais e bissexuais conhecem em comum (cf. o sombreado em rosa): *a três*, *marmita*, *suruba* e *threesome*.

Usamos, para criar a pergunta 9, a locução *marmita de casal*. Ela não foi a mais recorrente nos dados, conforme pode ser visto a seguir:

Quadro 8 - Lexias sinônimas para o sexo a três e seu registro nas obras lexicográficas consultadas

Lexia ²³¹ /Dicionário	Aulete	Dicio	Houaiss	Michaelis	Priberam
<i>ménage/menage</i> (16 ocs.)	Bras.	-	-	-	-

²³¹ Nenhuma delas registrada em Silva (1992), Fusaro (2001), Vip e Libi (2006) e Rodrigues e Andrade (2023).

<i>marmita</i> (7 ocs.)	-	-	-	-	-
<i>marmita de casal</i> (5 ocs.)	X	X	X	X	X
<i>sexo a três</i> (4 ocs.)	X	X	X	X	X
<i>trisal</i> (4 ocs.)	X	X	X	X	X

Fonte: Elaboração própria.

Percebe-se que *ménage/menage*, a lexia mais presente nos dados, contém a acepção desejada e recebe rótulo apenas no *Aulete*: “6. Bras. Relação sexual envolvendo três pessoas”. Nos demais dicionários, *ménage* está registrada, mas não com o sentido ‘sexo a três’. *Marmita*, por sua vez, está documentada em todas as obras lexicográficas, mas também sem a acepção citada anteriormente. Já as variantes *marmita de casal*, *sexo a três* e *trisal* não estão dicionarizadas.

Seriam essas três últimas neologismos formais e/ou semânticos? E *marmita*? Um neologismo²³² apenas semântico? Dada a polissemia de *marmita*²³³ (‘meretriz’, ‘vasilha’ e ‘ventre’, por exemplo), pouco adiantaria verificarmos seu interesse de busca no *Google Trends*. Para *marmita de casal*, *sexo a três* e *trisal*²³⁴, fizemos a pesquisa: *trisal* foi procurada pela primeira vez em agosto de 2009 e, desde fevereiro de 2018, sua tendência de busca tem aumentado bastante; *sexo a três*, por sua vez, é uma forma menos recente que *trisal*, foi pesquisada inicialmente em maio de 2005 e em julho de 2019 alcançou sua tendência de busca máxima; muito mais recente que as duas anteriores é a EF *marmita de casal*, procurada inicialmente em fevereiro de 2022 e, desde lá, sofre variações em sua tendência de busca.

Como dissemos em subseção antecedente (4.2.3), o *sexo*, nas últimas décadas, não mais é visto única e exclusivamente como modo de reprodução, mas também como atividade de prazer. Defendemos que *sexo a três* é uma EF que se situa entre o eufêmico e o disfêmico – pois nenhuma palavra é neutra! –, eufêmica porque a lexia *sexo*, por si só, é tida como popular (*Dicio*), mas também disfêmica por ser *a três*, o que quebra as regras sociais vigentes.

Trisal, por sua vez, um *blending* entre *tri-* ‘três’ + *-sal*, carrega resquícios semânticos de um dos itens lexicais de que se origina: *casal*. Vemos nessa variante certo aspecto

²³² Há uma grande problemática envolta ao termo *neologismo*, afinal, novo para quem? Usualmente, pesquisadores(as) consideram um item lexical como neológico se ele não consta registrado em um *corpus de exclusão* (dicionários de língua) (Alves, 2009). Todavia, “lexicógrafos agem muitas vezes arbitrariamente, ou seja, unidades léxicas muito usadas são esquecidas e outras, pouco difundidas, chegam a fazer parte dos dicionários” (Alves, 1990, p. 84). Existem, contudo, outros critérios para a determinação de uma lexia como neológica, além do lexicográfico: o diacrônico (é neologismo se é recente na língua), o de instabilidade formal ou conceitual (signos instáveis fonética, morfológica, semântica e/ou graficamente) e o psicológico (sentimento de novidade quanto ao signo) (Alves; Maroneze, 2018). Dado o nosso tema de pesquisa (tabus linguísticos) e nosso objeto de estudo (itens lexicais erótico-obscenos), todos eles seriam interessantes, mas insuficientes. Optamos, diante disso, apenas pelo critério lexicográfico, o mais usual e acessível.

²³³ Não documentada em Silva (1992), Fusaro (2001), Vip e Libi (2006) e Rodrigues e Andrade (2023).

²³⁴ Também não registradas em Silva (1992), Fusaro (2001), Vip e Libi (2006) e Rodrigues e Andrade (2023).

afetivossexual relativamente antagônico ao casual: o *trisal*, poliafetivo e não monoafetivo como o *casal*, evidencia os novos arranjos relacionais e sexuais em nossa cultura e sociedade contemporânea. Seria, desse modo e em função disso, mais eufêmica.

Ainda sobre *trisal*, sua primeira ocorrência no *Corpus do Português: Web/Dialects*²³⁵ foi em 2013, e, no *Corpus do Português: NOW*²³⁶, em 2015. No espanhol da Espanha, *trieja* (*tri-* ‘más’ + *-eja* – de *pareja*), segundo o *Google Trends*, teve sua primeira busca registrada em março de 2008, um ano antes de *trisal* no português. Essas datas próximas atestam o caráter neológico desses itens lexicais.

Ménage confunde-se semanticamente entre seu sentido de origem – denotativo – familiar e tradicional, e seu novo sentido – conotativo – mais libertino, sensual, contrário ao patriarcado e ao doméstico. Não saberíamos afirmar se essa lexia se caracteriza como mais eufêmica ou disfêmica, dado seu duplo valor semântico, mas hipotetizamos que, a depender do locutor, do destinatário e de suas convicções sobre a matéria, ela pode ser eufêmica ou disfêmica.

Já *marmita* e *marmita de casal* apresentam-se como dúbias, uma vez que a metáfora que as subjaz evidencia o terceiro elemento como uma refeição, conotação que o objetifica e desvaloriza em função da participação esporádica no ato sexual. Para os mais jovens, se adeptos da não monogamia e das novas formas de vivenciar a sexualidade, essas unidades lexicais não seriam necessariamente indecentes ou grosseiras. Para os mais velhos, no entanto, se adeptos da monogamia e do conservadorismo sexual, *marmita* e *marmita de casal* seriam itens lexicais disfêmicos, pois poderiam associá-los à modernidade, à liquidez e aos descompromissos psicoafetivos em relação a si mesmo, no caso da *marmita*, e ao próximo, no caso de o *casal*.

Sobre a origem da EF, de acordo com Setubal,

diferentemente de um *trisal* e do *poliamor*, a dinâmica em torno da *marmita [de casal]* não envolve afeto, tampouco significa que a terceira pessoa efetivamente faça parte da relação. Trata-se apenas de uma nomenclatura abasileirada criada pela Geração Z para um *ménage à trois* esporádico com um casal, como se fosse uma espécie de *refeição* entregue por um *delivery*. Este, aliás, é outro termo que surgiu no vocabulário do sexo atual [...] (Setubal, 2023, *on-line*).

A Gen Z é aquela nascida entre os anos de 1997 e 2012, marcada pelo acesso facilitado à *internet*, pela hiperconectividade e pelo contato precoce com discursos sobre diversidade, sexualidade e liberdade relacional. Os artigos e notícias disponíveis na *internet* sobre a EF *marmita de casal* distribuem-se, em termos de data de publicação, de 2022 até os dias atuais, o

²³⁵ <https://www.corpusdoportugues.org/web-dial/>

²³⁶ <https://www.corpusdoportugues.org/now/>

que sugere que a circulação dessa expressão é recente e tem se intensificado com a viralização de conteúdos (sexuais) em *podcasts* e mídias sociais (sobretudo sobre famosos(as) adeptos(as) à prática). Esse fato comprova a natureza neológica dela, atrelada não apenas a novas dinâmicas sexuais, mas também à criatividade linguística de uma geração que constantemente reelabora o vocabulário erótico-obsceno com base nas suas experiências afetivossexuais e nas referências digitais que consome.

Em suma, estudar o sexo e as unidades lexicais a ele relacionadas permite-nos entrever, por meio dos valores atribuídos às palavras, como determinada comunidade sociocultural avalia, aceita ou rejeita certas práticas e costumes. A língua, de fato, não pode ser estudada fora de seu contexto social de uso e produção, pois, abstraídas daqueles que as criam, modificam, abandonam e readotam, as palavras seriam como recipientes vazios, isentos dos sabores e cores que lhes são atribuídos na comunidade de fala.

No que diz respeito à atividade sexual entre duas mulheres, a pergunta 10 resultou na obtenção de 45 lexias, listadas a seguir com suas respectivas frequências entre parênteses:

10. Qual(Quais) palavra(s) e/ou expressão(ões) você conhece para o ato sexual entre duas mulheres?

Variantes (45): *afogar o ganso* (1), *bater bife* (2), *bater bolacha* (1), *bora as aranhas pra brigar/botar (as) aranha pra brigar* (3), *briga de aranha(s)* (4), *briga de perereca* (1), *briga de tesouras* (1), *bucetear* (1), *chá de buceta* (1), *chupar buceta* (1), *coito* (1), *colação de velcro* (1), *colar (o) velcro* (13), *colocar (as) aranhas para brigar* (3), *comer* (1), *copular* (1), *dar tesourada* (1), *dupla de dj* (1), *enrabar* (1), *esfregação* (1), *esfregação de buceta* (1), *esfregar o Bombril* (1), *fazer amor* (1), *foda de sapata* (1), *foder* (1), *fornicação* (1), *meter* (1), *molhar o biscoito* (1), *papocar* (1), *por as aranhas para brigar* (1), *sabonete* (1), *sapatear* (1), *sentir cheiro de couro* (1), *sexo* (4), *sexo lésbico* (5), *tesoura/tesourinha* (10), *tesourada* (1), *tesourar* (2), *traçar* (1), *transa* (1), *transa de sapatão* (1), *transar* (3), *trépar* (1), *velcro* (1), *xoxoteira* (1).

Percebe-se entre as variantes:

- a) EF variáveis morfológicamente, mas não semanticamente – **bater** + *N* (*bater bife*, *bater bolacha*), **V** + *as aranhas para brigar* (*botar/colocar/por (as) aranha(s) pra/para brigar*) e **briga de** + *N* (*briga de aranha(s)*, *briga de perereca*, *briga de tesouras*);
- b) casos de erro de digitação ou variação diamésica – *bora* ~ *botar*; [bo.se.te.'ah] ~ [bu.se.te.'ah], comutação entre a vogal *o* e a *u* (*boceta* foi grafada como *buceta* em todos os casos em que aparece [bu.'se.tə]); *por* (preposição) ~ *pôr* (verbo), pronunciados de igual maneira ['poh], mas escritos diferentemente, em *por as aranhas para brigar*;
- c) criação lexical – *bucet-a* (N) → *bucet-ear* (V), por um processo de derivação sufixal.

A seguir, expomos o total, o número de ocorrência(s) e as respectivas unidades lexicais fornecidas por participantes do SM e SF:

SM (23): *bater bife (1), bater bolacha (1), bora as aranhas pra brigar (1), briga de aranha(s) (2), briga de perereca (1), colação de velcro (1), colar velcro (3), colocar as aranhas para brigar (1), dar tesourada (1), dupla de dj (1), esfregação de buceta (1), esfregar o Bombril (1), foda de sapata (1), sexo (3), sexo lésbico (1), tesoura/tesourinha (4), tesourada (1), tesourar (2), transa (1), transa de sapatão (1), transar (2), trepar (1), velcro (1).*

SF (31): *afogar o ganso (1), bater bife (1), botar (as) aranha pra brigar (2), briga de aranhas (2), briga de tesouras (1), bucear (1), chá de buceta (1), chupar buceta (1), coito (1), colar (o) velcro (10), colocar (as) aranhas para brigar (2), comer (1), copular (1), enrabar (1), esfregação (1), fazer amor (1), foder (1), fornicação (1), meter (1), molhar o biscoito (1), papocar (1), por as aranhas pra brigar (1), sabonete (1), sapatear (1), sentir cheiro de couro (1), sexo (1), sexo lésbico (4), tesoura/tesourinha (6), traçar (1), transar (1), xoxoteira (1).*

As variantes linguísticas fornecidas por cada um dos fatores do grupo de fatores sexo, suas ocorrências e porcentagens estão registradas na Tabela 30:

Tabela 30 - Vars., nº de ocs. e % obtidas para a pergunta 10, segundo o grupo de fatores sexo biológico

Sexo masculino			Sexo feminino		
Variantes	Nº de ocs.	%	Variantes	Nº de ocs.	%
<i>tesoura/tesourinha</i>	4	20,00	<i>colar (o) velcro</i>	10	34,48
<i>colar velcro</i>	3	15,00	<i>tesoura/tesourinha</i>	6	20,68
<i>sexo</i>	3	15,00	<i>sexo lésbico</i>	4	13,79
<i>briga de aranha(s)</i>	2	10,00	<i>botar (as) aranha pra brigar</i>	2	6,89
<i>tesourar</i>	2	10,00	<i>briga de aranhas</i>	2	6,89
<i>transar</i>	2	10,00	<i>colocar (as) aranhas para brigar</i>	2	6,89
<i>bater bife</i>	1	5,00	<i>bater bife</i>	1	3,44
<i>bora as aranhas pra brigar</i>	1	5,00	<i>sexo</i>	1	3,44
<i>colocar as aranhas para brigar</i>	1	5,00	<i>transar</i>	1	3,44
<i>sexo lésbico</i>	1	5,00	-	-	-
Total = 10	20	100%	Total = 9	29	100%

Fonte: Elaboração própria.

→ Estatística Qui-Quadrado: 0,428 / p-Valor: 0,807 / Graus de Liberdade (df): 2

Observa-se que somente respondentes do SM produziram a lexia *tesourar* (2 = 10,00%), enquanto as do SF não forneceram unidades lexicais exclusivas. A diferença no número total de ocorrências das variantes entre os sexos foi de 9: 20 no SM e 29 no SF.

No tocante à variável idade, os(as) participantes da FE1 forneceram 32 itens lexicais, e os(as) da FE2 22 (10 a menos):

FE1 (32): *afogar o ganso (1), bater bife (1), briga de aranha(s) (2), briga de perereca (1), briga de tesouras (1), coito (1), colação de velcro (1), colar velcro (6), colocar as aranhas para brigar (2), comer (1), copular (1), dar tesourada (1), dupla de dj (1), enrabar (1), esfregação de buceta (1), fazer amor (1), foda de sapata (1), foder (1), fornicação (1), meter (1), molhar o biscoito (1), papocar (1), por as aranhas pra brigar (1), sapatear (1), sexo*

(1), *sexo lésbico* (3), *tesoura/tesourinha* (4), *tesourada* (1), *tesourar* (1), *traçar* (1), *transa de sapatão* (1), *transar* (1).

FE2 (22): *bater bife* (1), *bater bolacha* (1), *bora as aranhas pra brigar/botar (as) aranha pra brigar* (3), *briga de aranhas* (2), *bucetear* (1), *chá de buceta* (1), *chupar buceta* (1), *colar (o) velcro* (7), *colocar aranhas para brigar* (1), *esfregação* (1), *esfregar o Bombril* (1), *sabonete* (1), *sentir cheiro de couro* (1), *sexo* (3), *sexo lésbico* (2), *tesoura/tesourinha* (6), *tesourar* (1), *transa* (1), *transar* (2), *tregar* (1), *velcro* (1), *xoxoteira* (1).

A Tabela 31 sintetiza as variantes elicítadas pela FE1 e FE2, indicando suas respectivas frequências absolutas e relativas:

Tabela 31 - Vars., nº de ocs. e % obtidas para a pergunta 10, segundo o grupo de fatores faixa etária

Faixa etária 1 (18 a 24 anos)			Faixa etária 2 (25 a 39 anos)		
Variantes	Nº de ocs.	%	Variantes	Nº de ocs.	%
<i>colar velcro</i>	6	28,57	<i>colar (o) velcro</i>	7	25,00
<i>tesoura/tesourinha</i>	4	19,04	<i>tesoura/tesourinha</i>	6	21,42
<i>sexo lésbico</i>	3	14,28	<i>bora as aranhas pra brigar/botar (as) aranha pra brigar</i>	3	10,71
<i>briga de aranha(s)</i>	2	9,52	<i>sexo</i>	3	10,71
<i>colocar as aranhas para brigar</i>	2	9,52	<i>briga de aranhas</i>	2	7,14
<i>bater bife</i>	1	4,76	<i>sexo lésbico</i>	2	7,14
<i>sexo</i>	1	4,76	<i>transar</i>	2	7,14
<i>tesourar</i>	1	4,76	<i>bater bife</i>	1	3,57
<i>transar</i>	1	4,76	<i>colocar aranhas para brigar</i>	1	3,57
-	-	-	<i>tesourar</i>	1	3,57
Total = 9	21	100%	Total = 10	28	100%

Fonte: Elaboração própria.

→ Estatística Qui-Quadrado: 0,168 / p-Valor: 0,919 / Graus de Liberdade (df): 2

Ocorreu somente na FE2 a EF *bora as aranhas pra brigar/botar (as) aranha pra brigar* (3 = 10,71%). A FE1, não produziu nenhuma lexia exclusiva. Além disso, o número total de ocorrências das variantes foi 21 para a FE1 e 28 para a FE2, uma diferença de 7 ocorrências.

Quanto à variável extralinguística orientação sexual, bissexuais produziram 14 unidades lexicais, heterossexuais 16 e homossexuais 28:

Bi (14): *bater bolacha* (1), *bora as aranhas pra brigar/botar (as) aranha pra brigar* (2), *briga de aranhas* (1), *bucetear* (1), *colar velcro* (6), *dar tesourada* (1), *esfregar o Bombril* (1), *papocar* (1), *por as aranhas pra brigar* (1), *sapatear* (1), *sentir cheiro de couro* (1), *sexo lésbico* (1), *tesoura/tesourinha* (6), *tesourar* (1).

He (16): *bater bife* (2), *briga de aranhas* (2), *briga de tesouras* (1), *colar velcro* (4), *colocar aranhas para brigar* (1), *dupla de dj* (1), *esfregação de buceta* (1), *foda de sapata* (1), *sexo* (2), *sexo lésbico* (2), *tesoura* (1), *tesourada* (1), *tesourar* (1), *transa de sapatão* (1), *transar* (2), *tregar* (1).

Ho (28): *afogar o ganso* (1), *botar aranha pra brigar* (1), *briga de aranha* (1), *briga de perereca* (1), *chá de buceta* (1), *chupar buceta* (1), *coito* (1), *colação de velcro* (1), *colar (o) velcro* (3), *colocar as aranhas para brigar* (2), *comer* (1), *copular* (1), *enrabar* (1), *esfregação* (1), *fazer amor* (1), *foder* (1), *fornicação* (1), *meter* (1), *molhar*

o biscoito (1), sabonete (1), sexo (2), sexo lésbico (2), tesoura/tesourinha (3), traçar (1), transa (1), transar (1), velcro (1), xoxoteira (1).

A Tabela 32 exhibe, por orientação sexual, as variantes elicitadas, acompanhadas de suas frequências absolutas e relativas (em ordem decrescente e sem os *hápax legomena*):

Tabela 32 - Vars., nº de ocs. e % obtidas para a pergunta 10, segundo o grupo de fatores orientação sexual

Bissexualidade			Heterossexualidade			Homossexualidade		
Variantes	Nº de ocs.	%	Variantes	Nº de ocs.	%	Variantes	Nº de ocs.	%
<i>colar velcro</i>	6	35,29	<i>colar velcro</i>	4	23,52	<i>colar (o) velcro</i>	3	20,00
<i>tesoura/tesourinha</i>	6	35,29	<i>bater bife</i>	2	11,76	<i>tesoura/tesourinha</i>	3	20,00
<i>bora/botar as aranha(s) pra brigar</i>	2	11,76	<i>briga de aranhas</i>	2	11,76	<i>colocar as aranhas para brigar</i>	2	13,33
<i>briga de aranhas</i>	1	5,88	<i>sexo</i>	2	11,76	<i>sexo</i>	2	13,33
<i>sexo lésbico</i>	1	5,88	<i>sexo lésbico</i>	2	11,76	<i>sexo lésbico</i>	2	13,33
<i>tesourar</i>	1	5,88	<i>transar</i>	2	11,76	<i>botar aranha pra brigar</i>	1	6,66
-	-	-	<i>colocar aranhas para brigar</i>	1	5,88	<i>briga de aranha</i>	1	6,66
-	-	-	<i>tesoura</i>	1	5,88	<i>transar</i>	1	6,66
-	-	-	<i>tesourar</i>	1	5,88	-	-	-
Total = 6	17	100%	Total = 9	17	100%	Total = 8	15	100%

Fonte: Elaboração própria.

→ Estatística Qui-Quadrado: 1,019 / p-Valor: 0,906 / Graus de Liberdade (df): 4

Em relação ao número total de ocorrências, bissexuais e heterossexuais produziram 17 cada, e homossexuais, 15, uma diferença de 2 ocorrências entre aqueles(as) e estes(as). Apenas os(as) heterossexuais registraram a lexia: *bater bife* (2 = 11,76%). Bissexuais e homossexuais não apresentaram itens lexicais exclusivos. No que diz respeito ao compartilhamento de variantes erótico-obscenas, bissexuais partilham com homossexuais a locução *bora/botar (as) aranha(s) pra brigar* (em rosa) e com heterossexuais a unidade lexical *tesourar* (em azul). Já os heterossexuais e homossexuais compartilham: *colocar (as) aranhas para brigar*, *sexo* e *transar* (em amarelo).

Sobre apenas os(as) heterossexuais terem elicitado a locução *bater bife*, ao nosso ver, disfêmica, hipotetizamos que tal orientação, talvez por questões culturais ou de socialização sexual, tenda a recorrer a expressões mais cruas ou jocosas para se referir ao ato sexual entre duas mulheres, o que pode estar relacionado a um padrão de masculinidade cisheteronormativo ou a um repertório linguístico moldado por discursos humorísticos e informais sobre o sexo.

O sintagma congelado *colar velcro* foi utilizado para a geração da pergunta 10. À época da criação do QSL, ele constava registrado apenas em dois dos dicionários por nós consultados: no *Michaelis*, na entrada de *velcro*, e no *Priberam*. Cotejemos essa expressão não livre, a mais recorrente no *corpus*, com 4 outras variantes também mais ocorrentes:

Quadro 9 - Lexias sinónímicas para o sexo lésbico e seu registro nas obras lexicográficas consultadas

Lexia ²³⁷ /Dicionário	Aulete	Dicio	Houaiss	Michaelis	Priberam
<i>colar (o) velcro</i> (13 ocs.)	X	X	X	EXPRESSÕES COLOQ	[Brasil, Tabuísmo]
<i>tesoura/tesourinha</i> (10 ocs.)	-	-	-	-	-
<i>sexo lésbico</i> (5 ocs.)	X	X	X	X	X
<i>briga de aranha(s)</i> (4 ocs.)	X	X	X	X	X
<i>sexo</i> (4 ocs.)	!	[Por Extensão] Uso Popular.	1540p.ext.	X	!

Fonte: Elaboração própria.

Observa-se que a maioria das lexias não estão dicionarizadas e, se estão, não com o significado ‘sexo lésbico’. Recorrendo ao *Trends*²³⁸ (excluídas as mais polissêmicas):

- a) *sexo lésbico* – primeira procura em fevereiro de 2007; tendência máxima de busca em julho de 2019 (100%); desse ano ao momento atual, com variação nas pesquisas (53%);
- b) *briga de aranha* – primeira pesquisa em dezembro de 2010; propensão máxima de busca nesse mesmo ano; de lá para cá, há variação e decréscimo nas procuras (atualmente, 3%);
- c) *briga de aranhas* – primeira procura em novembro de 2008; tendência máxima de busca nesse mesmo mês e ano (100%); desde então, com propensão de pesquisa quase nula (1%).

Nota-se que a EF *sexo lésbico* é mais antiga (18 anos) em relação a *briga de aranhas* (16 anos) e *briga de aranha* (14 anos) na língua. Verifica-se também que, com exceção de *sexo*

²³⁷ *Colar (o) velcro* e *tesoura/tesourinha* não estão documentadas em Silva (1992) e Fusaro (2001). Já em Vip e Libi (2006, p. 28, 44 e 126) *colar velcro* é o mesmo que *bater bolacha* ‘ato sexual entre duas lésbicas’ e *tesourinha* é o ‘ato sexual entre lésbicas’. Em Rodrigues e Andrade (2023, p. 18 e 28) *colar velcro* é o ‘sexo entre homossexuais femininas; sexo entre mulheres; ato sexual lésbico’ e *tesourinha* é o ‘ato sexual entre lésbicas’. *Sexo lésbico*, *briga de aranha* e *briga de aranhas* também não se encontram registradas em Silva (1992), Fusaro (2001), Vip e Libi (2006) e Rodrigues e Andrade (2023). Entretanto, em Vip e Libi (2006, p. 21, itálicos originais), *aranha* possui a seguinte acepção: “S.f. O mesmo que vagina; a expressão *Botar as aranhas para brigar* significa a relação sexual entre mulheres”.

²³⁸ É válido dizer que a pesquisa da tendência de busca de itens lexicais no *Google* ao longo do tempo só pode ser realizada na ferramenta a partir de 2004.

lésbico, *briga de aranha* e *briga de aranhas* estão com tendência de busca em decréscimo ou quase nula. Consoante Alves (1990), neologismos só são documentados se bastante frequentes no idioma. Entretanto, palavras-tabu têm sua ocorrência à mercê do afrouxamento ou da queda das regras sociais morais, logo, se isso está acontecendo na língua portuguesa (Gomes, 1996; Orsi 2007, 2009; Araújo, 2008; Zotelli-Filho; Maeda, 2014), e se elas voltarem a crescer na língua, talvez sejam um dia dicionarizadas.

Em suma, a EF *colar (o) velcro* é coloquial (*Michaelis*) ou tabuística (*Priberam*). Já *tesoura*, se comparada, por exemplo, à unidade lexical *tribadismo* (que não apareceu nos dados), um tanto formal, seria eufêmica, principalmente a sua variável flexiva *tesourinha*, um diminutivo. Curiosamente, tal forma apareceu em ambos os sexos e faixa etárias, mas apenas entre bissexuais e homossexuais (heterossexuais preferiram o item lexical *tesoura*). *Sexo lésbico*, por seu turno, situar-se-ia entre o eufêmico (sexo) e o disfêmico (lésbico, contrário ao dito normal), a depender do falante e ouvinte e de sua concepção quanto às causas e aos LGBTQIAPN+. Por sua vez, *briga de aranha(s)* seria disfêmica e tabuística, não só pela analogia da atividade sexual a um confronto, mas também pela lexia *aranha* ‘vulva’, etiquetada nos dicionários como: Bras. Tabu. (*Aulete*), VULG (*Michaelis*) e [Brasil, Tabuísmo] (*Priberam*). Por fim, *sexo* é uma forma popular (*Dicio*).

No tocante à pergunta 11, que investiga a atividade sexual entre dois homens, ela registrou um total de 50 variantes, apresentadas abaixo com seus respectivos números de ocorrência entre parênteses:

11. Qual(Quais) palavra(s) e/ou expressão(ões) você conhece para o ato sexual entre dois homens?

Variantes (50): *abrir* (1), *afogar o ganso* (1), *atender* (1), *atrasar a janta* (1), *atrasar o kibe* (1), *briga de espada(s)* (5), *broderagem/brotheragem* (4), *chá de cu* (1), *chupa rola* (1), *coisar* (1), *coito* (3), *colação de bola* (1), *come cu* (1), *comer* (2), *copular* (2), *dá o cu* (1), *da(r) ré no quibe/kibe* (2), *enrabar* (2), *enrolação de pica* (1), *esfregação de taco* (1), *fazer amor* (3), *fedendo* (1), *foda* (1), *foda gay* (1), *foder* (2), *fornicação* (1), *fornicar* (1), *guerra de espada* (1), *luta de espada(s)* (2), *macetar* (1), *meter* (3), *metida* (1), *molhar o biscoito* (1), *não sei/não me lembro* (2)²³⁹, *nhanhar* (1), *queimar a rosca* (1), *rala e rola* (1), *real* (1), *se comendo* (1), *sentar no macho* (1), *sexo* (4), *sexo gay* (5), *sodomia* (1), *suação de homem* (1), *traçar* (2), *transa gay* (1), *transar/trandando* (7), *trepada* (1), *tregar* (3), *troca-troca* (1), *vuco-vuco* (1).

Constata-se nos dados:

- a) duas EF variáveis – *atrasar a janta* e *atrasar o kibe*, ***atrasar* + *Art_{def}* + *N***; *briga de espada(s)*, *guerra de espada* e *luta de espada(s)*, ***V* + *de espada(s)***;

²³⁹ Recordando, *não sei/não me lembro* não foi contabilizada como variante. Em estudos lexicais, trata-se de um dado importante (não conhecer uma lexia também é uma informação), daí sua permanência.

- b) empréstimo (adaptado fonomorfológicamente ou não ao português) – *brotheragem* ~ *broderagem* (ing. *brother*, *irmão*), apresentando derivação sufixal *brother* → *brotheragem*, cujo sufixo parece indicar ação, comportamento ou prática;
- c) variação diamésica e/ou provável erro de digitação – *chupa rola* (~ *chupar rola*), *come cu* (~ *comer cu*), *dá o cu* (~ *dar o cu*), *da(r) ré no quibe* ~ *dar a ré no quibe*, reflexo da queda da consoante fricativa glotal desvozeada [h] em verbos no infinitivo [ʃu.'pah] ~ [ʃu.'pa], [ko.'meh] ~ [ko.'me], ['dah] ~ ['da]; *transar/trandando*;
- d) criação lexical – *suação de homem*, em que ocorre um processo de derivação regressiva por sufixação, *su-ar* (V) → *su-ação* (N), um substantivo deverbal;
- e) onomatopeia – *vuco-vuco*, que imita o som do movimento durante a atividade sexual.

No que tange ao total, à frequência e às variantes fornecidas por respondentes do sexo masculino e feminino, expomo-las(o) abaixo:

SM (31): *atrasar a janta* (1), *atrasar o kibe* (1), *briga de espadas* (2), *brotheragem* (2), *coisar* (1), *coito* (1), *colação de bola* (1), *da ré no kibe* (1), *enrolação de pica* (1), *esfregação de taco* (1), *fazer amor* (1), *fedendo* (1), *foda* (1), *foda gay* (1), *guerra de espada* (1), *luta de espada(s)* (2), *meter* (1), *metida* (1), *não sei/não me lembro* (1), *nhanhar* (1), *rala e rola* (1), *real* (1), *se comendo* (1), *sexo* (3) *sexo gay* (1), *suação de homem* (1), *transa gay* (1), *transar/trandando* (4), *trepada* (1), *tregar* (1), *troca-troca* (1), *vuco-vuco* (1).

SF (29): *abrir* (1), *afogar o ganso* (1), *atender* (1), *briga de espada(s)* (3), *broderagem/brotheragem* (2), *chá de cu* (1), *chupa rola* (1), *coito* (2), *come cu* (1), *comer* (2), *copular* (2), *dá o cu* (1), *dar ré no quibe* (1), *enrabar* (2), *fazer amor* (2), *foder* (2), *fornicação* (1), *fornicar* (1), *macetar* (1), *meter* (2), *molhar o biscoito* (1), *não sei/não me lembro* (1), *queimar a rosca* (1), *sentar no macho* (1), *sexo* (1), *sexo gay* (4), *sodomia* (1), *traçar* (2), *transar* (3), *tregar* (2).

Na Tabela 33, apresentamos as lexias produzidas por respondentes do SM e do SF, com seus respectivos números de ocorrência e suas porcentagens:

Tabela 33 - Vars., nº de ocs. e % obtidas para a pergunta 11, segundo o grupo de fatores sexo biológico

Sexo masculino			Sexo feminino		
Variantes	Nº de ocs.	%	Variantes	Nº de ocs.	%
<i>transar/trandando</i>	4	20,00	<i>sexo gay</i>	4	12,12
<i>sexo</i>	3	15,00	<i>briga de espada(s)</i>	3	9,09
<i>briga de espadas</i>	2	10,00	<i>transar</i>	3	9,09
<i>brotheragem</i>	2	10,00	<i>broderagem/brotheragem</i>	2	6,06
<i>luta de espada(s)</i>	2	10,00	<i>coito</i>	2	6,06
<i>coito</i>	1	5,00	<i>comer</i>	2	6,06
<i>da ré no kibe</i>	1	5,00	<i>copular</i>	2	6,06
<i>fazer amor</i>	1	5,00	<i>enrabar</i>	2	6,06
<i>meter</i>	1	5,00	<i>fazer amor</i>	2	6,06
<i>sexo gay</i>	1	5,00	<i>foder</i>	2	6,06
<i>tregar</i>	1	5,00	<i>meter</i>	2	6,06
<i>não sei/não me lembro</i>	1	5,00	<i>traçar</i>	2	6,06

-	-	-	<i>tregar</i>	2	6,06
-	-	-	<i>dar ré no quibe</i>	1	3,03
-	-	-	<i>sexo</i>	1	3,03
-	-	-	<i>não sei/não me lembro</i>	1	3,03
Total = 11	20	100%	Total = 15	33	100%

Fonte: Elaboração própria.

→ Estatística Qui-Quadrado: 0,147 / p-Valor: 0,928 / Graus de Liberdade (12): 2

A diferença no número total de ocorrências entre os sexos foi de 13: 20 no SM e 33 no SF. Além disso, a locução *luta de espada(s)* (2 = 10,00%) ocorreu exclusivamente no primeiro sexo, ao passo que as unidades lexicais *comer* (2 = 6,06%), *copular* (2 = 6,06%), *enrabar* (2 = 6,06%), *foder* (2 = 6,06%) e *traçar* (2 = 6,06%) surgiram apenas no segundo. *Não sei/não me lembro* apareceram nas respostas de homens e mulheres.

A respeito do condicionador extralinguístico idade, a FE1 produziu um total de 36 variantes, e a FE2, 25:

FE1 (36): *abrir* (1), *afogar o ganso* (1), *atender* (1), *atrasar a janta* (1), *atrasar o kibe* (1), *briga de espada(s)* (2), *broderagem/brotheragem* (2), *coito* (2), *colação de bola* (1), *comer* (2), *copular* (2), *da ré no kibe* (1), *enrabar* (2), *enrolação de pica* (1), *esfregação de taco* (1), *fazer amor* (2), *fedendo* (1), *foda gay* (1), *foder* (2), *fornicação* (1), *fornicar* (1), *guerra de espada* (1), *luta de espada* (1), *macetar* (1), *meter* (2), *molhar o biscoito* (1), *não sei/não me lembro* (2), *se comendo* (1), *sexo* (1), *sexo gay* (3), *sodomia* (1), *suação de homem* (1), *traçar* (2), *transa gay* (1), *transar/trandando* (3), *tregar* (1), *troca-troca* (1).

FE2 (25): *briga de espadas* (3), *brotheragem* (2), *chá de cu* (1), *chupa rola* (1), *coisar* (1), *coito* (1), *come cu* (1), *dá o cu* (1), *dar ré no quibe* (1), *fazer amor* (1), *foda* (1), *luta de espadas* (1), *meter* (1), *metida* (1), *nhanhar* (1), *queimar a rosca* (1), *rala e rola* (1), *real* (1), *sentar no macho* (1), *sexo* (3), *sexo gay* (2), *transar* (4), *trepada* (1), *tregar* (2), *vuco-vuco* (1).

Semelhantemente ao que aconteceu na pergunta 2 (masturbação masculina), aqui a FE1 elicitou 11 variantes a mais do que a FE2, o que reforça a hipótese de que há uma maior disponibilidade lexical entre os(as) mais jovens para conceitos ligados à sexualidade. Tal fenômeno pode estar relacionado, conforme mencionamos anteriormente, à maior exposição dessa faixa etária a discursos sobre sexualidade nas mídias que consomem e nas redes sociais que utilizam, além de práticas de socialização em que esse tipo de vocabulário circula com mais liberdade (recordemos que estudos sociolinguísticos apontam que, ao adentrarem o mercado de trabalho, falantes, mormente os homens, aumentam o uso de formas padrão (Paiva, 2007)).

Exibimos, na Tabela 34, as unidades lexicais da FE1 e da FE2, dispostas conforme suas frequências absoluta e relativa:

Tabela 34 - Vars., nº de ocs. e % obtidas para a pergunta 11, segundo o grupo de fatores faixa etária

Faixa etária 1 (18 a 24 anos)	Faixa etária 2 (25 a 39 anos)
-------------------------------	-------------------------------

Variantes	Nº de ocs.	%	Variantes	Nº de ocs.	%
<i>sexo gay</i>	3	9,37	<i>transar</i>	4	19,04
<i>transar/trandando</i>	3	9,37	<i>briga de espadas</i>	3	14,28
<i>briga de espada(s)</i>	2	6,25	<i>sexo</i>	3	14,28
<i>broderagem/brotheragem</i>	2	6,25	<i>brotheragem</i>	2	9,52
<i>coito</i>	2	6,25	<i>sexo gay</i>	2	9,52
<i>comer</i>	2	6,25	<i>tregar</i>	2	9,52
<i>copular</i>	2	6,25	<i>coito</i>	1	4,76
<i>enrubar</i>	2	6,25	<i>dar ré no quibe</i>	1	4,76
<i>fazer amor</i>	2	6,25	<i>fazer amor</i>	1	4,76
<i>foder</i>	2	6,25	<i>luta de espadas</i>	1	4,76
<i>meter</i>	2	6,25	<i>meter</i>	1	4,76
<i>traçar</i>	2	6,25	-	-	-
<i>da ré no kibe</i>	1	3,12	-	-	-
<i>luta de espada</i>	1	3,12	-	-	-
<i>sexo</i>	1	3,12	-	-	-
<i>tregar</i>	1	3,12	-	-	-
<i>não sei/não me lembro</i>	2	6,25	-	-	-
Total = 16	32	100%	Total = 11	21	100%

Fonte: Elaboração própria.

→ Estatística Qui-Quadrado: 0,122 / p-Valor: 0,940 / Graus de Liberdade (df): 2

O número total de ocorrências para a FE1 foi 32 e para a FE2, 21. Foram fornecidos apenas por participantes mais novos(as) os itens lexicais *comer* (2 = 6,25%), *copular* (2 = 6,25%), *enrubar* (2 = 6,25%), *foder* (2 = 6,25%) e *traçar* (2 = 6,25%). Diferentemente, os(as) mais velhos(as) não produziram nenhuma variante exclusiva. As duas ocorrências de *não sei/não me lembro* (2 = 6,25%) também ocorreram apenas na FE1.

No que concerne à variável independente orientação sexual, pessoas homossexuais forneceram 38 variantes, bissexuais 18 e heterossexuais 14:

Bi (18): *abrir* (1), *atender* (1), *briga de espadas* (2), *brotheragem* (3), *coito* (1), *comer* (1), *copular* (1), *fazer amor* (1), *foder* (1), *fornicar* (1), *luta de espadas* (1), *macetar* (1), *meter* (1), *não sei/não me lembro* (1), *sexo gay* (1), *traçar* (1), *transar* (2), *tregar* (1), *troca-troca* (1).

He (14): *briga de espada(s)* (2), *colação de bola* (1), *dar ré no quibe* (1), *enrolação de pica* (1), *esfregação de taco* (1), *foda gay* (1), *luta de espada* (1), *meter* (1), *não sei/não me lembro* (1), *sexo* (2), *sexo gay* (2), *suação de homem* (1), *transa gay* (1), *transar* (2), *tregar* (1).

Ho (38): *afogar o ganso* (1), *atrasar a janta* (1), *atrasar o kibe* (1), *briga de espadas* (1), *broderagem* (1), *chá de cu* (1), *chupa rola* (1), *coisar* (1), *coito* (2), *come cu* (1), *comer* (1), *copular* (1), *dá o cu* (1), *da ré no kibe* (1), *enrubar* (2), *fazer amor* (2), *fedendo* (1), *foda* (1), *foder* (1), *fornicação* (1), *guerra de espada* (1), *meter* (1), *metida* (1), *molhar o biscoito* (1), *nhanhar* (1), *queimar a rosca* (1), *rala e rola* (1), *real* (1), *se comendo* (1), *sentar no macho* (1), *sexo* (2), *sexo gay* (2), *sodomia* (1), *traçar* (1), *transar/trandando* (3), *trepada* (1), *tregar* (1), *vucovuco* (1).

Acerca da diferença significativa no número de variantes geradas pelos(as) homossexuais (20 a mais que os(as) bissexuais e 24 a mais que os(as) heterossexuais), ela pode

sinalizar uma maior produtividade lexical entre eles(as), possivelmente atrelada à consolidação de um léxico dito “próprio” – o que se tem chamado de *pajubá* ou léxico *gay* –, já registrado em dicionários e estudos lexicográficos. Esse repertório, moldado historicamente em contextos de resistência, defesa, performatividade e identificação coletiva, pode favorecer uma maior familiaridade com vocábulos sexualmente marcados pelo discurso malicioso, bem como uma maior liberdade no uso de unidades lexicais não técnico-científicas.

Organizamos, na Tabela 35, as lexias registradas para cada orientação sexual, com seus respectivos números de ocorrências e porcentagens:

Tabela 35 - Vars., nº de ocs. e % obtidas para a pergunta 11, segundo o grupo de fatores orientação sexual

Bissexualidade			Heterossexualidade			Homossexualidade		
Variantes	Nº de ocs.	%	Variantes	Nº de ocs.	%	Variantes	Nº de ocs.	%
<i>brotheragem</i>	3	16,66	<i>briga de espada(s)</i>	2	15,38	<i>transar/trandando</i>	3	13,63
<i>briga de espadas</i>	2	11,11	<i>sexo</i>	2	15,38	<i>coito</i>	2	9,09
<i>transar</i>	2	11,11	<i>sexo gay</i>	2	15,38	<i>enrabar</i>	2	9,09
<i>coito</i>	1	5,55	<i>transar</i>	2	15,38	<i>fazer amor</i>	2	9,09
<i>comer</i>	1	5,55	<i>dar ré no quibe</i>	1	7,69	<i>sexo</i>	2	9,09
<i>copular</i>	1	5,55	<i>luta de espada</i>	1	7,69	<i>sexo gay</i>	2	9,09
<i>fazer amor</i>	1	5,55	<i>meter</i>	1	7,69	<i>briga de espadas</i>	1	4,54
<i>foder</i>	1	5,55	<i>trepar</i>	1	7,69	<i>broderagem</i>	1	4,54
<i>luta de espadas</i>	1	5,55	<i>não sei/não me lembro</i>	1	7,69	<i>comer</i>	1	4,54
<i>meter</i>	1	5,55	-	-	-	<i>copular</i>	1	4,54
<i>sexo gay</i>	1	5,55	-	-	-	<i>da ré no kibe</i>	1	4,54
<i>traçar</i>	1	5,55	-	-	-	<i>foder</i>	1	4,54
<i>trepar</i>	1	5,55	-	-	-	<i>meter</i>	1	4,54
<i>não sei/não me lembro</i>	1	5,55	-	-	-	<i>traçar</i>	1	4,54
-	-	-	-	-	-	<i>trepar</i>	1	4,54
Total = 13	18	100%	Total = 8	13	100%	Total = 15	22	100%

Fonte: Elaboração própria.

→ Estatística Qui-Quadrado: 0,158 / p-Valor: 0,997 / Graus de Liberdade (df): 4

O número total de ocorrências nos dados da orientação sexual Ho foi 22, da Bi, 18, e da He, 13. Além do mais, a unidade lexical *enrabar* (2 = 9,09%) foi elicitada somente pelos(as) homossexuais. Já *não sei/não me lembro* ocorreu apenas nas orientações Bi (1 = 5,55%) e He (1 = 7,69%). Bissexuais compartilharam com homossexuais o conhecimento de 7 itens lexicais (com sombreado rosa) – *broderagem/brotheragem*, *coito*, *comer*, *copular*, *fazer amor*, *foder* e *traçar* –; e com heterossexuais 1 (com sombreado azul) – *luta de espada(s)*. Estes(as) conhecem em comum com os homossexuais 2 variantes: *da(r) ré no quibe/kibe* e *sexo* (com sombreado em amarelo).

Não usamos lexia-base para a formulação da pergunta 11. Como dissemos no capítulo 3, apenas modificamos a forma do numeral e o sexo do referente da pergunta 10. As variantes mais recorrentes no *corpus* para aquela questão foram:

Quadro 10 - Lexias sinonímicas para o sexo *gay* e seu registro nas obras lexicográficas consultadas

Lexia/Dicionário	Aulete	Dicio	Houaiss	Michaelis	Priberam
<i>transar/trandando</i> (7 ocs.)	Bras.	verbo transitivo indireto e intransitivo	1365infrm.	COLOQ	[Brasil, Informal]
<i>briga de espada(s)</i> (5 ocs.)	X	X	X	X	X
<i>sexo gay</i> (5 ocs.)	X	X	X	X	X
<i>broderagem/brotheragem</i> (4 ocs.)	X	X	X	X	X
<i>sexo</i> (4 ocs.)	!	[Por Extensão] Uso Popular.	1540p.ext.	X	!

Fonte: Elaboração própria.

Percebe-se que a maioria das unidades lexicais não estão registradas e, se estão, não com o conceito ‘sexo gay’. Lançando mão do *Google Trends*²⁴⁰:

- a) *briga de espada* – primeira procura em novembro de 2005; tendência máxima de busca nesse mesmo mês e ano (100); de lá para cá, com decréscimo nas pesquisas (2%);
- b) *briga de espadas* – primeira pesquisa em dezembro de 2012 (100%); propensão máxima de busca nesse mesmo mês e ano; desse ano ao presente momento, com propensão de procura 80%;
- c) *sexo gay* – primeira procura em janeiro de 2004 (72%); tendência máxima de busca em dezembro de 2014 (100%); desde então, há variação e decréscimo nas pesquisas (atualmente, 36%);
- d) *broderagem* – primeira pesquisa em junho de 2016 (12%); propensão de busca de 97% em julho de 2021; de lá para cá, há variação e relativa ascensão nas procuras (atualmente, 89%);
- e) *brotheragem* – primeira procura em junho de 2016 (8%); tendência máxima de busca em dezembro de 2021 (100%); desse ano ao presente, existe variação e relativo acréscimo nas pesquisas (84%).

Verifica-se que a EF *sexo gay* é mais antiga (21 anos) em relação às unidades lexicais *briga de espada* (19 anos), *briga de espadas* (12 anos), *broderagem* (8 anos) e *brotheragem* (8

²⁴⁰ *Briga de espada(s)*, *sexo gay* e *broderagem/brotheragem* também não estão documentadas em Silva (1992), Fusaro (2001), Vip e Libi (2006) e Rodrigues e Andrade (2023).

anos) na língua. Os estrangeirismos são mais novos se comparados às demais lexias da própria língua, o que faz bastante sentido, principalmente se levarmos em conta o sentido conotativo que eles têm. De todas as variantes, somente *briga de espada* apresenta tendência de busca significativamente baixa (2%).

O item lexical *transar/transando*, conforme pôde ser visto, é considerado informal (*Houaiss e Priberam*) ou coloquial (*Michaelis*). A locução *briga de espada(s)*, por sua vez, cuja metáfora associa o sexo a um combate, figura-se, a nosso ver, como disfêmica. Já a EF *sexo gay* estabelece-se, assim como *sexo lésbico*, entre o eufêmico (*sexo*) e o disfêmico (*gay*, oposto ao tido como convencional), estando, naturalmente, sujeita às percepções do locutor e destinatário acerca da comunidade dissidente. *Broderagem/brotheragem*, por seu turno, é uma lexia cuja metáfora se fundamenta na comparação entre a camaradagem masculina e atitudes homoeróticas. Refere-se, na realidade, tanto à amizade entre homens quanto a interações sexuais entre eles, geralmente sem associação à homossexualidade, sendo vista como experimentação ou brincadeira. Consideramo-la eufêmica, à vista disso. Finalmente, *sexo* é uma unidade lexical popular (*Dicio*).

Consoante Preti (1983, p. 165, itálicos originais), os estereótipos associados às “relações sexuais normais”, no século XX, derivavam “de uma visão familiar do sexo, dentro de uma perspectiva moral, em que se reforçam os traços de *honestidade, bom comportamento* etc., embora apareçam também os de *monotonia*”. No que tange às “relações sexuais anormais” (sexo anal, homossexualidade, sexo oral), as ideias preconcebidas a elas relacionadas associavam-nas ao modernismo emergente na época e as condenavam, pois feriam a moral coletiva. O sexo oral e a homossexualidade (na obra do autor, ainda homossexualismo), sobretudo, eram casos claros de depravação sexual, conceitualmente relacionados à devassidão e à doença.

A patologização da homossexualidade, sustentada por discursos médicos e religiosos ao longo da história, deveu-se, em grande medida, à imposição de um modelo cisheteronormativo como único padrão legítimo de viver e experienciar a sexualidade. Na Antiguidade (séc. VIII a.C. - séc. V d.C.), tais relações eram vistas com naturalidade, dispensando designações específicas. Contudo, com a ascensão do cristianismo e de outras doutrinas moralizantes, a homossexualidade passou a ser condenada como pecado e ameaça à estrutura familiar, dado seu caráter não reprodutivo. O próprio termo *homossexualismo*, carregado do sufixo *-ismo*, comumente associado a condições patológicas, reflete essa concepção pejorativa²⁴¹. Apenas em

²⁴¹ Na verdade, o sufixo *-ismo* não é, por si só, necessariamente patológico – como demonstram as palavras *altruísmo, feminismo, otimismo, romantismo*, etc. –, mas, no caso específico de *homossexualismo*, acabou sendo

1990 a Organização Mundial da Saúde (OMS) retirou-o da lista de distúrbios mentais, consolidando, ao menos no campo médico, a distinção entre orientação sexual e doença. Sendo um fenômeno humano e histórico, a homossexualidade trata-se da atração afetivossexual entre pessoas de diferentes sexos (e gêneros (Jesus, 2012)), e não de uma anomalia a ser corrigida.

Segundo Mazzaro,

na Grécia Antiga a relação entre homens mais velhos (erastes) e rapazes mais novos (erômenos) não apenas recebia aprovação, mas era tomada como modelo de ética amorosa, sendo justificada pelo fato de a sociedade a encarar como a mais nobre forma de aparecimento do eros aos mortais. A crítica a esse *comportamento* veio com bastante relevância na Era Cristã, quando tudo relativo aos prazeres recebeu novas interpretações, principalmente por parte dos santos católicos Agostinho e Tomás. Com um retorno às Escrituras e sob a interpretação de que o ato sexual entre pessoas do mesmo sexo era um *pecado contra a natura*, incluindo partes da Bíblia como o mito de Sodoma e Gomorra, a conduta sexual da Grécia passou a ser regulada pelas autoridades civis e eclesiásticas, e deixou de ser *pederastia* (amor por um jovem rapaz) e passou a ser *sodomia* (pecado do coito anal), ou seja, de conduta sociopolítica a conduta religiosa (Mazzaro, 2021, p. 1056-1057).

Atualmente, e principalmente após os anos 70 e 80, muito se avançou no debate sobre gênero e sexualidade. Não podemos afirmar, contudo, que a moralidade, a religião, a política e a cultura deixaram de exercer influência sobre tais questões no Brasil contemporâneo (basta-nos lembrar da bancada evangélica, da ideologia de gênero, da mamadeira de piroca, etc.). Ainda assim, observa-se uma maior permissividade e aceitação em relação à homossexualidade, à não monogamia e às práticas sexuais dissociadas da reprodução, como o sexo casual, o sexo oral e anal, bem como o *voyerismo*. Essas mudanças refletem não apenas transformações sociais, mas também avanços no campo dos direitos humanos e na compreensão científica da sexualidade.

Acerca da discrepância no número de variantes erótico-obscenas obtidas para as perguntas 9 (sobre o sexo a três), 10 (sobre o ato sexual entre duas mulheres) e 11 (sobre a atividade sexual entre dois homens), a 9 registrou 27 lexias, ao passo que a 10 apresentou 45 unidades lexicais e a 11, 50 itens lexicais. Ademais, não há formas comuns às perguntas 9 e 10, nem às perguntas 9 e 11. No entanto, as perguntas 10 e 11 compartilham 14 variantes, a saber: *afogar o ganso, coito, comer, copular, enrabar, fazer amor, foder, fornicção, meter, molhar o biscoito, sexo, traçar, transar e trepar*.

historicamente associado a uma leitura patologizante da homossexualidade. Ou seja, o problema não reside no sufixo em si, mas no modo como o termo foi empregado e interpretado ao longo do tempo, reforçando concepções de desvio ou anormalidade sustentadas por discursos médicos e religiosos. Novamente, observa-se que as palavras não carregam sentidos intrínsecos e imutáveis, mas são atravessadas por valores culturais, sociais, políticos e históricos que moldam sua carga semântica conforme o contexto e os sujeitos que as utilizam.

Tendo sido descritos e analisados os dados, além da discussão dos resultados referentes à nona, à décima e à décima primeira perguntas do QSL, associadas à divisão semântica *relação sexual (LGBTQIAPN+)*, damos continuidade à próxima subseção.

4.2.6 Práticas e costumes sexuais ditos da comunidade LGBTQIAPN+

Perscrutamos, nesta subseção, os dados semântico-lexicais e sociolinguísticos referentes às perguntas 12, 13, 14 e 15 do QSL, vinculadas à sexta divisão semântica que propusemos, a saber, as *práticas e os costumes sexuais ditos da comunidade LGBTQIAPN+*.

Sobre a prática de ocultar o pênis entre as nádegas, expomos a pergunta 12 e as 10 variantes por ela elicitadas, acompanhadas, entre parênteses, de suas frequências individuais:

12. Qual(Quais) palavra(s) e/ou expressão(ões) você conhece para a prática de esconder o pênis para trás, entre as nádegas?

Variantes (10): *aquendação* (1), *aquendar/aquengar* (13), *aquendar a boneca* (1), *aquendar a neca* (2), *disfarçar* (1), *esconder a neca* (1), *esconder a rola* (1), *fingir de moça* (1), *não sei/não me lembro* (5), *tuck* (1), *tucking* (5).

O verbo que utilizamos para a formulação da pergunta em voga foi *aquendar*. Podemos observar que obtivemos especialmente ele como resposta. Ele também apresentou uma contraparte substantiva, *aquend-ação* (por derivação regressiva), e aparece em EF como *aquendar a boneca* e *aquendar a neca*, cujo esquema abstrato seria ***aquendar a + N***. Ainda verifica-se um caso de variação ou erro de digitação: *aquendar ~ aquengar*, troca da consoante *d* pela *g* – se dados de fala, permuta da oclusiva alveolar vozeada [d] pela oclusiva velar vozeada [g], [a.ku.ẽ.'dah] ~ [a.ku.ẽ.'gah].

Consideramos *aquendar a boneca* e *aquendar a neca* como lexias distintas, haja vista a incerteza se *neca* é um caso de aférese de *boneca* ou uma forma independente dela [ˈnɛ.kə] x [bo.'nɛ.kə]. Nota-se também dois empréstimos da língua inglesa: *tuck* (dobra, ou *to tuck*, dobrar, enfiar)²⁴² e *tucking* (dobrando, enfiando). No meio LGBTQIAPN+, *tuck* e *tucking* significam, de fato, ‘enfiar ou esconder o pênis para trás, entre as pernas’.

Acerca do total, das ocorrências e das variantes registradas entre participantes do SM e SF, apresentamo-las(o) a seguir:

SM (6): *aquendar/aquengar* (5), *aquendar a boneca* (1), *aquendar a neca* (2), *fingir de moça* (1), *não sei/não me lembro* (3), *tuck* (1), *tucking* (2).

²⁴² Johanna *tucked* the blanket around Paul (Johanna *dobrou* o cobertor em volta de Paul) x Sweetheart, *tuck* your shirt into your pants (Querido, *enfie* a camisa para dentro da calça).

SF (6): *aquendação* (1), *aquendar* (8), *disfarçar* (1), *esconder a neca* (1), *esconder a rola* (1), *não sei/não me lembro* (2), *tucking* (3).

Dispomos, na Tabela 36, os itens lexicais atestados para cada um dos dois sexos, organizados por frequência e porcentagem:

Tabela 36 - Vars., nº de ocs. e % obtidas para a pergunta 12, segundo o grupo de fatores sexo biológico

Sexo masculino			Sexo feminino		
Variantes	Nº de ocs.	%	Variantes	Nº de ocs.	%
<i>aquendar/aquengar</i>	5	41,66	<i>aquendar</i>	8	61,53
<i>aquendar a neca</i>	2	16,66	<i>tucking</i>	3	23,07
<i>tucking</i>	2	16,66	<i>não sei/não me lembro</i>	2	15,38
<i>não sei/não me lembro</i>	3	25,00	-	-	-
Total = 3	12	100%	Total = 2	13	100%

Fonte: Elaboração própria.

→ Estatística Qui-Quadrado: 0,306 / p-Valor: 0,858 / Graus de Liberdade (df): 2

Observa-se, quanto ao número total de ocorrências, que os participantes do SM produziram 12 e as do SF 13. Verifica-se também que a unidade lexical *aquendar a neca* (2 = 16,66%) foi elicitada somente por respondentes do SM, enquanto as do SF não geraram nenhuma exclusiva. Ocorrências de *não sei/não me lembro* distribuíram-se entre ambos os sexos.

Relativamente à variável idade, as unidades lexicais fornecidas pela FE1 totalizaram 5, enquanto as da FE2 alcançaram 8 (3 a mais):

FE1 (5): *aquendação* (1), *aquendar/aquengar* (7), *aquendar a neca* (1), *fingir de moça* (1), *não sei/não me lembro* (2), *tucking* (2).

FE2 (8): *aquendar* (6), *aquendar a boneca* (1), *aquendar a neca* (1), *disfarçar* (1), *esconder a neca* (1), *esconder a rola* (1), *não sei/não me lembro* (3), *tuck* (1), *tucking* (3).

A Tabela 37 ilustra, sem os *hápax legomena* e em ordem decrescente de frequência, as variantes atestadas na FE1 e na FE2, seguidas de seus respectivos números de ocorrência(s) e porcentagens:

Tabela 37 - Vars., nº de ocs. e % obtidas para a pergunta 12, segundo o grupo de fatores faixa etária

Faixa etária 1 (18 a 24 anos)			Faixa etária 2 (25 a 39 anos)		
Variantes	Nº de ocs.	%	Variantes	Nº de ocs.	%
<i>aquendar/aquengar</i>	7	58,33	<i>aquendar</i>	6	46,15
<i>tucking</i>	2	16,66	<i>tucking</i>	3	23,07
<i>aquendar a neca</i>	1	8,33	<i>aquendar a neca</i>	1	7,69

<i>não sei/não me lembro</i>	2	16,66	<i>não sei/não me lembro</i>	3	23,07
Total = 3	12	100%	Total = 3	13	100%

Fonte: Elaboração própria.

→ Estatística Qui-Quadrado: 0,434 / p-Valor: 0,804 / Graus de Liberdade (df): 2

Como pode ser visto, nem os(as) mais jovens e nem os(as) mais velhos(as) registraram lexias exclusivas. Além disso, *não sei/não me lembro* ocorreu em ambas as faixas etárias e a diferença no número total de ocorrências entre elas é de apenas 1: 12 na FE1 e 13 na FE2.

Quanto à variável orientação sexual, pessoas bissexuais eliciaram 4 variantes, ao passo que heterossexuais e homossexuais produziram, respectivamente, 2 e 8:

Bi (4): *aquendar/aquengar (6), aquendar a boneca (1), aquendar a neca (1), tucking (4)*.

He (2): *aquendar (2), fingir de moça (1), não sei/não me lembro (5)*.

Ho (8): *aquendação (1), aquendar (5), aquendar a neca (1), disfarçar (1), esconder a neca (1), esconder a rola (1), tuck (1), tucking (1)*.

Na Tabela 38, encontram-se as unidades lexicais fornecidas pelos(as) participantes de cada uma das orientações sexuais, dispostas conforme suas frequências absoluta e relativa:

Tabela 38 - Vars., nº de ocs. e % obtidas para a pergunta 12, segundo o grupo de fatores orientação sexual

Bissexualidade			Heterossexualidade			Homossexualidade		
Variantes	Nº de ocs.	%	Variantes	Nº de ocs.	%	Variantes	Nº de ocs.	%
<i>aquendar/aquengar</i>	6	54,54	<i>aquendar</i>	2	28,57	<i>aquendar</i>	5	71,42
<i>tucking</i>	4	36,36	<i>não sei/não me lembro</i>	5	71,42	<i>aquendar a neca</i>	1	14,28
<i>aquendar a neca</i>	1	9,09	-	-	-	<i>tucking</i>	1	14,28
Total = 3	11	100%	Total = 1	7	100%	Total = 3	7	100%

Fonte: Elaboração própria.

→ Estatística Qui-Quadrado: 1,942 / p-Valor: 0,746 / Graus de Liberdade (df): 4

Os(as) bissexuais registraram um total de 11 ocorrências, seguidos(as) pelos(as) heterossexuais e homossexuais, com 7 cada. *Não sei/não me lembro* apareceu exclusivamente nos dados dos(as) heterossexuais. Quanto ao compartilhamento do conhecimento de itens lexicais erótico-obscenos, bissexuais e homossexuais partilham 2 lexias (sombreamento em rosa): *aquendar a neca* e *tucking*.

Em Silva (1992, p. 3 e 7), *aquendar* já se demonstrava bastante polissêmico e núcleo de outras locuções (variáveis morfológica e semanticamente): *aquendar o baco só com ochó de neca* ‘transar só com camisinha’, *aquenda o edi do okó* ‘olha a bunda do homem’, *aquendar o*

aque ‘ganhar dinheiro’, *aquendar ilê* ‘ir para casa’, *aquendar ajeum* ‘comer’, *aquendar o babado* ‘brigar’, etc. Já em Fusaro (2001, p. 44), na seção das gírias de gays, lésbicas e simpatizantes, o item lexical aparece em sintagmas lexicais, mas não isoladamente, e grafado com *c*: *acuendar a conversa* ‘escutar; participar’, *acuendar um bofe* ‘atender; fazer; transar’, *acuendar um sanduíche* ‘comer’.

Em Vip e Libi (2006, p. 20-79, itálicos e negritos originais), *aquendação* aparece registrada com a seguinte acepção: “S.f. Ato ou efeito de aquendar (*acepção 2*), com conotação principalmente sexual”. *Aquendar*, por sua vez: “(do *bajubá*) V.t.d. e intr. **1.** Chamar para prestar atenção; prestar atenção; **2.** Fazer alguma função; **3.** Pegar; roubar. Forma imperativa e sincopada do verbo: *kuein!* [*Se liga!*]”. E em Rodrigues e Andrade (2023, p. 14, negrito original): “**Acuendar** – V. 1. Olhar, admirar. 2. Prestar atenção. 3. Observar. ‘Amapoa, acuenda que o boy magia tá chegando’. Var. Aquendar”.

A análise dos dados coletados evidencia a contínua polissemia do verbo *aquendar* e suas variantes, especialmente no contexto do vocabulário LGBTQIAPN+. Enquanto obras anteriores, como as de Silva (1992), Fusaro (2001), Vip e Libi (2006) e Rodrigues e Andrade (2023), registravam significados associados à atenção, observação e ação (sexual ou não), a presente investigação revela um sentido específico vinculado à performance de gênero (identitário e/ou funcional (Jesus, 2012)): o ato de esconder o pênis entre as pernas, prática comum entre pessoas trans e *drag queens* para a construção de uma estética feminina. Essa variação semântica pode ser visualizada no esquema em (1) a seguir (*fazer* também pode significar ‘transar’):

- (1) 1992*aquendar* (+*Art*) + *X* → ‘transar’, ‘olhar’, ‘ganhar’, ‘ir’, ‘comer’, ‘brigar’ (EF)
 |
 2001*aquendar* +*Art* + *N* → ‘escutar’, ‘transar’, ‘comer’ (EF)
 |
 2006*aquendar* → ‘prestar atenção’, ‘fazer’, ‘roubar’ (lexia simples)
 |
 2023*aquendar* → ‘admirar’, ‘prestar atenção’, ‘observar’ (lexia simples)
 |
 2024*aquendar* (+ *Art* + *N*) → ‘esconder o pênis entre as pernas’ (EF ou lexia simples)

A emergência dessa acepção, ‘esconder o pênis entre as pernas’, reforça a flexibilidade semântica da língua e sua capacidade de adaptação às demandas socioculturais da comunidade que a emprega. Além disso, a presença de variantes como *aquendação*, *aquendar a boneca* e *aquendar a neca* sugere não apenas a consolidação desse significado, mas também sua produtiva integração ao repertório linguístico de determinados grupos. Assim, a ressignificação

de *aqueendar* ilustra, mais uma vez, o dinamismo da língua(gem) em contextos de resistência, identidade e pertencimento, conforme já percebido por Fusaro (2001), Alonso (2009), Lau (2015), Andrade *et al.* (2018), Monico e Legroski (2019), Ribeiro (2021) e Rodrigues e Andrade (2023).

Sobre *tuck* e *tucking*, aventamos a hipótese de que esses estrangeirismos estejam associados à popularidade do *reality show* estadunidense de competição *RuPaul's Drag Race*, muito comum na comunidade transviada brasileira. O programa já se encontra na décima sexta temporada nos Estados Unidos, possui versões em outros países (Austrália, Brasil, Canadá, Espanha, França, Tailândia, etc.) e inclui um *spin-off* chamado *RuPaul's Drag Race: Untucked*, com 15 temporadas.

Passemos agora para a pergunta 13, que aborda a higienização do reto antes do ato sexual. Os(as) participantes forneceram para ela um total de 14 itens lexicais, cada um deles seguido, entre parênteses, de sua respectiva frequência de ocorrência:

13. Qual(Quais) palavra(s) e/ou expressão(ões) você conhece para a prática de higienizar/limpar, com o uso de uma pequena quantidade de água, o reto (última parte do intestino grosso, anterior ao ânus) antes de uma relação sexual?

Variantes (14): *banho demorado* (1), *banho de verdade* (1), *chuca/xuca* (17), *chuveirinho* (3), *clister* (1), *ducha/duchinha* (2), *enema* (2), *fazer a chuca/fazer a xuca* (7), *lavagem* (1), *lavagem anal* (1), *limpeza* (1), *limpeza anal* (1), *limpeza profunda* (1), *lubrificar* (1).

Chuca foi o substantivo-base para a criação da questão acima e, predominantemente, a resposta obtida. Nota-se também sua variante gráfica, *xuca*. A forma prescrita como correta é a grafada com *ch*, e não com *x*, embora ambas as letras representem o som da fricativa alveopalatal desvozeada [ʃ], [ʃu.kə]. O mesmo fenômeno acontece em *fazer a chuca* e *fazer a xuca*. Os diminutivos *chuveirinho* e *duchinha* são eufêmicos e, como se percebe, não ocorreram, ao nosso ver, respostas disfêmicas para a pergunta em pauta. *Clistor*, *enema* e *lavagem* soam um tanto quanto técnico-científicas (nos dicionários, sem o sentido sexual; *chuca* não aparece como sinônimo para nenhuma delas):

- a) *clister* – Med. (*Aulete*); dicionarizada, sem rubrica (*Dicio*); 1540GAST(roenterologia) (*Houaiss*); MED (*Michaelis*); dicionarizada, sem rubrica (*Priberam*);
- b) *enema* – Med. (*Aulete*); dicionarizada, sem rubrica (*Dicio*); 1783GAST(roenterologia) (*Houaiss*); MED (*Michaelis*); dicionarizada, sem rubrica (*Priberam*);
- c) *lavagem* – aparece como sinônimo de *clister* no *Dicio* e também no *Michaelis*, mas na forma de uma lexia complexa (*lavagem intestinal*); *lavagem intestinal* também aparece

como sinonímia para *enema* no *Houaiss* e no *Michaelis*; Med. (*Aulete*); [Medicina] (*Dicio*); dicionarizado, sem rubrica (*Houaiss*); dicionarizada, sem rubrica (*Michaelis*); [Medicina] (*Priberam*);

- d) *chuca* – dicionarizada, sem a acepção desejada (*Aulete*); dicionarizada, sem a acepção desejada (*Dicio*); p.ext.; infm. (*Houaiss*); dicionarizada, sem a acepção desejada (*Michaelis*); [Brasil, Informal] (*Priberam*, exclusivamente nele, como exemplo, aparece a expressão *fazer a chuca*).

Acerca do total, da frequência e das lexias elicitadas por respondentes dos sexos masculino e feminino, expomo-las(o) abaixo:

SM (11): *banho demorado* (1), *banho de verdade* (1), *chuca* (8), *chuveirinho* (2), *ducha/duchinha* (2), *enema* (1), *fazer a chuca* (3), *lavagem anal* (1), *limpeza* (1), *limpeza profunda* (1), *lubrificar* (1).

SF (7): *chuca/xuca* (9), *chuveirinho* (1), *clister* (1), *enema* (1), *fazer a chuca/fazer a xuca* (4), *lavagem* (1), *limpeza anal* (1).

A seguir, exibimos na Tabela 39 as variantes elicitadas de participantes do SM e do SF, listadas em ordem decrescente de frequência e porcentagem:

Tabela 39 - Vars., nº de ocs. e % obtidas para a pergunta 13, segundo o grupo de fatores sexo biológico

Sexo masculino			Sexo feminino		
Variantes	Nº de ocs.	%	Variantes	Nº de ocs.	%
<i>chuca</i>	8	50,00	<i>chuca/xuca</i>	9	60,00
<i>fazer a chuca</i>	3	18,75	<i>fazer a chuca/fazer a xuca</i>	4	26,66
<i>chuveirinho</i>	2	12,50	<i>chuveirinho</i>	1	6,66
<i>ducha/duchinha</i>	2	12,50	<i>enema</i>	1	6,66
<i>enema</i>	1	6,25	-	-	-
Total = 5	16	100%	Total = 4	15	100%

Fonte: Elaboração própria.

→ Estatística Qui-Quadrado: 0,498 / p-Valor: 0,779 / Graus de Liberdade (df): 2

Os dados indicam que o item lexical *ducha/duchinha* (2 = 12,50%) foi registrado apenas no SM, enquanto o SF não produziu nenhuma unidade lexical exclusiva. Além disso, a diferença no número total de ocorrências entre os sexos foi de 1: 16 no SM e 15 no SF.

Considerando a variável extralinguística idade, a FE1 elicitou 10 variantes, enquanto a FE2 apresentou 7:

FE1 (10): *banho de verdade* (1), *chuca* (10), *chuveirinho* (2), *clister* (1), *enema* (2), *fazer a chuca* (2), *lavagem* (1), *lavagem anal* (1), *limpeza anal* (1), *limpeza profunda* (1).

FE2 (7): *banho demorado* (1), *chuca/xuca* (7), *chuveirinho* (1), *ducha/duchinha* (2), *fazer a chuca/fazer a xuca* (5), *limpeza* (1), *lubrificar* (1).

Na Tabela 40, dispomos as lexias registradas para a FE1 e a FE2, com suas respectivas frequências absoluta e relativa:

Tabela 40 - Vars., nº de ocs. e % obtidas para a pergunta 13, segundo o grupo de fatores faixa etária

Faixa etária 1 (18 a 24 anos)			Faixa etária 2 (25 a 39 anos)		
Variante	Nº de ocs.	%	Variante	Nº de ocs.	%
<i>chuca</i>	10	62,50	<i>chuca/xuca</i>	7	46,66
<i>chuveirinho</i>	2	12,50	<i>fazer a chuca/fazer a xuca</i>	5	33,33
<i>enema</i>	2	12,50	<i>ducha/duchinha</i>	2	13,33
<i>fazer a chuca</i>	2	12,50	<i>chuveirinho</i>	1	6,66
Total = 4	16	100%	Total = 4	15	100%

Fonte: Elaboração própria.

→ Estatística Qui-Quadrado: 1,815 / p-Valor: 0,403 / Graus de Liberdade (df): 2

Exclusivamente nos dados da FE1, ocorreu a unidade lexical *enema* (2 = 12,50%), enquanto a FE2 registrou *ducha/duchinha* (2 = 13,33%). Quanto ao número total de ocorrências, a diferença entre as faixas etárias foi de 1: 16 na FE1 e 15 na FE2.

A respeito do fator extralinguístico orientação sexual, homossexuais forneceram 8 itens lexicais, seguidos de heterossexuais com 7 e bissexuais com 5:

Bi (5): *chuca* (4), *chuveirinho* (1), *enema* (1), *fazer a chuca* (4), *lavagem anal* (1).

He (7): *banho de verdade* (1), *chuca* (6), *chuveirinho* (2), *fazer a chuca* (1), *lavagem* (1), *limpeza profunda* (1), *lubrificar* (1).

Ho (8): *banho demorado* (1), *chuca/xuca* (7), *clister* (1), *ducha/duchinha* (2), *enema* (1), *fazer a chuca/fazer a xuca* (2), *limpeza* (1), *limpeza anal* (1).

Ilustramos, na Tabela 41, as variantes elicitadas por respondentes de cada orientação sexual, acompanhadas de suas respectivas frequências e porcentagens:

Tabela 41 - Vars., nº de ocs. e % obtidas para a pergunta 13, segundo o grupo de fatores orientação sexual

Bissexualidade			Heterossexualidade			Homossexualidade		
Variante	Nº de ocs.	%	Variante	Nº de ocs.	%	Variante	Nº de ocs.	%
<i>chuca</i>	4	40,00	<i>chuca</i>	6	66,66	<i>chuca/xuca</i>	7	58,33
<i>fazer a chuca</i>	4	40,00	<i>chuveirinho</i>	2	22,22	<i>ducha/duchinha</i>	2	16,66
<i>chuveirinho</i>	1	10,00	<i>fazer a chuca</i>	1	11,11	<i>fazer a chuca/fazer a xuca</i>	2	16,66
<i>enema</i>	1	10,00	-	-	-	<i>enema</i>	1	8,33

Total = 4	10	100%	Total = 3	9	100%	Total = 4	12	100%
-----------	----	------	-----------	---	------	-----------	----	------

Fonte: Elaboração própria.

→ Estatística Qui-Quadrado: 2,076 / p-Valor: 0,721 / Graus de Liberdade (df): 4

No que concerne ao número total de ocorrências, bissexuais produziram 10, heterossexuais 09 e homossexuais 12. Somente a orientação sexual Ho apresentou unidade lexical exclusiva: *ducha/duchinha* (2 = 16,66%). Quanto ao compartilhamento do conhecimento das lexias erótico-obscenas, bissexuais partilham com homossexuais a unidade lexical *enema* (sombreamento rosa) e com heterossexuais *chuveirinho* (sombreamento azul). Heterossexuais e homossexuais não compartilharam conhecimento de itens lexicais.

Silva (1992) e Fusaro (2001) não registram as lexias *chuca/xuca*, *chuveirinho*, *ducha/ducinha*, *enema* e *fazer a chuca/fazer a xuca*. Vib e Libi (2006), por sua vez, dicionarizam apenas *chuca* ‘instrumento utilizado para a limpeza do reto; clister; enema’ e *fazer a chuca* ‘fazer limpeza intestinal, principalmente do reto; clister’. Já Rodrigues e Andrade (2023) documentam somente *chuca* ‘1. Limpeza do ânus por dentro com água. 2. Lavagem intestinal feita antes do sexo anal.’.

No que se refere ao conceito ‘prática de higienização do reto antes da relação sexual’, nossos dados evidenciam a predominância de lexias de caráter eufemístico ou técnico-científico para designá-lo, sem registros de unidades lexicais de natureza disfêmica. A ausência de *chuca* na maioria dos dicionários com a acepção popularmente reconhecida reforça a discrepância entre o léxico técnico e o uso cotidiano da comunidade falante. Além disso, a lacuna nas obras de Silva (1992) e Fusaro (2001) sugere que tais lexias podem ter se consolidado mais recentemente, já que apenas Vib e Libi (2006) e Rodrigues e Andrade (2023) trazem registros pontuais, *chuca* e *fazer a chuca*, enquanto *clister* é documentado como sinônimo, mas sem ser dicionarizado na *Aurélio*. Essa evolução lexical sinaliza não apenas mudanças na forma como a prática é nomeada, mas também na forma como é percebida dentro dos diferentes grupos sociais (por meio da metonímia: *chuca* ‘instrumento para fazer x’ → *chuca* ‘x’).

Passamos agora à pergunta 14, referente ao ato de sujar o pênis com fezes no curso do sexo anal, e às 11 unidades lexicais por ela registradas, acompanhadas de suas frequências entre parênteses:

14. Qual(Quais) palavra(s) e/ou expressão(ões) você conhece para o ato de sujar de fezes, durante o sexo anal, o pênis do parceiro?

Variantes (11): *cagar na pistola* (1), *cagar no pau* (2), *checar* (2), *cheque* (1), *chuva de chocolate* (1), *deixar rastro* (1), *dourar* (1), *lambreçar o taco* (1), *não sei/não me lembro* (3), *passar (o, um) cheque* (15), *scat* (2), *sujar a pica* (1).

As EF *cagar na pistola*, *cagar no pau* – **cagar em** + **Artdef** + **N** – e *sujar a pica* são disfêmicas, posto que as lexias *cagar*²⁴³ e *pica*²⁴⁴ não são tidas como eufêmicas no *Aulete*, *Dicio*, *Houaiss*, *Michaelis* e *Priberam*. *Checar* e *cheque*, por seu turno, estão registradas nos dicionários, mas não com o sentido ‘sujar de fezes o pênis do parceiro’, e *passar (o, um) cheque* não está sequer documentada. Já *scat*, um empréstimo do inglês, denotativamente, significa ‘excremento, fezes’, e, conotativamente, ‘prazer sexual envolvendo dejetos’.

No que tange ao total, ao número de ocorrência(s) e aos respectivos itens lexicais registrados entre participantes do SM e SF, apresentamo-los a seguir:

SM (9): *cagar na pistola* (1), *cagar no pau* (1), *checar* (2), *deixar rastro* (1), *dourar* (1), *lambreçar o taco* (1), *não sei/não me lembro* (3), *passar (um) cheque* (6), *scat* (1), *sujar a pica* (1).

SF (5): *cagar no pau* (1), *cheque* (1), *chuva de chocolate* (1), *passar (o) cheque* (9), *scat* (1).

Organizamos, na Tabela 42, as variantes coletadas para cada um dos fatores do grupo de fatores sexo, com suas frequências absolutas e relativas:

Tabela 42 - Vars., nº de ocs. e % obtidas para a pergunta 14, segundo o grupo de fatores sexo biológico

Sexo masculino			Sexo feminino		
Variante	Nº de ocs.	%	Variante	Nº de ocs.	%
<i>passar (um) cheque</i>	6	46,15	<i>passar (o) cheque</i>	9	81,81
<i>checar</i>	2	15,38	<i>cagar no pau</i>	1	9,09
<i>cagar no pau</i>	1	7,69	<i>scat</i>	1	9,09
<i>scat</i>	1	7,69	-	-	-
<i>não sei/não me lembro</i>	3	23,07	-	-	-
Total = 4	13	100%	Total = 3	11	100%

Fonte: Elaboração própria.

→ Estatística Qui-Quadrado: 1,933 / p-Valor: 0,380 / Graus de Liberdade (df): 2

Unicamente participantes do SM registraram a lexia *checar* (2 = 15,38%), enquanto respondentes do SF não produziram nenhuma unidade lexical exclusiva. Além do mais, as 3 ocorrências de *não sei/não me lembro* foram nos dados do SM. Quanto à diferença no número total de ocorrências, o SM produziu 13 e o SF 11, logo, 2 a menos.

No que concerne à variável idade, os(as) participantes da FE1 produziram 9 itens lexicais, e os(as) da FE2 6 (3 a menos):

²⁴³ *Cagar* = dicionarizada, sem a acepção desejada (*Aulete*); [chulismo] (*Dicio*); s_{XIII}infrm. ou tab. (*Houaiss*); VULG (*Michaelis*); [Tabuísmo] (*Priberam*).

²⁴⁴ *Pica* = Tabu. (*Aulete*); [Chulismo] (*Dicio*); p.metf.; 1562tab. (*Houaiss*); VULG (*Michaelis*); [Brasil, Tabuísmo] (*Priberam*).

FE1 (9): *cagar na pistola (1), cagar no pau (1), checar (1), chuva de chocolate (1), dourar (1), lambrecar o taco (1), não sei/não me lembro (1), passar (o) cheque (7), scat (1), sujar a pica (1).*

FE2 (6): *cagar no pau (1), checar (1), cheque (1), deixar rastro (1), não sei/não me lembro (2), passar (um) cheque (8), scat (1).*

As variantes coletadas da FE1 e da FE2, assim como suas frequências de ocorrência e porcentagens, encontram-se na Tabela 43:

Tabela 43 - Vars., nº de ocs. e % obtidas para a pergunta 14, segundo o grupo de fatores faixa etária

Faixa etária 1 (18 a 24 anos)			Faixa etária 2 (25 a 39 anos)		
Variante	Nº de ocs.	%	Variante	Nº de ocs.	%
<i>passar (o) cheque</i>	7	63,63	<i>passar (um) cheque</i>	8	61,53
<i>cagar no pau</i>	1	9,09	<i>cagar no pau</i>	1	7,69
<i>checar</i>	1	9,09	<i>checar</i>	1	7,69
<i>scat</i>	1	9,09	<i>scat</i>	1	7,69
<i>não sei/não me lembro</i>	1	9,09	<i>não sei/não me lembro</i>	2	15,38
Total = 4	11	100%	Total = 4	13	100%

Fonte: Elaboração própria.

→ Estatística Qui-Quadrado: 0,202 / p-Valor: 0,903 / Graus de Liberdade (df): 2

Observa-se que nem a FE1 e nem a FE2 produziram lexias exclusivas. Já *não sei/não me lembro* ocorreu em ambas as idades. E a diferença no número total de ocorrência é de apenas 2, 11 para a FE1 e 13 para a FE2.

Finalmente, no que tange à variável orientação sexual, pessoas bissexuais produziram 3 variantes, ao passo que pessoas heterossexuais e homossexuais forneceram, respectivamente, 7 e 4:

Bi (3): *cagar no pau (1), passar (o) cheque (6), scat (2).*

He (7): *cagar na pistola (1), cagar no pau (1), chuva de chocolate (1), dourar (1), lambrecar o taco (1), não sei/não me lembro (3), passar cheque (3), sujar a pica (1).*

Ho (4): *checar (2), cheque (1), deixar rastro (1), passar (o/um) cheque (6).*

Apresentamos, na Tabela 44, as variantes elicitadas de participantes de cada orientação sexual, junto a seus números de ocorrência e porcentagens (ordenadas decrescentemente e sem os *hápax legomena*):

Tabela 44 - Vars., nº de ocs. e % obtidas para a pergunta 14, segundo o grupo de fatores orientação sexual

Bissexualidade	Heterossexualidade	Homossexualidade
----------------	--------------------	------------------

Variantes	Nº de ocs.	%	Variantes	Nº de ocs.	%	Variantes	Nº de ocs.	%
<i>passar (o) cheque</i>	6	66,66	<i>passar cheque</i>	3	42,85	<i>passar (o/um) cheque</i>	6	75,00
<i>scat</i>	2	22,22	<i>cagar no pau</i>	1	14,28	<i>checar</i>	2	25,00
<i>cagar no pau</i>	1	11,11	<i>não sei/não me lembro</i>	3	42,85	-	-	-
Total = 3	9	100%	Total = 2	7	100%	Total = 2	8	100%

Fonte: Elaboração própria.

→ Estatística Qui-Quadrado: 2,351 / p-Valor: 0,671 / Graus de Liberdade (df): 4

Bissexuais produziram 9 ocorrências, homossexuais 8 e heterossexuais 7, com diferenças de 1 ocorrência em relação a estes(as) e 2 em relação a aqueles(as), respectivamente. *Scat* (2 = 22,22%) apareceu somente na orientação sexual Bi e *checar* (2 = 25,00%) apenas na Ho. *Não sei não/não me lembro* surgiu exclusivamente nos dados de heterossexuais. Bissexuais compartilharam com heterossexuais o conhecimento de 1 lexia (sombreamento azul): *cagar no pau*. Homossexuais não partilharam conhecimento de unidades lexicais erótico-obscenas nem com bissexuais, nem com heterossexuais.

Utilizamos, para a formulação da pergunta 14, a EF *passar cheque*. Silva (1992, p. 8) não a registra, mas consta em seu glossário *cheque voador* ‘peido’ e *cheque* ‘papel higiênico sujo’. Fusaro (2001, p. 46), por sua vez, atribui a ela o sentido de ‘aparecer fezes no pênis depois de uma penetração anal’. Já Vip e Libi (2006, p. 41 e 103, itálicos originais) dicionarizam *checar* “V.t.d. Vide *passar um cheque*”, *cheque* ‘restos de fezes que borram a cueca, o órgão sexual do parceiro ou a camisinha’ e *passar cheque* ‘deitar fezes no pênis do homossexual ativo; checar; melar de nena a neca do oco’. Por fim, Rodrigues e Andrade (2023, p. 17) documentam *cheque prédatado* ‘chuca mal feita’ e *passa-cheque* ‘sujar com fezes o pênis do parceiro no sexo anal; cagar no pau; defecar no pênis do parceiro durante o sexo anal’. É válido dizer que nenhum desses(as) autores(as) registraram a locução *cagar no pau* e a lexia simples *scat*.

Diante disso, observa-se que a EF *passar (o,um) cheque*, a mais comum nas respostas dos(as) participantes, é uma forma mais bem assentada na língua para nomear o conceito ‘sujar de fezes o pênis do parceiro’. Apesar de não documentada nos dicionários gerais, encontra-se registrada nas obras de Fusaro (2001), Vip e Libi (2006) e Rodrigues e Andrade (2023), claro, com leves nuances de sentido e estrutura. Ademais, parece ter havido um processo de metonímia entre *cheque voador* ‘peido’ → *cheque* ‘papel higiênico sujo’ → *cheque* ‘restos de fezes que borram a cueca’ – que remetem a excreção, mas sem relação direta com o sexo – e → (*passar*) *cheque* ‘sujar de fezes o pênis durante o sexo anal’. A ampliação da acepção de *cheque* mantém a associação com as fezes, mas desloca o foco para o contexto da penetração

anal, onde elas podem aparecer. A ausência da locução *cagar no pau* e da lexia simples *scat* nas obras desses(as) autores(as) sugere que tais formas podem ser recentes ou pouco difundidas na língua.

Concluamos esta subseção com a pergunta 15, sobre a prática da introdução da mão e antebraço no ânus ou vagina. Designada por *fisting*, foi, inclusive, a lexia de que nos valemos para a criação da questão. Ela elicitou um total de 6 variantes, cada qual seguida, entre parênteses, de sua ocorrência numérica:

15. Qual(Quais) palavra(s) e/ou expressão(ões) você conhece para o ato de inserir/introduzir a mão e/ou antebraço no ânus ou na vagina do(a) parceiro(a) durante a relação sexual?

Variantes (6): *dedar* (1), *fistada* (1), *fistar* (1), *first fuck* (1), *fi(r)sting* (18), *não sei/não me lembro* (3), *penetração de mão* (1).

Dedar está registrada em todos os 5 dicionários gerais consultados, mas não com a acepção desejada ‘inserção da mão e antebraço no ânus ou vagina’. Por sua vez, *fisting* (e suas derivações) e *penetração de mão* não estão documentadas em nenhum deles também. Quanto às obras de Silva (1992), Fusaro (2001), Vip e Libi (2006) e Rodrigues e Andrade (2023), nenhuma delas registra qualquer uma que seja dessas unidades lexicais.

Tendo em vista o conceito embutido na pergunta, pode parecer que *dedar* com ele não condiz, mas é um engano (cf. *fingerfucking*, no inglês). *Fist-ing* (ing. *fist*, *punho*) condiz com o conceito, assim como suas derivantes sufixais *fist-ada* (N) e *fist-ar* (V) (adaptadas à morfologia do português). No inglês, são comuns as duas seguintes formas: *fisting* e *fistfucking* (e, ainda, *fingerfucking* e *postillioning* – ambas com o sentido sexual de ‘mão louca’). Muito provavelmente, nos casos de *first fuck* e *fi(r)sting*, há confusão com o numeral ordinal *first* (ing. *primeiro*).

Detalhamos, a seguir, o total de variantes produzidas por respondentes do sexo masculino e feminino, cada uma delas e sua frequência no *corpus*:

SM (4): *dedar* (1), *fistada* (1), *fistar* (1), *fi(r)sting* (8), *não sei/não me lembro* (2).

SF (3): *first fuck* (1), *fisting* (10), *não sei/não me lembro* (1), *penetração de mão* (1).

Excluídos os *hápax legomena*, a Tabela 45 apresenta a lexia *fi(r)sting*, comum aos dois sexos, suas frequências absoluta e relativa, e as ocorrências de *não sei/não me lembro*:

Tabela 45 - Vars., nº de ocs. e % obtidas para a pergunta 15, segundo o grupo de fatores sexo biológico

Sexo masculino	Sexo feminino
----------------	---------------

Variantes	Nº de ocs.	%	Variantes	Nº de ocs.	%
<i>fi(r)sting</i>	8	80,00	<i>fisting</i>	10	90,90
<i>não sei/não me lembro</i>	2	20,00	<i>não sei/não me lembro</i>	1	9,09
Total = 1	10	100%	Total = 1	11	100%

Fonte: Elaboração própria.

→ Estatística Qui-Quadrado: 0,008 / p-Valor: 0,928 / Graus de Liberdade (df): 1

Como pode ser visto, a diferença no número total de ocorrências entre os sexos foi de 1: 10 para o SM e 11 para o SF. Ademais, *não sei/não me lembro* é também comum ao SM e SF.

Acerca do fator extralinguístico idade, os(as) respondentes da FE1 forneceram 3 unidades lexicais, enquanto os(as) da FE2 registraram 4:

FE1 (3): *fistada* (1), *fistar* (1), *fi(r)sting* (8), *não sei/não me lembro* (2).

FE2 (4): *dedar* (1), *first fuck* (1), *fisting* (10), *não sei/não me lembro* (1), *penetração de mão* (1).

Expomos, na Tabela 46, sem os *hápax legomena*, o item lexical *fi(r)sting*, comum a ambas as faixas etárias, acompanhado de suas frequências absoluta e relativa, bem como das ocorrências de *não sei/não me lembro*:

Tabela 46 - Vars., nº de ocs. e % obtidas para a pergunta 15, segundo o grupo de fatores faixa etária

Faixa etária 1 (18 a 24 anos)			Faixa etária 2 (25 a 39 anos)		
Variantes	Nº de ocs.	%	Variantes	Nº de ocs.	%
<i>fi(r)sting</i>	8	80,00	<i>fisting</i>	10	90,90
<i>não sei/não me lembro</i>	2	20,00	<i>não sei/não me lembro</i>	1	9,09
Total = 1	10	100%	Total = 1	11	100%

Fonte: Elaboração própria.

→ Estatística Qui-Quadrado: 0,008 / p-Valor: 0,928 / Graus de Liberdade (df): 1

Quanto à diferença no número total de ocorrências, os(as) mais velhos(as) produziram 1 a mais que os(as) mais novos(as). Novamente, *não sei/não me lembro* apareceu tanto na FE1 quanto na FE2.

A respeito do condicionador extralinguístico orientação sexual, bissexuais e heterossexuais eliciaram 2 variantes, enquanto homossexuais forneceram 4:

Bi (2): *fistar* (1), *fisting* (7).

He (2): *dedar* (1), *fisting* (5), *não sei/não me lembro* (3).

Ho (4): *fistada* (1), *first fuck* (1), *fi(r)sting* (6), *penetração de mão* (1).

A Tabela 47 exibe a lexia *fi(r)sting* conforme a orientação sexual dos(as) participantes, informando suas frequências absolutas e relativas. Ela também mostra as ocorrências de *não sei/não me lembro*:

Tabela 47 - Vars., nº de ocs. e % obtidas para a pergunta 15, segundo o grupo de fatores orientação sexual

Bissexualidade			Heterossexualidade			Homossexualidade		
Variantes	Nº de ocs.	%	Variantes	Nº de ocs.	%	Variantes	Nº de ocs.	%
<i>fisting</i>	7	100,00	<i>fisting</i>	5	62,50	<i>fi(r)sting</i>	6	100,00
-	-	-	<i>não sei/não me lembro</i>	3	37,50	-	-	-
Total = 1	7	100%	Total = 1	8	100%	Total = 1	6	100%

Fonte: Elaboração própria.

→ Estatística Qui-Quadrado: 5,687 / p-Valor: 0,058 / Graus de Liberdade (df): 2

Heterossexuais produziram 8 ocorrências, bissexuais 7 e homossexuais 6, apresentando, estes(as) últimos(as) diferenças de 2 e 1 ocorrência(s), respectivamente, em relação a aqueles(as). Assim como mostram as duas tabelas anteriores, não houve elicitação de unidades lexicais exclusivas entre os fatores do grupo de fatores. Sobre o fornecimento de *não sei/não me lembro*, tal concentrou-se apenas na orientação sexual He. Por fim, também não houve o compartilhamento do conhecimento de itens lexicais erótico-obscenos entre as orientações.

Diferentemente da língua inglesa, que conta com mais opções lexicais para descrever o conceito em pauta – *fingerfucking*, *fistfucking*, *fisting* e *postillationing* –, a língua portuguesa possui, originalmente, apenas *dedar* e *penetração de mão*. Contudo, como ambas unidades lexicais foram *hápax legomena* no *corpus*, não podemos afirmar que elas não sejam parte de um idioleto.

No tocante à diferença na quantidade de variantes obtidas para as perguntas 12 (*aquendar*), 13 (*chuca*), 14 (*passar cheque*) e 15 (*fisting*), a 12 elicitou 10 itens lexicais, a 13, 14, a 14, 11, e a 15, 6. Essas 4 questões e da próxima subseção (16, 11 variantes) foram as menos produtivas de todo o QSL.

Consoante Orsi (2007), a quantidade de sinônimos para um item lexical erótico-obsceno pode sinalizar a valorização ou o medo de uma sociedade reprimida em relação a ele ou à sua pronúncia: se pouco tabuizado, seriam necessárias poucas sinonímias para ele; ao contrário, se muito tabuizado, seriam necessários muitos sinônimos para ele, pois uma sociedade repressiva adota muitas sinonímias (Orsi, 2009). Almeida (2007) também defende que, se há poucas

variantes para um determinado conceito, existem poucos tabus que o circundam, e se há muitas variantes para ele, existem muitos tabus que o rodeiam.

Sabemos que, sob interdição, os seres humanos sentem-se impelidos a transgredir e a falar daquilo que é alvo de proscrição. Assim, se algo é proibido, surgirão neologismos, metáforas, eufemismos e sinónimas para que dele se possa falar. Isso ocorre porque, como argumenta Augras (1989), a transgressão não se opõe ao tabu, mas faz parte dele, funcionando como um mecanismo que o reforça. O próprio tabu estabelece distinções e fixa limites, e a transgressão, ao ultrapassá-los, não os elimina, mas reafirma a existência do tabu em si.

Todavia, pesamos que, se o grau de tabuísmo é relativo de pessoa para pessoa, então, para avaliar a maior ou menor produção de unidades lexicais em relação a ele, é necessária uma análise ampla de como determinadas unidades lexicais são percebidas por uma diversidade de pessoas. Se, para a maioria delas, certo assunto ou matéria é altamente tabu e há muitos itens lexicais para contorná-lo, indubitavelmente se poderá dizer que a interdição é um fator responsável pela produção de variantes e pela variação linguística. Nesse sentido, para que as afirmações de Orsi (2007, 2009) e Almeida (2007) fossem corroboradas, precisar-se-ia extrapolar os limites lexicográficos, muito inconsistentes, verificar a real classificação de determinadas variantes como tabuísticas e examinar o maior ou menor número de sinónimas para elas. Claro, sempre com amostras de participantes balanceadas, rigor teórico-metodológico e empirismo.

Isso porque, se o sexo dito convencional já é alvo de proscrição, logo, é tabu, e se tudo aquilo que foge da cisheteronormatividade é imoral e antinatural, não faz sentido pensar que práticas como esconder o pênis, higienizar o reto antes do sexo anal, sujar o pênis do parceiro durante ele, introduzir a mão e antebraço na vagina e/ou ânus e contaminar-se pelo HIV sejam assuntos considerados menos tabuísticos ou valorizados na sociedade. Os movimentos sociais após meados do século passado podem até ter relaxado as normas sociais vigentes, mas não acreditamos que a tal ponto. Esse achado reforça a necessidade de mais pesquisas sobre o tabu para compreendê-lo e suas implicações na língua falada e escrita.

Por fim, comentamos no capítulo 1 que não consideramos o *pajubá* um dialeto, mas sim um vocabulário. Argumentamos, ainda, que as lexias a ele concernentes deveriam ser apenas aquelas provindas do iorubá, do quimbundo ou de outras línguas de matriz africana. O que temos percebido é que trabalhos voltados ao léxico *gay* incluem, sob o rótulo de *pajubá*, unidades lexicais da língua portuguesa empregadas com sentidos criptológicos ou licenciosos. Assim procedendo, não podem afirmar que o *pajubá* se trata exclusivamente de empréstimos lexicais de línguas africanas. O português não é língua africana. Muitos exemplos do que

autores(as) chamam de *pajubá* são, na verdade, brasileirismos ou estrangeirismos de outras línguas que não o iorubá ou o quimbundo: *chapéu* (fr. ant. *chapel*) ‘peruca’, *xarope* (ar. *xarāb*) ‘chato, nojento’ (Silva, 1992); *emma thompson* (ing. antropônimo) ‘machucado originado de pancada forte, resultando em manchas roxas e doloridas na pele’, *peru* (esp. topônimo) ‘caralho’ (Vip; Libi, 2006)²⁴⁵; *arrasar* (PB), *sextou* (PB) (Vieira, 2022); *arrombado* (PB) ‘gay que apresenta o ânus largo pela prática ao sexo anal’, *leite* (PB) ‘esperma; gala’ (Rodrigues; Andrade, 2023); etc. Parece-nos, em função disso, que talvez *vocabulário dissidente* seria mais apropriado para tais casos (mais apropriado até que léxico *gay*).

Finalizadas a exposição e a interpretação dos dados, bem como a análise dos resultados concernentes à décima segunda, à décima terceira, à décima quarta e à décima quinta perguntas do QSL, associadas à divisão semântica *práticas e costumes sexuais ditos da comunidade LGBTQIAPN+*, seguimos para a subseção seguinte.

4.2.7 Transmissão do HIV

Nesta subseção, discorreremos sobre os dados semântico-lexicais e sociolinguísticos extraídos da pergunta 16 do QSL, concernente à sétima divisão semântica realizada por nós, ou seja, a *transmissão do HIV*.

A seguir, exibimos a pergunta em questão, o total de variantes fornecidas para ela, cada uma dessas variantes e, entre parênteses, a sua respectiva frequência:

16. Qual(Quais) palavra(s) e/ou expressão(ões) você conhece para a prática de passar o vírus da AIDS sem o conhecimento e a permissão – isto é, propositalmente – do(a) parceiro(a)?

Variantes (11): *beijo do vampiro* (1), *carimbar* (13), *contágio venéreo* (1), *contaminar* (1), *filhadaputagem* (1), *matar* (1), *morder* (1), *mordida* (1), *morta e fraca* (1), *não sei/não me lembro* (7), *ser um fdp* (1), *vitaminar* (1).

Inicialmente, observa-se que, com exceção de *carimbar*, todas as outras lexias dadas como respostas à questão são *hápax legomena*. Particularmente, nós conhecíamos apenas 4 delas: *carimbar*, *contágio venéreo*, *contaminar* e *vitaminar*. Ademais, 5 destas unidades lexicais foram fornecidas exclusivamente por um respondente (LGSP, FE1, BH, +15 anos, EF, M, Cis, Ho): *beijo do vampiro*, *matar*, *morder*, *mordida*, e *morta e fraca*. Esse caso poderia tratar-se: (i) de um idioleto; ou (ii) da não compreensão do conteúdo encerrado na pergunta; (iii) da não caracterização do ato, mas meios para a efetivação dele (cf. *morder*); (iv) da

²⁴⁵ Silva (1992) e Vip e Libi (2006) não rotulam suas obras como *pajubeiras*, mas nelas encontram-se também exemplos de outras línguas, como pode ser visto.

gentileza por parte do participante em querer fornecer resposta(s), mesmo que ela(s) não seja(m) adequada(s); ou, ainda, (v) de juízos de valor (cf. *ser um fdp*) – de qualquer forma, o conhecimento dessas variantes poderá ser testado em pesquisas futuras.

Neste último caso, ainda obtivemos de uma respondente (A, FE2, BH, +15, ES, F, Cis, Ho) o seguinte comentário metalinguístico: “Desconheço expressões para esse ato. Acho delicado o assunto, uma vez que existe preconceito relacionando homossexuais ao vírus. Agora imagina o ato proposital”. Ele mostra a consciência da falante quanto ao clichê que associa pessoas transviadas ao HIV.

No que concerne ao total, ao número de ocorrência(s) e aos respectivas itens lexicais fornecidos por participantes do SM e do SF, exibimo-los abaixo:

SM (9): *beijo do vampiro* (1), *carimbar* (7), *contágio venéreo* (1), *contaminar* (1), *matar* (1), *morder* (1), *mordida* (1), *morta e fraca* (1), *não sei/não me lembro* (3), *vitaminar* (1).

SF (3): *carimbar* (6), *filhadaputagem* (1), *não sei/não me lembro* (4), *ser um fdp* (1).

Eliminados os *hápax legomena*, a Tabela 48 apresenta a variante *carimbar* e sua frequência e porcentagem para cada um dos dois sexos. Há também o número de ocorrências de *não sei/não me lembro*:

Tabela 48 - Vars., nº de ocs. e % obtidas para a pergunta 16, segundo o grupo de fatores sexo biológico

Sexo masculino			Sexo feminino		
Variantes	Nº de ocs.	%	Variantes	Nº de ocs.	%
<i>carimbar</i>	7	70,00	<i>carimbar</i>	6	60,00
<i>não sei/não me lembro</i>	3	30,00	<i>não sei/não me lembro</i>	4	40,00
Total = 1	10	100%	Total = 1	10	100%

Fonte: Elaboração própria.

→ Estatística Qui-Quadrado: 0 / p-Valor: 1 / Graus de Liberdade (df): 1

Não ocorreram lexias exclusivas nem no SM e nem no SF. Também não houve diferença quanto ao número total de ocorrências entre os sexos. Além disso, *não sei/não me lembro* não aparece em ambos.

No que tange à variável idade, as unidades lexicais elicitadas pelos(as) respondentes da FE1 somaram 7, ao passo que as da FE2 totalizaram 5:

FE1 (7): *beijo do vampiro* (1), *carimbar* (7), *filhadaputagem* (1), *matar* (1), *morder* (1), *mordida* (1), *morta e fraca* (1), *não sei/não me lembro* (3).

FE2 (5): *carimbar* (6), *contágio venéreo* (1), *contaminar* (1), *não sei/não me lembro* (4), *ser um fdp* (1), *vitaminar* (1).

Na Tabela 49, apresentamos, novamente, o item lexical *carimbar*, registrado pela FE1 e pela FE2, junto a seus respectivos valores absolutos e relativos:

Tabela 49 - Vars., nº de ocs. e % obtidas para a pergunta 16, segundo o grupo de fatores faixa etária

Faixa etária 1 (18 a 24 anos)			Faixa etária 2 (25 a 39 anos)		
Variantes	Nº de ocs.	%	Variantes	Nº de ocs.	%
<i>carimbar</i>	7	70,00	<i>carimbar</i>	6	60,00
<i>não sei/não me lembro</i>	3	30,00	<i>não sei/não me lembro</i>	4	40,00
Total = 1	10	100%	Total = 1	10	100%

Fonte: Elaboração própria.

→ Estatística Qui-Quadrado: 0 / p-Valor: 1 / Graus de Liberdade (df): 1

Mais uma vez, não ocorreram lexias exclusivas em uma ou outra faixa etária e nem diferença no número total de ocorrências. Ademais, *não sei/não me lembro* foi fornecido por participantes da FE1 e também da FE2.

Por fim, em relação ao condicionador extralinguístico orientação sexual, bissexuais e heterossexuais registraram, respectivamente, 2 e 3 unidades lexicais, enquanto homossexuais proveram 8:

Bi (2): *carimbar* (5), *não sei/não me lembro* (2), *ser um fdp* (1).

He (3): *carimbar* (3), *contágio venéreo* (1), *filhadaputagem* (1), *não sei/não me lembro* (3).

Ho (8): *beijo do vampiro* (1), *carimbar* (5), *contaminar* (1), *matar* (1), *morder* (1), *mordida* (1), *morta e fraca* (1), *não sei/não me lembro* (2), *vitaminar* (1).

Na Tabela 50, dispomos o item lexical *carimbar* produzido pelos(as) respondentes de cada orientação sexual, acompanhado de seus números de ocorrência e porcentagens:

Tabela 50 - Vars., nº de ocs. e % obtidas para a pergunta 16, segundo o grupo de fatores orientação sexual

Bissexualidade			Heterossexualidade			Homossexualidade		
Variantes	Nº de ocs.	%	Variantes	Nº de ocs.	%	Variantes	Nº de ocs.	%
<i>carimbar</i>	5	71,42	<i>carimbar</i>	3	50,00	<i>carimbar</i>	5	71,42
<i>não sei/não me lembro</i>	2	28,57	<i>não sei/não me lembro</i>	3	50,00	<i>não sei/não me lembro</i>	2	28,57
Total = 1	7	100%	Total = 1	6	100%	Total = 1	7	100%

Fonte: Elaboração própria.

→ Estatística Qui-Quadrado: 0,847 / p-Valor: 0,654 / Graus de Liberdade (df): 2

Quanto ao número total de ocorrências, bissexuais e homossexuais proveram 7 cada, e heterossexuais, 6, 1 a menos que os(as) demais. Não apareceram variantes exclusivas entre as orientações sexuais e nem houve o compartilhamento do conhecimento de lexias erótico-obscenas por pessoas que se autoidentificavam como pertencentes a cada uma delas.

Para a criação da pergunta 16, tomamos o verbo *carimbar* como base. Coincidentemente, ele também foi o mais recorrente entre as respostas, com 13 ocorrências totais no *corpus*. Recorrendo aos cinco dicionários de língua, notamos que essa unidade lexical está documentada em todos eles, mas sem a acepção por nós desejada. Já em Silva (1992), Fusaro (2001), Vip e Libi (2006) e Rodrigues e Andrade (2023) ela não está sequer registrada.

Carimbar, ao nosso ver, é um neologismo semântico, muito recente na língua portuguesa, mais especificamente, do ano de 2015. A sua acepção apareceu nesse ano em reportagens (cf. o Anexo B desta dissertação e os *links* de acesso a duas dessas reportagens nas Referências) que retratavam a prática de transmitir intencionalmente o HIV a parceiros(as) sexuais sem o consentimento deles(as), por pessoas dos chamados *clubes do carimbo*. Esses clubes seriam grupos organizados que transmitiam o HIV de forma deliberada. No entanto, essa narrativa era permeada por desinformação, sensacionalismo midiático e reações punitivistas que reforçaram o estigma em torno do HIV e de seus portadores. Ainda em 2015, a Associação Brasileira Interdisciplinar de AIDS (ABIA) publicou seu posicionamento sobre uma dessas reportagens, mais especificamente, a do *Fantástico* (Globo, 2015, *on-line*). Segundo a organização,

a abordagem usada pelo Fantástico gera mais *pânico moral*, reforça preconceitos e estigmas contra jovens gays e soropositivos com reflexos negativos na vida das pessoas. A reportagem é também um *desserviço* para a população na construção de uma resposta eficaz à epidemia na medida em que desloca para os supostos *carimbadores* a responsabilidade pela transmissão entre jovens gays [...] a ABIA repudia veementemente a criminalização da transmissão e defende a necessidade urgente de diálogo com os supostos praticantes do clube do carimbo. Sem compreender o que está de fato acontecendo, será impossível construir uma intervenção positiva e eficaz. Nós, da ABIA, entendemos que o sensacionalismo puro, além de gerar a sensação de ódio e o clima *caça às bruxas*, enfraquece o combate à epidemia do HIV no país (ABIA, 2015, *on-line*).

Treze dos(as) vinte e quatro participantes conheciam a forma usada para designar o conceito embutido na pergunta 16. Se esse conhecimento é reflexo de tais notícias ou se foi obtido por meio de terceiros, seria uma questão para investigações posteriores.

Esta subseção, assim como as anteriores, reforçam a necessidade de se estudar a língua(gem) em seu contexto social de produção, isto é, concatenada aos aspectos culturais, geográficos, ideológicos, históricos, morais, políticos, etc. que a circundam e a seus falantes.

As palavras proibidas revelam muito sobre a sociedade que as sancionam, como as atitudes, os valores e o relaxamento das normas sociais morais. Em outras palavras, elas põem em evidência a mudança ou a permanência de tabus linguísticos e dos padrões culturais internalizados que regem o comportamento social. Ademais, como vimos no capítulo 1, as palavras enquanto signos que remetem ao universo referencial não são meras etiquetas formais, mas sim entidades carregadas de significados que refletem a experiência humana e a organização do mundo.

Não podemos esquecer que elas também são signos gramaticais, alterando sua classe para atender às demandas comunicacionais dos seres humanos e às transformações do sistema linguístico ao longo do tempo. A heterogeneidade da língua é justamente o que permite sua adaptação contínua às necessidades expressivas dos falantes, evidenciando sua natureza dinâmica e relacional. Também as metáforas demonstram como a linguagem transcende o literal, criando conexões entre domínios distintos e revelando a criatividade cognitiva dos usuários da língua. Por fim, a decência e o pudor quanto aos itens lexicais erótico-obsenos não podem impedir que eles sejam estudados e/ou registrados, posto que constituem parte indissociável do léxico e da história social, refletindo as complexidades da sexualidade humana e suas representações culturais.

Com a descrição, a análise dos dados e a discussão dos resultados referentes à décima sexta pergunta do QSL devidamente apresentadas, relacionada à divisão semântica *transmissão do HIV*, prossigamos para a última seção deste capítulo.

4.3 Resultados gerais obtidos e a associação deles às perguntas e hipóteses do estudo

Nesta seção, exibimos uma síntese geral dos resultados, associando-os às questões e hipóteses da pesquisa.

Obtivemos, a partir do QSL e dos(as) 24 participantes, um *corpus* constituído de 531 variantes erótico-obsenas para as 16 perguntas nele presentes. Esse número reflete uma grande riqueza lexical para designar as ações relacionadas ao campo semântico do ato sexual. Desse total, 379 caracterizavam-se como *hápax legomena*, isto é, lexias que ocorreram apenas uma vez em todo o *corpus*. No tratamento quantitativo (absoluto, relativo e estatístico), consideramos apenas as unidades lexicais que se repetiam, no mínimo, duas vezes na amostra de dados, totalizando 152 lexias, conforme apresentamos na Tabela 51 a seguir:

Tabela 51 - Nº de variantes analisadas quantitativamente por pergunta, excluindo-se os *hápx legomena*

Grau tabuístico	Divisão semântica	Pergunta	Nº de variantes	Nº de variantes (hápx legomena)	Nº de variantes analisadas quantitativamente
- TABU	<i>importunação sexual</i>	1	26	16	10
		2	47	30	17
	<i>masturbação</i>	3	33	20	13
		4	48	33	15
	<i>sexo oral</i>	5	26	21	5
		6	34	25	9
	<i>sexo vaginal e/ou anal (com ou sem orgasmo)</i>	7	103	79	24
		8	40	30	10
		9	27	18	9
	<i>relação sexual (LGBTQIAPN+)</i>	10	45	35	10
		11	50	34	16
		12	10	7	3
	<i>práticas e costumes sexuais ditos da comunidade LGBTQIAPN+</i>	13	14	9	5
		14	11	7	4
		15	6	5	1
+ TABU	<i>transmissão do HIV</i>	16	11	10	1
Total		16	531	379	152

Fonte: Elaboração própria.

Quando criamos as questões no formulário, dispusemo-las na ordem que considerávamos da menos à mais tabu. Tínhamos que as perguntas de 9 a 16 seriam as mais tabuísticas, não só por serem relativas ao sexo, mas também por fugirem da cisheteronormatividade. Se falar sobre o sexo já é proibido por si só, somado àqueles(as) que a sociedade e a religião consideram desviantes, desmoralizados, errados e antinaturais, isto é, aos(as) transviados(as), ele seria ainda mais proibido.

Voltando à Tabela 51, percebe-se que, ao seguir o grau de tabu estipulado por nós, costumes mais tabuísticos geraram menos variantes, enquanto os menos tabuísticos produziram mais. Pensávamos que, quanto maior a interdição sobre determinado assunto, menor seria a criatividade lexical para nomeá-lo e, quanto menor a proibição, maior a criatividade. Ou seja, o grau de tabuismo parecia estar intimamente relacionado ao número de lexias produzidas para determinadas práticas concernentes ao campo semântico do ato sexual.

No entanto, dois anos de pesquisa nos mostraram o contrário. A desautorização em pronunciar palavras-tabu é a responsável pela criação lexical, logo, ela não se sujeita somente a momentos de liberdade de expressão. Conhecer as normas para subvertê-las é fator condicionador na produção de unidades lexicais. Ademais, pudemos perceber que nem tudo é cem por cento novo, itens lexicais já existentes apenas recebem outros significados (disfêmicos, eufêmicos e metafóricos), ou são deformados fono e graficamente, ou, ainda, mudam de classe de palavras.

Então surge-se a dúvida de o porquê as perguntas de 12 a 16, consideradas por nós as mais tabuísticas, foram justamente as que geraram menos variantes. Apesar das ocorrências de *não sei/não me lembro* começarem a partir da pergunta 11, com exceção da pergunta 13, as respostas mostram que heterossexuais conhecem, mas nem sempre, itens lexicais para designar as relações e as práticas sexuais ditas da comunidade LBBTQIAPN+. Ou seja, o número populacional dos bissexuais, *gays* e lésbicas não pode servir de justificativa para a baixa produção de variantes para as questões de 12 a 16. Ademais, práticas se estendem para além da comunidade *gay*, isto é, higienizar o reto antes do sexo anal, o próprio sexo anal, sujar o pênis do parceiro de fezes, fazer *fisting* e ser contaminado(a) pelo HIV é suscetível a todos(as).

Logo, a baixa produtividade lexical observada nas perguntas de 12 a 16 precisa ser mais estudada, pois ela não pode ser dissociada do conteúdo sensível que essas práticas envolvem. Embora tais experiências sexuais estejam presentes na sociedade e não se limitem à população LBBTQIAPN+, seu vínculo com corpos e vivências historicamente marginalizados – somado ao teor escatológico, à violação de normas cisheteronormativas e à associação com doenças – mantém-nas à margem do discurso cotidiano. A escassez de variantes, nesses casos, não contradiz os estudos que relacionam tabu e criatividade lexical, mas indica que o grau de interdição, variável de pessoa para pessoa, ainda precisa ser investigado para entender se ele é, de fato, o responsável pela maior ou menor produção de sinonímias.

Voltando às questões e hipóteses do nosso estudo, apresentadas na Introdução desta dissertação, os dados/resultados das tabelas de 52 a 56, logo abaixo, visam corroborá-las ou refutá-las.

Tabela 52 - Nº de variantes obtidas para cada fator dos grupos de fatores, com os *hápax legomena*

-	Sexo		Faixa etária		Orientação sexual		
	M	F	1	2	Bi	Ho	He
<i>1</i>	14	19	16	16	14	13	12
<i>2</i>	35	23	38	21	22	25	22
<i>3</i>	21	23	22	21	12	19	20
<i>4</i>	37	23	35	25	21	22	28
<i>5</i>	15	15	15	14	10	12	10
<i>6</i>	20	20	24	18	15	17	14
<i>7</i>	68	54	71	54	37	47	46
<i>8</i>	23	24	31	15	13	19	21
<i>9</i>	17	16	16	18	11	17	10
<i>10</i>	23	31	32	22	14	28	16
<i>11</i>	31	29	36	25	18	38	14
<i>12</i>	6	6	5	8	4	8	2
<i>13</i>	11	7	10	7	5	8	7
<i>14</i>	9	5	9	6	3	4	7
<i>15</i>	4	3	3	4	2	4	2

<i>16</i>	9	3	7	5	2	8	3
Total	343	301	370	279	203	289	234

Fonte: Elaboração própria.

A Tabela 52 exhibe, para cada pergunta do QSL, o número de variantes fornecidas para cada fator dos grupos de fatores sexo, faixa etária e orientação sexual, com os *hápax legomena*. Nota-se (cf. o negrito em cada total) que pessoas do SM, da FE1 e da orientação sexual Ho elicitaram mais lexias do que as do SF, da FE2 e das orientações sexuais Bi e He. Esses resultados insinuam que os fatores sexo masculino, faixa etária mais jovem e orientação sexual homossexualidade influenciam o conhecimento das unidades lexicais erótico-obscenas.

Além disso, sugerem que, por conhecerem e fornecerem mais itens lexicais:

- os homens são mais disfêmicos – o que estaria em acordo com Correia (1927) e Morales (2005) – e usam mais tabus – o que estaria em conformidade com Morales (2005);
- os(as) mais novos(as) são mais disfêmicos(as) – o que estaria em desacordo com Correia (1927) e Morales (2005)²⁴⁶ – e usam mais tabus – o que estaria em conformidade com Morales (2005);
- os homens e os jovens falam mais palavrões – o que estaria em concordância com Souto Maior (1980).

Contudo, ao excluirmos os *hápax legomena*, esses dados/resultados mudam, conforme ilustra a Tabela 53:

Tabela 53 - Nº de variantes fornecidas para cada fator dos grupos de fatores, sem os *hápax legomena*

-	Sexo		Faixa etária		Orientação sexual		
	M	F	1	2	Bi	Ho	He
<i>1</i>	8	9	8	8	7	7	9
<i>2</i>	17	11	16	13	15	14	10
<i>3</i>	12	12	11	12	9	12	10
<i>4</i>	15	12	15	12	13	12	13
<i>5</i>	4	5	4	4	4	4	3
<i>6</i>	8	7	8	9	7	8	6
<i>7</i>	20	23	22	24	18	20	13
<i>8</i>	9	8	10	6	6	9	8
<i>9</i>	7	8	8	8	8	8	4
<i>10</i>	10	9	9	10	6	8	9
<i>11</i>	11	15	16	11	13	15	8
<i>12</i>	3	2	3	3	3	3	1
<i>13</i>	5	4	4	4	4	4	3
<i>14</i>	4	3	4	4	3	2	2

²⁴⁶ Vimos, em Morales (2005), que a geração III é a menos eufêmica, seguida da I e, depois, da II.

15	1	1	1	1	1	1	1
16	1	1	1	1	1	1	1
Total	135	130	140	130	118	128	101

Fonte: Elaboração própria.

Observa-se que, ao selecionarmos apenas os itens lexicais que se repetiam nos dados pelo menos duas vezes, a diferença entre os sexos, as faixas etárias e as orientações sexuais é baixa (cf. o negrito em cada total), mas, ainda assim, o SM, a FE1 e a orientação sexual Ho se sobressaem às demais. À vista dos dados/resultados das Tabelas 52 e 53, e da desproporção mínima dos valores totais, concluímos que a hipótese (i) foi refutada:

Questão 1: fatores extralinguísticos como faixa etária, orientação sexual e sexo biológico (des)favorecem o conhecimento das variantes erótico-obscuras por parte dos(as) participantes?

Hipótese 1: fatores sociais favorecem o conhecimento dos itens lexicais erótico-obscuras, especialmente a orientação sexual dos(as) participantes; [refutada]

Expomos, na Tabela 54, as variantes que apareceram somente em uma das três orientações sexuais:

Tabela 54 - Variantes que ocorrem em apenas uma das três orientações sexuais

-	Orientação sexual		
	Bi	Ho	He
1	-	<i>encoxada</i> [SF; FE2; Ho]	<i>encaixar</i> [SM, SF; FE1; He]
2	<i>fap/fap fap</i> [SM; FE1; Bi]	-	<i>(se) tocar</i> [SM, SF; FE1; He]
3	-	-	<i>brincar de DJ</i> [SM, SF; FE1, FE2; He]
4	-	-	-
5	-	-	<i>cunilíngue/cunilingue</i> [SM, SF; FE1; He]
6	<i>romper o hímen</i> [SF; FE1, FE2; Bi]	<i>tirar o lacre</i> [SM; FE1, FE2; Ho]	-
7	<i>comer alguém</i> [SM, SF; FE2; Bi]	<i>transa</i> [SM, SF; FE1, FE2; Ho] <i>afogar o ganso</i> [SF; FE1, FE2; Ho] <i>foda</i> [SM, SF; FE1, FE; Ho] <i>molhar o biscoito</i> [SF; FE1, FE2; Ho] <i>rala e rola</i> [SM, SF; FE2; Ho]	-
8	-	<i>ter (um) orgasmo</i> [SM, SF; FE1, FE2; Ho]	-
9	-	<i>trazer um convidado(a) pra festa</i> [SF; FE2; Ho]	-
10	-	-	<i>bater bife</i> [SM, SF; FE1, FE2; He]
11	-	<i>enrabar</i> [SF; FE1; Ho]	-
12	-	-	-
13	-	<i>ducha/duchinha</i> [SM; FE2; Ho]	-
14	<i>scat</i> [SM, SF; FE1, FE2; Bi]	<i>checar</i> [SM; FE1, FE2; Ho]	-
15	-	-	-

16	-	-	-
Total	4	12	5

Fonte: Elaboração própria.

Omitidos os *hápax legonema*, a orientação sexual Ho foi a que mais apresentou lexias distintas, 12 (cf. o total em negrito). Bi gerou 4 unidades lexicais, e He, 5. Dos 12 itens lexicais supracitados, mulheres lésbicas conhecem exclusivamente 5 – *encoxada*, *afogar o ganso*, *molhar o biscoito*, *trazer um convidado(a) pra festa* e *enrabar* – e homens gays, unicamente, 3 – *tirar o lacre*, *ducha/duchinha* e *checar*. Com uma pequena diferença de duas variantes erótico-obscenas, as lésbicas apresentaram maior ênfase distintiva em relação aos gays e aos(às) bissexuais e se igualam aos(às) heterossexuais. Devido a essa disparidade mínima, afirmamos que a hipótese (ii) foi refutada:

Questão 2: pessoas homossexuais, ou seja, gays e lésbicas, diferem-se quanto a esse conhecimento?

Hipótese 2: gays e lésbicas distinguem-se quanto a esse conhecimento; [refutada]

Monico e Legroski (2019) verificaram, em sua pesquisa, que mulheres lésbicas estão criando um linguajar próprio, que reflete a sua identidade e que se diverge do *pajubá*, que seria mais característico da linguagem dos gays e das travestis. Alonso (2009), por sua vez, percebeu em seu estudo que os homossexuais masculinos tinham a tendência de absorver lexias próprias das travestis. Já Vieira (2022) atestou que mulheres heterossexuais conhecem, em maior ou menor grau, as gírias *pajubeiras*. A quase similaridade do léxico erótico-obsceno entre os(as) respondentes do QSL pode se justificar pelos meios de comunicação de massa, responsáveis pela popularização, disseminação e homogeneização do conhecimento das unidades lexicais de baixo prestígio, isto é, das gírias e dos palavrões (Souto Maior, 1980; Preti, 1983, 1984; Fusaro, 2001; Orsi, 2009).

Quanto ao partilhamento do conhecimento de itens lexicais entre as orientações sexuais, a Tabela 55 mostra os dados/resultados obtidos:

Tabela 55 - Conhecimento de variante(s) compartilhado entre as orientações sexuais

-	N° de variantes que se repetem exclusivamente entre		
	Pergunta	Bi e He (azul)	Bi e Ho (rosa)
1	2	0	1
2	1	6	1
3	0	3	3

4	3	2	2
5	0	2	0
6	0	1	1
7	3	5	1
8	1	1	3
9	1	4	1
10	1	1	3
11	2	7	2
12	0	2	0
13	1	1	0
14	1	0	0
15	0	0	0
16	0	0	0
Total	16	35	18

Fonte: Elaboração própria.

Além de cada orientação sexual conhecer variantes erótico-obscuras únicas, não partilhadas entre si (cf. a Tabela 54), as lexias conhecidas por pessoas bissexuais se aproximam mais daquelas conhecidas por pessoas homossexuais (35) do que daquelas conhecidas por pessoas heterossexuais (16). Curiosamente, as unidades lexicais que se repetem exclusivamente entre heterossexuais e homossexuais são mais numerosas (18) do que as que se repetem unicamente entre bissexuais e heterossexuais (16), embora a discrepância seja pequena (apenas 2 itens lexicais). Diante da diferença de 19 itens lexicais compartilhados entre os(as) bissexuais e as demais orientações sexuais, assentamos que a hipótese (iii) foi corroborada:

Questão 3: devido ao estereótipo social de que pessoas bissexuais são cinquenta por cento homossexuais e cinquenta por cento heterossexuais (informalmente, estão com um pé no Vale dos Homossexuais e outro fora, jogam dos dois lados), elas partilhariam conhecimento de unidades lexicais que cada uma das orientações sexuais conhece?

Hipótese 3: os(as) bissexuais compartilham conhecimento das lexias que as outras duas orientações sexuais conhecem, mas as unidades lexicais conhecidas por eles(as) se aproximam mais das conhecidas por homossexuais do que daquelas conhecidas por heterossexuais; [corroborada]

Por fim, o pequeno número de variantes erótico-obscuras conhecidas exclusivamente por uma ou outra orientação sexual (cf. a Tabela 54) nos levou a refutar a hipótese (iv):

Questão 4: cada orientação sexual selecionada mostrará seu próprio nicho de lexias?

Hipótese 4: as três orientações sexuais apresentam seu conjunto próprio de variantes. [refutada]

Finalmente, a Tabela 56 exhibe as frequências absoluta e relativa de *não sei/não me lembro* no corpus:

Tabela 56 - Nº de ocs. e % de não sei/não me lembro para cada fator dos grupos de fatores

-	Sexo		Faixa etária		Orientação sexual		
	M	F	1	2	Bi	Ho	He
11	1 = 5,00%	1 = 3,03%	2 = 6,25%	-	1 = 5,55%	-	1 = 7,69%
12	3 = 25,00%	2 = 15,38%	2 = 16,66%	3 = 23,07%	-	-	5 = 71,42%
14	3 = 23,07%	-	1 = 9,09%	2 = 15,38%	-	-	3 = 42,85%
15	2 = 20,00%	1 = 9,09%	2 = 20,00%	1 = 9,09%	-	-	3 = 37,50%
16	3 = 30,00%	4 = 40,00%	3 = 30,00%	4 = 40,00%	2 = 28,57%	2 = 28,57%	3 = 50,00%
Total	4/5	1/4	2/5	3/4	0/2	0/1	5/5

Fonte: Elaboração própria.

Percebe-se que *não sei/não me lembro* começa a ocorrer a partir da pergunta 11 (área semântica *relação sexual LGBTQIAPN+*). Também é presente nas perguntas 12, 14, 15 e 16, com a exceção da pergunta 13 (todas da área semântica *práticas e costumes ditos da comunidade LGBTQIAPN+*). Cotejando o número de ocorrências e as porcentagens de *não sei/não me lembro* entre os fatores dos grupos de fatores, nota-se que elas predominam-se (cf. o negrito em cada total): no SM, na FE2 e na orientação sexual He. Ou seja, homens, mais velhos e heterossexuais foram os principais desconhecedores dos conceitos embutidos nessas perguntas e/ou das variantes para designá-los.

Em suma, os dados/resultados das seções 4.2 e 4.3 indicam que os fatores extralinguísticos selecionados para análise nesta pesquisa não influenciam o conhecimento dos itens lexicais erótico-obscenos. A semelhança na disponibilidade de determinadas lexias pode decorrer do acaso, de uma possível norma lexical regional ou, ainda, dos meios de comunicação de massa.

Nesta seção, expusemos os resultados gerais alcançados e os concatenamos às perguntas e hipóteses do trabalho. Vimos que, com a ressalva da hipótese 3, todas as outras foram refutadas. Encaminhem-nos, agora, ao último capítulo desta dissertação, as Considerações Finais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta dissertação, objetivamos coletar, descrever e analisar os itens lexicais erótico-obscenos relativos ao campo semântico do ato sexual e, também, verificar a influência de condicionadores extralinguísticos, sobretudo a orientação sexual, no conhecimento deles. Para isso, formulamos um QSL com 24 perguntas (8 extralinguísticas e 16 linguísticas), aplicamo-lo *on-line* a 24 participantes da comunidade de fala da RMBH e coletamos dados linguísticos e extralinguísticos.

Com as lexias equivalentes a cada pergunta do formulário em mãos, organizamo-las por sexo – masculino e feminino –, faixa etária – 18 aos 24 anos e 25 aos 39 anos – e orientação sexual – bissexualidade, heterossexualidade e homossexualidade. Após isso, subtraímos os *hápax legomena*, dispusemos as unidades lexicais que repetiam pelo menos duas vezes no *corpus* em tabelas, em ordem decrescente de frequência e porcentagem, e realizamos o cálculo do teste do qui-quadrado para verificar se havia uma associação estatisticamente significativa entre as variantes mais recorrentes e os fatores do(s) grupo(s) de fatores.

Em todos os resultados, obtivemos p-Valores maiores que o nível de significância usual de 0,05, logo, acatamos a hipótese nula; ou seja, constatamos que as variáveis independentes não favorecem o conhecimento dos itens lexicais erótico-obscenos (nem mesmo a orientação sexual), posto que inexistia uma relação de dependência significativa entre ambos – portanto, fora refutada a nossa primeira hipótese.

À vista disso, propomos que a similaridade na disponibilidade das lexias entre os sexos, as idades e as sexualidades se deva ao acaso ou a uma norma lexical regional; isto é, as unidades lexicais do nosso estudo são características da comunidade linguística da RMBH. Trabalhos semelhantes ao nosso, que venham a surgir com outras comunidades de fala, podem fornecer dados que nos permitam verificar a possível casualidade ou particularidade das variantes desta região.

Outras três hipóteses foram levantadas no início deste texto. Antes de retomá-las, passemos pela organização do mesmo. Na Introdução, apresentamos, além das questões e hipóteses, o nosso tema de pesquisa, os tabus linguísticos concernentes ao campo semântico do ato sexual, e objeto de estudo, os itens lexicais erótico-obscenos. Também exibimos as justificativas para a realização do trabalho, sobretudo a carência de pesquisas sobre a matéria, e o objetivo geral, supramencionado, e os objetivos específicos, dentre eles, contribuir com as obras de natureza lexical, cultural e sociolinguística do português brasileiro, variedade da RMBH.

No capítulo 1, na primeira seção, expusemos uma breve contextualização da Lexicologia – disciplina da Linguística que se dedica ao estudo do léxico de uma língua –, seus objetos de estudo – a formação de palavras, a classificação gramatical delas e as redes de sentido que estruturam o léxico – e algumas áreas de contato possíveis – como a Antropologia Linguística, a Dialetoлогия, a Semântica Evolutiva, etc. Também estabelecemos a diferença entre *linguagem*, *língua*, *fala*, *signo linguístico* e *léxico*; descrevemos alguns critérios utilizados para identificar e delimitar o que é uma *palavra* e uma *expressão fraseológica*; e dissertamos sobre o conceito de *campo semântico* e *onomasiologia*, e, ainda, sobre o caráter relacional entre a *palavra* e a *coisa* que ela nomeia (muito útil para se entender o fenômeno do tabu linguístico).

Na segunda seção, contextualizamos a Teoria da Variação e Mudança Linguística, e apresentamos os conceitos basilares dessa corrente de estudos – *heterogeneidade*, *variação*, *variáveis dependentes* e *independentes*, *comunidade de fala*, etc. Também arrazoamos sobre os *fatores “sociais”*, as *comunidades de prática*, as *redes sociais* e as *três ondas da Sociolinguística*.

Na terceira seção, abordamos o *tabu linguístico* – interdição de pronunciar palavra ou expressão por questões de medo, delicadeza ou decência (sendo as lexias erótico-obscenas pertencentes aos tabus de decência) –, e o *eufemismo* – unidades lexicais suaves, delicadas e agradáveis, que velam a ideia triste ou desagradável –, e estabelecemos as distinções entre a *gíria*, o *vocábulo obsceno*, o *palavrão* e o *vocábulo comum marcado pela malícia*.

Na última seção desse capítulo, a quarta, definimos o conceito de *sexo* – categoria biológica – e de *gênero* – categoria sociocultural –, podendo ser este último *identitário* (no caso das pessoas trans e travestis) ou *funcional* (no caso dos(as) *drags*, *crossdressers*, etc.). Também explanamos o que caracteriza pessoas como *bissexuais* – aquelas que se sentem atraídas afetivossexualmente por outras de qualquer gênero –, *heterossexuais* – aquelas que se sentem atraídas por outras de gênero diferente do seu – e *homossexuais* – aquelas que se sentem atraídas afetivossexualmente por outras pessoas de gênero igual ao seu.

No capítulo 2, passamos por alguns estudos prévios que tratam sobre os *palavrões*, as *gírias*, o *léxico erótico-obsceno*, os *tabus linguísticos* e a *língua(gem) gay*. Vimos que os palavrões servem à ofensa, mas também ao alívio, à excitação, ao desabafo, à surpresa, à afetividade, enfim, à expressão de sentimentos. Também verificamos que as gírias são elementos linguísticos usados para proteger e preservar a identidade de um grupo, e, ainda, para expressar graça, irreverência, ironia, etc. Quanto aos itens lexicais erótico-obscenos, notamos que o contexto e a pressuposição erótica são fundamentais pra compreendê-los. Além disso, são os semas – unidades mínimas de significado – os responsáveis por motivar as metáforas que

subjazem esses itens. Não menos importante, observamos que a flexibilização das normas sociais morais e o afrouxamento dos tabus acarretaram na maior permissibilidade das palavras proibidas, principalmente nos *chats on-line*. Sobre os tabus, aferimos que eles são responsáveis pela criação e variação lexical, e, de mesmo modo, por motivar processos formadores de palavra. Também apuramos que um conceito tabuizado pode ser expresso por lexias simples ou por expressões fraseológicas, que os homens e os(as) jovens usam mais palavras-tabu e que os(as) mais velhos(as) são mais disfêmicos(as). Ainda constatamos que os lexicógrafos carecem de rigor metodológico quanto à atribuição de rótulos em entradas de seus dicionários. Por fim, conferimos algumas obras e estudos que visaram o registro ou o exame lexical e semântico de palavras e expressões da língua(gem) *gay*.

No capítulo 3, por seu turno, descrevemos a metodologia que utilizamos na pesquisa. Dividimo-lo em 4 partes: na primeira, encontram-se os procedimentos referentes à elaboração do QSL; na segunda, situam-se as razões pelas quais selecionamos os condicionadores extralinguísticos sexo, idade e orientação sexual; na terceira, acham-se as informações sobre a aplicação do QSL *on-line*, pelo *Google Forms*, e a coleta dos dados; e, finalmente, na quarta parte, explanamos a padronização dos dados e as ferramentas usadas para tratá-los quantitativamente.

Por fim, no capítulo anterior a este, disponibilizamos os dados linguísticos e extralinguísticos obtidos e os resultados alcançados por meio da análise quali-quantitativa deles. No que tange aos resultados referentes aos dados extralinguísticos, observamos que: (i) 14 (58,33%) dos(as) 24 participantes se identificaram; (ii) 17 (70,83%) deles(as) residiam em BH e os(as) outros(as) 7 (29,16%) moravam em outros municípios da RM; (iii) 16 (66,66%) deles(as) residiam há mais de 15 anos em suas respectivas cidades, 4 (16,66%) entre 11 e 15 anos, 2 (8,33%) entre 6 e 10 anos e 2 (8,33%) entre 2 e 5 anos; e, finalmente, 21 (87,50%) dos(as) respondentes possuíam ensino superior completo, 2 (9,33%) ensino médio completo e 1 (4,16%) ensino fundamental também completo.

No que se refere aos resultados concernentes aos dados linguísticos, verificamos:

- a) variações gráficas (possivelmente reflexo da fala) ou preferência pela forma substantiva – *bulinar, creu, encouzar, enrrabar, esfrega esgrega, arranca uma, carinhar o menino, chupa xoxota, chupa cu, lambida no c*, descabacar, tira o cabaço, fuder, furnicar, saracutear, tranzar, chegar o climax, bucetear, por as aranhas para brigar, chupa rola, come cu, dá o cu, da ré no quibe, aquengar, xuca e fazer a xuca;*

- b) neologismos – *siriricar, xazá, bola(-)gato, chegar lá, marmita, marmita de casal, sexo a três, trisal, tesoura/tesourinha, sexo lésbico, briga de aranha(s), briga de espada(s), sexo gay, broderagem/brotheragem, checar, cheque, passar (o, um) cheque, dedar, penetração de mão e carimbar;*
- c) estrangeirismos/empréstimos – *fap, blow job, fellatio, anilingus, cunilíngue ~ cunilingue, cunet(e), rimming, pop the cherry, cum, squirt, cuckold, ménage, ménage à trois, swing, threesome, tuck, tucking, scat, fisting e fistfucking;*
- d) onomatopeias – *fap fap, glub glub, clap clap, nheco(-)nheco, tchaca tchaca, tcheco tcheco, vapo vapo e vuco-vuco;*
- e) casos de derivação sufixal (N → V) – *punhetar, fapar, siriricar, linguar, marmitar, buceitar e fistar* –, (N → N) – *gulão, marmitada e broderagem/brotheragem* – e derivação regressiva (V → N) – *meteção, metelança, metida, suação de homem, aquendação e fistada;*
- f) expressões fraseológicas variáveis (e quase sempre não dicionarizadas)²⁴⁷ – *alisar o palhaço, descabeçar o palhaço, descabelar o palhaço, despentear o palhaço, bater bolo, bater (uma) bronha, bater (uma) punheta, descascar a banana, descascar a mandioca, lustrar a vara, lustrar o taco, brincar com a aranha, brincar com o grelinho, brincar de DJ, fazer liquidificador, fazer (o) DJ, fazer a florzinha chorar, fazer o mel descer, chupa(r) buceta, chupar manga, chupar xoxota, romper o hímen, romper o lacre, tirar a etiqueta, tirar a pureza, tirar a virgindade, tira(r) o cabaço, tirar o lacre, tirar o sangue, dar prazer, dar umazinha, dar uma pentada, dar uma rapidinha, fazer a festa, fazer a manutenção, fazer o xaxanan, fazer um boneco, fazer um filho, fazer amor(zinho), fazer delirar, fazer gozar, fazer neném, fazer sexo, chegar a delirar, chegar ao/no ápice, chegar ao climax, chegar lá, perder a noção, perder as forças, perder o rumo, bater bife, bater bolacha, botar/colocar/por (as) aranha(s) pra/para brigar, briga de aranha(s), briga de perereca, briga de tesouras, atrasar a janta, atrasar o kibe, briga de espada(s), guerra de espada, luta de espada(s), aquendar a boneca, aquendar a neca, cagar na pistola e cagar no pau.*

Notamos também que o sexo masculino, na produção de variantes para designar a masturbação masculina, superou o feminino. Sugerimos que isso seja reflexo dos padrões socioculturais e dos tabus ainda vigentes na comunidade, em que há certa naturalização da

²⁴⁷ As duas EF sublinhadas são as únicas encontradas registradas nas obras lexicográficas consultadas.

masturbação masculina e estigmatização da feminina. Da mesma forma, a faixa etária 1 sobrepujou a 2, o que pode estar relacionado aos grupos de que esses(as) jovens participam, às mídias que consomem e às redes sociais que utilizam.

O mesmo ocorreu ainda para as sinonímias referentes ao sexo entre dois homens, em que a faixa etária 1 ultrapassou a 2 e os(as) homossexuais superaram os(as) bissexuais e heterossexuais. Quanto a esse último caso, aventamos que o maior número de unidades lexicais por eles(as) conhecidas talvez possa estar atrelado ao léxico dito próprio dos *gays*, desenvolvido em contextos de resistência e identidade coletiva, o que favoreceria maior familiaridade e liberdade no uso de um vocabulário sexual não técnico-científico.

Além disso, quanto à disponibilidade das variantes aos(às) participantes, percebemos que há momentos em que predominam aquelas mais disfêmicas – *encoxar, sarrar, punheta, siririca, bater uma, boquete, chupar, mamar, beijo grego, cunete, tirar o cabaço, foder, meter, trepar, colar velcro*, etc. – e, em outros, as mais eufêmicas – *masturbar, deflorar, desvirginar, transar, fazer sexo, fazer amor(zinho), ejacular, chuveirinho*, etc. Tal fato reforça que os seres humanos podem se valer tanto de eufemismos quanto de disfemismos para substituir palavras-tabu.

Observamos também que uma mesma lexia pode nomear atividades sexuais distintas, mas contíguas (em função de uma continuidade conceitual): *bater uma, esfregar uma, estimular, masturbação, (se) masturbar(-se), (se) tocar e tocar uma* – comuns à masturbação masculina e feminina –, *chupar* – comum ao sexo oral no pênis, na vagina e no ânus –, *arrombar, comer e dar* – comuns ao defloramento e à relação sexual entre duas pessoas –, *virar os olhos* – comum à relação sexual entre duas pessoas e ao orgasmo –, e *afogar o ganso, coito, comer, copular, enrubar, fazer amor, foder, fornicação, meter, molhar o biscoito, sexo, traçar, transar e trepar* – comuns ao sexo entre dois homens e duas mulheres. Postulamos que isso se deu devido ao sentido comum partilhado entre os itens lexicais do campo semântico examinado, ‘executar atividade sexual’, sentido este que remete ao domínio do ato sexual, agrupando-as.

Na última parte do capítulo 4, apresentamos os resultados gerais alcançados. Constatamos uma considerável riqueza lexical para designar as ações relativas ao campo semântico do ato sexual, mais especificamente, 531 unidades lexicais, das quais 379 eram *hápax legomena*. Pesquisas futuras poderão sondar se eles fazem parte de idioletos ou se são comuns a outras comunidades de falantes.

Atentamos também ao fato de que costumes por nós tidos como mais tabuísticos não obtiveram uma quantidade significativa de sinônimos: esconder o pênis para trás, higienizar o reto antes do sexo anal, sujar o pênis do parceiro durante ele, introduzir a mão e antebraço na

vagina e/ou ânus e contaminar-se pelo HIV. Argumentamos, conseqüentemente, que mais estudos são necessários para compreender que assunto ou matéria é mais ou menos proscrito na sociedade e, assim, associar esse grau de interdição à maior ou menor produção de variantes. Até mesmo a masturbação feminina, vista por nós como mais censurada que a masculina, obteve menos sinônimas para designá-la.

No que toca às outras três hipóteses, refutamos que *gays* e lésbicas diferenciam-se quanto ao conhecimento das unidades lexicais erótico-obscenas; corroboramos que os(as) bissexuais partilham o conhecimento de variantes comuns tanto a heterossexuais quanto a homossexuais, embora as lexis por eles(as) conhecidas se aproximem mais daquelas conhecidas por homossexuais do que daquelas conhecidas por heterossexuais; e refutamos que as três orientações sexuais apresentam seu conjunto próprio de itens lexicais erótico-obscenos.

Finalmente, notamos que homens (SM), mais velhos (FE2) e heterossexuais (He) foram os principais desconhecedores dos conceitos encerrados nas perguntas 11 (‘ato sexual entre dois homens’), 12 (‘ato de esconder o pênis entre as nádegas’), 14 (‘ato de sujar de fezes o pênis durante o sexo anal’), 15 (‘ato de inserir a mão e antebraço no ânus e/ou vagina’) e 16 (‘prática de passar o vírus da AIDS propositalmente ao(à) parceiro(a)’), mas, conforme os dados apresentaram, não com uma diferença significativa, como esperávamos.

Para finalizarmos estas considerações finais, pontuamos a necessidade de:

- a) realizar mais estudos sobre os tabus linguísticos no português brasileiro, sobretudo os de decência, posto que eles nos auxiliam a compreender a variação lexical e o imaginário sociocultural de determinada comunidade quanto ao sexo e aos órgãos sexuais a ele relacionados;
- b) criar novas metodologias para a coleta de dados linguísticos concernentes ao sexo no *Grindr* e *Tinder* (e outros aplicativos afins), já que, embora esses aplicativos sejam voltados para o relacionamento e o sexo, não se mostraram espaços produtivos para a obtenção de vocabulário erótico-obsceno, ao menos não sob o mesmo recorte procedimental adotado nesta pesquisa;
- c) alimentar *corpora* e inserir em dicionários palavras e expressões tabus, pois isso permite analisar o surgimento, a variação, a mudança, a arcaização e a frequência delas em certa língua;
- d) verificar a influência de outros fatores extralinguísticos na análise do léxico erótico-obsceno, como faixa etária avançada, mais orientações sexuais e distintas identidades de gênero, localidades e orientações sexuais;

- e) analisar as metáforas que subjazem às variantes linguísticas relativas ao campo semântico do ato sexual;
- f) e distinguir o *pajubá* – itens lexicais provindos do iorubá e quimbundo – do *léxico gay* – brasileirismos e estrangeirismos com conotação licenciosa ou criptológica –, talvez melhor nomeado como *léxico dissidente*, haja vista ser mais inclusivo.

À vista do exposto nesta dissertação, acreditamos ter cumprido com todos os nossos objetivos, mesmo diante dos percalços metodológicos que enfrentamos e das dificuldades encontradas em função da temática. Estudos como este podem funcionar como um pontapé inicial para outros tantos, reformulados, aprimorados e que utilizem este como referência para contornar os obstáculos aqui descritos. O léxico sexual, afinal, é uma janela privilegiada para compreender como cultura e sociedade se entrelaçam, revelando interditos, tensões, liberdades e renegociações que se atualizam no modo como falamos – ou deixamos de falar – sobre o sexo. Conforme bem pontua Arango,

os *palavrões* ainda esperam a liberdade para ocupar seu lugar no vocabulário legítimo da vida cotidiana. E sem malícia. Só assim perderão seu caráter traumático e alucinatório e recuperarão sua inocência. E não serão mais nem *palavrinhas* nem *palavrões* e, sim, simplesmente palavras. Então, a palavra já não terá magia, porque toda magia é filha do espanto, e se diluirá, além disso, sua grosseira natureza material para tornar a ser, unicamente, o nome das coisas (Arango, 1991, p. 161).

REFERÊNCIAS

- ABBADE, Celina Márcia de Souza. A lexicologia e a teoria dos campos lexicais. *In: Congresso Nacional de Linguística e Filologia*, 15., 2011, Rio de Janeiro. *Anais [...]*. Cadernos do CNLF, Rio de Janeiro: CiFEFiL, n. 5, t. 2, p. 1332-1343, 2011.
- ABBADE, Celina Márcia de Souza. Lexicologia social: a lexemática e a teoria dos campos lexicais. *In: ISQUERDO, Aparecida Negri; SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de. (Orgs.). As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. v. 6. Campo Grande, MS: Ed. UFSM, 2012. p. 141-161.
- ABIA – Associação Brasileira Interdisciplinar de AIDS. *ABIA condena reportagem exibida no Fantástico sobre o “Clube do Carimbo”*. Notícias, Rio de Janeiro, on-line, 17 mar. 2015. Disponível em: <https://abiaids.org.br/abia-condena-reportagem-exibida-no-fantastico-sobre-o-clube-do-carimbo/28188>. Acesso em: 28 mar. 2025.
- ALiB – Projeto Atlas Linguístico do Brasil. *Informantes*. Salvador, BA: UFBA, c2024. Disponível em: <https://alib.ufba.br/content/transcritores>. Acesso em: 23 jan. 2024.
- ALKMIM, Tânia Maria. Sociolinguística: parte I. *In: MUSSALIN, Fernanda; BENTES, Anna Christina. (Orgs.). Introdução à linguística*. v. 1. São Paulo: Cortez, 2001. p. 21-47.
- ALMEIDA, Laura de. *À guisa de uma tipologia dos tabus linguísticos - proposta para um glossário*. Orientador: Dr. Francis Henrik Aubert. 2007. 372 f. Tese (Pós-Graduação) – Doutorado em Linguística, Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.
- ALONSO, Nilton Tadeu. *Do Arouche aos Jardins: uma gíria da diversidade sexual*. São Paulo: Annablume, 2009. 186 p.
- ALVES, Ieda Maria. A integração dos neologismos por empréstimo ao léxico português. *ALFA: Revista de Linguística*, São Paulo, v. 28 (supl.), p. 119-126, 1984.
- ALVES, Ieda Maria. *Neologismo: Criação lexical*. São Paulo: Ática, 1990. 93 p.
- ALVES, Ieda Maria. Neologia e implicações textuais. *In: Congresso Internacional da ABRALIN*, 6., 2009, João Pessoa. *Anais [...]*. João Pessoa: Ideia, p. 1821-1825, 2009.
- ALVES, Ieda Maria; MARONEZE, Bruno. Neologia: histórico e perspectivas. *Revista GTLex*, Uberlândia, v. 4, n. 1, p. 6-32, jul./dez. 2018.
- ANDRADE, Karylleila dos Santos *et al.* *Bajubá: linguagem de grupo LGBTTT como representação sócio-histórica e cultural*. *Revista Desafios*, [S. l.], v. 5, n. 4, p. 36-46, 2018.
- ANTUNES, Irandé. *Território das palavras: estudo do léxico em sala de aula*. São Paulo: Parábola, 2012. 176 p.

A PARTILHA. Direção: Daniel Filho. Produção de Globo Filmes. Brasil: Sony Pictures Home Entertainment, 2001. 1 DVD.

ARANGO, Ariel C. *Os palavrões*. Tradução: Jasper Lopes Bastos. São Paulo: Brasiliense, 1991. 184 p.

ARARIPE, Max. *Linguagem sobre sexo no Brasil*. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999. 176 p.

ARAÚJO, Júlio César. *Chats na web: a linguagem proibida e a queda de tabus*. *Linguagem em (Dis)curso – LemD*, v. 8, n. 2, p. 311-334, maio/ago. 2008.

AUGRAS, Monique. *O que é tabu*. São Paulo: Brasiliense, 1989. 78 p.

BALDINGER, Kurt. Semasiologia e onomasiologia. Tradução: Ataliba T. de Castilho. *ALFA: Revista de Linguística*, São Paulo, v. 9, p. 7-36, 2001 [1966]. Original francês. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/3265>. Acesso em: 9 dez. 2023.

BARROS, Alerrandre. *Em pesquisa inédita do IBGE, 2,9 milhões de adultos se declararam homossexuais ou bissexuais em 2019*. Agência IBGE Notícias, Rio de Janeiro, *on-line*, 25 maio 2022. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/33785-em-pesquisa-inedita-do-ibge-2-9-milhoes-de-adultos-se-declararam-homossexuais-ou-bissexuais-em-2019>. Acesso em: 31 jan. 2024.

BASÍLIO, Margarida. Em torno da palavra como unidade lexical: palavras e composições. *Veredas - Revista de Estudos Linguísticos*, Juiz de Fora, v. 4, n. 2, p. 9-18, 2000.

BASÍLIO, Margarida. *Formação e classes de palavras no português brasileiro*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2011. 96 p.

BASSO, Renato Miguel. Palavrão é legal pra caral*o! *Roseta ABRALIN*, [S. l.], v. 1, n. 2, *on-line*, 2018. Disponível em: <https://www.roseta.org.br/2018/08/17/palavrao-e-legal-para-caralo/>. Acesso em: 15 mar. 2025.

BERTONHA, Fábio Henrique de Carvalho; ZAVAGLIA, Cláudia. Marcas de uso diastráticas nos dicionários do PNLD: tabuísmo e chulismo. *Estudos Linguísticos* (São Paulo. 1978), [S. l.], v. 51, n. 1, p. 64-88, abr. 2022.

BÍBLIA ONLINE. *Versão Católica (VC)*. *on-line*, 2024. Disponível em: <https://www.bibliaonline.com.br/vc>. Acesso em: 28 jun. 2024.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. *Teoria Linguística: linguística quantitativa e computacional*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978. 277 p.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. A estrutura mental do léxico. In: QUEIROZ, T. A. (Ed.). *Estudos de Filologia e Linguística: em homenagem a Isaac Nicolau Salum*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1981. p. 131-145.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. Glossário. *ALFA: Revista de Linguística*, São Paulo, v. 28, p. 135-144, 1984.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. A estruturação do léxico e a organização do conhecimento. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 22, n. 4, p. 81-96, 1987.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. Léxico e vocabulário fundamental. *ALFA: Revista de Linguística*, São Paulo, v. 40, p. 27-46, 1996. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/3994>. Acesso em: 12 mar. 2022.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. A face quantitativa da linguagem: um dicionário de frequências do português. *ALFA: Revista de Linguística*, São Paulo, n. 42, p. 161-181, 1998a.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. *Dimensões da palavra*. Filologia e Linguística Portuguesa, [S. l.], n. 2, p. 81-118, 1998b.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. Conceito linguístico de palavra. In: BASÍLIO, Margarita. (Org.). *Palavra (série linguagem): a delimitação de unidades lexicais*. Rio de Janeiro: Grypho, 1999. p. 81-97.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. As ciências do léxico. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri. (Orgs.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. 2. ed. Campo Grande, MS: Ed. UFSM, 2001. p. 13-22.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. Unidades complexas do léxico. In: RIO-TORTO, Graça Maria; FIGUEIREDO, Olívia Maria; SILVA, Fátima. (Orgs.). *Estudos em homenagem ao Professor Doutor Mário Vilela*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, v. 2, 2005, p. 747-757.

BOLINAR. In: AULETE DIGITAL, O dicionário da língua portuguesa na internet. Rio de Janeiro: Lexikon, 2024. Disponível em: <https://aulete.com.br/>. Acesso em: 11 fev. 2024.

_____. In: DICIO, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2024. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/>. Acesso em: 11 fev. 2024.

_____. In: HOUAISS, Dicionário Houaiss Corporativo. Rio de Janeiro: Instituto Antônio Houaiss, 2024. Disponível em: <https://houaiss.uol.com.br/>. Acesso em: 11 fev. 2024.

_____. In: MICHAELIS, Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. São Paulo: Melhoramentos, 2024. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/>. Acesso em: 11 jan. 2024.

_____. In: PRIBERAM DICIONÁRIO, Dicionário Priberam da Língua Portuguesa (DPLP). Lisboa: Priberam Informática, S.A., 2023. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/>. Acesso em: 11 fev. 2024.

BOSSAGLIA, Giulia. *Linguística Comparada e Tipologia*. São Paulo: Parábola, 2019. 208 p.

BRAGA, Eliane Rose Maio; RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. Palavras, “palavrões”: um estudo sobre a repressão sexual a partir da linguagem empregada para designar a genitália e práticas sexuais, na cultura brasileira. In: Reunião Anual da ANPED, 31., 2008, Caxambu. *Textos [...]*. Caxambu: UFLA, p. 1-17, 2008.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular: educação é a base*. Brasília: MEC, 2018. 600 p. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/a-base>. Acesso em: 17 jan. 2024.

BUENO, Matheus; ORSI, Vivian. Os palavrões e os dicionários: estudo contrastivo entre o português brasileiro e o italiano sobre itens tabus. *Revista Memento*, [S. l.] v. 5, n. 2, p. 1-16, jul./dez. 2014.

CAÊ, Gioni. *Manual para o uso da linguagem neutra em língua portuguesa*. Paraná: Frente Trans Unileira, 2022. 17 p.

CAMACHO, Roberto Gomes. Sociolinguística: parte II. In: MUSSALIN, Fernanda; BENTES, Anna Christina. (Orgs.). *Introdução à linguística*. v. 1. São Paulo: Cortez, 2001. p. 49-75.

CAMBRAIA, César Nardelli; CUNHA, Evandro Landulfo Teixeira Paradela; SANTOS, Thaynara Nascimento. *Lexicologia sócio-histórica: um ensaio*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2023. 180 p.

CAMPOS, Brenda. *Contracrítica – Receita para um teatro infantil*. Horizonte da Cena, Belo Horizonte, *on-line*, 2024. Disponível em: <https://www.horizontedacena.com/tag/festivaldecenascurtas/>. Acesso em: 09 jun. 2024.

CAPRICO. *Algumas pessoas querem alterar a sigla LGBTQ+ para LGBTQQICAPF2K+*. Grupo Abril, São Paulo, *on-line*, 28 jun. 2018. Disponível em: <https://capricho.abril.com.br/comportamento/algumas-pessoas-querem-alterar-a-sigla-lgbtq-para-lgbtqqicapf2k/>. Acesso em: 9 fev. 2024.

CARPALLO, Silvia C. *Eyacular sin orgasmo*. La Razón, Madrid, *on-line*, 11 maio 2022. Disponível em: https://www.larazon.es/historico/3709-eyacular-sin-orgasmo-ILLA_RAZON_351803/. Acesso em: 04 abr. 2025.

CASAS GÓMEZ, Miguel; HUMMEL, Martin. Limitaciones y nuevos retos de la semántica léxica. *RILCE - Revista de Filología Hispánica*, [S. l.], v. 33, n. 3, p. 869-911, nov. 2017.

CEGALLA, Domingos Paschoal. *Novíssima gramática da língua portuguesa*. 48. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2008. 696 p.

CETRONE, Camila. *Quando surgiu o beijo grego e por que ele ganhou esse nome?* Marie Claire (Globo), São Paulo (SP), *on-line*, 6 fev. 2024. Disponível em: <https://revistamarieclaire.globo.com/sexo/noticia/2024/02/como-fazer-beijo-grego.ghtml>. Acesso em: 04 abr. 2025.

CNS – Conselho Nacional de Saúde. *Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012*. Dispõe sobre diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 13 jun. 2013.

CNS – Conselho Nacional de Saúde. *Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016*. Dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais cujos procedimentos metodológicos envolvam a utilização de dados diretamente obtidos com os participantes ou de

informações identificáveis ou que possam acarretar riscos maiores do que os existentes na vida cotidiana. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 24 maio 2016.

COELHO, Izete Lehmkuhl *et al.* *Para conhecer sociolinguística*. São Paulo: Contexto, 2015. 176 p.

COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB (Brasil). *Atlas Linguístico do Brasil: Questionários 2001*. Londrina: Ed. UEL, 2001. 47 p. Disponível em: https://alib.ufba.br/sites/alib.ufba.br/files/questionario_alib.pdf. Acesso em: 29 nov. 2023.

CORREIA, João da Silva. *O eufemismo e o disfemismo na língua e na literatura portuguesa*. v. XII. Lisboa: Universidade de Lisboa, 1927. p. 445-787.

CORREIA, Margarita; ALMEIDA, Gladis Maria de Barcellos. Noções básicas de lexicologia. *In: CORREIA, Margarita; ALMEIDA, Gladis Maria de Barcellos. Neologia em português*. São Paulo: Parábola, 2012. p. 11-16.

COULTHARD, Malcolm. *Linguagem e sexo*. Tradução: Carmen Rosa Caldas-Coulthard. São Paulo: Ática, 1991. 87 p.

CUNHA, Celso Ferreira da; CINTRA, Luis Filipe Lindley. *nova gramática do português contemporâneo*. 7. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2017. 800 p.

DIVERSIFICA. *LGBTQIAPN+*: mais do que letras, pessoas. UFSC diversifica, Santa Catarina, *on-line*, c2021. Disponível em: <https://diversifica.ufsc.br/2021/06/25/lgbtqiapn-mais-do-que-letras-pessoas/>. Acesso em: 25 jan. 2024.

ECKERT, Penelope; MCCONNELL-GINET, Sally. Comunidades de práticas: lugar onde co-habitam linguagem, gênero e poder. Tradução: Branca Falabella Fabricio. *In: OSTERMANN, Ana Cristina; FONTANA, Beatriz. (Orgs.). Linguagem. Gênero. Sexualidade: clássicos traduzidos*. São Paulo: Parábola, 2010 [1992]. p. 93-108.

ECKERT, Penelope. Three Waves of Variation Study: The Emergence of Meaning in the Study of Sociolinguistic Variation. *Annual Review of Anthropology*, [on-line], v. 41, p. 87-100, jun. 2012.

FERRARI, Lilian. *Introdução à linguística cognitiva*. São Paulo: Contexto, 2011. 173 p.

FERRAZ, Aderlande Pereira. A inovação lexical e a dimensão social da língua. *In: SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de. (Org.). O léxico em estudo*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2006. p. 216-234.

FERRAZ, Deivid Luiz de Souza; BRITO, Dorothy Bezerra Silva de. As implicações da associação dos comportamentos linguísticos à genitália de seus falantes: problematizando a metodologia sociolinguística variacionista com foco na variável “sexo”. *In: CONAGES, 8.*, 2018, Campina Grande. *Anais [...]*. Campina Grande: Realize Editora, n. p., 2018.

FREITAG, Raquel Meister Ko. O “social” da sociolinguística: o controle de fatores sociais. *Revista Diadorim*, [S. l.], v. 8, p. 43-58, 2011.

- FREITAG, Raquel Meister Ko. (Re)Discutindo Sexo/Gênero na Sociolinguística. In: FREITAG, Raquel Meister Ko.; SEVERO, Cristine Gorski. (Orgs.). *Mulheres, Linguagem e Poder - Estudos de Gênero na Sociolinguística Brasileira*. São Paulo: Blucher, 2015. p. 17-74.
- FREITAG, Raquel Meister Ko. A quarta onda: ativismo sociolinguístico no Brasil. *Fórum Linguístico*, Florianópolis, v. 20, n. 3, p. 9402-9419, 2023.
- FUSARO, Kárin. *Gírias de todas as tribos*. São Paulo: Panda, 2001. 157 p.
- GARCIA, Mariana. *O que é o beijo grego que bombou após teaser de Verdades Secretas 2 e quais cuidados tomar*. G1 (Bem estar/Viva você), [S. l.], on-line, 25 out. 2021b. Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/viva-voce/noticia/2021/10/25/o-que-e-o-beijo-grego-que-bombou-apos-teaser-de-verdades-secretas-2-e-quais-cuidados-tomar-na-pratica.ghtml>. Acesso em: 04 abr. 2025.
- GARCIA, Mariana. *Quem precisa de chuca?* Prática da ‘ducha higiênica’ antes do sexo anal exige cuidados. G1 (Saúde/Sexualidade), [S. l.], on-line, 27 nov. 2021a. Disponível em: <https://g1.globo.com/saude/sexualidade/noticia/2021/11/27/quem-precisa-de-chuca-pratica-da-ducha-higienica-antes-do-sexo-anal-exige-cuidados.ghtml>. Acesso em: 16 mar. 2025.
- GAY BLOG BR. *Ativistas ingleses propõem transformar a sigla ‘LGBT’ em ‘LGBTQIQICAPF2K+’*. SCRUFF gayblog, São Paulo, on-line, 5 fev. 2018. Disponível em: <https://gay.blog.br/sexualidade/12926/>. Acesso em: 09 fev. 2024.
- GLOBO. *Grupos compartilham técnicas de transmissão do vírus da Aids*. G1 (Fantástico), [S. l.], on-line, 15 mar. 2015. Disponível em: <https://g1.globo.com/fantastico/noticia/2015/03/grupos-compartilham-tecnicas-de-transmissao-do-virus-da-aids.html>. Acesso em: 16 mar. 2025.
- GOMES, Luiz Lugani. *Inglês proibido: dicionário do sexual vulgar*. 2. ed. São Paulo: Pioneira, 1996. 58 p.
- GROSSI, Miriam Pillar. Identidade de gênero e sexualidade. *Antropologia em Primeira Mão*, Florianópolis: PPGAS/UFSC, n. 24, p. 1-14, 1998 (revisado em 2010).
- GUEDELHA, Carlos Antônio Magalhães. Tabus Linguísticos como motivação na formação de palavras do PB. *Working Papers em Linguística*, Florianópolis, v. 12 n. 2, p. 49-68, jul./dez. 2011.
- GUÉRIOS, Rosário Farâni Mansur. *Tabus linguísticos*. Rio de Janeiro: “Organização Simões” Editora, 1956. 252 p.
- GUÉRIOS, Rosário Farâni Mansur. *Tabus linguísticos*. 2. ed. São Paulo: Ed. Nacional; [Curitiba]: Ed. da Universidade Federal do Paraná, 1979. 184 p.
- GUY, Gregory R. As comunidades de fala: fronteiras internas e externas. In: Congresso Internacional da ABRALIN, 2., 2001, Fortaleza. *Anais [...]*. Fortaleza: Imprensa Universitária/UFC, v. 26, p. 32-37, 2001. Disponível em: https://abralin.org/site/wp-content/uploads/2020/03/ABRALIN_26.pdf. Acesso em: 10 fev. 2024.

HUMMEL, Martin. The semiotic basis of conceptual and procedural meaning. Towards a cognitive model of the linguistic sign. In: GARCÍA-HERNÁNDEZ, Benjamín; PENAS IBÁÑEZ, M.^a Azucena. (Eds.). *Semántica latina y románica: unidades de significado conceptual y procedimental*. Bern/Frankfurt am Main: Peter Lang, 2016. p. 57-100.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Todas as Pesquisas e Estudos*. Brasília, DF: IBGE, *on-line*, c2024. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/todos-os-produtos-estatisticas.html>. Acesso em: 31 jan. 2024.

iG QUEER. *Record exhibe pela primeira vez comercial para mulheres transgêneros*. queer, [S. l.], *on-line*, 27 abr. 2023. Disponível em: <https://queer.ig.com.br/2023-04-27/record-exibe-pela-primeira-vez-comercial-mulheres-trans-trucss.html>. Acesso em: 16 mar. 2025.

JESUS, Jaqueline Gomes de. *Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos*. 2. ed. Brasília, 2012. 42 p.

JORDÃO, Pedro. *Chuca: veja as recomendações de como fazer com segurança*. queer, [S. l.], *on-line*, 8 fev. 2021. Disponível em: <https://queer.ig.com.br/2021-02-08/chuca-veja-as-recomendacoes-de-como-fazer-com-seguranca-antes-do-sexo-anal.html>. Acesso em: 16 mar. 2025.

KRÖLL, Heinz. *O eufemismo e disfemismo no português moderno*. Lisboa: Biblioteca Breve, 1984. 170 p.

LABOV, William. *Padrões sociolinguísticos*. Tradução: Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008 [1972]. 392 p.

LACERDA, Vinicius. *Fisting, assplay e outras formas de estimulação anal*. Carta Capital, [S. l.], *on-line*, 20 out. 2020. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/blogs/saudelgbt/fisting-assplay-e-outras-formas-de-estimulacao-anal/>. Acesso em: 16 mar. 2025.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Metáforas da vida cotidiana*. Tradução: Grupo de Estudos da Indeterminação e da Metáfora (GEIM). Campinas, SP: Mercado de Letras, 2002 [1980]. 360 p.

LARA, Luis Fernando. *Curso de lexicología*. México, D.F.: El Colegio de México, 2006. 248 p.

LAU, Héilton Diego. A (des)informação do *bajubá*: fatores da linguagem da comunidade LGBT para a sociedade. *Revista Temática*, [S. l.], ano XI, n. 2, p. 90-101, fev. 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/tematica/article/view/22957>. Acesso em: 9 dez. 2023.

LAVANDERA, Beatriz Rosario. Where does the sociolinguistic variable stop? *Language and society*, v. 7, p. 171-182, 1977.

LIVIA, Anna; HALL, Kira. “É uma menina!”: a volta da performatividade à linguística. Tradução: Rodrigo Borba e Cristiane Maria Schnack. In: OSTERMANN, Ana Cristina;

FONTANA, Beatriz. (Orgs.). *Linguagem. Gênero. Sexualidade: clássicos traduzidos*. São Paulo: Parábola, 2010 [1997]. p. 109-128.

LÓPEZ MORALES, Humberto. Sociolingüística del tabú. *Interlingüística*, n. 16, p. 7-20, 2005.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. *Pro-Posições*, [S. l.], v. 19, n. 26, p. 17-23, maio/ago. 2008.

LUCCHESI, Dante. A Teoria da Variação Linguística: um balanço crítico. *Estudos Linguísticos* (São Paulo. 1978), [S. l.], v. 41, n. 2, p. 793-805, 2016. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/1198>. Acesso em: 15 mar. 2025.

MARIA, Thamara. *Guia da marmita: saiba o que não fazer quando for transar com um casal*. Metrópoles (Pouca Vergonha), Brasília, *on-line*, 12 jan. 2023. Disponível em: <https://www.metrosoles.com/colunas/pouca-vergonha/guia-da-marmita-saiba-o-que-nao-fazer-quando-for-transar-com-um-casal>. Acesso em: 16 mar. 2025.

MAZZARO, Daniel. Por uma educação linguística *queer*: estranhando conceitos e práticas. *Gragoatá*, Niterói, v. 26, n. 56, p. 1052-1084, 2021.

MEC - Ministério da Educação. *Histórico*. Brasília: MEC, *on-line*, c2024. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/historico>. Acesso em: 17 jan. 2024.

MINAS GERAIS. *Currículo Referência de Minas Gerais*. Minas Gerais, 2018. 918 p. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/implementacao/curriculos_estados/documento_curricular_mg.pdf. Acesso em: 17 jan. 2024.

MONICO, Letícia Kovalski; LEGROSKI, Marina Chiara. Variação linguística dentro da comunidade LGBT. *In: Encontro Anual de Iniciação Científica, 28., Encontro Anual de Iniciação Científica Júnior, 5., 2019, Paraná. Anais [...]*. Paraná: PROPESP, n. p., 2019.

MONTEIRO, José Lemos. As palavras proibidas. *Rev. de Letras*, Fortaleza, v. 11, n. 2, p. 11-23, jul./dez. 1986.

MR. SEXO. *Passei o cheque. E agora? Conquistou*, [S. l.], *on-line*, 2018. Disponível em: <https://conquistou.com/passei-o-cheque-e-agora/>. Acesso em: 16 mar. 2025.

NARO, Anthony Julius. Modelos quantitativos e tratamento estatístico. *In: MOLLICA, Maria Cecilia; BRAGA, Maria Luiza. (Orgs.). Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2007. p. 15-26.

NÚCLEO AQUENDA. *Núcleo de Estudos em Comunicação, Gêneros e Sexualidades*. Rio Grande do Sul: UFSM, *on-line*, s. d. Disponível em: <https://www.ufsm.br/pro-reitorias/pre/observatorio-de-direitos-humanos/nucleo-aquenda#portal-siteactions>. Acesso em 16 mar. 2025.

OGDEN, Charles Kay; RICHARDS, Ivor Armstrong. *O significado de significado: um estudo da influência da linguagem sobre o pensamento e sobre a ciência do simbolismo*. Tradução: Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1976. 350 p.

OLIVEIRA, Luanna de Sousa do Nascimento. *Fraseologismos formados por homem e mulher no português brasileiro: estudo de campos lexicais e de variação lexical*. Orientador: Dr. Eduardo Tadeu Roque Amaral. 2022. 134 f. Tese (Pós-Graduação) – Doutorado em Estudos Linguísticos, Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2022.

OLIVEIRA, Marilza de. Nós se cliticizou-se? In: LOBO, Tânia Conceição Freire *et al.* (Orgs.). *Para a história do português brasileiro*. Salvador: EDUFBA, 2006. v. 6, t. 1-2. p. 413-424.

ORSI, Vivian. *Vocabulário erótico-obsceno dos órgãos sexuais masculino e feminino em português e italiano*. 2007. Orientadora: Dra. Claudia Zavaglia. 2007. 264 f. Dissertação (Pós-Graduação) – Mestrado em Estudos Linguísticos, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2007.

ORSI, Vivian. *Metáforas do universo lexical português e italiano das zonas erógenas: ânus, nádegas, pênis, seios, testículos e vulva*. 2009. Orientadora: Dra. Claudia Zavaglia. 2009. 225 f. Tese (Pós-Graduação) – Doutorado em Estudos Linguísticos, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2009.

ORSI, Vivian. Lexicologia: o que há por trás do estudo das palavras? In: GONÇALVES, Adair Viera; GÓIS, Marcos Lúcio de Sousa. (Orgs.). *Ciências da linguagem: o fazer científico?* v. 1. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2012. p. 163-177.

ORSI, Vivian. O léxico tabu: usos e aspectos socioculturais. *ENTRELETRAS*, Araguaína/TO, v. 4, n. 2, p. 200-216, ago./dez. 2013.

ORSI, Vivian. Unidades léxicas tabus nos dicionários on-line Michaelis, Aulete e Priberam. *Revista da Anpoll*, Florianópolis, v. 52, n. 1, p. 257-274, jan./maio, 2021.

ORSI, Vivian; BUENO, Matheus dos Santos. Turpilóquio em português e italiano: reflexões sobre marcas de uso de itens tabus em dicionários. *Domínios de Linguagem*, [S. l.], v. 8, n. 1, p. 399-412, jan./jun. 2014.

ORSI, Vivian; ZAVAGLIA, Claudia. Proposta lexicográfica bilíngue: semas erótico-obscenos. In: ENGTLEX, 7., 2009, São José do Rio Preto. *Anais [...]*. São José do Rio Preto: [S. l.], n. p., 2009.

ORSI, Vivian; ZAVAGLIA, Claudia. Itens lexicais tabus: “usá-los ou não. Eis a questão”. *Todas as Letras - Revista de Língua e Literatura*, [S. l.], v. 14, n. 2, p.156-166, 2012. Disponível em: <https://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/tl/article/view/2339>. Acesso em: 19 ago. 2023.

ORTIZ-ALVAREZ, Maria Luisa. Tabus linguísticos e expressões cristalizadas. *Revista Acta Semiótica et Linguística*, [S. l.], v. 12 p. 115-125, 2007.

OTAOLA OLANO, Concepción. *Lexicología y semántica léxica: Teoría y aplicación a la lengua española*. Madrid: Ediciones Académicas, 2004. 426 p.

PAIVA, Maria da Conceição de. A variável gênero/sexo. In: MOLLICA, Maria Cecilia; BRAGA, Maria Luiza. (Orgs.). *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2007. p. 33-42.

PLANNED PARENTHOOD. *¿Qué pasa con la erección, eyaculación y sueños húmedos?* Planned Parenthood, [S. l.], on-line, [s. d.]. Disponível em: <https://www.plannedparenthood.org/es/temas-de-salud/para-adolescentes/pubertad/que-pasa-con-la-ereccion-eyaculacion-y-suenos-humedos>. Acesso em: 04 abr. 2025.

PNS – Pesquisa Nacional de Saúde (2019). *Questionário dos moradores do domicílio*. IBGE: Diretoria de Pesquisas (Coordenação de Trabalho e Rendimento), 2019. 80 p. Disponível em: https://www.pns.icict.fiocruz.br/wp-content/uploads/2023/06/Questionario_PNS_2019_26062023.pdf. Acesso em: 31 jan. 2024.

PNS – Pesquisa Nacional de Saúde. *Questionários*. Rio de Janeiro, RJ: PNS (Fiocruz/IBGE), on-line, c2021. Disponível em: <https://www.pns.icict.fiocruz.br/questionarios/>. Acesso em: 31 jan. 2024.

POLGUÈRE, Alain. *Lexicologia e semântica lexical: noções fundamentais*. Tradução: Sabrina Pereira de Almeida. São Paulo: Contexto, 2018. 320 p.

POTTIER, Bernard. *Linguística geral: teoria e descrição*. Tradução e adaptação portuguesa: Walmírio Macedo. Rio de Janeiro: Presença, Universidade Santa Úrsula, 1978. 320 p.

PRETI, Dino. *A linguagem proibida: um estudo sobre a linguagem erótica (baseado no Dicionário moderno de Bock, de 1903)*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1983. 280 p.

PRETI, Dino. *A gíria e outros temas*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1984. 129 p.

PRETI, Dino. O léxico na linguagem popular: a gíria. São Paulo: *FFLCH USP*, p. 1-10, 2007.

REI, Claudio Artur O. *Acuenda, mona, tem alibã na gira! A influência do iorubá no léxico gay*. *Caderno Seminal Digital*, [S. l.], ano 20, v. 22, n. 22, p. 173-187, jul./dez. 2014. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/cadernoseminal/article/view/14873>. Acesso em: 06 dez. 2023.

REIS, Maira. *Sigla LGBTQIAPF2K+: Desmistificando Sua Origem, Função, Desafios e Mentiras que Te Contaram*. maira reis, [S. l.], on-line, 6 out. 2023. Disponível em: <https://mairareis.com/sigla-lgbtqicapf2k-2/>. Acesso em: 09 fev. 2024.

RIBEIRO, Ana Beatriz Oliveira. Usos linguísticos de um grupo de lésbicas e gays: questões de identidade e estilo discutidas em entrevista dirigida. *Working Papers em Linguística*, Florianópolis, v. 22, n. especial, p. 302-326, 2021.

RIMM, Hannah; KASSEL, Gabrielle Kassel. *6 Types of Orgasms and How to Have One (or More!)*. Healthline, [S. l.], on-line, 23 jan. 2024. Disponível em:

<https://www.healthline.com/health/healthy-sex/types-of-orgasms#takeaway>. Acesso em: 24 mar. 2025.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 49. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011. 658 p.

RODRIGUES, Paulo Ricardo Aires; ANRADE, Karylleila dos Santos. *Pequeno Vocabulário Pajubá Palmense*. São Carlos, SP: Scienza, 2023. 32 p.

RODRÍGUEZ, Alfredo Maceira. Tabus linguísticos do português do Brasil. A FFP NO IV CNLF, Cadernos do CNLF, Série IV, n° 5, 164 p. *CiFEFiL*, Rio de Janeiro, 2000. p. 1-4.

SANTOS, Diana; SARMENTO, Luís. O projecto AC/DC: acesso a corpora/disponibilização de corpora. In: MENDES, Amália; FREITAS, Tiago. (Eds.). *Actas do XVIII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: APL, 2002. p. 705-717.

SAPIR, Edward. *Linguística como Ciência*. Tradução: J. Mattoso Câmara Jr. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1969 [1911]. 206 p.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. 27. ed. São Paulo: Cultrix, 2006 [1916]. 278 p.

SBT NEWS. *Grupo que transmite HIV de propósito é alvo do Ministério Público*. SBT News, [S. l.], on-line, 7 abr. 2021. Disponível em: <https://sbtnews.sbt.com.br/noticia/brasil/165092-grupo-que-transmite-hiv-de-proposito-e-alvo-do-ministerio-publico>. Acesso em: 16 mar. 2025.

SCHERRE, Maria Marta Pereira; YACOVENCO, Lilian Coutinho. A variação linguística e o papel dos fatores sociais: o gênero do falante em foco. *Revista da ABRALIN*, v. eletrônico, n. especial, p. 121-146, 2011.

SETUBAL, Yasmin. *Marmita de casal: conheça termo que virou moda no vocabulário dos adeptos do 'ménage à trois'*. Ela (O Globo), Rio de Janeiro, on-line, 8 out. 2023. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/ela/relacionamento/noticia/2023/10/08/marmita-de-casal-conheca-termo-que-virou-moda-no-vocabulario-dos-adeptos-do-menage-a-trois.ghtml>. Acesso em: 16 mar. 2025.

SILVA, Jovanna Cardoso da. *diálogo de Bonecas*. Rio de Janeiro, RJ: ASTRAL, 1992, 18 p.

SOUSA, Felipe. *Guia prático ensina como aquendar a neca de forma correta sem envolver riscos a saúde*. Pheeno, Rio de Janeiro, on-line, 10 ago. 2020. Disponível em: <https://pheeno.com.br/2020/08/guia-pratico-ensina-como-aquendar-a-neca-de-forma-correta-sem-envolver-riscos-a-saude/>. Acesso em: 16 mar. 2025.

SOUTO MAIOR, Mário. *Dicionário do palavrão e termos afins*. 3. ed. Recife: Guararapes, 1980. p. 166 p.

SURO, Andrés. *Male anorgasmia: what it is and how to solve it*. Myhixel Blog (Sexuality and Wellbeing), [S. l.], on-line, 4 maio 2024. Disponível em:

<https://myhixel.com/blogs/sexuality-and-wellbeing/male-anorgasmia-what-it-is-and-how-to-solve-it>. Acesso em: 24 mar. 2025.

TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolinguística*. São Paulo: Ática, 1997. 96 p.

TAVARES, Frank. *Could Future Homes on the Moon and Mars Be Made of Fungi?* NASA's Ames Research Center, [S. l.], *on-line*, 14 jan. 2020. Disponível em: <https://www.nasa.gov/centers-and-facilities/ames/could-future-homes-on-the-moon-and-mars-be-made-of-fungi/>. Acesso em: 01 jul. 2024.

TROMBINI, Miguel. *Fisting: passo a passo para praticar de maneira segura e prazerosa. queer*, [S. l.], *on-line*, 23 out. 2021. Disponível em: <https://queer.ig.com.br/2021-10-23/como-fazer-fisting.html>. Acesso em: 16 mar. 2025.

UFMG/PRAE – Universidade Federal de Minas Gerais/Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis. *Identidades de Gênero*. Belo Horizonte: UFMG, *on-line*, c2021. Disponível em: <https://www.ufmg.br/prae/acoes-afirmativas/identidades-de-genero/>. Acesso em: 30 jan. 2024.

ULLMANN, Stephen. *Semântica: uma introdução à ciência do significado*. 2. ed. Tradução: José Alberto Osório Mateus. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1964. 577 p.

ULLMANN, Stephen. Semantic Universals. In: GREENBERG, Joseph H. (Ed.). *Universals of Language*. 2. ed. Massachusetts: The M.I.T Press, 1966. p. 217-262.

UNIVERSA. *Quando surgiu o beijo grego e por que ele ganhou esse nome?* Universa UOL, [S. l.], *on-line*, 24 nov. 2023. Disponível em: <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2023/11/24/beijo-grego-origem-nome.htm>. Acesso em: 04 abr. 2025.

UNIVERSA. *Sexo anal: 10 dicas dadas por gays para mulheres praticarem sem dor*. Universa UOL, *on-line*, 27 dez. 2024 [31 mar. 2023]. Disponível em: <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2024/12/27/sexo-anal-10-dicas-dadas-por-gays-para-mulheres-praticarem-sem-dor.htm>. Acesso em: 16 mar. 2025.

VIEIRA, Eduardo Alves. O uso de gírias e expressões LGBTQIA+ por mulheres cis-heterossexuais. *Cadernos de Linguagem e Sociedade*, [S. l.], v. 23, n. 2, p. 20-42, 2022. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/les/article/view/42475>. Acesso em: 15 mar. 2025.

VIP, Angelo; LIBI, Fred. *Aurélia: A DICIONÁRIA da língua afiada*. São Paulo: Editora do Bispo, 2006. 143 p.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin L. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Tradução: Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006 [1968]. 152 p.

WHORF, Benjamin Lee. Science and Linguistics. *Technology Review*, Massachusetts, v. 42, n. 6, n. p., 1958 [1940].

XATARA, Claudia Maria; OLIVEIRA, Wanda Leonardo de. *Dicionário de provérbios, idiomatismos e palavrões: francês-português/português-francês*. São Paulo: Cultura, 2002. 368 p.

ZAVAGLIA, Cláudia; ORSI, Vivian. Léxico erótico-obscoeno em italiano e português: algumas considerações. *Tradução e Comunicação: Revista Brasileira de Tradutores*, [S. l.], v. 16, p. 38-45, 2007.

ZOTELLI-FILHO, Natanael Luiz; MAEDA, Raimunda Madalena Araújo. O PALAVRÃO: contrastes sociolinguísticos entre as definições dicionarizadas e o emprego prático na fala de jovens de Mato Grosso do Sul. *Revista Primeira Escrita*, Aquidauana, n. 1, p. 103-118, nov. 2014.

APÊNDICES

APÊNDICE – A

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Título do Projeto: *Influência da orientação sexual no conhecimento de itens lexicais tabus referentes ao ato sexual*

Nº do Certificado de Apresentação de Apreciação Ética – CAAE: 78232624.1.0000.5149

Caro(a,e) participante,

convidamos você a responder o presente questionário, que faz parte de um estudo que tem como tema de pesquisa a linguagem tabu, isto é, palavras e expressões que são mal vistas na sociedade, tidas por esta como chulas, pejorativas, indecorosas, vulgares e de baixo calão. Este questionário é parte integrante de uma pesquisa de Mestrado em Linguística Teórica e Descritiva, desenvolvida na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais pelo estudante de pós-graduação Alexandre de Carvalho Pereira, sob orientação do Prof. Dr. Eduardo Tadeu Roque Amaral. Você foi selecionado porque é maior de 18 anos, civilmente capaz e reside na localidade de interesse para o estudo.

Como pesquisadores da língua, acreditamos que o repertório de palavras de toda comunidade de fala é de extrema importância, visto que ele reflete sua cultura, seus modos de exprimir a realidade, sua história e sua riqueza intelectual. À vista disso, ao tomar como objeto de estudo as palavras e expressões erótico-obsenas, pretendemos, sem nenhum juízo de valor, preconceito ou tabu, coletá-las e analisá-las, possibilitando a maior valoração não só desse tipo de vocabulário, mas, também, das pessoas que o utilizam.

Destarte, ao participar desta pesquisa, você estará colaborando para a descrição de palavras e expressões do português brasileiro, contribuindo, assim, para o conhecimento e a desmistificação da linguagem tabu. Vale ressaltar que a sua participação é anônima e voluntária, ou seja, não é necessário você se identificar e você não terá nenhum custo ou benefício financeiro. As informações pessoais que você nos fornecerá são de caráter geral e, apesar do “teor de obscenidade” das possíveis respostas que você dará às perguntas deste questionário, em momento algum será sua identidade vinculada às respostas por você fornecidas.

Os dados coletados neste questionário e os resultados provindos da análise que será desenvolvida posteriormente serão publicados em uma dissertação e em artigos científicos. Com exceção aos possíveis desconfortos gerados pelas perguntas (p. ex., constrangimento, insegurança, vergonha) e a um possível, embora improvável, vazamento de dados da empresa *Google LLC*, desenvolvedora da ferramenta *Google Forms*, responder a este questionário não lhe oferece outros riscos. Esclarecemos que, se eventualmente este estudo lhe causar qualquer tipo de insatisfação, o pesquisador compromete-se a reparar o fato ou prover meios para a reparação. Além disso, você terá direito de indenização a dano resultante de sua participação. Cabe-nos dizer ainda que os registros serão mantidos em arquivo digital sob responsabilidade do pesquisador por um período mínimo de cinco (5) anos e, após esse período, poderão ser descartados (em outras palavras, até que isso ocorra, os dados serão armazenados no computador pessoal do pesquisador, protegidos por senha, e não serão compartilhados em nenhuma plataforma ou sistema externo).

Caso você decida por não participar da pesquisa ou comece a participar e desista, não haverá problemas. Retirar seu consentimento a qualquer momento não acarretará em constrangimentos ou danos para nenhuma das partes. Para responder ao questionário, é necessário que você tenha nascido e resida na cidade de Belo Horizonte ou nas cidades da Região Metropolitana por toda a sua vida. No que tange às perguntas, sabemos que algumas delas se restringem ao que se associa tradicionalmente à binariedade “masculino” vs. “feminino”; todavia, trata-se de uma limitação teórico-metodológica que, de modo algum, representa o nosso ver sobre a complexidade e a diversidade de identidades de gênero. Ademais, solicitamos, gentilmente, que você seja preciso(a,e) nas respostas, já que a veracidade das informações fornecidas afeta na análise dos dados e na discussão dos resultados obtidos. Finalmente, no que se refere ao tempo para preenchimento das perguntas, entre 15 e 20 minutos serão necessários de sua parte (entretanto, você pode gastar quantos lhe forem necessários).

Caso surjam eventuais dúvidas ou a necessidade de esclarecimentos, solicitamos que você entre em contato com o pesquisador e/ou seu orientador via e-mail e/ou telefone: carvalhoalexandre596@gmail.com, (31) 99654-5346, e eduamaralbh@gmail.com, (31) 99134-3285, respectivamente.

Em caso de dúvidas sobre o caráter ético da nossa pesquisa, você também poderá procurar o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Minas Gerais, localizado no endereço Av. Antônio Carlos, 6627, Pampulha, Belo Horizonte (MG), CEP 31.270-901, Universidade Administrativa II, 2ª andar, sala 2005. O telefone e e-mail para contato são (031) 3409-4592 e coep@prpq.ufmg.br. O horário de atendimento é de 9:00h às 11:00h e de 14:00h às 16:00h.

Agradecemos desde já a sua participação.

Cordialmente,
Alexandre Carvalho
Mestrando em Estudos Linguísticos – FaLe/Poslin/UFMG
Dr. Eduardo Amaral
Prof. Associado IV – UFMG

() Li as informações contidas neste texto antes de prosseguir para o preenchimento do questionário. Declaro que, se algum termo da linguagem técnica utilizada na descrição deste estudo levantou-me dúvidas ou não o compreendi, entrei em contato com o pesquisador e/ou orientador para que elas fossem satisfatoriamente explicadas e que recebi respostas para todas elas. Compreendo que sou livre para retirar-me da pesquisa em qualquer momento, sem perda de benefícios ou qualquer outra penalidade. Dou meu consentimento de livre e espontânea vontade para participar deste estudo com o fornecimento de respostas para as perguntas presentes no questionário.

APÊNDICE – B

QUESTIONÁRIO SEMÂNTICO-LEXICAL (QSL)

Itens lexicais erótico-obscenos

AVISO!

Em caso de desistência (interrupção do preenchimento das respostas no questionário), a qualquer momento, basta você não selecionar a opção “Enviar”, presente no final deste

formulário. Ao assim proceder, suas respostas não serão salvas, ou seja, não teremos acesso a elas.

Vamos lá!?

Antes de começar, preciso conhecer um pouco sobre você... (pergunta com * é de resposta obrigatória)

Qual é o seu nome completo? (resposta opcional)

R: _____

Qual é a sua idade?*

Entre 18 e 24 anos

Entre 25 e 39 anos

Em que cidade você reside atualmente?*

R: _____

Há quanto tempo você reside nessa cidade?*

Há menos de 2 anos

Entre 2 e 5 anos

Entre 6 e 10 anos

Entre 11 e 15 anos

Há mais de 15 anos

Qual é o seu grau de escolaridade?*

Ensino Fundamental (completo)

Ensino Médio (completo)

Ensino Superior (completo)

Qual é o seu sexo biológico?*

Fêmea

Macho

Não sei

Não quero informar

Outro: _____

Qual é a sua identidade de gênero?*

Cisgênero

Não binário

Transgênero

Não sei

Não quero informar

Outro: _____

Qual é a sua orientação sexual?*

Bissexual

Heterossexual

Homossexual

Não sei

Não quero informar

() Outro: _____

OBSERVAÇÕES IMPORTANTES!

Para todas as perguntas a seguir, sempre que possível, forneça quantas respostas forem de seu conhecimento. Se não conhecer nenhuma resposta, escreva “não sei” ou “não me lembro”. Atente-se para o fato de **não** haver perguntas repetidas, isto é, todas elas são diferentes umas das outras!

Observe a pergunta exemplo em a):

a) Qual(Quais) palavra(s) você conhece para o órgão sexual feminino?

Exemplos de respostas: *aranha, bichana, buçanha, buceta, caçapa, passarinha, perereca, perseguida, piriquita, vulva, vagina, racha, tcheca, xana, xereca, xibiu, xota, xoxota...*

Além disso, as respostas podem conter apenas uma palavra, por exemplo, “ânus”, ou mais de uma, como é o caso da expressão “máquina de fazer churros”. Veja a pergunta exemplo em b):

b) Qual(Quais) palavra(s) e/ou expressão(ões) você conhece para a abertura na parte final do reto, por onde saem as fezes?

Exemplos de respostas: *anel de couro, ânus, boga, brioco, buraco negro, cagador, cu, cuceta, edí, engolidor de cobra, fedegoso, fiofó, furico, máquina de fazer churros, olho cego, orifício anal...*

Pergunta 1

Qual(Quais) palavra(s) e/ou expressão(ões) você conhece para o ato de encostar, geralmente por trás de uma pessoa (e algumas vezes em local público), e esfregar, com intenções libidinosas/voluptuosas, as coxas e/ou nádegas dela?*

R:

Pergunta 2

Qual(Quais) palavra(s) e/ou expressão(ões) você conhece para o ato de estimular, com a mão ou objetos adequados, o pênis (de outrem ou de si mesmo) para obter prazer sexual e/ou provocar um orgasmo?*

R:

Pergunta 3

Qual(Quais) palavra(s) e/ou expressão(ões) você conhece para o ato de estimular, com a mão ou objetos adequados, a vulva (de outrem ou de si mesma) para obter prazer sexual e/ou provocar um orgasmo?*

R:

Pergunta 4

Qual(Quais) palavra(s) e/ou expressão(ões) você conhece para o ato de estimular/excitar o pênis ou a vulva com a boca/língua?*

R:

Pergunta 5

Qual(Quais) palavra(s) e/ou expressão(ões) você conhece para o ato de estimular o ânus com a boca/língua?*

R:

Pergunta 6

Qual(Quais) palavra(s) e/ou expressão(ões) você conhece para o ato de tirar a virgindade de uma pessoa?*

R:

Pergunta 7

Qual(Quais) palavra(s) e/ou expressão(ões) você conhece para a relação sexual com outra pessoa?*

R:

Pergunta 8

Qual(Quais) palavra(s) e/ou expressão(ões) você conhece para o ato de atingir o orgasmo em uma relação sexual?*

R:

Pergunta 9

Qual(Quais) palavra(s) e/ou expressão(ões) você conhece para a prática em que uma pessoa, a convite de um casal não monogâmico, relaciona-se – de maneira esporádica – sexualmente a três (sem envolvimento amoroso ou sentimental com o casal em questão)?*

R:

Pergunta 10

Qual(Quais) palavra(s) e/ou expressão(ões) você conhece para o ato sexual entre duas mulheres?*

R:

Pergunta 11

Qual(Quais) palavra(s) e/ou expressão(ões) você conhece para o ato sexual entre dois homens?*

R:

Pergunta 12

Qual(Quais) palavra(s) e/ou expressão(ões) você conhece para a prática de esconder o pênis para trás, entre as nádegas?*

R:

Pergunta 13

Qual(Quais) palavra(s) e/ou expressão(ões) você conhece para a prática de higienizar/limpar, com o uso de uma pequena quantidade de água, o reto (última parte do intestino grosso, anterior ao ânus) antes de uma relação sexual?*

R:

Pergunta 14

Qual(Quais) palavra(s) e/ou expressão(ões) você conhece para o ato de sujar de fezes, durante o sexo anal, o pênis do parceiro?*

R:

Pergunta 15

Qual(Quais) palavra(s) e/ou expressão(ões) você conhece para o ato de inserir/introduzir a mão e/ou antebraço no ânus ou na vagina do(a) parceiro(a) durante a relação sexual?*

R:

Pergunta 16

Qual(Quais) palavra(s) e/ou expressão(ões) você conhece para a prática de passar o vírus da AIDS sem o conhecimento e a permissão – isto é, propositalmente – do(a) parceiro(a)?*

R:

FIM

Obrigado pelas respostas!

ANEXOS

ANEXO – A

Abaixo, apresentamos as lexias-base tomadas como matriz para a consulta nos dicionários *on-line*. A partir das acepções registradas nas obras lexicográficas, utilizamos os termos mais usuais e repetentes nelas para a formulação das questões do *Questionário Semântico-Lexical (QSL) – Itens lexicais erótico-obscenos*. Isso não significa, claro, que não tenhamos feito acréscimos quando fossem necessários para que as perguntas ficassem completas ou mais elucidativas.

Lexia-base: *bolinar*

Pergunta: 1

Aulete – v. **1**. Bras. Vulg. Encostar-se em (alguém) com fins libidinosos;

Dicio – verbo transitivo e intransitivo [Brasil] Pop. Apalpar ou manter contatos voluptuosos com outra pessoa, principalmente em locais públicos;

Houaiss – **verbo 5** (1911) *t.d.int.*; *B*; *infrm.* apalpar ou encostar-se a (outra pessoa) com fins libidinosos, ger. de modo furtivo; fuxicar, passarinhar;

Michaelis – **vtd** e **vint 3** COLOQ Manter contatos libidinosos com alguém, geralmente de maneira furtiva; amassar, esfregar, passarinhar;

Priberam – **verbo transitivo 3**. [Brasil, Informal] Manter contato sensual, geralmente de modo dissimulado. = APALPAR.

Pergunta 1. Qual(Quais) palavra(s) e/ou expressão(ões) você conhece para o ato de encostar, geralmente por trás de uma pessoa (e algumas vezes em local público), e esfregar, com intenções libidinosas/voluptuosas, as coxas e/ou nádegas dela?

Lexia-base: *masturbar*

Perguntas: 2 e 3

Aulete – v. **1**. Manipular os órgãos genitais de (outrem ou si mesmo) para estimulá-los ou provocar orgasmo;

Dicio – verbo transitivo direto e pronominal Provocar com a mão ou com objetos adequados o gozo venéreo em;

Houaiss – **verbo 1** *t.d. e pron.* manipular, estimular os próprios órgãos genitais, ou os de alguém, para dar(-se) prazer, para alcançar ou fazer alcançar o orgasmo;

Michaelis – **vtd** e **vpr 1** Alcançar ou fazer alcançar o orgasmo por meio da estimulação dos órgãos sexuais, mais frequentemente com a mão; praticar a masturbação em si mesmo ou em outrem;

Priberam – **verbo pronominal 1**. Estimular os próprios órgãos genitais para obter prazer sexual. = ONANIZAR-SE; **verbo transitivo 2**. Manipular os órgãos genitais de outrem para lhe dar prazer sexual.

Pergunta 2. Qual(Quais) palavra(s) e/ou expressão(ões) você conhece para o ato de estimular, com a mão ou objetos adequados, o pênis (de outrem ou de si mesmo) para obter prazer sexual e/ou provocar um orgasmo?

Pergunta 3. Qual(Quais) palavra(s) e/ou expressão(ões) você conhece para o ato de estimular, com a mão ou objetos adequados, a vulva (de outrem ou de si mesma) para obter prazer sexual e/ou provocar um orgasmo?

Lexia-base: *boquete*

Pergunta: 4

Aulete – dicionarizada, sem a acepção desejada;

Dicio – dicionarizada, sem a acepção desejada;

Houaiss – **substantivo masculino B**; *tab.* ação de excitar o pênis com a boca; felação;

Michaelis – **sm** GÍR, VULG Ato de excitar o pênis com a boca; felação, gulosa;

Priberam – **substantivo masculino** [Brasil, Tabuísmo] Prática sexual que consiste em estimular o pênis com a boca ou com a língua. [Equivalente no português de Portugal: broche.] = FELAÇÃO.

Pergunta 4. Qual(Quais) palavra(s) e/ou expressão(ões) você conhece para o ato de estimular/excitar o pênis ou a vulva com a boca/língua?

Lexia-base: *cunete*

Pergunta: 5

Aulete – não dicionarizada;

Dicio – não dicionarizada;

Houaiss – **substantivo masculino B**; *tab.* 1 ato de buscar e dar prazer sexual com a boca e a língua no ânus da outra pessoa; carocha, botão de rosa;

Michaelis – **sm** VULG Ato de aplicar a língua no ânus de outra pessoa para dar ou obter prazer sexual; carocha;

Priberam – **substantivo masculino** [Brasil, Tabuísmo] Prática sexual que consiste na estimulação do ânus com a língua ou com a boca. (Equivalente no português de Portugal: botão-de-rosa.) = ANILÍNGUA.

Pergunta 5. Qual(Quais) palavra(s) e/ou expressão(ões) você conhece para o ato de estimular o ânus com a boca/língua?

Lexia-base: *descabaçar*

Pergunta: 6

Aulete – v. 1. Tabu. Tirar o cabaço, a virgindade de;

Dicio – verbo transitivo direto Tabu. Pej. Tirar o cabaço (virgindade) de alguém;

Houaiss – **verbo t.d.**; *tab.* tirar a virgindade de;

Michaelis – **vtd** VULG Tirar a virgindade de; deflorar, desvirginar;

Priberam – **verbo transitivo** [Informal] Tirar a virgindade a.

Pergunta 6. Qual(Quais) palavra(s) e/ou expressão(ões) você conhece para o ato de tirar a virgindade de uma pessoa?

Lexia-base: *transar*

Pergunta: 7

Aulete – Bras. v. 1. Ter relações sexuais;

Dicio – verbo transitivo indireto e intransitivo Possuir uma relação afetiva, amorosa ou sexual com outra pessoa;

Houaiss – verbo **B 6 t.i.int.** (*prep.: com*); *infrm.* fazer sexo (com);

Michaelis – **vti** e **vint** 4 COLOQ Ter relação amorosa com; **vti** e **vint** 5 COLOQ Ter relação sexual com;

Priberam – verbo transitivo e intransitivo 2. [Brasil, Informal] Ter relações sexuais.

Pergunta 7. Qual(Quais) palavra(s) e/ou expressão(ões) você conhece para a relação sexual com outra pessoa?

Lexia-base: *gozar*

Pergunta: 8

Aulete – v. 3. Bras. Atingir o orgasmo;

Dicio – verbo intransitivo [Popular] Refere-se ao ou próprio do orgasmo;

Houaiss – verbo 3.1 *int.*; *B* attingir o orgasmo na relação sexual;

Michaelis – **vint** 6 Atingir o orgasmo nas relações sexuais;

Priberam – verbo intransitivo 6. [Brasil, Informal] Ter um orgasmo. = VIR-SE.

Pergunta 8. Qual(Quais) palavra(s) e/ou expressão(ões) você conhece para o ato de attingir o orgasmo em uma relação sexual?

Lexia-base: *colar velcro*

Perguntas: 10 e 11

Aulete – não dicionarizada;

Dicio – não dicionarizada;

Houaiss – não dicionarizada;

Michaelis – **sm** EXPRESSÕES **Colar velcro**, COLOQ: praticar ato sexual (duas mulheres);

Priberam – substantivo masculino **colar velcro** [Brasil, Tabuísmo] Praticar ato sexual pelo atrito dos órgãos genitais de duas mulheres.

Pergunta 10. Qual(Quais) palavra(s) e/ou expressão(ões) você conhece para o ato sexual entre duas mulheres?

Pergunta 11. Qual(Quais) palavra(s) e/ou expressão(ões) você conhece para o ato sexual entre dois homens?

ANEXO – B

A seguir, expomos as lexias-base tomadas como fonte para a consulta nos *sites* da *internet*. Levando em conta as definições atribuídas a elas pelos autores dos textos, usamos os termos mais usuais e repetentes nelas para a formulação das questões do *Questionário Semântico-Lexical (QSL) – Itens lexicais erótico-obscenos*. Da mesma maneira realizada com as perguntas criadas com base nas acepções dos dicionários, realizamos acréscimos nelas quando julgamos necessário completá-las ou torná-las mais elucidativas.

Lexia-base: *marmita de casal*

Pergunta: 9

“Diferentemente de um *trisal* e do *poliamor*, a dinâmica em torno da *marmita* não envolve afeto, tampouco significa que a terceira pessoa efetivamente faça parte da relação. Trata-se apenas de uma nomenclatura abrigada criada pela Geração Z para um *ménage à trois* esporádico com um casal, como se fosse uma espécie de *refeição* entregue por um *delivery*. Este, aliás, é outro termo que surgiu no vocabulário do sexo atual (*leia o glossário no fim da reportagem*)” (Setubal, 2023, *on-line*);

“Com a não monogamia cada dia mais em pauta, um termo que se popularizou na internet e entre a comunidade liberal é *marmita de casal*. O termo se refere à terceira pessoa convidada para um *ménage* com um casal que é adepto de um relacionamento aberto” (Maria, 2023, *on-line*).

Pergunta 9. Qual(Quais) palavra(s) e/ou expressão(ões) você conhece para a prática em que uma pessoa, a convite de um casal não monogâmico, relaciona-se – de maneira esporádica – sexualmente a três (sem envolvimento amoroso ou sentimental com o casal em questão)?

Lexia-base: *aquendar*

Pergunta: 12

“Conhecido como tucking ou aquendar, o ato de esconder o pênis é uma técnica bastante utilizada por LGBTQs como forma de se sentir mais confortável na própria pele, principalmente entre travestis, transformistas e drag queens” (Sousa, 2020, *on-line*);

“No pajubá, socioleto fruto da mistura de línguas africanas como o ioruba e o kimbundô, difundido entre povos de santo, travestis e gírias LGBTQ, o termo aquendar possui um significado polissêmico. Em primeira instância, diz respeito ao ato sexual, a paquera, ao ‘pegar de jeito’; pode, também, sugerir a tática de ‘aquendar a neça’ entre travestis, mulheres trans e dragqueens. Por extensão, também indica ‘chamar a atenção’, ‘olhar’, ‘observar’, ‘pegar’, ‘mexer’, ‘provocar movimento’” (Núcleo Aquenda, s. d., *on-line*);

“Seja por incômodo, disforia de gênero ou para se proteger da violência no país que mais mata trans do mundo, **aquendar** é uma prática usada entre as travestis, cross dressers, drag queens e mulheres trans para esconder o órgão genital, puxando-o para trás, entre as nádegas” (iG Queer, 2023, *on-line*, negrito original).

Pergunta 12. Qual(Quais) palavra(s) e/ou expressão(ões) você conhece para a prática de esconder o pênis para trás, entre as nádegas?

Lexia-base: *chuca*

Pergunta: 13

“O sexo anal carrega tabus ligados à **religiosidade**, à dor e à preparação para a prática. Esse momento que precede o ato muitas vezes é associado apenas à limpeza do ânus e do reto, o que é conhecido popularmente como *chuca* e que, por falta de informação, costuma gerar polêmicas sobre a necessidade de ser feita ou não e se faz mal à saúde ou não. A *chuca* é a utilização de água ou algum outro produto para limpar o ânus, esvaziar o canal anal e o reto em especial antes de fazer sexo, com o objetivo de evitar que as fezes saiam, sujem e gerem odor durante a relação. A prática também pode ser chamada

de lavagem do reto ou enema, este último também é o nome de um equipamento descartável para fazer a limpeza” (Jordão, 2021, *on-line*, negrito original);

“Quando o assunto é sexo anal, a preocupação com a higiene aumenta. É nessa hora que entra em ação a *chuca*, nome popular para a limpeza interna do ânus e do reto. Muitas pessoas adotam essa higienização para não passar por situações constrangedoras durante a relação sexual. A chuca, também conhecida como *ducha higiênica* ou enema, é a lavagem com a introdução de pequena quantidade de água dentro do reto e do ânus. Um dos objetivos é evitar que fezes saiam durante a relação. Para realizar o procedimento, são usados cerca de 150 ml de água. Entretanto, a prática é vista com ressalvas em determinados aspectos” (Garcia, 2021, *on-line*).

Pergunta 13. Qual(Quais) palavra(s) e/ou expressão(ões) você conhece para a prática de higienizar/limpar, com o uso de uma pequena quantidade de água, o reto (última parte do intestino grosso, anterior ao ânus) antes de uma relação sexual?

Lexia-base: (*passar o,um*) *cheque*

Pergunta: 14

“Você está no vucu vucu com o boy, ele te cavalgando e você delirando de tanto prazer. Eis que, no meio do entra e sai, surge um cheirinho desagradável no ar. Na mesma hora, você sente algo molhado descendo e se dá conta de que passou o cheque. [...] Tem boy que mesmo após o cheque não se incomoda em continuar o babado – claro que isso varia com a quantidade de merda que fica grudada na rola dele” (Mr. Sexo, 2018, *on-line*);

“Um banho no capricho, lavando bem a região em volta do ânus e inserindo um dedo nele com sabonete líquido íntimo é uma boa estratégia, mas ninguém está livre de *passar um cheque*. Às vezes, pode acontecer de sair um restinho de cocô mesmo, mas e daí? Riam da situação, limpem-se e prossigam com a diversão” (Universa, 2023 [2024], *on-line*).

Pergunta 14. Qual(Quais) palavra(s) e/ou expressão(ões) você conhece para o ato de sujar de fezes, durante o sexo anal, o pênis do parceiro?

Lexia-base: *fisting*

Pergunta: 15

“Além dos brinquedos, existem outras formas de estimulação do ânus: o **sexo oral-anal** (também conhecido com *rimming*, cunete ou beijo grego), o **fingering** (a famosa dedada) e até práticas mais extremas como o **fisting** (inserção da mão, punho ou antebraço no ânus e reto)” (Lacerda, 2020, *on-line*, negritos e itálicos originais);

“Entre as **práticas sexuais** mais comuns no meio LGBTQIAP+, especialmente entre homens cis gays, o fisting se destaca pelo penetrativo envolvendo a mão e prolongando-se até a altura do punho e início do braço. Alguns aplicam a prática sobre si mesmos, mas também é realizada entre pares” (Trombini, 2021, *on-line*, itálicos originais).

Pergunta 15. Qual(Quais) palavra(s) e/ou expressão(ões) você conhece para o ato de inserir/introduzir a mão e/ou antebraço no ânus ou na vagina do(a) parceiro(a) durante a relação sexual?

Lexia-base: *carimbar*

Pergunta: 16

“Durante quase dois meses, o Fantástico investigou um tipo de crime assustador. Dá para acreditar que existe gente que transmite o vírus da Aids de propósito para os parceiros? Na gíria dessas pessoas, contaminar alguém é chamado de *carimbar*. [...] *Carimbar* é uma gíria usada por algumas pessoas portadoras do vírus da Aids e pode levar o carimbador para a cadeia. Significa passar o vírus da Aids sem o conhecimento e a permissão do parceiro” (Globo, 2015, *on-line*);

“O Ministério Público de São Paulo investiga um grupo que transmitia o vírus HIV de forma intencional e sem o conhecimento das vítimas. Nesta 4ª feira (7 abr.), 12 mandados de busca e apreensão foram cumpridos nas casas de suspeitos no Rio de Janeiro e na capital e interior de São Paulo. O grupo era conhecido como *Clube do Carimbo*, sendo que *carimbar*, segundo o MP, é o termo usado para transmitir o vírus da Aids de propósito” (SBT News, 2021, *on-line*).

Pergunta 16. Qual(Quais) palavra(s) e/ou expressão(ões) você conhece para a prática de passar o vírus da AIDS sem o conhecimento e a permissão – isto é, propositalmente – do(a) parceiro(a)?